



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Tecnologia e Ciências

Instituto de Geografia

Lilliam Quirós Arias

**Inserção da agricultura familiar na reconceituação do território - a produção
de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica**

Rio de Janeiro

2023

Lilliam Quirós Arias

Inserção da agricultura familiar na reconceituação do território - a produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial.

Orientador: Prof. Dr. Gláucio José Marafon

Rio de Janeiro

2023

Lilliam Quirós Arias

Inserção da agricultura familiar na reconceituação do território - a produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial.

Aprovada em 21 de novembro de 2023.

Orientador: Prof. Dr. Glaucio José Marafón
Instituto de Geografia - UERJ

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Miguel Ângelo Campos Ribeiro
Instituto de Geografia - UERJ

Prof. Dr. Augusto Pinheiro
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC

Prof.^a Dr.^a. Meylin Alvarado Sánchez
Universidad Nacional de Costa Rica - UNA

Prof. Dr. Pablo Miranda Álvarez
Universidad Nacional de Costa Rica - UNA

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

À minha querida Universidade Nacional – a universidade necessária no seu 50º aniversário.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial ao professor Dr. Glaucio José Marafon, que encontrou pares acadêmicos em meus colegas da Universidade Nacional e me deu a oportunidade de realizar esse desejo que sonhei por muitos anos.

A Meylin Alvarado Sánchez, porque através de sua trajetória no Rio de Janeiro e de seus conselhos, fiquei conectado à idiossincrasia e à bela cultura carioca. Pela disposição em conversar, ler e comentar o andamento da minha pesquisa e me situar no contexto acadêmico brasileiro.

Quero agradecer especialmente a Consuelo Alfaro Chavarría, que sem querer me conduziu até a porta desta pesquisa, da qual gostei enormemente.

À Banca Examinadora Prof. Dr. Miguel Ângelo Campos Ribeiro, Prof. Dr. Augusto Pinheiro e Prof. Dr. Pablo Miranda Álvarez, pela leitura do documento.

Às famílias cafeicultoras que estiveram presentes para conversar sempre que me aproximei delas, que compartilharam sua comida comigo; que constroem sonhos e lutas ancorados em seus territórios e em suas famílias.

Com quem partilhei dias de campo, as minhas irmãs Alicia e Milena e o meu irmão Pedro, os meus colegas da UNA, o meu lindo grupo de trabalho da Faculdade de Ciências da Terra e do Mar.

À minha mãe, de quem herdei a força de vontade e a perseverança para seguir em frente, por mais difícil que seja o caminho.

Aos meus filhos Daniel e Ariel que, como mãe, chefe de família e profissional, os privaram do tempo partilhado; mas acompanharam-me silenciosamente neste mundo de desafios acadêmicos e profissionais e ajudaram-me a concretizar este sonho.

Em Geografia não pode haver conclusões estáticas; A transformação da paisagem pelo homem é um processo dinâmico.

Gerhard Sandner

RESUMO

ARIAS, Lilliam Quirós. **Inserção da agricultura familiar na reconceituação do território - a produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica.** 2023.412 f. Dissertação (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

A história econômica, social e cultural da Costa Rica está relacionada com a dinâmica territorial do café. Produto agrícola, exposto a condições agroclimáticas adversas, pragas - doenças; e uma dinâmica territorial marcada por fortes pressões pelo avanço de outras atividades produtivas e usos alternativos do solo. Afetada pelas oscilações dos preços no mercado internacional, negociada principalmente como “commodity”. Nos últimos anos, houve um declínio acentuado no número de produtores de café; que para continuar na atividade devem competir pela qualidade de seu produto; passando da atividade agrícola tradicional -café- para a produção de cafés especiais voltados para um mercado alternativo, processo que mostra uma crescente incorporação de produtores familiares. O objetivo é analisar as estratégias de inserção da agricultura familiar na produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica, no período de 2000 a 2022, para compreender as transformações territoriais que permitem definir diretrizes para a revalorização do território. A metodologia utilizada contempla uma abordagem quantitativa de forma exploratória, para aprofundar técnicas de coleta de informações qualitativas, entrevistas com produtores familiares, informantes-chave, visitas de campo e geração de cartografia interpretativa do processo. A partir da Geografia Humanista, dimensiona-se o conhecimento e a importância que as famílias atribuem aos seus territórios, o que gera significados espaciais, o território como espaço de apropriação, reprodução e vida. Através da investigação, identificou-se a implementação de estratégias de inserção da agricultura familiar na produção-cultivo, o que implica a incorporação de práticas agrônômicas guiadas por parâmetros de sustentabilidade, nas práticas de processo-benefício voltadas para melhorias tecnológicas para alcançar processos artesanais e a incorporação de práticas comerciais práticas orientadas para mercados alternativos. Conclui-se que essas estratégias são propostas como mecanismos de resistência contra padrões padronizados e que ressignificam o território e colocam a produção de cafés especiais como um projeto individual, coletivo, com projeção, multiescalar. Contribuir para gerar alternativas de desenvolvimento da agricultura familiar no contexto da nova ruralidade, como opções para melhorar a qualidade de vida e fortalecer o senso de identidade territorial.

Palavras-chave: sustentabilidade, território; cafés especiais; agricultura familiar; Costa Rica.

RESUMEN

ARIAS, Lilliam Quirós. **Inserción de la agricultura familiar en la reconceptualización del territorio - producción de cafés especiales en la región cafetalera Pérez Zeledón, Costa Rica.** 2023. 412 f. Tesis (Doctorado en Geografía) - Instituto de Geografía, Universidad del Estado de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

La historia económica, social y cultural de Costa Rica está relacionada con la dinámica territorial del café. Producto agrícola, que está expuesto a condiciones agroclimáticas adversas, plagas – enfermedades; y una dinámica territorial marcada por fuertes presiones ante el avance de otras actividades productivas y usos alternativos del suelo. Afectado por la fluctuación en los precios del mercado internacional, comercializado en su mayoría como un “*commoditie*”. En los últimos años, se registra una fuerte disminución en el número de productores de café; los cuales para continuar en la actividad deben competir por la calidad de su producto; pasando de la actividad agrícola tradicional -café- a producir cafés especiales orientado a un mercado alternativo, proceso que evidencia una creciente incorporación de productores familiares. Como objetivo se plantea analizar las estrategias de inserción de la agricultura familiar en la producción de los cafés especiales en la región cafetalera Pérez Zeledón, Costa Rica, en el período 2000 al 2022, para comprender las transformaciones territoriales que permitan definir lineamientos para la revalorización del territorio. La metodología empleada contempla un abordaje cuantitativo de manera exploratoria, para adentrarse técnicas de recolección de información cualitativa, entrevista a productores familiares, a informantes claves, recorrido de campo y generación de cartografía interpretativa del proceso. Desde la Geografía humanista, se dimensiona el conocimiento e importancia que las familias asignan a sus territorios, que genera sentidos espaciales, el territorio como espacio de apropiación, reproducción y de vida. Mediante la investigación se identificó la implementación de estrategias de inserción por parte de la agricultura familiar en la producción-cultivo que conlleva la incorporación de prácticas agronómicas guiadas por parámetros de sostenibilidad, en el proceso-beneficiamiento orientadas hacia mejoras tecnológicas para lograr procesos artesanales y la incorporación de prácticas comerciales orientadas a mercados alternativos. Se concluye que estas estrategias se plantean como mecanismos de resistencia ante los patrones estandarizados y que aportan un nuevo sentido al territorio y colocan la producción de cafés especiales como un proyecto individual, colectivo, con proyección, multiescalar. Contribuyendo a generar alternativas de desarrollo para la agricultura familiar en el contexto de la nueva ruralidad, como opciones para mejorar la calidad de vida y fortalecer el sentido de identidad territorial.

Palabras clave: sustentabilidad; territorio; cafés especiales; agricultura familiar; Costa Rica.

ABSTRACT

ARIAS, Lilliam Quirós. **Insertion of family farming in the reconceptualization of the territory - Specialty coffee production in the Pérez Zeledón coffee region, Costa Rica.** 2023. 412 f. Thesis (Doctorate in Geography) - Institute of Geography, State University of Río de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The economic, social, and cultural history of Costa Rica is related to the territorial dynamics of coffee. Agricultural product, which is exposed to adverse agroclimatic conditions, pests - diseases; and a territorial dynamic marked by strong pressures due to the advance of other productive activities and alternative land uses. Affected by fluctuations in international market prices, traded mostly as a "commodity". In recent years, there has been a sharp decline in the number of coffee producers; which to continue in the activity must compete for the quality of their product; moving from the traditional agricultural activity -coffee- to producing special coffees oriented to an alternative market, a process that shows a growing incorporation of family producers. The objective is to analyze the insertion strategies of family farming in the production of specialty coffees in the Pérez Zeledón coffee region, Costa Rica, in the period 2000 to 2022, to understand the territorial transformations that allow defining guidelines for the revaluation of the territory. The methodology used contemplates a quantitative approach in an exploratory way, to delve into qualitative information collection techniques, interviews with family producers, key informants, field tours and generation of interpretive cartography of the process. From the Humanist Geography, the knowledge and importance that families assign to their territories is dimensioned, which generates spatial meanings, the territory as a space of appropriation, reproduction, and life. Through the investigation, the implementation of insertion strategies by family farming in production-cultivation was identified, which entails the incorporation of agronomic practices guided by sustainability parameters, in the process-benefit practices oriented towards technological improvements to achieve artisan processes and the incorporation of commercial practices oriented to alternative markets. It is concluded that these strategies are proposed as mechanisms of resistance against standardized patterns and that they provide a new meaning to the territory and place the production of special coffees as an individual, collective project, with projection, multiscale. Contributing to generate development alternatives for family farming in the context of the new rurality, as options to improve the quality of life and strengthen the sense of territorial identity.

Keywords: sustainability; territory; specialty coffees; family agriculture; Costa Rica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sequência metodológica na obtenção e disponibilização de informações	41
Figura 2 – Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Variáveis territoriais na definição de unidades territoriais de oportunidade na produção de cafés especiais	55
Figura 3 – Coreografia da recampenização	95
Figura 4 – Costa Rica. Principais crises cafeeiras desde a sua introdução até os últimos tempos	127
Figura 5 – Costa Rica. Atores participantes da estrutura do setor cafeeiro.....	140
Figura 6 – Costa Rica. Setor cafeeiro, 2023.....	141
Figura 7 – Fases da indústria cafeeira em relação à qualidade	155
Figura 8 – Características que definem os cafés especiais	157
Figura 9 – Costa Rica. Programas relacionados à sustentabilidade da cafeeicultura...	169
Figura 10– Região cafeeira de Pérez Zeledón. Processo produtivo na implementação de estratégias pela agricultura familiar.....	205
Figura 11- Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. A produção de cafés especiais – estratégias produtivas da agricultura familiar no nível da produção/cultivo.....	208
Figura 12– Compostagem de borra de café e folhas secas. Los Ángeles de Páramo	211
Figura 13– Preparação do terreno para o cultivo do café, em áreas de declive acentuado e forte gradiente altitudinal. Buena Vista de Rivas, 2019....	213
Figura 14– Sustentabilidade da base para a produção de cafés especiais. San Pablo, distrito de La Amistad, Pérez Zeledón.....	216
Figura 15– Revalorização do território, escola rural. São Jerónimo, 2022.....	218
Figura 16– Manejo do cultivo em microlotes. Microbenefício Buena Vista, Rivas Pérez Zeledón	220
Figura 17– Produção de cafés especiais. Cultivo através de microlotes, Finca Cerro Buena Vista, Rivas de Pérez Zeledón, Costa Rica.	

	2019.....	222
Figura 18–	Rastreabilidade como parte do processo produtivo de cafés especiais, Buena Vista de Rivas, Pérez Zeledón	232
Figura 19–	Fazenda Agroecológica Integral Granados. La Piedra de Pérez Zeledón.....	237
Figura 20–	Diversidade de cultivos, San Jerónimo de San Pedro, Pérez Zeledón...	238
Figura 21–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. A produção de cafés especiais – estratégias produtivas da agricultura familiar no nível do processamento. 2023.....	243
Figura 22–	Microbenefício para processamento de cafés especiais. Buena Vista de Rivas, Pérez Zeledón	247
Figura 23–	Fases que envolvem os processos de beneficiado de pequena escala...	248
Figura 24–	Infraestrutura de uma microbenefício, tecnologia associada.....	250
Figura 25–	Mecanismo de secagem ao sol, como parte do trabalho artesanal na produção de cafés especiais.....	257
Figura 26–	Mecanismo de secagem ao sol, camas de secagem, pátios cimentados e macas	257
Figura 27–	Movimento do café para obter homogeneidade na secagem ao sol.....	258
Figura 28–	Inovação tecnológica como espinha dorsal na produção de cafés especiais	262
Figura 29–	O agroturismo como complemento à atividade principal da produção de café	264
Figura 30–	A cafeteria como disseminadora da cultura cafeeira. San Rafael Norte de Pérez Zeledón	265
Figura 31–	Jovens participando na geração de valor agregado. Torrefação e embalagem de café, 2022.....	271
Figura 32–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. A produção de cafés especiais – estratégias produtivas da agricultura familiar na comercialização. 2023.....	275
Figura 33–	Área de degustação. verificação de qualidade. San Pablo, distrito de La Amistad, Pérez Zeledón	279

Figura 34–	Visita de marketing para negociação de compra de cafés especiais. Microbenefício Cerro Buena Vista, 2023.....	292
Figura 35–	Marcas de café para consumo de especialidades locais.....	295
Figura 36–	San Isidro de El General, Pérez Zeledón. Feira do Monte General.....	306

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Costa Rica. Quantidade de café entregue às empresas beneficiadas, segundo percentual dos cafeicultores. Colheita 2021 – 2022.....	131
Gráfico 2 –	Comparação dos países produtores de café com a Costa Rica, período do café 2021-2022.....	134
Gráfico 3 –	Costa Rica. Produção de café dourado. Sacos de 46 kg. Períodos de cultivo do café 2001-2002 a 2021-2022.....	135
Gráfico 4 –	Costa Rica. Exportação de café verde (ouro) em milhares de sacas de 46 kg. Anos cafeeiros (Oct-Set): 2001-2002 a 2021-2022.....	136
Gráfico 5 –	Costa Rica. Exportações de café verde por país de destino. Participação percentual média dos anos cafeeiros 2020-2021 a 2021-2022.....	137
Gráfico 6 –	Costa Rica. Preços de exportação e de comercialização interna do café. Períodos de cultivo do café 1994-1995 a 2021-2022.....	139
Gráfico 7 –	Costa Rica. Regiões cafeeiras. Produção de café fruta por região cafeeira. Período 2021-2022.....	149
Gráfico 8 –	Costa Rica. Pérez Zeledón. Área cultivada com café por distrito. Dados em hectáreas. Anos 2001-2012-2017.....	187
Gráfico 9–	Produção de café por distrito. Dados em bushels (fanegas) (2 Dhl). Período de colheita 1998-1999, 2013-2014 y 2020-2021.....	190
Gráfico 10–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Número de produtores segundo café entregue. Período 1998-1999 a 2020-2021.....	191
Gráfico 11–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Número de empresas beneficiadoras. Classificado por quantidade de café processado (alqueires).....	192
Gráfico 12–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Caracterização do setor cafeeiro, colheita 2021-2022.....	193
Gráfico 13–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Número de benefícios	

	por faixa em bushels (fanegas). Colheita 2021-2022.....	194
Gráfico 14–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Venda de café verde (ouro) por tipos. Períodos 2017-18, 2018-19 y 2021-22.....	195
Gráfico 15–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Número de variedades informadas pelos produtores entrevistados.....	227
Gráfico 16–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Número de empresas beneficiadas. Classificado por quantidade de café processado (alqueires).....	241
Gráfico 17–	Costa Rica. Venda de café verde (ouro) por tipos. Períodos 2017-18 e 2018-19.....	276

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Elaboração cartográfica: segundo as relações espaciais na produção de cafés especiais	45
Quadro 2 –	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Entrevista realizada com microbenefícios. 2019-2023. Organizado por data de conclusão.....	48
Quadro 3 –	Região cafeeira de Pérez Zeledón. Distribuição de entrevistas de acordo com a idade de constituição do Microbenefício	49
Quadro 4 –	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Entrevista realizada com os principais atores envolvidos na produção, processamento e comercialização de café. 2017-2021.....	51
Quadro 5 –	Estratégia metodológica para a abordagem territorial da produção de cafés especiais pela agricultura familiar	57
Quadro 6 –	Dez qualidades da agricultura familiar. A maneira como as pessoas cultivam e vivem, e um modo de vida.....	89
Quadro 7 –	Tipología de mercados para la agricultura familiar.....	104
Quadro 8 –	Diferentes mecanismos para expandir cadeias curtas de abastecimento alimentar (CCAAs no tempo e no espaço).....	108
Quadro 9 –	O espaço rural como espaço competitivo e campo de batalha entre os setores agroalimentares convencionais e alternativos	111
Quadro 10–	Dimensões de análise para cadeias produtivas curtas.....	114
Quadro 11–	Costa Rica. Principais variedades mais cultivadas na Costa Rica.....	146
Quadro 12–	Costa Rica. A qualidade do café, variáveis consideradas na percepção histórica	153
Quadro 13–	Diferenciais da marca no segmento de experiência por pilar.....	157
Quadro 14–	Sistema Q (<i>Coffee Quality Institute</i>), padrões de avaliação de xícara, café verde e torrado	176
Quadro 15–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Microbenefícios.....	189
Quadro 16–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Microbenefícios	

	entrevistados e forma de organização.....	203
Quadro 17	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Diversificação – produtiva que se alia à produção de cafés especiais.....	235
Quadro 18–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Processos de processamento implementados por microbenefício para produção de cafés especiais.....	252
Quadro 19–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Definição de qualidade a partir dos atores da agricultura familiar	277
Quadro 20–	Costa Rica. Empresas de comercialização de café vinculadas a microbenefícios na região cafeeira de Pérez Zeledón. 2023.....	287
Quadro 21–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. marcas de café registrada na área de estudo	294
Quadro 22–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Inserção da agricultura familiar, oportunidades para produção de cafés especiais	314
Quadro 23–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Inserção da agricultura familiar, limitações para produção de cafés especiais.....	316
Quadro 24–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Identificação de áreas de oportunidade para produção de cafés especiais, conforme entrevistas realizadas	318
Quadro 25–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. UTO Páramo- Río Nuevo. 2023.....	338
Quadro 26–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. UTO La Piedra - División – Buenavista.....	342
Quadro 27–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. UTO Coopecedral – Cajón.....	344
Quadro 28–	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. UTO San Jerónimo de San Pedro.....	349

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 –	Área de Estudo – Região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica.....	35
Mapa 2 –	Costa Rica. Cobertura cafeeira regional, 2017 – 2018.....	147
Mapa 3 –	Cantão Pérez Zeledón. Região cafeeira, cobertura do café 2017-2018.....	188
Mapa 4 –	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Localização das microbenefícios de café, 2021-2022.....	245
Mapa 5 –	Região cafeeira de Pérez Zeledón, cantão de Pérez Zeledón, Costa Rica. Link para o mercado internacional de café.....	285
Mapa 6 –	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Área com elevação maior ou igual a 1200 m.s.n.m.....	327
Mapa 7 –	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Áreas protegidas e corredores biológicos.....	330
Mapa 8 –	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Precipitação média.....	331
Mapa 9 –	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Temperatura média em graus Celsius.....	332
Mapa 10 –	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Zonas de vida.....	333
Mapa 11 –	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Elementos de conectividade espacial. Rede rodoviária e rede de água.....	334
Mapa 12 –	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Proposta de Unidades Territoriais de Oportunidade para produção de cafés especiais.....	336

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Costa Rica. Estrutura do setor cafeeiro da Costa Rica. Anos de colheita 1997-1998 y 2021-2022.....	140
Tabela 2 –	Costa Rica. Empresas Beneficiarias segundo sua Natureza e Volume Declarado de Café (alqueires*). Colheitas 2014-2015 a 2021-2022.....	142
Tabela 3 –	Costa Rica. Regiões cafeeiras. Produção de frutos de café por região cafeeira. Dados em Fanegas (2 Dhl) / Percentuais de participação (%), segundo períodos de cultivo do café.....	148
Tabela 4 –	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Dados de produção de café em Fanegas (2 Dhl) / Percentuais de participação (%), segundo épocas de cultivo do café	186
Tabela 5 –	Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Variedades de café cultivadas orientadas para processos de cafés especiais. 2023.....	226
Tabela 7 –	Região cafeeira de Pérez Zeledón, tipos de café segundo classificação oficial Icafe, 2007.....	324

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACE	Aliança pela Excelência do Café
ACLAP	Área de Conservação do Pacífico La Amistad
AIC	Acordo Internacional do Café
ATURENA	Associação de Turismo Ena
CATIE	Centro de Ensino e Pesquisa Agrícola Tropical
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CAFINTER	Empresas do grupo cafeeiro 2: F. J. Orlich & Hnos. Ltda. e Cafetalera Internacional Cafinter S. A.
CCSS	Caixa da Segurança Social da Costa Rica
CEOIC	Acordo Econômico da Organização Internacional do Café
CCAA	Cadeias curtas de abastecimento alimentar
CE	Jato Europeu
CBIMA	Corredor Biológico Interurbano María Aguilar
CNP	Conselho Nacional de Produção
CINPE	Centro Internacional de Política Económica para o Desenvolvimento Sustentável
DO	Denominação de Origem
ECG	Escola de Ciências Geográficas
EGAL	Encontro de Geógrafos da América Latina
EE. UU.	Estados Unidos da América
FONAFIFO	Fundo Nacional de Financiamento Florestal
FONASCAFE	Fundo Nacional de Sustentabilidade do Café
FLO	Organização Internacional de Rotulagem Fairtrade
FT	Feira comercial
GIZ	Sociedade Alemã para Cooperação Internacional
GCC	Centros Internacionais de Cupping
ICE	Intercontinental Exchange Inc.
IICA	Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura

ICAFÉ	Instituto Costarriquenho do Café
IG	Indicações Geográficas
INDER	Instituto de Desenvolvimento Rural
IGN	Instituto Geográfico Nacional
INEC	Instituto Nacional de Estatística e Censos
IGEOG	Instituto de Geografia
IMAS	Instituto Misto de Assistência Social
MAG	Ministério da Agricultura e Pecuária
MHB	Feijão Médio Duro
NEGEF	Núcleo de Estudos Geográficos Fluminenses
NAMA Café	Ação de Mitigação Nacionalmente Apropriada
OMC	Organização Mundial do Café
OIC	Organização Internacional do Café
OIM	Organização Internacional de Migração
PANI	Confiança Nacional das Crianças
PPGEO/IGEOG	Programa de Pós-Graduação em Geografia
PP	Primeiro pergaminho
PSA	Pagamento de Serviços Ambientais
PROCOMER	Promotor de Comércio Exterior da Costa Rica
PNUD	Programa das Nações Unidas
PETT	Programa de Estudos de Turismo Territorial
RAA	Redes alimentares alternativas
SICA	Conselho Agrícola Centro-Americano do Sistema de Integração Centro-Americano
SHB	Feijão Estritamente Duro
SCAA	Associação de cafés especiais da América
SCACR	Associação de café fino da Costa Rica
SINAC	Sistema Nacional de Áreas de Conservação
SIC	Sistema de Informação de Café Icafé
UERJ	Universidade Do Estado do Rio De Janeiro
UNA	Universidade Nacional

UNICEF

Fundação das Nações Unidas para a Infância

ZAE

Zoneamento agroecológico

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	23
1	GEOGRAFIA, ESPAÇO RURAL E O RESSURGIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR	60
1.1	Conceitos-chave da Geografia para a análise do espaço rural	61
1.1.1	<u>A análise do espaço rural a partir da Geografia</u>	73
1.1.2	<u>O novo rural e a nova ruralidade nos estudos rurais</u>	83
1.2	Territórios rurais e o ressurgimento da agricultura familiar	88
1.2.1	<u>Agricultura familiar, pluriatividade e fortalecimento da visão territorial</u>	96
1.2.2	<u>Agricultura familiar, sistemas agroalimentares e mercados alternativos</u>	100
1.3	O território e as produções de qualidade como fator de desenvolvimento sustentável no meio rural	113
2	PRODUÇÃO DE CAFÉ NA COSTA RICA – CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE	121
2.1	História e importância do café na Costa Rica	121
2.2	Pequenos produtores, geração de empregos e mobilidade territorial	129
2.3	Dinâmica da atividade cafeeira; produção, mercados, preços	133
2.4	Estrutura territorial do café na Costa Rica, diferenciação espacial da qualidade	142
2.5	Elemento diferenciador de qualidade na produção de café	150
2.5.1	<u>Elementos de mudança ou continuidade na qualidade do café</u>	158
2.6	Pilar sustentabilidade na diferenciação da qualidade do café	161
2.6.1	<u>Indicação geográfica e certificações de café na Costa Rica</u>	169
2.6.2.	<u>Concursos Cup of Excellence como motivadores da qualidade</u>	174
2.6.3	<u>Café alternativo para turismo experiencial</u>	177
3	INSERÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR NA PRODUÇÃO DE CAFÉS ESPECIAIS NA REGIÃO CAFEEIRA DE PÉREZ ZELEDÓN, COSTA RICA	179
3.1	Breve história da colonização agrícola na região cafeeira de Pérez Zeledón,	

	Costa Rica	179
3.1.1	<u>Características recentes da região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica</u>	183
3.2	Dinâmica da produção de café na região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica	185
3.3	Agricultura familiar e produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica	199
3.3.1	<u>Estratégias implementadas em nível de safra para produzir cafés especiais</u>	206
3.3.1.1	A adoção de boas práticas agrícolas	209
3.3.1.2	A organização do cultivo em microlotes	219
3.3.1.3	Cultivo de diversas variedades de café	224
3.3.1.4	Incorporação da rastreabilidade como processo	230
3.3.1.5	Diversificação produtiva – novas atividades multifuncionais.....	233
3.3.2	<u>Microprocessamento como estratégia de geração de valor agregado no processamento de cafés especiais</u>	239
3.3.2.1	Estabelecimento o microbenefício.....	244
3.3.2.2	Diversidade de processos de processamento	251
3.3.2.3	Inovação e tecnologias na produção de cafés especiais	259
3.3.2.4	Pluriatividade ligada ao microprocessamento de cafés especiais.....	263
3.3.2.5	Especialização do trabalho familiar – integração de jovens e mulheres.....	267
3.3.3	<u>A comercialização de cafés especiais em mercados alternativos</u>	272
3.3.3.1	A qualidade como elemento transversal na comercialização de cafés especiais..	275
3.3.3.2	Inserção no mercado internacional através de nichos de especialidade.....	283
3.3.3.3	Acesso ao mercado nacional e ao mercado local	293
3.3.3.4	Credibilidade e confiança: acordos entre atores.....	299
3.3.3.5	Solidariedades do território: feiras e eventos promocionais.....	304
3.4	Perspectivas de participação da agricultura familiar na produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica	307
3.5	Limitações para a inserção da agricultura familiar na produção, processamento e comercialização de cafés especiais	314
4	PROPOSTA DE UNIDADES TERRITORIAIS DE OPORTUNIDADE E DIRETRIZES PARA A PRODUÇÃO DE CAFÉ ESPECIAL QUE	317

	CONTRIBUEM PARA A REVALORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO.....	
4.1	Comprovação para identificação de áreas de oportunidade na produção de cafés especiais	317
4.2	Princípios do zoneamento agroecológico na definição de unidades territoriais	321
4.3	Variáveis culturais na definição de unidades territoriais na produção de cafés especiais	325
4.4	Proposta de unidades territoriais de oportunidade e diretrizes para a reconceitualização do território	326
4.4.1	<u>Unidade territorial de oportunidade Região Chirripó.....</u>	328
4.4.1.1	UTO Páramo- Río Nuevo	337
4.4.1.2	UTO La Piedra - División – Buenavista	341
4.4.1.3	UTO Cedral de Cajón.....	344
4.4.1.4	UTO San Jerónimo de San Pedro.....	347
4.4.1.5	Outras áreas de oportunidade na região	350
4.5	Diretrizes para a reconceitualização do território na produção de cafés especiais	351
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	354
	REFERÊNCIAS	373
	APÊNDICE A – Guía para entrevista a productores de cafés especiales.....	406
	APÊNDICE B – Guía para entrevista dirigida a informantes claves	408
	ANEXO A – Variedades de café producidas según grupo genético, mencionados por los productores en la subregión cafetalera Pérez Zeledón, 2023.....	409
	ANEXO B – Sello de Identificación para Alimentos Producidos en el Cantón de Pérez Zeledón, según modelo productivo.....	410
	ANEXO C– Principales métodos de infusión de café para cafés de especialidad	411

INTRODUÇÃO

Os espaços rurais sofreram profundas transformações, passando de uma concepção monofuncional (agrícola) para uma concepção multifuncional; Novas actividades estão a ser incorporadas nos usos agrícolas tradicionais, como a urbanização, o turismo, a conservação e, em geral, a integração socioeconómica global. Na agricultura, estas mudanças significaram a coexistência de uma diversidade de formas produtivas que vão desde as mais tradicionais até novas formas de produção modernizadoras, em alguns casos sob modelos social, ambiental e economicamente insustentáveis. Movimentos que significaram para as comunidades e para os seus habitantes a perda da autonomia produtiva, do seu património mais importante – a terra –, a transformação da família; bem como a adaptação às novas condições para garantir a sua subsistência.

Esta dinâmica tem impactado diretamente actividades tradicionais como o café, que a nível global é definido como uma das commodities mais comercializadas no mundo, embora seu grau de transformação seja baixo e proporcione muito pouco valor no mercado; Gera uma fonte de emprego e receitas importantes para os países que o produzem e exportam. Segundo Canet, (2016), na região centro-americana a produção de café é de capital importância como meio de vida das populações rurais, uma vez que em todos os países a cafeicultura é realizada majoritariamente por pequenos produtores. (CANET, G; Soto, C, 2016, p.7).

Embora, em geral, os países centro-americanos tenham visto a produção regional de café reduzida, esta continua a ser a principal cultura de exportação da região, apesar da redução da área cultivada e das flutuações e declínio dos preços internacionais. Segundo Panos et al. (2003); Lewin, et al. (2004) que fizeram uma avaliação da crise estrutural do café, em geral para a América Central, apontam que o café da região deve competir pela sua qualidade, e acessar mercados diferenciados como café orgânico, mercado justo, ecologicamente correto e outros certificados de qualidade. qualidade. café; afastar-se do modelo tradicional de participação na fase de coleta e entrega ao intermediário sem

diferenciar sua qualidade; e oferecer um produto diferenciado e de alta qualidade que lhes permita obter melhores preços de mercado (Wollni, et al. (2006); Borrella, et al. (2015).

Além do acima exposto, à escala global, estão a ocorrer intensas transformações no sistema agroalimentar que redefinem a agricultura e a sua relação com os espaços rurais. Observam-se novos paradigmas no que diz respeito ao consumo de café, com especial referência à origem territorial, processos específicos, sobretudo artesanais, e características excepcionais em qualidade diferenciada com uma procura crescente por produtos diferenciados. Tendência que, Lewin, et al (2004); Borrella, et al. (2015); Reis et al. (2016); Monteiro e cols. (2018); eles chamam isso de “terceira onda do café”.

Por sua vez, a história económica, social e cultural da Costa Rica está relacionada com a dinâmica territorial do café (Pérez, et al. 1994; González, E. 1994; Samper, et al 2001; Zúñiga, 2000; Peters. G. 2004; Gudmundson, L. 2018), representando uma opção produtiva para muitos pequenos produtores. Hall, (1976) destaca que “o café, como cultura subtropical plantada nas áreas pré-montanas, surgiu na década de 1840 como o principal item de exportação do país” (HALL, 1976, p.112). A cafeicultura é favorecida pelas condições agroecológicas favoráveis como precipitação, umidade relativa, temperatura e riqueza de seus solos vulcânicos para produzir café de alta qualidade; além da produção de café da classe Arábica, que segundo a World Coffee Research, (2019), é classificado como um café de boa qualidade no mercado internacional.

Como produto agrícola, o café está exposto a condições agroclimáticas adversas; Vignola, et al, (2018); Valenciano, J. (2010); Montenegro, J. (2018), pragas e doenças; e uma dinâmica territorial marcada por fortes pressões devido ao avanço de outras atividades produtivas e usos alternativos do solo como o crescimento urbano e os serviços a ele associados; afetado pela flutuação dos preços no mercado internacional, comercializado principalmente como “commodity”. A implementação de medidas neoliberais de ajuste estrutural a partir da década de 1980 levou ao enfraquecimento e à vulnerabilidade de um setor de pequenos produtores em favor de políticas destinadas a estimular a produção de produtos não tradicionais para o mercado externo, aprofundando a exclusão dos produtores familiares.

Nesse sentido, segundo o Instituto do Café da Costa Rica (Icafé, 2021), há uma diminuição constante no número de produtores, entre o período 1995-1996 a 2020-2021, passou de 76.819 para 27.393 produtores, então deu uma queda de 49.426 produtores (64,34%); diminuição que tem sido compensada com a produção de café diferenciado em qualidade para ser comercializado no segmento de café fino. Contudo, apesar dos esforços para agregar valor ao café que sai da Costa Rica para os mercados internacionais, este é quase exclusivamente um mercado de matéria-prima.

Para um número significativo de produtores não se justifica manter a atividade cafeeira; em muitas áreas a produção é abandonada, mudam-se para culturas com maior valor de exportação ou as áreas são incorporadas ao mercado imobiliário, cedendo à pressão do crescimento urbano; e em alguns casos os esforços concentram-se em inovar no aproveitamento de áreas existentes com novas estratégias diferenciadas de produção, processamento e comercialização através da produção de cafés especiais; influenciando a cadeia agroalimentar, direcionando a produção para mercados alternativos principalmente em escala global.

Consequentemente, os baixos preços do café no mercado internacional de produção convencional e os novos paradigmas de produção e consumo têm estimulado os pequenos produtores a aproveitarem as características do território para ingressar no mercado especializado de cafés especiais e inovar nos modos de produção. e implementar estratégias para conseguir uma melhor inserção nos mercados globalizados; com um produto diferenciado e de alta qualidade que lhes permite obter melhores preços de mercado (Wollni, et al. 2006; Borrella, et al. 2015), afastando-se do modelo tradicional de participação na fase de produção e coleta e entrega a um intermediário sem geração de valor agregado e sem diferenciação por qualidade. Que conforme observado pela World Coffee Research (2019), os países da América Central cultivam principalmente variedades de café Arábica, sendo classificado como um café de boa qualidade no mercado internacional; isso aliado a condições agroclimáticas favoráveis, que alcança qualidades superiores e reconhecimento mundial.

Esta nova situação oferece a possibilidade de resgatar uma atividade tradicional, com um patrimônio econômico e cultural ¹com marca no território e a possibilidade de reapropriação de práticas artesanais nos diversos processos, realizando melhorias ambientais e inserindo a família, especialmente as novas gerações, na o processo produtivo, com geração de opções de pluriatividade conforme definição de Schneider, S (2009). A multifuncionalidade do território através de atividades como o agroturismo e serviços associados; e com ela o resgate de seu patrimônio familiar mais importante – a terra – além de preservar a vida comunitária atrelada à tradição de um território como aponta Baudel, Maria, (2000) e o vínculo afetivo que caracteriza a convivência nesses espaços. territorial.

Apesar destas condições, a tendência de direcionar o café para os mercados internacionais, embora favoreça a competitividade em nichos de mercado específicos, confronta a agricultura familiar com grandes desafios; a necessidade de melhorar as práticas agroecológico orientadas por parâmetros de sustentabilidade, melhorias tecnológicas e práticas comerciais; processos que têm associados custos de investimento econômico, bem como processos de aprendizagem significativos.

Ao retornar à declaração da CEPAL, (2014), na qual menciona que o novo paradigma do desenvolvimento rural é melhorar a rentabilidade dos produtores, melhorando os seus preços e reduzindo os seus custos. As explorações agrícolas devem abandonar as suas atividades tradicionais e concentrar-se no desenvolvimento de novas atividades multifuncionais, o que envolve a procura de novos produtos e mercados. O primeiro passo é a diversificação. (CEPAL, 2014, p.19).

Portanto, é importante compreender como a produção de cafés especiais pelos agricultores familiares orienta suas estratégias produtivas; quer isto implique especialização produtiva ou, pelo contrário, promova a diversidade, a pluriatividade e a multifuncionalidade. Estratégias que adaptem a agricultura familiar para enfrentar as cadeias agroalimentares tradicionais; estratégias alternativas que promovam a diversificação produtiva e a sustentabilidade associada a estes processos, para sobreviver

¹ Em janeiro de 2020, o café foi declarado símbolo nacional, reconhecimento concedido pela sua importância no desenvolvimento econômico, social e cultural da Costa Rica.

num contexto neoliberal da economia; o que, entre outros efeitos, excluiu milhares de pequenos produtores para favorecer a produção em grande escala.

Além do acima exposto, Conterato, M; Schneider, S; Dabdab, P. (2010, p. 151), mencionam o reconhecimento da agricultura familiar como estratégia de desenvolvimento rural, ligando as atividades agrícolas e não agrícolas às dinâmicas locais e territoriais e à sua capacidade de gerar e valorizar a nível endógeno o recurso. base através da qual a agricultura se reproduz. Partindo do pressuposto de que a reprodução das formas familiares de agricultura é resultado de um conjunto de estratégias diferenciadas no espaço e no tempo.

Reconhecer esta dinâmica é de vital importância, visto que segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAG) (2020), na Costa Rica, a agricultura familiar representa 55,4% das propriedades, ocupando 26% da área total de uso agrícola no país, o café, o feijão e as frutas representam uma percentagem significativa (MAG, 2020, p.9), documentado por Valenciano, J, et al (2015); Samper M, 2001, Samper M, 2016; RODRÍGUEZ, A, et al (2018).

No contexto da nova ruralidade, a agricultura familiar encontra novos espaços de inserção e reprodução social, o que leva a processos de reinvenção através da utilização de recursos endógenos, dentro da sua unidade produtiva e da comunidade, desafiando as condições cotidianas de uma agricultura verticalmente integrada, ver o território como espaço de apropriação e de vida. Como diz Santos, M, (1994), “As horizontalidades são tanto quanto o lugar dá finalidade imposta por fora, de longe e de cima, tanto quanto pela contrafinalidade, localmente gerada, ou teatro de um cotidiano conforme, mas não necessariamente conformista e, simultaneamente, lugar de cegueira e descoberta, de complacência e de revolta.” (SANTOS, M. 1994, p.46). A este respeito, López, M; Carrión, A. (2018), apontam que as horizontalidades sustentam o cotidiano de um território, dos indivíduos, dos grupos e das instituições.

Por seu lado, a ligação aos mercados da agricultura familiar, como assinala Schneider, S, (2016), apresenta um gradiente de autonomia relativamente à produção doméstica de subsistência, à venda de excedentes, à produção diversificada para o mercado e à produção capitalista especializada de maior dependência. Portanto, apesar dos

benefícios imediatos que a produção de cafés especiais significa, as estratégias produtivas que os produtores familiares incorporam no seu processo produtivo serão condições necessárias para influenciar com sucesso, a especialização produtiva poderá levar, no curto prazo, a uma maior vulnerabilidade econômica. Assim, a produção diversificada para o mercado poderá tornar-se uma estratégia de apoio à agricultura familiar, bem como a ligação com mercados alternativos. Como aponta Conterato, M; Schneider, S; Dabdab, P. (2010):

“La diversidad proviene de los mecanismos utilizados por los agricultores familiares para distanciarse, en la medida de lo posible, de las situaciones de riesgo, fragilidad y vulnerabilidad a las que están expuestos, ya sea por adversidades climáticas o por incertidumbres en la determinación de los niveles de ingresos debido a las fluctuaciones en los precios de los insumos y productos agrícolas llevados a los mercados”. (CONTERATO, M; SCHNEIDER, S; DABDAB, P, 2010, p.181-182).

A importância da agricultura familiar, e a incorporação de novas estratégias de reprodução, são relevantes para estabelecer alternativas, em contrapeso ao que aponta Castro, H, (2018), referindo-se às novas tendências do espaço rural que evidenciam a crescente articulação de desde pequenos e médios produtores até grandes complexos agroindustriais e, particularmente, as formas de subordinação econômica e homogeneização produtiva que isso acarreta (CASTRO, H, 2018 p.39). A diversidade produtiva e as novas formas de inserção nos mercados vêm fortalecer as famílias nos espaços rurais para enfrentar esta tendência homogeneizadora. A este respeito, Dreby, J e Rodríguez, F (2021), mencionam que “A família como conceito central e chave é novamente caracterizada como um componente único na modernidade agrícola”. (DREBY, J, E RODRÍGUEZ, F, 2021, p.17).

Como apontam Craviotti, C. e Palacios, P (2013):

“Ello implica preguntarse por la importancia que tienen los fenómenos de exclusión y las posibles reconfiguraciones de aquellos que han logrado persistir, ya sea desde el punto de vista de sus recursos y posición en la estructura social agraria, como en cuanto a las prácticas que despliegan, sus vínculos con otros agentes, y sus comportamientos colectivos como actores sociales”. (CRAVIOTTI, C. y PALACIOS, P, 2013, p. S065).

Esses autores identificaram, no caso dos fruticultores da Argentina, estratégias no plano imobiliário e comercial como estratégias de persistência implantadas pelos fruticultores familiares.

Levando em conta esse cenário, novas modalidades de produção, processamento e comercialização do café representam uma opção para a agricultura familiar, por meio de estratégias produtivas diferenciadas que visam maior benefício econômico, possibilidade de desenvolvimento territorial e conseqüentemente maior permanência no espaço rural de suas populações; aproveitando os recursos humanos, naturais, econômicos e culturais e integrando outras atividades ambientais. Como ressalta Oliveira, et al (2011), resgatando o conceito que Ploeg, JD Van Der chama de “produção de novidades”, reconhecidos como a solução para os problemas do cotidiano e como as melhores formas de otimizar a utilização dos fatores de produção, com base no conhecimento local e integrando o conhecimento científico com o conhecimento tradicional; sendo uma abordagem alternativa para modernizar os padrões de produção e o modelo produtivista. OLIVEIRA, et al (2011, p.92). Formas alternativas de olhar para os processos produtivos constituem um elemento central no mundo rural, para avançar no maior desenvolvimento e integração destes espaços.

O conceito de território como categoria central nos estudos geográficos permite uma abordagem a partir de uma abordagem material, simbólica e cultural desses espaços. Nesse sentido, Haesbaert (2005) menciona como o território nasce como uma dupla conotação, material e simbólica, por um lado, com a dominação da terra e, por outro, inspira identificação, afetividade e apropriação. Compreender a territorialidade e a construção de territorialidades ligadas à forma como as pessoas utilizam a terra, como se organizam num espaço e como dão sentido a um lugar. Esta concepção permite, segundo Saquet, M. (2011), conceitos que subsidiam uma abordagem territorial que considere as articulações existentes entre as dimensões sociais do território, entre estas e a natureza externa do homem, e os processos históricos e multiescalares. relações de processos territoriais. SAQUET, M, (2011. p.1). Esses conceitos-chave da Geografia ligados à categoria social da agricultura familiar ligada à transformação serão a base para a compreensão do tema em questão.

Esta investigação é fortalecida pelo percurso pessoal e profissional em que estive envolvido. Tal como grande maioria dos residentes nascidos antes da década de 80, observei a transformação territorial que o país viveu nesta década, com os meus pais dedicados às atividades agrícolas, vivi de perto a dinâmica em torno do café. Período fortemente marcado pela dicotomia entre espaços rurais e urbanos; hoje a pequena propriedade onde moram meus pais foi absorvida pela urbanização como parte de uma cidade intermediária e em constante crescimento. As primeiras experiências de campo ao ingressar na Faculdade de Ciências Geográficas (ECG) contribuíram para dimensionar a acelerada transformação socioespacial e a marca que deixaram na paisagem rural; visitando áreas rurais, com atividade turística incipiente e infraestrutura e equipamentos básicos. As visitas frequentes a diversas comunidades da Costa Rica, juntamente com a experiência pessoal, despertaram o interesse em compreender e explorar estas dinâmicas rurais.

Através do Mestrado em Desenvolvimento Rural, na Faculdade de Ciências Agrárias da Universidade Nacional (UNA), onde obtive conhecimentos para compreender as transformações que estavam confundindo a fronteira entre o rural e o urbano, e observar uma mudança acelerada nas periferias urbanas, as áreas de crescimento urbano no campo e os processos de reconversão produtiva apoiados pelas políticas neoliberais que foram implementadas a partir da década de 1990 e que geraram importantes transformações socioespaciais; Estávamos diante de uma nova ruralidade.

A tese final de mestrado tratou das formas como os pequenos produtores passaram a produzir laranjas orgânicas, sendo obrigados a abandonar a produção de grãos básicos (arroz, feijão e milho), sustento básico da dieta costarriquenha. A implementação dos programas de Ajustamento Estrutural implementados na América Latina caracterizou-se pelo abandono das políticas estatais sobre a produção camponesa e pela aplicação de políticas restritivas a esta produção tradicional; inserir-se no esquema de reconversão produtiva que privilegiou a especialização e a produção para exportação, baseada no uso de tecnologia produtiva, com elevados padrões de qualidade e, com demandas ambientais e produtivas subordinadas à agroindústria transnacional, movidas pela abertura comercial. o modelo neoliberal tornou-se visível nas áreas rurais.

Na Faculdade de Ciências Geográficas (ECG) tive a oportunidade de contribuir com o curso de Geografia Rural e com ligações a experiências de investigação que abordam temas como agricultura, conservação, turismo e espaços rurais. O tema de investigação proposto surge do último projeto de investigação do qual fiz parte; liderado pelo Dr. Álvaro Sánchez Crispin, do Instituto de Geografia da UNAM, México (qpd) “Turismo de interesse especial: o caso das fazendas de café na Costa Rica”; através de revisão de literatura e visitas de campo. As experiências turísticas ligadas às fazendas de café destacam o valor econômico, histórico, social e cultural que o café proporcionou a muitas famílias costarriquenhas, considerado um produto socialmente democratizador.

Uma atividade agrícola tradicional - o café - assume novas formas, aproveitando as condições ambientais para produzir cafés diferenciados pela sua qualidade orientados para um mercado globalizado, processo em que se observa uma crescente incorporação de produtores familiares, desenvolvidos no âmbito da agricultura familiar. Colocado como estratégia de sobrevivência face ao enfraquecimento das atividades agrícolas, e ao surgimento da pluriatividade como opção de geração de renda dentro e fora da unidade produtiva; Em geral, uma dinâmica que envolve estratégias de adaptação e inserção na produção (priorizando boas práticas agrícolas), processos (artesanais) e comercialização (rumo a mercados alternativos).

Desta forma, a dinâmica do espaço rural no contexto da nova ruralidade, abre oportunidades e desafios para a agricultura familiar. Nos espaços rurais impactados pela crescente ruralização, as famílias geram estratégias de apropriação e resistência aos seus territórios. É comum encontrar experiências de agricultura familiar, que preservam o patrimônio de suas famílias, que vivem em comunidade e com muito otimismo iniciaram um processo de inserção produtiva em torno da produção de café de alta qualidade voltado para mercados alternativos de âmbito local e regional e global. Como opções contra hegemônicas, encurtar a cadeia agro produtiva e aceder a mercados alternativos; o que alguns autores chamam de cadeias curtas de comercialização, para as quais é essencial o estabelecimento de redes horizontais nos territórios. Inovar em grande parte com recursos próprios; que, embora conheçam a atividade, as formas de produção, processo e comercialização, requer outras e renovadas condições para se adaptarem adequadamente.

Em experiências como estas, o território como espaço de apropriação é revalorizado como conceito central da análise geográfica. Daí meu interesse em me aprofundar no tema.

Além disso, a formação de dois colegas da Faculdade de Ciências Geográficas da Universidade Nacional, Mario Luis Chaverri Chacón (+) e Alberto Rueda que na década de 70 concluíram o mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), uma experiência que alimentou sua vida acadêmica e de nós que tivemos a oportunidade de ser alunos desses professores. A cooperação com a UERJ foi restabelecida com o professor Glaucio José Marafon, como resultado do Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL), realizado na Costa Rica, em 2011. Essa linha de estudos foi fortalecida, na qual obtiveram a pós-graduação. A professora Meylin Alvarado Sánchez, que obteve seu doutorado em 2020, e a estudante Samira Jalet Quesada, que obteve seu mestrado em 2021. Essa abordagem aliada à minha atuação profissional me motivou a trabalhar nesta linha de Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial.

A pesquisa dá continuidade à atuação profissional realizada nos últimos anos. A proposta integra o trabalho acadêmico da Faculdade de Ciências da Terra e do Mar (FCTM), à qual pertence a Faculdade de Ciências Geográficas, que prioriza “território e ambiente” num dos eixos do conhecimento, em que ministra o Licenciatura em Ciências Geográficas com ênfase em Planejamento Territorial, da qual faço parte como acadêmica. Adicionalmente, o Programa de Estudos de Turismo Territorial (PETT) da Faculdade de Ciências Geográficas oferece um enquadramento de apoio a este tipo de iniciativas que reforça a importância dos estudos do espaço rural, do território e da paisagem. Com a área de estudo selecionada foi feita uma abordagem prévia, com a qual foram estabelecidos contatos locais que viabilizaram o acesso à informação.

As disciplinas Metodologia de Pesquisa, Geografia Brasileira, Espaço Rural e Urbanização e a participação nas sessões semanais de discussão do Núcleo de Estudos de Geografia Fluminense (NEGEF), lideradas pelo professor Glaucio José Marafon e orientador desta tese, contribuíram para enriquecer a perspectiva geográfica da essa pesquisa. No contexto latino-americano, o Brasil é considerado um país que alcançou amplo desenvolvimento das ciências geográficas, portanto a interpretação a partir da Geografia de um país com dimensões continentais destaca a importância da geografia como

disciplina científica. Portanto, leituras de autores brasileiros foram de grande valia para ampliar a perspectiva teórica e metodológica sobre o tema de interesse e esclarecer os rumos desta pesquisa. Embora tenhamos diferenças como países latino-americanos, partilhamos muitas semelhanças; em vários aspectos partilhamos a mesma história, as mesmas lutas e desafios; talvez com tempos e escalas diferentes; Preocupações semelhantes caracterizam a nossa história. Daí o interesse particular em fornecer feedback a este trabalho de pesquisa a partir da produção acadêmica latino-americana, especialmente brasileira.

A tese intitulada: Inserção da agricultura familiar na reconceituação do território; a produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón, na Costa Rica, sob orientação do professor Dr. Glaucio Marafon, permite acompanhar a linha de trabalho de Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial.

O estudo foi realizado na região cafeeira de Pérez Zeledón, que coincide com o cantão de mesmo nome, Pérez Zeledón, província de San José, Costa Rica. A história econômica, social e ambiental deste cantão é fortemente marcada pela atividade cafeeira, e pela persistência da agricultura familiar, sendo a atividade realizada principalmente pela pequena produção. Esta região, diferentemente de outras regiões cafeeiras do país ², que são reconhecidas pela alta qualidade do café; seu potencial para a produção de cafés especiais não foi avaliado, pois como região é definida como um café mais leve e, portanto, de qualidade inferior.

No entanto, o acelerado processo de urbanização e periurbanização, bem como as pragas e doenças – especialmente a ferrugem, associadas às alterações climáticas, que segundo a CEPAL e CAC/SICA (2014), baseadas em modelos de previsão de alterações climáticas, levam a alterações na a distribuição da aptidão das terras atualmente produtoras de café; mostram que as áreas adequadas migrariam para cima no gradiente altitudinal e que a mudança de adequação ocorre em locais específicos onde os produtores de café precisarão identificar culturas alternativas. (CEPAL e CAC/SICA, 2014, p.37), ocorrência

² Icafé (2021) divide o país em oito áreas produtoras de café, áreas baixas – menos de mil metros, onde o café é mais leve –, e áreas altas, acima de 1.200 metros, de origem vulcânica, onde o café é mais forte ou ácido e mais aromático.

que se observa na área de estudo, em que o plantio e a produção do café foram deslocados para altitudes mais elevadas, com o que as características e a qualidade do café são modificadas, produzindo café acima de 1200 metros acima do nível do mar, SHB (*strict hard bean*), café valorizado como premium no mercado internacional.

A região cafeeira em estudo oferece condições agroecológicas para a produção de cafés especiais; os agricultores familiares estão envolvidos na atividade com pouca visibilidade; por tanto, estudos deste tipo resultarão em uma experiência valiosa para o conhecimento científico e para a projeção das próprias comunidades. O Mapa 1 inclui a área de estudo.

Temporalmente, a pesquisa enfatiza as mudanças ocorridas no período de 2000-2022, considerando a inserção e as primeiras experiências de cafés especiais que são produzidos no país e no nível da região cafeeira em estudo; será necessária uma visão retrospectiva para compreender como a atividade cafeeira tem afetado esses espaços. O ano 2000 registrou um aumento progressivo de produtores que transformaram sua atividade produtiva tradicional, com estratégias diferenciadas como a gestão de suas fazendas através de microlotes, a instalação de microbenefícios, bem como a inserção no mercado internacional através de mercados alternativos. Iniciativas associadas à queda dos preços do café, à redução da área cultivada e à estratégia institucional implementada por Icafé (2001) para manter “ênfase na qualidade e não na quantidade”.

Consistente com esta tendência, os dados registados pelo Icafé mostram um aumento substancial de empresas de transformação independentes, constituídas principalmente por pequenos produtores que avançam na cadeia produtiva de valor através da transformação e comercialização; o que mostra um impacto direto do Estado através de políticas públicas nas transformações produtivas. Este período coincide com o aumento do surgimento da pluriatividade com iniciativas como o agroturismo; é interessante saber como você participa das estratégias de reprodução da família; ligada à produção de cafés especiais.

Mapa 1. Área de Estudio – Região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica



Fonte: La Autora, 2023. Baseado em fontes secundárias SNIT, Atlas ITCR (2014), desenho cartográfico Samira Jalet Quesada.

Estudos deste tipo levam à reflexão sobre a resposta dos espaços rurais às tendências globais e às políticas neoliberais. Na década de 70, os estudos rurais ao abordarem a dinâmica desses espaços exibiam uma visão pessimista do ambiente rural, considerando que o produtor rural desapareceria devido ao surgimento de mecanismos de exclusão e transformação que a modernização da agricultura acarreta. Contudo, a partir da década de 90, a importância da prevalência da pequena produção no apoio e ligação das famílias com o meio rural foi restabelecida para as zonas rurais; abrindo um amplo debate sobre a importância da agricultura familiar e suas tendências recentes, debate considerado como explica Chiriboga, M (1996), o grande desafio da pequena agricultura familiar face à globalização.

Estudos de grande relevância como o realizado por Van der Ploeg, Jan (2015), em que aponta que a importância da agricultura familiar deriva de três fatos fundamentais; a sua contribuição para a produção alimentar mundial, o seu esforço para gerar emprego agrícola e a sua contribuição para a sustentabilidade ambiental, climática e cultural; aspectos fundamentais para a sustentação da economia dos territórios rurais.

Contribuições que foram estudadas em países como Brasil, Argentina, México, que contribuíram com estudos e conhecimentos que constituem insumos fundamentais para o estudo do tema na Costa Rica; país onde é um conceito recentemente incorporado ao léxico acadêmico e institucional; Pela complexidade e pelas implicações que tem para a família, contribuiria para posicionar um conceito que integrasse amplamente as dinâmicas familiares baseadas na unidade produtiva e reposicionasse a importância do desenvolvimento territorial dentro de uma visão do território como espaço de apropriação. Estudar esta relação num território específico, ligado à atividade cafeeira tradicional, em dinâmicas territoriais marcadas por processos de globalização; a ligação do território, da produção de qualidade e dos mercados alternativos; Darão uma perspectiva de como estes processos estão a afetar os espaços rurais e as possibilidades de prevalência de comunidades nos seus territórios com atividades tradicionais como o café e as opções de ligação às novas ruralidades que caracterizam estes espaços.

É a partir deste contexto que se propõem um objetivo geral e três objetivos específicos para a realização desta investigação:

Objetivo geral

Analisar as estratégias de inserção da agricultura familiar na produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica, no período de 2000 a 2022, para compreender as transformações territoriais que permitem definir diretrizes para a reconceitualização do território.

Objetivos específicos

- a. Identificar as estratégias e condições do território na produção de cafés especiais para demonstrar as transformações.
- b. Aprofundar nas formas de produção, processamento e comercialização de cafés especiais para compreender as estratégias de adaptação.
- c. Diferenciar áreas de oportunidade com base em variáveis territoriais na produção de cafés especiais para fornecer diretrizes para a reconceitualização do território.

Com base nesses objetivos, esta pesquisa visa compreender quais são as estratégias de adaptação que a agricultura familiar implementa para participar da produção, processamento e comercialização de cafés especiais? Quais são as condições do território que têm favorecido a produção de cafés especiais com impacto nas transformações territoriais? A produção de cafés especiais representa uma oportunidade para a agricultura familiar incentivar a pluriatividade e explorar a diversidade de mercados que potencializem o uso dos recursos locais e dos conhecimentos tradicionais para promover o desenvolvimento territorial, como é o caso da área? É possível diferenciar espacialmente áreas de oportunidade para a produção de cafés especiais a partir de uma abordagem

territorial? Do ponto de vista da Geografia é de grande interesse documentar essas transformações territoriais e as características que a agricultura familiar assume.

Este estudo é uma contribuição inovadora para a análise territorial de uma área específica. Embora a qualidade do café costarricense seja reconhecida internacionalmente, áreas como estas são invisibilizadas no contexto nacional. As regiões cafeeiras da região central do país (Vale Central, Tarrazú, Vale Ocidental) são priorizadas nos esquemas de políticas públicas, e regiões como a região cafeeira de Pérez Zeledón, estão localizadas como área periférica, que não são objeto de consideração e validação de suas práticas e de seu potencial para acessar mercados cafeeiros especializados. No contexto das estatísticas nacionais, embora as regiões cafeeiras estejam delimitadas e caracterizadas, a importância territorial das diversas iniciativas não é visualizada.

Portanto, a não consideração desses espaços, que também são áreas de expansão cafeeira segundo o Icafé; implica a marginalização e, conseqüentemente, afeta os produtores que estão envolvidos nesta atividade produtiva; em que os vínculos de informação, articulação e conhecimento são fundamentais para avançar com sucesso. Este estudo fornece conhecimento sobre a abordagem territorial de um tema de grande impacto no desenvolvimento do país como é a cafeicultura.

Da mesma forma, este trabalho de pesquisa é relevante para compreender as tendências recentes nos espaços rurais, nos quais o território se articula como conceito central da Geografia, a agricultura familiar como categoria social e a cafeicultura como atividade produtiva tradicional, e as novas estratégias da agricultura familiar como um mecanismo de resistência e apropriação do território, para permanecer nos espaços rurais e preservar o seu legado histórico cultural intergeracional, o seu patrimônio produtivo e promover a reprodução familiar nos espaços rurais.

Produtos históricos como o café perdem importância relativa na dinâmica de transformação dos espaços rurais, mas continuam a fazer parte do sustento de muitas famílias rurais. Nesta perspectiva, os produtores e as suas famílias envolvem-se em processos de adaptação e adaptação das suas práticas produtivas enraizadas em dinâmicas territoriais específicas, processos que é necessário documentar para constatar tendências que favoreçam a inserção sustentável em mercados alternativos.

Os procedimentos metodológicos propostos para a realização da pesquisa enquadram-se na abordagem da Geografia Humanística, que, segundo Santis, et al. (2004), a Geografia Humanística está interessada em descobrir como as pessoas interpretam o mundo e se relacionam com ele (SANTIS, et al. 2004). Além disso, segundo Cuadra, (2014), é uma abordagem ampla, tem a força que potencializa a condição humana e coloca o homem no lugar central. Baseia-se nas doutrinas filosóficas do existencialismo e da fenomenologia. (CUADRA, 2014 p.18).

A Geografia Humanística olha para o meio ambiente e vê o lugar, ou seja, uma série de locais onde as pessoas vivem, têm experiências e encontram significado. Atribui um caráter multiescalar que vai desde as microescalas das experiências íntimas das pessoas até todo o planeta como um lugar constituído como o lar da humanidade.

Assim Claval, P (2006), considera que:

“El abordagem humanista é indispensável para perceber as diferentes dinâmicas em curso nas sociedades que partilham a Tierra. Atenta a diversidade dos sonhos e aspirações humanas, a geografia torna-se essencial como introdução a todas as ciências do homem. O universo pós-moderno acabou com o fetichismo do tempo. Concede ao espaço uma atenção que Ilhe deveria ter sido há muito tempo” (CLAVAL, P, 2006, p.135).

A Geografia Humanística se apoia na pesquisa qualitativa para abordar o estudo da realidade, estuda as práticas sociais entendendo que elas são complexas, e que a realidade, os sujeitos que a vivem e o pesquisador que participa e interpreta essa realidade não podem ser separados. Segundo Rojas, B (2014), a pesquisa qualitativa está orientada para o estudo de problemas relacionados à experiência humana individual e coletiva; fenômenos sobre os quais pouco se sabe e que se espera compreender em seu contexto natural. O desenho na pesquisa qualitativa tem caráter flexível e emergente que envolve a tomada de decisões no contexto durante o processo. (ROJAS, Belkys, 2014. p.64). Segundo este mesmo autor, a investigação qualitativa é sobretudo interpretativa; a descrição, a análise e a interpretação conduzem à compreensão da realidade em estudo.

Na análise dos espaços rurais e das suas dinâmicas, expressa por Babilonia, R; Suzuki, J (2020);

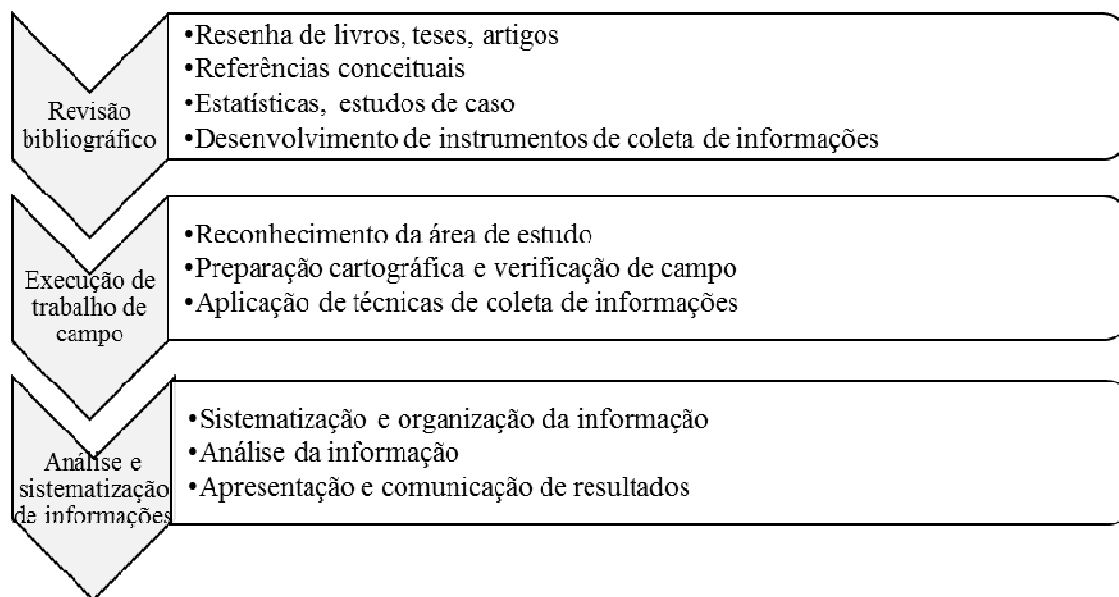
“Desde la perspectiva de la nueva ruralidad, el uso de técnicas cualitativas para recopilación de información en campo atribuye importancia a las personas, a sus experiencias cotidianas y a la relación que mantienen con el territorio que habitan, conocen y viven. Los espacios rurales además de poseer una amplia y diversa oferta de recursos naturales presentan singularidades culturales y sociales que sólo se pueden documentar y trasladar al discurso académico cuando se experimenta y practica la vida en aquellos lugares”. (BABILONIA, R; SUZUKI, J, 2020, p. 259).

Além disso, segundo estes autores, contribui para aprofundar o trabalho agrícola, os processos de comercialização das culturas, compreender e vivenciar a vida rural, e fornece elementos complementares para analisar o papel que a ciência geográfica deve desempenhar face a estes problemas.

A pesquisa toma como referência a contribuição da Geografia Rural, ramo da Geografia Humana que tem focado seu estudo no desenvolvimento teórico-metodológico para estudar e compreender a dinâmica rural. Os conceitos de geografia como espaço, território e lugar, no contexto da nova ruralidade, permitir-nos-ão analisar e compreender a dinâmica de espaços rurais particulares como o abordado nesta investigação.

Metodologicamente, o tema proposto é concebido entre três momentos; como indicado pela Juni, J, Urbano, C (2014); do ponto de vista temporal, o processo de investigação inclui três fases gerais: 1) planeamento da investigação; 2) a execução do trabalho de campo; e 3) comunicação dos resultados. (JUNI, J, URBANO, C, 2014. p. 49). Considerando essas três etapas gerais, nesta pesquisa propõe-se a seguinte proposta metodológica:

Figura 1. Sequência metodológica na obtenção e disponibilização de informações



Fonte: O autor, 2023.

Neste esquema resumido é necessário limitar o que aponta Hernández, R, et. para o. (2014, p.376); “Na pesquisa qualitativa, as fases do processo investigativo se sobrepõem e não são sequenciais, mas pode-se voltar a uma etapa inicial e tomar outro rumo.” Já as abordagens qualitativas têm como foco aprofundar os fenômenos, explorando-os na perspectiva dos participantes. Reiterado por BEZERRA, M e MOREIRA, E. (2015, p.34), quando afirmam que “no processo de investigação qualitativa, a natureza interativa permite até a reformulação das questões inicialmente propostas”.

É a partir deste contexto que se propõe metodologicamente o seguinte:

1. Revisão bibliográfica

A revisão bibliográfica inclui: a revisão de livros, teses, artigos, relacionados ao objeto de estudo; nesta seção foi revisado material de fontes secundárias que esclarece e dá coerência conceitual à pesquisa. De grande importância foi a revisão exploratória das estatísticas geradas pela instituição que rege a atividade cafeeira na Costa Rica, o Instituto Costarriquenho do Café (Icafé), e outras instituições públicas, como o Ministério da

Agricultura e Pecuária (MAG), censos agrícolas nacionais., bem como aqueles gerados em nível global, como a Organização Mundial do Café (OMC); que nos permitem investigar tendências relativas à produção de café e sua inserção em mercados especializados. Como aponta Alonso, Ângela (2016), recomenda-se uma primeira abordagem quantitativa de forma exploratória na circunscrição de um caso específico para posteriormente ser submetido a metodologias qualitativas. Portanto, a dimensão quantitativa da estatística é abordada como referência contextual, para que o trabalho siga uma abordagem qualitativa.

Da mesma forma, Hernández, R, et al. (2014) destaca que “A literatura é útil para detectar conceitos-chave e nos fornecer ideias sobre métodos de coleta e análise de dados, bem como compreender melhor os resultados, avaliar categorias relevantes e aprofundar interpretações. (HERNÁNDEZ, Roberto, et al, 2014, p.365).

Portanto, este momento da investigação exigiu uma revisão exaustiva da documentação disponível; sendo transcendental definir o rumo da pesquisa, e esclarecer aspectos conceituais e contextuais, que auxiliam nas etapas subsequentes a proporcionar sequência e fluidez na coleta e análise das informações.

2. Execução de trabalho de campo

Trabalho de campo em geografia humanística, segundo Dutra, F (2020); Dutra, F, e Arcanjo, V. (2021), retornam às experiências e avaliação do lugar. A valorização das experiências é o ponto central do trabalho de campo, a compreensão qualitativa do que os indivíduos sentem e percebem é essencial para compreender o local. Os aspectos simbólicos e identitários das comunidades e dos lugares são valorizados no trabalho de campo numa perspectiva humanística. Para Marafon Gláucio; Cervo, Marcelo e Salazar, Vera. (2019); O trabalho de campo é uma ferramenta importante para desvendar as atuais transformações nas áreas rurais. Compreender as relações espaciais, transformar palavras, conceitos, em experiências, em acontecimentos reais, para a materialização de conteúdo.

Dessa forma, o trabalho de campo é inerente ao processo investigativo e ocorre desde a própria concepção do tema de pesquisa até a coleta e coleta de informações. Visitas de campo, observação, mapeamento, realização de entrevistas; todos eles exigem visitas

constantes ao campo, agendadas em horários diversos. A realização das entrevistas implicou visitas constantes à área de estudo, pela profundidade e vínculos que implica, era realizada uma entrevista por dia, pois esta implicava também uma visita à exploração agrícola, ao processo de produção e ao conhecimento da família. Além da observação nos diferentes momentos estratégicos do processo investigativo, para aprofundar aspectos que derivaram das entrevistas com produtores familiares. Sendo considerada no âmbito da investigação qualitativa, esta é flexível, novas reflexões são geradas a partir do trabalho de campo, que afetam os instrumentos de recolha de informação, que podem ser repensados, modificados ou adaptados à realidade.

a) Reconhecimento da área de estudo

Foi dado um primeiro elo de reconhecimento durante visita de campo acompanhada por um técnico do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAG) e um antropólogo; que coletavam informações para justificar a criação e posterior operacionalização de um microbenefício. Visita em que se obteve um grande feedback técnico e prático sobre as transformações espaciais que estavam a ocorrer neste território. Visita em que, adicionalmente, houve acesso a uma lista de microbenefícios com os respetivos contatos (nome, telefone e-mail); metade deles localizados em um pequeno espaço geográfico no cantão de Pérez Zeledón, distrito de Rivas, comunidade de Buena Vista. A primeira pergunta da geografia: Por que existe? Que elementos do território favorecem esta localização e diferenciação espacial em relação a outros territórios. Das 23 microbenefícios que estão localizadas na região cafeeira de Pérez Zeledón, 13 estão localizadas neste espaço e 10 nas demais têm distribuição dispersa no território de estudo.

Nestas primeiras saídas de campo tive a oportunidade de localizar espacialmente os microbenefícios e estabelecer os primeiros contatos. O que coincide com o indicado pela CEPAL e CAC/SICA (2014), o deslocamento no gradiente altitudinal do café para altitudes mais elevadas acima de 1200 metros acima do nível do mar, com o qual se modificam as características e qualidade do café, onde se produz SHB (Estritamente *Café Hard Bean*), café valorizado como premium no mercado internacional. Por que trabalhar com

microbenefícios? De acordo com o enunciado do problema, permite delimitar o objeto de estudo e recolher as informações necessárias à sua análise. Já que a produção, o processamento e a comercialização do café partem desta etapa de produção/processo, ruptura/continuidade entre o tradicional/moderno.

Essas visitas iniciais não só permitiram localizar espacialmente os microbenefícios e as fazendas associadas, mas também contribuíram para o conhecimento das famílias que estão relacionadas às atividades, como os processos produtivos envolvidos. Elementos que permitiram a investigação preliminar de algumas variáveis: condições ambientais, gestão familiar, liderança, integração geracional, desenvolvimento de capacidades, processos produtivos, mercados alternativos, entre outros. Através destas viagens de reconhecimento foi identificada a pluriatividade de base agrária que, como expressa Schneider (2009), refere-se ao processo de combinação da agricultura com outras atividades económicas, o que é uma das grandes contribuições desta transformação produtiva. família nas diversas etapas do processo.

Estas visitas permitiram visualizar elementos ambientais e de sustentabilidade, como altitude, clima, sistema de cultivo etc.; que representam caminhos na produção de cafés especiais; visualizar áreas de substituição de café, bem como áreas de repovoamento. As questões essenciais da geografia: por que existe? Porque em certas áreas a atividade cafeeira é reduzida, enquanto em outras ela floresce, abrangendo áreas periféricas e áreas com maior gradiente altitudinal. A partir desses elementos foi proposta a elaboração cartográfica, que responde às variáveis territoriais que contribuem para a interpretação do território.

b) Preparação cartográfica

Contextualizar espacialmente a investigação e apoiar a proposta de definição de unidades territoriais de oportunidade incluída no quarto capítulo da investigação; foi considerada a elaboração cartográfica que parte da cartografia base da Costa Rica, as folhas topográficas na escala 1:50.000. A partir desta base cartográfica foi elaborada uma série de mapas conforme mostra a tabela 1, que permitiu estabelecer relações espaciais. Foram

elaborados com as informações disponíveis nas instituições relacionadas; mapa geomorfológico, solos, relevo, zonas de proteção, elementos de conectividade espacial, áreas cultivadas com café em 2017-2018 que respondem a rupturas, mudanças e continuidades.

Outras cartografias são produto do trabalho de campo e da coleta de informações por meio de entrevistas com produtores e informantes-chave, como o mapa de localização dos microbenefícios do café, e o mapa das interconexões espaciais dos microbenefícios com os produtores, outros agentes relacionados de acordo com a dinâmica territorial e redes de interconexão multiescalares (locais, regionais e internacionais). (ver quadro 1).

Quadro 1. Elaboração cartográfica: segundo relações espaciais de produção de cafés especiais.

cartografia temática	Fonte
- Localização da área de estudo	IGN
- Mapa de zonas de vida	Leslie R. Holdridge
- Mapa de temperatura	IMN
- Mapa de precipitação	IMN
- Mapa do modelo de elevação (relevo)	TERRA
- Mapa de zonas de proteção	SINAC
- Mapa dos elementos de conectividade espacial (vias de comunicação, rede hidrográfica e principais municípios).	ITCR
- Períodos de áreas cultivadas com café: 2017-2018	ICAFÉ
- Mapa de localização de microbenefícios de café	Mapa base, trabalho de campo
- Redes de interconexão multiescalar	Mapa base, trabalho de campo
- Proposta de unidades territoriais de oportunidade para produção de cafés especiais	Mapa base, trabalho de campo

Fonte: O autor, 2022.

Com o auxílio de sistemas de informação geográfica e da informação disponível nas diferentes instituições, foi elaborada a seguinte cartografia, que permite representar espacialmente os elementos relevantes para a compreensão do tema a estudar na área de estudo; Da mesma forma, relacionar variáveis territoriais que influenciam a produção de cafés especiais.

Esta cartografia está disposta ao longo do documento, de forma a explicar e esclarecer os elementos centrais desta pesquisa.

c) Desenvolvimento de instrumentos de recolha de informação

A pesquisa incluiu a realização de entrevistas padronizadas, não agendadas ou semiestruturadas, com diferentes atores-chave; os produtores familiares representam o principal grupo de informantes, assim como outros atores representantes de instituições e organizações relacionadas à atividade cafeeira na área de estudo.

c.1. Produtores/agricultura familiar

Os produtores familiares referentes ao conceito de agricultura familiar, envolvidos na produção, processamento e comercialização do café, são os sujeitos-chave desta pesquisa. O critério de seleção foi, além de cultivar café, ter um microbenefício, com gestão seja individual, familiar extensa, cooperativa ou associativa. Foi realizada uma entrevista padronizada não agendada que visa compreender as principais estratégias que estes produtores implementam para subir na cadeia de valor do café, como organizam as suas atividades nos três momentos do processo; processo de produção e marketing. (Apêndice A).

Trabalhamos com o conceito de agricultura familiar para entender a inserção do núcleo familiar na atividade. Segundo Duarte, Rosalía (2002); Rojas, B. (2014); referem-se à entrevista como instrumento de coleta de informações de pesquisas qualitativas. Ressaltam que se trata de uma espécie de entrevista padronizada e não agendada; para esse tipo de

encontro, o pesquisador cria um roteiro. O roteiro contém os tópicos e subtópicos que devem ser abordados durante a entrevista. É um esquema que não estabelece a ordem nem fórmula as questões; nem as respostas. A sequência das perguntas é determinada pelo desenvolvimento da própria conversa. Assim, podem surgir questões importantes não previstas originalmente pelo pesquisador.

As entrevistas foram distribuídas entre os produtores com maior antiguidade na atividade (2000-2010), os que se situam num nível intermédio (2011 - 2016), e um microbenefício recentemente integrado na atividade (2017-2022) foi entrevistado. Segundo Patías, N e Von Hohendorff, J. (2019), o número de participantes nem sempre pode ser pré-concebido, sendo necessária uma avaliação contínua durante a coleta de dados. (PATIAS, N e VON HOHENDORFF, J, 2019, p.6); portanto, o total de entrevistas realizadas foi de 15 entrevistas; levando em consideração o critério de saturação de informações.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, para que os detalhes não se perdessem. Além disso, foi mantido um caderno para registrar os detalhes relevantes da entrevista e investigar posteriormente.

A transcrição das entrevistas foi realizada à medida que as informações foram sendo obtidas, o que permitiu diferenciar e estruturar as informações coletadas, e lembrar alguns detalhes de cada entrevista realizada. Depois de realizadas e transcritas todas as entrevistas, foi impresso um documento completo para leitura e releitura. Processo em que foram identificadas as palavras-chave e categorias de análise, para posterior sistematização das informações. O quadro a seguir apresenta as entrevistas realizadas, ordenadas de acordo com a data de realização. Incluem-se como elementos diferenciadores o nome do microbenefício, as iniciais do entrevistado ³, o ano de criação do microbenefício e a localização na região cafeeira de Pérez Zeledón.

³ Optou-se por não incluir o nome da pessoa entrevistada, a fim de proteger a sua privacidade. Contudo, há referências completas dos entrevistados, devidamente organizadas.

Quadro 2. - Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Entrevistas realizadas com microbenefícios. 2022-2023. Organizado de acordo com a data de conclusão.

Não.	Nome Microbenefício	Acrônimo	Ano de criação	Localização	Data
1	Monte Buena Vista	LC (1)	2015	Boa vista de Rivas	11/09/2019 01/04/2023
2	Don Senel Microbenefício	SC e AC (2)	2014	São Jerônimo de São Pedro	01/06/2022 03/02/22
3	Pagua, Pejibaye	JRM (3)	2005	Pejibaye	01/07/2022
4	Microbenefício La Piedra	GP (4)	2006	São Rafael Norte	18/02/2022
5	Benefício Marespi ⁴	JMB (5)	2001	São Carlos, La Amistad	01/03/2022
6	Coopeangeles de Páramo RL	HSF (6)	2009	Los Ángeles de Páramo	16/02/2022
7	Cabanas Don Freddy	PQF (7)	2000	São Gerônimo	25/07/2022
8	Microbenefício Coração de Jesus	JÁ (8)	2013	Boa vista de Rivas	01/03/2023
9	Microbenefício A Orquídea	JLCA (9)	2008	San Martín de Rivas	01/04/2023
10	Império Vermelho	FBS (10)	2017	Boa vista de Rivas	01/04/2023
onze	Colina dos Guarda-chuvas	RAB (11)	2010	A Pedra, Divisão	02/04/2023
12	Microbenefício Los Crestones - La Piedra	HCJ (12)	2006	A Pedra de Rivas	02/04/2023
13	Café Favalo – Los Ángeles de Páramo	AV e SL (13)	2000	Los Ángeles de Páramo	10/04/2023
14	Cooperativo. dos Produtores Agroindustriais (Coopecedral)	FDV (14)	2014	Cedral de Cajón de Pérez Zeledón RL	20/07/2023
15	Montanhas Verdes	LMC (15)	2019	Los Ángeles de Páramo	21/07/2023

Fonte: O autor (2023).

Para salvaguardar a privacidade das famílias e das pessoas entrevistadas, optou-se por codificar a entrevista de acordo com as iniciais do nome e apelido da pessoa entrevistada, bem como o número da entrevista que foi colocado entre parênteses para referenciar as

⁴Esse benefício começou como um microbenefício e atualmente é de médio porte, sendo o segundo maior depois da Coopeagri (cooperativa de grande prestígio na região). Esta entrevista forneceu informações relevantes para a compreensão da atividade.

intervenções no texto. Assim, por exemplo, a entrevista número 1, é referenciada como LC (1), seguindo a ordem da entrevista.

As entrevistas estão organizadas de acordo com a data da recolha de informação, realizada entre os anos de 2022 e 2023. Está incluída uma entrevista realizada em 2019, correspondente a uma saída de campo prévia à definição desta investigação com o produtor e um grupo de trabalho, interessado em estabelecer um microbenefício. Esta entrevista foi fundamental para a abordagem da pesquisa e a geração de questões de pesquisa sobre o motivo da criação e expansão dos microbenefícios. Informação que também permitiu determinar elementos-chave para a formulação da entrevista semiestruturada. A entrevista foi atualizada em abril de 2023, considerando os referenciais teórico-conceituais, de acordo com a maturidade da pesquisa, após mais de dois anos de revisão bibliográfica e experiências de campo. Em dois dos casos, quem participou da entrevista foram duas pessoas, portanto, está incluído dessa forma, por exemplo, SC & AC (2).

No total foram entrevistados 15 microbenefícios, sendo 9 deles instituídos entre 2000 e 2010, 5 microbenefícios foram instituídos entre 2011 e 2016 e foi entrevistado um microbenefício criado no último período. Em 2001 foi criada uma moagem de médio porte, que começou como uma microbenefício, mas conseguiu incorporar café de todo o cantão ao processo de moagem. A experiência narrada pelo entrevistado forneceu informações valiosas para este estudo, por isso foi incluída como parte dos entrevistados.

Quadro 3 -Sub-região cafeeira de Pérez Zeledón. Distribuição de entrevistas de acordo com a idade de constituição do Microbenefício.

Idade de estabelecimento	Período	Número de entrevistas
Maior antiguidade	2000 –2010	9
Nível intermediário	2011 – 2016	5
Integração recente	2017 – 2022	1
Total, entrevistas	-----	15

Fonte: O autor (2023).

Conforme mostra o quadro 3, a maior parte dos microbenefícios foi estabelecida entre 2000 – 2010, período que coincide com a maior crise do café, que obrigou os produtores a se especializarem e a buscarem mercados alternativos para sobreviver. Posteriormente, foram estabelecidos outros microbenefícios que consideram a geração de valor agregado a partir do seu café como uma opção de integração em mercados alternativos; que fizeram parte dessa nova dinâmica como entregadores de café e aproveitaram a experiência. Espera-se que novos microbenefícios sejam estabelecidos, de acordo com a tendência observada nesta região cafeeira.

c.2. Entrevistas com atores locais e institucionais:

Intervenientes-chave a nível local, tais como cooperativas de produtores relacionadas com o café, a nível local e nacional: comerciantes e exportadores e instituições governamentais e sedes regionais.

O quadro 4 identifica os principais atores envolvidos na atividade cafeeira, com base nos vínculos territoriais com a atividade. (Apêndice B). A entrevista a estes atores-chave permitiu-nos medir a importância da atividade na região, bem como compreender as ligações e vínculos internos e externos que estes atores modelam e promovem com os produtores locais e em que medida estes constituem redes horizontais do território para a produção de cafés especiais.

Na pesquisa qualitativa a ênfase está na interpretação das informações do entrevistado. Essas entrevistas permitiram compreender como a agricultura familiar adapta novas estratégias para incorporar uma atividade produtiva tradicional, o café, em mercados alternativos. Além disso, forneceram subsídios para contrastar os pressupostos teóricos com a análise empírica de um território específico, a região cafeeira de Pérez Zeledón.

Quadro 4. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Entrevista realizada com os principais atores envolvidos na produção, processamento e comercialização de café

Não	Nome da instituição ou organização	Entrevistado	Data	Escopo de ação	Descrição geral
1	CNP/MAG Pérez Zeledón	Ned Gordon	16/08/2019	Locais e regionais	A entrevista durante a visita de campo forneceu informações valiosas para a definição da proposta.
2	Icafé, Escritório Regional de Pérez Zeledón	José Daniel Mora Retana	01/06/2022	Locais e regionais	Diretor Regional de Pérez Zeledón. Dirige a atividade a nível regional em associação com MAG e INDER.
3	Município de Pérez Zeledón - Secretaria Municipal Agro	Ronny Chacón	26/07/2022	Local/Regional	Responsável pela promoção agrícola do cantão de Pérez Zeledón, promotor do selo de identidade territorial.
4	Profissional de marketing	Ricardo Azofeifa	02/04/2023	Local/nacional	Comerciante, promotor de cafés especiais. Agentes externos
5	Icafé, chefe dos Escritórios Regionais	Victor Vargas	02/04/2023	Locais e regionais	É responsável pelas políticas sociais: Casa de la Alegría, Política de género e Política de juventude.
6	CAFÉ NAMA/ Icafé.	Ing. Ernesto Morera Campos	17/07/2023	Programas Regionais - Nacionais	O café NAMA ⁵ começou como um programa regional, mas na sua última fase foi assumido pelo Icafé. Promove boas práticas agrícolas para contribuir para a descarbonização.
7	Icafé, Sede	Vanessa Rojas Herrera	17/07/2023	Escritório de Projetos	O Icafé mantém um departamento de projetos, que interliga interna e externamente.
8	Ministério da Agricultura e Pecuária (MAG) Escritório Regional de Pérez Zeledón	Adriana Gomes Castillo	19/07/2023	Instituições governamentais e sedes regionais	As ações do MAG, no que diz respeito à atividade cafeeira, são coordenadas com o órgão dirigente Icafé e com o INDER. Esta instituição presta suporte técnico, monitora e avalia compromissos produtivos.
9	Instituto de Desenvolvimento Rural (INDER) Escritório Regional de Pérez Zeledón	Alexis Mora Vega	20/07/2023	Instituições governamentais e sedes regionais	Vincula ações com outras instituições como MAG e Icafé. Financia projetos produtivos para organizações. O INDER representa o braço econômico da atividade produtiva.

Fonte: O autor (2023).

⁵ Ações de Mitigação Apropriadas Nacionalmente pela NAMA

Foram entrevistados nove informantes-chave, considerados relevantes para a compreensão da dinâmica de produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón. Quem concedeu a entrevista houve concordância e abertura para falar sobre o tema, considerando que as representações nacionais e escritórios regionais têm um contexto amplo de informação e atuação no território.

d. Observação do participante

Segundo Bezerra, M. e Moreira, E. (2015, p.35), a observação participante centra-se na percepção de situações e comportamentos cotidianos dos investigados, por meio da conversa com alguns ou todos os membros. na situação, com o objetivo de revelar as interpretações que têm sobre os fenômenos observados. No campo investigativo, a observação é entendida como um processo deliberado e sistemático, que visa obter informações diretamente do contexto em que as ações acontecem.

Portanto, a observação participante foi realizada por meio de visitas repetidas à área de estudo e integração com as famílias produtoras; nesse sentido, compartilhando suas acomodações, participando da colheita do café na época da colheita, dos passeios pela fazenda, compartilhando o cotidiano da família e da comunidade. Além da participação em atividades específicas como feiras de café (3 feiras), onde houve oportunidade de conversar de forma cordial com os produtores e seus familiares. A observação participante permitiu-nos obter elementos do cotidiano que importava compreender e incorporar na investigação.

e. As notas de campo

As notas de campo foram registradas ao longo do processo de pesquisa, consideradas como o lado pessoal do trabalho de campo. Surgiram no decorrer do trabalho e foram matéria-prima na análise; sendo uma ponte entre o trabalho de campo, a experiência empírica e o relatório final da pesquisa. Contém ideias, frustrações, erros, confusões,

experiências, problemas. As notas de campo constituíram um insumo central para relembrar aquelas experiências vividas durante as visitas às comunidades, as entrevistas com as famílias e os dados que como pesquisadora observei nos passeios; eles analisam os significados e interpretações do tema estudado.

2.1. Identificação de unidades territoriais de oportunidade para produção de cafés especiais

A identificação das unidades territoriais de oportunidade para a produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón considera as informações obtidas nas entrevistas realizadas com os produtores e outros atores-chave que deliberadamente delinearão a proposta; bem como os princípios do zoneamento agroecológico que permitem a delimitação de superfícies homogêneas, utilizando informações cartográficas.

Para definir as variáveis agroecológicas, adapta-se a metodologia proposta por Alpízar, Edwin, (2014), que toma como referência o guia técnico para o manejo do café de Icafé (2011) que estabelece cinco variáveis climáticas nas quais o café tem ótimo desenvolvimento; São eles altitude, precipitação, temperatura, umidade relativa e vento.

No caso da altitude, entre 500 e 1700 metros acima do nível do mar é considerado ótimo; porém, para Delgado (2007), é ótimo entre 1200 e 1700 metros acima do nível do mar; em relação à precipitação, a faixa desejada está entre 1.000 e 3.000 mm anuais; sendo ideal segundo Delgado (2007) entre 1600 e 2800 mm e que sua distribuição oscila entre 145 e 245 dias por ano. A temperatura média anual adequada deve estar entre 17°C e 23°C. A umidade relativa é um fator que favorece a incidência de doenças, por isso Icafé (2011) sugere que não seja superior a 85%, sendo o ideal segundo Delgado (2007) entre 70 e 85%. Finalmente, o vento pode ser um fator de dessecação e danos mecânicos, pelo que as culturas devem ser estabelecidas protegidas por cortinas corta-vento. (ALPÍZAR, Edwin, 2014, p.11).

Para identificar as variáveis culturais, incorporam-se aquelas que contribuem qualitativamente para a definição do território: redes de interligação (vias de comunicação),

microbenefícios e suas práticas, redes de apoio à produção, agricultura familiar como suporte à atividade, redes territoriais (associatividades, família e redes de amigos) e acesso a mercados globais, regionais e locais.

Metodologicamente, a proposta de unidades territoriais de oportunidade considera os seguintes insumos:

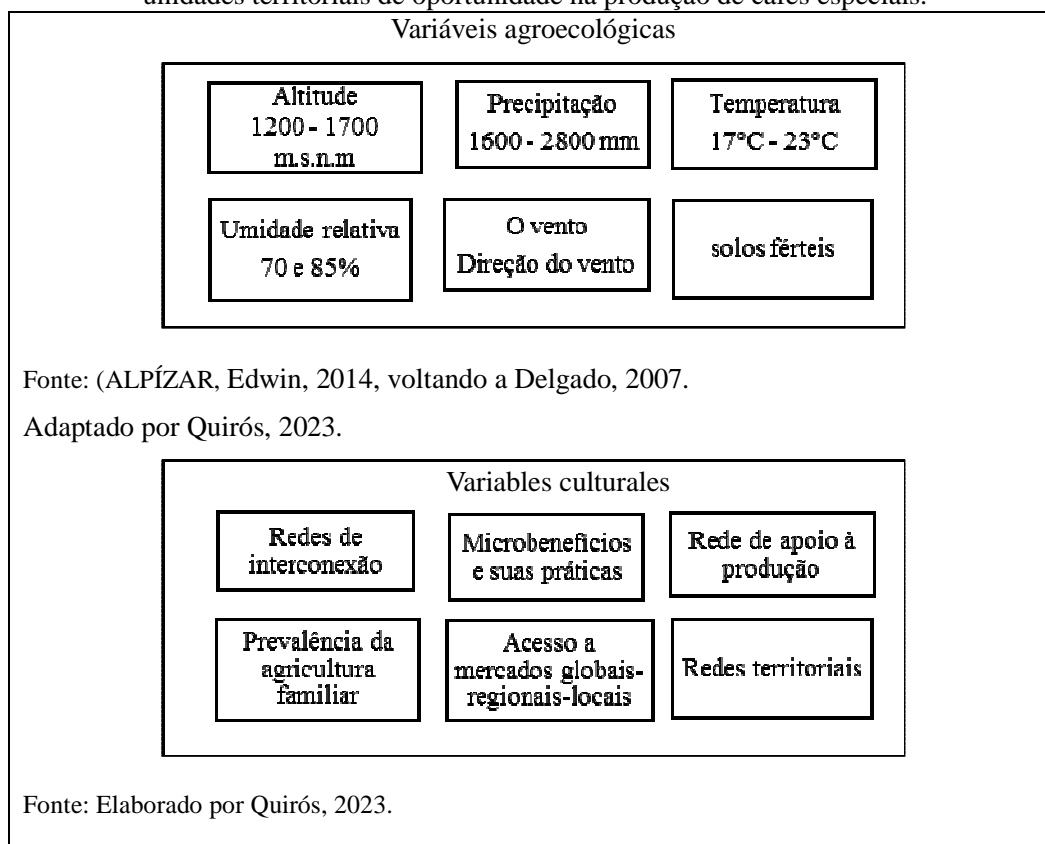
- a. Princípios agroecológicos na definição de unidades espaciais, especificamente no café. E as referências conceituais para a produção de café de alta qualidade, que se refere à produção levando em consideração principalmente o gradiente altitudinal acima de 1200 metros acima do nível do mar.
- b. A cartografia oficial do país: fichas cartográficas 1:50.000, e mapas temáticos: mapa de relevo, mapa geomorfológico, mapa de contorno, tipos de solos, mapa climatológico, mapa de declividades, mapa hidrológico, mapa de conectividade rodoviária, áreas de proteção e áreas cafeeiras.
- c. Entrevistas realizadas com produtores de café, que deliberadamente levantaram a importância de uma redefinição espacial e reposicionamento da região cafeeira de Pérez Zeledón, por parte de instituições públicas relacionadas ao setor, principalmente ICAFE, MAG e INDER.
- d. Observação de campo durante as visitas recorrentes, nas quais foi possível diferenciar espacial e territorialmente as características da atividade na região cafeeira.
- e. Sistemas de informação geográfica (SIG), na definição, interpretação e representação de unidades territoriais. A utilização de SIG para análise espacial facilita o desenvolvimento de procedimentos para obter, armazenar, manipular, analisar e apresentar dados espacialmente georreferenciados.

A partir dessas variáveis territoriais, e com o traçado da base cartográfica, são definidas as áreas de oportunidade para a produção de cafés especiais; diferenciando esta área produtora de café de algumas características gerais atribuíveis à região cafeeira, como

uma área de produção de café de menor qualidade e, portanto, desvalorizada em seu potencial de crescimento na produção de cafés especiais.

A Figura 2 esquematiza as variáveis territoriais para a definição das unidades territoriais de oportunidade na produção de cafés especiais.

Figura 2. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Variáveis territoriais na definição de unidades territoriais de oportunidade na produção de cafés especiais.



São reconhecidos como elementos que afetam diretamente as qualidades ou características do café costarricense; fatores e elementos do clima (temperatura, precipitação, radiação solar, ventos), tipo de solo, variedades; outros fatores como canais de comunicação, benefícios e suas práticas, além de fatores humanos, apoiando processos de produção, fatores de processamento.

Reafirmando que a dinâmica territorial que surge nesta nova era do café gourmet, onde o produto se diferencia pela qualidade, como aponta Gallego, J (2008); Viales, R, Mora, A (2010); Borella, I, Mataix, C, Carrasco-Gallego, R. (2015); Canet, G; Soto, C, (2017) e Gudmundson, Lowell. (2018), permitiria um melhor reconhecimento em áreas como a estudada, dimensionando a ligação entre o território, a agricultura familiar e a sua articulação com mercados cafeeiros alternativos globais, nacionais, regionais e locais. Portanto, esta proposta de definição de unidades territoriais é uma primeira abordagem para a delimitação precisa de uma área como a proposta.

3. Análise e sistematização de informações

Esta fase inclui a revisão, sistematização e integração da informação, contrastando elementos teóricos e empíricos. É um ponto central da pesquisa, pois permite contrastar referências conceituais com empíricas; Da mesma forma, é fundamental compreender e explicar as questões de pesquisa realizadas na problematização. É importante considerar que não existe uma forma única de sistematizar as informações, portanto o formato de apresentação permitirá que as informações sejam apresentadas de forma clara e explicativa; através de figuras, gráficos, tabelas, mapas, fotografias entre outros. Embora a análise qualitativa priorize a apresentação em formato de prosa, a partir da Geografia, as representações gráficas em diversos formatos ajudam a esclarecer o tema em questão.

Da mesma forma, nesta fase é trabalhado o enquadramento teórico-metodológico, bem como a organização, análise e integração de todos os elementos envolvidos na apresentação de um trabalho final de investigação, apresentação e defesa perante um grupo de docentes do programa.

O quadro 5 conceitua a pesquisa, de acordo com as três áreas identificadas, produção-cultivo, processo-processamento e comercialização do café. O que servirá de base para o acompanhamento da estratégia metodológica da pesquisa.

Quadro 5. Estratégia metodológica para a abordagem territorial da produção de cafés especiais pela agricultura familiar.

Âmbito	Estratégia	Conceitos principais
Conceitos-chave Geografia: espaço, território, lugar/abordagem territorial/agricultura familiar		
Processo de produção-cultivo	Aproveitar as condições ambientais Implementação de boas práticas agroambientais - práticas sustentáveis Cultivo em microlotes Eu cultivo variedades de café Rastreabilidade como processo Diversificação produtiva	Diferenciação espacial Diversidade produtiva Variáveis ambientais Rastreabilidade
Beneficiário de processamento	Microbeneficiário Métodos de processamento artesanal Inovação e tecnologias Integração e divisão do trabalho familiar Multifuncionalidade (agroturismo, fazendas demonstrativas, agroecológicas)	Valor agregado de geração Processamento artesanal Pluriatividade Especialização em trabalho familiar Multifuncionalidade
Comercialização da produção	Qualidade como elemento transversal Acesso a diversos mercados -Mercados alternativos (internacionais), -Mercados alternativos/locais (nacional-regional – local) -Mercados convencionais Solidariedades do território	Qualidade Mercados alternativos Redes horizontais/de cooperação Relações de proximidade
Definição de unidades territoriais	Variáveis territoriais: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Agroecológico ▪ Cultural 	Diferenciação territorial. Unidades territoriais de oportunidade

Fonte: O autor, 2023.

Esta pesquisa intitula-se: Inserção da agricultura familiar na reconceitualização do território; produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica, 2023. O conteúdo desta pesquisa será abordado em 4 capítulos e uma seção de considerações finais.

Capítulo *I*. Inclui uma base conceitual que nos permitirá compreender as inter-relações espaciais para a análise dos espaços rurais a partir da geografia. O espaço geográfico é abordado como conceito central da Geografia com categorias analíticas para sua compreensão. Argumenta-se que a Geografia Humanista permite abordar o espaço rural de um ponto de vista holístico, antropocêntrico, experiencial e existencial. A partir do contexto da nova ruralidade, o espaço rural é visualizado como um campo complexo e diversificado; há uma mudança da tradicional abordagem monofuncional (agrícola) dos espaços rurais para uma abordagem polifuncional (multifuncional e pluriatividade). A incorporação de conceitos como a nova ruralidade, a agricultura familiar, a pluriatividade como estratégia de reprodução social, os sistemas agroalimentares e os mercados alternativos. Inclui-se uma seção sobre a revalorização do território através de produções de qualidade como fator de desenvolvimento sustentável no meio rural.

Capítulo *II*: Contextualiza a produção cafeeira na Costa Rica. É realizada uma descrição e análise da atividade cafeeira na Costa Rica e na área de estudo; que nos permite medir a importância da atividade. Abordando aspectos de sua configuração, história e importância do café, estrutura territorial do café, importância social através da incorporação de pequenos produtores, geração de empregos e mobilidade territorial; bem como a dinâmica da atividade cafeeira; mercados, preços, oferta. Os elementos de mudança ou continuidade na qualidade do café, a sustentabilidade, a qualidade como elemento diferenciador se expressam através de diferentes elementos como Indicação Geográfica, certificações e produção sustentável de café como alternativa de turismo/passeios cafeeiros difusores da cultura cafeeira. Esses elementos facilitam a compreensão de porque a agricultura familiar propõe suas estratégias de continuidade da atividade cafeeira a partir da produção de cafés especiais para um mercado alternativo.

Capítulo *III*: Inserção da agricultura familiar na produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica. São analisadas as estratégias da agricultura familiar para participar das diversas etapas do processo produtivo; produção,

processamento e comercialização de café; abordar elementos de sustentabilidade, pluriatividade e diversidade de mercados como estratégias para a agricultura familiar; bem como os elementos de diferenciação e homogeneização espacial na reconceptualização do território. Este capítulo integra o trabalho de campo e os aportes teórico-metodológicos descritos nas seções anteriores; que permitem compreender a forma como os atores territoriais, especialmente aqueles ligados à agricultura familiar, propõem suas estratégias nos diversos processos envolvidos na produção de cafés especiais; produção, processamento e comercialização.

Capítulo IV: Proposta de unidades territoriais de oportunidade e diretrizes para a produção de café especial que contribua para a revalorização do território. Este capítulo apresenta uma proposta de unidades territoriais baseada nas variáveis territoriais e a definição de diretrizes que permitem resgatar os elementos centrais do processo de pesquisa. Retoma conceitos da agroecologia na definição das unidades territoriais, bem como variáveis culturais.

É apresentado um capítulo de *Considerações Finais*; nesta seção serão definidos os principais achados da pesquisa, bem como as linhas de pesquisa em torno do tema abordado.

1 GEOGRAFIA, ESPAÇO RURAL E O RESSURGIMENTO DO AGRICULTURA FAMILIAR

Este capítulo revisa alguns conceitos que nos permitem compreender a dinâmica de transformação dos espaços rurais a partir da geografia; em que atividades produtivas como a produção de cafés especiais respondem a esta dinâmica. São abordados os conceitos centrais da Geografia, apresentada a importância da agricultura familiar, a sua relação com os sistemas agroalimentares alternativos, o território e os elementos da qualidade como fator de desenvolvimento sustentável no meio rural. No contexto da nova ruralidade, o espaço rural é visto como um campo complexo e diversificado; passando da tradicional abordagem monofuncional (agrícola) dos espaços rurais para uma abordagem polifuncional (multifuncional e pluriatividade).

Abordar o espaço rural a partir da Geografia leva a retornar à Geografia como disciplina que estuda a relação entre o homem e o meio ambiente, através do espaço geográfico, conseqüentemente, o espaço passa a ser a categoria central, conceito que expressa a articulação entre natureza e sociedade. Para compreender os processos de produção do espaço, a geografia parte de uma herança conceitual, construída através de diversos momentos históricos e pensadores que contribuíram para esta abordagem. Neste sentido (Correia, 2011) aponta como conceitos-chave da Geografia: espaço geográfico (relação sociedade - natureza), paisagem (percepção), região (diferenciação), território (poder) e lugar (experiência); conceitos que contribuíram para a identidade da geografia como disciplina científica; constituem a base para a análise de temas a partir de uma abordagem geográfica; na relação entre sociedade e natureza, objeto central da Geografia.

De acordo com UNWIN, Tim. (1992, p. 25-26), as disciplinas são identificadas e justificadas de quatro formas principais; A primeira é a atividade coletiva das pessoas que a praticam, a segunda refere-se ao objeto de estudo ou tema de cada um; a terceira em termos de metodologias ou técnicas aplicadas e a quarta; concentrando-se no tipo de perguntas feitas e na maneira de abordá-las.

A Geografia Rural oferece o referencial teórico conceitual para analisar as dinâmicas rurais, compreender os espaços rurais, o território, as dinâmicas territoriais e os

processos de globalização que acompanham as transformações desses espaços. A partir da sua conceituação permite abordar questões de importância para o espaço rural; para onde convergem antigas formas e relações de produção, marcadas pela modernização agrícola.

A partir desta breve reflexão, este capítulo abordará os referenciais teórico-conceituais para abordar o tema desta pesquisa. Compreender que todos os factos e fenómenos têm uma dimensão geográfica e que a partir da Geografia é possível analisar os territórios na sua relação com as suas dimensões sociais - culturais, económicas, políticas - institucionais e ambientais.

1.1 Conceitos-chave da Geografia para a análise do espaço rural

O espaço geográfico como conceito central da Geografia; é multidimensional, pois corresponde a um conceito constituído por dimensões naturais e dimensões sociais ou culturais, tendo como categorias analíticas para a sua compreensão: paisagem, território e lugar. Os princípios geográficos de localização, distribuição, extensão, distância, posição e escala permitem explicar e compreender os problemas a partir de uma abordagem geográfica. Do ponto de vista metodológico, as questões-chave a serem respondidas pela geografia; onde algo está localizado? Por que está lá? Como chegou lá? Qual é o significado de estar localizado lá? Como isso se relaciona com outros espaços? Perguntas que nos permitem abordar um objeto de estudo a partir de uma perspectiva geográfica.

Ao contrário da visão com que o espaço é tradicionalmente apresentado como um receptáculo vazio e inerte, como um espaço geométrico, euclidiano, que só mais tarde é ocupado por corpos e objetos. Frequentemente definido como inteligível, transparente, objetivo, neutro e, portanto, imutável, definitivo. O espaço como produto social; é resultado da ação social, das práticas, das relações, das experiências sociais, é suporte, mas ao mesmo tempo campo de ação. Lefebvre, H. (1974), diz que não há relações sociais sem espaço, da mesma forma que não há espaço sem relações sociais.

Para Santos, M. (1986), o espaço não pode ser formado apenas por coisas, objetos geográficos, naturais ou artificiais, cuja totalidade a natureza nos oferece. O espaço é tudo

isso mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual (SANTOS, 1986). Nesta perspectiva, o espaço apresenta-se como resultado da natureza na sua inter-relação com a sociedade; o espaço socialmente construído, o espaço rural como subcategoria do espaço, caracteriza-se pela sua constante transformação pelas ações do ser humano em relação à natureza.

De acordo com Teixeira, M; Lages, V. (1997):

“A imagem das sociedades rurais sugere a existência de conexões entre formas de vida social e inscrição no espaço, que podem atuar nos dois sentidos. Espaço não é um substrato neutro e passivo, sobre o qual repousa a organização social, mas sim um ponto de partida material por excelência. Tem conteúdo histórico, ao mesmo tempo em que condiciona as atividades humanas, e é por elas transformado”. (TEIXEIRA, M; LAGES, V, 1997, p.11).

Na transformação geral da sociedade, o espaço rural transforma-se, já não é o que era, onde prevalecem as estruturas agrárias e os diversos níveis tecnológicos. Existem espaços geográficos diversificados, dinâmicos e em constante mudança. O rural passa de monofuncional a multifuncional. Segundo a concepção de Ávila (2005), as mudanças ocorridas no ambiente rural latino-americano são consequência de dois processos principais: o processo de industrialização e globalização interna e a abertura comercial. Este último tem um grande impacto nas zonas rurais, nas atividades agrícolas tradicionais e de pequena escala, como o café.

Nesse sentido, Santos (2006) destaca que, em um mundo globalizado, isso significa, para compreender o espaço, a necessidade de ir além da função exercida localmente e considerar também suas motivações, que podem ser distantes e até ter uma dimensão planetária. Fundação. (SANTOS, 2006, p.152). É necessário, portanto, compreender as dinâmicas territoriais e os processos de globalização que induzem estas dinâmicas; que em atividades produtivas como o café reconfigura o território.

De acordo com Santos, M, (1994) salienta que “O espaço aparece como um substrato que acolhe o novo, mas resiste às mudanças, guardando o vigor da herança material e cultural, a força do que é criado de dentro e resiste, força tranquila que espera, vigilante, a ocasião e a possibilidade de se levantar”. (SANTOS, M,1994, p.16). Um espaço rural em constante transformação, produto dessa relação entre a sociedade e a

natureza, à espera da oportunidade de crescer, sem esquecer o seu património material e cultural, que acolhe o novo, mas resiste à mudança. Por sua vez MARAFON, G. (2019, p.14). aponta que “o espaço rural é uma das dimensões do espaço geográfico, que pode ser aprendida nas suas relações com o urbano através das ruralidades, das urbanidades e das territorialidades múltiplas”.

Pensar a transformação do espaço rural no momento atual significa analisá-lo a partir da multiescalaridade e pensá-lo a partir do princípio da inter-relação/conexão. Marafon, (2012) referindo-se às mudanças recentes no espaço rural; destaca que o espaço rural deve ser pensado com suas complexidades num mundo globalizado, numa perspectiva transescalar (local, regional, nacional e internacional), considerando as conquistas tecnológicas que transformaram esses territórios. (MARAFON, 2012, p.72). Estas mudanças levam à reorganização do espaço de novas formas; nesse sentido, Santos (1986) destaca que novas atividades exigem um lugar no espaço e impõem um novo arranjo para as coisas, um arranjo diferente para os objetos geográficos, uma organização do espaço diferente daquela que existia antes. (SANTOS, M, 1986. p.205).

Da geografia, um conceito chave para analisar as transformações dos espaços rurais é o conceito de paisagem. Santos, M. (2004); ele afirma que toda vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variadas. O espaço e a paisagem são transformados para se adaptarem às novas necessidades da sociedade. Uma paisagem representa diferentes momentos de desenvolvimento de uma sociedade; assim a paisagem é o resultado de uma acumulação de tempo. A paisagem, assim como o espaço, é continuamente alterada para acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar origem a outra forma que atenda às necessidades da nova estrutura social.

Ponte, P. (2019, p.222), aponta que Carl Sauer foi o maior divulgador do conceito de paisagem. Para Sauer, uma paisagem seria “uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais” (SAUER, 1998, p.23). Atribuir um papel de destaque à cultura, entendida como marca da ação do homem na região.

Lobato, R (2014), compara a contribuição de Carl Sauer e Denis Cosgrove, e a contribuição no campo da geografia cultural. Este autor destaca que “A paisagem como

morfologia e como uma cena impregnada de significados, de um lado, e o passado visto em diferentes escalas temporais e temáticas distintas e de outro, definem as diferentes matrizes que distinguem as contribuições de Sauer e de Cosgrove. (LOBATO, R (2014, 37).

De, David, C, (2020), menciona que a paisagem é como uma obra e construção humana, percebida e valorizada de forma diferente pelas diferentes sociedades. A paisagem rural é, portanto, resultado das articulações humanas sobre o espaço natural. Este autor menciona que elementos associados à natureza, bem como elementos e processos ligados à produção agrícola familiar, por exemplo, a policultura, são substituídos pela paisagem da monocultura. A incorporação da terra na agricultura intensiva em capital e na tecnologia moderna provoca alterações aceleradas e profundas na paisagem. Por exemplo, a produção baseada em *mercadorias*, substituindo o homem pela máquina, esvaziou os espaços rurais e transformou a paisagem.

Da mesma forma, Carvalho, Raquel; Marques, Teresa (2019), salientam que todas as paisagens são culturais. Contêm a ideia de qualidade e importância histórica e cultural, de uma paisagem que se humaniza, que se distingue das demais por refletir modos de vida, apropriações específicas, qualificando uma entidade única, diferenciada pelo valor socioeconômico, ecológico e pela cultura que o caracteriza. É o resultado de ideologias humanas, de uma apropriação intencional, material e imaterial do território. (CARVALHO, Raquel; MARQUES, Teresa, 2019, p.94).

A geografia vista como o estudo das relações entre o homem e a natureza, deve abordar o estudo da paisagem. Em qualquer tipo de análise geográfica duas variáveis são fundamentais, o espaço e o tempo. A este respeito, Do Amaral, Ilídio (2001) diz que “quem defenda que a Geografia, tendo como objetivo o estudo das relações entre o homem e a natureza, assuma a responsabilidade, pero da “paisagem”, ... Na formulação da “paisagem”, ou em qualquer outro tipo de análise, a Geografia compromete duas variáveis fundamentais: o espaço e o tempo. (DO AMARAL, Ilídio. (2001, p.76). Este autor salienta que, se a paisagem é a relação entre a sociedade e a natureza, não deveria haver antinomia entre paisagem natural e paisagem cultural.

Outro conceito que, a partir da geografia, permite compreender as transformações territoriais é o território e a territorialidade. Segundo Capel (2016), as ciências sociais em

geral têm dado grande importância ao território, mas a Geografia é, sem dúvida, aquela que mais atenção tem dado ao território entre as disciplinas sociais.

Para Correia (2004) o conceito de território está ligado à análise de categorias como espaço e tempo, fundamentais para compreender a superposição de estruturas em diferentes escalas. A formação de um território proporciona às pessoas que ali vivem a consciência da sua participação, provocando um sentimento de territorialidade, o que, subjetivamente, gera uma consciência de confraternização entre eles. (CORREIA, R, 2004, p.21). Da mesma forma, Morales e Jiménez (2018) acrescentam que todo território é uma construção social que se manifesta em vários níveis de escalas espaciais.

Etimologicamente, território vem da palavra latina *terra. torium*, usado para indicar “o terreno que pertence a alguém” e que é complementado com *stlocus* que significa “lugar, sítio”. O território como espaço socialmente construído tem sido definido e concebido por diversos autores, que agregam um caráter de apropriação, estabelecido pelos sujeitos e grupos sociais que nele se afirmam. O território como espaço de domínio, controle, pertencimento, demarcação, separação, territórios reais, vividos, pensado, enfim, como espaço de poder. Desta forma podemos citar alguns autores que deram ao conceito de território aquele significado com que a sociedade humana vive e se apropria de uma porção da superfície terrestre.

Para Sack, (1986), a territorialidade será definida como a tentativa, por parte de um indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ou de delimitar e garantir o seu controle sobre uma determinada área geográfica. Essa área será chamada de território. (SACK, R. 1986, p.16). Este autor aponta três facetas da territorialidade, a primeira envolvendo uma forma de definição ou classificação por área, a segunda a utilização de um limite e a terceira imposição de acesso; esses são encontrados em todas as sociedades. Por sua vez, Lopes (2018), ao falar em territorialidade, aponta que se trata de um certo tipo de interação entre o homem e o espaço, que, aliás, é sempre uma interação entre os seres humanos mediada pelo espaço. (LOPES, Marcelo, 2018, p. 99).

Num sentido mais amplo, Fernandes, (2008), aponta que as territorialidades são as representações dos tipos de uso dos territórios. Este autor propõe uma tipologia para definir a ordem e os tipos de território, o primeiro o espaço de governação nacional organizado em

diversas escalas e instâncias; o segundo, as propriedades não capitalistas e capitalistas, e o terceiro território como o espaço relacional, que está relacionado com as formas de uso do território e, portanto, com as suas territorialidades. Outros autores atribuem-lhe um sentido de identidade mais simbólico, neste sentido Vieira (2008) salienta que o território é um espaço de identidade ou identificação, pode ser imaginário ou sonhado, é a partir deste imaginário ou deste sonho que a sua construção começou. (VIERA, 2013. p.217).

Nessa mesma linha, Heidrich, (2013), aponta que o território é sobretudo uma relação que envolve apropriação, domínio, identidade, pertencimento, demarcação, separação. E, se apenas parte dessas características estiver presente, podemos considerar a ocorrência do seu princípio, ou seja, o princípio da territorialidade. (HEIDRICH, Álvaro, 2013. p.3). Para Porto-Gonçalves (2002), o território é um espaço apropriado, um espaço feito por ele mesmo; em suma, o território é estabelecido por sujeitos e grupos sociais que se afirmam através dele. Assim, há sempre território e territorialidade, ou seja, processos sociais de territorialização. (PORTO-GONÇALVES 2008. p.42).

Saquet, M, 2015, destaca que o território é uma construção social, histórica, relacional e está sempre ligado a processos de apropriação e dominação do espaço e, obviamente, às pessoas. Territorialização significa apropriação social de um fragmento de espaço baseada em relações sociais, regras e normas, condições naturais, trabalho, técnicas e tecnologias, redes (de circulação e comunicação) e conflitos que envolvem diferenças e desigualdades, bem como identidades e regionalismos historicamente determinados. (SAQUET, 2015, p.34).

Monnet, J. (2013), acrescenta que “El territorio corresponde a un espacio definido, producido y ordenado por acciones humanas, mientras la territorialidad representa la dimensión espacial de los actores y los valores que éstos atribuyen al espacio intervenido. En cuanto a la territorialización, ésta cubre el conjunto de acciones implementadas por estos actores en nombre de sus valores”. (MONNET, 2013, p.1).

De acordo com Haesbaert (2013) percebe um elemento central que permanece sempre nas definições de território: o poder. O poder é muito mais do que o conjunto de práticas materiais como a coerção e o controle físico, muito evidentes na ação militar. O poder

também tem um caráter mais simbólico. (HAESBAERT, 2013.p. 26). Este mesmo autor propõe falar em territorialidade, que é um conceito mais amplo que território.

Desta forma, segundo Llanos-Hernández (2010), o território tornou-se uma das referências conceituais que explicam as transformações do espaço correspondentes à era da globalização e da pós-modernidade. Segundo este mesmo autor, o território não tem homogeneidade, pelo contrário, explora a diferença e a singularidade. (LLANOS-HERNÁNDEZ, 2010. p. 219). Reconhecendo que a heterogeneidade é a base de uma abordagem espacial, Sepúlveda (1996, p.3) propõe a abordagem do desenvolvimento microrregional sustentável para analisar a dinâmica dos espaços rurais, atribuindo um papel fundamental ao território. Coerente com esta visão, Monnet, J. (2013) acrescenta que, com efeito, o território, assim como o espaço e o lugar, representa uma realidade tangível na vida quotidiana das pessoas. (MONNET, 2013, p.2).

Dessa forma, a evolução da subjetividade na geografia remete a uma ruptura com a visão cartesiana e euclidiana do espaço, do território como espaço do homem. Como expressa Araya, I. (2012), “la dimensión espacial adquiere importancia en el contexto de globalización económica, la cual procura la homogenización de los espacios del capital e incide en la configuración del espacio geográfico. La contribución de la espacialidad responde a la resignificación de lo local y del concepto de “lugar”. (ARAYA, I, 2012, p. 558).

É assim que Correa, A; de Oliveira, D. (2010) Dizem que “para compreender o lugar, temos que buscar o entendimento de como o rural e o urbano dialeticamente constroem esse espaço, mediante elementos políticos, económicos, culturais e vivencias expressas localmente, mas nunca deixando de lado as relações estruturais globais na qual o rural e o urbano também estão inseridos”. (CORREA, A; DE OLIVEIRA, D, 2010, p. 228). Considerando o lugar constituído pelo espaço absoluto, relativo e relacional na sua expressão dialética.

O processo de globalização implica a globalização do espaço geográfico, cujas principais características, além da tendência à formação de um ambiente técnico, científico e informacional, Santos, M. (1994) aponta que:

“se dá a transformação dos territórios nacionais em espaços nacionais da economia internacional; a exacerbação das especializações produtivas no nível do espaço; a concentração da produção em unidades menores, com o aumento da relação entre produto e superfície, a aceleração de toda as formas de circulação e seu papel crescente na regulação das atividades localizadas, a produtividade espacial como dado na escolha das localizações; o recorte horizontal e vertical dos territórios”. SANTOS, M, (1994, p.24).

Da mesma forma, aponta para uma crescente tensão local e global à medida que o processo de globalização avança.

Analisar o dinamismo dos espaços rurais significa compreender os macroprocessos que pressionam os espaços locais. Nesse sentido, Méndez (2003) destaca que assumir o rural como categoria dinâmica implica repensar seus limites e elementos essenciais. Se adotarmos a ideia de que a realidade não admite predeterminações, o rural, como expressão da realidade, também está sujeito a mudanças (MÉNDEZ, 2003, p.88). No cenário do mundo globalizado, os espaços rurais colocam o desafio de aproveitar o potencial dos recursos com as limitações neles presentes, sendo a atividade agrícola o eixo fundamental. Como expressa Trejos, R (2002), as características da atividade agrícola que tem localizações definidas no território e se baseia na exploração dos recursos naturais, colocam-na num lugar central na formulação de políticas rurais. Propõe-se que é necessário ter um sector agrícola saudável que sirva de base a uma sociedade e a uma economia rural sólida e que possa contribuir para um desenvolvimento territorial equilibrado. (TREJOS, R. 2002, p.12).

Neste sentido, espaços rurais com uma multiplicidade de funções, atores e com potencialidades em termos de recursos: naturais, humanos e económicos, deve ser analisado como estas transformações estão a impactar a forma de fazer, pensar e agir das populações que os ocupam. territórios. As novas demandas no espaço rural; como a produção alimentar, a conservação e gestão da paisagem, o seu papel como reserva de recursos naturais e a utilização de métodos de produção tradicionais; exige repensar e revalorizar esses espaços. Segundo Silli, M (2016), identifica quatro temas que são as portas de entrada para a compreensão do modelo de organização dos territórios rurais; nomeadamente, a crise e recomposição da agricultura familiar e dos territórios rurais, o dinamismo empresarial do

sector agrícola e agroindustrial, os novos conflitos ambientais e territoriais e o processo de renascimento rural.

No contexto da globalização, as desigualdades tornam-se mais agudas em resultado dos modelos produtivos, que se expressam espacialmente; desigualdades presentes tanto dentro dos países como entre si; A análise geográfica é essencial para compreender a dinâmica territorial dos territórios integrados na economia globalizada. A diferenciação espacial, a forma como este potencial é assumido será decisiva para integrar estes espaços, através de processos de desenvolvimento diferenciadores e compreender as estratégias de adaptação que as populações assumem num contexto dinâmico e em mudança. No caso particular do café ligado ao mercado internacional há mais de dois séculos; A agricultura familiar em regime regulamentado busca o acesso a mercados diferenciados, por meio da produção de café diferenciado, com organização territorial e social diferente das formas tradicionais; dinâmica que combina os recursos do território. Como salienta Capel, H. (2016), o territorial torna-se assim o espaço vivido, modelado pelo homem, em função das suas necessidades. O território passa a ser considerado como um produto social, uma construção social. Com elementos simbólicos que são criados pelos homens, mas que, ao mesmo tempo, têm capacidade de produzir identidade. (CAPEL, 2016. p.11-12).

Outro conceito fundamental em Geografia é o de lugar. Como diz UNWIN, T (1992): “El lugar se ha convertido en el punto esencial para comprender la interacción del mundo humano de la experiencia con el mundo físico de la existencia. El cometido de una geografía crítica es conseguir que las personas reflexionen sobre esta interacción y, en este empeño, crear un mundo nuevo y mejor”. (UNWIN, T, (1992, p. 291). Da mesma forma, Claval, P (2006) disse que “A maior novidade epistemológica é que os problemas espaciais tornam-se cada vez mais importantes na sociedade e no pensamento modernos-como prova disso, a evolução da sociologia que descobre, com Anthony Giddens, a pertença do espaço e do lugar”. (CLAVAL, P, 2006, p.120).

De grande importância no posicionamento do conceito de lugar, que foi um grande expoente da Geografia, Tuan, Y. (1976), dá uma guinada à Geografia com a abordagem humanística da Geografia, percepções, atitudes e valores sobre o meio ambiente, devolve a

subjetividade à geografia e com ela o espaço do homem; reposicionando o conceito de lugar como espaço do homem.

Relevantemente, Santos, M, (1994) lembra-nos que “É pelo lugar que revemos o mundo e ajustamos nossa interpretação, pois, nele, o recôndito, o permanente, o real triunfam, afinal, sobre o movimento, o passageiro, o imposto de fora”. (SANTOS, M, 1994, p.16). Portanto, Santos, M, (1994), aponta que “Devemos, nos precaver de pensar o lugar sem o mundo”, por el contrário “propomos entender o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”. (SANTOS, M, 1994, p.44). Propõe que o espaço é um sistema de objetos cada vez mais artificializados, povoados por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos, ao lugar e aos seus habitantes.

Conceito adequado para compreender as dinâmicas que se tecem nos territórios, Santos, M, (1994), introduz o conceito de “Horizontalidades e verticalidades” que se levantam em paralelo. Indicando que as horizontalidades são a base de tudo no cotidiano, dos indivíduos, das comunidades, das empresas, das instituições. Que se cimentam pela semelhança das ações ou pela sua associação e complementaridade. As verticalidades, ao contrário, agrupam áreas ou pontos, a serviço de atores hegemônicos muitas vezes distantes. São os vetores da integração hierárquica regulada, doravante necessária em todos os locais de produção globalizada e controlada remotamente. O vetor da verticalização é um elemento perturbador, pois implica uma necessidade de movimento, de mudança. (SANTOS, M, (1994, p.26). Assim regulações e tensões tornam-se indissociáveis em cada lugar. Dessa forma Santos, M, (1994), aponta que “Quanto mais a globalização se aprofunda, impondo regulações verticais novas a regulações horizontais preexistentes, tanto mais forte é a tensão entre globalidade e localidade, entre o mundo e o lugar. Mas, quanto mais o mundo se afirmar no lugar, tanto mais este último se torna único”. (SANTOS, M, 1994, p.27).

Santos, M, (1994), menciona que as horizontalidades são, sobretudo, as próprias fábricas ou lócus de cooperação mais limitada; assim, as horizontalidades são áreas produtivas; regiões agrícolas, cidades, complexos urbano-rurais. Tanto as horizontalidades como as verticalidades estão permanentemente sujeitas à lei do movimento. Eles alteram os contornos e o conteúdo deles, impondo novos mapas sobre um mesmo território. As

horizontalidades são ao mesmo tempo o lugar do propósito imposto de fora, de longa data, de cima e, para a fraternidade gerada localmente, o teatro da conformidade cotidiana, mas não necessariamente conformista, e simultaneamente o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta. (SANTOS, M, 1994, p.46).

Aplicado este conceito de horizontalidades ao ambiente rural, Mior, L. (2003), aponta que “A tentativa de construção de redes de agroindústrias artesanais, rumo a estratégias territoriais/horizontais de desenvolvimento rural, pode refletir uma tentativa de alcançar mercados locais e regionais, cujos critérios de qualidade percebidos e valorizados pelo consumidor ainda não estão consolidados”. (MIOR, L, 2003, p.109), segundo este mesmo autor, as agroindústrias convencionais podem ser analisadas a partir da noção de redes verticais de desenvolvimento rural, enquanto as agroindústrias familiares seriam analisadas através de redes horizontais de desenvolvimento rural. Consequente com conceituação de redes horizontais, Wilkinson, J. (2003), aponta que “Ao focalizar a dinâmica do local e do território, cada vez mais as abordagens analíticas de coordenação horizontal substituem ou complementam os enfoques de cadeia e relações verticais”. (WILKINSON, J, 2003, p. 72).

As dinâmicas e trajetórias espaço-temporais dos territórios globalizados têm a sua expressão na escala geográfica local. A este respeito López, M; Carrión, A. (2018), indicam que “neste processo de modificação da produção dos territórios rurais na América Latina, três aspectos se destacam; a. A justaposição entre verticalidades e horizontalidades socioespaciais não implica a desintegração dos atores territoriais; b. Ao nível dos atores, o Estado constitui um intermediário fundamental para reorganizar e priorizar as relações funcionais no sector rural e a imposição de regulamentos e políticas públicas facilita a preeminência das lógicas globais e refuncionalização os territórios para a acumulação de mais-valia; c. a apropriação da mais-valia pelos atores extraterritoriais, no âmbito das escalas, a dimensão espacial da relação entre a economia e os territórios rurais deve ser abordada com um amplo leque, que inclua tanto o micro-local como o supranacional. “As escalas nacionais permitem observar a heterogeneidade territorial e compreender as formas de mediação entre verticalidades e horizontalidades.” (LÓPEZ, M; CARRIÓN, A, 2018, p.18). Da mesma forma, estes autores, López, M; Carrión, A. (2018). Acrescentam que esta perspectiva rejeita uma visão linear e estática do território, para compreender a

multiplicidade de redes, a superposição de escalas e as dinâmicas espaço-temporais que configuram a ruralidade na América Latina. Isto implica reconhecer o território, em si, como agente de desenvolvimento e de transformação sociopolítica.” (LÓPEZ, M; CARRIÓN, A, 2018, p.19).

Desta forma, segundo Mior, L. (2003, p2.), o espaço rural é composto pela interação tanto de redes horizontais como de redes verticais. A abordagem setorial do desenvolvimento rural privilegia a utilização de uma rede vertical, no âmbito de processos mais amplos de produção, transformação e consumo de alimentos e matérias-primas. As redes horizontais visam incorporar a agricultura e os territórios rurais em atividades que estão imersas nas economias locais e regionais; associada à ideia de desenvolvimento territorial, abordada a partir da abordagem territorial, que envolve a noção de redes sociais de inovação e aprendizagem.

As estratégias de desenvolvimento rural são desenhadas a partir do fortalecimento das atividades agrícolas e das atividades não agrícolas. Este mesmo autor propõe que estas redes de inovação sejam mais facilmente construídas em zonas onde prevalece um maior número de pequenas unidades de produção tradicionais, que podem ser o melhor território para aproveitar novas oportunidades económicas.

Este autor, Mior, L. (2003, p2.), seguindo a utilização da abordagem de rede proposta por Murdoch, identifica três tipos de região associados aos tipos de redes:

O primeiro seria o tipo de regiões onde predominam as cadeias e mercadorias específicas, com padrões de produção padronizados.

O segundo tipo de região, onde predominam as estratégias competitivas ligadas à produção diversificada, resultantes da presença de redes de pequenas e médias empresas do sector agrícola e não agrícola.

A terceira seriam as regiões marginalizadas tanto pelas redes padronizadas de produção especializada de mercadorias como pela produção diversificada ligada a relações horizontais de inovação e aprendizagem.

Analisando o caso do café, os autores destacam que o Comércio Justo é uma forma pela qual as agroindústrias convencionais e artesanais se distanciam na forma como se

relacionam com o território. As redes convencionais são desenraizadas dos espaços regionais para se inserirem no mercado globalizado, enquanto as redes alternativas tornam-se redes sociais do território. Redes sociais mais amplas, de parentesco, de amigos, evidências como a agricultura familiar, através da reativação de laços sociais, estabelecem estratégias para estabelecer mercados para seus produtos de valor agregado.

Destacam que desta forma a coexistência destas diferentes redes estará condicionada ao desenvolvimento e consolidação da agricultura familiar e das suas redes horizontais de desenvolvimento rural. Da mesma forma, a sustentabilidade dependerá da continuidade e do fortalecimento das redes horizontais, bem como da maior presença de políticas públicas de apoio a estes novos arranjos entre a agricultura familiar e os processos de agregação de valor e o território.

1.1.1. A análise do espaço rural a partir da Geografia

O surgimento da Geografia Humana moderna na segunda metade do século XIX coincide com um mundo ocidental predominantemente rural; predominava o espaço para atividades agrícolas; portanto, as dinâmicas e os estudos rurais foram de significativa importância. A partir da geografia, o ambiente rural tem sido analisado a partir de diferentes abordagens; assim a conceituação tem variado desde a Geografia da Agricultura, Geografia Agrícola, Agrária e Rural, nas quais se diferenciam pelo seu conteúdo e abordagens metodológicas. Felizola, D, (1984) aponta que há confusão entre os conceitos; indica que alguns autores os utilizam como sinônimos, sendo importante a distinção entre esses conceitos, especialmente pela preocupação dos geógrafos com o desenvolvimento rural. (FELIZOLA, 1984, p.7).

Neste sentido Teixeira, M; Lages, V (1997), aponta que:

“Os geógrafos interessavam se, por tanto, mais pelo campo que pelas cidades, e pelas atividades agrícolas mais que por outras atividades. Eles estudavam o espaço

rural, o que fez de Geografia a disciplina que estudava/analisa a relação entre o homem e o meio natural. Essa Geografia era essencialmente agrária, interessando-se em particular pela paisagem agrária, da qual estudava particularmente a morfologia agrária e o habitat”. (TEIXEIRA, M; LAGES, V, 1997, p.20).

Segundo este mesmo autor, é, portanto, a *École Française de Géographie*, com suas grandes teses, de extenso conteúdo rural, trabalhando no inventário de situações problemáticas agrárias, que teve seu auge na década de 1950; reconhecendo um estatuto preponderante à Geografia Rural. Os temas que marcam o período: as paisagens agrícolas, as relações entre os tipos de agricultura e a pressão demográfica, o papel e o valor explicativo do ambiente natural, clarificando a diversidade das paisagens agrícolas.

Da mesma forma, De Oliveira, D (2000), referindo-se ao caso do Brasil, aponta que: “considerando-se que a agricultura é a atividade econômica mais antiga da sociedade e que, quando de sua sistematização, a Geografia surge em meio a uma sociedade agrária, na qual o econômico era o rural e o tipo de organização espacial mais visível e dominante era a rural, a ênfase nos estudos rurais foi, de certa forma, natural”. (DE OLIVEIRA, D, 2000, p. 58).

No início da década de 60 já ocorriam transformações significativas, o foco das pesquisas estava orientado para o urbano - a cidade; devido ao intenso movimento populacional no sentido rural-urbano. Teixeira, M; Lages, V (1997), diz que “mudanças de enfoque vão ficar marcas com a tese de Bonnamour (1966), onde o retrato do território e as medidas de produção comparecem mensuradas com precisão, e a questão ambiental já recebe destaque”. (TEIXEIRA, M; LAGES, V, 1997, p.20). Segundo este mesmo autor, durante a década de 60, como resultado do impacto do pensamento de François Perroux, é que o conceito de região recebe adjetivos de homogêneo e uniforme, passando a qualificar os espaços regionais onde havia dominação agrícola, desta forma vista pelo ângulo da agricultura. Daí o surgimento da expressão “região-paisagem” para pensar a correspondência do termo “região polarizada”, aplicado a espaços dotados de centralidade.

Retomando a necessária diferenciação que Felizola (1984) propõe, a Geografia Agrícola, dedicou-se ao estudo da produção agrícola, dos tipos de atividade produtiva, da evolução dos sistemas agrícolas e da estrutura espacial da atividade agrícola. variações na

agricultura, dando maior importância à agronomia e à economia da produção agrícola. Morgan, WB, Munton, RJC (1975), apontam que:

“Los geógrafos agrícolas, antes de 1950, han estado obsesivamente preocupados por la explicación de la distribución de modelos, derivada del solo estudio del medio ambiente físico. Hasta cierto punto es difícil concebir una única disciplina de geografía agrícola, porque en ella las relaciones son de muy diferentes tipos, tan diferentes que no pueden ser incorporadas como relaciones dentro de un sistema único de leyes, aun cuando puedan ser descritas como fenómeno espacial mediante un único, aunque complejo modelo geométrico – (referidas a las contribuciones teóricas de von Thünen y Losch)”. (MORGAN, W.B, MUNTUN, R.J.C, 1975, p.71-72).

No que diz respeito à Geografia Agrária, segundo Faucher, D (1975), “esta se halla más atenta a los resultados del cultivo que a sus procedimientos. La naturaleza de sus productos, las condiciones económicas de su obtención, el modo de vida de los cultivadores, los caracteres y las transformaciones del paisaje rural, constituyen su objeto particular”. (FAUCHER, D. 1975, p. 11-12). Segundo este mesmo autor, a Geografia Agrária descreve as formas dos meios e da atividade agrícola; é uma geografia qualitativa.

A Geografia Agrária proporciona uma nova interpretação geográfica da agricultura, já interpretada por Gregor, H (1973), incorporando a produção, o uso dos produtos e sua circulação. Segundo Derruau, M. (1970),

“La Geografía Agraria no es sinónimo de la Geografía Agrícola. La Geografía Agraria tiene más en cuenta los resultados de la explotación sobre el paisaje, estudia el peso que ejerce el pasado sobre el presente. Adquiere un énfasis en lo cualitativo y evolutivo; es esencialmente sintética, jamás pierde de vista los conjuntos agrarios, -el sistema agrario-, es decir; las ordenaciones espaciales, y temporales en sus relaciones con las técnicas y con los vínculos sociales.”. (DERRUAU, M, 1970, p.207-208).

Da mesma forma, o autor destaca que Geografia Agrária não é sinônimo de rural. Geografia Rural é a geografia do campo.

No campo latino-americano, a Geografia Agrária Brasileira foi responsável pela maior parte dos estudos em Geografia Humana na subárea de Geografia Rural. Colocado

em segundo plano pelos estudos urbanos, produto do intenso processo de urbanização. Na Geografia Agrária Brasileira destacou-se a presença de Leo Waibel, que trabalhou no Conselho Nacional de Geografia, no Rio de Janeiro. Waibel, L (1958), escreveu:

“Para o geógrafo, entretanto, a agricultura não é apenas um conjunto de estabelecimentos, mas um fenômeno fundamental de uma paisagem, de um país e de toda a superfície da terra” ... Para a geografia, ao contrário, a agricultura é um importante fenômeno da superfície da terra e é sua atribuição tentar de crer a sua diferenciação espacial, procurando ao mesmo tempo esclarecer as forças atuantes...” (WAIBEL, L, 1958, p.3-4).

Segundo Valverde, O. (2006), que estudou a contribuição de Waibel, L. aponta que “Os três aspectos da geografia agrícola – o estudo da geografia agrícola envolve, segundo Waibel, três tratamentos diferentes, que são chamados respectivamente: geografia agrícola estatística., Geografia agrária ecológica e geografia agrária fisionômica. Segundo este autor, a geografia agrícola estatística limitava-se a representar cartograficamente a distribuição das áreas de produção agrícola. (VALVERDE, O, 2006, p.1). Tanto a Geografia Agrária como a Agrícola estão relacionadas com o espaço rural, um subespaço do espaço geográfico.

A perda de importância das atividades agrícolas na economia global dos países desenvolvidos após a Segunda Guerra Mundial e a diversidade de funções que as zonas rurais vão progressivamente adoptando, levam à utilização do termo Geografia Rural com maior frequência na investigação geográfica. mais completo e adequado para definir a nova realidade espacial e funcional. Paniagua, A, (2006), identifica três fases principais da geografia rural. Uma primeira fase até aos anos sessenta, em que a geografia rural está ligada à geografia regional, uma segunda fase de renovação e autonomia da disciplina a partir dos anos sessenta-setenta ligada ao positivismo e à relevância do estruturalismo, e finalmente uma terceira que se desenvolveu no últimas duas décadas de forma associada à influência de correntes ambientais e ético-reflexivas. (PANIÁGUA, A, (2006, p.71).

Na primeira fase, segundo este autor, houve predomínio da geografia regional francesa; a investigação geográfica era basicamente rural, dado que a base económica eram as atividades agrícolas. A geografia agrária estudou paisagens e estruturas socioeconômicas ligadas à agricultura. Com interesse voltado para paisagens agrícolas, produções e fazendas.

A escola regional francesa fundada por P. Vidal de la Blache atinge nesta fase a sua expressão máxima; O rural e o regional são conceitos considerados sinônimos na abordagem possibilista desta escola. Os temas rurais são hegemônicos e superam aqueles cuja finalidade é a Geografia Urbana ou a Geografia Industrial.

Na segunda fase, após a Segunda Guerra Mundial, as questões agrárias perdem relevância devido ao surgimento da urbanização e da industrialização nos países desenvolvidos; A economia dos países deixa de ser primordialmente agrícola e a Geografia prioriza a análise de outros ramos; como Geografia Urbana, Transporte, Comércio, Indústria.

A Geografia Teórico-quantitativa inicia seu surgimento e há uma transformação nos temas, abordagens e métodos da Geografia. A Nova Geografia começou nos Estados Unidos, Reino Unido e Suécia, espalhando-se por outros países. Relevantes foram os estudos agrários do economista von Thünen, com a aplicação da teoria da localização e da abordagem sistêmica. Priorizando associações espaciais, para transformá-las em modelos e leis.

Na terceira etapa, o surgimento da corrente da Geografia crítica e humanista, como reação à *New Geography*, reforça o surgimento dos estudos rurais; priorizando análises que respondam às profundas transformações vividas pelas áreas rurais nos países industrializados. A Geografia marxista, crítica ou radical, ganha espaço, o espaço rural é explicado como um conflito social entre vários grupos com estratégias diferentes, são analisadas as questões sociopolíticas em que os sistemas agrários se desenvolvem.

Geografia Humanista, que retoma o conceito de paisagem, o conceito de lugar e estuda o espaço rural de um ponto de vista holístico, antropocêntrico, experiencial e existencial. Os estudos rurais ressurgem neste contexto, de forma ampla, diversificada e multidisciplinar. O ambiente rural não analisa apenas a dinâmica agrária, mas também temas marginalizados na análise geográfica, tais como; a valorização da paisagem e a sua utilização para atividades lúdicas e recreativas, o ordenamento do território, o despovoamento rural, a urbanização e industrialização do campo, os transportes no meio rural, as novas funções dos espaços rurais, a inclusão do sector agrícola nos circuitos de mercado, a participação das mulheres rurais trabalho, agricultura orgânica,

desenvolvimento sustentável. Com esta nova visão, os estudos da geografia rural são reabilitados.

Algumas obras que contribuem para esta nova visão da geografia rural; Clout, HD (1976), seu trabalho pioneiro no novo tratamento do mundo rural. A Geografia Rural é definida como o estudo do uso social e económico recente da terra e das mudanças espaciais ocorridas em áreas de menor densidade populacional, que, pelas suas componentes visuais, são reconhecidas como rurais. García, Ma D; Tulla, A. & Valdovinos, N (1995), salienta que “la geografía agraria, el análisis del paisaje como una relación de los distintos elementos naturales y humanos, que conforman un espacio donde predominan dichas actividades, ha permitido una visión de conjunto de dicho espacio”. (GARCÍA, M.^a D; TULLA, A. & VALDOVINOS, N (1995, p. 36). Neste sentido, García, M (1981), é preferível utilizar o termo espaço rural, pois considera que o os campos de estudo da Geografia Agrícola, Agrária ou Rural estão cada vez mais interligados entre si e as suas fronteiras estão cada vez mais confusas.

A esse respeito, Kayser, B. (1972), aponta que:

“El establecimiento de un nuevo sistema de relaciones ciudad-campo integran a la vez los elementos y los factores del nuevo sistema, que permiten explicar este cambio; la evolución tecnológica de los transportes, el crecimiento urbano, dinamismo demográfico, la ciudad se extiende, se ensancha, el sector moderno, esté asegurado por explotaciones capitalista o por explotaciones campesinas, se liga a unos circuitos de comercialización deslocalizados, la difusión de los modelos culturales e ideológicos, la riqueza del campo es drenada por las empresas nacionales o internacionales, la noción de área de influencia pierde contenido e importancia”. (KAYSER, B, 1972, p.212-213).

A este respeito, Teixeira, M; Lages, V. (1997), ressalta que os agricultores utilizam apenas parte do espaço rural. O espaço tornou-se multifuncional, apoiando ainda os sistemas agrícolas e agrários, apoiando a vida dos agricultores, mas tornou-se um ambiente para uma população que não tem relação direta com a terra, que quase não reside no meio rural ou a utiliza para atividades de turismo e lazer. O espaço rural é parcialmente agrícola. A paisagem rural não se traduz em relações de longo prazo entre o agricultor e a terra, mas revela a coexistência, a justaposição, seja pacífica ou conflituosa, entre vários grupos sociais. (TEIXEIRA, M; LAGES, V, 1997, p.29).

Segundo este mesmo autor, é ainda nesta zona rural que se encontra o habitat do que resta da biodiversidade do planeta, dos recursos hídricos, das belas paisagens. Ainda é local de produção de alimentos e biomassa, portanto, um espaço de grande importância, quaisquer que tenham sido as transformações qualitativas e quantitativas.

Nesse sentido, Moreira, (2002), menciona que a associação do rural com a natureza e com a vida na terra exige que compreendamos os contornos (o espaço ecossistêmico), as especificidades (do lugar onde se vive) e das representações (o lugar onde o mundo é visto e experimentado). A urbanidade contemporânea globalizada revaloriza a vida no campo, a produção de alimentos saudáveis e de culturas tradicionais, quer como património cultural e natural dos territórios. (MOREIRA, 2002, p.254).

Além disso, Barbosa, J; E Neiman, G. (2005), lembre- sé que, “Imbuidas las economías nacionales en el proceso de modernización —contrario a las visiones del agro sostenidas hasta los setenta— predominó el consenso de que mientras más rápido la economía de cada país pudiese disminuir su dependencia en esta área, más expedita sería su entrada a la modernidad. Se pensaba, y aun en muchos sectores, que país desarrollado era sinónimo de urbanizado, industrializado, prestador de servicios y exportador”. (BARBOSA, J; Y NEIMAN, G, 2005, p.1). Apesar da influência destas complexidades e desta abordagem predominante, o campo continua a ser um espaço marcado por menos mediações que o espaço urbano.

Conforme apontado por Medeiros, M, 2002),

“A maior ou menor intensidade dos laços e relações próximas verificados no primeiro depende sobretudo de como os grupos sociais que sobre ele atuam se relacionam com a terra, podendo implicar questões de territorialidade e sentimento de localidade. O espaço rural corresponde a um meio específico, de características mais naturais do que o urbano, que é produzido a partir de uma multiplicidade de usos nos quais a terra ou o “espaço natural” aparecem como um fator primordial, o que tem resultado muitas vezes na criação e recriação de formas sociais de forte inscrição local, ou seja, de territorialidade intensa”. (MEDEIROS, M, 2002 p.109).

Desta forma, ao longo do tempo têm ocorrido diferentes situações em que não só os fundamentos, abordagens e interpretações da Geografia Rural sofrem alterações substanciais, mas também os objetivos e temas por ela abordados. CASTRO, H. (2018), sinala que pesquisas recentes referentes ao campo latino-americano destacam a

revitalização das questões rurais, que se tornariam, assim, um sinal das geografias contemporâneas. Esta revitalização está associada a uma diversidade de processos e problemas económicos, políticos e socioculturais.

Em que se destacam, segundo este autor, a reestruturação agrária e a expansão do agronegócio, a promoção do turismo recreativo e da valorização patrimonial do campo, os movimentos em defesa da agricultura familiar e da soberania alimentar e, em articulação com eles, a disputas em torno de terras, ambientes e territórios e as propostas de políticas de desenvolvimento rural.” (CASTRO, H, 2018, p. 19). Este autor levanta uma crítica ao urbano como única forma de olhar o espaço.

A geografia rural, como aponta Paniagua, A. (2006), não escapa a outra das tendências recentes nas ciências sociais, como a tomada em consideração do pensamento filosófico ou como tem sido recentemente chamada de abordagem filosófica do espaço; aparece ligado às obras de Henri Lefebvre, Pierre Bourdieu ou Michel Foucault. Esta tendência conduz a uma compreensão do espaço baseada no argumento da coprodução de conhecimento e na seleção de elementos de análise para uma compreensão seletiva e, em certa medida, elitista do espaço. Essa coprodução ocorre por meio da reflexividade em torno do espaço, mas também dos próprios pesquisadores, os geógrafos rurais. (PANIÁGUA, A, 2006, p. 79).

Um aspecto relevante que Paniagua, A, 2006 aponta, e que reconhece uma característica da Geografia Rural, menciona que “Esta variación espacial en el desarrollo de la geografía rural pone de manifiesto el carácter eminentemente aplicado de la disciplina. Los problemas en cada área varían y en relación con ellos es preciso introducir cambios en los enfoques y en la agenda de investigación”. (PANIAGUA, A. (2006, p. 71). Neste mesmo sentido, Barbosa, J; e Neiman, G. (2005), dizem que:

“Los procesos entendidos como locales se desenvuelven en territorios diversos, con distintos actores, y, por ende, de historias y trayectorias sociales múltiples. Estos mismos desarrollan estrategias pertinentes para insertarse en el campo de la globalización. Entre este micro escenario llamado lo local, y el macro escenario de la globalización se sitúa un tremendo campo de elementos que hacen incierto el devenir del mundo, y en particular de lo rural”. (BARBOSA, J; Y NEIMAN, G, 2005, p.1).

Estos autores consideran que Latinoamérica, zona rica en diversidad territorial y cultural, constituida en gran parte por una extensa ruralidad, genera variados tipos de localidades y realidades locales, lo que entrega un amplio campo de estudio para lo que son las implicancias de lo global en la agricultura.

Como apunta Paniagua, A (2006)

“Interviene una permanente influencia de las tendencias teóricas y metodológicas generales de la geografía y en muchas ocasiones de las propias ciencias sociales. Estos dos ejes en la progresión de la geografía rural tienen diferentes velocidades en las distintas áreas geográficas y científicas que pudiésemos admitir: anglosajona, francesa, latinoamericana o del sur de Europa, lo que determina una notable variación de enfoques. También es fruto de realidades sociales, ambientales y propiamente espaciales diferentes. (PANIAGUA, A, 2006, p.71).

Por sua vez, Moreira (2002) destaca que em Na “contemporaneidade da pós-modernidade e da globalização, o rural hegemônico tende a ser imaginado e visto como paisagens culturais e naturais, locais de paz e descanso, e não como domínio de determinadas expressões sociais, econômicas, culturais, estéticas e éticas. e assimetrias de poder”. (MOREIRA, 2002, p. 267). Este mesmo autor aponta que a aplicação deste modelo interpretativo para revelar as hierarquias de poder e a produção político-social de inferioridades dentro e fora das comunidades, nações e da humanidade globalizada poderia revelar comparativamente complexos e diferentes hegemônicos, contra hegemônicos e subalternos, ruralidades nacionalizadas e globalizadas.

Teubal, M. (2001), aponta que enquadra nos processos de globalização e de ajustamentos estruturais que a acompanharam,

Muchos de los fenómenos que se agudizaron en estas décadas reflejan la intensificación del dominio del capital sobre el agro en el marco de un proceso capitalista crecientemente globalizado: la difusión creciente del trabajo asalariado; la precarización del empleo rural; la articulación de los productores agrarios a complejos agroindustriales en los que predominan las decisiones de núcleos de poder vinculados a grandes empresas transnacionales o transnacionalizados multicupación; la expulsión de medianos y pequeños productores del sector; las continuas migraciones campo-ciudad o a través de las fronteras; la creciente orientación de la producción agropecuaria hacia los mercados; etc.” (TEUBAL, M, 2001, p. 46-47).

Estas dinâmicas determinam transformações territoriais nos espaços rurais, sendo especialmente importante uma redefinição do mundo rural; marcado pela concentração e exclusão que os processos de internacionalização da economia marcam os territórios.

Segrelles, J, 2001), aponta que:

“La globalización de los mercados y la liberalización e intensificación del comercio internacional continuarán relegando a los países latinoamericanos al mero papel de abastecedores de materias primas y alimentos baratos con el fin de satisfacer el aumento de la demanda mundial y las exigencias de las firmas transnacionales, cuyo único objetivo es adquirir esas materias primas al mínimo precio posible bajo la excusa de una supuesta defensa de los intereses de los consumidores del mundo desarrollado”. (SEGRELLES, J, 2001, p.19).

Neste complexo sistema de relações, as empresas instalam-se onde as vantagens comparativas são melhores, seguindo a lógica da rentabilidade a curto prazo, fora da lógica territorial. Teixeira, M; Lages, V. (1997). “As finanças, que viajam a velocidade da luz, comandam as decisões sobre o aparelho produtivo. A lógica a qual o aparelho produtivo obedece não é mais a de produzir valorizando um determinado território ou de assegurar o bem-estar dos homens, mas de rentabilizar o patrimônio financeiro”. (TEIXEIRA, M; LAGES, V, 1997, p.28-29). Segundo o autor, isso levanta novas questões para a Geografia Rural, visto que implicam transformações no espaço, nos territórios e nos homens.

Porém, embora o campo tenha passado por profundas transformações nas últimas décadas; O mundo rural também incorpora novas percepções que avançam lentamente, mas que definem um espaço de ação para as populações. (Hubert C. de Grammont (2006) “Além destas mudanças inerentes à evolução da sociedade, houve outras não menos importantes, como novas percepções sobre sustentabilidade e desenvolvimento rural, com uma visão mais abrangente que toma como unidade de ação no território, em vez da tradicional divisão de atividades em setores produtivos não interligados”. (HUBERT C. DE GRAMMONT, 2005, p.16).

Abordagens alternativas foram visualizadas a partir da década de 90, Sepúlveda, S; Boisier, S; e Edwards, R (1996); Boisier, (1999); Giarracca, N (2001); Echeverri e Ribero, 2002; Echeverría, 2003; Favareto, 2007; Pérez, 2001; Schejtman e Berdegué, 2003; Veiga, 2002); Sepúlveda, S; Rodríguez, A; Echeverri, R e Portilla, M (2003), a partir do conceito de nova ruralidade, como forma de olhar o campo latino-americano.

Da mesma forma, Berdegú, JA e Favareto , A (2019), analisam como a proposta de abordagem territorial do desenvolvimento rural se baseia em cinco aspectos fundamentais, nomeadamente; definição do território como espaço socialmente construído, reconhecimento da diversidade setorial da economia rural, valorização do papel dos espaços urbanos e das relações rural-urbanas, as estratégias e programas de desenvolvimento de cada território devem ser construídos a partir de baixo, a estratégia e o programa de desenvolvimento de cada território inclui a construção de um ator territorial coletivo. Proposta que deu frutos de forma desigual nos países e sobre a qual os promotores a analisam com uma visão crítica. Indicando genericamente que as propostas continuam em vigor com poucos avanços. (BERDEGUÉ, JA E FAVARETO, A, 2019, p.5).

Com esta visão do território, o conceito de nova ruralidade resgata os elementos de mudança que já se manifestavam há décadas, mas invisibilizados nas políticas públicas e na concepção de um espaço rural predominantemente agrícola. Na década de 1990 e início de 2000, esta visão foi discutida e ampliada, contribuindo para uma imagem de espaço rural dinâmico e multifuncional; em que a agricultura faz parte de mais uma série de atividades que revitalizam esses espaços.

1.1.2. O novo rural e a nova ruralidade nos estudos rurais

A nova ruralidade, conceito que começou a ser utilizado na América Latina, no final dos anos oitenta, início dos anos noventa. Está relacionado com as transformações que o espaço rural sofreu em decorrência das políticas neoliberais; O espaço rural deixa de ser concebido como sinónimo de agricultura, assiste-se ao surgimento de diversas atividades; além de uma multiplicidade de atores que interagem em um mesmo espaço. A esse respeito, Ávila, H. (1999), destaca que:

En América Latina, la aplicación de las políticas neoliberales ha derivado en una modificación profunda de las estructuras territoriales, sobre todo en el sector rural. La manifestación principal de éste fenómeno, ha sido el establecimiento de una diferenciación en los roles que desempeñan los actores sociales en el desarrollo rural; por un lado, ocurre un proceso de eliminación de grupos de campesinos empobrecidos, que no se insertan en la economía mercantil; por otro, está el desarrollo de mecanismos de sobrevivencia y estrategias de adaptación,

que llevan a cabo otros grupos de actores locales y a través de los cuáles pueden integrarse en los distintos mecanismos de la economía global, aún a costa de una profunda transformación de sus patrones culturales”. (ÁVILA, H, 1999, p.1).

É assim que as transformações na economia e na sociedade rural provocadas pelo processo de globalização neoliberal abrem novas perspectivas de análise da “nova ruralidade”. O que para alguns autores é uma extensão do modelo neoliberal, mas para outros conduz a novas oportunidades. Segundo Kay, C. (2007), “los análisis estructuralistas y totalizadores son criticados como dogmáticos o tautológicos y son desplazados por los nuevos estudios que enfatizan la agencia y las capacidades de los sujetos para crear sus propias estrategias de vida y a través de sus múltiples intervenciones transformar su entorno y quizás el más allá”. (KAY, C. (2007, p. 32).

Este mesmo autor salienta que um aspecto central da viragem neoliberal e da globalização é a liberalização dos mercados, o que significa alargar e aprofundar as relações comerciais em todas as áreas possíveis. Para captar estes fenómenos, surgiu uma série de estudos desde a década de 1990 que podem ser incluídos no termo “nova ruralidade”. Por sua vez, Pérez, E (2001), referindo-se ao caso latino-americano no que diz respeito ao contexto da nova ruralidade, salienta que “se acentúa la especialización territorial en función de la existencia de ventajas competitivas, y se acrecienta la dependencia de la actividad agrícola de las empresas industriales y de distribución”. (PÉREZ, E, 2001, p. 22).

A partir do contexto da nova ruralidade, o espaço rural é visualizado como um campo complexo e diversificado; há uma mudança da tradicional abordagem monofuncional dos espaços rurais para uma abordagem multifuncional. Nesse sentido, Llambí (2004) destaca que a ênfase principal nessas pesquisas está na ampliação da visão do campo do agrário para o rural, na ênfase na multifuncionalidade dos espaços rurais devido à crescente importância das atividades não agrárias e inter-relação mais fluida e intensa entre o rural e o urbano e o local com o global, e em destacar as mudanças significativas nos padrões culturais e de vida rurais.

Nesta nova ruralidade, segundo Babilonia, R; Suzuki, J (2020); “emergen múltiples tensiones generadas por el nuevo régimen de acumulación capitalista en su intento por

apropriarse de los territorios y sus recursos, acentuando con él las diferenciaciones en el medio rural, lo que se refleja en la aparición de diversas formas de resistencia que se oponen al despojo del sustento simbólico y material de su existencia; aspectos visibles en los espacios rurales de América Latina desde 1990, momento en el que se incorporan y expanden las políticas neoliberales en el continente”. (BABILONIA, R; SUZUKI, J, 2020, p.247). Ávila, H (1999), enfatiza que “Las formas bajo las que se han implantado las políticas neoliberales, han socavado o bien transformado las pautas de comportamiento de actuación de los actores sociales, con respecto a la utilización de sus territorios”. ÁVILA, H, 1999, p.3).

Reconhecendo o mérito das atividades não agrícolas, como elemento identificador da nova ruralidade; alguns autores reconhecem a importância da ruralidade com alternativas para o produtor camponês; priorizando a produção de alimentos de melhor qualidade, a agricultura biológica, a promoção de conhecimentos e competências produtivas, a criação de novos nichos de mercado, entre outros. Como opções para fortalecer a economia camponesa com um modelo alternativo, com apoio às iniciativas locais e ao desenvolvimento endógeno, que possa levar a uma maior participação das populações locais e à autogestão do território.

Outros aspectos analisados pelos investigadores do mundo rural são os territórios e a forma como estes se relacionam com a globalização. Segundo Kay, C (2007), são examinadas as relações entre o local e o global, criando-se inclusive o termo “globalização”. para indicar a estreita relação estabelecida em algumas regiões entre os dois. São apresentadas propostas de desenvolvimento local, muitas vezes com ênfase no endógeno, e de desenvolvimento territorial rural no âmbito nacional, buscando a sua complementaridade. (KAY, C, 2007, p. 44).

Segundo este mesmo autor, chamam a atenção para a pluriatividade das famílias camponesas que se envolvem cada vez mais numa variedade de atividades e serviços produtivos não agrícolas no meio rural, como o artesanato, as pequenas oficinas e as microempresas fabris, o comércio e o turismo.

Uma importante contribuição é oferecida por Graziano (1999) que define que o novo rural é constituído por: 1) Agricultura moderna, baseada em commodities e ligada às

agroindústrias; 2) Atividades de subsistência, que giram em torno da agricultura rudimentar e da criação de pequenos animais, e que são a parte excluída do agronegócio, 3) Atividades não agrícolas, ligadas à habitação, lazer e diversas atividades industriais e agrícolas, serviços, e 4) Novas atividades agrícolas, localizadas em nichos de mercado específicos.

Ávila, H (1999), destaca que novas formas, novas estratégias são colocadas em prática, como forma de sobrevivência. Os atores locais, neste caso as comunidades camponesas que possuem um certo potencial económico e tecnológico, desenvolvem mecanismos de adaptação às novas condições. É necessário aprofundar o estudo de como os agricultores e chefes de família lidam com estas situações e desenvolvem os seus projetos de sobrevivência; como as estratégias são desenvolvidas, mobilizando e reconstruindo recursos sociais e identidades.

Este tipo de questões tem sido abordado através do conceito de “nova ruralidade”. (ÁVILA, H, 1999, p.4). Neste sentido, este mesmo autor identifica temas centrais na investigação dos espaços rurais: a) O território como noção e unidade económica (novas formas e processos produtivos, novas relações sociais); b) A questão da identidade e do sentimento de pertença ao território; c) Novas formas de uso e apropriação dos espaços.

A nova ruralidade conduziu a uma mudança económica associada à dinâmica de diversificação das sociedades rurais, de economias anteriormente orientadas para a agricultura. Segundo Arias, P. (2009) “La explotación de la tierra, ligada exclusivamente al quehacer agrícola resulta, hoy por hoy, inviable para garantizar la supervivencia de la mayor parte de las familias que viven en el campo”. (ARIAS, P, 2009, 128-129).

Este mesmo autor destaca que alguns processos de diversificação-especialização têm sido bem-sucedidos devido a; a) pela forma como determinados grupos locais capturaram tendências e enfrentaram metamorfoses externas, b) pela capacidade dos grupos locais em reelaborar e reajustar trajetórias locais para se inserirem, c) pela forma como os grupos locais conseguiram redefinir a sua espacialidade e redesenhar a suas articulações espaciais.

A nova ruralidade manifesta-se como resultado de processos locais de procura de alternativas económicas em reação à perda da agricultura como atividade principal no meio rural. Nesta noção de nova ruralidade emergem vários processos, como a pluriatividade e a multifuncionalidade dos espaços rurais; que contribuem para abordar esta complexa zona

rural como resultado das mudanças estruturais da economia e dos efeitos da globalização como expressão a nível territorial.

Neste sentido, Mior, L. (2003), salienta que a perspectiva do novo rural constitui um importante contributo para a compreensão das novas dinâmicas de desenvolvimento dos espaços rurais. Este autor salienta que “O importante a assinalar aqui é que recursos menosprezados pelo modelo de modernização agrícola, como a cultura e o saber fazer local, são agora vistos como cruciais para a emergência de novas redes de produção e consumo alimentares”. (MIOR, L, 2003, p.107).

Este autor enfatiza que a tentativa de construção de redes agroindustriais artesanais, rumo a estratégias territoriais/horizontais de desenvolvimento rural, pode refletir uma tentativa de alcançar mercados locais e regionais, cujos critérios de qualidade percebidos e valorizados pelo consumidor ainda não estão consolidados. Por aqui agroindústrias familiares rurais são convenientes analisá-los através de redes horizontais de desenvolvimento rural.

Da mesma forma, Blanco, E. (2004), menciona que “As novas ruralidades estão criando oportunidades efetivas de trabalho e renda, com a associação do turismo rural às propriedades de agricultura familiar, tornando os produtores familiares prósperos empreendedores rurais. Valorizar e estimular essas novas atividades não-agrícolas são estratégias concretas voltadas ao desenvolvimento local. (BLANCO, E, 2004, p, 44).

As novas ruralidades e o novo rural demonstram esta constante e crescente diversificação das atividades não agrícolas, para além das atividades agrícolas tradicionais no meio rural. Que favoreçam uma maior integração das populações no meio rural, com processos de ruptura e continuidade para quem conseguir adaptar estratégias alternativas. Este conceito de nova ruralidade que começa a ser utilizado na América Latina permite-nos explicar a complexidade dos processos e atores que interagem no meio rural, uma vez que o espaço rural não é mais concebido como agrícola, mas sim abriga uma diversidade de atividades. Estas transformações promovidas no contexto da globalização neoliberal, que para alguns autores representam oportunidades de inserção na economia das áreas rurais. A agricultura familiar ressurge como parte desta nova ruralidade neste contexto de contrastes e contradições do meio rural marcado por processos de concentração e exclusão.

1.2 Territórios rurais e o ressurgimento da agricultura familiar

Esta seção mede a importância da agricultura familiar no espaço rural na geração de novos processos como a pluriatividade, a multifuncionalidade e o fortalecimento de uma visão territorial; bem como o seu papel central na participação em sistemas agroalimentares e mercados alternativos. Argumenta-se que estes surgem como uma alternativa aos modelos padronizados de sistemas agroalimentares convencionais associados às cadeias globais de mercadorias; enquanto os mercados alternativos são vistos a partir do nível local, ligados a mercados baseados em nichos ou especificidades e que valorizam as horizontalidades do território; contribuindo para o fortalecimento da agricultura familiar no meio rural.

A discussão sobre a importância da agricultura familiar no fortalecimento do espaço rural ressurge na década de 1990, após se considerar que ela estava desaparecendo devido à acelerada modernização da agricultura. São vários os elementos que permitem reafirmar esse florescimento da agricultura familiar. De acordo com (Van der Ploeg 2015); é a sua notável contribuição para a produção alimentar global, ao promover a soberania e segurança alimentar, o seu impulso para gerar emprego agrícola e, com ele, o alívio da pobreza e a promoção da permanência da população rural e a sua contribuição para a melhoria ambiental, climática e rural. sustentabilidade cultural.

Destaca a importância da agricultura familiar em dez das qualidades indicadas por Van der Ploeg, J (2017), no quadro 6. Este autor reconhece a importância destas dez qualidades, em três áreas de desenvolvimento da agricultura familiar; equilíbrio entre o estabelecimento e a família, unindo passado, presente e futuro e a ligação com o seu ambiente. Na produção de cafés especiais, essas qualidades tornam-se fundamentais para entender como se estabelecem estratégias de inserção.

Quadro 6. Dez qualidades da agricultura familiar. A maneira como as pessoas cultivam e vivem, e um modo de vida.

Equilíbrio entre estabelecimento e família.	Unindo passado, presente e futuro	Conexão com seu ambiente
(1) A agricultura familiar tem controle sobre os principais recursos.	(4) Os estabelecimentos familiares proporcionam à família parte ou a totalidade dos seus rendimentos e dos alimentos que consomem.	(8) O estabelecimento familiar é um local onde a cultura e o património cultural são vivenciados e preservados.
(2) A maior parte de sua força de trabalho vem da família.	(5) O estabelecimento familiar não é apenas local de produção, é o local da família agricultora.	(9) A família e o estabelecimento são partes integrantes da economia rural, estão ligados às localidades e são portadores dos códigos culturais da comunidade a que pertencem.
(3) A ligação entre a família e o estabelecimento é central para o desenvolvimento do próprio estabelecimento.	(6) A agricultura familiar faz parte de um fluxo que une passado, presente e futuro, cada estabelecimento tem uma história.	(10) O estabelecimento familiar insere-se na paisagem rural, trabalha com a natureza, equilibra ecológico e preserva a beleza e integralidade das paisagens.
	(7) O estabelecimento familiar é o local onde se acumulam experiências, o aprendizado acontece onde o conhecimento é transmitido às gerações.	

Fonte: VAN DER PLOEG, J (2017). Adaptado por Quirós, 2023.

Nos processos de transformação produtiva dos territórios rurais, a agricultura familiar definida por Schneider (2016) como a categoria social, como unidades de trabalho e produção, em pequenos pedaços de terra, quase sempre de propriedade privada, através dos quais alimentam a própria família, mas também vendem, compram, trocam e acumulam; Possuem uma forma específica de trabalho e produção que se localiza em um espaço geográfico definido e que consiste na interação com um grupo familiar, ligado por laços de parentesco, com uma terra e seus meios de produção, e da mesma forma com outras unidades familiares. e grupos sociais (SCHNEIDER, 2016, p.95). No contexto da transformação dos espaços rurais, a agricultura familiar tem passado por uma série de transformações para integração com outras dinâmicas de produção, transformação e integração nos mercados locais, nacionais e globais; embora representem limitações para a

produção em pequena escala, também constituem oportunidades para manter e conservar o património em que se baseia a agricultura familiar. Ligar território e identidade é como o espaço vivido, o lugar criado, a experiência do lugar.

Referindo-se ao tema, Baudel, María (2004) destaca que a agricultura familiar tradicional dentro deste processo de transformação não pode ser concebida isoladamente da sociedade. As sociedades camponesas definem-se pelos seus laços de integração, nos quais os vínculos comerciais são fundamentais, não podem ser concebidas em isolamento social ou exclusão dos mercados; O que muda é a forma como se integra na sociedade globalizada a cada momento. Para o autor, a transição de um agricultor tradicional para um agricultor moderno deve considerar pontos de ruptura e elementos de continuidade; estabelecendo a diferença entre um agricultor familiar como parte do mundo moderno. Os agricultores familiares são portadores de uma tradição, de alicerces dados pela centralidade na família, nos modos de produzir e no modo de vida, mas devem adaptar-se às condições modernas de produzir e de viver em sociedade.

Neste cenário, as estratégias de adaptação da agricultura familiar incluem; A diversificação produtiva, a pluriatividade, a intensificação do trabalho familiar, a agricultura familiar, o acesso a mercados diversificados e alternativos são vistos como formas de integração da agricultura familiar, mostrando a capacidade de resistência e inovação para enfrentar novos desafios económicos, sociais e culturais. A dinâmica e organização social, produtiva e cultural são mediadas pelas dinâmicas territoriais; onde os processos produtivos consideram a participação vinculante dos pequenos produtores, na tentativa de serem incorporados mais diretamente aos circuitos de comercialização. Sendo que, segundo Heller, O (1999), os agricultores mais envolvidos e dependentes do mercado são precisamente os mais frágeis devido à crise de oferta e procura.

Neste contexto, novos desafios marcam a agricultura familiar, segundo Wilkinson, (2003), salienta que as condições de acesso aos mercados alimentares envolvem novos níveis de qualidade, que criam barreiras à pequena produção tradicional, ao crescimento e à competitividade. de aglomeração e interdependência em espaços territoriais específicos e a valorização dos recursos e saberes tradicionais como opção de incorporação económica da pequena produção. (WILKINSON, 2003. p.62-64). Segundo este mesmo autor, ele

identifica a inovação adaptativa, as iniciativas de ação coletiva e a consolidação de redes inéditas, como as três grandes tendências para a participação da pequena produção.

Da mesma forma, neste contexto o papel da inovação na agricultura e no mundo rural, Oliveira, et al (2011), regressando ao conceito cunhado por Ploeg , JD Van Der, aponta que a produção de novidades é reconhecida como a solução para problemas .diariamente e reconhecidas como as melhores formas de otimizar a utilização dos fatores de produção, com base no conhecimento local e integrando o conhecimento científico com o conhecimento tradicional; sendo uma abordagem alternativa para modernizar os padrões de produção e o modelo produtivista. (OLIVEIRA, et al 2011, p.92).

Esses autores mencionam que os agricultores absorvem tecnologias em ritmos diferenciados, o que passa por um processo de tradução e reconfiguração, por meio do qual atribuem significados aos seus processos de trabalho e às suas relações sociais de produção, negociam sua inserção nos mercados e nas tecnologias, levando em conta não apenas o contexto externo, mas também os seus próprios interesses e condições. Portanto, para a agricultura familiar, essas opções de produção, processamento e comercialização abrem-se como novas oportunidades de participação em nichos de mercado diferenciados, que na questão cafeeira avançam de mãos dadas com novos paradigmas de consumo. Nesse sentido, De Mello, M, Schneider, S (2013), apontam que a situação de crise é o estímulo para que os produtores busquem construir estratégias alternativas que representem formas inovadoras em relação aos mercados, aos processos agrícolas e à articulação entre os atores. na criação de novas instituições, isso os autores chamam de produção de novidades. (DE MELLO, Marco, SCHNEIDER, Sérgio, 2013, p.3-4).

Agricultura familiar segundo Pereira de Souza, R; Buainain, A (2014), “respondendo inclusive às estratégias adotadas – devem ser considerados na análise dos determinantes da competitividade: 1) a diversidade produtiva; 2) a escassa disponibilidade de recursos produtivos e 3) o uso da mão de obra familiar”. (PEREIRA DE SOUZA, R; BUAINAIN, A, 2014, p, 44). Existem na família, especialmente na força de trabalho, como estratégia de reprodução da agricultura camponesa.

Na constituição de redes, a agricultura familiar parte de recursos próprios; conforme apontado por Mior, L, (2003), onde:

Uma parte do processo de constituição dessas redes se dá no seio da família rural e de sua unidade de produção agropecuária. Recursos humanos (mão-de-obra, conhecimentos tácitos, *know how* para processar produtos, para comercializar etc.), produtivos (matérias primas, instalações e equipamentos etc.) e financeiros (poupança interna) são mobilizados para a constituição de uma agroindústria visando agregar valores à sua produção”. (MIOR, L, 2003, p.185).

Este mesmo autor destaca que a redistribuição interna do trabalho familiar rural torna-se um dos principais triunfos para o sucesso da agroindústria familiar. Assim, um dos aspectos que mais chama a atenção na agroindústria familiar é a organização das tarefas de acordo com a competência e satisfação de cada membro do grupo familiar no trabalho, nas diversas esferas de produção e transformação.

Eles são relevantes de acordo com Mior, L (2003), “A mobilização dos recursos sociais do território: a rede familiar, a rede de amigos, a rede dos movimentos sociais”. O que, segundo este autor, resulta no sucesso dos processos de geração de valor agregado e oferta de produto transformado da agricultura familiar. (Mior, L, 2003, p.198).

A este respeito, Wilkinson, J. (1999) refere que “podemos concluir que a produção familiar constitui-se numa categoria econômica com grande potencial de desenvolvimento, contanto que haja condições institucionais favoráveis à sua promoção”. (WILKINSON, J, 1999, p.38). Este autor destaca que a produção agrícola no âmbito da produção familiar depende da capacidade de identificar nichos de mercado ou mercados artesanais.

Da mesma forma, Pereira de Souza, R; Buainain, A (2014), apontam a importância da diversificação para a agricultura familiar, indicando que:

“A diversificação remete um conjunto de fatores culturais, econômicos e ambientais; mas remete, também, as opções estratégicas tomadas em um contexto marcado por um conjunto de restrições históricas e estruturais como, por exemplo, o isolamento e o mau funcionamento dos mercados, que restringiram o potencial de especialização dos pequenos agricultores familiares e reforçaram a necessidade de manter uma produção doméstica mais diversificada”. (PEREIRA DE SOUZA, R; BUAINAIN, A, 2014, p, 44-45).

Estes autores acrescentam ainda que a diversificação possibilita a utilização mais intensiva de recursos escassos, aumentando a eficiência geral dos fatores disponíveis. A diversificação reduz o risco inerente à produção agrícola, na medida em que o agricultor dispõe de um banco de atividades que fornece alimentos, rendimentos e insumos que reduzem os custos monetários de produção.

É reconhecida a importância da agricultura familiar como estratégia de desenvolvimento rural, na geração de atividades agrícolas e não agrícolas, e no potencial de utilização de recursos endógenos, na diversidade produtiva e na capacidade de adotar estratégias para resolver problemas e situações cotidianas enfrentados com frequência. Nesse sentido, Conterato, M; Schneider, S; Dabdab, P (2010), reconhecer a importância da agricultura familiar, “enquanto uma estratégia de desenvolvimento rural, vinculando as atividades agrícolas e não agrícolas às dinâmicas locais e territoriais de desenvolvimento e à sua capacidade de gerar e potencializar endogenamente a base de recursos através da qual a agricultura se reproduz”. (CONTERATO, M; SCHNEIDER, S; DABDAB, P, 2010, p. 151).

Esses autores concordam com o pressuposto de que a reprodução das formas familiares de agricultura é resultado de um conjunto de ações e estratégias diferenciadas no espaço e no tempo. Reconhecendo como característica e vantagem da agricultura familiar a sua capacidade de diversificação produtiva e diversidade empírica; diversidade resultante de atividades agrícolas e não agrícolas; bem como sua heterogeneidade organizacional. Da mesma forma, esses autores Conterato, M; Schneider, S; Dabdab, P (2010), indicam que A “diversidade da agricultura familiar e de apontar as razões através das quais a diversidade depende tanto da capacidade dos agricultores, enquanto atores, de mobilizarem os recursos disponíveis, como do ambiente social e econômico onde estes se encontram e seus determinantes em termos de restrições e possibilidades”. (CONTERATO, M; SCHNEIDER, S; DABDAB, P, 2010, p. 182).

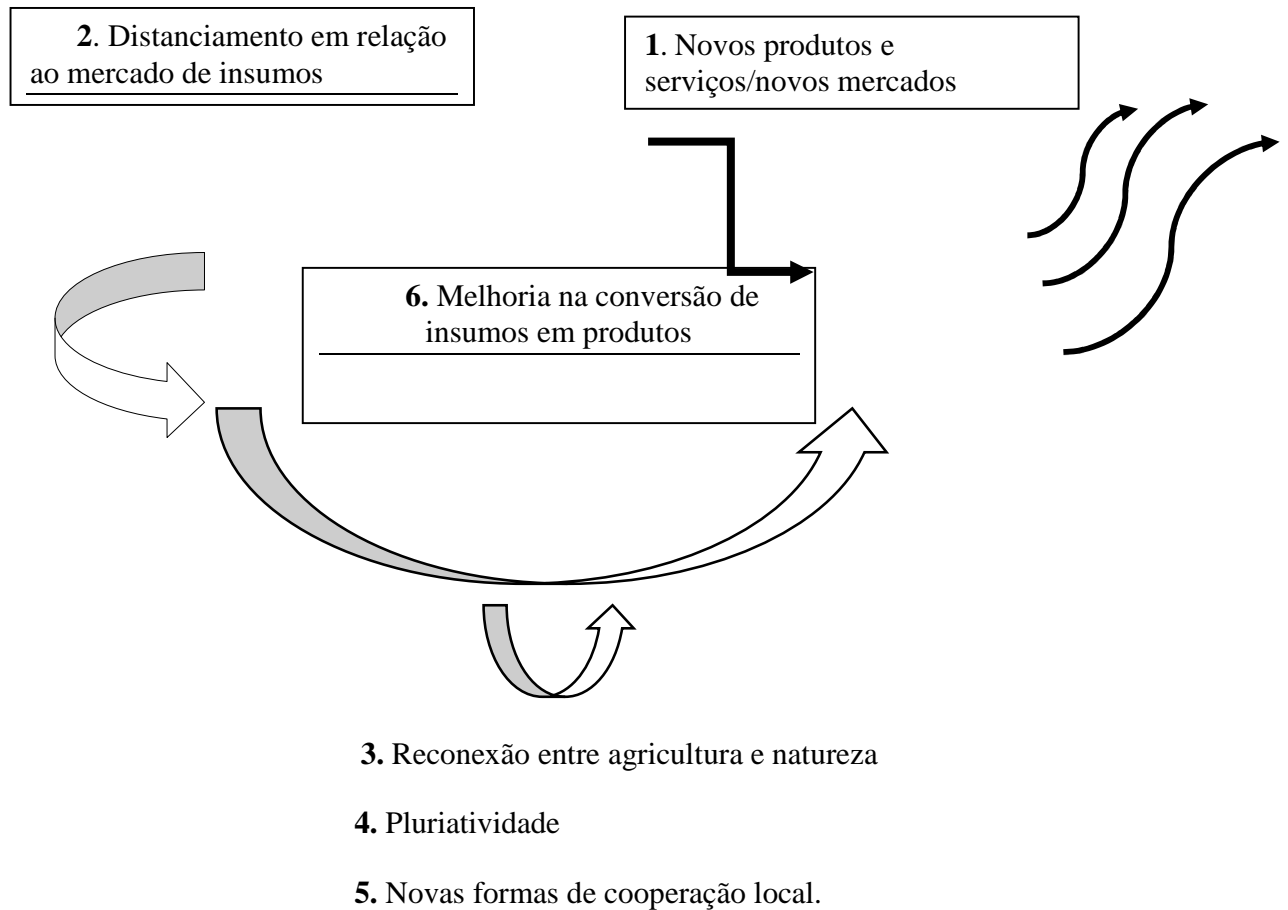
Nesse sentido, Basso, D; Gehlen, I (2015), indicam que “A diversidade da agricultura familiar não se constitui em obstáculo ao desenvolvimento rural. Ao contrário, o desenvolvimento rural é tributário da diversidade das racionalidades dos agricultores pelas quais conseguem viabilizar as condições de vida e de produção para garantir sua identidade socioprofissional e sua sustentabilidade socioeconômica”. BASSO, D; GEHLEN, I, 2015, p.23).

De acordo com Ploeg, (2009), boa parte dos agricultores começou a diversificar suas atividades com base em uma série de alternativas: 1) novos produtos ou serviços são produzidos com a criação simultânea de novos mercados e circuitos comerciais, empresas

multiprodutos emergem com níveis de competitividade que reforçam a sua autonomia. 2) Distanciamento em relação aos mercados de insumos, na direção de uma agricultura mais econômica 3) a reconexão da agricultura com a natureza desempenha um papel central, 4) pluriatividade e 5) redescobertas novas formas de cooperação local, que permitem uma reconexão e redução da dependência direta da agricultura do capital financeiro e industrial. (PLOEG, 2009, p. 47-48). Ploeg destaca que no cerne do processo produtivo há uma reintrodução do artesanato, ou seja; uma unidade orgânica entre trabalho intelectual e manual que permite um controle direto e afinado do processo produtivo. Na figura 3, Ploeg mostra esquematicamente como ocorre esse processo.

Segundo este autor, Ploeg. (2009), essas tendências são resumidas como desenvolvimento rural ou criação de multifuncionalidade. Também entendido e analisado como um processo de recampanização; o que não se refere a um retorno ao passado. É, pelo contrário, uma reconstituição de relações e de elementos – antigos e novos, materiais e simbólicos – que ajudam a enfrentar o mundo moderno de uma forma mais adequada e atrativa. (PLOEG, 2009, p. 49).

Figura 3. Coreografia de recampenização



Fonte: Ploeg (2009, p. 48). Adaptado por Quirós, 2022.

De acordo com Samper, M (2020),

Quienes participan en la agricultura familiar en determinados espacios socio geográficos interactúan tanto entre sí como con otros actores sociales, privados e institucionales en los territorios. Lejos de ser una mera suma de pequeñas o medianas explotaciones, la agricultura familiar conforma redes o sistemas relacionales con una territorialidad propia, problemáticas e intereses compartidos, capacidad de movilización y acción colectiva.” (Samper, M, 2020, p.71).

Este autor destaca que a sustentabilidade de um sistema produtivo vinculado a um determinado território inclui aspectos biofísicos e ambientais, econômicos e produtivos, socioculturais e político-institucionais. Nos territórios onde a agricultura familiar é

relevante, a sustentabilidade está interligada com o desenvolvimento territorial e as suas dinâmicas tendem a reforçar-se mutuamente. (SAMPER, M, 2020, p.72).

A agricultura familiar surge como importante autora no desenvolvimento territorial, recuperando elementos de diversidade, sustentabilidade e identidade territorial. Reunir e integrar elementos que dimensionem os aspectos físicos e ambientais, econômicos e produtivos, bem como socioculturais e político-institucionais. Novas alternativas que surgem com a agricultura familiar tornam-se elementos diferenciadores nos espaços territoriais rurais; mesmas que conferem um resgate do antigo e do novo e que se conjugam no moderno para definir territórios e processos de territorialidade.

1.2.1. Agricultura familiar, pluriatividade e fortalecimento da visão territorial

As mudanças globais, geradas pelos ajustes estruturais associados à liberalização comercial, polarizaram as possibilidades de desenvolvimento do campo. A crise das atividades tradicionais, por um lado, e por outro, a modernização das explorações agrícolas de exportação. Com isto, tanto os recursos como as opções agrícolas perderam centralidade e força nas estratégias das famílias rurais. Gerando assim a necessidade de complementar a renda familiar com atividades não agrícolas, ou gerando valor agregado a partir de seus produtos.

Segundo Dirven M (2004), na década de 1990, o emprego rural não agrícola (NRE) tornou-se importante, entre outros motivos devido às políticas de descentralização e de desenvolvimento rural, que contribuíram para a criação de empregos, bem como à procura gerada pelo turismo.

Como salienta Kay, C (2007), “Las políticas neoliberales han dado un nuevo impulso a la diferenciación campesina. La creciente pauperización de los campesinos debido a su cada vez menor acceso a los recursos productivos, especialmente la tierra, los obliga a buscar otras oportunidades de empleo e ingresos”. (KAY, C, 2007, p.34). As migrações regionais, nacionais e internacionais, sejam elas temporárias ou de longo prazo,

são realizadas em busca de melhores meios de subsistência; para se localizarem na maior parte como assalariados.

Schneider, S (2009), destaca que entre as razões para explicar as mudanças nas formas de ocupação no meio rural e o crescimento da pluriatividade, destacam-se; a modernização técnico-produtiva da agricultura, os processos de terceirização e o crescimento da prestação de serviços no meio rural, o declínio crescente e contínuo dos rendimentos agrícolas, com uma agricultura altamente modernizada e de acordo com os padrões internacionais, o que implica elevados custos de produção para os agricultores, mudanças nos mercados de trabalho orientados para o trabalho não agrícola, a pluriatividade como resposta às políticas de desenvolvimento rural, que estimulam atividades não agrícolas em áreas rurais como o turismo, as indústrias de pequenas e médias empresas, a preservação ambiental, entre outras; e o autor finalmente cita como estímulo à pluriatividade o fato de esta representar uma característica intrínseca da agricultura familiar como estratégia fundamental para a reprodução da agricultura familiar e adaptação às transformações macroestruturais da agricultura. (SCHNEIDER, S., 2009, p.220).

A pluriatividade dá conta da diversidade de possibilidades de inserção das populações rurais para além da agricultura, que emergem no âmbito das transformações nos espaços rurais, o que tem sido chamado de nova ruralidade. Schneider, S. (2009) diz que a pluriatividade que ocorre nas áreas rurais “refere-se a um fenómeno que pressupõe a combinação de pelo menos duas atividades, uma das quais é a agricultura. Essas atividades são realizadas por indivíduos pertencentes a um grupo doméstico, relacionados por laços de parentesco e consanguinidade entre si, podendo permanecer neste grupo (adoção) outros membros não consanguíneos, que compartilham entre si a mesma residência e espaço de trabalho. (não necessariamente no mesmo alojamento ou quarto) e que se identifiquem com uma família.” (SCHNEIDER, S., 2009, p.210).

Para Blanco, E (2004), a pluriatividade ocorre quando pelo menos um membro do grupo não agrícola. Este autor destaca que:

Quando um membro, pelo menos, de uma família rural exerce alguma atividade não agrícola, seja atividade principal seja secundária, fica caracterizada a pluriatividade. Desse modo, as atividades que estão sob o conceito de

pluriatividade servem como complemento à renda total da família rural, criando uma dinâmica no campo. Dependendo do que a região tem a oferecer, várias ocupações remuneradas podem ser consideradas pluriatividades”. (BLANCO, E, 2004, p, 45).

Para este mesmo autor, a multifuncionalidade apresenta-se como um conjunto de contribuições da agricultura para o desenvolvimento económico e social da unidade produtiva.

Para C. de Grammont e Martínez, L. (2009), sobre a pluriatividade, ressalta que o importante é identificá-las em relação às dinâmicas territoriais e analisar as condições de surgimento e enraizamento entre os produtores rurais. (C. DE GRAMMONT e MARTÍNEZ, L, 2009, p.17). Segundo estes autores, há territórios que, dadas as suas características estruturais de formação de estruturas agrárias dinâmicas (não concentradas) e de mercados locais dinâmicos, criaram melhores condições para o surgimento da pluriatividade, que neste caso pode ser considerada uma estratégia “endógena” o que também permite o surgimento de empreendimentos comerciais.

Mas a presença da pluriatividade também se confirma como um processo mais ligado a uma dinâmica externa, quer pela presença de empresas estrangeiras, quer de investidores externos que estimulam o desenvolvimento de novas atividades, mas que correm o risco de serem meramente temporários ou de responderem a novas demandas que advêm dos padrões de consumo estrangeiros e que, em certo sentido, impõem novos critérios para as atividades a serem promovidas no território. O desenvolvimento destas novas atividades também deve ser considerado como resultado da expansão do espaço social e da presença de novas relações entre o local e o global. Desta forma, se a pluriatividade estiver ligada a processos de enraizamento no território, torna-se um elemento estratégico para o meio rural, o que poderá fortalecer uma visão territorial e multifuncional de longo prazo capaz de promover sinergias entre as diferentes atividades económicas da região. a nova ruralidade.

Schneider, S (2009), aponta que;

La pluriactividad puede ser entendida como una estrategia de reacción, frente a una situación de riesgo o vulnerabilidad, o una estrategia de adaptación, que ocurre cuando los individuos con capacidad de escoger consiguen optar y decidir delante

de un conjunto de oportunidades y posibilidades. Así, está relacionada con el ejercicio de las capacidades y el poder de acción de los individuos. (SCHNEIDER, S, 2009, p.212).

Este mesmo autor salienta que “além de ser uma estratégia familiar e individual de reprodução social, a pluriatividade pode contribuir decisivamente para a resolução de dificuldades e restrições que afetam as populações rurais, como a geração de emprego, o acesso ao rendimento e a sua estabilização, a oferta de oportunidades para os jovens, entre outros. Schneider recomenda analisar as relações entre pluriatividade e desenvolvimento rural a partir do debate sobre formas de aumentar a autonomia dos agricultores e formas de ampliar a sustentabilidade dos modos de vida nos territórios rurais. Para o que propõe uma tipologia sobre formas de pluriatividade: (SCHNEIDER, S, 2009, p.214), identificando quatro grupos: pluriatividade tradicional ou camponesa, pluriatividade intersetorial, pluriatividade de base agrária, pluriatividade para agrícola. Este último resulta das atividades que constituem um conjunto de operações, tarefas e procedimentos que incluem a transformação, aproveitamento e/ou beneficiamento da produção agrícola destinada à comercialização (in natura ou derivados) dentro ou fora da área; que foram processados e transformados dentro do imóvel por meio de agregação de valor; chamadas agroindústrias familiares.

Na maioria das vezes são pequenos e organizados sob a forma de cooperativas, associações ou redes de marketing. Estas possuem os mais diversos tipos de escala e formas de gestão (individual, associativa, cooperativa etc.). Este tipo de pluriatividade tende a aparecer em regiões onde predomina a agricultura familiar e onde os mercados de trabalho em atividades não agrícolas intersetoriais são fracos ou quase inexistentes. Da mesma forma, a pluriatividade para agrícola surge como alternativa de emprego, ocupação e rendimento para famílias de pequenos agricultores que vislumbram uma forma de inserção económica e comercial, através de mecanismos diferentes dos habituais esquemas de integração agroindustrial.

A pluriatividade é uma estratégia para manter as famílias rurais no campo, de forma digna e sustentável. A agricultura familiar relaciona-se com o território de forma inovadora,

valorizando e preservando o património rural. A pluriatividade traz consigo novas oportunidades de emprego e rendimento para as economias locais, que são ativadas através da diversificação e de novas formas de trabalho no campo.

1.2.2. Agricultura familiar, sistemas agroalimentares e mercados alternativos

A produção de alimentos por grandes empresas facilitou a importação de alimentos. Os subsídios aos produtores capitalizados, especialmente dos países desenvolvidos, geram concorrência desleal em relação aos países latino-americanos. Isto levou ao desaparecimento de muitos pequenos e médios produtores, que não têm condições de importar alimentos baratos. A incorporação de produtos não tradicionais nos mercados de exportação excluiu os pequenos produtores, dadas as exigências do mercado internacional. Kay, C. (2007), salienta que “a globalização neoliberal está a gerar uma “agricultura a duas velocidades”, aumentando assim o fosso entre produtores capitalistas e camponeses” (KAY, C, 2007, p. 36). Segundo Pat Mooney, Grupo ETC (2019), as grandes corporações estão relacionadas com a cadeia alimentar industrial e com a mudança tecnológica através dos três componentes principais; Hardware (máquinas agrícolas), software (dados genômicos) e Fintech (Fintech (novas *tecnologias de gestão e financeiras*), conseguindo assim a participação de mercado das maiores empresas do mundo no setor agrícola e Apesar disso, segundo Pat Mooney, do Grupo ETC (2019), as redes camponesas fornecem 70% de alimentos com 25% de recursos, enquanto o sistema agroalimentar fornece 30% usando 70% de recursos.

O modelo de produção e consumo de alimentos opera em escala global; é um processo relativamente recente que começou em meados dos anos 80. Modelos que tendem a romper os vínculos diretos entre produção e consumo, entre o agente que produz e o indivíduo que consome. Schneider. S. e Gazolla M. (2017) salientam que “à medida que o sistema agroalimentar se globalizou, os alimentos foram desenraizados e perderam rapidamente a ligação com a sua base natural. “A origem geográfica dos dois alimentos e a cultura alimentar das pessoas deixaram de ser importantes.” (SCHNEIDER.S; GAZOLLA

M, 2017, p.10). Estes mesmos autores salientam que por conceito de cadeia agroalimentar ou cadeia de valor, na prática são cadeias agroalimentares agroindustriais, uma vez que envolvem uma extensa rede de agentes intermediários. As cadeias agroalimentares ou agroindustriais são longas; nestas cadeias as relações e interações entre produtores e consumidores são quase inexistentes. A identidade do produto, a sua origem, desaparece, na medida em que o sistema agroalimentar se internacionaliza, os alimentos deixam de estar ligados à terra e ao ambiente de produção local, sendo transplantados para as áreas mais competitivas.

Neste contexto, a agricultura familiar enfrenta grandes desafios; para Niederle, P; Schubert, M; Schneider, S (2014), apontam que;

As dualidades que frequentemente permearam a discussão em torno dos mercados para a agricultura familiar têm a ver com a própria dificuldade em se delimitar com precisão os atores presentes e as fronteiras entre os mercados ditos “convencionais” e “alternativos”, “globais” e “locais”, os quais se revelam ao mesmo tempo altamente relacionais, híbridos e concorrentes. (NIEDERLE, P; SCHUBERT, M; SCHNEIDER, S, 2014, p. 7).

Para estes autores, os mercados convencionais estão associados a cadeias globais de mercadorias, que são controladas por empresas transnacionais e, por outro lado, os mercados alternativos são vistos a partir do nível local e de uma relação direta entre compradores e vendedores, ligados a mercados baseados em nichos. ou especificidades. Estas últimas são vistas como construções enraizadas (*enraizadas*) em relações socioculturais que fazem da ligação com as localidades, a tradição, a origem, a natureza, o seu modo de produção os seus maiores atributos comerciais. Os mercados, por sua vez, fazem parte da vida quotidiana dos agricultores, desde simples trocas até relações mais complexas com os mercados. Fazem parte dos processos sociais de produção e reprodução das atividades económicas das unidades familiares, que influenciam os seus valores, a sua cultura e modificam as suas formas de organização; atuando em atividades agrícolas ou não agrícolas.

Segundo Schneider, S (2004), um dos autores pioneiros em mostrar a relação entre agricultores e mercados foi Ploeg (1992). Demonstrando que a comercialização não representa necessariamente uma ruptura total e completa com as bases materiais dos

pequenos produtores, e que mesmo a inserção dos camponeses nos mercados poderia fortalecer esta base interna. Além disso, a interação com os mercados poderia ser benéfica para expandir a sua autonomia. Ploeg sugere que existe um gradiente que vai de formas de produção mais autônomas a outras mais dependentes dos mercados. O sucesso ou o fracasso dependerá da forma como os agricultores operacionalizam as decisões e estratégias para organizar o seu processo produtivo e as suas formas de inserção nos mercados. A comercialização é entendida como um processo social que pode até fortalecer a base de recursos da unidade produtiva e reforçar as suas estratégias de reprodução. (SCHNEIDER, S., 2004, p.108).

Para Schneider, S (2004), menciona que:

Discussão mais interessante estaria nas condições e possibilidades abertas pelos assim chamados mercados alternativos, especialmente os nichos e mercados de proximidades, oportunizados por novos produtos, geralmente com maior valor agregado. Outra novidade que emerge são os chamados produtos tradicionais, que conseguem abrir espaços em face da demanda pela artesanidade (slow food) ou pelos aspectos éticos (fair trade) ou mesmo relacionados a sustentabilidade (orgânicos, agroecológicos etc.). (SCHNEIDER, S, 2004, p.114.).

Para Niederle, P; Schubert, M; Schneider, S, (2014), “As perspectivas que contrapuseram globalização e localização no setor agroalimentar têm dado espaço a uma discussão mais frutífera que se desenvolve a partir da compreensão das múltiplas redes que se organizam de modo sobreposto entre vários níveis espaciais”. (NIEDERLE, P; SCHUBERT, M; SCHNEIDER, S (2014, p. 8). Esses autores argumentam que o pressuposto básico é que certos mercados não convencionais estão se reproduzindo devido a fatores socioculturais que resultam da inserção nas redes sociais, entendidas de maneira geral em termos de laços de proximidade entre atores, pertencentes a uma mesma localidade ou território. Trata-se de buscar raízes não apenas na dimensão das relações sociais que se desenvolvem no local, mas na interpenetração de redes verticais e horizontais. níveis, que vão desde as ligações mais próximas entre parentes e vizinhos nas comunidades rurais, até às ligações de longo prazo que se desenvolvem entre agricultores e intervenientes globais que atuam à distância.

Esses autores apontam ainda que para a agricultura familiar se discute a importância dos mercados alternativos, nos quais se visualizam formas de qualificação que emanam de

valores domésticos (denominação de origem) ou valores cívicos (comércio justo ou economia solidária); em que se destacam o interesse coletivo, a equidade e a solidariedade. Características que se diferenciam dos produtos padronizados, que dependem mais de tecnologias e conhecimentos restritos e sua qualificação está mais relacionada ao preço. Os produtos destinados a mercados alternativos estão enraizados num contexto espacial e em tradições específicas, e o processo de qualificação social está ligado a relações elementares de confiança e conhecimento mútuo entre produtores e consumidores. Este tipo de acordo está associado à dinâmica das redes de produção e circulação destes produtos, em particular aos mercados de proximidade que estão ligados ao contexto local/regional. Laços de confiança, reputação e lealdade entre consumidores e produtores derivam da frequência das transações e, sobretudo, da partilha de valores morais que qualificam os alimentos.

Coerente com essa discussão, Thomé, Fabiana (2012) destaca que a discussão sobre a qualidade dos alimentos está fortemente relacionada aos movimentos que emergem das críticas e aos impactos do modelo hegemônico de produção, processamento e distribuição. (THOMÉ, Fabiana (2012, p.46)

Para Mior, L (2003), existem “distintas percepções de qualidade na constituição das agroindústrias familiares: qualidade é uma velha e recorrente questão no setor agroalimentar. Ela envolve ao menos aspectos nutricionais, higiênicos, organolépticos e simbólicos”. MIOR, L. (2003, p.201). Segundo este autor, com o objetivo de entrar no mercado de produtos de qualidade diferenciada, surgem experiências de utilização de marcas e selos coletivos. Avaliando entre as percepções de qualidade a associação com o controle de qualidade da matéria-prima, o padrão técnico específico de produção da matéria-prima, o sabor do produto, a diferenciação com a agroindústria convencional, entre outros.

De acordo com Wilkinson, J. (2003), quem destaca que “O valor agregado foi inicialmente entendido em seu sentido técnico de processamento agroindustrial e sob uma visão tradicional de cadeias. Hoje, as iniciativas em torno de valor agregado, tendo em comum os aspectos coletivos de proximidade e de território”. WILKINSON, J. (2003, p. 73). Este autor salienta que, “independentemente dos clusters e localizações de qualidade superior, estão a ser criados circuitos alternativos nas cadeias produtivas mais tradicionais, como o café, o cacau, a banana, e estão também a expandir-se para outros produtos,

precisamente da adoção de valores sociais como critério de qualidade, no âmbito dos movimentos de Comércio Justo. A sua orientação para uma valorização definida por qualidades derivadas da procura (consumidor/cidadão).

As deseconomias de escala são uma condição prévia para a valorização dos aspectos artesanais do produto, bem como para a atribuição de qualidade específica a um produto. O produto artesanal acessa uma demanda diferente do mercado *de commodities*. A produção em pequena escala torna-se competitiva porque está orientada para nichos específicos, artesanais, nichos de maior qualidade. Por isso, é necessário refletir sobre as implicações do desenvolvimento de estratégias autônomas por parte dos produtores familiares. Normalmente representa um processo complexo de aprendizagem de um conjunto de atividades que não são tradicionais na produção familiar; explorar novas tecnologias e formas de organização coletiva, devem gerir empreendimentos, conhecimento e capacidade de lidar com o mercado.

Segundo Schneider, S, (2016), que constrói a seguinte classificação de tipologia de mercado para a agricultura familiar, com base nos estudos de Wilkinson (2010), que indicou a existência de seis tipos de mercados agrícolas, a saber: commodities, especialidade de nicho, orgânico, artesanal, solidário e institucional. O quadro 7 apresenta a tipologia de mercados para a agricultura familiar proposta por Schneider, S, com base em Wilkinson.

Quadro 7. Tipologia de mercados para la agricultura familiar

Mercado	Perfil	Desafios
Mercadorias	Antigos e novos mercados locais e remotos	Padronização, legislação, qualidade mínima e escala
Especialidades (nicho)	Discriminação por grau de associação com localidade/tradição	Competição de novos participantes
Orgânico	Grau de associação com saúde e/ou modo de produção específico	Certificação, escala, pesquisa
Artesanal	Denominação de origem ou não	Qualidade, padrões técnicos, autenticidade, ação coletiva
Solidariedade	Identificação ou não com agricultura familiar, mercados de alta ou baixa renda	Escala, variabilidade, qualidade
Institucional	Concurso, oferta para venda no varejo	Escala, variabilidade, qualidade

Fonte: (Schneider, S, 2016, p. 114), baseado em Wilkinson (2010, p. 17). Adaptado por Quirós, 2022.

Para (Schneider, S (2014), contra a força econômica e corporativa exercida pelas *commodities agrícolas*, a agricultura familiar é pressionada a buscar e estabelecer novas estratégias de diferenciação que valorizem aspectos sociais, ambientais e territoriais, com vistas à obtenção e consolidação do acesso a novos nichos de mercado (SCHNEIDER, S, 2014, p.129).

A este respeito Lima, N; Froehlich, J. (2014) apontam que:

O papel que as marcas territoriais, como as Indicações Geográficas (IG) e as certificações de caráter sociopolítico e socioambiental, podem desempenhar nesta construção e disputa pelos sentidos e valores sociais, -Assim, no que diz respeito aos mercados agroalimentares, novos debates vem sendo travados, abordando novas percepções das cadeias globais de produção, circulação e consumo de mercadorias, o que repercute nas condições e propostas de promoção do desenvolvimento territorial rural. (LIMA, N; FROEHLICH, J, 2014, p.81).

Da mesma forma, destacam que nesta perspectiva, torna-se relevante analisar e refletir sobre os processos emergentes de diferenciação e certificação, que se apresentam como uma alternativa viável e consistente para posicionar a produção de amplos setores da agricultura familiar nos mercados.

Esses autores Lima, N; Froehlich, J (2014), destacam que “Se o rural tem sua importância reafirmada no atual contexto social, a agricultura familiar aparece como protagonista de um possível desenvolvimento mais sustentável”. (LIMA, N; FROEHLICH, J, 2014, p.82). Estes autores acrescentam que a pequena escala é vista como uma vantagem estratégica na medida em que está associada à tradição, à natureza, ao artesanato e à localidade. Este novo mercado consumidor emergente prioriza produtos que valorizam a qualidade, a produção artesanal e o saber tradicional; é atributo de uma nova percepção por parte dos consumidores que buscam enfatizar atributos éticos, culturais e sociais nos bens.

Segundo a sua visão, os certificados funcionam como mediadores entre produtores e consumidores, rompendo fronteiras geográficas e aproximando diferentes culturas. Podem funcionar como mecanismos de reconhecimento de identidade institucional, dando aos consumidores a confiança na garantia de qualidade e rastreabilidade dos produtos e serviços. Assim, os consumidores optam por produtos de qualidade, rastreabilidade, métodos de produção sustentáveis e artesanais, mão de obra legalizada e outros atributos

ambientais e sociais que aumentam o valor do produto. Os atos de compra estão associados a um consumidor que assume a responsabilidade pela preservação ambiental e pela solidariedade com os produtores marginalizados, através do estímulo à economia local dos países em desenvolvimento.

Da mesma forma, Niederle, P (2006), é conclusivo ao dizer que:

Como a mercantilização da agricultura configura um processo parcial e multideterminado relacionado à configuração de distintos estilos de agricultura, estes sendo referidos como expressões da capacidade dos agricultores de criarem estratégias de reprodução vis-à-vis as pressões exercidas pelos mercados. Ao mesmo tempo, teve-se o cuidado de demonstrar que não necessariamente a mercantilização representa um fator negativo ao desenvolvimento rural, uma vez que, dependendo do nível em que este processo se desenvolve, pode resultar em maior espaço de manobra para os agricultores criarem alternativas de diversificação dos seus meios de vida. (NIEDERLE, P, 2006, p. 46).

As chamadas cadeias curtas de abastecimento agroalimentar surgem como novas formas de interação entre produção e consumo; que vêm fortalecer as relações horizontais com outras cadeias de valor, que podem ser entendidas como um sistema de acordos, arranjos e contratos para vincular os produtores aos consumidores de alimentos.

Segundo Schneider, S; e Gazolla, M (2017):

As cadeias agroalimentares curtas de abastecimento podem ser entendidas como expressão da vontade dos atores envolvidos em uma cadeia de valor em construir novas formas de interação entre produção e consumo, mediante o resgate da procedência e da identidade dos produtos, assentada não apenas em critérios de preço, mas também em valores sociais, princípios e significados simbólicos, culturais, éticos e ambientais. Neste sentido, a definição de cadeias curtas resgata uma dimensão central das economias de proximidade e de escopo que refere ao papel da geografia e da interação entre espaço e atividade econômica. (SCHNEIDER. S E GAZOLLA M, 2017, p.12).

Nesse sentido, os autores identificam três tipos de cadeias curtas: a). *Face a face*, são aqueles em que os agricultores interagem diretamente com os consumidores e aspectos sociais como confiança, autenticidade e interação pessoal são essenciais para o seu funcionamento, b). de proximidade espacial são aqueles presentes nos produtos produzidos e distribuídos em determinada região de produção e os consumidores costumam procurar esses alimentos no local de produção ou nos locais de comercialização, c). cadeias espacialmente estendidas, que são aquelas em que é necessária a transmissão e tradução de

valores e informações sobre os produtos e o local de produção para consumidores fora da região de produção. Isso geralmente é feito através do uso de certificados (rótulos) e selos de qualidade ou origem. Schneider, S e Gazolla M. (2017) apontam que: “a maior parte das iniciativas visa criar alternativas à lógica e modalidades organizacionais do sistema agroalimentar dominante, procurando cobrir distâncias (físicas, sociais, culturais, económicas) entre o mundo “da produção e do consumo”. (SCHNEIDER.S E GAZOLLA M, 2017, p.13).

As redes curtas de comercialização surgiram como uma alternativa, uma forma de resistência camponesa aos sistemas agroalimentares convencionais nesta era de globalização; consumidores urbanos que são atraídos pelo consumo de alimentos naturais, frescos e orgânicos, bem como a relação entre a insustentabilidade ambiental e o desenraizamento da agricultura convencional. Neste contexto, a origem do local de origem da produção assume importância. O processo de localização e territorialização dos alimentos evidencia a importância de elementos de cultura, tradições e aspectos simbólicos e gastronômicos envolvidos na produção, preparo e consumo dos alimentos.

Para Schneider. S, e Gazolla M (2017) identificam quatro elementos fundamentais para “redes agroalimentares alternativas (AAR):

...(a) o encurtamento das distâncias entre produtores e consumidores; (b) pelo tamanho e escala reduzida dos estabelecimentos produtores e pelo uso de métodos biológicos ou orgânicos, que contrastam com escala industrial das cadeias longas; (c) pela existência de locais de compra e venda direta de alimentos, tais como feiras, lojas de agricultores, grupos de consumo solidários, entre outros; e (d) por compromissos com as dimensões sociais, econômicas e ambientais da produção, distribuição e consumo sustentável de alimentos. (SCHNEIDER. S E GAZOLLA M, 2017). p.15).

Seguindo Esta visão, Aluguel, H; Marsden, T; e Banks, J (2017), identificam duas dimensões interligadas para descrever a variedade empírica de relações produtor - consumidor em às CCAAs, “uma primeira dimensão refere-se à estrutura organizacional dessas cadeias e aos seus mecanismos específicos de ampliação das relações no tempo e no espaço. Uma segunda dimensão diz respeito às diferentes definições e convenções de qualidade envolvidas na construção e na operação das CCAAs”. (RENTING, H; MARSDEN, T; E BANKS, J, 2017, p.35-36). O mesmo negócio pode envolver uma ou

mais das diferentes cadeias de abastecimento alimentar. O quadro 8 diferencia os mecanismos de expansão das cadeias curtas de abastecimento alimentar no tempo e no espaço.

Quadro 8. Diferentes mecanismos para expandir cadeias curtas de abastecimento alimentar (CCAAs no tempo e no espaço)

CCAAs <i>Cara -a- cara</i>	CCAAs próximos	CCAAs expandidos
Lojas rurais	Grupos de lojas rurais	Selos de certificação
Feiras de agricultores	Marcas regionais	Códigos de produção
Venda nas ruas	Cooperativas de consumo	Efeitos de reputação
Pegue e pague	Agricultura comunitária	
Cestas prontas	Rotas temáticas (articulações no espaço	
Vendas porta a porta	Eventos especiais, feiras (articulação temporal)	
Pacotes	Mercearias locais, restaurantes, empreendimentos turísticos	
Comércio eletrônico	Varejistas dedicados (lojas de alimentos integrais, especializados ou dietéticos)	
	Catering para instituições (cantinas, escolas)	
	Tendas para emigrantes	

Fonte: Renting, H; Marsden, T; e Bancos, J. (2017, p.35-36-37). Adaptado por Quirós, 2022.

Segundo estes autores, os CCAAs a distâncias maiores no tempo e no espaço implicam arranjos institucionais mais complexos. Esses tipos de produtos são vendidos a consumidores fora da região de produção. Em muitos casos os produtos são exportados para o mercado nacional e noutros casos para distâncias maiores, com cobertura global. O facto de incorporar informação que proporciona valor ao chegar ao consumidor permite que o consumidor se conecte com o local/espaço de produção e, potencialmente, com os valores das pessoas envolvidas e dos métodos de produção utilizados; o que permite que o produto se diferencie das *commodities*.

Da mesma forma, Renting, H; Marsden, T; e Banks, J (2017), referindo-se ao caso europeu, mencionam que:

Isso indica que o simples processo de encurtamento das cadeias de abastecimento de alimentos, pelo menos em parte, dá origem a novas relações de mercado, que se estruturam em torno de novas formas de associação e apoio institucional. Também sugere que novas práticas de desenvolvimento rural, tais como as CCAAs, estão conduzindo a uma nova geografia do desenvolvimento rural na Europa. As novas e reestruturadas espacialidades implícitas ao agroalimento, ao que parece, estão sendo construídas e moldadas em torno de novos tipos de vantagem comparativa, concorrência e estruturas de poder, as quais dependem de maneira muito mais profunda da construção de novas sinergias entre relações próximas, associações, identidades alimentares ecológicas e regionais. (RENTING, H; MARSDEN, T; E BANKS, J, 2017, p.47).

Para Goodman, D (2017), o local é visto como um modelo de resistência ao regime alimentar corporativo global, caracterizado pela compreensão do tempo-espaço da produção-consumo. Este renascimento do local também encontra ressonância no contexto mais amplo das negociações comerciais internacionais. O imaginário de resistência contra alimentos sem origem e sem identidade está alinhado com as narrativas de identidade cultural. A valorização territorial é vista como uma oportunidade de negócio, uma estratégia de subsistência agrícola e uma peça fundamental de uma economia rural revitalizada. Assim, este autor salienta que “É revelador analisar a emergência de redes alimentares alternativas ou localizá-las em termos de dois imaginários geográficos diversos interligados ou sobrepostos – recentemente centrados, principalmente, na produção. “Esses imaginários mostram as redes alimentares alternativas (RAAs) como vetores de resistência, identidade cultural e regeneração rural.” (GOODMAN, D, 2017, p.64).

O desenvolvimento das RAAs está a remodelar o espaço rural através da criação de nichos. Segundo Sonnino, R; Marsden, T, (2017)

E de novas estruturas organizacionais espaciais e redes que competem com os sistemas produtivos mais padronizados, estabelecidos no setor convencional. Nesse sentido, pode-se postular a chegada de geografias agroalimentares concorrentes, operando nas mesmas regiões, construídas sob diferentes conjuntos de convenções de qualidade e comerciais e exibindo diferentes níveis de imersão vertical e horizontal. (SONNINO, R; MARSDEN, T, 2017, p, 122).


Para esses autores, Sonnino, R; Marsden, T. (2017), através do questionamento das dimensões horizontais e verticais da imersão das redes agroalimentares, identificam três linhas ou caminhos para o desenvolvimento e exploração deste desafio espacial e intelectual: (i) situar de forma mais eficaz redes alternativas em o seu ambiente altamente

competitivo, regulamentar e espacial associado ao setor convencional; (ii) avaliar as diferentes maneiras pelas quais, tanto do ponto de vista da governação pública como privada, os desenvolvimentos e inovações na área agroalimentar estão a tornar-se uma parte significativa de um processo mais amplo de regionalização social, económica e política; e (iii) dar maior peso à avaliação dos reais benefícios do desenvolvimento rural (e das potenciais desvantagens) que os novos desenvolvimentos no domínio agroalimentar acarretam, destacando as relações de poder entre os atores, tanto no âmbito das novas redes agroalimentares como entre eles, bem como os novos tipos de governação especializada e de associativismo em que operam. (SONNINO, R; MARSDEN, T, 2017, p, 122-123).

O quadro 9 mostra o espaço rural como espaço competitivo e campo de batalha entre os setores agroalimentares convencionais e alternativos. Os autores concebem o espaço rural como um espaço competitivo e um campo de batalha entre os setores agroalimentares convencionais e alternativos, destacando o tipo de relação espacial entre a relocalização agroalimentar convencional e a relocalização agroalimentar alternativa. Demonstrar o grande potencial que os elementos proporcionados pela deslocalização agroalimentar alternativa têm para os espaços rurais; tanto no contexto das relações dos produtores, das relações com os consumidores, dos processos que acompanham os produtos, como das formas organizacionais associadas a cada um desses espaços competitivos.

Esses autores Sonnino, R; Marsden, T (2017), salientam que a relocalização pode atuar de diversas formas para recapturar e revalorizar o espaço rural, tornando-se assim um processo com grande potencial para introduzir novas formas de desenvolvimento rural. Os espaços rurais sob este tipo de conceptualização tornam-se um fenómeno multifásico que mantém e desenvolve tendências competitivas entre os setores alimentares convencionais e alternativos. (SONNINO, R; MARSDEN, T, 2017, p, 123-124).

Quadro 9. O espaço rural como espaço competitivo e campo de batalha entre os setores agroalimentares convencionais e alternativos

Tipo de relacionamento espacial	Relocalização agroalimentar convencional		Relocalização agroalimentar alternativa
Relações com produtores	Inibidores da produção intensiva, tendência de redução de preços de produtos agrícolas e fornecedores atacadistas de insumos para processadores e varejistas	Fronteiras espaciais competitivas em transformação 	Ênfase na qualidade, produtores encontrando estratégias para capturar valor agregado; novas associações de produtores; desenvolvimento de novos nichos espaciais sociotécnicos.
Relações de consumo	Ausência de referência espacial do produto. Falta de incentivo para conhecer a origem dos alimentos. Produto sem localidade.		Conhecimento variável do consumidor sobre o local, produção, produto e condições espaciais de produção; desde compras presenciais até a distância.
Processamento e varejo	Sistemas de varejo e transformação rastreáveis, regulados de forma mais privada, não transparentes e padronizados versus outros produtos não espacializados.		Pontos de venda e processamento regionais/locais; altamente variável, rastreável e transparente; qualidades espacialmente referenciadas e projetadas.
Estrutura institucional	Regulamentação pública e privada altamente burocratizada; modelo higiênico reforçando a padronização; apoio nacional.		Desenvolvimento rural e apoio das autoridades locais na construção de novas redes e infraestruturas; apoio local e regional.
Quadro associativo	Relacionamentos à distância e altamente tecnocráticos; relações comerciais não espacializadas; falta de confiança e conhecimento local.		Rede relacional; baseada na confiança, fundada local e regionalmente, e não numa base linear; competitivo e, às vezes, colaborativo.

Fonte: Sonnino, R; Marsden, T. (2017, p. 122-123). Adaptado por Quirós, 2022.

Reforçando o exposto, Samper, M (2020, p.73), menciona que redes de agricultura familiar e empreendimento associativos em territórios específicos participam frequentemente em cadeias de valor, curtas ou longas, baseadas em selos, através dos quais realiza a coleta, processamento, transporte e comercialização de determinados produtos. Para este mesmo autor, a territorialidade dos processos de inovação na agricultura está relacionada com trocas de vários tipos entre o conhecimento tecnológico local e o conhecimento técnico-científico.

Villamil, M (2017), aponta duas características fundamentais das cadeias curtas; (a) a primeira é a capacidade de ressocializar (a relevância dos fatores sociais e culturais nas transações de mercado) e de reespecializar os alimentos, permitindo ao consumidor formar juízos de valor sobre o desejo de consumir produtos com base no seu conhecimento e experiência. (b) A segunda tem uma ligação direta com a natureza relacional dos mercados; destaca a ênfase na relação entre produtores e consumidores nesse tipo de cadeia. Algo que desempenha um papel na construção de valor e significado que vai além do produto. (VILLAMIL, M, 2017, p.148). Os autores também identificam três tipos de cadeias produtivas curtas; para. *face* para *cara* – o consumidor compra diretamente o produto; b. proximidade espacial -produtos produzidos e comercializados em determinada região- c. espacialmente estendido – o consumidor está fora da região de produção, mas as informações sobre o produto onde é produzido são incorporadas. Esta tipologia é consistente com as apresentadas anteriormente por Schneider, S e Gazolla M, (2017) e Renting, H; Marsden, T; e Bancos, J (2017).

Este autor Villamil, M (2017, p.149), contribui com um elemento central para a discussão, apontando que as cadeias curtas estão inseridas em um conceito mais amplo de autonomia. O que implica menor dependência dos insumos produzidos e maior controle sobre o processo produtivo; distanciar-nos do pacote tecnológico produtivo do paradigma agrícola moderno. E maior controle sobre o processo produtivo implica maior espaço para o conhecimento acumulado pelo produtor, na gestão e combinação dos fatores de produção da propriedade; São conhecimentos relacionados com o agir, com o saber fazer, com processos de tentativa e erro e particularmente ligados aos processos de socialização. (VILLAMIL, M, 2017, p.149). Para este autor, um maior controle sobre a ação social e econômica depende também da relação entre os consumidores, que tende a ser acompanhada por elementos relacionais presentes na confiança interpessoal ou na confiança baseada em instituições, como organizações coletivas, redes de produtores, que conseguem construir uma reputação simbólica para os produtos comercializados; associados a sinais de alimentação saudável e socialmente justa.

As feiras livres são concebidas como formas de reivindicação da agricultura familiar nos espaços rurais; promover maior aproximação entre produtores e consumidores;

a valorização das condições e características do território e da origem dos alimentos; espaços de atuação colaborativa e, sobretudo, maior autonomia da agricultura familiar no que diz respeito às decisões internas e às opções de comercialização.

1.3 O território e as produções de qualidade como fator de desenvolvimento sustentável no meio rural

Esta seção analisa como o território e as produções de qualidade estão diretamente relacionados com a tendência de reapropriação desses espaços pelos atores locais. A agricultura familiar, através das suas diversas estratégias de reapropriação espacial e reprodução social, é o ator relevante nesta visão do rural; o território e as produções de qualidade como factor de desenvolvimento sustentável no meio rural. Argumenta-se que os produtos locais são um dos eixos fundamentais do desenvolvimento rural; A qualidade, a diferenciação produtiva e o território constituem as premissas básicas que permitem dotar os espaços rurais de novas e renovadas funções.

Segundo esta visão, os atributos de qualidade do produto estão diretamente relacionados com o local de produção. As condições naturais e as tradições culturais são dispositivos essenciais para definir a qualidade do produto. Processos de produção associados às preocupações ecológicas, ambientais e culturais dos consumidores; como selos orgânicos, em sintonia com a preservação das tradições culturais ou paisagísticas. Assim, uma variável expressa a qualidade vista pelos atributos geográficos e a outra expressa a qualidade vista pelos atributos fundamentalmente ambientais e naturais. Desta forma, as cadeias curtas permitiriam reconfigurar as bases de recursos dos espaços rurais. Villamil, M (2017), propõe cinco dimensões de análise na análise de cadeias produtivas curtas, que a vinculam diretamente às raízes territoriais. Conforme mostrado no quadro 10.

Quadro 10. Dimensões de análise para cadeias produtivas curtas

Dimensão	Descrição
Relacionamento com produtores	-Ênfase na qualidade – os produtores encontram estratégias para capturar o valor do terroir ou processo de produção. - Novas associações de produtores. - Novos nichos espaciais sociotécnicos.
Relações de consumo	-O conhecimento local, o produto e o processo de produção do consumidor variam desde o espectro que vai da interação face a face até relações espaciais e temporais estendidas.
Processamento e varejo	-Processamento e comercialização local com alto grau de diversificação. - Os produtos são rastreados no nível do produtor e são transparentes. As qualidades diferem espacialmente.
Arquiteturas institucionais	-Facilitação do governo local na construção da nova rede e infraestrutura. Apoio a programas e políticas públicas.
Arquiteturas associativas	-Relacional, baseado em confiança e baseado em região. Organizados em rede e não de forma linear como nas cadeias convencionais. Existência de um processo de competição e colaboração.

Fonte: Villamil, M (2017, p.153), baseado em Sonnino e Marsden (2006).
Adaptado por Quirós, 2022.

Para este autor, a diferenciação de um produto está ligada à trajetória das raízes territoriais. As raízes territoriais são também um processo de reincorporação do produto. Por sua vez, as trajetórias de diferenciação e de inserção dependem de dispositivos de valoração, uma vez que tais processos só fazem sentido para a construção do mercado quando são qualidades valorizadas pelos consumidores.

Villamil, M (2017), identifica duas dimensões principais nas cadeias produtivas curtas; (a) A primeira refere-se aos mecanismos que são gerados em cadeias produtivas curtas para ampliar as relações no tempo e no espaço. Em outras palavras, o processo de transição, quando ocorre, de um tipo de interação face a face entre produtor e consumidor para relacionamentos espacialmente estendidos. (b) A segunda dimensão tem a ver com as diferentes definições e convenções de qualidade.” (VILLAMIL, M, 2017, p.151). Para este autor, no caso de relações estendidas no tempo e no espaço, os produtos são vendidos a consumidores fora da região, e que não têm experiência com a região onde são produzidos. São espacialidades regionais, cujos mercados podem estar localizados em outras regiões do

país ou em outras partes do mundo. São consideradas cadeias curtas devido ao fato de os consumidores terem informações sobre os produtores, região e métodos de produção.

industrializados homogêneos e comoditizados. O autor destaca que o grande problema desse tipo de cadeia curta é a reputação entre os atores envolvidos para que a convenção de qualidade tenha credibilidade junto aos consumidores. Já outro ator é responsável por um selo, marca ou convenção que garanta a reputação e credibilidade do produto. Aponta também três trajetórias que se entrelaçam em diferentes casos de cadeias produtivas curtas; inovação na cadeia (produção de novidades / *novidade produção*), diferenciação de produtos e enraizamento territorial.

Para Niederle, P; e Da Silva, F. (2017), referem que a construção de alguns mecanismos de diferenciação responde também à organização de estratégias mais territorializadas. Ao mesmo tempo que o funcionamento da economia agroalimentar está ancorado em ativos com forte especificidade territorial, os territórios mais dinâmicos estão ligados a redes globais de produção. (NIEDERLE, P; e DA SILVA, F, 2017, p219). Adicionalmente Niederle, P; e Da Silva, F. (2017), apontam que um dos mais emblemáticos desse tipo de dispositivo de diferenciação se encontra nas Indicações Geográficas (IG). “Esse mecanismo de propriedade intelectual, padrão recorrente nas negociações comerciais internacionais, é mobilizado com o objetivo de expandir ou reconsolidar produtos profundamente enraizados em nossos territórios.” (NIEDERLE, P; E DA SILVA, F, 2017, p. 220). As (IG) constituem a expressão de um modelo pós-produtivista de produção e consumo alimentar que dá origem à valorização de tradições, costumes, conhecimentos, práticas e outros bens intangíveis associados a uma identidade territorial.

A construção deste tipo de mercados alternativos surgiu como uma resposta à crise, que pode ser comparada às crises do café iniciadas em 2000. Isso motivou os produtores a procurarem novos nichos de mercado, com ênfase nos elementos de identidade territorial e na procura pela qualidade ancorada nos recursos do território e nos recursos culturais nele enraizados.

Para Oliveira, D; Mello, M. (2006), três condições do contexto atual favorecem novas oportunidades para a agricultura familiar, na produção de alimentos sob uma nova noção de qualidade. A primeira refere-se à reorganização dos mercados *de commodities* ,

que exige alta especialização, na qual a agricultura familiar perde diversidade; A segunda tem a ver com a tendência de novas oportunidades de mercado para produtos agrícolas e não agrícolas, como nichos de mercado que diferenciam e valorizam elementos da diversidade social e ambiental, o mercado de produtos orgânicos, informais, novas redes de comercialização, e a terceira tem a ver com a pressão da sociedade civil devido aos efeitos ambientais adversos causados pela agricultura intensiva; que privilegiam modelos produtivos baseados na agricultura familiar e na redução de insumos industriais. (OLIVEIRA, D; MELLO, M, 2006, p, 7).

Segundo o autor, esta tendência favorece uma nova noção de qualidade, numa perspectiva de construção de mercado, que privilegia processos e produtos locais e redes sociais locais, baseadas em relações de proximidade. As qualidades especiais e os padrões de qualidade presentes nos produtos dos mercados locais podem ser transportados para competir em mercados extrarregionais e globais. Dessa forma, segundo Oliveira, D; Mello, M. (2006, p, 15), destaca-se Nesta perspectiva; “(a) a utilização de práticas produtivas menos dependentes da indústria da quantidade de agricultura, (b) a reapropriação das etapas de benefício e processamento da produção pelas famílias, e (c) a comercialização da produção em circuitos em quais os agricultores têm maior poder de “gestão”.

Reafirmando o exposto, Aguilar, E e Lozano, C (2008), afirmam que:

Asistimos, de este modo, a la crisis del modelo de cantidad y a su progresiva sustitución por un nuevo modo de hacer agricultura, donde la calidad, tanto de las materias primas como de los procesos y los productos, se convierte en el objetivo central. Es hora de otorgar un valor diferencial a estos productos y de situarlos en determinados nichos distintivos del mercado internacional; calidad, vinculada a los atributos que le confieren su anclaje territorial y su pertenencia a un ecosistema singular y una cultura local, así como la utilización de tecnologías y saberes tradicionales. (AGUILAR, E y LOZANO, C, 2008, P.171).

Estes autores, Aguilar, E e Lozano, C (2008), afirmam que o produto destaca as suas ligações com o território, o que contribui para a sua qualidade. Estes atributos estão ligados tanto à especificidade ambiental como a um modo particular de produção e transformação e, o que parece mais significativo, a um conjunto de atributos imateriais derivados da especificidade do contexto produtivo. Os efeitos positivos desta nova dinâmica ligada à produção de qualidade têm sido o restabelecimento da relação entre

agricultura, território, natureza, produtores e consumidores, restaurando ligações que o processo de modernização havia dissolvido. (AGUILAR, EY LOZANO, C, 2008, p.172).

Esta valorização dos produtos locais é um dos eixos fundamentais do desenvolvimento rural; A qualidade, a diferenciação produtiva e o território constituem as premissas básicas que permitem dotar os espaços rurais de novas e renovadas funções. É evidente que, para os produtores, ter que atender a uma demanda cada vez mais segmentada e diferenciada, e suprir nichos de mercado cada vez mais seletivos e exigentes, é um desafio repleto de incertezas.

Mior, L (2003), aponta que existem diferentes percepções de qualidade na constituição das agroindústrias familiares: a qualidade é um tema antigo e recorrente no setor agroalimentar. Envolve pelo menos aspectos nutricionais, higiênicos, organolépticos e simbólicos. Este autor menciona que:

Entre as percepções de qualidade do alimento processado, as que mais se destacam são: a associação com o controle da qualidade da matéria-prima, do padrão técnico específico de produção de matéria-prima, do sabor do produto, da diferenciação da agroindústria convencional, entre outras. Visando entrar no mercado de produtos de qualidade diferenciada, surgem experiências de uso de marcas e selos coletivos. (MIOR, L, 2003, p.201).

Da mesma forma, Niederle, P; Schubert, M; Schneider, S (2014), classifica os produtos como padronizados ou especializados, dependendo da base de conhecimento envolvida na sua produção. Os produtos padronizados são produzidos por tecnologia amplamente difundida e são qualificados principalmente pelo preço. Enquanto os produtos especializados envolvem tecnologias e conhecimentos restritos e, neste caso, a qualidade do produto constitui um elemento de competitividade tão ou mais importante que o seu preço.

Os mercados alternativos podem proporcionar oportunidades para outras formas de qualificação, como produtos tradicionais e de denominação de origem ou valores cívicos como o comércio justo e a economia solidária; combinando interesse coletivo, equidade e solidariedade. Produtos como os tradicionais estão enraizados num contexto espacial e em tradições específicas, e o processo de qualificação social está ligado a relações elementares de confiança, reputação, lealdade e conhecimento mútuo entre produtores e consumidores. (NIEDERLE, P; SCHUBERT, M; SCHNEIDER, S, 2014, p. 11). Esses mesmos autores

reconhecem que alguns elementos como o cumprimento das condições sanitárias, sistemas de rastreabilidade, medidas ambientais, entre outros, podem afetar a forma tradicional de fabricação de alguns produtos.

É assim que as novas economias se caracterizam por uma mudança no sentido da valorização da qualidade dos produtos num contexto em que os consumidores são cada vez mais reflexivos e relegam os aspectos quantitativos e mesmo o preço dos alimentos para um plano secundário. As informações que reconectam o produto com os produtores e o local de origem, as técnicas de produção e as tradições alimentares tornam-se centrais. Schneider, S e Gazolla M. (2017 p.15). Além disso, segundo esses autores, promovem a inclusão socioeconômica de grupos sociais marginalizados, como os agricultores familiares, e tentam ser ecologicamente corretos.

Para Arrendamento, H; Marsden, T; e Bancos, J. (2017)

O surgimento de novos circuitos alimentares em economias de agricultura globalizada deve ser visto no contexto de uma série de mudanças fundamentais ao longo dos diferentes elos da cadeia agroalimentar. Sob a perspectiva do consumo na cadeia agroalimentar, ocorreram transições importantes na percepção dos consumidores sobre alimentos e agricultura. (RENTING, H; MARSDEN, T; E BANKS, J. (2017, p.30).

Estes autores salientam que a mudança nas percepções dos consumidores foi impulsionada principalmente pela crescente desconfiança na qualidade dos alimentos provenientes da agricultura convencional.

Contrariando a tendência atual, em que os alimentos são padronizados, os alimentos tendem a ser mais personalizados, construídos socialmente para atender demandas específicas. Uma definição de qualidade que incorpora a noção de alimentos saudáveis, a especificidade regional e outros atributos que a diferenciam. Conforme apontado por Renting, H; Marsden, T; e Banks, J (2017) que “Em vez de cumprirem padrões mínimos de qualidade, os alimentos futuros serão cada vez mais “customizados” e “socialmente construídos” para satisfazer exigências específicas.” ...As definições de qualidade também são contextuais para alimentos saudáveis, alimentos de qualidade/especialidades regionais, alimentos orgânicos, slow food etc.” (RENTING, H; MARSDEN, T; E BANKS, J, 2017, p.32).

Estes autores afirmam que um número crescente de produtores está a tentar a sorte com formas alternativas de produção e novos modos de comercialização, convencidos de que a produção alimentar em massa já não proporciona continuidade ou rendimento suficiente para a sua atividade agrícola. As novas cadeias de abastecimento alimentar são canais importantes para a criação de novas ligações entre a agricultura e a sociedade, entre produtores e consumidores; aproximam os consumidores da origem dos seus alimentos e, em muitos casos, envolvem contacto direto entre agricultores. Segundo esses autores, uma característica importante dessas novas cadeias é a capacidade de ressocializar e espacializar os alimentos, permitindo aos consumidores fazer novas avaliações sobre a desejabilidade relativa dos alimentos, com base em seu próprio conhecimento, experiência ou visão.

Estabelecem-se geralmente ligações mais diretas entre a atividade agrícola, por um lado, e a natureza rural, as paisagens culturais e os recursos locais, por outro. Encurtar a relação entre a produção alimentar e a localidade promove a reintegração da agricultura em modos de produção mais sustentáveis do ponto de vista ambiental. A diferenciação do produto envolve a construção de relações de mercado transparentes em torno de conjuntos específicos de definições de qualidade partilhadas pelas partes que convencem os consumidores a pagar um preço mais elevado.

Assim para Aluguel, H; Marsden, T; e Banks, J. (2017), apontam que:

CCAAs enfatiza sobretudo os atributos de qualidade dos produtos e seu local de produção ou produtor. Características específicas do local de produção (condições naturais, tradições culturais e gastronômicas etc.) ou do processo de produção (artesanal, tradicional, na propriedade rural etc.) são parâmetros decisivos para definir a qualidade do produto e, em muitos casos, são apontados como determinantes de sabores e aparências distintas (típicas). RENTING, H; MARSDEN, T; E BANKS, J, (2017, p.39).

Segundo esses autores, são exemplos disso os produtos classificados como naturais; estas baseiam-se numa imagem romântica da atividade rural (tradicional), mas também expressam uma tendência para valorizar formas de agricultura multifuncional, por exemplo, pelo seu contributo para a natureza e as paisagens rurais. Esta categoria também inclui produtos concebidos para serem mais saudáveis e seguros. Outro tipo de definição de qualidade aqui inserida refere-se aos produtos “livres de confinamento”, que se distinguem pelo respeito ao comportamento natural e ao bem-estar dos animais.

O território e as produções de qualidade como factor de desenvolvimento sustentável no meio rural estão enraizados na clarificação e abordagem de modos de produção que revalorizam o local, dão sentido ao social e marcam experiências culturais e sociais únicas. Esta forma de conceber os processos produtivos e as possibilidades de desenvolvimento das zonas rurais afasta-se dos modelos uniformizadores e homogeneizadores com os quais foi construído o sistema agroalimentar global. Novas formas de produção e estratégias diversificadas parecem aproximar a agricultura familiar de processos mais inclusivos e exigentes.

A partir da geografia, a análise dos espaços rurais é concebida como espaços socialmente construídos, dinâmicos e mutáveis; Tendências recentes como o ressurgimento da agricultura familiar, a pluriatividade e a multifuncionalidade constituem elementos fundamentais para compreender este dinamismo. A sua associação à revalorização de elementos de qualidade, através da produção artesanal e da ligação a mercados alternativos; leva à revalorização de produtos tradicionais como o café. O capítulo seguinte apresenta um relato histórico da importância da atividade cafeeira na Costa Rica, sua dinâmica espacial e elementos de mudança e continuidade; num país que durante mais de cem anos o café foi o único produto de exportação; embora a sua contribuição para a economia nacional tenha diminuído; as novas tendências produtivas focadas na qualidade como espinha dorsal do produto, revalorizam a agricultura familiar e o espaço rural.

2. **PRODUÇÃO DE CAFÉ NA COSTA RICA – CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE**

A cafeicultura representa um legado histórico, cultural, económico e político para a Costa Rica; as decisões de políticas públicas caracterizam a atividade. nos diferentes períodos desde a sua incorporação como atividade econômica de grande relevância. O objetivo deste capítulo é medir a relevância da atividade cafeeira na Costa Rica, sua importância histórica, a qualidade como elemento de diferenciação para competir nos mercados internacionais, algumas estatísticas de produção, mercados e preços, os elementos de mudança e continuidade; bem como elementos de sustentabilidade ambiental como fator de qualidade. As constantes crises a que a atividade tem sido submetida acarretam rupturas e continuidades que se expressam espacial e socialmente; que nos últimos anos tem reivindicado e mantido ativo um setor altamente vulnerável da economia como a agricultura familiar, através da produção de cafés especiais.

Historicamente, a cafeicultura teve um impacto profundo na estrutura social da Costa Rica. Desde o estabelecimento da atividade, dependeram diretamente milhares de famílias dedicadas à produção, o que constituiu um motor de crescimento e fonte de divisas, emprego e rendimentos. A ligação precoce da economia da Costa Rica aos mercados internacionais permitiu que a cafeicultura se posicionasse como a atividade económica mais valorizada. Isto teve a força de reconfigurar grande parte das áreas que compõem a vida nacional; a transformação da paisagem rural e o fortalecimento das cidades, o aproveitamento do tempo baseado nos ciclos produtivos, e a formação de uma identidade nacional articulada ao produto.

2.1. **História e importância do café na Costa Rica**

Na história dos países latino-americanos, o café deixou sua marca na paisagem e nas suas populações. De acordo com Samper, Mário; Roseberry, William e Gudmundson, Lowell. (2001),

El siglo diecinueve (principalmente 1830 y 1930) fue el siglo del café en América Latina. Un período en el cual la producción cafetalera estuvo asociada a una

profunda transformación del paisaje y de la sociedad. La expansión del cultivo del café coincidió con la expansión territorial, la migración a zonas de frontera agrícola, la destrucción de bosques tropicales, plantación de bosques de café y árboles de sombra, la fundación de pueblos, la construcción de caminos y vías férreas, se forjaron identidades regionales. (SAMPER, Mario; ROSEBERRY, William y GUDMUNDSON, Lowell, 2001, p. 24).

A cultura do café tem especial importância histórica, econômica e cultural na Costa Rica, contribuindo para a construção da identidade nacional e territorial. As referências históricas relacionadas à produção de café são extensas, esta seção apresenta brevemente algumas contribuições de autores proeminentes, Cardoso, C (1975), Hall, C, (1976, 1983); Cardoso, C, (1975); Acuña, V, (1991); Pérez, H; Samper, M, (1994); Samper, M; Roseberry, W e Gudmundson, L (2001); Peters, G. e Samper, M. (2001); Peters, G, (2004), Gudmundson, L, (2018); Viales, R; Mora, A (2010); Leão, J, (2012); Rodríguez, A, (2014).

A Costa Rica foi o primeiro país da América Central a cultivar café, com as primeiras exportações para a Europa em 1840. Segundo Hall, Carolyn (1983), “o café arábica ⁶, nativo da Etiópia, foi introduzido na Costa Rica a partir das Antilhas, no final do século XVIII.” (HALL, C, 1983, p.127). A esse respeito, Samper, Mario (1991), menciona que “já foi vista como uma mera planta para decorar casas e cercas de calçadas; “Tornou-se o produto mais emblemático da história econômica da Costa Rica e da região centro-americana de todos os tempos.” (SAMPER, M, 1991, p.21).

Na época colonial, a Costa Rica aparecia como a província mais pobre, mais atrasada e marginal do império espanhol, segundo Rodríguez, A (2014); Víctor, H e Molina, Iván (1991); eles ressaltam que alguns produtos como cacau, fumo, mineração e pau-brasil tentaram conseguir um vínculo externo estável, sem sucesso. O único produto que conseguiu isso foi o café; o que permitiu ao país integrar-se no mercado mundial, dominado pelo capital industrial britânico. Por volta da década de 1830, o café começou a ser cultivado em pequenas, médias e grandes propriedades do Vale Central; substituindo alimentos básicos e gado.

A vantagem do café, conforme observado por Hall, Carolyn (1983), era que:

⁶ O cultivo do Arábica é mais delicado, menos produtivo e está reservado para terras de alta montanha, entre 700 e 2.000 metros acima do nível do mar. (Icafé, 2008, p.121).

El café elaborado tuvo la ventaja de ser un producto imperecedero que resistía el lardo y costoso transporte por medio de la carreta de bueyes y veleros. Tuvo una amplia aceptación en el Oeste de Europa, particularmente en Inglaterra y Alemania, y por cincuenta años, fue casi el único producto de exportación de Costa Rica. (HALL, C, 1983, p. 112).

Segundo este mesmo autor, o modesto capital acumulado em atividades anteriores como a produção de cacau, tabaco e ouro, permitiu que famílias de descendentes coloniais investissem nesta nova indústria exportadora. A modalidade de adiantamento de casas importadoras na Europa e na América do Norte proporcionou uma fonte complementar de financiamento aos beneficiários e exportadores, que por sua vez forneceram crédito aos pequenos agricultores.

Os locais onde foram plantadas as primeiras plantações na zona centro do país caracterizam-se pelos seus solos férteis de origem vulcânica; período chuvoso e período seco, temperaturas relativamente uniformes e favoráveis ao longo do ano para o desenvolvimento das plantas. Desde o início da atividade, a produção esteve nas mãos de muitos pequenos produtores, enquanto o processamento e a comercialização ficaram nas mãos de alguns cafeicultores e empresários capitalizados, nacionais e estrangeiros, que introduziram novos métodos de processamento.

De acordo com León, J, (2012),

La agroindustria en escala importante se originó en el país hacia finales de la década de 1830 y se impulsó desde la década de 1840, con la instalación del primer beneficio de café utilizando la técnica de despulpado húmedo y su posterior mejoramiento y adopción por los cafetaleros más progresistas. Esta introducción del procesamiento húmedo, que se realizaba sólo en gran escala para que resultara económicamente rentable, llevó progresivamente a una mayor concentración del poder económico en los cafetaleros-beneficiadores a lo largo de este siglo y el siguiente. (LEÓN, Jorge, 2012, p.41).

Segundo este autor, em termos de comercialização envolveu relativamente poucas, boa parte das empresas exportadoras que operavam principalmente através do sistema de consignação de café nos mercados de Londres e Nova Iorque, tiveram origem em famílias de imigrantes estabelecidas no país no segundo metade do século XIX.

Nesse sentido, segundo Hall, Carolyn (1983), a Inglaterra era o principal fornecedor de máquinas e ferramentas para a indústria cafeeira, além da grande variedade de bens de

consumo, principalmente têxteis. Segundo Icafé, 2022 ⁷“nas primeiras décadas do século XX, muitas invenções foram introduzidas para reduzir o tempo de processamento e aumentar a qualidade do café: destacaram-se máquinas de secagem (guardiolas), despoldadores, polidoras e classificadoras”, a mecanização da agroindústria de o beneficiário continuou ao longo de todo o século XX.

Como aponta Peters Gertrud (2004), do século XIX até a segunda década do século XX, a estrutura da cadeia de marketing era bastante simples. Fazia parte de um mercado livre de café cereja, com poucos agentes em nível nacional. A comercialização entre produtores agrícolas e beneficiários não era regulamentada pelo Estado, mas era regida pelas leis do mercado e pela esfera de influência do beneficiário numa determinada localidade. A maioria dos beneficiários exportava o grão diretamente para tradings e torrefadores no exterior e/ou através de casas de consignação representadas no país. (PETERS, G, 2004, p.62).

No que diz respeito à centralização ou concentração do capital cafeeiro, este autor Peters, G, (2004) destaca que esta tem sido mais acentuada nas ligações da agroindústria e da exportação de café. Os grandes beneficiários também se dedicaram à exportação da sua colheita e de seus clientes – pequenos e médios produtores – bem como ao financiamento da colheita de grãos. (PETERS, G, 2004, p.64). No século XIX, a confiança e a palavra eram essenciais para a condução dos negócios. O moinho-exportador pagava antecipadamente uma parte do valor futuro do café aos produtores-clientes da sua agroindústria. Esses produtores concordaram em entregar a colheita na usina e no final foi negociada a outra parte do adiantamento. Assim, os únicos agricultores que tinham acesso regular ao crédito adequado eram os cafeicultores, mas vinculados à entrega da colheita ao benefício que concedia o crédito para a colheita. O financiamento baseado em adiantamentos de importadores e consignatários de café foi oferecido em condições relativamente vantajosas ao produtor; o negócio financeiro gerou receitas adicionais significativas para beneficiários e exportadores.

⁷Icafé, 2022, disponível em: <https://www.icafe.cr/nuestro-cafe/historia/>

A partir de 1950, o sucesso expansivo da cafeicultura baseou-se na adoção de pacotes tecnológicos baseados no cultivo de novas variedades, na aplicação de fertilizantes químicos e fungicidas; como aponta Granados, C, (1994), este período teve um grande impacto ambiental sem precedentes na Costa Rica. A este respeito, Molina, I; Palmer, S (2006), destacam que a produtividade das plantações de café triplicou entre 1950 e 1970, graças ao uso de agroquímicos.

Nesse sentido, Icafé, (2008); menciona que “No âmbito da chamada “Revolução Verde”, foi promovida a difusão de técnicas agrícolas de alto desempenho desenhadas nos países desenvolvidos para as regiões do “Terceiro Mundo”. Na Costa Rica, este esforço foi empreendido por vários atores: setor público, instituições privadas e cafeicultores privados com espírito inovador. A partir de 1956, a Seção do Café do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAG) foi colocada sob a administração do STICA e em 1960 esta entidade passou a se chamar Departamento do Café, dependente do referido ministério. Menciona-se a participação da Universidade da Costa Rica, do Conselho Nacional de Produção (CNP), do Instituto Interamericano de Ciências Agrárias (IICA) e do Centro Agrícola Tropical de Pesquisa e Ensino (CATIE). Foram promovidas variedades geneticamente melhoradas resistentes a doenças como a ferrugem.

Deve-se notar que o cooperativismo foi introduzido como um ator importante na segunda metade do século XX, o que segundo Gudmundson, Lowell. (2018), a participação do movimento cooperativo na disputa pela predominância particular no processamento do grão ocorreu durante o período dos Acordos Internacionais do Café (IAC), basicamente de meados da década de 1960 até o início da década de 1990. Fato que se fortaleceu como destaque mais geral das reformas sociais ocorridas no país na segunda metade do século XX e da necessidade de obter melhores preços do café para os produtores, desconcentrando o processamento e a comercialização, reduzindo a cadeia de intermediação. que desde a sua criação e até à primeira metade do século XX esteve nas mãos de consignatários e exportadores, num modelo de livre comércio.” Modelo que se baseava na prevalência de muitos pequenos produtores, mas poucos beneficiários e exportadores, onde se concentravam os maiores lucros da atividade.

Neste sentido, segundo Solís, M (1985), “as cooperativas justificam-se pela defesa dos pequenos produtores, que, entre todos os entregadores, são maioria. Também amorteceram a proletarização do pequeno produtor e deram-lhes mais margem de sobrevivência.” (SOLIS, Manuel, 1985, p.55).

Embora a atividade cafeeira ligasse o país ao mercado internacional, segundo Rodríguez, Alonso (2014), “crises *com sabor de café*” afetaram a atividade e a sociedade costarriquenha em períodos curtos ou longos. Este autor destaca que “qualquer que seja a magnitude e o tipo de crise, a qualidade demonstrada e comprovada pelos grãos da Costa Rica aos compradores europeus tornou-se uma estratégia extremamente valiosa. Isso porque ajudou a garantir a colocação do produto em um shopping tão exigente e requintado; portanto, sobreviver no intenso e competitivo mercado mundial durante um período de crise.” (RODRÍGUEZ, Alonso, 2014, p.15).

Desde a sua introdução, o café tem enfrentado crises cíclicas causadas por causas heterogêneas. Para Rodríguez, Alonso, (2014), entre essas causas estão;

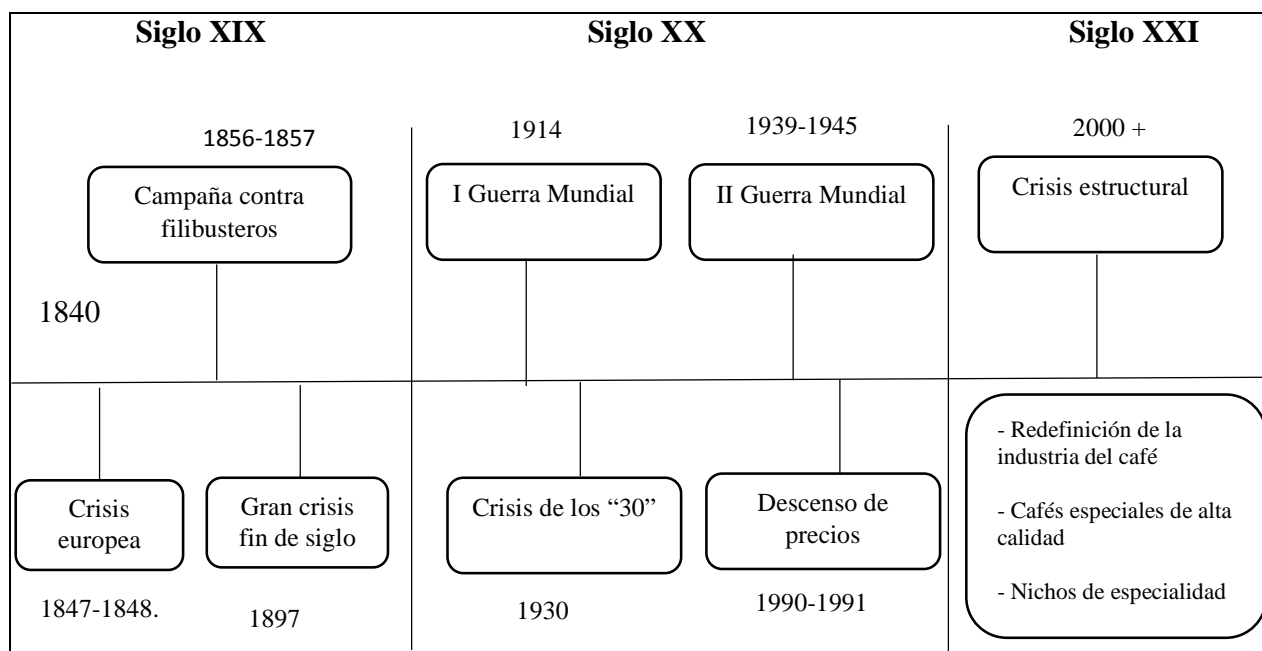
Catástrofes naturales, problemas políticos, interrupciones comerciales, depresiones económicas, revueltas sociales, fluctuaciones en los precios, guerras nacionales y mundiales, entre otras situaciones meramente coyunturales. No obstante, las malas cosechas, situaciones internacionales, junto a la super producción, han constituido los tres factores preponderantes. Históricamente, agravadas por el problema estructural de falta de mano de obra conforme aumentaba el área cultivada. (RODRÍGUEZ, Alonso, 2014, p.15).

Um elemento importante a destacar é que, em períodos de crise, a qualidade do café do país tem representado um valor fundamental; essa característica do produto foi aproveitada para melhor oferecê-lo nos mercados internacionais com diferenciais de preços que contribuíram para avançar nos períodos mais críticos. Este autor Rodríguez, Alonso, (2014), destaca que a atividade cafeeira na Costa Rica desenvolvida nos séculos XIX e XX denota um ciclo econômico enquadrado por diferentes fases: prosperidade, crise, depressão e recuperação. A Figura 4 mostra os principais períodos da crise cafeeira.

As crises do café têm sido recorrentes, mesmo alguns anos depois do início das exportações de café para a Europa -1840-. As causas das crises foram diversas, com efeitos devastadores na economia do país. A Tabela 1 mostra os períodos, as causas e os principais efeitos, com os consequentes efeitos no elo mais vulnerável, os pequenos produtores. Desde

crises mais específicas no tempo, até períodos prolongados de depressão, é o caso da “*crise do século*” 1897-1907; com a depressão de 1929, os preços do café caíram rapidamente e só recuperaram depois da Segunda Guerra Mundial.

Figura 4. Costa Rica. Principais crises cafeeiras desde a sua introdução até os últimos tempos.



Fonte: Rodríguez, Alonso (2014). Elaborado por Quirós, 2022.

As crises recentes, 1990-1991 e finais do século XX, vieram para ficar, agravando-se mais intensamente em 2000-2004, períodos em que o número de produtores e a área cultivada diminuiriam substancialmente.

Assim, diante da crise, a permanência no mercado com significativa contribuição do produto deveu-se, como afirma (Hall, C, 1983), ao fato de que “a produção de café aumentou principalmente em decorrência do aumento constante na área plantada. Desde a década de 1950, a modernização do cultivo do café aumentou a produtividade por unidade de área. Muitas plantações de café foram replantadas com variedades como Caturra e Catuai, que produzem rendimentos superiores aos do Arábica tradicional. A recuperação da atividade cafeeira segundo Hall, Carolyn (1983),

Se da después de 1975, los precios mejoraron cuando las heladas destruyeron gran parte de la cosecha de Brasil; se incentivó la siembra de nuevos cafetales y se

intensificó la producción. A largo plazo, sin embargo, la industria permanece vulnerable tanto a las vicisitudes de los mercados mundiales, como al daño que resultaría de la introducción en Costa Rica de la enfermedad de la roya. (HALL, Carolyn, 1983, p.226).

Apesar das crises recorrentes na atividade cafeeira, segundo León, J, (2012), “Até a década de 1980, o café conseguiu manter, em média, o primeiro lugar no valor da produção agrícola, nas exportações e no emprego gerado. (LEÓN, Jorge, 2012, p.283). Este mesmo autor menciona que até 1985 o café foi fundamental para o desenvolvimento econômico do país; subsidiando outras culturas e atividades como a indústria e o comércio que gradualmente deslocaram o café da sua posição central na economia. A diversificação produtiva foi introduzida com força a partir da década de 90, apoiada pelas políticas neoliberais. Entre esses produtos; hortaliças, raízes e tubérculos, flores e folhagens, árvores frutíferas (principalmente abacaxi, melão, melancia e laranja), substituindo gradativamente os produtos tradicionais de exportação; café, banana, cana-de-açúcar e carne.

A esse respeito, Rodríguez, Alonso (2014), aponta que:

Si bien, el desarrollo de la caficultura constituyó motor de crecimiento y fuente de divisas, empleo e ingresos, igual resultó contradictoria y contraproducente; ya que enrumbo al país a una situación de extrema dependencia, deformación y vulnerabilidad. Además, colaboró a reforzar el naciente régimen democrático igual lo hizo en ayudar a formar y consolidar una oligarquía cafetalera, que como clase privilegiada ejerció el poder hegemónico. (RODRÍGUEZ, Alonso, 2014, p7).

Segundo este autor, a consolidação da monocultura cafeeira costarriquenha estava vinculada e condicionada à situação internacional, principalmente pela instabilidade e impacto negativo que costumava causar na estabilidade econômica, destacando as limitações do modelo agroexportador costarriquenho. Assim, em meados do século XX, iniciaram-se algumas mudanças no modelo, determinando que o grão abandonasse a situação privilegiada que historicamente mantinha como produto de exportação.

Não há dúvida sobre a influência que a cafeicultura teve no desenvolvimento histórico, econômico, social e cultural da Costa Rica. Tanto na formação de uma sociedade ancorada durante mais de um século num único produto de exportação, que ligasse a população e articulasse uma identidade territorial em torno do café. Porém, os períodos de crise têm sido recorrentes, a qualidade é concebida como elemento fundamental para a permanência no negócio. Nos últimos tempos, a diminuição dos espaços produtivos

dedicados à cafeicultura exige estratégias voltadas para mercados especializados, para alcançar diferenciais de preços, pois historicamente foi um elemento crucial para permanecer ativo no mercado cafeeiro.

2.2. Pequenos produtores, geração de empregos e mobilidade territorial

Historicamente, a cafeicultura teve um impacto profundo na estrutura social da Costa Rica. Desde o estabelecimento da atividade, dependeram diretamente milhares de famílias dedicadas à produção, o que constituiu um motor de crescimento e fonte de divisas, emprego e rendimentos. A ligação precoce da economia da Costa Rica aos mercados internacionais permitiu que a cafeicultura se posicionasse como a atividade económica mais valorizada. Isto teve a força de reconfigurar grande parte das áreas que compõem a vida nacional; a transformação da paisagem rural e o fortalecimento das cidades, o aproveitamento do tempo baseado nos ciclos produtivos, e a formação de uma identidade nacional articulada ao produto.

De acordo com Peter, Gertrud (2004):

La sociedad cafetalera estuvo constituida por varios actores económicos, sociales e institucionales. Por un lado, estaba la llamada “elite agroexportadora” formada por comerciantes y beneficiadores costarricenses y en alguna medida extranjeros. Luego, existía un grupo más extenso que el anterior, integrado por medianos y pequeños caficultores, algunas veces transportistas; y, por último, la mano de obra asalariada permanente o temporal. Al mismo tiempo, este sector desplegaba redes de poder político y económico sobre otras actividades nacionales. (PETER, Gertrud, 2004, p.60).

Uma constante foi a incorporação de milhares de pequenos e médios produtores que participam da atividade, e o grande número de elos e redes que se articulam em torno deles, como catadores, transportadores, comerciantes e outros atores que participam indiretamente.

Nesse sentido, Acuña, Víctor; e Molina, Iván (1991): salientam que “o período 1821-1850 correspondeu ao início da transição para o novo sistema económico e social. O período entre 1850-1890 marcou a sua inevitável consolidação... O comerciante

(estrangeiro) começou simultaneamente a penetrar na produção, especialmente com o cultivo e processamento do café, o que estimulou a privatização da terra e a compra e venda de força de trabalho. (ACUÑA, Víctor Hugo e MOLINA, Iván, 1991, p.76). Segundo esses autores, a reprodução da família camponesa passou a ser mediada pelo mercado. No final da colônia a terra não era mercadoria, era propriedade e exploração comunitária. A mudança decisiva ocorreu com a expansão da cafeicultura.

A ascensão do setor exportador e do comércio de importação de café, nos arredores de San José, Heredia e Alajuela, exacerbou a crise da agricultura de subsistência em pequena escala. Iniciou-se um processo de concentração de propriedade por meio de vendas legais ou pela entrega de terras pelos camponeses, em função da dívida adquirida pelos empréstimos usurários concedidos pelos cafeicultores. Vargas, G (2014), destaca que “a colonização agrícola foi uma característica essencial do capitalismo agrário, que ao se consolidar deu origem a um campesinato empobrecido e sem-terra que foi forçado a migrar para a fronteira agrícola”. (Vargas, Gilberth, 2014, p.144).

Essa migração foi caracterizada segundo Sandner, Gerard (1962), como sendo espontânea (os camponeses migraram para frentes pioneiras), segundo Vargas, Gilberth, (2014) como centrífuga e em ondas, a partir de uma população localizada na área central de o país e foi em direção à periferia nacional e em diferentes períodos. No século XX, por volta de 1950, ocorreram processos migratórios induzidos, mas com menor impacto no território nacional. Essa dinâmica contribuiu para a formação de uma mobilidade territorial ligada ao café como produto identitário, que reconfigurou todas as esferas do desenvolvimento econômico, social e ambiental, sendo considerado um sistema produtivo dominante até a década de 1980. Granados, C (1994), menciona que o impacto ecológico da cafeicultura na Costa Rica não teve precedentes. Após a adesão à Revolução Verde, ocorreu uma reestruturação dos agrossistemas cafeeiros, cujas consequências sobre o meio ambiente assumiram proporções alarmantes.

Segundo Hall, Carolyn (1983), referindo-se aos sistemas produtivos da Costa Rica, aponta que:

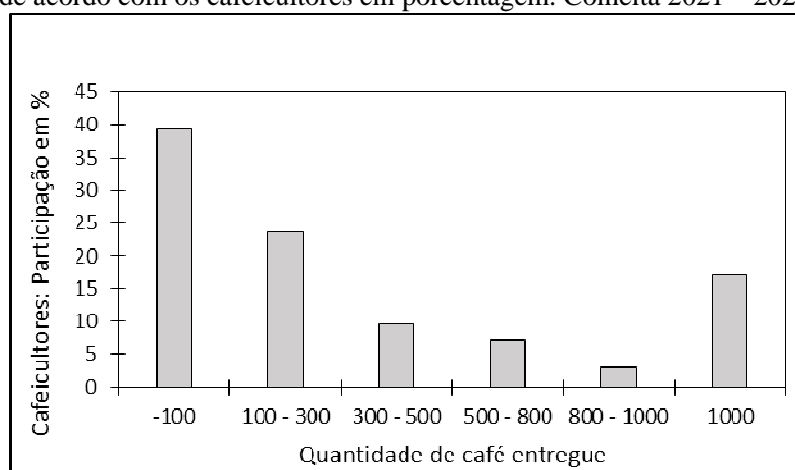
El café es menos importante como producto de plantaciones, y el más ampliamente difundido en minifundios y fincas campesinas. La tierra para establecer latifundios cafetaleros abundó en el pasado, pero siempre escaseo la mano de obra,

particularmente en la época de cosecha, cuando se requieren muchos trabajadores adicionales. Solo en el Valle Central Oriental se ha concentrado la producción en plantaciones. El café es apropiado para el cultivo en fincas pequeñas; hay poco potencial para mecanización y puede emplearse la mano de obra familiar durante la cosecha. (HALL, Carolyn, 1983, p.223).

A este respeito Samper, M; Roseberry, W e Gudmundson, L (2001), destacam que “Os pequenos produtores predominaram na expansão da colonização e do cultivo do café no Planalto Central da Costa Rica. Embora os beneficiários e comerciantes tivessem grandes explorações agrícolas, a maior parte da terra estava nas mãos de pequenos produtores e surgiu um campesinato de orientação mercantil.” SAMPER, Mário; ROSEBERRY, William e GUDMUNDSON, Lowell, 2001, p.29).

Retomando a contribuição de Waibel, L, (1978, p.142), este autor salienta que, na primeira metade do século XIX, a sua população passou a ser proveniente da agricultura de subsistência (trigo, milho, leguminosas, cana-de-açúcar, tabaco, etc), a uma agricultura baseada no café, no Planalto Central, que se transformou em cafezais, cultivados nas terras mais férteis.”

Gráfico 1. Costa Rica. Quantidade de café entregue às empresas beneficiadas, de acordo com os cafeicultores em porcentagem. Colheita 2021 – 2022.



Fonte: Icafé (2022). Elaborado por Quirós, 2022.

Embora tenha havido uma concentração da propriedade especialmente na zona central do país, e uma conseqüente expulsão dos camponeses para as regiões periféricas; O

café integrou principalmente os pequenos produtores na fase de cultivo, situação que perdura até hoje. Essa tendência é mostrada no gráfico 1.

Segundo Icafé, (2022), “La producción cafetalera de Costa Rica está concentrada principalmente en miles de pequeños productores. El 86.7 por ciento de ellos registran entregas inferiores a las 100 fanegas (2 Dhl) de café, con un aporte en conjunto del 39.3 por ciento de la producción nacional correspondiente a la cosecha 2021-2022”, (ICAFÉ, 2022, p.22), conforme mostra gráfico 1.

Apesar do que foi dito acima, e da característica do café da Costa Rica, ser socialmente democratizante; os dados estatísticos mostram um declínio acelerado no número de produtores que permanecem no negócio. O Icafé, mostra para o período cafeeiro 1995-1996, um total de 76.819 produtores, para o período 2011-2012, esse número foi reduzido para 52.787 produtores e no período 2021-2022 estão cadastrados 26.704 produtores, uma diferença de 50.015 produtores entre o primeiro e o último período. Só nos últimos dez anos, foram perdidos 26.083 produtores.

Embora a atividade cafeeira envolva muitos produtores na cultura, historicamente houve uma grande concentração no beneficiamento e processamento do café, com utilização de tecnologias caras para garantir sua qualidade, inacessíveis aos pequenos produtores. Segundo Hall, Carolyn (1983), “embora o cultivo do café esteja amplamente distribuído entre milhares de agricultores, o processamento é realizado em moinhos pertencentes a grandes proprietários de terras ou cooperativas”. (HALL, Carolyn, 1983, p.226).

Contudo, Icafé, (2022), menciona que:

Este cultivo es altamente intensivo en el uso de recursos humanos, desde la preparación de la planta para la producción, hasta la recolección de la fruta, es la etapa cuando el café es más demandante de personas dedicadas a recolectar la fruta, ya que su recolección es manual. El café es una actividad generadora de empleo y el motor de la economía de muchas regiones del país. De la producción de café se benefician directamente los productores y sus familias, los recolectores del grano, así como indirectamente el comercio, los transportistas, entre otros sectores económicos del país. (ICAFÉ, 2022, p.23)

A sazonalidade do café, de julho a abril, oferece emprego a milhares de pessoas; começando na década de 1990, com processos de migração intrarregional e internacional principalmente da Nicarágua e do Panamá.

Os meses de novembro a fevereiro são os meses de maior mão-de-obra para a colheita, o que historicamente representa uma dificuldade para a presença de colhedores de café; Situação que se agravou a partir da década de 1990, quando outros produtos agrícolas competiram pela mão de obra e pela incorporação da população local em outras atividades não agrícolas, como serviços e comércio. Em estudos realizados por autores como; Morales, A e Castro, A. (2002), Loría, R. e Timberlin, P. (2011); Morais, A; Lobo, D. e Jiménez, J. (2014); Hartley, M. e Delgado, A. (2017); Morales, A. (2018), mostram como esta escassez de mão de obra foi parcialmente corrigida com a mobilidade territorial da população internacional, especialmente dos países vizinhos, Nicarágua e Panamá; aqueles que migram temporária ou definitivamente para participar da atividade e gerar renda para suas famílias.

2.3. **Dinâmica da atividade cafeeira; produção, mercados, preços.**

A seção seguinte contextualiza a atividade cafeeira tanto em nível global quanto com dados específicos para o caso da Costa Rica, relacionados à produção, exportação, mercados e preços do café. Dados que nos permitem compreender a dinâmica da atividade a nível geral.

Segundo Icafé, com base na OIC, (2022, p.11) as exportações mundiais podem ser classificadas de acordo com os grupos estabelecidos pela Organização Internacional do Café (OIC);

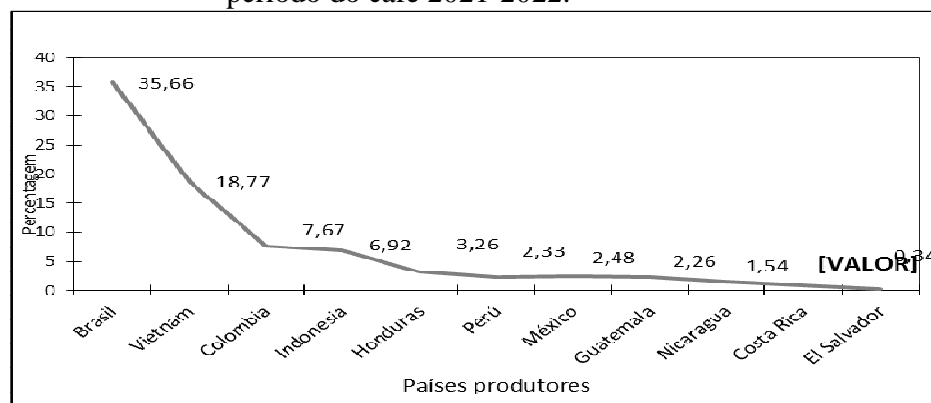
- a. *Suaves Colombianos*; composto pela Colômbia, Quênia e Tanzânia, contribuiu com 10,3% do café no período cafeeiro 2021-2022.
- b. *Outro Leve*; Grupo produtor de café Arábica lavado, formado por 22 países, este grupo inclui a Costa Rica. Eles contribuíram com 20,7%.

- c. *Naturais Brasileiros*; terceiro grupo produtor de café Arábica não lavado, formado por Brasil, Etiópia e Paraguai; para o ano cafeeiro de 2021-22, eles contribuíram com 31,5%.
- d. *Robusto*; composto por 23 países, a maioria deles africanos, asiáticos, oceânicos e alguns países americanos. Durante o ano cafeeiro de 2021-22 (outubro-set), as exportações de café desse grupo representaram 37,5%.

O café comercializado mundialmente provém de *C. arabica* ou *C. Canephora arabica* ou robustas e, em menor proporção, de *C. Liberica*. O café da Costa Rica é, inteiramente, do tipo Arábica, que faz parte do grupo dos “outros suaves”, considerado um dos melhores do mundo.

No que diz respeito à produção global de café, a atividade é definida pelos maiores países produtores, nomeadamente; Brasil (35,66%), Vietnã (18,77%), Indonésia (11,57%) e Colômbia (7,67%) que contribuíram segundo Icafé (2022, p.5), no período 2021-2022 com 68,5% da produção. Os países produtores de café da América Central, nomeadamente; Honduras (3,26%), Guatemala (2,26%), Nicarágua 1,54%, Costa Rica (0,88%) e El Salvador (0,34%) produzem 6,74% do café consumido no mercado mundial. Outros países como Peru (2,33%) e México (2,48%) contribuem com percentuais semelhantes. Com tendências apontadas por Ocampo, Olga; Álvarez, Lina (2007), crescendo em países como Brasil, Vietnã e Indonésia, Honduras, Nicarágua e Peru, tendência decrescente na maioria dos países africanos e latino-americanos incluindo Costa Rica e com tendência à estabilidade como na Colômbia e Guatemala. Conforme mostrado no gráfico 2.

Gráfico 2. Comparação dos países produtores de café com a Costa Rica, período do café 2021-2022.

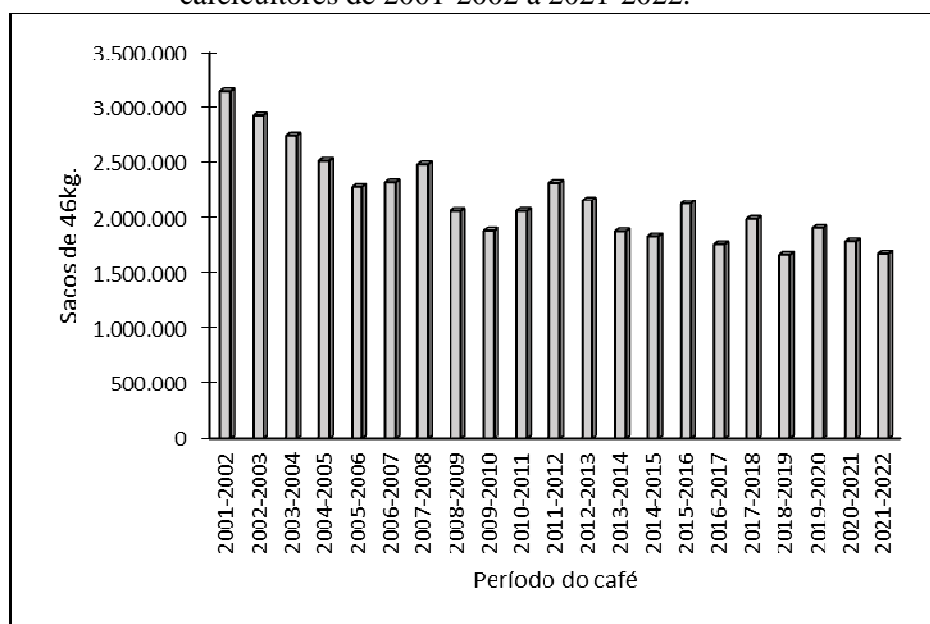


Fonte: Icafé (2022, p.76). Elaborado por Quirós, 2022.

No caso da Costa Rica, apesar da diminuição constante, o café continua a ser um produto que contribui para a economia da Costa Rica e gera emprego, especialmente nas zonas rurais; sendo o terceiro produto de exportação mais importante. Segundo (Icafe, 2022, p.31), dentro das exportações de produtos agrícolas da Costa Rica, o café é o terceiro produto de exportação, em 2020-2021 (outubro-set) contribuiu com o valor de 337.775 mil dólares americanos, superado pelas bananas, que em 2021-22 gerou divisas para o país no valor de 1.048.027 milhões de dólares e abacaxi no valor de 1.035.696 milhões de dólares.

No gráfico 3, a produção de café ouro⁸ da Costa Rica entre o período cafeeiro 2003-2004 a 2021-2022, que mostra a diminuição da contribuição da Costa Rica para a produção cafeeira, com um aumento significativo no período cafeeiro 2012-2013, mas com uma tendência descendente.

Gráfico 3. Costa Rica. Produção de café dourado. Sacos de 46 kg. Períodos cafeeiros de 2001-2002 a 2021-2022.

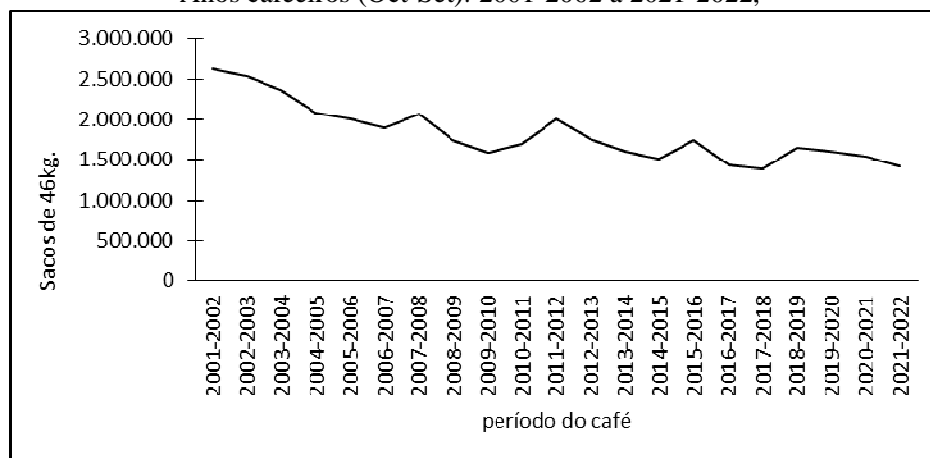


Fonte: Icafé (2022). Elaborado por Quirós, 2022.

⁸ O café verde (ouro) é o resultado de todo o processo de processamento do café cereja, inclui cereja madura, café em pergaminho, preparo do café verde (ouro).

No que diz respeito às exportações, verifica-se uma diminuição do contributo para o mercado mundial, com tendência decrescente nos últimos quatro anos, conforme mostra o gráfico 4.

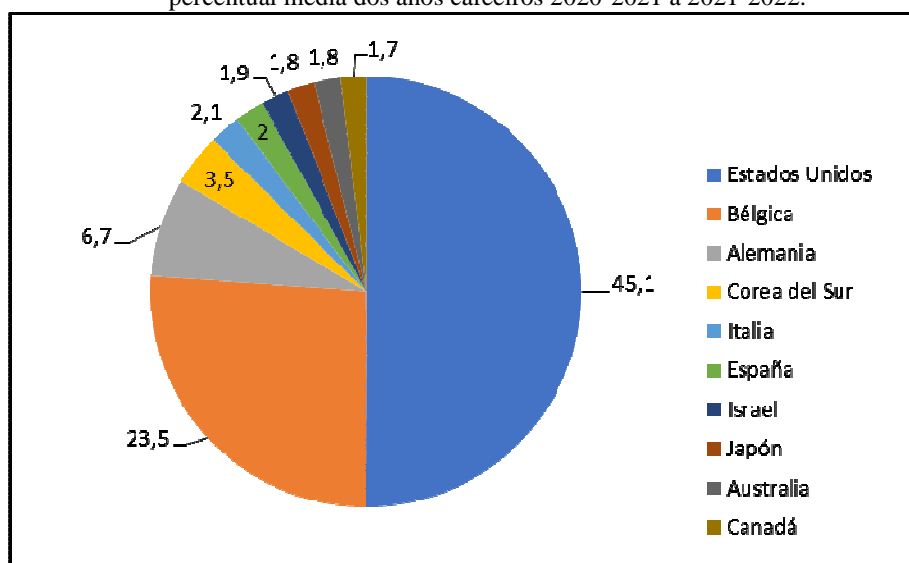
Gráfico 4. Costa Rica. Exportação de café verde (ouro) em milhares de sacas de 46 kg. Anos cafeeiros (Oct-Set): 2001-2002 a 2021-2022,



Fonte: Icafé (2022). Elaborado por Quirós, 2022.

Os principais destinos das exportações de café da Costa Rica nos últimos quatro anos, segundo Icafé, 2022, são a) Estados Unidos, que nos últimos períodos perdeu participação em relação a outros destinos. b) A Bélgica ocupa o segundo destino mais importante, onde apesar da menor produção de café, é um destino que aumenta a sua participação, c) a Alemanha com variações nos últimos anos, apresentando um comportamento cíclico e d) a Coreia do Sul, é o quarto mais importante destino, embora tenha diminuído no período 2020-2021. Os demais destinos, Itália, Espanha, Israel, Japão, Austrália e Canadá, importam quantidades menores de café verde (ouro); conforme mostrado no gráfico 5.

Gráfico 5. Costa Rica. Exportações de café verde por país de destino. Participação percentual média dos anos cafeeiros 2020-2021 a 2021-2022.



Fonte: Icafé (2022, p.28). Elaborado por Quirós, 2022.

Por sua vez, a nível global, a comercialização do café torrado está concentrada nas mãos dos países importadores, como aponta López, Karina, (2014), para o ano de 2013, as exportações mundiais de café torrado, Suíça 21%, Itália 15%, Alemanha 14%, Estados Unidos 9%, França 5%, Bélgica 5%, Bélgica 5%. Dos países produtores que exportam a maior quantidade de café torrado em toneladas e segundo valor unitário em USD Média 2009-2013, estão Colômbia 3.546 (5,6%), México 4.571 (4,6), Brasil 3.471 (6,4%) e Vietnã 2.818 (3,1). A Costa Rica exporta 585 (6,7 USD), o que representa 1,6% das exportações de café ouro. Em 2013, foram exportadas 866 toneladas de café torrado, como o resto dos países centro-americanos.

Segundo este autor; Apesar do baixo volume de café torrado exportado, este vem aumentando, favorecido pela popularidade do café da região como uma das variedades Arábica de mais alta qualidade do mundo, com algumas origens marcantes como Antígua na Guatemala e Tarrazú na Costa Rica e individuais esforços de um pequeno número de empresas locais ou associações de produtores. Os principais desafios para a participação da Costa Rica no mercado de café torrado são: disponibilidade de matéria-prima, qualidade, inovação e diferenciação (produto e embalagem), disponibilidade de nichos e promoção no destino.

Segundo Medaglia, Cindy (Sf), os Estados Unidos são o principal consumidor de café do mundo, o primeiro importador de café dourado e o segundo de café torrado, e também o primeiro destino das exportações de café da Costa Rica. Fatores como a proximidade geográfica, a sofisticação do consumo e o crescente interesse do consumidor num papel mais ativo do produtor na cadeia de valor são características que o posicionam como um mercado de interesse para aumentar a participação das exportações de café torrado.

Em relação aos cafés especiais de qualidade; Canet, G; Soto, C (2017), apontam que:

En Costa Rica se reporta que el café de calidad especial ocupa el 45 % del volumen total exportado por ese país para la cosecha 2014-2015, para un segmento que inició su promoción tan solo desde el año 2000. A nivel mundial el sector de los cafés de calidad especial ha mostrado un crecimiento sostenido del 4.5 % desde el año 2000. Los principales mercados para la comercialización de cafés especiales son Japón y Estados Unidos; en menor cantidad, se exporta a los mercados de Bélgica, Italia, España y Reino Unido. (CANET, G; SOTO, C, 2017, p.127).

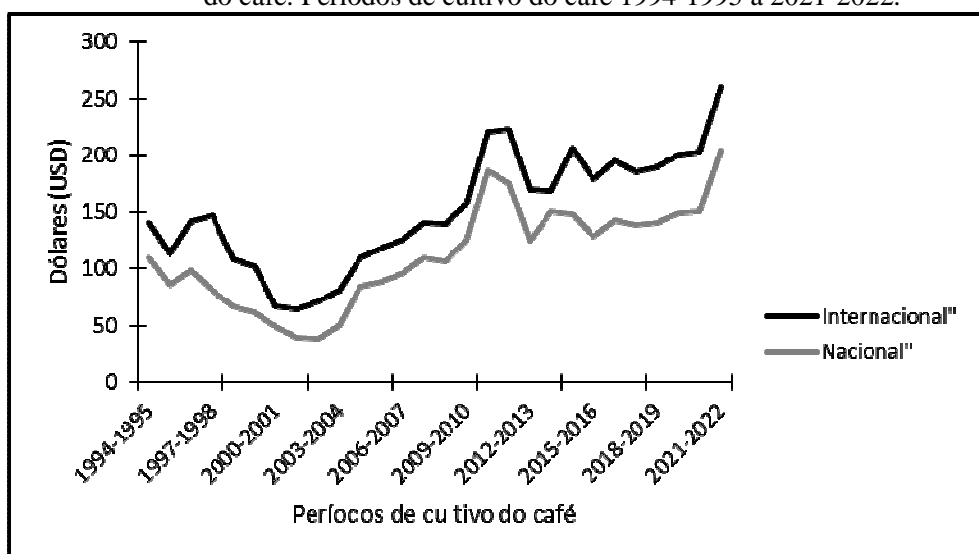
O comércio internacional do café é regulado pelos acordos internacionais da Organização Internacional do Café (OIC), o último dos quais foi assinado em 2007. Com relação aos preços internacionais do café, segundo Icafé, (2022), o Contrato C da Intercontinental Exchange (ICE) ⁹, abrange Cafés Arábica Suaves e permite entregas de vinte países produtores. Alguns desses cafés são negociados em “Bolsa”, enquanto outros são negociados com spreads acima ou abaixo do preço base. Portanto, é o mercado de referência para o café costarriquenho. (Icafé, 2022, p.16). De acordo com esta mesma instância, a evolução dos preços do café em comparação com os ciclos anteriores de alta dos preços do café, desde 1990 os períodos de alta dos preços ocorreram durante 2011 e 2014, quando o café ainda foi precificado até atingir a negociação do ano de 2011 300 USD/45,36 kg. Conforme mostrado no gráfico 6 a seguir.

A grave crise que afetou a atividade cafeeira no final da década de 1990 e início da década de 2000 reflete-se nos dados; sendo os valores mais baixos cotados, para o período 2000-2001 (\$66,12) 2001-2002 (\$64,06) 2002-2003 (\$71,43) 2003-2004 (\$81,4). Com

⁹ Popularmente conhecida como Bolsa de Valores de Nova York.

ligeira recuperação nos períodos subsequentes, atingindo os melhores preços no período 2010-2011 (\$220,12) e 2011-2012 (\$222,76), 2014-2015 (\$206,7), estabilizando nos anos seguintes e alcançando as melhores cotações entre os três últimos períodos, 2019-2020 (US\$ 200,36), 2020-2021 (US\$ 203,47) e 2021-2022 (US\$ 260,19).

Gráfico 6. Costa Rica. Preços de exportação e de comercialização interna do café. Períodos de cultivo do café 1994-1995 a 2021-2022.



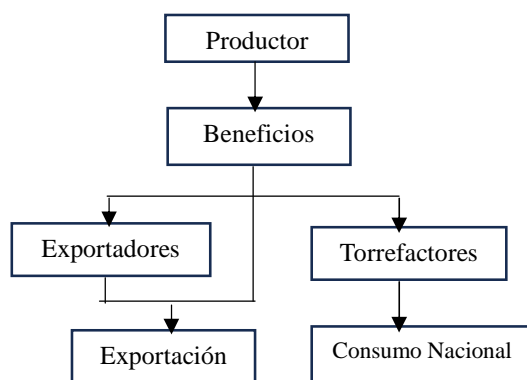
Fonte: Icafé (2022). Elaborado por Quirós, 2022.

No mercado interno, as vendas estão liberalizadas desde 1992; os dados mostram um preço de comercialização inferior aos preços de exportação, mas seguindo a mesma tendência acima indicada. De modo geral, os dados mostram grande instabilidade no preço de referência internacional da café e grande vulnerabilidade do setor a episódios críticos, como é conhecido pela produção primária.

Na Costa Rica, a comercialização do café é regulamentada pela Lei de Relações entre Produtores, Beneficiários e Exportadores de Café, por meio da Lei 2.762, de 21 de junho de 1961 e suas alterações, e pelo Regulamento dessa lei. Isto tem como objetivo garantir uma participação justa a cada setor. A atividade é privada, mas regulamentada pelo Instituto do Café da Costa Rica (ICAFFE). Pela lei, o beneficiário tem um lucro de 9% da receita gerada pela venda do café, deduzidos os custos de processamento. Os exportadores têm um lucro de 2,5% da transação quando compram assumindo as flutuações do mercado

e de 1,5% quando atuam como intermediários. A figura 5 a seguir mostra a estrutura do setor cafeeiro:

Figura 5. Costa Rica. Atores participantes da estrutura do setor cafeeiro.



Fonte: Icafé, (2023 online ¹⁰).

No que diz respeito à estrutura do setor cafeeiro, este é marcado por grandes mudanças a partir do final dos anos 90 e início dos anos 2000. A Tabela 1 mostra uma diminuição no número de produtores, que passou de 76.819 no período cafeeiro de 1995-1996 para 26.704 no último período 2021-2022, com quedas constantes desde o início de 2000, consistentes com a grave crise cafeeira, como aponta Montero, A (2018), a queda dos preços associada à ruptura do ACI, recomenda-se uma série de medidas pelo estado; entre eles não expandir e reduzir a área cultivada, incentivar a diversificação agrícola, reduzir os custos de produção, promover a produção e o consumo de qualidade.

Tabela 1. Costa Rica. Estrutura do setor cafeeiro da Costa Rica. Anos de colheita 1997-1998 e 2021-2022.

Setor Café	1995-1996	1997-1998	1999-2000	2001-2002	2003-2004	2007-2008	2011-2012	2015-2016	2020-2021	2021-2022
Produtores	76819	72942	73707	70 143	60 483	52 512	52 787	45 445	27h39	26.704
-Beneficiando										
Empresas	95	95	94	93	95	135	184	239	304	304
-Empresas exportadoras	3. 4	Quatro cinco	47	56	63	71	93	72	105	93
-Empresas de torrefação	38	cinquenta	33	3. 4	36	vinte e um	57	80	66	65

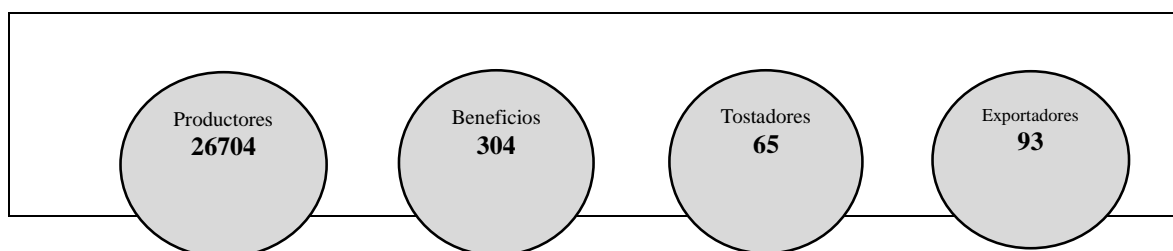
Fonte: Icafé (1995-2022). Elaborado por Quirós, 2022.

¹⁰Disponível em: <https://www.icafe.cr/nuestro-cafe/estructura-del-sector/>

Como consequência, as pequenas empresas de transformação começam a crescer, passando de 95 empresas em 1995-1996 para 304 no período 2021-2022, um aumento nas empresas exportadoras e nas empresas torrefadoras; menor do que as empresas tradicionais que geriram o setor durante muitas décadas. Além disso, as medidas ambientais adotadas na década de 90, em decorrência da crise ambiental provocada pelas grandes usinas, obrigaram as usinas a fazer ajustes tecnológicos para reduzir especialmente a poluição nos mananciais, os rios, onde o mel era diretamente depositado. café e brosa. Essas mudanças foram mal assimiladas pelos benefícios, com o que muitos deles fecharam a sua participação. A figura a seguir mostra o comportamento do setor cafeeiro para o ano de 2022.

A Figura 6 mostra o número de produtores, que é drasticamente reduzido, em comparação ao período 1995-1996, que foi de 76.819 produtores para 26.704 no último período, o número de benefícios aumenta de 95 no mesmo período para 304, crescendo especialmente os pequenos benefícios, e da mesma forma as empresas torrefadoras e exportadoras aumentam consideravelmente.

Figura 6. Costa Rica. Setor cafeeiro, 2023.



Fonte: Icafé (2023). Adaptado por Quirós, 2023.

Da mesma forma, uma tendência que se observa, conforme mostra a tabela 2, é o enfraquecimento das associações e cooperativas, que se fortaleceram e foram fundamentais na década de 70 e 80 para o setor cafeeiro no apoio aos produtores, a fim de conseguir melhores preços de mercado; antes de os comerciantes e exportadores privados, que prevaleceu por um longo período na história do café da Costa Rica. As empresas comerciais começam a crescer, muitas delas nas mãos de produtores que decidem avançar para o processamento e comercialização do café.

Tabela 2. Costa Rica. Empresas Beneficiárias segundo sua Natureza e Volume Declarado de Café (alqueires*) (fanegas) Colheitas 2014-2015 a 2021-2022

	Colheita								% Compartilhar
	2014-2015	2015-2016	2016-2017	2017-2018	2018-2019	2019-2020	2020-2021	2021-2022	
Natureza jurídica									
Associações Cooperativas	19	vinte e um	22	vinte	vinte	vinte	19	17	5,6%
Empresas Comerciais	197	218	224	239	252	272	285	287	94,4
Total de assinaturas	216	239	246	259	272	292	304	304	100
Associações Cooperativas	787432	924028	769083	769083	701545	801910	670480	670 480	40,1
Empresas Comerciais	1110504	1309425	1248852	1248852	1016114	1172891	1002030	1002030	59,9
Total, alqueires	1897936	2233453	2017935	2017935	1717659	1974801	1672510	1672510	100

Fonte: Icafé (2014-2022). Elaborado por Quirós, 2022.

Conforme observado por Gudmundson, L (2018), Sandí, J; Zúñiga, C; Montero, A (2007), a liberalização do mercado provocou uma reestruturação da cadeia do café, fica evidente a reorganização da produção cafeeira, que na era gourmet começa a ser redefinida.

2.4. Estrutura territorial do café na Costa Rica, diferenciação espacial da qualidade

A estrutura territorial é derivada da organização territorial, segundo Domínguez, J (2014), aborda as diferentes formas de organização social da produção e as formas territorialmente organizadas de produção humana que dão combinações territoriais-produtivas. Além disso, a forma como os tipos de produção interna se relaciona e a natureza da inter-relação dos seus elementos territoriais. (DOMÍNGUEZ, J, 2014, 209).

Segundo Garza, José; Sánchez, Álvaro (2018), a estrutura territorial deriva da teoria da organização territorial da economia cuja origem remonta à escola soviética da década de 1920 e é identificada com diversas direções de investigação ligadas à regionalização económica, à utilização dos recursos naturais e problemas ambientais. (GARZA, José; SÁNCHEZ, Álvaro, 2018, p.186). Estes autores salientam que a estrutura territorial consiste na identificação de uma série de elementos físicos, estáticos ou dinâmicos, que permitem a implementação desta atividade económica no território. Da mesma forma, Sánchez, Álvaro, et al (2018), a estrutura territorial centra-se em explicar três condições do

ponto de vista geográfico: a disposição espacial dos recursos que, por sua vez, define os padrões de ocupação do espaço; a infraestrutura e a rede de serviços e os fluxos de bens, pessoas e informações.

Por ser um produto agrícola vinculado às condições do território, grande parte do território costarriquenho apresenta condições favoráveis para a produção de café. A atividade cafeeira inicia-se na zona centro do país, em solos altamente produtivos devido à sua condição de solo vulcânico, clima privilegiado e disponibilidade hídrica adequada. Posteriormente, a expansão cafeeira ocorreu em direção à periferia em territórios de fronteira agrícola; muitos deles com condições de produzir café de qualidade e atingir rendimentos adequados.

A vinculação de variáveis territoriais para a diferenciação do café a áreas específicas esteve presente desde o início da atividade cafeeira, mais estruturada com a criação do Instituto de Defesa do Café (IDC). Segundo Viales, Ronny; Mora, Andréa (2010). “A expansão da cafeicultura promoveu um projeto de zoneamento cafeeiro, que leva em conta as diferenças regionais, sociais, agroecológicas e técnicas da produção de grãos na Costa Rica. Porém, somente em 1933, quando nasceu o Instituto de Defesa do Café (IDC), é que foi criada uma legislação sobre o assunto. O Instituto se encarregou de estabelecer as liquidações que os beneficiários deveriam pagar ao produtor, para as quais se baseava na altitude das diferentes regiões. Em 1936, a IDC publicou os preços médios do café por áreas cafeeitoras, correspondentes às colheitas de 1933-1934 a 1935-1936. A partir desta publicação, emergiu uma diferença relativamente acentuada entre as diferentes regiões produtoras.

A identificação espacial das regiões cafeeiras incorpora desde a sua gênese esse reconhecimento diferencial do café em termos de qualidade. Reconhecimento que atualmente é ampliado com mecanismos de divulgação e promoção, conferindo identidade territorial ao café das diversas áreas cafeeiras, tanto no âmbito nacional como internacional. A região de Los Santos se destaca pela boa reputação e reconhecimento ¹¹.

¹¹ O café Tarrazú da Costa Rica, produzido na região de Los Santos, recebeu a Denominação de Origem do Café Tarrazú em 2019, e em 2021 a proteção dos países signatários da Organização Mundial da Propriedade

A precipitação e a umidade relativa, assim como a temperatura, tendem a diminuir com a altitude; A altitude está relacionada a fatores climáticos e, em conjunto, afeta o tamanho e a dureza da semente e também influencia alguns componentes da qualidade da bebida, principalmente a acidez. El Icafé (2020) possui um guia técnico para o cultivo do café; em que define as condições ótimas para o cultivo. A nível geral, as seguintes características são definidas como determinantes:

- a. *Altitude*: ideal para o cultivo do café está localizada entre 500 e 1800 metros acima do nível do mar. Afeta diretamente os fatores de temperatura e precipitação. Acima deste nível existem fortes limitações em relação ao desenvolvimento da planta. A altitude está relacionada a fatores climáticos e, em conjunto, afeta o tamanho e a dureza da semente e influencia alguns componentes da qualidade da bebida, principalmente a acidez.
- b. *Precipitação*: pelo menos 1.000 a 3.000 mm anuais influenciam o desenvolvimento do cafeeiro. A quantidade e distribuição da chuva são decisivas; um período prolongado de seca leva à desfolha e morte da planta. Chuvas superiores a 3000 mm podem afetar a qualidade do grão e da xícara, tornando o controle fitossanitário da plantação difícil e caro.
- c. *Temperatura*: a temperatura média anual favorável está entre 17 e 23 graus Celsius. Temperaturas abaixo de 10 C causam clorose e paralisia do crescimento das folhas jovens e temperaturas mais elevadas prejudicam a produção.
- d. *Umidade relativa*: níveis superiores a 85% da média mensal, favorece o ataque de doenças fúngicas que são significativamente favorecidas.
- e. *Vento*: os ventos fortes induzem à dessecação e danos mecânicos aos tecidos vegetais, além de favorecer a incidência de doenças. É aconselhável escolher terrenos protegidos do vento, ou estabelecer quebra-ventos para evitar danos.

Somam-se a esses elementos as características do café da classe Arábica, que oferece uma bebida aromática, delicada e de bom sabor. As principais variedades cultivadas no país segundo Icafe, 2022 ¹²respondem ao fato de que “desde meados do século XX, a

Intelectual. 85,28% dos hectares plantados com café na Zona de Los Santos correspondem ao café do tipo “Strictly Hard Bean”, que é cultivado entre 1.200 e 1.650 metros de altitude.

¹² Icafé, 2022 disponível em: <https://www.icafe.cr/nuestro-cafe/historia/>

cafeicultura costarriquenha experimentou uma nova modificação produtiva derivada da difusão de técnicas agrícolas de alto desempenho no âmbito do “Revolução.” Verde”. Entre seus resultados destaca-se a mudança na variedade de café cultivado; foram adotados híbridos de baixo crescimento, variedades Caturra e Catuaí. A tecnologia de produção passou de extensiva para intensiva, o que gerou maior produtividade por unidade cultivada.

Reafirmando o exposto, CEPAL e CAC/SICA (2014, p.57), apontam que;

“Desde a década de 1970, a promoção de sistemas de produção “técnicos” focados em maiores rendimentos de café implicou mudanças nos sistemas de plantação com variedades híbridas comerciais, aumento da densidade de plantação e uso de agroquímicos comerciais, e redução da sombra. Esses sistemas incluem policultura comercial com uma única camada de sombra de diversas espécies, sombra de uma única espécie e monocultura sem sombra.” (CEPAL e CAC/SICA, 2014, p.57).

As variedades Caturra e Catuai são aquelas que foram adaptadas na segunda metade do século XX e ainda predominam. enquanto as demais variedades são melhoradas e introduzidas nas últimas décadas. Foram fortemente implementadas a variedade Cultivar Obata (IAC 1669-20), Cultivar Obata Amarillo (IAC Obata 4739) e a linha Lines derivada da cultivar Sarchimor T-5296.

As variedades tradicionais têm sido substituídas por variedades com melhor qualidade de chávina, mais resistentes a pragas e doenças, bem como por variedades que se adaptam às condições ambientais que contribuem para uma visão abrangente do território, como variedades que toleram o uso da sombra, a diminuição no uso de agroquímicos e que sejam comercialmente reconhecidos pela sua qualidade.

De acordo com as safras 2018-2019 a 2021-2022, o quadro 11 mostra as principais variedades de café cultivadas na Costa Rica.

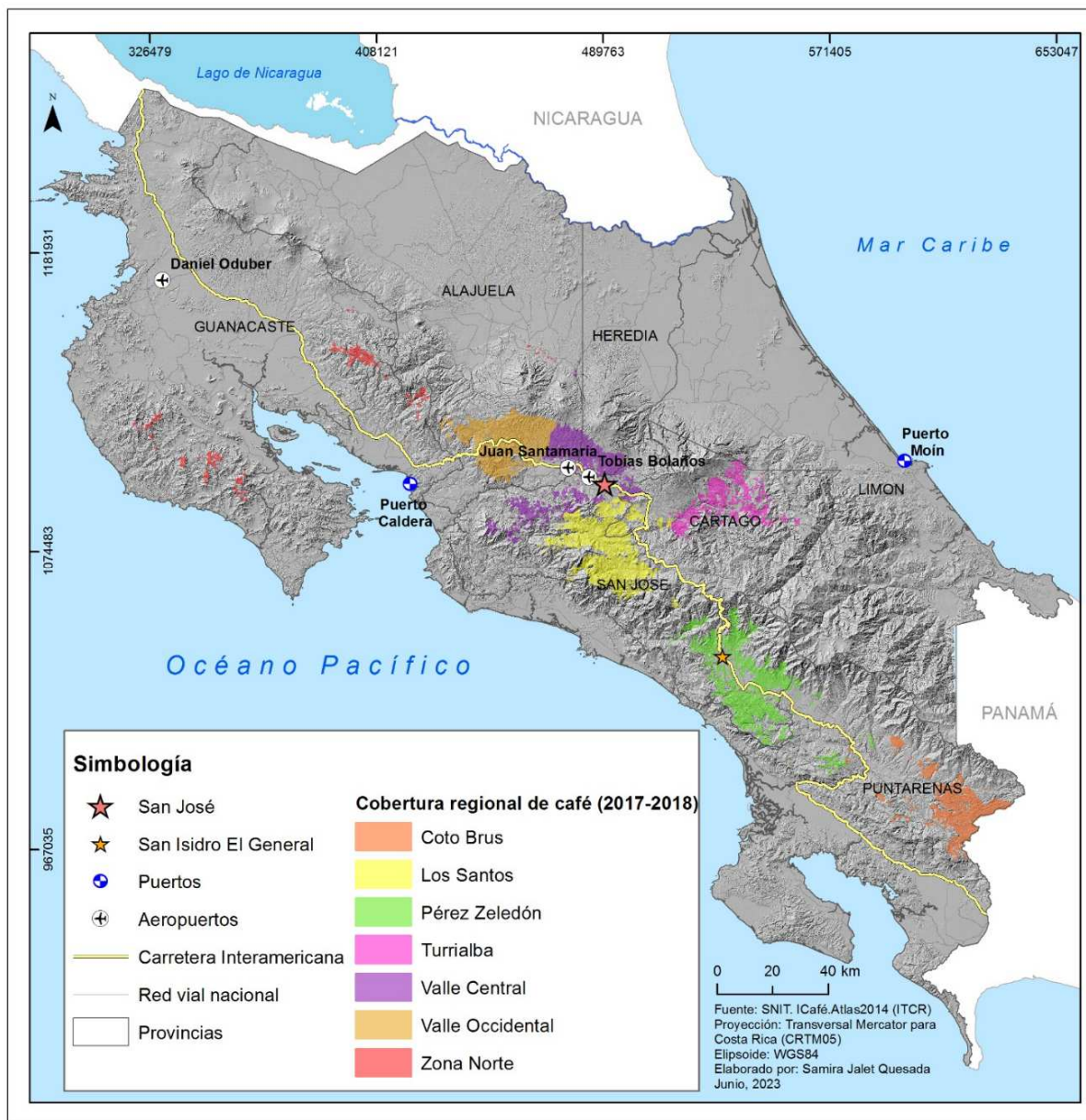
Quadro 11. Costa Rica. Principais variedades mais cultivadas na Costa Rica.

Variedade	Características
Variedade Caturra	Variedade encontrada em Minas Gerais, Brasil. originou-se como uma mutação de um gene dominante do café Bourbon. O Caturra se caracteriza por ser curto. A adaptabilidade desta casta é muito ampla, nomeadamente em termos de altitude, e o potencial produtivo é muito notável.
Crescer Catuaí	Originário do Brasil. Cruzamento natural entre Sumatra e Bourbon. É

	pequeno em tamanho. O Catuaí Vermelho é o mais distribuído no país, existe também o Catuaí Amarelo, ambos mantêm características e qualidades semelhantes.
Clone Híbrido F1	Produção média 27% superior à Caturra e Catuaí. A qualidade da xícara mostrou-se semelhante ou até superior à Caturra e Catuaí nas mesmas condições ambientais. Tolerância à ferrugem, sendo suscetível a outras doenças como Caturra e Catuaí.
Variedade Veneza	É uma variedade mais curta que o Catuaí, alta qualidade da bebida, granulometria grande (superior ao Caturra). Sua produção é em média semelhante à variedade caturra.
Crescer Obata (IAC 1669-20)	Naturalmente, foi feito um cruzamento com Catuaí, dando origem ao Obata IAC 1669-20. Carruagem baixa. A cor dos frutos é vermelha, de tamanho grande, de muito boa qualidade para beber. Esta cultivar apresenta tolerância às raças de ferrugem do cafeeiro. A qualidade da xícara e seu desempenho na fábrica mostraram-se semelhantes ao Caturra e ao Catuaí nas mesmas condições ambientais.
Cultive Catiguá MG2	Provém do cruzamento entre um Catuaí (IAC 86) e um Timor Hybrid (UFV 440-10). Carruagem baixa. A qualidade da xícara é considerada de muito boa a excelente. As plantas apresentam alta tolerância às raças de ferrugem do cafeeiro.
Linhas derivadas da cultivar Sarchimor T-5296	Provém do cruzamento de Villa Sarchí com as linhas Timor Hybrid (CIFC 832/2), F4 e F5 San Isidro e Victoria, de baixo porte. A qualidade da xícara é considerada boa a muito bons. As plantas tendem a ser tolerantes à ferrugem, mas foram observadas linhas ou plantas suscetíveis.
Cultive o Paraíso MG1 (MG 419-1)	Vem do cruzamento entre um Catuaí amarelo (IAC 30) e um Timor Hybrid (UFV 445-46). Carruagem baixa. A qualidade da bebida é boa. Apresenta adaptabilidade a áreas com déficit hídrico.
Cultivar Amarelo Obata (IAC Obata 4739)	Provém do cruzamento natural entre a cultivar Obata IAC 1669-20 e um Catuaí amarelo. As características são muito semelhantes às da cultivar Obata IAC 1669-20. Carruagem baixa. A produção é maior em comparação à cultivar Obata IAC 1669-20. Recomenda-se plantar em áreas com disponibilidade de recursos hídricos e 30% de sombra.

Fonte: Icafé (2020, p.23-27). Elaborado por Quirós, 2022.

Mapa 2. Costa Rica. Cobertura cafeeira regional, 2017-2018



Fonte: La Autora, 2023, com base em fontes secundárias SNIT, Atlas ITCR (2014), desenho cartográfico Samira Jalet Quesada.

Com base na prevalência destes elementos, o Icafé divide o país em sete regiões de produtividade, distribuídas entre as zonas baixas – menos de mil metros, onde o café é mais leve – e as zonas altas, acima dos 1.200 metros, de origem vulcânica, onde o o café é mais forte ou mais ácido e também mais aromático, relacionado ao café de alto valor no mercado internacional.

O Mapa 2 mostra a última cobertura de café documentada pelo Icafe. As áreas cafeeiras mais significativas estão associadas à parte central do país, nas regiões do Vale Central, Vale Ocidental e região de Los Santos. A região cafeeira de Pérez Zeledón apresenta uma contribuição significativa para a área dedicada ao café. Outra região, como a Zona Norte, viu diminuir sua participação na área cultivada com café; mas como atividade geradora de emprego e recursos continua a ser importante.

A tabela a seguir apresenta os valores de distribuição dos frutos de café por região cafeeira, conforme dados disponíveis no Icafe para os períodos cafeeiros 2003-2004 e 2021-2022.

Tabela 3. Costa Rica. Regiões cafeeiras. Produção de frutos de café por região cafeeira. Dados em Fanegas (2 Dhl) / Percentuais de participação (%), segundo períodos de cultivo do café.

Região cafeeira	2003-2004	%	2009-2010	%	2012-2013	%	2016-2017	%	2021-2022	%
Coto Brus	259882	9h32	176538	9h10	171 145	7,62	166 843	9,07	152656	9.13
Os Santos	639993	22,94	624803	32.22	678 636	30.22	674 153	36,63	674838	40,35
Perez Zeledón¹³	445095	15,95	264990	13,67	273 227	12.17	249 598	13.56	217849	13.03
Turrialba	230508	8.26	132938	6,86	121 983	5,43	98 300	5,34	53771	3.21
Vale Central	535662	19h20	355747	18h35	397 263	17,69	272 645	14,81	227950	13,63
Vale Ocidental	608847	21.82	361549	18h65	572 496	25h49	355 334	19h31	331378	19.81
Zona norte	69881	2,50	22409	1.16	30 794	1,37	23 464	1,27	14068	0,84
Total, alqueires	2789868	100	1938974	100	2 245 543	100	1 840 336	100	1672510	100

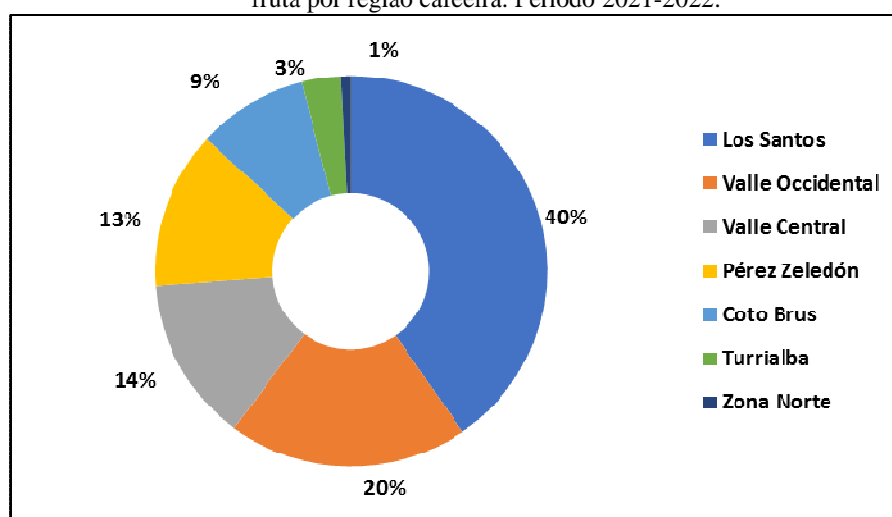
Fonte: Icafé, 2022. Elaborado por Quirós, 2022.

No nível geral do país, no período de cultivo do café entre 2003-2004 e o último período 2021-2022, observa-se uma diminuição constante na produção de café; com um ligeiro período de melhoria -2012-2013-, bem como um intercâmbio nas regiões que

¹³ Localização da área de estudo desta pesquisa, a região cafeeira de Pérez Zeledón.

diminuem sua contribuição e uma única região de Los Santos aumenta sua participação na produção de café, que reporta um maior percentual de participação no último período (40,35%). Algumas regiões permanecem mais ou menos estáveis, é o caso de Pérez Zeledón e Coto Brus, enquanto as restantes regiões, Turrialba, Vale Central, Vale Ocidental e Zona Norte registam a maior diminuição da produção de café em bushels (fanegas). No caso do Vale Central e do Vale Ocidental, têm sido as áreas de maior expansão urbana com o conseqüente desenvolvimento imobiliário; enquanto na Zona Norte e na região de Turrialba outros produtos de exportação são introduzidos com força, deslocando a atividade cafeeira tradicional. O Gráfico 7 mostra os dados de produção por região cafeeira para o último período reportado 2021-2022, evidenciando o que foi dito acima.

Gráfico 7. Costa Rica. Regiões cafeeiras. Produção de café fruta por região cafeeira. Período 2021-2022.



Fonte: Icafé (2022). Elaborado por Quirós, 2022.

A região cafeeira de Pérez Zeledón ocupa o quarto lugar na produção de café com 13%. Embora o declínio da produção nos períodos de cultivo do café 2003-2004 a 2021-2022 não tenha sido tão dramático como em outras regiões, observam-se oscilações nos dados que mostram períodos de declínio-recuperação e declínio, conforme observado Rodríguez, Alonso, (2014), típico de ambientes de crise. Dinâmica que responde em grande parte à variação dos preços no mercado internacional.

2.5. Elemento diferenciador de qualidade na produção de café

Estudos realizados em países produtores de café, especialmente Colômbia e Brasil, mostram a importância que os cafés especiais adquirem, o que impacta a gestão agrícola, a identidade territorial e os prêmios de mercado. Provando que os cafés especiais destacam a origem e os fatores naturais e humanos da biodiversidade, do cultivo, do processo e da tradição com que os produtores produzem café. Dentre esses estudos, destacam-se: Farfan, 2007; Correa, J; Ospina, C, 2020; Velásquez, Trávez, 2019; Monteiro, Caires, et al.,2018; Puerta, Obed, et al., 2016; Puerta-Quintero, 2003; Banegas, 2009; Fúnez, 2011; Ossani, Cirillo, 2017; Sevilha, 2013; Monteiro, 2018.

Para a Costa Rica destacam-se as contribuições realizadas Hall, C, 1976-1983; Waibel, L, 1978; Acuña, V e Molina, I, 1991; Pérez, H e Samper, M, 1994; Samper, M (2001), Gertrud (2004); Viales, Ronny; Mora, Andréa, 2010; Leão, J, 2012; Rodríguez, A, 2014; Gudmundson, L, 2018; que mede a importância para a cafeicultura costarriquenha do reconhecimento da qualidade e da incorporação ao sistema produtivo, elemento fundamental para ingressar no mercado cafeeiro mundial e permanecer no mercado apesar das crises recorrentes e da reduzida quantidade de café produzido. .

A esse respeito, Viales, Ronny; Mora, Andrea (2010), destacam que “A qualidade, como construção sócio-histórica, é relativa ao espaço e ao tempo; seu caráter complexo e multidimensional requer a análise de uma série de fatores para sua compreensão.” (VIALES, Ronny; MORA, Andrea, 2010, p.17). Esses autores indicam que a “construção sócio-histórica da qualidade” dos produtos da terra está relacionada a elementos como condições agroecológicas, práticas culturais, processamento e comercialização. Portanto, a abordagem deve ser a partir de uma perspectiva relacional. Dessa forma, a qualidade como construção sócio-histórica só pode ser entendida como um processo dinâmico, bem como uma construção cultural, no sentido de que as percepções, como construções subjetivas, têm nela um papel primordial, e não apenas técnico e tecnológico. (VIALES, Ronny; MORA, Andrea, 2010, p.18).

Na Costa Rica, a qualidade do café tem sido um elemento diferenciador, historicamente reconhecido no comércio cafeeiro. Segundo Peters, Gertrud (2004) “la competitividad histórica del café de Costa Rica se ha explicado por el acceso, mantenimiento y ampliación de su participación en los mercados internacionales gracias a: la exportación de un grano arábigo de beneficiado húmedo¹⁴ y de calidad superior, la organización de la cadena de comercialización nacional, y el apoyo estatal”. (PETERS, G, 2004, p.61). Este autor destaca que no século XIX, o café costarriquenho aproveitou a procura europeia por café de maior qualidade, e assim definiu a sua estratégia relativamente à qualidade do seu café em comparação com grãos de outras origens. À medida que as plantas de processamento dos grandes e médios cafeicultores foram “modernizadas”, os pátios de processamento artesanal começaram a desaparecer. A maior parte da tecnologia para processamento de frutas foi importada da Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos.

Hall, C (1983) mantém a posição, mencionando que “A alta qualidade do café costarriquenho é garantida pelo processamento úmido, que inclui a fermentação controlada dos grãos”. (HALL, Carolyn, 1983, p.226). Samper, M, (2001, p.53); Viales, Ronny; Mora, Andrea (2010) destacam que os moinhos úmidos eram o componente-chave da cadeia do café da Costa Rica. Samper, M, (2001), indica que:

A transformação foi decisiva para que a Costa Rica conseguisse assegurar plenamente a sua posição nos mercados europeus durante o chamado “século do café”, a partir de meados do século XIX, mas especialmente no início do século XX, a qualidade fundamental do produto a competitividade oferecida por este ator secundário na cadeia global do café foi assegurada pelo investimento de uma quantidade considerável de trabalho na colheita de cerejas maduras; em transportá-lo rapidamente para moinhos úmidos; na despolpa do fruto, na fermentação da mucilagem e na lavagem da semente, na secagem e classificação, no armazenamento e no transporte sem prejuízo das suas características intrínsecas. (SAMPER, M, 2001, p.59).

A esse respeito, Viales, Ronny; Mora, Andrea (2010) apontam que:

A finales del siglo XIX y principios del siglo XX, el procesamiento un tanto rústico parece haber sido común, los censos evidencian la presencia de beneficios de segunda, de tercera y hasta de cuarta categoría, emplazados en todo el país. La presencia de estos beneficios se consideró un peligro para la industria nacional, pues en las “precarias instalaciones” solo se obtenían “café ordinarios”, y, por tanto, de calidad inferior. (VIALES, Ronny; MORA, Andrea, 2010, p.83).

¹⁴ Beneficiado Húmedo: es el tratamiento del fruto del café para remover la pulpa en presencia del agua, la eliminación del mucílago por fermentación u otros métodos y lavado posterior.

Portanto, segundo esses autores, a proposta era eliminá-los ou transformá-los, processo que levou a uma alta concentração do processamento do café. Uma característica paradoxal nos tempos atuais, em que se privilegia o artesanato, o processamento rústico e a escala reduzida. Juntamente com o exposto, Waibel, Leo (1978), aponta que:

En Costa Rica, el café es beneficiado con tanto cuidado como es cultivado. Naturalmente los pequeños campesinos no pueden asumir los gastos de un beneficio, por que exige varias máquinas costosas. El café es cultivado en pequeñas propiedades y beneficiado por grandes empresas. Ambos son manejados intensivamente, las pequeñas propiedades mediante una alta aplicación de trabajo y los grandes beneficios con elevada inversión de capital. (WAIBEL, L, 1978, p.143-144).

É a combinação do cultivo do café entre pequenos agricultores e seu processamento em grandes empresas, o que, segundo Waibel, explica o fato de o café costarriquenho ser o melhor ou pelo menos o mais valorizado no mercado mundial.

De acordo com Gudmundson, Lowell. (2018),” Para os atuais produtores e consumidores de café, herdeiros de mais de três décadas do processo de globalização e de sua reconfiguração das redes de commodities, nada é mais óbvio do que que seu preço dependerá diretamente de sua qualidade... mais a palavra “Qualidade” em si é um tanto subjetiva, opaco e até misterioso. Mas ainda é errado usar a palavra no singular, pois o que distingue a era globalizada é antes a proliferação quase infinita de qualidades e preços, muito mais abundantes e visíveis do que em épocas anteriores. (GUDMUNDSON, Lowell, 2018, p.103).

Segundo Rodríguez, Alonso (2014), diante das crises, tendo a qualidade como diferencial, esta característica do produto foi aproveitada, para oferecê-lo da melhor forma, nos períodos mais críticos. É assim que a qualidade, concebida como uma estratégia historicamente importante para o mercado cafeeiro costarriquenho, foi definida considerando variáveis agroecológicas, práticas de produção e o sistema de processamento considerado central para a qualidade histórica do café costarriquenho.

Quadro 12. Costa Rica. A qualidade do café, variáveis consideradas na percepção histórica. (continue)

Variável	Características
Século 19 - início do século 20	
Definição de qualidade: A qualidade foi percebida tanto pela aparência do grão, seu formato, seu tamanho, sua dureza e sua cor, quanto pelas características organolépticas (sabor) da xícara.	
<p>a. <i>Agroecológico:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Chão - A variedade - Altitude - Precipitação e temperatura <p>b. <i>Práticas associadas à sua produção</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Sistemas de plantio- - A sombra no cafeeiro - Podando o cafeeiro <p>c. <i>Processamento de café</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - O processamento úmido - Proibição de benefícios rústicos/artesanais <p>d. <i>Em termos comerciais</i> Produção de cafés suaves (Suave) – não difícil</p>	<p>Influência direta na percepção histórica</p> <p>O elemento que recebeu maior importância</p> <p>Typica ou crioulo da espécie Arábica</p> <p>Café de áreas baixas foi rejeitado – qualidade inferior</p> <p>Pelagem melhorou a qualidade</p> <p>Árvores frutíferas e plantas consumo familiar e marketing local</p> <p>Afetou a qualidade</p> <p>Mais importante na qualidade do café. Grão seco no tempo/ Fermentação anaeróbica – que prejudica o sabor e o odor. Poluição reduzida - Importância da tecnologia</p> <p>Ameaça à qualidade: só foram obtidos cafés comuns</p> <p>Fermentação e secagem central. Limpando o café/evitando contaminação</p> <p>Qualidades de sabor e aroma. Melhor corpo (corpo), acidez (<i>acidez</i>), sabor (sabor) e aroma (<i>cheiro</i>).</p>
Segunda Guerra Mundial	
A qualidade perde relevância. Com o fechamento do mercado europeu (a Inglaterra era o mercado por excelência do café costarricense) e o advento do mercado norte-americano, os bons tipos de café não foram apreciados. Durante o período dos Acordos Internacionais do Café (AIC), de 1962 a 1989, o mercado americano comprava com base em cotas e os preços dos cafés de diferentes origens não eram muito diferentes entre si. Predominam misturas de café de diversas qualidades.	
<p>Qualidade ligeiramente presente nos cafeeiros colombianos na AIC de 1942 a 1989.</p> <p>Lema <i>cultivado na montanha</i></p> <p>Federação Nacional dos Cafeicultores Colombianos</p> <p>- Ele privilegiou o <i>sabor</i> ou sabor,</p> <p>-70-80 década de desindustrialização</p> <p>Novos espaços de consumo</p>	<p>Usar a altitude como garantia de qualidade - era fordista - preparação quase industrial/ consumo massivo de bebidas e alimentos, órfãos da noção de qualidade.</p> <p>A imagem de Juan Valdez – “Café 100% Colombiano” – estimulou as vendas, não os critérios de qualidade.</p> <p>Surgimento da era gourmet</p> <p>Atribuível à fórmula do torrador e não à origem ou qualidade do grão. Estratégia para misturar grãos de qualidade diferente.</p> <p>Chains, <i>Starbucks</i> – Primeiro estabelecimento em Seattle em 1971.</p>
anos 90 em diante	
A própria palavra “qualidade” é um tanto subjetiva. É enganoso usar a palavra no singular, pois o que distingue a era globalizada é antes a proliferação quase infinita de qualidades e preços, muito mais abundantes e visíveis do que em épocas anteriores.	
- Diferenciação de nichos ou segmentos de mercado, voltados para consumidores de renda média e alta.	<p>Inovação - Desenvolvimento de modelos de análise geográfica mais sofisticados – Sistemas de Posicionamento Global.</p> <p>Consumo gourmet (<i>cafés especiais</i>) em shopping centers e</p>

Variável	Características
-Estratégia para conquistar a geração mais jovem.	lanchonetes. Surgimento do mercado do bom gosto. Sucesso prático neofordista, de replicar inúmeras premissas próprias.
Presença na Costa Rica: - Starbucks - Café Britt - Denominação de origem - Concursos ou competições anuais - A reorganização da produção de café na era <i>gourmet</i> começa a ser definida.	A Starbucks no início do século 21 tornou-se o maior comprador de café da Costa Rica. Começou com uma fazenda demonstrativa e experimental nas encostas do vulcão Poás e em 2017 estabeleceu um <i>tour</i> de café. <i>O Café Britt</i> é o seu homólogo pioneiro no país. Fundada em 1985. Desenvolvimento dos primeiros <i>roteiros</i> de processamento de café em Heredia. - Combina café <i>gourmet</i> com turismo ecológico. Primeira loja no Aeroporto Juan Santamaría. Uso de nomes geográficos como Tarrazú. Microbenefícios para processar e torrar café no local. Proliferação de marcas gourmet no mercado nacional.

Fonte: Viales, Ronny; Mora, Andréa (2010); Gudmundson, Lowell, (2018). Elaborado por Quirós, 2022.

O quadro 12 resume as variáveis consideradas na definição de qualidade de 1890 a 1950¹⁵ e nas últimas décadas o desenvolvimento de um mercado *gourmet*.¹⁶ com renomadas redes de café como a Starbucks, talvez a mais icônica e com a qual se inicia uma nova era do café e sua promoção e no caso da Costa Rica Café Britt, que inicia a promoção de *passeios de café*, aliados ao turismo ecológico.

Conforme demonstrado por Viales, Ronny; Mora, Andréa (2010); A qualidade foi uma estratégia relevante para que o café costarricense permanecesse no mercado durante o século XIX e primeira metade do século XX; importância que é relegada segundo Gudmundson, Lowell (2018), apontando que o discurso da qualidade teve impacto menos visível nas estratégias de preços e marketing dos produtores, torrefadores e comerciantes sob a AIC de 1962 a 1989.

Os efeitos da Segunda Guerra Mundial provocaram o fechamento dos mercados tradicionais e o advento dos Estados Unidos como principal país importador de café. Os consumidores estavam acostumados com misturas de café feitas com grãos de qualidade

¹⁵VIALES, Ronny; MORA, Andréa. A construção sócio-histórica da qualidade do café e da banana na Costa Rica. Uma análise comparativa 1890-1950. 1ª edição – San José, Costa Rica; Alma Mater, 2010, 208 p.

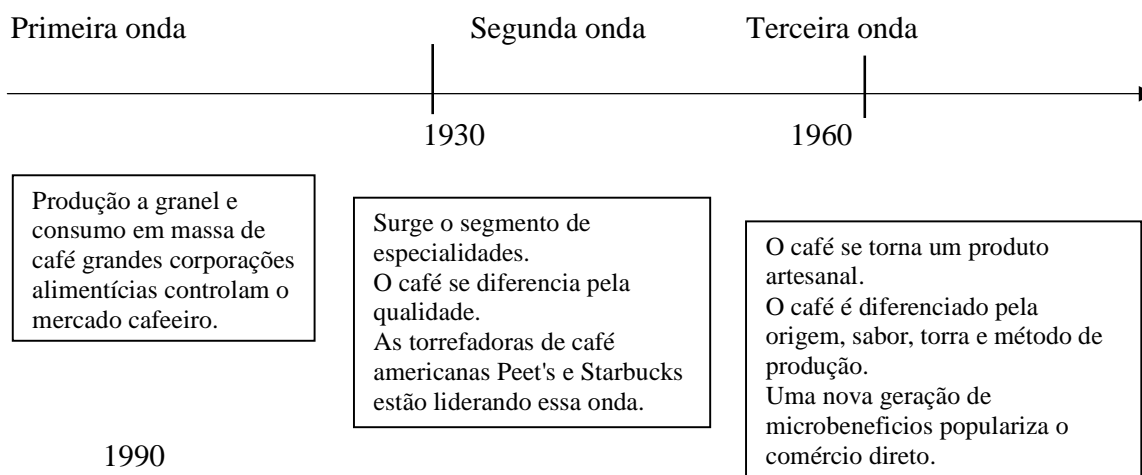
¹⁶GUDMUNDSON, Lowell. Costa Rica depois do café. A era cooperativa na história e na memória. Editora EUNED, Costa Rica. 2018, 208 pág.

inferior; os bons tipos de café não eram apreciados da mesma forma que nos países europeus. Globalmente, o diferencial entre os preços do arábica e do robusta foi relativamente baixo durante o período do mercado regulamentado.

As diferenças entre os cafés não representavam grandes vantagens, uma vez que o mercado americano comprava com base em cotas e os preços dos cafés de diferentes origens não eram muito diferentes entre si. Samper, M (2001), destaca que a reorientação das exportações da Costa Rica para o mercado dos EUA levou a uma diminuição da qualidade, uma vez que não reconheceu ou premiou os melhores cafés. Desde então, tem havido uma diferenciação entre dois processos que conduzem a diferentes qualidades de exportação: o “jato americano” e o “jato europeu”. (SAMPER, M, 2001, p.41).

Da mesma forma, os preços de um produto dependem, entre outros fatores, das tendências de consumo e das tendências de oferta, que podem ser afetadas por uma série de agentes económicos, políticos e culturais dos países consumidores, bem como pelos produtores. (ver figura 7).

Figura 7. Fases da indústria cafeeira em relação à qualidade



Fonte: Borella, I, Mataix, C; Carrasco-Gallego, R. (2015, p. 32). Adaptado por Quirós, 2022.

A periodização proposta por Borella, I, Mataix, C; Carrasco-Gallego, R. (2015) mostra como a indústria cafeeira evolui de um conceito de consumo de massa para um

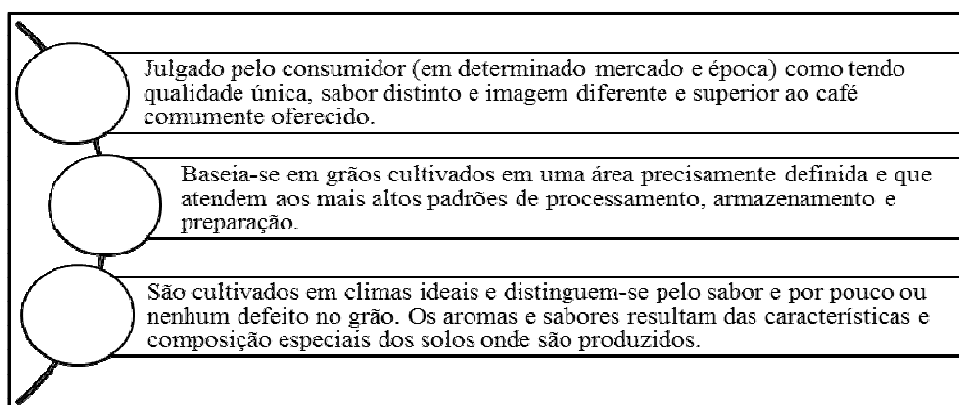
consumo segmentado, o que esses autores chamam de primeira, segunda e terceira ondas do café. Os cafés especiais estão localizados nesta última fase, que vem sendo articulada de forma mais clara a partir da década de 90. A Figura 7 mostra essa tendência na industrialização do café, o artesanato artesanal se destaca como tendência.

A este respeito Canet, G; Soto, C, (2017), a diferenciação permite obter preços de venda mais elevados nos nichos de mercado que se abriram desde a década de oitenta, quando surge formalmente a promoção de cafés especiais de qualidade e cuja bandeira é liderada pela Associação de Cafés Especiais dos Estados Unidos (SCAA); Paralelamente e sob o mesmo signo de diferenciação, foram desenvolvidos outros tipos de cafés especiais como o café orgânico e outros reconhecidos pela proteção do ambiente florestal ou pela defesa dos direitos sociais dos agricultores (Fairtrade). Implícita em todos os tipos de cafés diferenciados está a obtenção de preços superiores aos preços da Bolsa de Valores de Nova York (NY) ou da Bolsa de Valores de Londres, que são os dois centros comerciais de referência em todo o mundo.” (CANET, Guilherme; SOTO, Carlos, 2017, p.73).

Segundo Icafe, (2008), “No desenvolvimento histórico da cafeicultura na Costa Rica há um fator que desempenhou um papel essencial na qualidade: uma tradição de cultivo e processamento do grão de quase dois séculos. (ICAFFE, 2008, p. 105). A Costa Rica reúne condições agroecológicas para a produção de café de boa qualidade; somado a isso, as práticas de produção e os sistemas de processamento têm sido decisivos para colocar o produto em melhores condições no mercado internacional. As recorrentes crises cafeeiras têm exigido o uso da qualidade como estratégia fundamental para sobreviver aos baixos preços cotados e às constantes oscilações do mercado mundial.

Neste sentido, López, Karina, (2014), identifica cafés especiais, com as seguintes características na figura 8.

Figura 8. Características que definem os cafés especiais.



Fonte: LÓPEZ, Karina (2014). Adaptado por Quirós, 2022.

Segundo Medaglia, Cindy (2018), o mercado cafeeiro evoluiu para uma maior sofisticação, em que elementos como qualidade, origem, experiência e história são priorizados na decisão de compra. A terceira onda foi caracterizada por um consumidor que não quer apenas um café de qualidade, mas também foca na experiência. Neste contexto, as oportunidades de diferenciação centram-se em três intangíveis: transparência, qualidade e conhecimento. (ver quadro 13)

Quadro 13. Diferenciais de marcas no segmento de experiência por pilar.

Transparência (gera emoção)	Qualidade (comunica valor)	Conhecimento (incentiva a inovação)
Fornecer credibilidade e autenticidade. Exigir mais informações entre a cadeia de valor e o consumidor	Baseado na SCAA (Specialty Coffee Association). Favorece o estabelecimento de um padrão comum entre os diferentes atores.	Promover a diferenciação e a experiência através de plataformas de educação do consumidor.
Favorece o estabelecimento de relações diretas com o produtor, a aquisição de um portfólio de cafés de origem única.	O comércio direto também tem favorecido o estabelecimento de relacionamentos de longo prazo, portanto, há maior espaço para melhoria contínua.	Cada café possui recomendações próprias de torra e preparo, o que aumenta o conhecimento e a diferenciação de cada xícara.
Incentiva o estabelecimento de relacionamentos de longo prazo.	A base para o reconhecimento do trabalho do produtor.	Promove a base para inovação e desenvolvimento de produtos.
Necessidade de criar um vínculo emocional com o consumidor.	-----	Incentive a experimentação.

Fonte: MEDAGLIA, Cindy (2018, p.52). Adaptado por Quirós, 2022.

Dessa forma, a qualidade do café é considerada resultado de condições agroecológicas melhoradas por técnicas e práticas que se tornaram uma construção

histórica e sociocultural desenvolvida ao longo do tempo. A ligação entre fatores naturais e antrópicos tem impacto decisivo na qualidade do café produzido no país. A qualidade adquire diversos significados e conotações; que está em permanente processo de construção e reconstrução.

2.5.1. Elementos de mudança ou continuidade na qualidade do café

Conforme mostrado na seção anterior, desde o início da atividade cafeeira reconheceu-se que o país não poderia competir quantitativamente com outros países exportadores de café e, diante do exposto, optou pela qualidade e pela conquista de nichos especialistas de mercado. A existência de uma ligação entre marketing e qualidade é identificada desde cedo, o que se consolida em situações posteriores. O impacto das políticas públicas tem sido decisivo na definição de linhas estratégicas na produção cafeeira, como aponta Peters, G (2004), “con el fin de mediar y resolver conflictos entre los diferentes actores y promover la exportación y un mejor precio del café en el ámbito internacional, el Estado costarricense realizó ajustes legales e institucionales, tales como la creación del Instituto de Defensa del Café en 1933. (PETERS, G, 2004, p. 61). Atualmente o Icafé, instituição que mantém alta liderança na atividade cafeeira ¹⁷.

Mais recentemente, Canet, G; Soto, C, (2017), ressaltam que “Desde la ruptura del mercado regulado, la tendencia inicial –y que se acentúa en el presente- es hacia la obtención de precios superiores al precio de referencia de NY para los cafés arábigos de calidad diferenciada, en general, y especialmente en aquellos nichos de mercado donde se les aprecia y se les valora”. (CANET, G; SOTO, C, 2017, p.77).

¹⁷ O Icafé é uma instituição pública não estatal, fundada em 1933 como órgão dirigente da cafeicultura costarriquenha. O Icafe é regulamentado pela Lei da República da Costa Rica nº 2.762. Sua missão é promover a atividade cafeeira que garanta a qualidade e a sustentabilidade do café da Costa Rica por meio da participação inclusiva por meio de esquemas de inovação e rastreabilidade. Disponível em: <https://www.icafe.cr/icafe/acerca-del-icafe/>

A política pública emanada da entidade oficial Icafé visa concentrar esforços na qualidade. Assim é em La Gaceta nº 178. Sexta-feira, 11 de setembro de 1998, publicado no artigo 1º. Proibir o plantio da espécie denominada Coffea Canephora “Robusta”. Isto é para manter a qualidade do café e para que o plantio desta espécie não prejudique o prestígio da qualidade do café da Costa Rica. (ICAFÉ, 2022).

Além disso, o Icafé promove uma estratégia de promoção do café diferenciado, que diante dos períodos críticos tem sido o reduto da cafeicultura no país. Icafé, (2005), aponta que:

“Para enfrentar la crisis de precios internacionales, el Instituto del Café de Costa Rica en conjunto con el sector cafetalero definió como estrategia general del país el diferenciar nuestro café en los mercados internacional con base en el factor calidad. Acorde con este objetivo se decidió autorizar el pago de una liquidación diferenciada a aquellas firmas beneficiadoras que se comprometieran a cumplir con los requisitos contemplados en el procedimiento de café diferenciado, elaborado para tal propósito. El más importante de ellos, es que la firma beneficiadora va a realizar el proceso de recibo, procesamiento, almacenamiento y comercialización, totalmente por separado del resto de café fruta recibido”. (ICAFE, 2005, pp. 30-31).

Da mesma forma, fica explícito na Diária nº 200, publicada em 2020, o que é café diferenciado; Artigo 29- “Será entendido como café diferenciado aquele que se distingue por suas características de qualidade, origem ou outra particularidade do chamado café convencional e que deve cumprir o procedimento definido para esse fim pelo Instituto do Café da Costa Rica (Icafé), e conforme artigo 32- O café diferenciado será comercializado e liquidado independentemente do restante do café, conforme regime estabelecido nesta lei.” Protegidas por esta regulamentação, no final dos anos noventa, cada região cafeeira da Costa Rica concordou em assinar um Acordo de Melhoria da Qualidade, no qual os proprietários dos moinhos se comprometeram a produzir café da melhor qualidade, recebendo apenas a fruta madura, o que garante que só os melhores serão beneficiados.

De acordo com esta mesma instância, o preço de ajuste é definido para cada moinho de café, para cada um dos tipos de café beneficiados, a saber: convencional, verão, diferenciado e orgânico, conforme o caso. O programa de café diferenciado começa na safra 2001-2002, com a participação de duas empresas beneficiadas. Além disso, para o café Orgânico desde a safra 1998-1999, o Icafé autorizou as empresas beneficiárias que

assim o desejassem: receber, processar, comercializar e liquidar café orgânico separadamente, desde que atendessem aos requisitos estabelecidos, entre eles os mais importantes que os produtores e o benefício foram certificados por empresa autorizada para esse fim.

Neste sentido, Icafe, (2020), define os quatro fatores de diferenciação que aplica de acordo com a informação recolhida, para classificá-la: 1. Fator Altitude (A). 2. Fator de Origem (O), 3. Fator de Qualidade (C) ou 4. Fator de Processo (P).

A grave crise cafeeira do final da década de noventa e início dos anos dois mil provocou o abandono de muitas fazendas cafeeiras, que tiveram que alterar sua atividade produtiva. O número de produtores diminuiu drasticamente entre 1995-1996, passando de 76.819 para 26.704 no período 2021-2022. A diferenciação pela qualidade é uma das estratégias que permite aos produtores que ainda persistem permanecer no negócio do café. Processo em que o mercado cafeeiro tradicional também é reestruturado.

Segundo Sandí, J, Zúñiga, C e Montero, A (2007), a liberalização do mercado causou reestruturação na cadeia do café, a cadeia de comercialização local passou por mudanças, integração vertical para cima e para baixo, surgem microbenefícios. É assim que oferecem cafés certificados, garantem rastreabilidade ao cliente, estabelecem relações pessoais diretas e, em geral, buscam a especialização para obter bons preços no mercado internacional". (SANDÍ, José, ZÚÑIGA, Carolina, MONTERO, Andrea. (2007, p.11).

Segundo Icafe, (2008, b) "As condições de mercado provocaram, em meados da década de 1990, uma substituição progressiva de intermediários, facilitando as relações diretas entre cooperativas, benefícios privados e compradores/torrefadores, modelo "que se assemelha ao desenvolvido pela Costa Rica, entre meados do século XIX e início do século XX." A transparência e o relacionamento pessoal têm garantido maior contato entre compradores e áreas de produção e a segurança de ter um produto original.

Portanto, como aponta Gudmundson, Lowell (2018), a reorganização da produção de café na era gourmet começa a ser definida. Um acentuado interesse pela sustentabilidade ambiental através de práticas de produção sustentáveis, uma tendência para a consolidação de microbenefícios para processar e torrar café no local, a proliferação de marcas gourmet no mercado nacional, a "Denominação de Origem" como elementos diferenciadores, a

participação em competições como cup of excelência ou outras competições anuais, bem como o surgimento de novas atividades não agrícolas como os coffee tours, que geram pluriatividade, segundo a definição de Schneider, S (2009), pluriatividade de base agrícola.

2.6. **Pilar sustentabilidade na diferenciação da qualidade do café**

Esta seção menciona ações implementadas na indústria cafeeira para reforçar a sustentabilidade com o objetivo de melhorar a qualidade do café produzido. A Indicação Geográfica e as certificações do café na Costa Rica como elementos articuladores do território, os concursos de xícara de excelência como motivadores de qualidade e o café como alternativa para o turismo “coffee tours”. Destacando a característica implícita na gestão da atividade como património territorial e o seu contributo histórico na construção de um espaço rural marcado pela paisagem cafeeira.

Desde a década de 1950, a implementação do modelo tecnológico que se baseava na adoção de pacotes tecnológicos contribuiu, entre outras modificações, para os sistemas agrícolas implementados nas décadas anteriores; ao cultivo de variedades geneticamente melhoradas, à aplicação de fertilizantes químicos e fungicidas, às maiores densidades de plantio, à eliminação parcial ou total da sombra do cafeeiro, significando um ciclo da tecnologia cafeeira, que atingiu seu máximo desenvolvimento entre os anos de 1980 e 1990. Conforme reafirmado por Canet, G; Soto, C, (2017), apontando que:

A partir de la década de los ochenta, se desarrollaron sistemas de agricultura tecnificada orientada radicalmente hacia el aumento de la productividad obtenida mediante el uso intensivo de agroquímicos para fertilización y para el control de plagas y enfermedades que proliferaron de modo paralelo a la implementación de la agricultura intensiva. (CANET, Guillermo; SOTO, Carlos. p.47).

Modelo que, a partir da década de 90, apresentava sinais de esgotamento face à crise ambiental e social desencadeada.

Nesse sentido, Montero, Andrea (2018), destaca que os efeitos da queda dos preços (associados à quebra do AIC e à superprodução global de café) foram profundos. Para enfrentar a crise, uma série de medidas foram recomendadas. O mais imediato foi não expandir e, na medida do possível, reduzir a área cultivada, incentivar a diversificação agrícola nas regiões cafeeiras, reduzir os custos de produção, promover a produção e o consumo de qualidade nos países produtores em mercados tradicionais e outros mercados com potencial. (MONTERO, Andréa, 2018, p.196).

Segundo Mora, Norman (2008), Hartley, Marjorie (2010), o Icafe mudou durante a década de noventa o seu foco anterior de maximizar a produtividade por hectare para melhorar a qualidade; a fim de melhorar a imagem no que diz respeito à conservação ambiental e à eficiência ao nível do lucro.

Além do exposto, Sandí, J, Zúñiga, C, Montero, A (2007), aponta que:

En 1990 el gobierno costarricense adoptó una política de desarrollo sostenible que involucró directamente a la actividad cafetalera, debido a su impacto ambiental. Entre los muchos problemas que se le atribuyeron se encontraban: falta de sombra en las plantaciones, uso indiscriminado de químicos, pérdida de biodiversidad, uso no sostenible de la madera, pero sobre todo alta contaminación del agua. La situación anterior provocó que para 1992 el Instituto Costarricense de Acueductos y Alcantarillados (AyA) y otras instituciones elaboraran un plan de acción para regular el uso de los recursos hídricos dentro de los beneficios, así como el tratamiento de las aguas mieles del café. El plan requería que los beneficios realizaran cambios tecnológicos en los procesos con el fin de reducir el uso del agua y la contaminación de los ríos. (SANDÍ, José, ZÚÑIGA, Carolina, MONTERO, Andrea. (2007, p.110).

O reconhecimento internacional pela conservação ambiental e a implementação de políticas desde 1992 para gestão de resíduos para reduzir a poluição favoreceram substancialmente a comercialização de cafés especiais.

Além disso, desde 1980 surgiram alternativas nas plantações que são menos dependentes de fertilizantes e pesticidas. O café orgânico surgiu como “uma cultura que utiliza tecnologia de fertilizantes, controle de ervas daninhas e controle de pragas, sem utilizar nenhum fertilizante, herbicida, fungicida, inseticida ou nematicida de origem química, os rendimentos têm sido inferiores aos dos sistemas técnicos, a economia em insumos, a diversificação agrícola (diferentes culturas na mesma exploração) e o “valor

acrescentado” do café biológico compensaram aqueles que optaram por uma cafeicultura amiga da natureza.

A Política de Estado apontada por Picado, W, Ledezma, R e Granados, R (2009):

El ICAFÉ ha creado programas y proyectos con el objetivo de buscar prácticas sostenibles, cada vez más alejadas de sus propias prácticas impulsadas en forma vigorosa dos o tres décadas antes; cada vez más cercanas, en contraste, a las técnicas de conservación de los suelos que imperaban en las plantaciones de arábigo medio siglo atrás. (PICADO, Wilson, LEDEZMA, Rafael y GRANADOS, Roberto, 2009, 145).

Em 2002, foi aprovado o Regulamento para a produção industrial e comercialização de café sustentável; em seu artigo 1º, afirma que “A cadeia produtiva do café sustentável deve ser socialmente justa, ecológica e economicamente viável, constituindo-se como princípio norteador ou orientador na produção de café sustentável”. Da mesma forma, em 2020, o Icafe apresenta a proposta de Política Nacional do Café, considerando os compromissos internacionais que a Costa Rica assumiu, como o Acordo Internacional do Café, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a Ação Nacional de Mitigação Aceite (NAMA), entre outros. Dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, a atividade cafeeira incorpora diretamente os objetivos 05,11, 12 e 13; (05) Igualdade de gênero, (11) Cidades e comunidades sustentáveis, (12) Produção e consumo responsáveis e (13) Ação climática.

Esta proposta considera a Sustentabilidade como um pilar, que visa realizar a atividade cafeeira sob políticas sociais, econômicas e ambientais que garantam o desenvolvimento, a resiliência, a permanência no tempo, a geração de riqueza e a elevada qualidade de vida de todos os agentes a ela relacionados. E entre seus principais objetivos menciona; promover a inovação, o empreendedorismo e, em geral, o valor acrescentado do café da Costa Rica, promover boas práticas agrícolas e tecnologia para mitigar e adaptar-se ao processo de alterações climáticas que permitam a resiliência do setor e dos seus processos produtivos e manter a competitividade da oferta exportável de café nos mercados internacionais.

Porém, segundo INEC-Costa Rica (2021), Pesquisa Agrícola Nacional, 2021, 74,2% das fazendas que cultivam café utilizam principalmente fertilizante químico, 14,6% usaram

combinação, 9 não usaram, 3% e apenas 1,9% produziram organicamente. (INEC, 2021, p.56). Portanto, os esforços nesse sentido são um desafio.

Entre os projetos relacionados à sustentabilidade do café na Costa Rica:

a. Café NAMA

O “Projeto NAMA CAFÉ” é um projeto que vem sendo implementado desde 2013, buscando gerar ações de enfrentamento às mudanças climáticas no setor cafeeiro. Seu objetivo é reduzir as emissões de gases de efeito estufa (GEE) e melhorar a eficiência no uso de recursos tanto na plantação de café quanto no nível da usina. O financiamento da primeira fase foi fornecido pelo Ministério Federal Alemão do Meio Ambiente, Conservação da Natureza, Construção e Segurança Nuclear (BMUB) e pelo Departamento de Negócios, Energia e Estratégia Industrial (BEIS) do Reino Unido e cofinanciado pelo governo da Dinamarca e a Comissão da UE chamaram *NAMA Facility*.

A este respeito, a CEPAL e o CAC/SICA (2014) salientam que “Com o objetivo de contribuir para a mitigação dos gases de efeito estufa no setor agrícola, a Costa Rica está implementando um NAMA para o setor cafeeiro. É o primeiro produtor agrícola e de café a entrar no processo de registo internacional. As principais ações a implementar são: reduzir o uso de fertilizantes, utilizar água e energia de forma mais eficiente no processamento do café, promover mecanismos financeiros para apoiar novos sistemas agroflorestais no café, realizar auditorias aos moinhos de café para determinar a pegada de carbono, desenvolver estratégias para promover café, realizar estudos de viabilidade e elaborar projetos para a implementação de tecnologias de baixas emissões”¹⁸.

As medidas propostas incluem a redução e o uso mais eficiente de fertilizantes nitrogenados, o uso e tratamento eficiente de água e energia no processamento do café e o programa para promover sistemas agroflorestais (SAF) para captura e retenção de carbono e reduzir a necessidade de fertilizantes sintéticos. Participam desta iniciativa o MAG,

¹⁸Disponível em: <http://www.namacafe.org/nama-cafe-de-costa-rica>

MINAE, ICAFE e Fundecooperación, com o apoio técnico do CATIE, UNA, IICA, GIZ e CEPAL.” (CEPAL e CAC/SICA (2014, p.71).

Recentemente, na Diária nº 42 - terça-feira, 7 de março de 2023, a Icafe lança o selo “Café de Baixas Emissões” para tornar visíveis os esforços ambientais; para café torrado pertencente ao projeto NAMA CAFE (*Nationally Appropriate Mitigation Actions*) que atenda aos requisitos de rastreabilidade tanto na fazenda quanto na fábrica e que ofereça um produto com baixas emissões de gases de efeito estufa e que implemente práticas sustentáveis ¹⁹na produção de café. Com esta distinção, espera-se que os consumidores identifiquem facilmente o café torrado nacional que contribui para o combate às alterações climáticas e que os produtores e moinhos possam ser reconhecidos pelos seus esforços nas questões ambientais.

b. Programa de Pagamentos por Serviços Ambientais (PPSA)

Outro programa que contribui para essa visão de sustentabilidade é o Pagamento por Serviços Ambientais (PSA) ²⁰. Os produtores são também ajudados a aderir ao (PSA) dos sistemas agroflorestais, para que obtenham um rendimento económico complementar pelos seus esforços na proteção dos ecossistemas e da biodiversidade associada. O incentivo à agrossilvicultura, árvores nas lavouras de café, tem vários efeitos positivos: aumento da biodiversidade, diversificação da renda dos produtores, captura de carbono, além de proteção e conservação do solo e dos recursos hídricos.

O PSA é administrado por Fonafifo (2022), que define como objetivo da subatividade Sistemas Agroflorestais no Café estabelecer sistemas agrícolas, que incluam árvores consorciadas com culturas especificamente com café. Os Sistemas Agroflorestais contêm

¹⁹ Descamps, Philippe (2017, p.36). Observa isso; uma plantação de café sustentável; para. Possui árvores para reciclar nutrientes, proteger do sol intenso e fornecer matéria orgânica. b. Receba adubação adequada e aplicações de matéria orgânica. c. O chão está sempre coberto. d. Possui obras de conservação do solo e da água. e. Possui uma diversidade de árvores e plantas.

²⁰ Disponível em: <https://www.fonafifo.go.cr/> . O programa PPSA consiste no reconhecimento financeiro do Estado, por meio do Fonafifo, aos proprietários de florestas e plantações florestais pelos serviços ambientais que prestam e que afetam diretamente a proteção e melhoria do meio ambiente.

um elevado número de árvores, estas árvores cumprem diversas finalidades como produção (madeira, lenha, forragem, frutas, medicamentos, outros) bem como serviços (sombra para culturas) e contribuem para os serviços ambientais. São definidos projetos em sistemas agroflorestais cafeeiros todos aqueles em que a produção agrícola é baseada na policultura de espécies arbóreas, com outras de natureza herbácea.

c. Programa Ecológico Bandeira Azul

Outro programa que aponta para a sustentabilidade ambiental do café é o Programa Bandeira Azul Ecológica, que nasceu como resposta ao fortalecimento da saúde pública e da atividade turística. Atualmente, possui dez categorias e é um programa administrado por diversas instituições do setor público e organizações empresariais privadas. Na categoria Mudanças Climáticas – Mitigação ²¹, o objetivo é incentivar a organização dos setores industrial, agrícola, de saúde e de recursos hídricos e das entidades públicas e privadas para maximizar a competitividade e minimizar o risco causado pelos efeitos das mudanças climáticas no país.

Na variedade de Adaptação às Mudanças Climáticas podem participar explorações agrícolas e pecuárias. A atividade cafeeira se enquadra nesta categoria. Os parâmetros que são medidos; qualidade da água para uso agrícola, manejo e conservação do solo, uso e manejo de agrotóxicos e antibióticos, aspectos de projeção sócio empresarial, disposição final de resíduos sólidos e líquidos e gestão ambiental.

Nos últimos anos foram geradas políticas voltadas à sustentabilidade social na cafeicultura, entre as quais são citadas:

d. Contrato de seguro para catadores de café

²¹Disponível em: <https://www.aya.go.cr/laboratorio/banderaAzul/>

Em 2019, o Fundo de Seguridade Social da Costa Rica, o Instituto do Café da Costa Rica e o Ministério do Trabalho e Seguridade Social assinaram um acordo que permite que as pessoas que trabalham na colheita do café e suas famílias sejam seguradas e, assim, proporcionem acesso a essas pessoas à saúde do Estado. Serviços.

Este acordo é concebido como um modelo de seguro excepcional, devido ao momento da colheita, para garantir o acesso aos serviços de saúde à mão-de-obra da colheita do café, independentemente da sua nacionalidade. O modelo de seguro é produto de iniciativa do setor produtor, amparado na estrutura da Lei que Cria o Fundo Nacional de Sustentabilidade do Café. Foram abrangidos um total de 30.115 colecionadores, nacionais e estrangeiros. Estrangeiros, principalmente migrantes panamenhos Nögbe Buglé e cidadãos nicaragüenses.

e. Programa “Casa da Alegria”

Um esforço para melhorar as condições de vida da população que colhe café; executado entre a Organização Internacional para as Migrações (OIM) em colaboração com o UNICEF, as instituições públicas Instituto Conjunto de Assistência Social (IMAS), o National Children's Trust (PANI) e o setor privado, começa com um programa de cuidados infantis e meninas indígenas Nögbe e Buglé, população transfronteiriça Costa Rica-Panamá); que está no país temporariamente e seu status de imigração é pendular. Este programa então se espalha para outras áreas do país. UNICEF – IMAS (2019: 9). Atualmente existem 39 Casas da Alegria.

f. Política de gênero focada nas mulheres rurais para o setor cafeeiro da Costa Rica

Promovido pelo Icafé (2022); esta política baseia-se nos princípios da universalidade, equidade e resiliência. Toma como referência a abordagem dos direitos humanos, a abordagem da conduta empresarial responsável e a abordagem do gênero; considerando que

as desigualdades de género constituem uma das principais formas de exclusão e desigualdade. A incorporação desta abordagem constitui um elemento essencial para o cumprimento dos direitos humanos e para o desenvolvimento de ações destinadas a superar as diferentes formas de discriminação contra as mulheres. O seu objetivo é “Promover a participação igualitária das mulheres no sector cafeeiro nas diferentes actividades da cadeia de valor através do acesso a recursos estratégicos e do apoio em questões fiscais e na adaptação às alterações climáticas”. Foi aprovado em 2022.

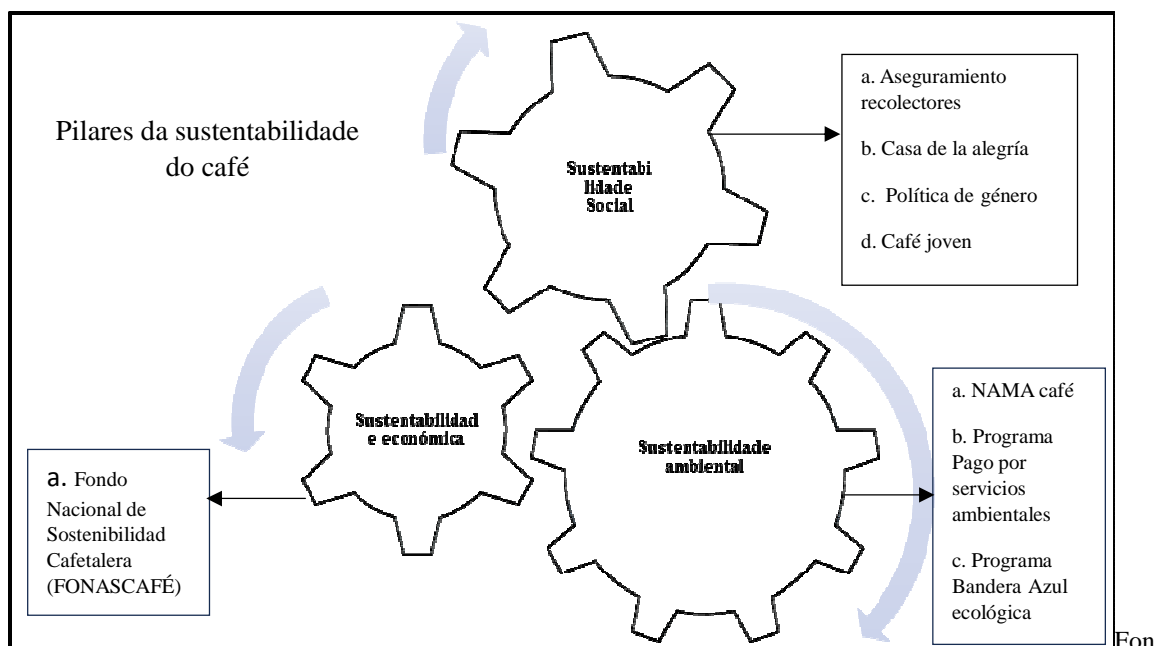
g. O Projeto “Café Jovem”²²,

Está formando uma rede de jovens rurais que trabalham no setor cafeeiro, com o objetivo de tornar visíveis as necessidades da juventude rural no setor cafeeiro da Costa Rica. Pretende-se que esta iniciativa anteceda uma política dirigida à juventude cafeeira, e com isso beneficie esta população, na sua integração geracional.

Na área da sustentabilidade económica, em 2018, foi criado o Fundo Nacional de Sustentabilidade do Café (FONASCAFÉ), no ARTIGO 1º- Fonascafé, como entidade pública não estatal, com personalidade jurídica e património próprios. Que define no artigo 2º. Dentro de seus propósitos, a sustentabilidade da atividade cafeeira, por meio de um programa permanente de financiamento direto e indireto aos produtores de café, direcionado com especial ênfase aos pequenos produtores, em projetos viáveis e sustentáveis dentro das fases de renovação e manutenção do café plantações, bem como para aquisição de novas tecnologias, para aumentar a produtividade e a competitividade das plantações. Espera-se que este programa permita aos produtores manter a atividade. A Figura 9 resume os principais programas.

²² Obtido em: <https://www.icafe.cr/proyectocafejoven/>

Figura 9. Costa Rica. Programas relacionados à sustentabilidade da cafeicultura.



Fonte: Elaborado por Quirós, 2023.

O foco na sustentabilidade como eixo da cafeicultura contribui para essa visão de retorno à atividade. Com vista a alcançar uma melhor inserção ambiental, social e econômica nas zonas rurais; um rejuvenescimento do campo, com uma atividade tradicional como o café; mas sob outras formas de abordagem e a partir de uma visão territorial.

2.6.1. Indicação Geográfica e certificações de café na Costa Rica

Os elementos distintivos do território contribuem para a identidade e comercialização dos produtos; no caso do café, identificam-se principalmente as Indicações Geográficas e as Denominações de Origem.

a. Indicação Geográfica e Denominação de Origem

A Indicação Geográfica e a Denominação de Origem são promovidas a nível regional pelo PROMECAFE. Segundo Fúnez, N (2011), “O Programa Regional de Qualidade do Café é uma iniciativa promovida pelas Instituições Cafeeiras integrantes do PROMECAFE, que busca diferenciar e valorizar os cafés de qualidade produzidos em diversas regiões cafeeiras, onde as condições naturais e os humanos interagem de uma forma peculiar que resulta em tipicidades de produtos únicas e diferentes. (FUNEZ, N (2011, p.156). Através desta iniciativa, foram propostas alterações legais na Denominação de Origem (DO) e nas Indicações Geográficas (IG) nos países da região, para que as leis de propriedade intelectual tenham informações para registrar seus produtos como DO e GI.

Segundo Granados, L, et al (2016):

El país dispone de un valioso patrimonio agroalimentario, mucho del cual se encuentra altamente posicionado en los mercados internacionales, donde su calidad es reconocida y, con frecuencia, asociada a los nombres de los lugares geográficos donde es producido, o bien asociada al país y a los valores que este representa. (GRANADOS, Leonardo, et al, 2016, p.163).

O café é uma dessas heranças. O café costarriquenho possui Indicação Geográfica Café Costarriquenho ²³, aprovada pelo Icafe em 15 de outubro de 2008. Segundo Icafe, 2008, o cultivo e a colheita do Café na Costa Rica, portanto, o que está protegido é o nome geográfico "Costa Rica". Segundo definição de indicação de Icafe, (2008) “A área cafeeira da Costa Rica se caracteriza por produzir um grão de café que gera uma bebida com xícara limpa, com acidez de baixa a excelente, e corpo de médio a muito bom. e um excelente aroma. Essas características e qualidades são obtidas do café da espécie Arábica ²⁴, nas variedades Caturra e Catuaí, desde que realizadas sob processos cuidadosos no cuidado das lavouras, na colheita e nos processos de beneficiamento. (ICAFE, 2008, p.5).

²³ A Indicação Geográfica (IG) é uma figura jurídica legalmente estabelecida na Costa Rica pela Lei de Marcas e Outros Sinais Distintivos nº 7.978, bem como pelo Regulamento das Disposições Relativas às Indicações Geográficas e Denominações de Origem nº 33.743, que designa um bem como originário do território de um país, região ou localidade que é utilizado na apresentação de um bem para indicar seu local de origem, procedência, produção, coleta ou extração. (Conforme art. 2º da Lei de Marcas nº 7.978). (Icafé, 2008, p.4).

²⁴A Costa Rica é o único país onde, por decreto presidencial (Nº19302-MAG, 4 de dezembro de 1989), só podem ser plantadas variedades de Arábica.

A área total de plantações de café, que sejam iguais ou superiores a 300 metros acima do nível do mar, é a área potencialmente com plantações a serem credenciadas como IG Café do “Café de Costa Rica”. Os critérios para delimitar a área; evolução histórica, impacto social, atributo da xícara, descrição do processo produtivo e características do produto beneficiado, descrição dos controles para garantir a rastreabilidade. Segundo Icafe, 2008 b “Quem pretender proteger o café sob a Indicação Geográfica Café de Costa Rica, deverá, de acordo com o disposto no Caderno de Especificações e neste Regulamento de Uso e Administração, apresentar o pedido correspondente ao Icafe”. (ICAFE, 2008b, p.4).

É reconhecida a dificuldade de registrar um território sob uma dessas denominações, IG ou DO, mas regulamenta-se a figura jurídica e definem-se as possibilidades de utilização pelos produtores de café. Com organização e esforço conjunto, algumas regiões do país podem optar por este selo territorial. Atualmente, uma região geográfica da Costa Rica conta com esta distinção, a região de Los Santos, que recebeu em 2019 a Denominação de Origem Café Tarrazú, marca de grande reconhecimento mundial.

b. Certificações de café na Costa Rica

Com relação às certificações de café, Segura, Milena e Andrade, Hernán (2012) destacam que “os atuais programas de certificação de café são divididos em três tipos, que não são mutuamente exclusivos: orgânico, Fair Trade e escuro”. (SEGURA, Milena e ANDRADE, Hernán. 2012, p, 62).

Da mesma forma, segundo o Instituto Interamericano, (2015, p.7), indicam que a nível regional 86% dos produtores de café certificados pertencem a uma organização porque a maioria (67%) possui uma certificação de tipo de grupo. seria mais difícil e caro se o fizessem individualmente. (INSTITUTO INTERAMERICANO, 2015, p.7).

Luna-González, A, et al. (2018), as certificações de café registradas na Costa Rica são; Rainforest Alliance, Nespresso AAA, Boas Práticas Agrícolas, Comércio Justo, Marca

Country, Orgânico, Woman Care, Certificação UTZ, ISO 9001, ISO 14001, CAFE Practice, Fine Coffee e Carbon Neutral Association ²⁵. Segundo esses autores, “Na Costa Rica, as certificações só servem para comercializar o café em determinados mercados e verificar o cuidado com o meio ambiente. A qualidade na xícara não depende mais de certificações para ser validada. (LUNA-GONZÁLEZ, A, et al. (2018), p.8).

Esses autores, no estudo comparativo entre Costa Rica e México sobre a estratégia de valor agregado por meio de certificações, constataram que no México a qualidade da xícara é verificada por meio de certificações e na Costa Rica a qualidade da xícara não depende mais das certificações para ser validado. No caso da Costa Rica, existe uma correlação entre possuir certificações e capacidade instalada, o que indica que os moinhos que beneficiam o café certificado o fazem por volume e que o comprador a quem se destina solicita esses volumes com certificações. No caso do México, encontraram uma correlação entre ter certificações e obter melhores rendimentos. Para as grandes empresas comercializadas, a única razão para terem certificações é porque continuam a facilitar o processo de comercialização de volume, porque os seus compradores estrangeiros o solicitam, pensando que os seus clientes finais procuram o cuidado com o ambiente e os benefícios coincidem com isso. Consistente com esta análise, Faure, Guy, et, al (2014), aponta que:

Los grandes grupos de compradores se apoyaron sobre las demandas de los consumidores para desarrollar estrategias que integran certificaciones tomando en cuenta criterios ambientales y sociales. Dichos sellos son liderados por el sector público (Agricultura Biológica), por el sector asociativo (Comercio Equitativo, Rainforest Alliance) o por el sector privado (C.A.F.E. Practices de la firma Starbucks, UTZ Certified sostenido por tostadores y supermercados europeos). (FAURE, Guy, et. al, 2014, p.58).

Isso é consistente com o que Sick, Deborah apontou. (2015), em certificações como *Comércio Justo* (FT), a produção de café e outros comércios alternativos na Costa Rica tem

²⁵ Disponível em <https://www.icafe.cr/> O Moinho Experimental ICAFE obteve recentemente a Certificação Carbono Neutro de acordo com o Programa Nacional 2.0 do MINAE sob as Normas INTE/ISO 14064-1 e INTE B5:2016. A certificação é concedida pelo Ministério do Ambiente e Energia através da Direcção de Alterações Climáticas. Atualmente outros dois benefícios estão certificados com o mesmo programa, CAFETALERA AQUIARES S. A, AGRICOLA EL CANTARO S. A e COOPEDOTA RL com a Norma Externa PAS2060.

sido relativamente baixa. Em comparação com outros países produtores latino-americanos (por exemplo, Peru, México, Nicarágua), na Costa Rica, o FT ainda representa uma parcela muito pequena (cerca de 1%) da produção total de café. Os custos de certificação são um factor estrutural que limita a comercialização através do FT. Este autor salienta que os preços do café produzido de forma sustentável são mais elevados do que os do café produzido convencionalmente, no entanto, existem custos acrescidos em termos de publicidade, mão-de-obra adicional, processamento e certificação, e os rendimentos são inferiores aos do café produzido convencionalmente. (SICK, Deborah, 2015, p.198).

Sick, Deborah, (2015) menciona que:

“In today’s competitive global coffee market, quality coffees are increasingly in demand. Buyers representing global firms roam the countryside offering higher prices to farmers who have better-quality coffees to sell (e.g., coffee grown at higher altitudes). Thus, contrary to agreements with their producer cooperatives and FT buyers, many farmers opt to sell their better-quality coffee to independent buyers at higher prices. (SICK, Deborah, 2015, p.201).

Portanto, este autor destaca que os produtores optam por vender seu café de melhor qualidade a compradores independentes a preços mais elevados.

Consistente com estas declarações; de acordo com Faure, G, et al; (2014), “As certificações são escolhidas para uma determinada qualidade, essencialmente por razões comerciais, seja pela procura dos clientes, seja para aceder a mercados específicos”. O elemento determinante é produzir café de qualidade. (FAURE, G, et al; 2014, p.67).

Da mesma forma, Frederico, Samuel e Barone, Marcela (2015), apontam um aspecto importante em relação às certificações, referindo-se ao fato de que:

Outra importante questão relacionada à padronização e perda de autonomia dos produtores refere-se às formas de atuação das empresas certificadoras. Porém, se por um lado, a certificação possibilita aos produtores a inserção em determinados nichos de mercado. Por outro lado, exclui aqueles que não podem pagar pelo serviço ou não atendem às exigências das certificadoras, ao mesmo tempo em que padroniza os produtos e formas de produção. (FREDERICO, Samuel y BARONE, Marcela, 2015, p.396).

Esses mesmos autores destacam que o café, por sua característica *de commodity tropical*, produzido em sua maioria por pequenos produtores, e com grande demanda pelos

países desenvolvidos, torna-se o principal produto do comércio justo. Contudo, ainda não é aproveitado pelos pequenos produtores, no caso da Costa Rica.

2.6.2. Concursos Cup of Excellence como motivadores da qualidade

Outras opções para promover a qualidade do café como opções de sustentabilidade são através da venda eletrônica de café chamada “Cup of Excellence”, um programa da Alliance for Coffee Excellence (ACE), uma organização sem fins lucrativos sediada nos Estados Unidos que promove a qualidade do café no mundo e é apoiada na Costa Rica pela Fine Coffee Association e ICAFE. Os concursos de xícara de excelência tornam-se uma forma de mostrar as diversas qualidades do café produzido na Costa Rica. Ele tem permitido ao país participar de concursos internacionais e colocar os melhores cafés nos mercados especiais.

Historicamente, a comercialização do café promoveu a participação em diversos eventos promocionais desde o século XIX e início do século XX, quando a Costa Rica recebeu convites para participar em feiras ou concursos, em associações e em congressos. Algumas atividades foram consideradas importantes, devido ao vínculo comercial que poderia ser estabelecido com os mercados regionais americanos. A participação da Costa Rica em diversos eventos nas principais cidades dos Estados Unidos como Chicago, Filadélfia, Nova York, Washington, San Luis Missouri, entre outras. O que em geral visava mostrar a qualidade do café costarriquenho, uma vez que o país não conseguia competir quantitativamente e garantir um nicho de mercado especializado, disposto a pagar preços elevados pelo café costarriquenho.

Nos últimos anos foi realizado o leilão *Cup of Excellence*, competição de cafés especiais que busca premiar os melhores cafés de cada safra em diferentes países produtores, incluindo a Costa Rica. Os lotes selecionados têm grande exposição mundial, abrindo caminho para mercados que valorizam e reconhecem os cafés especiais. O Cup of Excellence representa uma oportunidade para produtores de todas as regiões terem visibilidade através desta plataforma, mostrando a qualidade dos seus cafés, e das pessoas

que os produzem, dando reconhecimento aos produtores. A atividade é organizada pela Costa Rica Fine Coffee Association (SCACR), entidade representativa da organização Alliance for Coffee Excellence (ACE) e patrocinada para a participação da Costa Rica por ICAFE, J&B International, Panamerican Coffee Trading, Yara Costa Rica, SMS Specialty, The Coffee Source, Plástico Tico, Exclusive Coffees, Coopedota, Agua Quetzal, Black Gold Speciality Coffee, Volcafe Costa Rica e Faciteck.

Para selecionar os participantes, inicia-se um processo seletivo: a) os provadores nacionais classificam o café com pontuação superior a 86 pontos, com base em 100. b) 40 cafés com pontuação acima de 86 pontos ou mais vão para cuppings internacionais. c) O café é torrado e enviado para 8 Centros Internacionais de Cupping (GCC), designados pela Alliance for Coffee Excellence (ACE), d) Serão leiloados apenas 30 cafés, com pontuação superior a 87. O impacto desta atividade, segundo ao Icafé, 2022, se reflete na mais alta qualidade, infraestrutura de qualidade, profissionalismo na cadeia de valor e inovação.

No nível da Costa Rica, a Associação de Cafés Finos da Costa Rica (SCA-CR)²⁶: assinou um acordo com a SCAA “Associação de Cafés Especiais da América” em 1996, para promover os “cafés *finos da Costa Rica*”, a qualidade do café e o condições humanas sob as quais é cultivado, colhido e processado, promovendo a Costa Rica de forma integral e consistente com a política de Estado “ *Costa Rica Essencial* ”²⁷, priorizando a importância para as famílias dos pequenos produtores de café. Esse selo é detido por grandes empresas, algumas das quais compram café de pequenos produtores, ou agrupam a produção de pequenos produtores, como é o caso das cooperativas.

Segundo Frederico, Samuel e Barone, Marcela (2015),

A produção dos denominados “cafés especiais” surgiu como uma resposta dos produtores, associações e ativistas à regulação corporativa e à queda dos preços internacionais supracitados. *Specialty Coffee Association of America* (SCAA) considera apenas aqueles que apresentam elevada qualidade física e sensorial,

²⁶Disponível em: <https://www.sca.cr/> SCA-CR é uma associação sem fins lucrativos, criada em 1993 por um grupo de produtores, processadores, torrefadores e exportadores locais de CAFÉ, em um esforço para promover o CAFÉ DE COSTA RICA em os mercados internacionais de especialidades ou cafés especiais.

²⁷ Disponível em: <https://www.esencialcostarica.com/marca-pais/que-es-la-marca-pais/> “Essencial COSTA RICA” é a nossa “*marca país*”, a forma como a Costa Rica se projeta para o mundo, promovendo de forma abrangente o turismo, os investimentos e as exportações, de mãos dadas com a cultura e a idiossincrasia costarriquenhas.

alcançando acima de 80 pontos, numa escala de 0 a 100. (FREDERICO, Samuel y BARONE, Marcela, 2015, p.395).

Esta organização realiza cursos e workshops como; barismo, degustação, torrefação e processamento. Além disso, realiza projetos; Cup of Excellence, Campeonato Nacional de Baristas, Campeonato Nacional de Provedores e Festival Viva el Café, entre outros. Possui um laboratório *Campus Certified SCA*. A Costa Rica Fine Coffee Association faz parte do Q System (Coffee Quality Institute), o Q System identifica cafés de qualidade. Os cafés que atenderem aos padrões em verde, torra e degustação terão a Certificação Q. O quadro 14 mostra o sistema de avaliação dos cafés de acordo com sua apresentação.

Quadro 14. Sistema Q (*Coffee Quality Institute*), padrões de avaliação de xícara de café, verde e torrado.

Tipo de avaliação	Grau Q/especialidade	Nota Q/premium	Abaixo de qual aluno
Xícara	85 ou mais	80 a 84,99	menos de 80
Verde	0 defeitos primários e não mais que 5 defeitos secundários	Não mais que 8 defeitos, incluindo primários e secundários	mais de 8 defeitos, incluindo primários e secundários
Torrado	0 Aquakers	Não mais que 3 Quakers	mais de 3 Quakers

Fonte: SCA-CR (2022). Adaptado por Quirós (2022).

Como parte dos atores corporativos da atividade cafeeira estão as Câmaras e Associações do Café, entre elas; Exportadores²⁸, Torrefadores²⁹, Produtores Nacionais de Café, Associação de Cafés Finos da Costa Rica (SCAA) e SINTERCAFE.³⁰

Além disso, segundo (Icafé, 2022, p.58) é promovida a Marca País de Café Costa Rica; com o objetivo de manter o posicionamento do café costarricense nos diferentes

²⁸ Disponível em: <https://camaraexportadorescafe.com/> Câmara Afiliada de Exportadores ECOM Coffee, Santa Laura Exportadora de Café SLEC, SA, Coffee Experts, Café de Altura de San Ramón Especial SA, La Minita, Ceca, Coricafé, Prisa,

²⁹ Disponível em: <https://www.tostadorescostarica.com/> Café Volio 1923. Seguiram-se o Café Rey, em 1953, e o Café Dorado. Mais tarde, novos torrefadores se juntaram, até chegar a 73 empresas atualmente cadastradas (ICAFE, 2011). Associados da Câmara de Torrefação de Café: Triângulo de Oro, Monte Rosa, Café 1820, Café Rey, Coopeagri RL Café Puro Volio, Montaña, Torrefactora Cobrucito, Dota Café Gourmet, Flor Café e Academia Costarricense de Café.

³⁰ Disponível em: <https://sintercafe.com/about-us-1/> SINTERCAFE, fundada em 1987, é uma organização sem fins lucrativos cujo principal objetivo é a promoção do excelente café da Costa Rica.

mercados, é retomada a participação em feiras, eventos e atividades internacionais que proporcionam a possibilidade de conectar produtores, processadores, exportadores e comerciantes de café costarricense com os clientes atuais e potenciais.

2.6.3. Café alternativo para turismo experiencial

A sustentabilidade da atividade cafeeira no espaço e no tempo depende da sustentabilidade da família. A busca por alternativas produtivas além da cafeicultura foi outro processo que se acentuou a partir de 1960, a diversificação agrícola e o turismo. Nos últimos anos, diferentes associações de produtores e famílias individuais têm visto o turismo como uma fonte promissora de divisas. Ao nível da Costa Rica, os coffee tours são um complemento à atividade cafeeira que é desenvolvida pela família, atraindo um segmento do mercado de turismo alternativo, diferenciado do turismo de massa. Costa Rica, reconhecida na década de oitenta pelo desenvolvimento do ecoturismo, que se tornou uma alternativa para o turismo de interesse especial como o café.

Segundo Alvarado, M (2020), a última etapa do turismo desenvolvida na Costa Rica é o turismo experiencial, que permite a quem o pratica participar da vida local, incluindo a interação com os modos de vida locais. A experiência e o bem-estar fortalecem o turismo experiencial, que integra os elementos da cultura e da natureza. Nesta última etapa o turismo está inserido nas fazendas cafeeiras.

Segundo Quirós, Lilliam; Mora, Karla (2020), é nesta última etapa do turismo experiencial identificada por Alvarado, M (2020), na qual estão inseridos os coffee tours; que permitem integrar vários aspectos; os recursos do ambiente (local e regional) e da organização produtiva, elementos inovadores (gestão integrada da exploração, programas educativos, microbenefícios), a ligação com a comunidade e instituições do Estado, promove a formação e a educação em temas relacionados com a atividade turística (barista, degustação, treinamento em segundo idioma) e promove a sustentabilidade como eixo do turismo nas fazendas de café (promoção de certificações).

O turismo nas fazendas de café começou na Costa Rica com a primeira experiência, em 1991 oferecida pelo Café Britt ³¹ sob o lema “A paixão e a arte do café”, o passeio do café gourmet começou de forma divertida e artística, a partir da explicação da cereja vermelha, até obter uma bebida de confraternização. Permitiu aos visitantes divulgar o patrimônio histórico e cultural do café.

A partir dessa experiência, outros *tours cafeeiros começaram a surgir* pelas regiões cafeeiras do país, incorporando uma diversidade de elementos inovadores. O turismo nas fazendas de café é uma atividade promovida pelo Instituto Costarriquenho de Turismo (ICT) nos planos regionais de desenvolvimento turístico. Os coffee tours são um complemento económico de grande importância na sustentação da atividade cafeeira, especialmente em períodos de crise; e que resgata a história, a cultura e o modo de ser do costarriquenho; fortemente ligada à produção de café.

O café como produto histórico faz parte da memória dos costarriquenhos, produto que vem sendo revalorizado através do turismo. Sua contribuição econômica permite sustentar as atividades da fazenda e gerar empregos locais. Tem a virtude de integrar a economia cafeeira aos recursos naturais e culturais; desta forma, integram-se a paisagem geográfica e as populações na oferta turística, vulcões, praias, comunidades indígenas, áreas de conservação da natureza.

A atividade cafeeira, com forte legado histórico-cultural, sobrevive como uma atividade importante, realizada em pequena escala. Tendências recentes, focadas na sustentabilidade através da articulação de ações na dimensão ambiental, social e econômica; afetam diferentemente as regiões produtoras de café. Isso leva as famílias a assumirem novos desafios que estão ligados a estratégias para se manterem ativas na atividade. Portanto, o próximo capítulo analisa as estratégias da agricultura familiar para a produção de cafés especiais, em um contexto regional-local específico, a região cafeeira de Pérez Zeledón; um espaço rural caracterizado pela prevalência da agricultura familiar e pelo seu potencial para a produção de cafés especiais; porém, pouco reconhecido no contexto nacional.

³¹Obtido em: <https://www.coffeetour.com/classic-britt-coffee-tour> O Café Britt, fundado em 1985, foi a primeira torrefadora de café gourmet da Costa Rica.

3. INSERÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR NA PRODUÇÃO DE CAFÉS ESPECIAIS NA REGIÃO CAFEIRA DE PÉREZ ZELEDÓN, COSTA RICA

O objetivo deste capítulo é analisar as estratégias da agricultura familiar na produção de cafés especiais, para influenciar e participar das diversas etapas do processo produtivo; produção-cultivo, beneficiamento-beneficiamento e comercialização do café. Os elementos de sustentabilidade, pluriatividade e diversidade de mercados são retomados como estratégias para a agricultura familiar; bem como os elementos de diferenciação e homogeneização espacial na reconceptualização do território. Este capítulo integra o trabalho de campo e os aportes teórico-metodológicos descritos nas seções anteriores; que nos permitirá compreender a forma como os atores territoriais, especialmente aqueles ligados à agricultura familiar, propõem suas estratégias nos diversos processos envolvidos na produção de cafés especiais; produção, processamento-beneficiamento e comercialização.

A nova ruralidade amplia a visão do campo do agrário para o rural, a multifuncionalidade destes espaços e a inter-relação entre o rural e o urbano, o local com o global; tendências que favorecem atividades agrícolas como os cafés especiais nos territórios, dada a dinâmica que estas geram. Nos territórios onde predomina a agricultura familiar, o surgimento da pluriatividade ligada aos processos de enraizamento no território torna-se estratégico para o meio rural.

3.1. Breve história da colonização agrícola da região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica

Na Costa Rica, a história da colonização agrícola foi um processo lento. Em 1800, devido à lenta evolução da ocupação do solo, a população do Vale Central ascendia a cerca de 52.000 habitantes e apenas 7,7% do território estava desmatado (Meléndez, S. 1977). Em 1821, a colonização agrícola na Costa Rica compreendia apenas 10% do território

nacional. Em 1830, as necessidades de consumo dos países europeus em produtos agrícolas como algodão, café e tabaco; favoreceu o surgimento da atividade agrícola, principalmente da cafeicultura.

Segundo Vargas, Gilbert (2014), “De 1821 a 1880, a colonização agrícola ocorreu no interior do Vale Central e estendeu-se a oeste até San Ramón e al este até Turrialba. Dado o boom cafeeiro ocorrido no país após as primeiras exportações de café em 1840.” (VARGAS, Gilberto, 2014, p.144). Segundo este mesmo autor, de 1880 a 1915, os fluxos migratórios foram em direção ao Vale de Los Santos (San Marcos de Tarrazú, Santa María de Dota e San Pablo de León Cortés), Ciudad Quesada e Puerto Viejo nas planícies do norte. A partir de 1910, os fluxos migratórios de Tarrazú e Dota iniciaram a colonização do Vale El General ³², que atualmente inclui o cantão de Pérez Zeledón.

Segundo Sandner, G. (1981-1982); observa que:

“Fueres corrientes migratorias usaron los pasos de las cordilleras alrededor del Valle Central. El avance de este frente hacia arriba, a zonas más elevadas, fue y sigue siendo más lento. Tan pronto como rebasó los pasos, el frente aceleró su avance, ensanchándose y ramificándose en cuanto llegaba a la bajura. Solo en el Valle de El General, Tilarán y San Vito, la colonización partió de núcleos alejados del Valle Central, pero formados por elementos oriundos de este último”. (SANDNER, Gerald, 1981-1982, p.98-99).

No entanto, historiadores e antropólogos não hesitam em apontar uma ocupação ativa do Vale General desde tempos anteriores aos fluxos migratórios que caracterizaram a área durante a primeira metade do século XX. A história da ocupação recente causada por fluxos de migrantes, que foram expulsos do Vale Central do país, motivados pela grilagem de terras pela oligarquia cafeeira.

Segundo Miranda, Miriam (1982-1983) “Os primeiros habitantes do Vale El General vieram das migrações de Santa María de Dota, Tarrazú e Desamparados, ocorridas a partir da segunda metade do século passado. Os colonizadores iniciaram o processo revirando a montanha.” (MIRANDA, Miriam, 1982-1983, p.101). Segundo este autor, correspondia a uma colonização individual, desorganizada, colonos com pouco capital, que queriam melhorar as suas condições de vida. Eles se estabeleceram primeiro no vale.

³² *Perez Zeledon* é o cantão XIX da província de San José, na Costa Rica. *Fundação*, 9 de outubro de 1931.

A Rodovia Interamericana tornou-se um canal por onde fluíam importantes contingentes de pessoas do vale central para diversos setores. Os processos de colonização agrícola começaram em regiões como San Carlos, Sarapiquí, Guanacaste e o vale El General-Coto Brus antes da década de 1930, mas foi somente a partir de meados do século XX que a construção de estradas e benefícios modernos permitiram o estabelecimento comercial de a indústria cafeeira. Reafirmando o exposto, Durán, Norman (2005) aponta que; “O ano de 1946, data da inauguração da autoestrada, marcou a efetiva ligação do vale ao resto do país, bem como o início de um intenso e rápido desenvolvimento agrícola, económico e demográfico na zona.” (DURÁN, Norman (2005, 137). Essa característica da colonização no Vale El General abrange as gerações atuais; por meio das entrevistas realizadas, verifica-se a origem dos moradores que se dedicam à produção de café, que são nativos da região de Los Santos, Acosta e Puriscal e Frailes de Desamparados.

A ocupação do espaço agrícola caracterizou-se pelo estabelecimento de famílias que se estabeleceram na região; predominaram as culturas de subsistência e o estabelecimento da cafeicultura, visto que os migrantes provinham de áreas cafeeiras, com conhecimento da atividade, e em busca de terras para dar continuidade a esta prática agrícola. A este respeito, Zúñiga, Yolanda, (2000), aponta que:

Los colonizadores que llegaron principalmente a partir de la década de los años treinta desarrollaron actividades agrícolas en las cuales unieron sus conocimientos prácticos con la adaptación de productos en terrenos que no ofrecían facilidad alguna para el desarrollo de la agricultura. La herencia cultural de los productores, así como el capital monetario, complementaron el complejo universo agropecuario en un área de plena frontera agrícola y que anunciaba un gran dinamismo desde entonces. (ZÚÑIGA, Yolanda, 2000, p. 205).

A agricultura familiar foi importante no processo de ocupação agrícola; não houve um processo de concentração fundiária como reafirmou Sandner, Gerhard (1981-1982), quando disse que: “faltam as fazendas nos arredores de San Isidro de El General; as áreas intensamente cultivadas após a concentração agrícola são pequenas mas próximas da cidade à qual conferem, graças a uma densidade demográfica relativamente elevada, um interior de alguma importância. (SANDNER, Gerhard, 1981-1982, p.103).

Dessa forma, a atividade cafeeira foi favorecida pela disposição dos agricultores em investir seu capital e esforços na instalação de cafezais. O aumento populacional dado as

maiores facilidades de acesso com a construção da Rodovia Sul Interamericana, atraiu famílias a se deslocarem para o sul do país, e ocuparem essas terras que, devido à passagem pelo Cerro de la Muerte, eram muito difícil acesso. A diversificação agrícola fazia parte do panorama agrícola, que é fortalecido pelo papel da agricultura familiar e pela ligação ao mercado externo que a cafeicultura gerou. A região logo se fortaleceu com o estabelecimento da indústria de processamento em grande escala, que, juntamente com a tecnologia agrícola a partir da década de 1950, permitiu a ampliação da área cultivada, a melhoria da produtividade e o processamento de grandes quantidades de café.

Numa perspectiva crítica, Chavarría, Omar, (1983-1984) aponta que:

Una vez que el cultivo del café ha agotado sus ventajas comparativas en la Región Central del país a mediados de la década del 30, se busca incorporar nuevas áreas al desarrollo agrícola, de ahí el origen de los frentes de colonización de mediados del siglo que logran su máximo empuje entre los años 1940 y 1950, proceso que debe ser entendido como la necesidad que tiene el capital de expandirse hacia nuevas zonas geográficas, es por eso que en la incorporación de las primeras regiones periféricas en el país se da buscando la posibilidad de desarrollar en ellas el cultivo del café que seguía siendo el cultivo más rentable de la economía nacional. (ARRIETA, Omar, 1983-1984, p.78).

Entre essas frentes de colonização está o cantão de Pérez Zeledón, que está incorporado ao terceiro anel de expansão periférica. Atualmente a capital cantonal, San Isidro del General, constitui uma cidade intermediária de grande importância na região de Brunca, localizada no sul do país.

A cafeicultura ganhou espaço num contexto caracterizado pela diversificação produtiva e pela contínua redução da fronteira agrícola. A agricultura de subsistência foi mantida, mas a agricultura comercial orientada principalmente para o mercado internacional foi ganhando espaço, o que ficou evidente na adoção de culturas permanentes entre as quais o café ocupava lugar de destaque.

A região cafeeira de Pérez Zeledón apresenta essas características de ocupação; as cidades fundadoras constituem áreas de desenvolvimento urbano, enquanto os territórios em que se observa dinamismo na produção de cafés especiais correspondem às áreas periféricas, suscetíveis de transformação. Apesar do menor dinamismo da atividade cafeeira, grandes áreas do cantão veem na cafeicultura a possibilidade de desenvolver seus territórios.

Da mesma forma, a política estadual prevê a possibilidade de expansão da atividade cafeeira na região, com previsão de replantio de café destinado a dobrar a área plantada e produzir o dobro do que produz atualmente. Essas novas áreas ficarão localizadas na periferia urbana, em áreas rurais com potencial para produzir café de melhor qualidade. Portanto, é importante analisar as características desses espaços como oportunidade e inserção dos produtores nesses novos processos, que possuem um caráter muito diferente do processo que foi desenvolvido há mais de 50 anos.

3.1.1. Características recentes da região cafeeira de Pérez Zeledón

A região cafeeira de Pérez Zeledón coincide com o cantão de mesmo nome; Pérez Zeledón; administrativamente pertence à província de San José, e regionalmente pertence à região de Brunca. A extensão do Cantão de Pérez Zeledón é de 1.905,51 ³³quilômetros quadrados, o que representa 38,42% do território da província de San José e por sua vez 3,33% do Território Nacional. Os distritos que fazem parte do cantão são; San Isidro de El General, Daniel Flores, General, Rivas, San Pedro, Platanares, Pejibaye, Cajón, Barú, Río Nuevo, Páramo e La Amistad. A cidade de Cabecera, San Isidro de El General, está localizada a 136 km de San José, capital da Costa Rica.

O cantão de Pérez Zeledón tem se caracterizado pelo seu desenvolvimento econômico baseado nas atividades agrícolas, pecuárias, comerciais, industriais e turísticas. Pérez Zeledón, tendo como capital San Isidro de El General uma cidade intermediária, é uma ponte entre a capital San José e a Zona Sul do território nacional. Alguns dos serviços como saúde, educação, compras, são oferecidos nesta cidade intermediária. Entre as atividades agrícolas mais importantes estão: o plantio de cana-de-açúcar, café, fumo, tiquizque, banana e amoras.

³³ Disponível em: <https://www.perezzeledon.go.cr/>

O cantão de Pérez Zeledón tem crescido em população, segundo o INEC, Censo Demográfico, 2000-2011, para o ano 2000 foi registrada uma população total de 41.221 habitantes, no ano 2011 essa população passou para 45.327 habitantes; A projeção populacional para o ano de 2022 é de 156.917, segundo INEC (2022). A principal cidade, San Isidro de El General, oferece uma diversidade de serviços e opções comerciais, que atraem população para aquele bairro. Além disso, esta cidade é a ligação entre o centro do país e a zona sul, tornando-se um importante nó de interligação.

O cantão tem experimentado um forte crescimento urbano, especialmente nas áreas periféricas da capital do cantão, San Isidro de El General, ocupando muitos dos espaços que nas décadas anteriores foram dedicados à atividade cafeeira, especialmente no noroeste e no sul do cantão. Deslocamento das atividades agrícolas para comunidades mais remotas, com declives acentuados, substituindo conseqüentemente atividades como a pecuária. Algumas das áreas agrícolas fazem fronteira direta com áreas protegidas, como é o caso do Parque Nacional Chirripó. Apesar deste crescimento urbano, que se verifica nas estatísticas do Censo Demográfico de 1984, o cantão tem uma tradição marcadamente rural, na sua idiossincrasia, costumes, tradições e cultura em geral.

As atividades comerciais e de serviços estão orientadas para o trabalho agrícola. O turismo veio complementar esta tendência, um cantão é reconhecido com uma oferta de turismo de natureza e turismo rural e comunitário rural; com um forte impulso através do Instituto Costarricense de Turismo (ICT), do Centro de Informação e Promoção Turística da Câmara de Comércio e Turismo Pérez Zeledón, que funciona desde 1992, e de outros atores locais, como universidades e atores privados.

Um recurso relevante é a Serra de Talamanca, onde se localiza uma das áreas mais homogêneas em termos de conservação; é o caso do Parque Nacional Chirripó e do Parque Internacional da Amizade, com reconhecimento internacional como Reserva da Biosfera e Patrimônio Mundial. Há agroturismo, turismo ligado ao café, fazendas agroecológicas, pesca recreativa em áreas onde são cultivados peixes de água doce: trutas e tilápias, e observação de aves. As cachoeiras e cascatas são populares e exuberantes, complementadas

por trilhas de montanhismo. A sede Brunca da Universidade Nacional localizada em San Isidro de El General tem se esforçado para recuperar a oferta turística do cantão ³⁴, por meio do projeto de extensão “Rotas turísticas e lideranças comunitárias, que visa sistematizar os empreendimentos locais”.

No contexto da nova ruralidade apontada por Llambí (2004), a visão do campo se amplia do agrário para o rural, a multifuncionalidade desses espaços e a inter-relação entre o rural e o urbano, o local com o global; tendências que favorecem atividades agrícolas como os cafés especiais nos territórios, dada a dinâmica que estas geram. Da mesma forma, conforme enfatizado por C. de Grammont e Martínez, L (2009); Mior, L (2003), em territórios onde predomina a agricultura familiar e com estruturas agrárias não concentradas, a emergência da pluriatividade ligada a processos de enraizamento no território torna-se estratégica para o meio rural.

3.2. Dinâmica da produção cafeeira na região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica

A região cafeeira de Pérez Zeledón representa a quarta região produtora do país e o cantão com maior produção de café. No entanto, como mostram os dados, a partir de 2003-2004, iniciou-se um declínio na produção. O período cafeeiro 2012-2013 foi o de menor produção. A grave crise cafeeira que afetou o país a partir do final da década de 90 e início de 2000 enfraqueceu a atividade. Algumas áreas tipicamente cafeeiras foram substituídas por usos residenciais, comerciais e outros usos agrícolas. Nos últimos anos, a atividade manteve-se estável com ligeiras variações, conforme mostra a tabela 4.

³⁴Através do site quehacerenperez.com, a oferta turística foi reunida e organizada por categoria, com o objetivo de integrar a oferta turística e orientar o visitante.

Tabela 4. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Produção de frutos de café Dados em Fanegas (2 Dhl) / Percentuais de participação (%), segundo períodos de cultivo do café.

Região cafeeira	2003-2004	%	2009-2010	%	2012-2013	%	2016-2017	%	2021-2022	%
Perez Zeledon	445095	15,95	264990	13,67	273 227	12,17	249 598	13,56	217849	13,03
Costa Rica	2789868	100	1938974	100	2 245 543	100	1 840 336	100	1672510	100

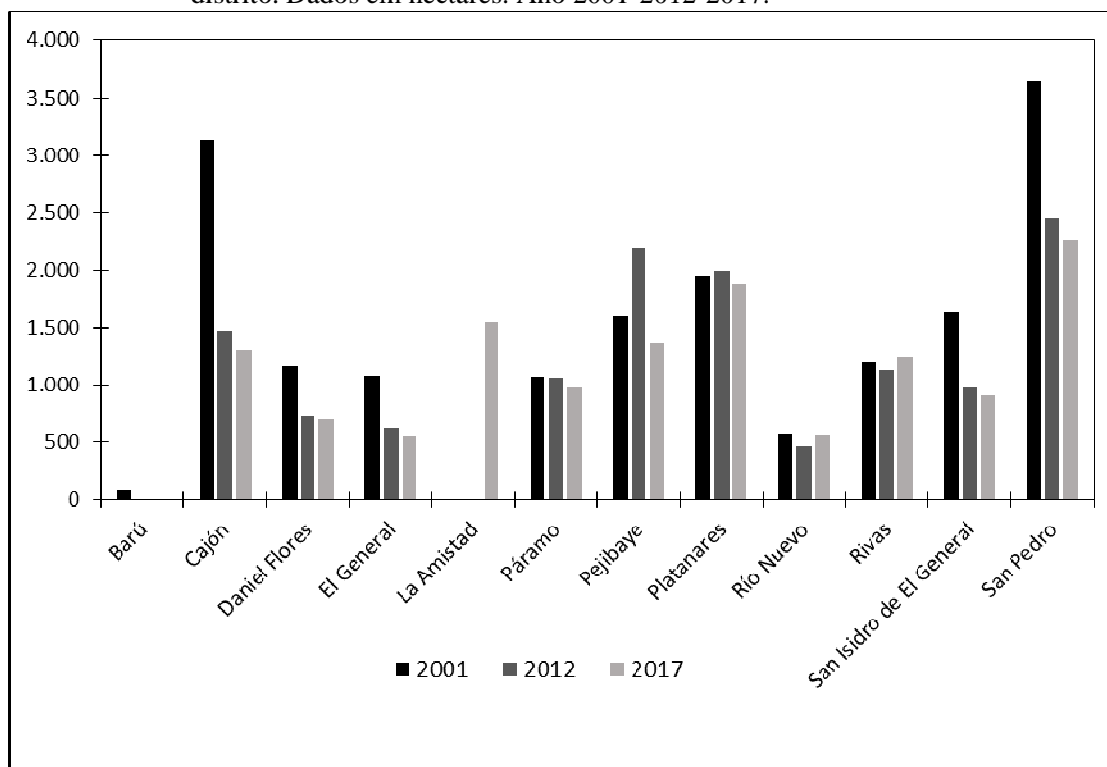
Fonte: Icafé (2022). Elaborado por Quirós, 2022.

O Gráfico 8 mostra o comportamento da produção cafeeira nos distritos do cantão de Pérez Zeledón; para os anos de 2001, 2012 e 2017. Nos distritos de Cajón, Daniel Flores, El General e San Isidro de El General, verifica-se uma diminuição da área destinada à atividade. Enquanto nos distritos de Páramo, Pejibaye, Platanares, Río Nuevo e Rivas a atividade permanece com pequenas variações; sendo nestes últimos distritos onde são produzidos cafés especiais. O gráfico 9 a seguir mostra o comportamento da atividade, considerando o período 2001-2017.

Segundo dados do Icafé de 2022, na região cafeeira de Pérez Zeledón, em 2001 havia 17.174 hectares cultivados com café, atingindo o ponto mais baixo em 2014 com 12.523 hectares e em 2017 um aumento de 13.315 hectares. Este dado coincide com os melhores preços alcançados pela cafeicultura desde 2012, ciclos em que os produtores voltam a cultivar café, na esperança de obter melhores lucros.

A região cafeeira de Pérez Zeledón já produziu 550 mil alqueires (fanegas) por ano, mas essa produção foi reduzida em mais da metade, menos de 220 mil alqueires; após a crise de 1997-1998, quando países como o Vietname começaram a produzir um excesso de oferta para o mercado. Mesmo com esta forte tendência de queda, continua a ser o cantão com maior produção do país.

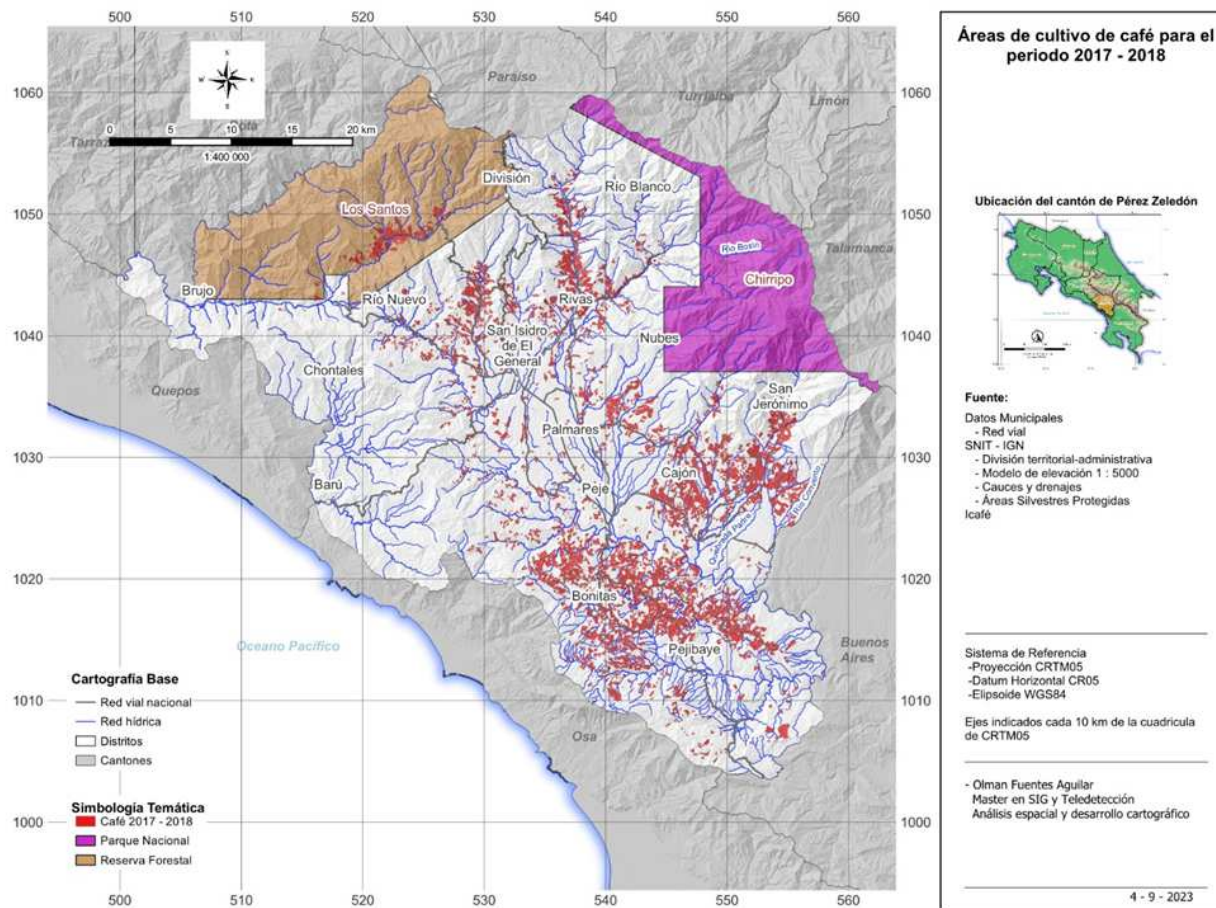
Gráfico 8. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Área cultivada com café distrito. Dados em hectares. Ano 2001-2012-2017.



Fonte: Icafé (2022). Elaborado por Quirós, 2023.

O cantão está localizado no Vale General, caracterizado geograficamente por estar rodeado por formações montanhosas com a Serra de Talamanca. Especialmente, a distribuição do café no cantão é vista no Mapa 3 a seguir; com a tendência de localizar as áreas cafeeiras na periferia dos principais centros povoados e em direção às áreas montanhosas. O processo de urbanização e periurbanização, as pragas e doenças que têm afetado o café de baixa altitude e, juntamente com o que foi mencionado pela CEPAL e CAC/SICA (2014), as mudanças climáticas, geram mudanças na distribuição da aptidão das terras para a produção de café. áreas, mostrando uma tendência dessas áreas migrarem para áreas de maior gradiente altitudinal.

Mapa 3. Costa Rica. Región cafecera de Pérez Zeledón. Cobertura do café 2017-2018.



Quadro 15. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Microbenefícios, 2023.	
Distrito de Rivas	
1	Microbenefício Los Crestones
2	Microbenefício Corazón de Jesus
3	Microbenefício Cerro Paraguas
4	Microbenefício Brumas Chirripó
5	Microbenefício Café Rivense do Chirripó
6	Microbenefícios Aromas de Chirripó
7	Microbenefício Cerro Buena Vista
8	Microbenefício Família Alvarado
9	Microbenefício Imperio Rojo
10	Microbenefício Boquete
onze	Microbenefício Ibanu Cedros
12	Microbenefício Las Orquídeas
13	Microbenefício Joicafé
Distrito de São Pedro	
14	Microbenefício Don Senel
15	Microbenefício Café Zaddy
Distrito de Cajón	
16	Microbenefício Coopedral R. L
Distrito de Páramo	
17	Cooperativa Coopangeles RL
18	Finca y microbenefício Favalo
19	Microbenefício Verdes Montañas
vinte	Microbenefício El Colorado
Distrito de San Isidro del General	
vinte e um	** Microbenefício Base La Piedra
Distrito de La Amistad	
22	** Microbenefício Coopeassa RL
23	Benefício Marespi, San Carlos de Mollejones, Platanares PZ
Distrito de Pejibaye	
24	Microbenefício Pagua S. A

Fonte: Elaborado por Quirós, 2023.

Observação. * Microbenefício de médio porte

**Microbenefício Orgânico

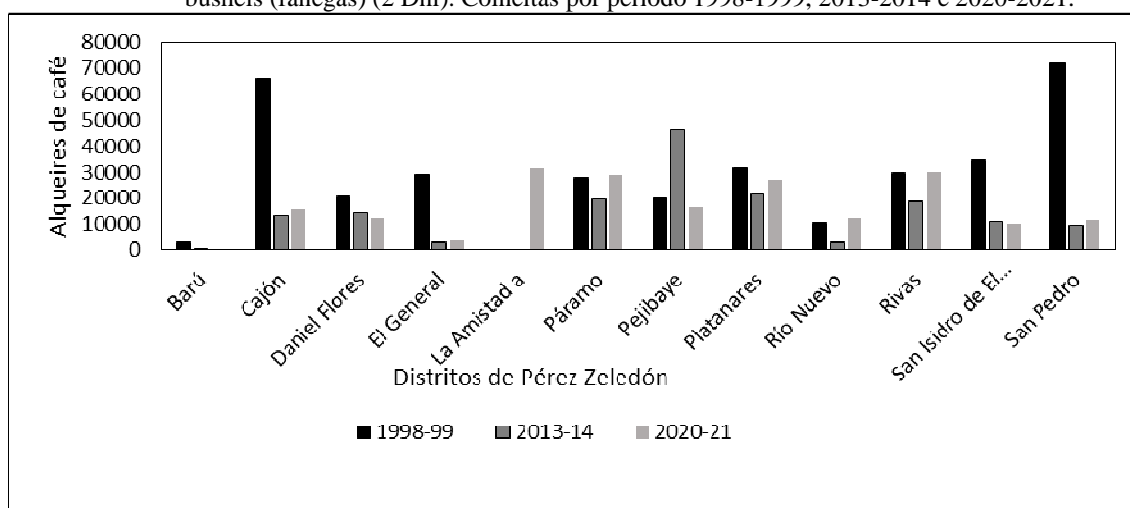
A quadro 15 apresenta os microbenefícios na região cafeeira. Os bairros com maior dinamismo e possibilidades de cultivo e processamento de cafés especiais são aqueles localizados em áreas de declives acentuados e gradientes altitudinais que ultrapassam os

1.200 metros de altitude. Da mesma forma, observa-se uma grande diversidade nos microbenefícios, alguns são técnicos e outros operam manualmente.

A produção por distrito apresenta uma forte diminuição, sendo os distritos com maior crescimento urbano os mais afetados por esta tendência. Entre eles; Cajón, El General, Daniel Flores, San Isidro de El General e San Pedro. Nos últimos anos, essas áreas absorveram o crescimento urbano residencial e comercial. Além disso, a partir de 2012, a ferrugem do café afetou as plantações em áreas de baixa altitude, pelo que algumas plantações de café foram substituídas e dedicadas a outras atividades produtivas. Conforme mostrado no mapa 3.

Uma tendência que também coincide com os fortes períodos de crise provocados pelos baixos preços do café, no início do ano 2000; e que teve ligeiras recuperações de forma flutuante. Segundo Ministério da Agricultura e Pecuária (2021); os índices cafeeiros caíram, passando de 556 mil bushels (fanegas), segundo safra (1999-2000), para 165 mil na safra (2013-2014), o que representa uma redução de 70% na produção nos últimos 15 anos, como produto da crise cafeeira dos últimos anos. (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA, 2021, p.4). A Figura 9 mostra esse comportamento.

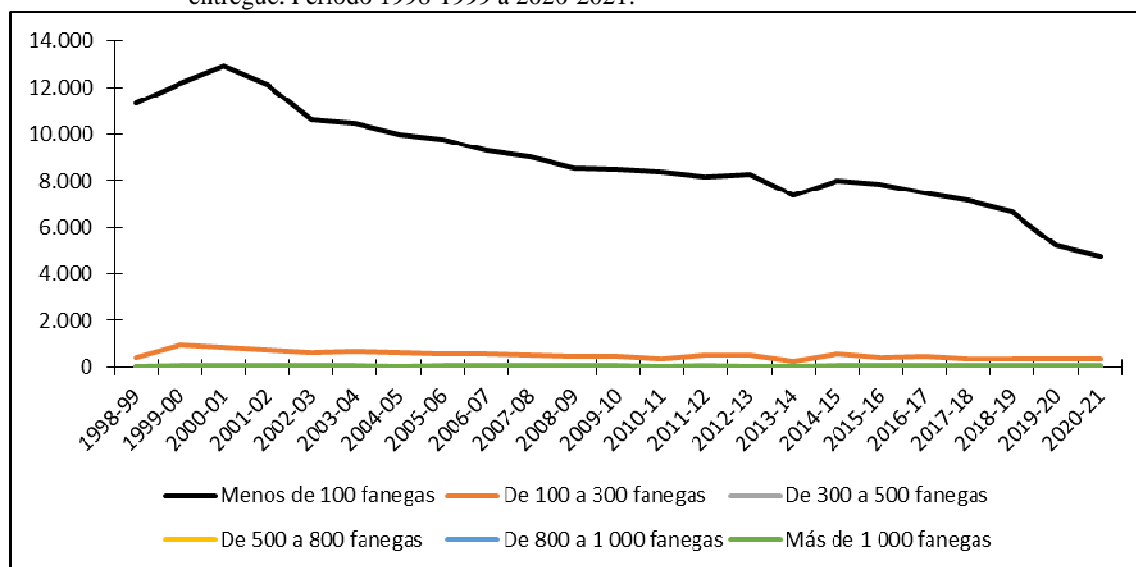
Gráfico 9. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Produção de café por distrito. Dados em bushels (fanegas) (2 Dhl). Colheitas por período 1998-1999, 2013-2014 e 2020-2021.



Fonte: Icafé (1998-1999 a 2020-2021). Elaborado por Quirós, 2023.

Os pequenos produtores foram o setor cafeeiro mais afetado, aqueles que entregam menos de 100 alqueires; como pode ser visto no gráfico, passando de 12.940 em 2000, com queda constante, para registrar 4.747 produtores em 2021, o que representa uma diferença de 8.193, 63,61% menos produtores. (ver gráfico 10).

Gráfico 10. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Número de produtores segundo café entregue. Período 1998-1999 a 2020-2021.



Fonte: Icafé (1998-1999 a 2020-2021). Elaborado por Quirós, 2023.

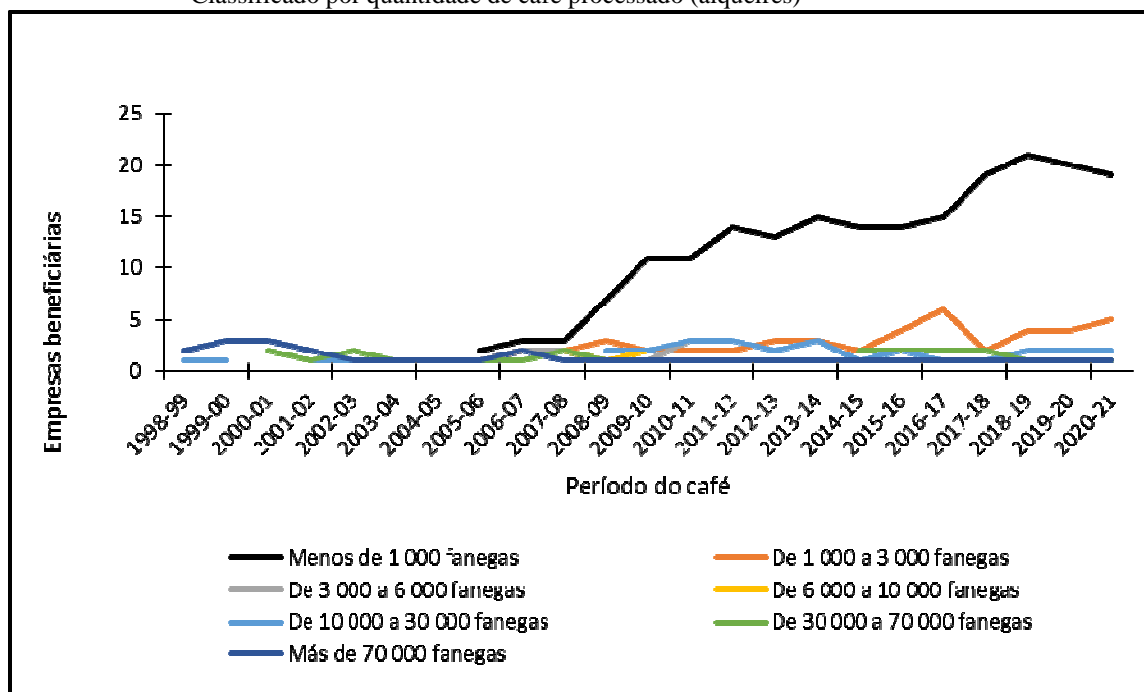
Porém, nos últimos anos, segundo entrevista realizada pela Tv Sur Pérez Zeledón com o representante da Icafé, (2023), Pérez Zeledón foi a única área produtora de café do país que aumentou a colheita em relação a 2020-2021. de 10% no período de cultivo do café 2021-2022. Entre as justificativas ele cita a boa floração e o clima, além dos programas de renovação que os produtores vêm implementando em suas fazendas com o plantio de novos cafés. Este representante da Icafé considera que Pérez Zeledón vai entrar numa forte fase de renovação do café, iniciada em 2013.

Esta renovação do café é fortalecida através da Estratégia Puente Agro liderada pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAG) e pelo INDER em conjunto com o Instituto do Café da Costa Rica (Icafé) com assistência técnica, o programa “Fortalecimento da *Cafeicultura no Território Pérez Zeledón*”, tem horizonte de execução de 4 anos, de 2020 a 2023.

Consiste na entrega de mudas de café, insumos e equipamentos agrícolas para estabelecimento de novos plantios ou para manutenção de plantios já estabelecidos. O projeto procura incentivar os produtores de café a renovar as plantações, aumentar o rendimento da produção e melhorar os seus rendimentos. Segundo comunicação pessoal com Adriana Gómez Castillo, (19/07/2023), funcionária do MAG, em 2022 foram renovados 41 hectares e em 2023, 99 hectares; beneficiando 89 e 144 produtores respectivamente.

Dada a forte crise que afeta o sector cafeeiro, os produtores decidem constituir a sua própria empresa de transformação, como estratégia para permanecerem no negócio. Como se pode verificar no gráfico 11 seguinte, a partir de 2006 observa-se a incorporação da maior parte das empresas beneficiadas. Sendo uma tendência importante para os entregadores de menos de 1000 alqueires, seguido pelos entregadores de 1000 a 3000 alqueires.

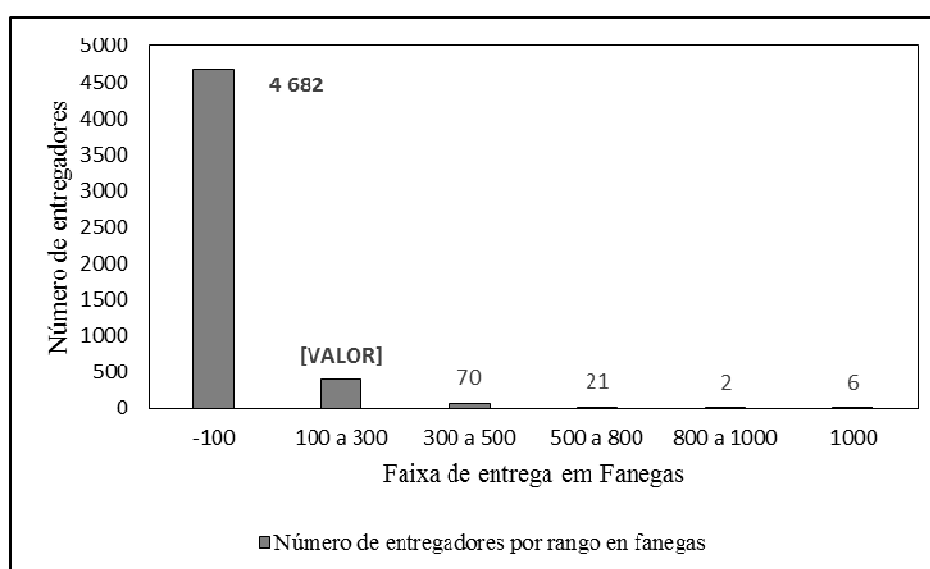
Gráfico 11. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Número de empresas beneficiadoras. Classificado por quantidade de café processado (alqueires)



Fonte: Icafé (1998-1999 a 2020-2021). Elaborado por Quirós, 2023.

Segundo Icafé, 2022, no relatório da Unidade de Estudos Econômicos e de Mercado (UEEM), em dezembro de 2022, na região cafeeira de Pérez Zeledón, estavam cadastrados 5.169 produtores, dos quais 4.682 (90,6%), entregam menos de 100 alqueires, contribuindo com 44,6% do café, e entre 100 e 300 alqueires são 388, que contribuem com 30,9% da produção da região. O que mostra a importância da produção da região para a agricultura familiar, na qual os grandes produtores vêm desaparecendo; ao mesmo tempo que se observa uma série de pequenos produtores que continuam na atividade, sob a dinâmica da agricultura familiar. Conforme mostrado no gráfico 12 a seguir.

Gráfico 12. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Caracterização do setor cafeeiro, colheita 2021-2022.

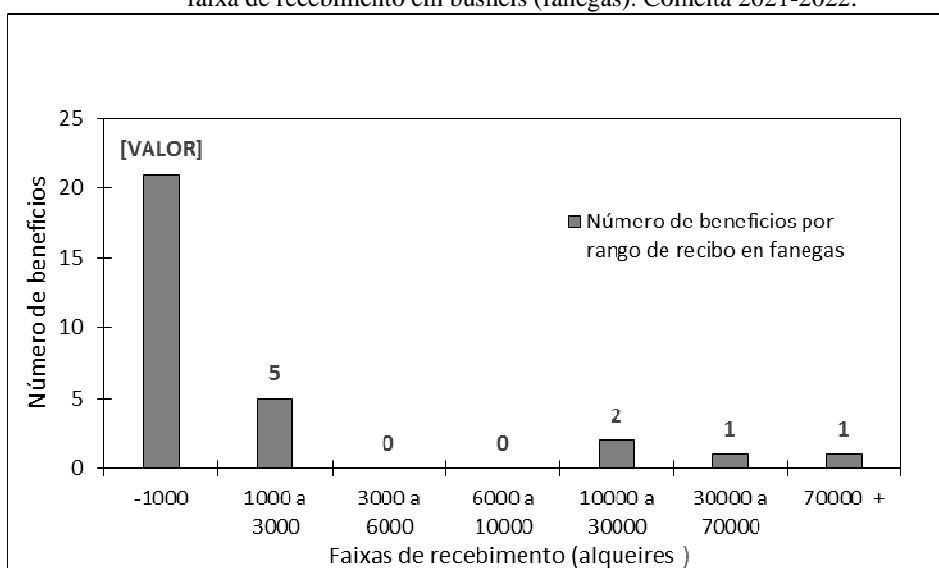


Fonte: Icafé (2022). Elaborado por Quirós, 2023.

Por sua vez, o setor beneficiado na região cafeeira de Pérez Zeledón é composto por um total de 30 empresas beneficiadas, com 304 empresas registradas em todo o país. Dos quais 70% (21) beneficiam menos de 1.000 alqueires com um percentual de participação na produção de 3,5%, e 17% (5) empresas beneficiam entre 1.000 a 3.000 alqueires com um percentual de participação na produção de 3,6%. Essas empresas beneficiadas são aquelas envolvidas na produção de cafés especiais, o que mostra a importância da produção na

região; o número de benefícios menores e a contribuição para a produção total; com uma margem de crescimento para os próximos anos que poderia fortalecer o setor cafeeiro. O Gráfico 13 apresenta o número de benefícios de acordo com a faixa de receitas de café em sacas da safra 2021-2022.

Gráfico 13. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Número benefícios por faixa de recebimento em bushels (fanegas). Colheita 2021-2022.

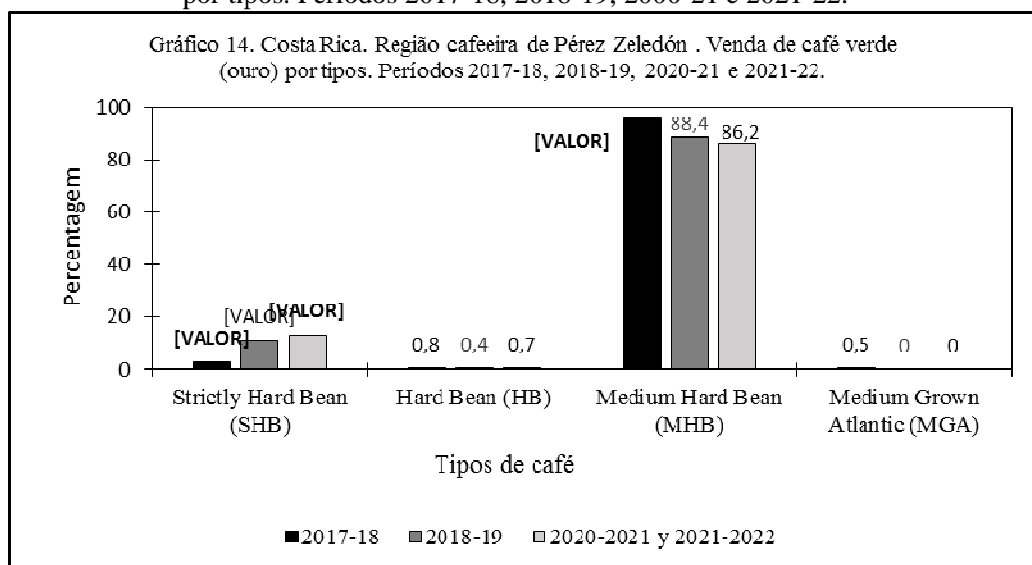


Fonte: Icafé (2022). Elaborado por Quirós, 2023.

Outro elemento que explica o crescimento do setor de cafés especiais é apresentado no gráfico a seguir. No período cafeeiro de 2017-18, 3,1% da produção foi proveniente *do Estrictamente duro Bean*, que é um café premium, comercializado como o melhor do mundo. Para os anos seguintes chega a um percentual de 13,2%, num curto período. Café produzido em altitudes entre 1.200 e 1.650 metros acima do nível do mar; dados que concordam com os movimentos do café em direção a áreas de maior altitude.

Os cafés *Medium Hard Bean* diminuíram de 95,6% no período 2017-18 para 86,2% no último período. Evidência de um deslocamento espacial das áreas produtoras de café, para produzir café de maior qualidade. Conforme mostrado no gráfico 14.

Gráfico 14. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Venda de café verde (ouro) por tipos. Períodos 2017-18, 2018-19, 2000-21 e 2021-22.



Fonte: Icafé (2022). Elaborado por Quirós, 2023.

É dada a distribuição dos microbenefícios em relação ao uso e relevo do solo urbano, a tendência de localização dos microbenefícios em áreas de declive acentuado e áreas rurais tradicionais. Situação que está intimamente relacionada à maior qualidade do café associada, entre outros fatores, à altitude como característica agroecológica. Conforme apontado pela CEPAL e CAC/SICA (2014), o café está crescendo ao longo do gradiente altitudinal. Na área de estudo observa-se esta relação, deslocando outros usos do solo como a pecuária, especialmente e áreas de cultivo de tomate, hortaliças e árvores frutíferas como morangos e amoras em menor quantidade.

Um indicador importante a considerar ao contextualizar a dinâmica regional do café nesta região cafeeira é que 100% da produção é beneficiada/processada no cantão e 2,2% provêm de outras regiões cafeeiras do país. A produtividade média por hectare vem diminuindo, passando de 27,5 para 16,4 bushels (fanegas) em 2021-22 em relação a 2001; em parte devido à crise do café, não permitiu que os produtores oferecessem a manutenção adequada da fazenda; Além disso, a transição para práticas agrícolas mais sustentáveis, com menor utilização de agroquímicos e fertilizantes, implica um processo de adaptação das plantas; bem como as práticas produtivas que devem ser realizadas para compensar esta mudança; e em cafeeiros velhos que estão sendo renovados, a produtividade diminuiu.

Além disso, os períodos de colheita vão de setembro a janeiro, com café *invernís e de fevereiro a abril com o café de verão*, este último introduzido há alguns anos. Isto mantém a força de trabalho ocupada durante pelo menos oito meses por ano na colheita e um número menor em trabalhos de manutenção subsequentes. Durante os meses de colheita do café, ocorre uma grande migração da população interfronteiriça, que se desloca para colher café, principalmente do Panamá e da Nicarágua.

Esta região cafeeira possui uma ampla organização para atender à produção; manifestada através de associações, cooperativas e sociedades comerciais. Desta forma, diversas organizações que atendem diretamente a atividade cafeeira estão cadastradas na região cafeeira de Pérez Zeledón; entre os quais estão;

a. A cooperativa Coopeagri, fundada em 1962, começou para reunir e contribuir com um grupo de produtores de café, hoje oferece uma diversidade de serviços (supermercados, armazém de abastecimento, loja de ferragens e materiais, Servicentro, Imobiliária, Agri Store). É uma das organizações mais consolidadas, envolvendo mais de 10.000 produtores do cantão de Pérez Zeledón. Os produtores de café associados constituem 64% do total do cantão de Pérez Zeledón e 12% do total dos produtores da Costa Rica. Segundo Coopeagri (2023) ³⁵, comercializa grãos de café das marcas Chirripó, San Jorge, Quizarrá, Don Claudio e Páramo.

A credibilidade e confiança nesta cooperativa é confirmada por Sick, D (2015) ao salientar que; A Coopeagri, com a sua longa história de compromisso com muitos dos ideais de justiça social e económica, é uma candidata perfeita ao Comércio Justo. Há muito que paga aos agricultores um preço mais elevado pela colheita do que as fábricas privadas de transformação.

b. A UPIAV, União de pequenos produtores agrícolas de Pérez Zeledón que filia 11.270 produtores em diversas atividades agrícolas. Administra um acordo com o CCSS para fornecer seguros mais baratos aos seus membros e cobrar pagamentos nas próprias comunidades.

³⁵ Disponível em: <https://www.coopeagri.co.cr/agroindustria/cafe/beneficio/>

c. A cooperativa Coopeangeles RL, Cooperativa dos Produtores de Café do Distrito de Páramo, RL, que envolve 25 produtores e tem projeto de construção de um moinho de café.

d. A cooperativa Coopeassa RL, Cooperativa de Desenvolvimento e Ação Social, nasceu para atender às necessidades dos produtores da região de Santo Antonio e arredores nas áreas de agroindústria, comércio e serviços. Contribui para a produção orgânica de café, banana e cacau certificados. Possui 280 produtores de café associados de San Antonio, Corralillo, China Kicha e Moctezuma. Atualmente possui um moinho de café com capacidade para processar 10 mil alqueires. Coopeassa RL possui a marca Café San Antonio. Aprimorar a Coopeassa RL, por meio da aquisição de equipamentos e construção de infraestrutura adequada, para melhoria do sistema produtivo e industrialização, em benefício de seus associados.

Algumas iniciativas que estão a ser implementadas no cantão, e que apontam para a sustentabilidade e a identidade territorial, permitem dimensionar o território como um espaço construído, um espaço de identidade, um território relacional. Importantes iniciativas estão sendo tecidas no cantão que buscam gerar valor agregado e identidade da produção agrícola. Dentre essas iniciativas, destacam-se:

a. A criação do *Selo de Identificação dos Alimentos Produzidos no Cantão de Pérez Zeledón*.

Por meio da Secretaria Agro Municipal de Pérez Zeledón, mediante acordo 14), da Câmara Municipal, realizada na sessão ordinária 073-2021, realizada em 31 de agosto de 2021, disponibiliza aos produtores de Pérez Zeledón ³⁶: Selo de Identificação para Alimentos Produzidos em o Cantão de Pérez Zeledón. Este projeto visa apoiar o setor agrícola. O ³⁷Selo de Identificação é concedido ao produtor que o solicita, que demonstra o modelo de produção em que o alimento foi produzido; agricultura convencional, orgânica certificada, sustentável, boas práticas agrícolas. (Ver anexo 2). Este selo de identificação

³⁶ Disponível em: <https://www.perezzeledon.go.cr/index.php/canton/informacion-general/agro-municipal.html>

³⁷Selo: É uma ferramenta de competitividade e marketing que permite a promoção integral, coordenada e colaborativa da identificação dos alimentos de origem agrícola produzidos no Cantão Pérez Zeledón, que busca criar vínculos entre o produtor “geral” e o consumidor.

dos alimentos produzidos no cantão permite-nos oferecer um olhar sobre os territórios diversos e únicos e contribuir para a identidade territorial.

b. O programa “paisagens produtivas”

Trata-se de um programa denominado “Conservação da biodiversidade através da gestão sustentável de paisagens produtivas na Costa Rica – MOCUPP”, liderado pelo Governo da República e financiado com recursos do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF). Segundo relatório de Aguilar, H., et al (2020), “Entre os anos de 2011 e 2015, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), através do seu Programa de Commodities Verdes, surgiu como uma ferramenta de apoio à gestão do território, que, por meio do uso de tecnologia de satélite, facilita o monitoramento das mudanças no uso da terra e a análise dos processos de desmatamento associados à dinâmica agrícola no país.

Como parte dos aspectos técnicos que mediarão o desenvolvimento da camada piloto de cultivo de pastagens até 30% de cobertura arbórea, abrangeu vários cantões, incluindo Pérez Zeledón, que, junto com Buenos Aires e Coto Brus, fazem parte da Área de Conservação La Amistad Pacífico. Esta informação é interessante, visto que um dos resultados é a distribuição de gramíneas com até 30% de cobertura arbórea com base nas imagens do Sentinel 2 de 2018 para os cantões e distritos localizados dentro da ACLAP (Aguilar, H, et al, 2020, p. .44). Na tendência de crescimento da cafeicultura, as áreas de pastagens são aquelas com potencial de crescimento e expansão da atividade, dado o menor dinamismo da atividade pecuária. Segundo esses dados, o cantão de Pérez Zeledón registra 36.346,99 hectares de pastagens com até 30% de cobertura arbórea. No cantão de Pérez Zeledón, o distrito com maior área desta paisagem produtiva é Pejibaye com 6.173,28 ha, enquanto o distrito com menor área de pastagens é Daniel Flores com 943,47 ha de pastagens.

Um aspecto importante deste programa é que alguns produtores entrevistados participaram deste plano piloto, e foi financiado um montante para contribuir para o reflorestamento. Portanto, isto representa um potencial de sustentabilidade produtiva, e o

território concebido como paisagem produtiva; onde ocorrem diversas dinâmicas, produção, conservação e proteção.

3.3. Agricultura familiar e produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón

A cafeicultura na Costa Rica representa uma opção produtiva para muitas famílias. A participação da agricultura familiar na produção de cafés especiais contribui para o fortalecimento dos territórios rurais por meio da diversidade de estratégias que são implementadas para sobreviver à recorrente crise cafeeira. Com o surgimento dos microbenefícios, o trabalho familiar especializou-se, a identidade com o território fortaleceu-se e as famílias integraram-se nos diferentes processos que esta atividade envolve, desde o cultivo, a transformação-processamento e a comercialização.

Segundo Van der Ploeg, (2017), “A agricultura familiar também não se define somente pelo tamanho do estabelecimento, como quando falamos da agricultura de pequena escala, mas sim pela forma com que as pessoas cultivam e vivem. É por isso que a agricultura familiar é também considerada uma forma de vida”. (VAN DER PLOEG, J, 2017, p. 7).

Na área de estudo predomina a agricultura familiar, que se estabeleceu no cantão desde o início da colonização, com a migração de colonos vindos do Vale Central do país. E principalmente moradores que fizeram parte do terceiro circuito de colonização, vindos da região de Los Santos, Acosta, Puriscal, Frailes de Desamparados, Bustamante, entre outros. Vargas, G. (2014); Sander, G (1962), ressaltam que esses processos foram caracterizados por migrações espontâneas e individuais, as famílias se deslocaram em busca de melhores condições de vida, e levaram consigo sistemas produtivos que vinham desenvolvendo em seus locais de residência; o café como cultura predominante entre as atividades agrícolas da Costa Rica rural na década de 1930.

A agricultura familiar fez parte da paisagem agrícola e teve uma função fundamental na formação do cantão, que continua até aos dias de hoje. Como apontam C. de Grammont e Martínez, L. (2009), há territórios que, dadas as suas características estruturais de formação de estruturas agrárias dinâmicas e de mercados locais dinâmicos, criaram melhores condições para o surgimento da pluriatividade, que neste caso Sim, pode ser considerada uma estratégia “endógena” que permite também o surgimento de empreendimentos empresariais.

Neste sentido, retomando a contribuição de Mior, L. (2003), nestes territórios, as estratégias de desenvolvimento rural são desenhadas a partir do fortalecimento das atividades agrícolas e das atividades não agrícolas; prevalecem as redes horizontais, que incorporam a agricultura e os territórios rurais em atividades que estão imersas nas economias locais e regionais. Redes que se constroem facilmente em zonas onde se destaca um maior número de pequenas unidades de produção tradicionais. Segundo Mior (2003), a área de estudo seria representada pelo segundo tipo de região baseado na abordagem de rede proposta por Murdoch; onde predominam estratégias competitivas ligadas à produção diversificada, resultantes da presença de redes de pequenas e médias empresas no sector agrícola e não agrícola. A agricultura familiar ressurge nos espaços rurais e dá sentido à geração de novos processos como a pluriatividade, a multifuncionalidade e o fortalecimento de uma visão territorial; bem como o seu papel central na participação em sistemas agroalimentares e mercados alternativos.

Os cafés especiais são considerados pelos consumidores diferentes das marcas de café normalmente disponíveis no mercado. Como apontam López, Karina (2014); Canet, G; Soto, C, (2017), dependendo do café especial, tornaram-se uma gama que abrange uma variedade de cafés diferentes, que conseguem um maior diferencial de preço. Inclui cafés de qualidade superior, de origem única, ancorados num território, cafés não convencionais como cafés aromatizados e cafés com história ou história especial.

A produção de cafés especiais distancia-se da agroindústria convencional, pois está baseada no território; sob um conceito amplo como o proposto por Santos, M, (1994); Correia, (2004); Lobato, R (2014), Saquet, M, 2015, Monnet, J. (2013), Haesbaert (2013). Uma construção social, histórica, relacional ligada a processos de apropriação, dominação,

identidade, pertencimento, demarcação; Como ator principal, as pessoas que ali vivem representam uma realidade tangível no dia a dia das pessoas.

O artesanato implícito na produção de cafés especiais tem contribuído para o desenvolvimento de redes alternativas que se tornam redes sociais do território; enraizada em espaços locais e regionais. A agricultura familiar, através da reativação dos laços sociais, promove a consolidação de redes mais amplas de parentesco e amizade, como estratégias que permitem agregar valor ao seu produto. Essas redes inéditas, como aponta Wilkinson (2003), estão condicionadas ao desenvolvimento e consolidação da agricultura familiar e conseqüentemente à valorização dos recursos e conhecimentos tradicionais como opção de incorporação econômica da pequena produção. É a partir dos arranjos entre a agricultura familiar, os processos de agregação de valor e o território, que se visualiza a continuidade e o fortalecimento dos espaços rurais; que na produção de cafés especiais articula esses três elementos.

Sob esta visão, a agricultura familiar abre espaço ao priorizar a produção de alimentos de melhor qualidade, a promoção de conhecimentos e competências produtivas, a criação de novos nichos de mercado, entre outros. Como um modelo alternativo enraizado nas iniciativas locais e no desenvolvimento endógeno, que aproxima as populações da autogestão do território. Graziano (1999) identifica novas atividades agrícolas localizadas em nichos de mercado específicos como elemento definidor do novo rural. Novas estratégias de sobrevivência são postas em prática; como mecanismos de adaptação a novas condições; A diversificação-especialização é colocada como elemento de sucesso; o que, segundo Arias, P (2009), considerando o espaço como referência, dependerá de como os grupos locais conseguiram redefinir sua espacialidade e redesenhar suas articulações espaciais.

Na nova dinâmica de desenvolvimento dos espaços rurais que resgata, como aponta Mior, L. (2003), os recursos que foram desvalorizados pela modernização agrícola, como a cultura, o saber-fazer local, que agora são concebidos como cruciais para o surgimento de novas redes de produção e consumo de alimentos. Contexto em que a agricultura familiar ressurge como ator principal. E isso implica, como aponta Castro, H, (2018), a incorporação de novas estratégias de reprodução, como contrapeso aos padrões

homogeneizantes na incorporação de produtores em complexos agroindustriais sob formas de subordinação econômica. Elementos relevantes para a compreensão da produção de cafés especiais na área de estudo.

As novas opções de produção de cafés especiais fortalecem a comercialização por meio de circuitos curtos, que podem ser circuitos locais ou estendidos; como aquelas que predominam na produção de cafés especiais; como mecanismos de resistência, que são realizados pela agricultura familiar; que segundo Rodríguez- Sperat et al. (2005); manifesta-se na intensificação do trabalho familiar, nos processos de produção e gestão, no artesanato e no saber-fazer que visa a geração de valor acrescentado. Criar oportunidades de emprego e renda para as famílias; e incorporar novas atividades agrícolas e não agrícolas como estratégias voltadas ao desenvolvimento local.

A região cafeeira em estudo, no contexto da nova ruralidade, manifesta-se como resultado de processos locais de busca de alternativas econômicas em reação à perda da agricultura como principal atividade no meio rural; especificamente na produção de café, a resposta à crise recorrente na atividade agrícola cafeeira que se agravou desde 2000. Conforme observado por Panos et al. (2003); Lewin, et al. (2004), dada a crise estrutural do café, este deve competir pela sua qualidade; contexto em que a produção de cafés especiais é vista como uma alternativa para se distanciar do modelo tradicional e influenciar maior autonomia produtiva e alcançar melhores preços de mercado segundo Wollni et. para o. (2006); Borella, et al (2015).

Esses autores De Mello, M; Schneider, S (2013), mencionam que as crises se manifestam como um estímulo para os produtores buscarem construir estratégias alternativas, vis-à-vis os mercados, os processos agrícolas e a articulação entre os atores. No caso da Costa Rica e particularmente na área de estudo, não é possível competir com a quantidade, portanto, a qualidade representa uma estratégia que contribui para a sustentabilidade na produção de cafés especiais, com uma determinada integração da agricultura familiar e suas oportunidades. em territórios rurais.

A quadro 16 apresenta informações sobre os microbenefícios entrevistados e sua forma de organização. Inclui-se uma descrição básica das características das famílias que fazem parte das entrevistas realizadas, a quantidade de café produzida em alqueires e a

forma de organização para a produção, a saber; organização individual, família extensa, associação de produtores e organização cooperativa. A quantidade de alqueires de café beneficiado, conforme quadro, é pequena, sendo a qualidade uma opção para conseguir melhores preços de mercado.

Quadro 16. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Microbenefícios entrevistados e forma de organização. 2023. (continuação)

Nome Microbenefício	Descrição	Número de alqueires	Forma de organização
Cerro Buena Vista	Atendida por uma família de 4 membros (pai-mãe-filho-filha). Uma família jovem. As crianças cursam cursos universitários relacionados à atividade.	450	Família/individual ³⁸
Microbenefício Don Senel	Servido por uma família de 4 pessoas. (pai-mãe-filho-filha). Os pais idosos, enquanto os filhos têm suas famílias, moram na mesma propriedade.	350	Família/estendido ³⁹
Pagua, Pejibaye	Atendida por 2 famílias (pai-mãe) idosos, e outra família infantil (pai-mãe e filho). Os demais filhos colaboram esporadicamente, são profissionais liberais e de diversas profissões (advogado-agrônomo, agrimensor).	400	Família / estendida
Microbenefício La Piedra	Atendida por uma família de 10 membros (pai-mãe e 8 filhos), uma família numerosa. Todos participam do processo. Interesse em educar as crianças em áreas relacionadas à atividade. Uma filha trabalha fora da fazenda.	150	Família/individual
Benefício Marespi ⁴⁰	É um moinho de médio porte, mas começou como microbenefício, é uma experiência muito interessante, cresceu e vende serviços de processamento e degustação para produtores locais. A concepção é ser um eixo de desenvolvimento local, para motivar as famílias, com muito interesse no fortalecimento do emprego local.	40.000	Família / estendida
Coopeangeles de Páramo RL	Esta associação dissolveu-se, tinham um crédito muito elevado, hipotecaram 3 imóveis e devido a uma catástrofe natural faliram. Eles se organizaram novamente para refazê-lo. Agora ele está construindo a cooperativa com 20 famílias.	1300	Organização Cooperativa
Microbenefício Zaddy Café	Ele atende o microbenefício junto com o filho, e eles também têm um projeto de turismo. Antes era orgânico, mas não dava para ele continuar. Fazia parte de uma cooperativa que existia em São Jerónimo, mas faliu e a infraestrutura encontra-se atualmente abandonada.	50	Família/individual
Microbenefício Corazón de	É administrado por uma família jovem (pai-mãe-2 filhos e 2 filhas) que tem um filho pequeno de 5 anos. O filho mais	800	Família/individual

³⁸ O núcleo familiar participa, eles são organizados internamente.

³⁹ Participam diversas famílias com algum grau de parentesco.

⁴⁰ Começou como um microbenefício – hoje é de médio porte, o segundo maior depois da Coopeagri, cooperativa com grande reconhecimento regional. Esta entrevista forneceu informações relevantes para a compreensão da atividade cafeeira.

Nome Microbenefício	Descrição	Número de alqueires	Forma de organização
Jesus	velho tem 22 anos e demonstra absoluto conhecimento e liderança. Os filhos mais velhos estudam carreiras relacionadas à administração.		
Microbenefício La Orquídea –	É atendida por 3 famílias que moram no mesmo terreno. Família 1. Primeira geração (pai-mãe). Família 2. Pai-mãe 2 filhos pequenos. Família 3. Pai-mãe- 2 filhos em idade escolar. Estes últimos ajudam quando disponíveis. Combina moinho e torradeira, e também vende serviços de armazém. Gera trabalho o ano todo.	340	Família / estendida
Império Rojo	Administrado por uma família jovem, com um filho de 3 anos. Um administrador muito comprometido oferece suporte no trabalho. Além disso, um funcionário permanente. Uma aposta total na produção de cafés especiais.	900	Família/individual
Cerro Paraguas	Uma associação, ele, sua esposa e seu filho, fazem parte do grupo de 7 famílias, todos do mesmo relacionamento. Três cunhados, o filho e mais dois vizinhos. A microbenefício recebe o café de todos os associados, compra, processa e depois exporta através de cafés exclusivos.	750	Associação de Produtores
Los Crestones - La Piedra	Participam do Microbenefício 12 famílias integrantes de uma associação de Produtores Conservacionistas APROCONPI.	1200	Associação de Produtores
Finca y Microbenefício Favalo	Na casa moram um grupo familiar de 7 pessoas, apenas pai, mãe e filho. Os outros quatro filhos dependem da fazenda, mas já têm família. Eles entregam a produção para a Coopeagri e torram de 10 a 15 alqueires para os clientes.	350	Família/estendido
Cooperativa Coopecedral	Um total de 33 associados fazem parte da cooperativa. Compram de outros produtores não associados. Conta com o apoio do MAG-INDER como projeto agroprodutivo de valor acrescentado para o fortalecimento empresarial.	600	Cooperativo
Microbenefício Verdes Montañas	Trata-se de um microbenefício administrado por uma família, pais e três filhos. O filho mais velho estuda na universidade e os outros dois frequentam o ensino primário e secundário. A grande liderança feminina é demonstrada nos processos e nas tarefas de marketing.	450	Família/individual

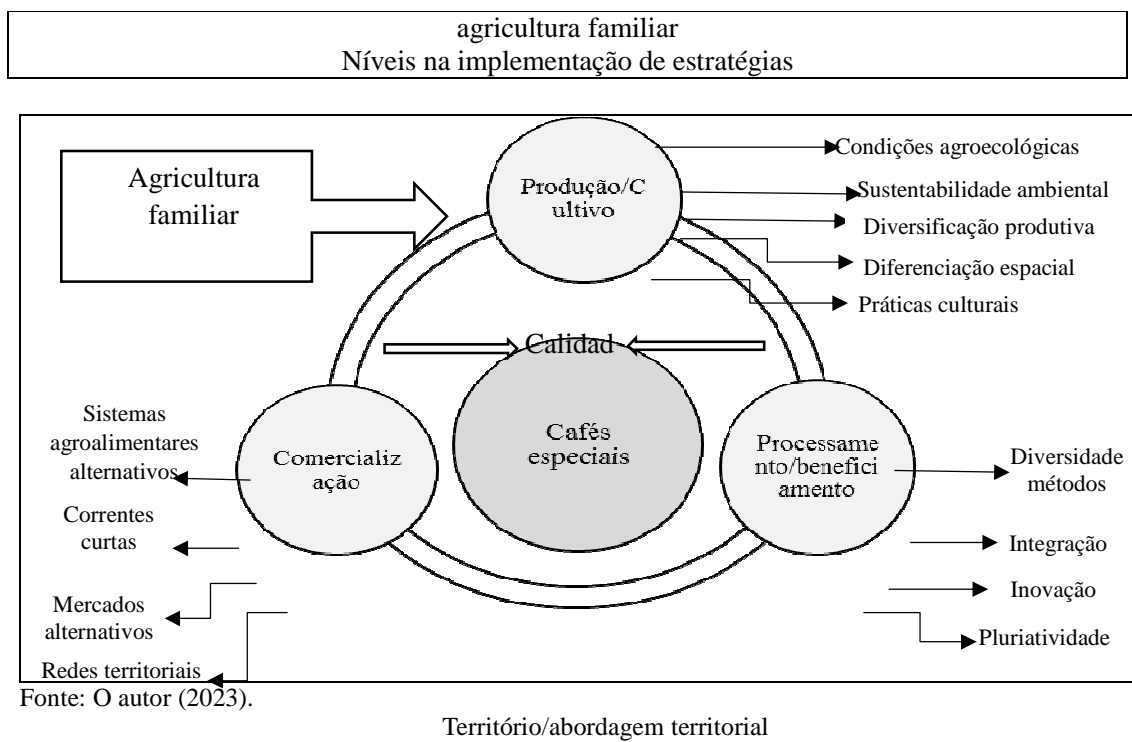
Fonte: O autor (2023).

As estratégias implementadas na produção de cafés especiais conduzem a uma visão do território com diferentes dimensões económicas, sociais e ambientais. Em contraste com os setores agroalimentares convencionais, como aponta Sonnino, R; Marsden, T. (2017), distinguem-se diferenças fundamentais; ao nível da relação espacial, uma deslocalização agroalimentar alternativa; As relações entre produtores dão ênfase à qualidade, buscando estratégias de captura de valor agregado, novas associações entre produtores e desenvolvimento de nichos espaciais; Com os consumidores, promove-se o conhecimento

do consumidor sobre o local, a produção, o produto e as condições espaciais de produção, desde compras presenciais até compras à distância; No domínio da transformação e da venda a retalho, incentivam-se as vendas regionais e locais, variáveis, rastreáveis e transparentes, com qualidades espacialmente referenciadas e projetadas. No que diz respeito ao quadro institucional, é dado apoio da autarquia local à construção de novas redes e infraestruturas, gera-se um quadro associativo relacional, baseado em relações de confiança a nível local e regional, de carácter colaborativo.

Coerente com a tendência em nível nacional, outras formas inéditas do território surgem como alternativas na produção de cafés especiais. As cooperativas estão fragilizadas como formas associativas que marcaram a produção cafeeira a partir da década de 1970 e que a liberalização do mercado, segundo Gudmundson, L (2018), provocou uma reestruturação da cadeia cafeeira, a reorganização da produção cafeeira. Maior relevância para a produção familiar ampliada que integra familiares, vizinhos e amigos, e pessoas físicas, sob registo legal de Sociedades Comerciais. (ver figura 10).

Figura 10. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Processo produtivo e implementação de estratégias pela agricultura familiar.



Fonte: O autor (2023).

Tomando como base o referencial teórico e as entrevistas realizadas, a seção seguinte detalha as formas de inserção e as estratégias implementadas pela agricultura familiar no processo produtivo de cafés especiais em três momentos do processo; no cultivo (gestão agrícola), na transformação – processamento (beneficiamento) e comercialização; fases em que é possível visualizar diversos elementos de diversificação, especialização e inovação que caracterizam a produção de cafés especiais, ancorados em um conceito de qualidade para se manterem atuais no mundo do café e sob a noção de um setor agroalimentar alternativo.

3.3.1. Estratégias implementadas em nível de safra para produzir cafés especiais

A produção de cafés especiais envolve, como elemento inicial e central, decisões de produção na unidade produtiva. Para a agricultura familiar, está ligada à própria relação da família com o seu patrimônio produtivo, a terra; trabalho como recurso humano disponível e conhecimento tácito, know-how. Como salienta Wilkinson, J. (1999), a família é uma categoria econômica com grande potencial de desenvolvimento, apostando na capacidade de identificar nichos de mercado ou mercados artesanais; fazer uso intensivo de recursos escassos e aumentar a eficiência dos fatores disponíveis. Bem como promover a utilização de recursos endógenos, a diversidade produtiva e empírica; e a capacidade de adaptar estratégias para resolver o cotidiano e os problemas enfrentados. A World Coffee Research (2019) aponta que para tomar a melhor decisão sobre que tipo de café plantar em uma fazenda, os produtores precisam saber quais variedades se adaptarão melhor à sua localização, arranjos, condições e sistemas agrícolas. (PESQUISA MUNDIAL DO CAFÉ, 2019, p.4).

As decisões da família expressam-se na produção de cafés especiais através de diversas estratégias, implementadas ao nível da agricultura familiar para alcançar um produto de qualidade, especialmente orientado para o mercado internacional. No nível da fazenda, como aponta Craviotti, C; Palacios, P (2013), estratégias no plano imobiliário, fortemente ligadas aos recursos disponíveis. Também pesquisando; deslocalização em

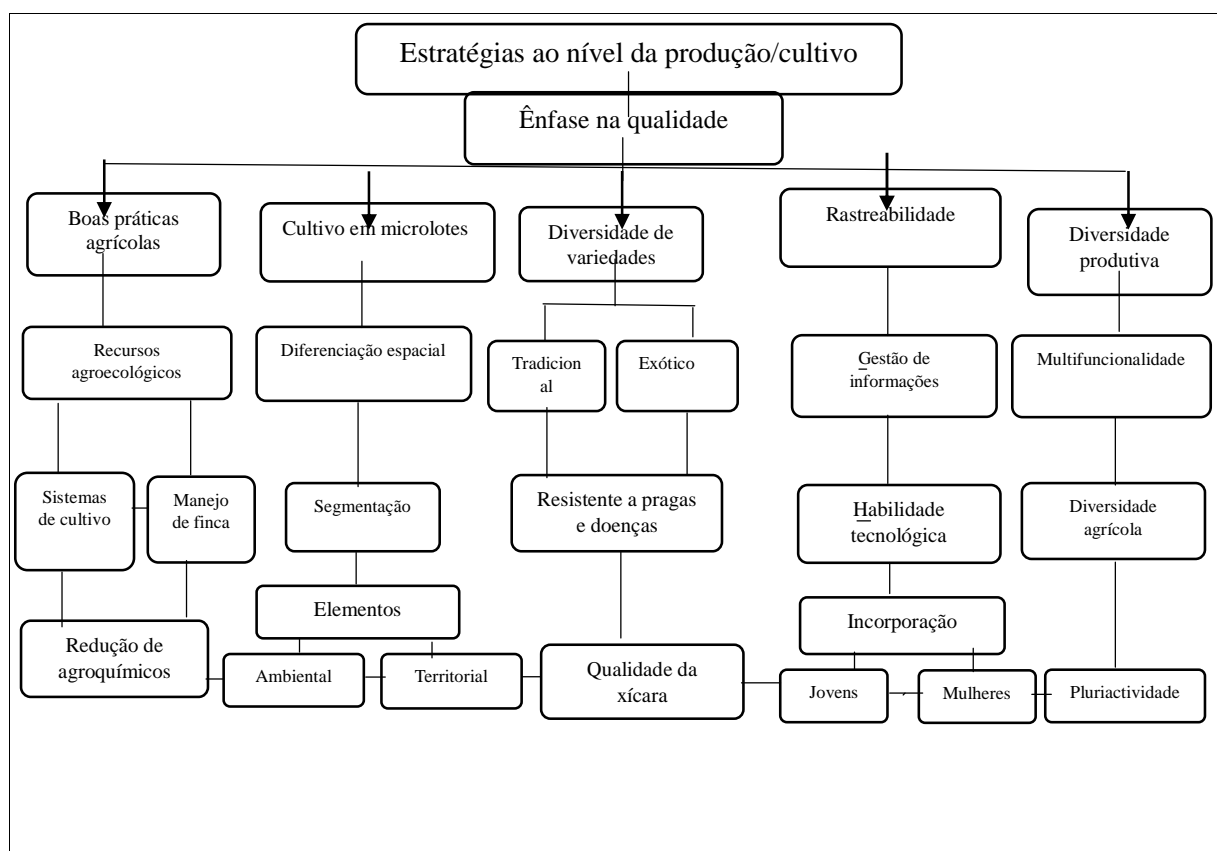
oposição à deslocalização agroalimentar, como apontado por Sonnino, R; Marsden, T. (2017), vinculado a um espaço e territorialmente enraizado. Além do exposto, segundo Pereira de Souza, R; Buainain, A (2014); os determinantes da competitividade devem ser considerados na análise, a) a diversidade produtiva, b) a escassa disponibilidade de recursos produtivos e c) a utilização de mão de obra familiar.

Dentre as estratégias para a produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón implementadas pela agricultura familiar, são identificadas neste estudo; a) A adoção de boas práticas agrícolas e assistência na fazenda (manejo do solo, sombra do café, uso moderado de agroquímicos, uso de microclimas; e manejo de outras variáveis agroecológicas), bem como a atitude do produtor e o tipo de manejo implementadas, b) A organização do cultivo em microlotes ⁴¹(o que está relacionado com a divisão-segmentação com elevado potencial de diferenciação espacial), c) O cultivo de diversas variedades de café (reconhecendo e priorizando as características intrínsecas da variedade), d) A incorporação de elementos de rastreabilidade como processo produtivo (elemento de diferenciação espacial e recente na inovação produtiva) e e). Diversificação produtiva – novas atividades multifuncionais (aproveitamento do espaço com diversidade agrícola e não agrícola).

A Figura 11 apresenta as principais estratégias adotadas pela agricultura familiar em nível de cultura para a produção de cafés especiais; na região cafeeira de Pérez Zeledón por meio de trabalho de campo, entrevistas com produtores, atores-chave e revisão da literatura.

⁴¹Segundo a Icafé, um microlote equivale ou menos a 75 sacas de 46 kg.

Figura 11. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. A produção de cafés especiais – estratégias produtivas da agricultura familiar no nível da produção/cultivo. 2023.



Fonte: O autor, 2023.

A seguir, detalha-se cada uma dessas estratégias, que emanam da agricultura familiar para alcançar o máximo aproveitamento na produção de cafés especiais.

A qualidade como elemento articulador está incluída desde o manejo da cultura na fazenda, o modo de produção, a incorporação de elementos de sustentabilidade, bem como a diversidade de variedades que é introduzida nesta última etapa do café. Elementos que permitem uma gestão renovada da cultura pela família, com vista a uma inserção bem-sucedida principalmente no mercado internacional, bem como nos mercados regionais e locais.

3.3.1.1. A adoção de boas práticas agrícolas

Os mercados de cafés especiais de qualidade estão cada vez mais exigentes em relação às questões de sustentabilidade⁴² ambiental e social da cafeicultura. O tema da comercialização do café envolve a aplicação de sistemas de cultivo ambientalmente sustentáveis, mas também as questões da sustentabilidade social e da competitividade da bebida cafeeira no mercado mundial. As boas práticas agrícolas visam otimizar o uso dos recursos agroecológicos disponíveis nas áreas cafeeiras. Nesse sentido, observa-se na área de estudo uma grande diversidade de práticas agrícolas que visam aumentar a qualidade, reduzindo custos de produção e aumentando o rendimento das culturas. A inovação e a utilização de recursos agrícolas e locais são elementos centrais neste processo. Conforme afirma a CEPAL (2013), o objetivo é melhorar a rentabilidade dos produtores, melhorando os seus preços e reduzindo os seus custos.

Estas boas práticas agrícolas (BPAS) são orientadas conforme definido pelo ICAFE, MAG, BID (2021), aquelas que têm impacto direto na mitigação e adaptação às mudanças climáticas: gestão e conservação do solo, amostragem e análise do solo, fertilização com base na produtividade, manejo integrado de pragas e doenças, controle integrado de ervas daninhas, manejo de sombreamento, melhoramento de cultivares de café, tipos e sistemas de poda, determinação de quantidade e dosagem de água, tríplice lavagem e controle de recipientes.” (ICAFE, MAG, BID, 2021, p.2). Para a área de estudo, esta definição pode ser ampla em alguns aspectos, mas é restrita no âmbito real das boas práticas agrícolas que os produtores adaptam; que aos poucos vão incorporando aquelas práticas que, a partir da sua realidade económica e das práticas quotidianas, lhes permitem melhorar as suas culturas e, sobretudo, orientadas para o alcance de um produto de qualidade para um mercado seletivo e segmentado, a nível mundial.

A diversidade das práticas agrícolas responde a um modelo de sustentabilidade ambiental, que como Canet, G; Soto, C (2017), Mora, N. (2008), Hartley, M (2010), Sandi,

⁴² Descamps, Philippe (2017, p. 14). Produção sustentável significa fazer agricultura de tal forma que a família produtora possa continuar produzindo alimentos em sua fazenda e de forma lucrativa.

J; Zúñiga, C; Montero, A (2007), Picado, W; Ledezma, R; Granados, R (2009); em contraste com o modelo de produção implementado desde a década de 1950. Modelo em que predominou a adoção de pacotes tecnológicos, baseados na aplicação de fertilizantes químicos e fungicidas, na eliminação parcial ou total da sombra do café e na implantação de variedades únicas como Caturra e Catuai, que resistiram à alta densidade de plantio e à exposição solar. .

São implementadas práticas agrícolas sustentáveis, que se afastam das práticas promovidas há décadas, mas são semelhantes às que prevaleciam meio século antes; onde, por exemplo, o café à sombra permitiu a reprodução familiar devido à combinação da diversidade de culturas majoritariamente frutíferas, o que contribuiu para a segurança alimentar das famílias rurais. Como van der aponta Ploeg, JD (2009), a reconexão dos agricultores com a natureza desempenha um papel central neste novo artesanato, que tem como cenário uma reconstituição de relações e elementos antigos e novos, materiais e simbólicos que ajudam a enfrentar um mundo moderno. Recupera-se o uso do conhecimento tradicional, que vincula a relação entre o homem e seu meio ambiente para alcançar um equilíbrio entre a produção e o cuidado do sistema agrícola; que pode durar no espaço e no tempo.

Este produtor descreve esta relação com as seguintes palavras;

SC-AC (2) Antes tinham capim onde agora têm as novas lavouras de café. Agora começaram com um projeto de abacate, vamos associar a variedades que precisam de sombra, vamos usar abacate, porque essas variedades exóticas precisam de muita sombra. Eles estão na Etiópia, como naquela montanha, lá eles nasceram e lá cresceram, então eles se desenvolveram, se você tirar, alguns deles se perdem, então você tem que criar alguma floresta para eles, seja com goiaba, banana, mamona, tudo que eles gostam, ajuda o sol não bater tanto.

Após cinco décadas de uso indiscriminado de agroquímicos, nos últimos anos os produtores combinam diversos recursos disponíveis na fazenda para manter as plantas; como borra de café e outros resíduos orgânicos produzidos. A Figura 12 mostra como um produtor aproveita esses recursos da fazenda para criar seu próprio fertilizante.

Figura 12. Compostagem de borra de café e folhas secas.
Los Ángeles de Páramo, 2023.



Fonte: Próprio, 2023.

A redução no uso de agrotóxicos é citada pelos produtores, que ressaltam que o preço desses insumos tornou seu uso até três vezes mais caro do que o custo que tinham há menos de 3 anos. A esse respeito, van der Ploeg, JD (2009), destaca que os produtores começaram a diversificar suas atividades, uma das características é o distanciamento em relação aos mercados de insumos, na direção de uma agricultura mais econômica, e esta nova fase mostra a reconexão da agricultura com natureza.

O uso de agroquímicos no café permite a manutenção necessária da planta, reduzindo substancialmente a quantidade. Há alguns anos um produtor era entregador de café, o mesmo destinatário, seja cooperativo ou particular, entregava-lhe o adubo, levavam para a sua fazenda e o produtor distribuía uniformemente. Agora o produtor faz uma análise do solo e sabe quanto de fertilizante precisa para aquele solo; Já não o aplicam de forma

homogênea, mas dependendo das necessidades de cada parcela, com isso conseguem diminuir o uso de produtos químicos, e diminuir os custos que esse trabalho implica, mesmo utilizando insumos que eles próprios descobriram e testaram ano após ano. A utilização de produtos alternativos é exemplificada conforme apontado por JA (8);

JA (8) Nas primeiras fumigações do ano a gente usa microrganismos, para que haja um ecossistema ali, na mesma produção de café, no mesmo desenvolvimento, todos os microrganismos serão dedicados ao café, as plantas crescerão melhor. Agora era uma árvore de morro, meu tio reproduziu, ele nos deu um pouquinho e nós reproduzimos, e fomos aplicando. Você deixa fermentar e outro dia vê que ficam brancos, brancos. Um ecossistema está sendo criado.

A diminuição do uso de agroquímicos em cafés especiais também se deve, como aponta Oliviera, D; Mello, M (2006), sob pressão da sociedade devido aos efeitos ambientais adversos causados pela agricultura intensiva, a agricultura familiar privilegia modelos alternativos em que a redução de insumos industriais; A qualidade atrelada a esta tendência estimula o mercado consumidor de especialidades a optar por alimentos mais saudáveis.

Assim, nesta concepção de cultivo do café, observa-se uma diversidade de sistemas de cultivo; em que não existe uma forma unificada de utilização do espaço, mas sim um manejo da cultura vinculado às condições do território. Assim, por exemplo, em terrenos como os predominantes na área de estudo com declives acentuados; O aproveitamento do espaço ocorre com o plantio da cultura seguindo o contorno das curvas de nível, o que contribui, entre outras coisas, para evitar a erosão, e para reter a matéria orgânica ao redor da planta, evitando que ela deslize pela encosta, vivem as barreiras, plantio de vetiver e bambu, entre outros.

A Figura 13 mostra a preparação de um terreno para o cultivo de uma nova variedade de café, geralmente em terrenos com declives elevados, onde é importante ter recursos alternativos para conseguir um manejo adequado e evitar a degradação do solo.

Figura 13. Preparação do terreno para cultivo de café, em áreas de declive acentuado e gradiente acentuado altitudinal. Buena Vista de Rivas, 2019.



Fonte: Próprio, 2019.

A sombra do café predominou na paisagem cafeeira da Costa Rica até a década de 1950; década que no âmbito da “Revolução Verde” as práticas produtivas foram modificadas, através da introdução de variedades de alto rendimento como Caturra e Catuai, que necessitavam de menos sombra para se desenvolverem. Embora na Costa Rica a sombra do café não tenha sido completamente eliminada; foi substituída pela sombra como contribuição produtiva ao solo, como o poro, mas substituiu as árvores frutíferas que têm outra função essencial para a soberania alimentar. Segundo Icafé, (2020), “O uso de sombra nas lavouras de café tem sido uma prática frequente. Ter árvores como sombra ou como cultura secundária no café promove a diversidade de insetos e protege as plantas de café das altas temperaturas e da luz.” (ICAFÉ, 2020, p.42).

Na área de estudo, a paisagem agrícola retoma essa condição; como aponta LMB (13);

LMB (13) Porque para mim a sombra é fundamental para muitas coisas. Não porque o café ocupe tanto a sombra do mato, mas porque a sombra é muitas coisas. Muitos benefícios. Uma melhora o solo e o outro acrescenta muito. Bom, aí está uma função, a sombra que vai, o que ela faz é tornar a terra fértil. Depois disso é um regulador na hora da colheita. Uma sombra bem manejada, você sempre tem boas plantações de café e isso se elas forem bem manejadas.

Neste regresso a práticas mais sustentáveis, os produtores salientam que a sombra nas plantações de café é uma prática agrícola que fortalece o rendimento de algumas variedades de café; principalmente em lavouras de café exóticas como a gueixa, que exige mais sombra e é uma variedade de café muito valorizada no mercado de especialidades. O estabelecimento de sombras em relação à posição do sol é um recurso utilizado no cultivo de cafés especiais; bem como a introdução de árvores frutíferas, como laranjeiras, bananeiras, goiabas, abacateiros e algumas árvores nativas. Contribuem não só para alcançar melhores rendimentos e qualidade do café, mas também fortalecem a segurança alimentar das famílias e da própria comunidade. Assim, por exemplo, este produtor salienta que;

PG (4) A banana como sombra ajuda muito, como te falei, tenho usado das duas formas, na parte da economia porque gera, mas também na parte da proteção do cafeeiro, porque o Esse problema de aquecimento que a gente tem, as temperaturas subiram demais e isso faz com que o café, o que os pais falavam antes, que o café floresce, é esfregado, queima, pode-se dizer, a flor queima, então a polinização é não é bom., e no final das contas você tem baixa produção, e isso está acontecendo muito.

A inter-relação das condições ambientais gera espaço para recuperação do solo e da cultura e com isso uma menor utilização de fertilizantes e herbicidas. Na medida em que o café tem melhor sombra, evita-se a erosão, a terra é restabelecida; com o qual você tem uma planta mais saudável; isto leva a uma menor utilização de agroquímicos e fertilizantes químicos. Icafé, 2020, destaca que “A sombra tem outros benefícios no solo, a serapilheira e galhos ajudam a aumentar a matéria orgânica do solo, isso faz com que o solo aumente sua capacidade de retenção de água e também haja mais microrganismos que colaboram com a assimilação de nutrientes e luta contra patógenos.” (ICAFE, 2020, 42). Nesse

sentido, este produtor mensura a grande variedade de recursos que se inter-relacionam para obter uma boa gestão do seu espaço produtivo, ressaltando que;

JA (8) O processo de lavagem envolve muita água, e muito desperdício que é desperdiçado, então como estamos trabalhando mais com produtos naturais, esse ano não ligamos a máquina de polpação, água zero, a contaminação da água e solo. Tínhamos Bandeira Azul, mas perdemos, ficamos de fora, mas vamos pedir de novo. Depois somos registrados no café NAMA. Práticas ambientais, reflorestamento, eliminação de herbicidas para regeneração do solo, eliminação de desperdício de água, é aí que estamos com um projeto de turismo, é onde queremos fazer algumas trilhas, manter os animais.

Alguns incentivos ambientais, como o Programa Bandeira Azul Ecológica, permitem ao produtor integrar e acompanhar práticas inovadoras, desde o uso e aproveitamento da água, demarcação de nascentes, rotas de passagem de animais, erosão, cultivo de plantas. ou desníveis, tipos de solo, tipos de plantas e árvores que possuem na fazenda; todos esses elementos como marcadores da diversidade agroecológica na fazenda.

Dentro das boas práticas agrícolas, os produtores apontam como elemento central anotar tudo o que é feito na fazenda; manter um registro e ter controle sobre as práticas de manejo da fazenda. Com esses registros, o produtor entende que elementos como altitude, solo e microclimas afetarão de forma diferenciada as plantas e a qualidade da produção do café. Este produtor ressalta isso;

SC-AC (2) Temos uma grande vantagem no solo, fazemos análise de solo praticamente todo ano, e com base na análise de solo adicionamos os minerais que a análise nos diz, absorve fósforo, absorve potássio, cálcio, por isso vamos introduzindo fórmulas que se adaptam às necessidades do solo.

De acordo com a World Coffee Research (2019), para países localizados entre 15°N a 5°N e 5°S a 15°S, a altitude ideal que leva em consideração a qualidade de xícara esperada da variedade e a reação contra ferrugem e *Colletotrichum Kahawae*⁴³ tem 1300 metros ou mais. Dado que a Costa Rica está geograficamente localizada entre 8°02' e 11°13' de latitude norte, estes seriam os parâmetros a considerar. Coerente com esta

⁴³ *Colletotrichum kahawae* é um fungo fitopatogênico que causa a doença dos frutos do café (CBD) nas lavouras de *Coffea arabica*.

afirmação, segundo os produtores, a faixa de altitude para produzir café de boa qualidade é muito pequena; aproximadamente 400 metros, portanto aproveitar os elementos ambientais e estabelecer boas práticas agrícolas fará a diferença na produção de um café especial. A este respeito, este produtor destaca:

LC (1) Não é a mesma coisa que eu planto naquela encosta, e faço o buraquinho e planto a planta, do que eu faço o terraço, a mesma matéria orgânica das árvores, o mesmo café e a folha que cai começa ali depositado e não lavado, começa a enriquecer. Todas estas boas práticas agrícolas fazem com que o solo se recupere. O uso excessivo de herbicidas é fatal. Aqui há 90% que é gerido com terraço.

Os produtores acreditam que do lado ambiental aprenderam muito, conservando o solo, manejo mais orgânico, incluindo sombra do café, cuidando das fontes de água, incluindo outros produtos como a banana que prestam múltiplos serviços e ajudam a proteger o café. Práticas que contribuam para melhorar as condições da fazenda e aumentar a qualidade do café produzido e processado; para um mercado que enfatiza o cuidado ambiental e prioriza práticas de gestão sustentável. (ver figura 14).

Figura 14. Sustentabilidade da base para produção de cafés especiais. San Pablo, distrito de La Amistad, Pérez Zeledón.



Fonte: própria, 2022.

Por seu lado, a assistência e gestão da quinta está relacionada com a origem das famílias, o que marca o percurso emocional com que o produtor gere a sua quinta, a forma como valoriza o seu espaço e a dedicação com que realiza o trabalho. que envolve o trabalho agrícola; que tradicionalmente no meio rural foge de um horário pré-estabelecido, pelo contrário, inclui longas jornadas de trabalho e depende do ciclo produtivo em que se insere. Como observa Van de Ploeg, J (2017), a agricultura familiar faz parte de um fluxo que une passado, presente e futuro. Nas experiências dos produtores visitados, quem realiza o trabalho diretamente no campo é a pessoa mais velha, normalmente o pai de família que conhece a cultura e exerce a atividade há muitos anos. É o membro da família que tem mais facilidade na organização da colheita do café e nas posteriores tarefas de manutenção como poda, corte e manutenção geral da parcela produtiva. Isso é demonstrado nas palavras deste produtor, que menciona como seus antepassados chegaram ao local e dão um sentido de raízes àquele espaço produtivo;

JMB (5) Meu avô veio para esta fazenda há mais de 60 anos. E aos poucos chegou de San José descalço, era diarista das regiões do que é Rohrmoser, Pavas, quando San José produzia café no Planalto Central, quando começaram a ouvir que os lugares de Pérez Zeledón e o Zona Sul, dizia meu avô, aqui é como se fosse uma oportunidade para eu buscar um novo horizonte para minha família, é a única forma de eu ter uma chácara, digamos assim. Esteve presente em diferentes pontos, mas se instalou aqui onde estamos. Então a fazenda foi se transformando, quando ele chegou aqui era mata, bairros, ele teve que carregar os primeiros pés de café que ele plantou. O café era mais que tudo para subsistência, eles plantavam milho, vaca leiteira, derrubavam mata, coisas assim. Abra o terreno, embora já estivesse um pouco trabalhado.

Visualizam-se nas experiências, aquele sentido de apropriação, de identidade, como aponta Vieira (2013), o território como espaço de identidade ou identificação; pelo que imaginam aqueles que nela vivem, começa a sua construção. A satisfação pessoal dos produtores é representada pela opinião de JRM (3):

JRM (3) Sim, a gente se sente realizado, em família, é isso que é bonito em estar aqui. Eu vim aqui para movimentar café e é um sentimento que desce, é como quem cria gado, veio aqui desde os 8 anos, penso na saúde, venho aqui, vou na plantação de café, quando tem um nuance que você fica bonita, chega em casa satisfeito.

Relacionando os elementos agroecológicos com a gestão da fazenda, esse assessor institucional destaca que os elementos da fazenda são importantes, mas são potencializados

pela qualidade do produtor, pela forma como ele cuida da sua lavoura e pelo manejo que ele dá à fazenda; diferenciar uma fazenda de outra; como expresso da seguinte maneira:

NG. (CNP) A questão dos solos, os microclimas das fazendas variam bastante, pode ser que, se eu tiver uma variedade como essa que ele tem aqui, Milenio, ela esteja estourando. Plantaram em novembro e é uma planta com 9 meses e já estão carregados de café. É também a qualidade do produtor e da gestão que dá à exploração, portanto teremos uma série de condições diferentes.

A agricultura familiar é mostrada como elemento diferencial nas experiências analisadas, o trabalho de até três gerações leva a uma valorização diferenciada daquele espaço produtivo. Os moradores que vieram para as comunidades e ali se estabeleceram, trabalharam a terra, modificaram seus sistemas agrícolas e transformaram a propriedade, com uma diversidade de atividades. Eles viram como as suas aspirações e esperanças caíram, subiram e subiram novamente; um elemento comum mantém vivas suas expectativas; conservando a terra, o patrimônio mais importante que é a terra. Como destaca Wanderley (2009), os agricultores familiares são portadores de uma tradição, alicerces dados pela centralidade na família, que deve ser adaptada para produzir e viver em sociedade. (ver figura 15).

Figura 15. Revalorização do território, escola rural. São Jerônimo, 2022.



Fonte: Próprio, 2022.

En la figura 15, se muestra la articulación entre la actividad productiva principal, el café que se reconfigura como elemento histórico-cultural, los recursos naturales como columna del desarrollo de la comunidad, con su flora y fauna, y la educación como valor asociado a infância. Vislumbra-se o valor intergeracional e a relação que deve prevalecer.

3.3.1.2. A organização do cultivo em microlotes⁴⁴

A visualização do espaço produtivo é um elemento incorporado a esta nova visão dos cafés especiais, como estratégia para diferenciar o produto de diferentes qualidades. Na Costa Rica, a cafeicultura representa uma opção produtiva para muitos pequenos produtores⁴⁵, com unidades produtivas em sua maioria menores que 15 hectares. O que permite ter uma visão abrangente do seu espaço produtivo e ter melhor controle sobre os elementos que definem o desempenho e a produtividade.

Produzir cafés especiais exige um conhecimento profundo da qualidade do café que se obterá em função da variedade cultivada, mas principalmente dos recursos que favorecerão esta produção de qualidade. Portanto, você pode segmentar e dividir sua fazenda nos fragmentos que considerar convenientes e que garantirão um acesso diferenciado ao mercado. Demonstrando, como aponta Villamil, M (2017), autonomia dos produtores na gestão dos recursos, menor dependência de insumos e maior controle sobre o processo produtivo.

A organização da fazenda através de microlotes permite ao produtor diferenciar o café dentro da sua unidade produtiva; cultivar diversas variedades, diferenciar os períodos de colheita e colheita (aproveitar a mão de obra disponível⁴⁶), armazenar e processar o café separadamente. Conhecimento do seu espaço produtivo e aproveitamento máximo das

⁴⁴ O Icafé define microlotes como aquelas exportações de café ouro cuja quantidade negociada é igual ou inferior a 75 sacas de 46 kg.

⁴⁵ De acordo com La Gaceta nº 177 - segunda-feira, 16 de setembro de 2013:10, é definido como: pequeno produtor de café, > 15 hectares e médio produtor > 15-50 hectares.

⁴⁶ A disponibilidade de mão de obra é um problema histórico na colheita do café, com o cultivo em microlotes, os períodos de maturação são espaçados, o que permite melhor aproveitamento deste escasso recurso.

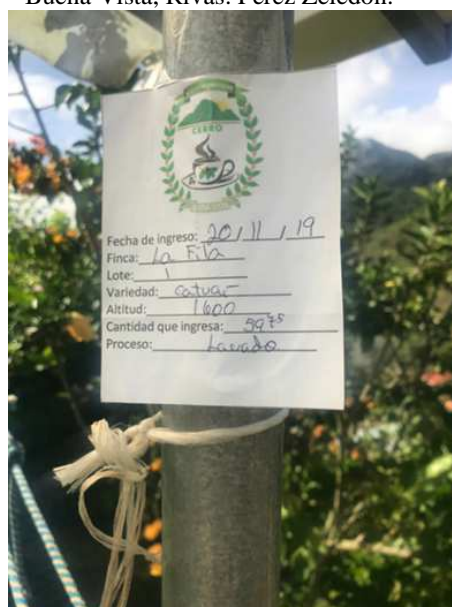
condições ambientais; tipo de solo, umidade, radiação solar, posição em relação aos ventos e nebulosidade; conhecimento que existia, mas que foi revalorizado com a produção de cafés especiais.

A este respeito, JLCA (9) salienta que:

JLCA (9) Então a colheita se estende bastante, mas isso permite que a gente tenha menos gente em mão de obra, porque, se todos os 18 hectares fossem para café invernís, se a gente tem agora 12 pessoas, pelo menos teremos que ter 30 pessoas. Porque o café tem que ser colhido em 2 a 3 meses. Mas como são 6 meses, a colheita ali se alonga, porque enquanto se colhe o invernís, o de verão está verde, e quando termina o inverno o de verão começa a amadurecer. Com as mesmas pessoas fazemos a coleta.

O tamanho dos microlotes varia dentro da mesma parcela, por isso, por exemplo, num lote médio são cultivadas 1.500 plantas; serem espaços produtivos relativamente pequenos; você pode encontrar lotes de um hectare, mas a maioria tem meio hectare ou menos. A criatividade e o conhecimento prático do produtor permitem tomar decisões que potenciem o aproveitamento do espaço; encontram-se nas experiências visitadas, microlotes, intercalados com árvores frutíferas, que fornecem recursos alimentares para a família, mas ao mesmo tempo proporcionam sombra para o café, nas variedades que dela necessitam. (ver figura 16).

Figura 16. Manejo do cultivo em microlotes. Microbenefício Buena Vista, Rivas. Pérez Zeledón.



Fonte: Próprio, 2019.

Na produção por meio de microlotes, o envolvimento do produtor na gestão é essencial para o sucesso da atividade produtiva. A experiência dos produtores é central, conhecendo condições como microclimas e outros elementos ambientais, que contribuem para definir quais variedades cultivar. Da mesma forma, conheça as características das variedades que você cultiva; para realizar esse processo na fazenda a cada lote, é necessário conhecer de perto a maturidade da fruta e os níveis de açúcar durante a colheita, indicadores que mostram que a safra estará pronta para a colheita. Para realizar esse processo, o produtor necessita de gestão tecnológica básica; conheça o uso de um instrumento como o medidor de graus brix ⁴⁷, que informa quando o café está maduro para ser colhido. Na produção de café, cada microlote tem sua rastreabilidade para garantir que a colheita comercializada provém do lote indicado. Assim expressa um produtor experiente;

SC-AC (2) Normalmente quando esses grãos são colhidos eles dão 20 graus Brix, e para fazer o processo aí se variar, quanto mais graus Brix tiver para nós melhor porque nos permite fermentá-los por mais tempo. tempo e a fermentação é mais pura ou forte. Eles têm que acompanhar os graus Brix, porque quando fazemos um experimento assumimos o controle total, depois tentamos repeti-lo com base no que eles já fizeram, e se nos der o mesmo resultado continuamos. Os graus brix são úteis quando, por exemplo, quero fazer um processo de maturação de panqueca 6/10, medimos tudo, desde os graus brix, pH, para ver quanto açúcar foi consumido nos dias que estivemos fermentando, que fazemos no primeiro ano que provamos, e se nos der um bom resultado no ano seguinte fazemos de novo.

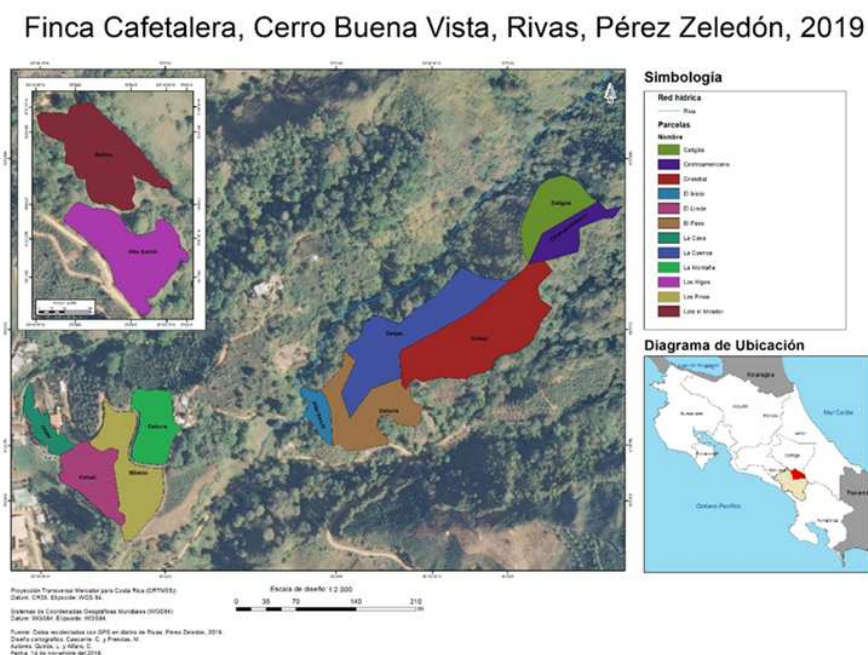
Para o produtor, cultivar café visando a obtenção de cafés especiais representa um grande desafio, pois ele deve conhecer a fundo as condições e capacidades da fazenda para produzir café de alta qualidade. O tempo que você deve dedicar é muito maior do que no plantio e no manejo tradicional do café. Ao cultivar diferentes variedades, os períodos de maturação, a colheita e as práticas agrícolas variam de lote para lote. Isto representa uma vantagem em termos de gestão e utilização de mão-de-obra, bem como dos equipamentos que implementa na sua exploração; mas uma complexidade em termos de práticas de produção e do trabalho necessário para alcançar um produto de qualidade.

⁴⁷ O Determinador de Grau Brix é um equipamento de fácil manuseio; ajuda a determinar o momento ideal para a colheita do café; após 18 graus Brix pode ser colhido, embora seja ideal após 22 graus Brix. É um equipamento relativamente acessível.

É muito comum constatar que os microlotes são identificados por nomes que representam simbolismos do cotidiano da família, como nomes de avós, filhos, espécies de árvores, características geográficas, entre outros. A fazenda que é tomada para exemplificar a forma como a produção de café é organizada por meio de microlotes; está dividido em 12 microlotes nomeados; La Casa, Las Huacas, Los Nísperos, Don Enrique, Kenji ⁴⁸, Las Nubes, Cristóbal, El Inicio, Los Higos, El Mirador, El Paso e La Cuenca; onde são cultivadas dez variedades de café; Obata, Catuaí, Milenio, Centroamericano, Catigua, Catuaí, Villa Sarchi, Villalobos, Geisha e Caturra.

A Figura 17 mostra como os microlotes estão distribuídos em uma fazenda que possui área produtiva de aproximadamente 7 hectares de café, em uma fazenda de 13 hectares totais.

Figura 17. Produção de cafés especiais. Cultivo através de microlotes. Finca Cerro Buena Vista, Rivas de Pérez Zeledón, Costa Rica.



Fonte: O autor, 2019.

⁴⁸ Durante uma visita de campo, um grupo de alunos do Curso de Cartografia e Design Digital da Faculdade de Ciências Geográficas da Universidade Nacional realizou a sua prática de campo; contribuíram para a demarcação e mapeamento dos microlotes. Um aluno ficou muito entusiasmado com o restante do grupo, então o dono da fazenda resolveu colocar um lote que não tinha o nome, “Kenji”, em homenagem a esse aluno; que mostra o simbolismo vinculado a cada nome dos microlotes.

As fazendas são divididas em lotes e cada lote que entra tem seu respectivo nome, o processo, as alturas e a variedade do café. No caso desta fazenda, em 2015 a família decidiu ingressar no mercado de produção de cafés especiais; como forma de continuar na atividade cafeeira, dada a crise produtiva que atravessavam. Para isso dividiram a fazenda em lotes, com o objetivo de produzir cafés exclusivos. Na primeira safra a produção de café foi de 21 alqueires em 8 lotes; eles tinham poucas informações para saber se alcançariam a pontuação adequada para produzir cafés especiais. Ao atingir a meta proposta para aquele ano, aumentaram no ano seguinte para 50%, e no terceiro ano 100% da colheita. Isto mostra a cautela com que se assumem os riscos e o processo de aprendizagem neste tipo de culturas e práticas produtivas.

Na Figura 17 observa-se uma diversidade nos tamanhos dos lotes, isso dependerá dos objetivos com que cada um é cultivado. A partir do cultivo, o produtor visualiza os processos de beneficiamento de cada microlote e o mercado real e potencial. Essa forma de gestão agrícola se distancia do modelo convencional de cultivo do café; em que o produtor plantou para entregar o fruto a terceiro; que no mercado convencional é representado por um benefício maior ou por uma cooperativa que era um modelo bastante consolidado na Costa Rica, como aponta Gudmundson, L. (2018), na segunda metade do século XX, o cooperativismo. O trabalho do produtor limitava-se ao plantio e colheita do café sem diferenciação; nem variedades ou qualidades.

Essa prática produtiva por meio de microlotes permite identificar áreas que necessitam de renovação, replantio e reposição; sua gestão é realizada separadamente. Ao plantar a safra, o produtor renova os lotes que contém cafés antigos, variedades tradicionais, com variedades de melhor qualidade de xícara; A reforma contém elementos de posição, variedades e densidade de plantas, visando melhor aproveitamento do espaço produtivo e dos recursos agroecológicos e orientada ao objetivo de produzir café de melhor qualidade. O que mudou é a visão com que o espaço produtivo é utilizado para a produção de cafés especiais. Este produtor valoriza muito o cultivo de microlotes como estratégia de competitividade. A este respeito, este produtor salienta que;

JMB (5) a questão dos microlotes é muito, muito, muito competitiva e exclusiva, mas café diferenciado em geral, eu acho que vejo tudo que a gente trabalha como café diferenciado. O respeito que temos na Costa Rica pela natureza, a proteção das florestas, o fato de um comprador vir aqui e poder colocar num carro e levar para qualquer região mesmo que seja à noite e transportar do Planalto Central para cá, e que anda com toda a segurança do mundo, o facto de termos uma legislação, uma lei ICAFE, um quadro que regula a atividade onde cada ator sabe quanto deve ganhar e que é regulamentado, praticamente único no mundo, faz com que nosso café seja diferenciado. O que cada empresa faz para diferenciá-la um pouco mais faz parte da estratégia de cada uma, ou seja, sustentabilidade, orgânico, microlotes, rastreabilidade, tudo isso soma.

Este conceito de microlotes também se aplica ao processamento de café; que uma vez coletado, é diferenciado pelo tratamento e processo que se deseja agregar. Já os microlotes são muito populares entre os compradores de cafés especiais. Estes não podem ser muito grandes, mesmo em processos especializados de cinco quintais. Falaremos sobre esse tipo de microlotes posteriormente.

3.3.1.3. Cultivo de diversas variedades de café

A história da origem do café é contada pelos produtores como um fato transcendental para termos o que hoje conhecemos como cafeicultura, pilar do desenvolvimento econômico, político e cultural do nosso país. É assim que a narrativa contada por um produtor é interessante; quem nos diz isso:

SC-AC (2) Supostamente um pastor chega e encontra a semente de uma planta na Etiópia. Um pastor anda pastoreando ovelhas o dia todo. Depois, à noite, colocavam-nos perto de uma fogueira para evitar predadores. Ele pega uma semente de uma árvore que encontra e a joga na fogueira à noite. As sementes são queimadas, algumas são torradas e no dia seguinte as cabras começam a comê-las. E o pastor diz, como disse, o que a história conta, que as cabras tornaram-se mais imperativas por causa dos níveis de cafeína. A partir daí começaram a torrar os cafés. Na Etiópia, numa fazenda de, digamos, um hectare, você pode encontrar 900 variedades dentro dela. Na Costa Rica eu te digo que esse hectare é do Catuai, você só encontra Catuai. Mas lá, como o café cresceu selvagem, ninguém plantou, mas sim cruzado, há variedades que são, por assim dizer, mais puras. Então, variedades como a Geisha, que neste momento vocês podem ver, a Geisha do Panamá são as predominantes em todo o mundo, Costa Rica, Etiópia.

A era anterior aos cafés especiais era caracterizada pela homogeneidade e pouca diversidade. No caso da Costa Rica, segundo Hall, C (1983); A partir de 1950, a modernização da cafeicultura aumentou a produtividade por unidade de área, com variedades Caturra e Catuai, de porte reduzido e privilegiando o potencial produtivo e a adaptabilidade.

Na era gourmet este conceito é substancialmente modificado em direção à diversidade. A escolha das variedades de café, conforme observado pela World Coffee Research, (2019): “Como a vida produtiva média de um cafeeiro é de 20 a 30 anos, a decisão que os produtores tomam sobre a variedade de café a cultivar afetará as próximas gerações de produtores. Se um produtor tomar uma decisão errada sobre qual variedade usar, a perda cumulativa pode ser imensa.” (PESQUISA MUNDIAL DO CAFÉ, 2019, p.4).

No Anexo. 1. Variedades de café produzidas de acordo com grupo genético, mencionadas pelos produtores da região cafeeira de Pérez Zeledón, 2023, são mencionadas algumas das variedades localizadas por estes autores, World Coffee Research, 2019, porém, de acordo com entrevistas com produtores, de Das variedades ⁴⁹descritas por estes autores, 13 variedades foram mencionadas pelos produtores, mas outras variedades estão indicadas na descrição dos produtores.

Na tabela 5 são anotadas algumas das variedades que os produtores mencionaram serem cultivadas nas suas fazendas.

⁴⁹ A World Coffee Research, (2019), esclarece que, para incluir a variedade no catálogo, ela deve atender a estas três características: *A variedade é homogênea.* A variedade é descrita com precisão e possui um conjunto de características específicas, além de todas as plantas deste tipo terem a mesma aparência. *A variedade é diferente.* O cafeeiro se diferencia das demais variedades pelas características descritas acima. *A variedade é estável.* O cafeeiro pode ser reproduzido de forma que suas características não sejam modificadas nas gerações subsequentes.

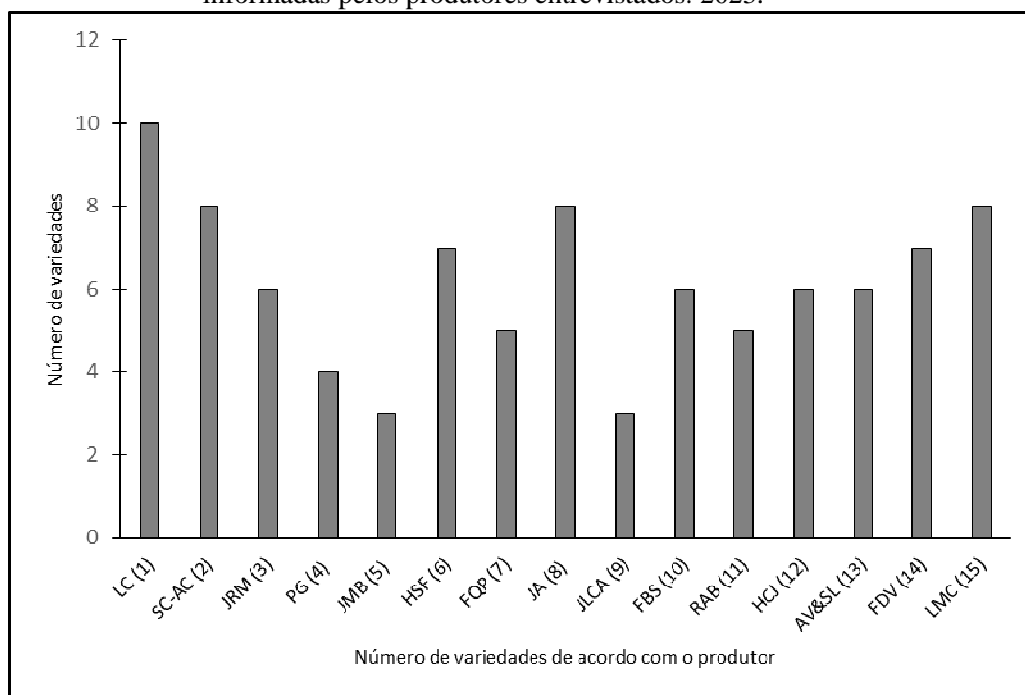
Tabela 5. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Variedades de café cultivadas orientadas para processos de cafés especiais. 2023.

Produtor	Variedades	Número de variedades
LC (1)	Obata, Catuaí, Milenio, Villalobos, Centro-Americana, Catigua, Catuaí, Villa Sarchi, Geisha, Caturra.	10
SC&AC (2)	Obata, Marselhesa, Geisha, Etíope 47, San Roque, SL 28, H3, Etíope 61	8
JRM (3)	Milenio, Sarchimor, Caturra, Catuai, Caturrón Salvaje, Eliapá 59	6
GP (4)	Catuaí, Sarchimor, Caturrón e Gueixa	4
JMB (5)	Catuai, Obata Amarelo, Catigua	3
HSF (6)	Obata, Catimor, Sarchimor, Catuai, Milenio, San Isidro 14, SHL 1962,	7
PQF (7)	Obata, Catimor, Catuai, Costa Rica 95, Marseillaise <i>Fazenda de conservação abrangente</i>	5
JÁ (8)	Gueixa, Mibirizi, CL28, Guy Gus, Java, Laranjas Típicas, Parainemas	8
JLCA (9)	Caturra, Catuai, Obata	3
FBS (10)	Catuai, Caturra, Geisha, Etíope, ET 28, ET 47	6
RAB (11)	Villalobos, Milenio, Villa Sarchí, Victoria 14, Catuai	5
HCJ (12)	Catuai, Caturra, Villalobos, SL28 (San Roque, Quênia), Geisha	6
AV&SL (13)	Catuai, Obata, Caturra (amarelo, vermelho), Costa Rica 95.	6
FDV (14)	Catuai, Caturra, Millenium, Catigua, Typica (árabe antigo), Yaba, Pacamara	7
LMC (15)	Caturra, Obata, Sh 23, Sarchimor, Catuay (antigo) e Catuay Amarillo, Marseillaise, verão.	8

Fonte: O autor (2023).

O Gráfico 15 mostra o número de variedades informadas pelos produtores entrevistados. Comprovar que a diversidade é uma das principais contribuições nesta nova etapa do café. Onde são observadas variedades tradicionais como caturra e catuai, e variedades melhoradas, como Obata, Milenio, Villalobos, Centroamericano, Catigua, Catuaí, Villa Sarchi, Geisha, Marselhesa, Geisha, etíope 47, San Roque, SL 28, H3, etíope 61, entre outros.

Gráfico 15. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Número de variedades informadas pelos produtores entrevistados. 2023.



Fonte: O autor (2023).

A diversidade nas variedades de café cultivadas é uma forma de se distanciar do risco como aponta Conterato, M; Schneider, S; Dabdab, P. (2010), como mecanismo para que os agricultores familiares se distanciem das situações de risco, fragilidade e vulnerabilidade a que estão expostos. O cultivo de diversas variedades ajuda a evitar certas condições ambientais adversas, como, por exemplo; nas áreas de maior altitude, onde a ferrugem ⁵⁰ é menos agressiva, estabelecem variedades com melhor qualidade de xícara ⁵¹, para mercados finos e exigentes. Assistimos, como apontam Aguilar, E e Lozano, C (2008), a uma substituição progressiva do modelo agrícola baseado na quantidade, por uma acentuada ênfase na qualidade; baseado em atributos dados a sua ancoragem territorial e pertencimento a um ecossistema único, e a uma cultura, tecnologias e saberes locais.

⁵⁰ A ferrugem é um dos principais problemas fitossanitários para a cafeicultura e uma das doenças mais catastróficas para o cafeeiro.

⁵¹ Pontuações sensoriais <80 pontos indicam que os cafés não são especiais, cafés com pontuações de 80,0 a 84,99 são classificados como muito bons, cafés com pontuações de 85 a 89,99 são categorizados como excelentes e cafés com pontuações de 90 a 100 pontos são excepcionais (SCAA, 2008).

A este respeito, este produtor aponta o seguinte:

JRM (3) Estamos tentando mudar o café, mas não dá para mudar tudo de uma vez, então estamos experimentando alguns híbridos, também não queremos ir para uma variedade, ou seja, a experiência nos ensinou que não se pode casar com uma variedade, porque se algo acontecer com essa variedade, só teremos isso. Então agora tem milênio, numa variedade que é híbrida, sarchimores, e tem outras nuances de experimento, ainda tem a maior área de caturra e catuai, o que acontece é que a gente tem que renovar não tem outra.

É reconhecido pelos produtores que, em altitudes mais elevadas, o rendimento diminui, obtendo-se um menor rendimento por área cultivada e o crescimento das plantas também é mais lento, mas a qualidade do café produzido melhora. Os produtores assumem esse risco, com o cuidado que a escolha merece; por exemplo, se for plantada a variedade Geisha, o produtor deve garantir que a semente é certificada ou pelo menos que existe uma boa referência dos provadores. A este respeito, este produtor salienta que;

LC (1) Na Divisão apostamos nas variedades exóticas. Gueixa, temos o SL 28 ou o Quênia e o Etíope 47. Gueixa é o melhor café do mundo em qualquer lugar, em qualquer lugar. Eles podem dizer para você, eu tenho uma gueixa aqui, mas quais são as características dessa gueixa? Só na degustação você sabe. O problema da gueixa é que, se ela não gostar da área ou da terra, ela produzirá café, mas isso não significa que produzirá qualidade.

Nas partes mais baixas - 1.400 metros - estabelecem variedades de café com boa qualidade de xícara, mas tolerantes à ferrugem. Marcação de um percurso que permita estabelecer uma diferenciação do espaço com base em fatores de risco para doenças e pragas no café. Por exemplo; em variedades de café de alta calidad, se están cultivando variedades como el Geisha, Villalobos, Villa Sarchí, etíope 47, San Roque, SL 28, H3, etíope 61, y están probando con las más tolerantes a la roya, los híbridos F1, entre eles; milenio, América Central e Catiua.

Neste sentido, este produtor relaciona a qualidade do grão com a altura da seguinte forma;

SC-AC (2) Quanto mais alto for o grão, mais sabores ele pode absorver, pois se desenvolve mais lentamente. Não é a mesma coisa que o sol bate rápido todos os

dias, a fruta cresce rápido para jogar fora e na parte superior quando está nublado de vez em quando, tem dias que não tem sol, vai devagar e o os sabores ficam mais concentrados.

A produção de cafés especiais permite aproveitar o potencial de mercado de cada uma das variedades, daí a importância da diversidade varietal. Com o sistema convencional de produção de café, quando existem variedades diferentes e sem diferenciação de mercado; as variedades são misturadas durante a colheita, durante o transporte até o beneficiário, e perde-se a especificidade e a qualidade intrínseca de uma variedade. Assim, por exemplo, o café é colhido, mas quando passa o caminhão coletor, de uma cooperativa como a Coopeagri, que é a que reúne o maior número de produtores na área de estudo; pode transportar variedades de xícaras de boa qualidade, como Villa Sarchí, Villalobos, Caturra, Catuai, Obata, Marsellesa, Geisha, etíope 47, San Roque, SL 28, H3, etíope 61, estas últimas são variedades exóticas; Quando são misturados, ao chegarem ao destino do processamento não é possível identificar as variedades que ali estão.

Segundo a opinião dos produtores, algumas variedades podem ser misturadas, outras não. Portanto, está diferenciação e qualidade intrínseca do produto em função da variedade e da área onde foi cultivado, contribui para gerar um melhor preço de mercado para o produto; Portanto, esse processo de diferenciação por meio de microlotes justifica-se como estratégia assumida pelos produtores.

A diversidade de variedades cultivadas em uma mesma fazenda permite a diferenciação espacial daqueles espaços que podem conservar atributos ambientais. Por exemplo, plantar variedades que necessitam de sombra para melhor desempenho; permitem a conservação dos recursos florestais e hídricos, com melhor aproveitamento das condições ambientais. Este produtor ressalta isso;

JA (8) Aqui é bem perto do Chirripó, tem que ter muito cuidado, naquela parte onde tem mata tem nascentes, obviamente se jogar fora a mata a fazenda vai ficar sem água. Nesta fazenda a maior parte é plantada com café com mata. São árvores muito grandes, pela variedade que estamos plantando, permite plantar embaixo das árvores o que não vai afetá-las. São novas variedades que podem ser combinadas com a floresta.

Nesse sentido, o cultivo da diversidade varietal é proposto como estratégia tanto para o aproveitamento dos recursos ambientais, vinculados às características agroecológicas, quanto para os subsequentes benefícios que podem advir dessa escolha, bem como os processos agregados desenhados para cada variedade, como os mercados aos quais o produto será destinado. Reconhecendo que a partir de uma mesma variedade se obtêm vários processos para mercados diversificados, e o produtor e sua família conhecem cada uma das características de cada variedade e esse conhecimento permite-lhes gerir melhor a variedade, melhorando o seu aproveitamento em cada colheita.

3.3.1.4. Incorporação da rastreabilidade como processo

Na produção de cafés especiais, cada microlote possui sua rastreabilidade ⁵²para garantir que a colheita comercializada provém do lote indicado. Ao comercializar o café, o produtor deve acompanhar variáveis como: a data de entrada, o dia da moagem (chancado)⁵³, o nome da fazenda, o número do lote, a variedade, a altura, a quantidade inserida, o processo, a data em que foi comercializado. entra no quintal e pôr fim a data em que está armazenado e pronto para venda. Cada lote deve ser manuseado separadamente; realizar a colheita, secagem e processamento de acordo com um plano estabelecido, incluindo compromissos de marketing. Isto representa, sem dúvida, um trabalho muito cuidadoso; verificamos nas experiências analisadas que este trabalho é realizado pela mulher (esposa) ou pelo mais novo; dado que exige a gestão de documentação precisa e competências de organização documental, que aos poucos vão sendo desenvolvidas; em muitos casos é uma função delegada no núcleo familiar a esses membros. Um produtor destaca:

⁵² As reformas propostas à Lei Icafé 2.762, por meio do projeto 21.163, buscam garantir a rastreabilidade do café. Essas modificações destacam a origem do café, facilitam a rastreabilidade do produto e tentam evitar que o café (grão dourado) se misture com cafés de outras origens.

⁵³ No processo de esmagamento é extraído o grão de café, para isso é necessário descascá-lo e assim obter o grão dourado.

RAB (11) A rastreabilidade para quem já é idoso é um pouco complicada. Porque agora se administra muita coisa, tem que colocar tudo na informática e tudo mais, então o que a gente fez foi voltar para os netos, são eles que agora têm o chip. Então, minha neta ajuda a gente, minha filha, outros parceiros ajudam a gente a cuidar de toda essa parte porque um faz, bom, fica um pouco mais complicado.

Por outro lado, esta dificuldade que representa para certos membros da família, na agricultura familiar é resolvida com as competências que possuem principalmente os membros mais jovens da família, e como apontaram os produtores; que já possuem competências e gestão tecnológica para enfrentar a concorrência que este trabalho representa, característica que se observou ser bastante homogênea nas entrevistas realizadas, e é exemplificada a seguir:

JA (8) Entre minha irmã e eu, tratamos da questão da rastreabilidade. Entre nós dois, sou responsável pela papelada do Icafé, controles de qualidade, degustações e tudo mais. Pelo contrário, o que ela guarda são as anotações do dia em que o café chegou, quando foi levado para os secadores, quando foi para os pátios de secagem, quando foi armazenado, para fermentação, para acompanhar todos os movimentos do café.

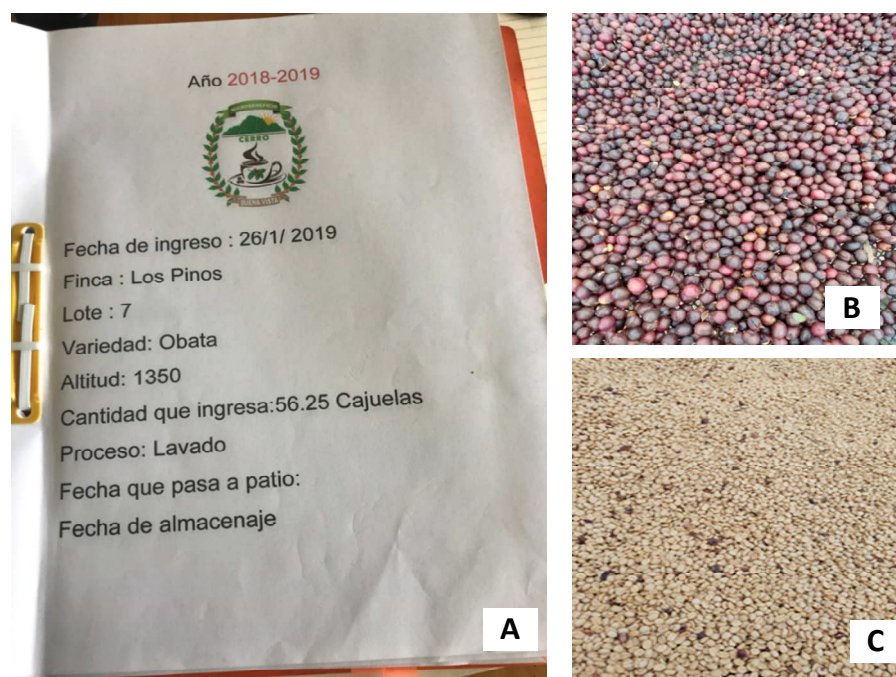
A rastreabilidade percorre todo o sistema de produção; desde a seleção dos lotes, gestão separada nos microbenefícios e posterior comercialização. Caso a mesma fazenda produza duas ou três variedades de café, estas devem ser separadas por características como as faixas de altura em que foram cultivadas e os processos realizados em cada lote. Com rastreabilidade, a degustação de cada lote permite identificar possibilidades de juntar vários lotes e armazená-los juntos, para posteriormente comercializá-los de acordo com as características da degustação. Esse café é levado para as câmaras de secagem nas “macas”, com cartão indicando o dia de chegada, e todo controle posterior até sua liberação no mercado. A rastreabilidade permite ao produtor informar ao cliente de onde vem o café, qual lote, quem o colheu, em que dia foi processado e outros atributos do café que está comercializando. Em um arquivo eles mantêm o registro de cada entrega de lote e todos os processos que são adicionados a ele. A este respeito, este produtor salienta que;

JA (8) A maior dificuldade ocorre na gestão dos dados, basicamente os controles, que já são muito científicos né, mas já são coisas muito avançadas que você tem que ter um certo estudo, talvez as máquinas para poder saber um pouco mais, que é o que fica um pouco mais tedioso que é onde você não consegue mais passar. Você tem que entender o que você está produzindo ali, você pode trabalhar nisso o máximo que puder.

O maior desafio da questão da rastreabilidade é acompanhar o que cada cliente deseja; por exemplo, em lotes de cafés especiais, o controle de fertilizantes, de qual fazenda vem, qual lote, qual processo foi realizado e qual variedade. Requer uma gestão muito cuidada e uma elevada cultura documental, que deve ser implementada e desenvolvida para ter precisão na informação que é oferecida ao cliente e que este solicita. Não é uma tarefa fácil, considerando todas as outras responsabilidades envolvidas na produção de café de alta qualidade.

A figura a seguir mostra o monitoramento dado a um lote de café especial, identificado com um registro que registra; data de entrada, fazenda, lote, variedade, altitude, quantidade que entra, processo, data que vai para o pátio de secagem e data de armazenamento. Através do registro dessas informações é dada rastreabilidade a cada lote de café; que serão comercializados com os atributos descritos. (ver figura 18).

Figura 18. Rastreabilidade como parte do processo produtivo de cafés especiais, Buena Vista de Rivas, Pérez Zeledón.



Legenda: Guia de rastreabilidade A-Coffee. Café B-maduro. C-Café em processo de secagem.

Fonte: O autor, 2019.

Para a realização deste trabalho, algumas famílias recebem apoio do Icafé, através de cursos de formação para se adaptarem a estas novas exigências da atividade. No entanto, referem que principalmente no início da atividade, estas formações são curtas e rápidas, razão pela qual devem recorrer a outras experiências para guardar a documentação de forma adequada. Portanto, a capacitação nesse sentido é essencial para a rastreabilidade que a produção de cafés especiais exige.

3.3.1.5. Diversificação produtiva – novas atividades multifuncionais

Segundo a CEPAL (2013), as explorações agrícolas devem abandonar as suas atividades tradicionais e desenvolver novas atividades multifuncionais; para isso, o primeiro passo é a diversificação produtiva. A agricultura familiar complementa as lavouras de café cultivadas; com outras séries de produtos agrícolas; como banana, tangerina, abacate, capim, pecuária e a oferta de serviços como os voltados ao turismo. Essa diversificação aborda, como aponta Montero, Andrea (2018), que, diante dos efeitos da queda dos preços do café, como medida para remediar a crise, foi recomendado incentivar a diversificação agrícola nas regiões cafeeiras. Esta diversificação agrícola permite aos produtores aceder a mercados diversificados, reduzindo assim o risco a que estão expostos pela dependência de um único produto agrícola como o café, enfrentando melhor os períodos críticos.

Coerente com esta proposta, os produtores e suas famílias assumem a diversificação como forma de reduzir o risco de dependência de um único produto, que, no caso do café, está exposto a um grande número de situações que o colocam em grande vulnerabilidade. produz isso. Como salienta Wilkinson, J (1999), a produção agrícola no âmbito da produção familiar depende da capacidade de identificar nichos de mercado ou mercados artesanais. Assim, muitos deles assumem o desafio de diversificar as suas economias, com a implementação e combinação de atividades, especialmente agrícolas, e em menor medida outras atividades como o turismo e outros serviços.

A este respeito, este produtor salienta que:

SC-AC (2) Pretendemos adicionar diferentes tipos de abacate, um pouco de Hass, nesta parte inferior estamos adicionando Catalina, Porto Rico, que é o abacate crioulo. Mas na parte superior, aproveitando a altura, vamos colocar o Hass lá, e colocar a terra, porque a pandemia nos ensinou uma coisa, a diversificação produtiva. Não podemos depender só do café, e há anos viemos com outros projetos, vendemos tangerina ácida, produzimos tangerina ácida e vendemos cerca de 300 mil tangerinas ácidas por ano para uma Associação de Produtores que está aqui na área, eles vendem pelo que é o Walmart, eles são fornecedores do Walmart há uns 15 ou 16 anos, e aí começaram com um projeto de banana, a gente arriscou e também adicionou banana.

Um dos aspectos importantes relativos à diversidade é que as explorações biológicas diminuíram a sua participação; Apenas duas fazendas estavam localizadas na área de estudo, uma pertencente a um produtor individual e a uma cooperativa. Várias fazendas que participavam da agricultura orgânica não conseguiram sustentar a produção nessa modalidade. Até 350 hectares foram produzidos em produção orgânica e agora o que resta é muito pouco. Esta produção destinava-se à produção de café e banana, dado que esta última tinha mercados diretos como a empresa Gerber ⁵⁴, o mercado nacional, mas houve um problema e o projeto foi dissolvido.

O único produtor de café que mantém sua atividade como orgânica, sob o conceito de “fazenda agroecológica”, destaca que a única forma de permanecer no mercado é diversificando, pois quando você é pequeno e está sozinho na atividade, procura uma forma de proteger o negócio; diversificando a economia do projeto, com outros produtos e oferecendo processos a outros produtores. Este produtor também tem bananas vendidas em supermercados. Com as bananas que vende toda semana ele paga a mão de obra, a mão de obra e a manutenção da fazenda, para que o café fique sem a pressão de ter que cobrir custos. Nesse sentido, ele ressalta que:

PG (4) Vou focar na parte produtiva este ano, é um terreno de 2 ha. totalmente diversificado. Eles vão passar por tipo de barreiras, uma barreira de banana, três ruas de café, uma barreira de laranja, três ruas de café, uma barreira de banana, três ruas de café, uma barreira de limão mesino, três ruas de café, assim eu vou

⁵⁴ A empresa Gerber começou em 1928 como Fremont Canning Company nos EUA. Ela iniciou sua linha de produtos para cuidados infantis em 1960 e atualmente comercializa mais de 350 produtos Gerber em 80 países.

pegar, os 2 ha. Eles têm uma posição muito boa. Porque, porque eu tenho um mercado de banana, um mercado de limões mesino, um mercado de tangerinas, um mercado de laranja, e o café já está aí, e a banana já está com mercado, tem mais que eu posso até fazer, o que é possível, se eu fizer, fazer fileiras de cana também.

Este produtor considera que os aspectos básicos que devem ser geridos ao nível da exploração agrícola são a diversificação, depois a especialização, ou seja, bons produtos, produtos de qualidade, e no final algo que é interessante, que é a soberania alimentar, entendida como liberdade, para dizer você eu vendo para o comprador ou não vendo. Além de optar pelos mercados locais, sejam locais ou regionais, com produtos que são vendidos diretamente nas feiras dos agricultores, ou distribuídos em supermercados, restaurantes e outras vendas locais. Essa renda permite subsidiar outras culturas e a estabilidade da família nos períodos em que a cafeicultura não gera a renda projetada.

Alguns produtores afirmam que em tempos de pandemia essas atividades sustentaram a fazenda, ajudaram a plantar novas áreas e auxiliaram as plantações. Schneider, S; Dabdab, P. (2010), destacam o papel da agricultura familiar para o desenvolvimento rural, vinculando as atividades agrícolas e não agrícolas às dinâmicas locais e territoriais; e a sua capacidade para gerar e melhorar o desenvolvimento endógeno; como parte de estratégias diferenciadas no tempo e no espaço.

Quadro 17. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Diversificação produtiva que se alia à produção de cafés especiais. 2023.

Produtor	Outras atividades produtivas
JRM (3)	Ovelhas, vacas 8 queijos à venda, Bananas, pejibayes (consumo). a diversidade de produção, laranja, limão, juanilama com sabor limão, plantas decorativas.
GP (4)	Café, banana, cana, hortaliças, frutas, suinocultura, pecuária, cafeteria, agroturismo.
JÁ (8)	Tomate e pimenta, abacate.
JLCA (9)	Café e banana
FBS (10)	Guaba, poro, diferentes árvores frutíferas, nêspira, manga, goiaba
RAB (11)	Banana usada como sombra. Um pouquinho de banana e tenho uns bichinhos num pedaço de pasto, tomate
HCJ (12)	Combinam com abacate, muitas amoras, vegetais, mas em quantidades menores.
AV&SL (13)	Limão Messina, amora (italiana), nêspira – projeto turístico
FDV (14)	Banana, banana, turismo.
LMC (15)	Árvores frutíferas (laranja, limão doce, tangerina, manga, limão Messina, banana, chuchu, carambola, abacate.

Fonte: O autor (2023).

A diversificação produtiva é observada no quadro 17 a seguir, onde o café prevalece como produto de alta relevância, mas em muitos casos subsidiado por outros produtos agrícolas, que contribuem para a sustentabilidade em períodos críticos. Que também permitem ao produtor e suas famílias manter a unidade produtiva e cobrir despesas com produtos cujos rendimentos são obtidos em menos tempo que o café, e que geram renda semanalmente, ao contrário do café no qual devem esperar até seis meses. Momento em que devem cobrir custos fixos, como colheita do café e manutenção da fazenda.

Nesta abordagem alternativa à modernização dos padrões de produção e do modelo produtivista; é resgatado na produção de cafés especiais, o que foi mencionado por Oliveira, et al (2011), referindo-se ao conceito proposto por Ploeg, JD Van Der, “produção de novidades”, que é orientado para a solução de problemas cotidianos, e como melhores maneiras de otimizar os fatores de produção. O conhecimento tradicional local e a integração dos cientistas são a base para uma abordagem alternativa. Na produção de cafés especiais; A diversidade provém das competências e decisões dos produtores para integrar, juntamente com o café, outras diversidades de produtos; articulado à dinâmica local e ao conhecimento das possibilidades de mercado.

Na maioria das experiências de agricultura familiar analisadas, a diversificação é um mecanismo de resistência diante das recorrentes crises cafeeiras. Nas experiências visitadas constatou-se uma abordagem territorial dos recursos disponíveis, o território como espaço de vida e reprodução da família. Um exemplo é dado por PG (4) que divide a sua exploração agrícola em seis unidades produtivas, nomeadamente; a) a parte da fazenda que envolve o processo produtivo (café, banana, cana, hortaliças e frutas. b) a agroindústria do café, que tem a ver com o processamento dos frutos, secagem, descascamento, torra e embalagem. c) Agroturismo, que inclui a cafeteria, o tour do café e o tour dos doces. Por sua vez, para o tour do café incorporam sete estações. d) a pecuária e a área pecuária; os animais como componente principal a granja com galinhas e porcos e e) A área comercial; a área dedicada às vendas nacionais e internacionais.

Nesta experiência, embora o pai de família faça a gestão dos seus contatos de memória, eles estão agora a fazer a digitalização para manter um melhor controlo das estatísticas, controlos, necessários para transferir conhecimentos aos seus filhos. O pai de família passa a ser o supervisor da atividade e mantém a ideia, a visão e o controle dos processos a nível familiar. Cada membro da família é especialista em um desses processos, e a empresa se mede pela rentabilidade, pelos objetivos, pelas estratégias, como família, como empresa familiar. Em projetos como esse é necessária mão de obra especializada, que vem da contribuição da família, onde cada pessoa tem que saber o que está fazendo e com propriedade do projeto. (ver figura 19).

Figura 19. Fazenda Agroecológica Integral Granados, diversidade produtiva. La Piedra, Perez Zeledón. 2022.



Fonte: Próprio, 2022.

Conforme mencionado, a diversificação é concebida como uma necessidade para enfrentar a crise cafeeira; incentivar alguns produtos que funcionem de acordo com as características do território; por exemplo; frutas cítricas, tangerina, laranja e banana e banana. Mas, também, para atender às necessidades em períodos em que não entra dinheiro com a venda do café. Este produtor destaca os períodos em que a diversidade produtiva contribui para a reprodução da família, JLCA (9), apontando que;

JLCA (9) No café temos um período que não entra por causa das vendas, mas depois de junho já recebemos o dinheiro, temos que saber administrar, comprar o que for necessário na fazenda e administrar lá porque não vai ter renda até mais ou menos em outubro. A banana é diferente, a banana tem a vantagem de produzir todo mês, então isso é útil para você. Pelo menos isso ajuda a manter a fazenda em termos de mão de obra, colocar combustível no carro, coisinhas, então isso ajuda a não mexer no dinheiro que vem do café, para já ter um pouco. Também para as bananas há uma época alta e uma época baixa. Agora estamos na alta temporada, quando tem muita banana, então eles tentam diminuir a quantidade de entrega.

Figura 20. Diversidade de cultivos, San Jerónimo de San Pedro, Pérez Zeledón, 2022



Fonte: Próprio, 2022.

Nessa diversidade produtiva, fica evidente a racionalidade do produtor tanto na escolha de quais produtos incluir em sua fazenda, quanto na forma como decide administrar os rendimentos das atividades. A renda proveniente de outros produtos dá flexibilidade ao

produtor para realizar atividades de especialização em café, estas podem ser investidas em inovação produtiva e até, de importância transcendental para a família, guardar uma parte para períodos críticos.

3.3.2. Microprocessamento como estratégia de geração de valor agregado por meio do processamento de cafés especiais

A produção de cafés especiais permite aos produtores, como observa Sonnino, R; Marsden, T (2017), colocam ênfase na qualidade, implementam estratégias para capturar valor acrescentado, novas associações de produtores e o desenvolvimento de novos nichos espaciais sociotécnicos. Além disso, processamento regional e local, qualidades altamente variáveis, rastreáveis e transparentes, referenciadas espacialmente e projetadas. Da mesma forma, van der Ploeg, JD (2009), destaca que os produtores começaram a diversificar suas atividades por meio de uma série de alternativas, incluindo a melhoria na conversão de insumos em produtos. Na produção de cafés especiais, a geração de valor agregado, por meio do beneficiário, permite ao produtor e sua família transformar e valorizar a produção primária que normalmente era negociada pelo produtor como insumo.

Da mesma forma, as oportunidades para a agricultura familiar na produção de alimentos sob uma nova noção de qualidade dependem, como aponta Oliveira, D; Mello, M (2006), da utilização de práticas menos dependentes da indústria quantitativa, da reapropriação das etapas de beneficiamento e processamento da produção e da comercialização da produção em circuitos em que os agricultores tenham maior poder de gestão.

No mercado tradicional do café, o produtor desconhece as características e a qualidade que o seu café proporciona; sua função como primeiro elo da produção é coletar os frutos e entregá-los à empresa beneficiada. Esta tendência começou a mudar a partir de 2000 no país e na área de estudo; com o estabelecimento dos primeiros microbenefícios. As grandes moagens que processam mais de 70.000 bushels (fanegas) diminuíram acentuadamente num período de vinte anos; enquanto os microbenefícios aumentam sua participação como beneficiários de cafés especiais.

Nessa relação, o cafeicultor deve ter uma estimativa da produção de café que ocorrerá no ano cafeeiro em que sua produção for negociada. Essa mediação da Icafé garante ao produtor que ele terá o pagamento pelo café vendido e que o comercializador tem o café vindo do produtor. Nessa dinâmica, tradicionalmente o pequeno produtor cultiva o café e o leva para uma empresa beneficiadora; seja de um grande beneficiário ou de uma cooperativa; que possuem “receptores” estrategicamente localizados em todo o território. O moinho coleta o café no salão e realiza um único processo de moagem; Misturam-se variedades e qualidades, processo em que se perde a especificidade do café.

Através da geração de valor agregado, o produtor passa a fazer parte da segunda etapa da produção do café, -o beneficiamento-; para o qual é necessário aprender sobre café; já que, para produzir cafés especiais, é necessário implementar diversos métodos de processamento; como estratégia para entrar em mercados seletivos e diferenciados.

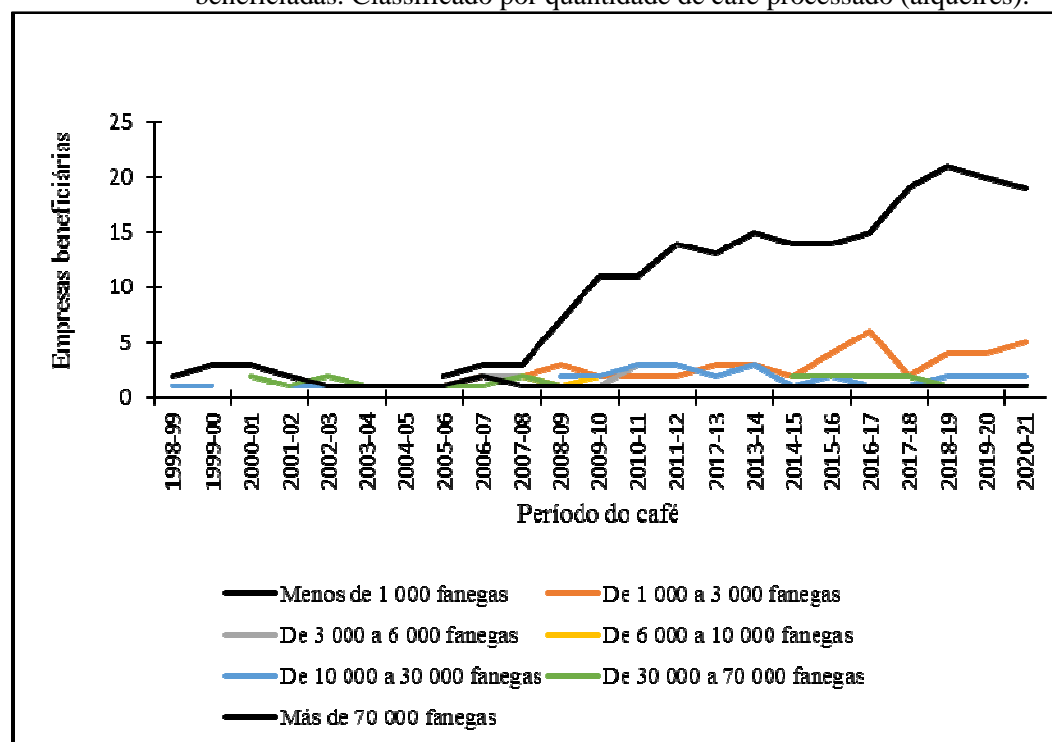
A qualidade do café costarricense tem sido historicamente ancorada na riqueza agroecológica, mas principalmente devido aos métodos de processamento, como observam Hall, C, (1983), Peters, G (2004), Viales, R; Montero, A (2010), León, J (2012); a exportação de um grão Arábica de qualidade superior e de moagem úmida. O processo de processamento só foi realizado em grande escala para ser economicamente rentável, o que levou à concentração do poder económico dos processadores e exportadores; O capital se acentuou na agroindústria e nas exportações. Segundo Hall, C, (1983), Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos são os principais fornecedores de máquinas e ferramentas para a indústria cafeeira.

À medida que as grandes fábricas de processamento de café foram se modernizando, Peters, G (2004), destaca que os pátios artesanais começaram a desaparecer. Reforçando esta ideia Viales, R; Montero, A (2010), acrescenta que os pequenos lucros eram considerados um perigo para a indústria nacional; mas que na primeira metade do século XX era evidente a existência de benefícios de segunda, terceira e até quarta categoria.

No final da década de noventa e início da década de 2000, os grandes beneficiários começaram a diminuir; e os microbenefícios são adicionados como empresas beneficiadas. Conforme mostra o gráfico 16 para a área de estudo, esta tendência é observada; enquanto

as grandes usinas que produzem mais de 70.000 bushels (fanegas) diminuem, as microbenefícios com menos de 1.000 bushels (fanegas) aumentam sua participação.

Gráfico 16. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Número de empresas beneficiadas. Classificado por quantidade de café processado (alqueires).



Fonte: Icafé (1998-2021). Elaborado por Quirós, 2023.

Algumas das empresas que participaram do café na região cafeeira de Pérez Zeledón, como La Meseta, Los Peters, Coopealianza, El Águila; eles pararam de participar da atividade do café. Continua sendo uma grande Cooperativa Coopeagri, fundada em 1962; cooperativa que vem se ajustando às novas tendências cafeeiras; processando uma porcentagem de seu café como especialidade e apoiando os produtores da região. Para sustentar-se na atividade diversificou os seus serviços; supermercados, armazém de abastecimento, loja de ferragens e materiais, Servicentro, Imobiliária e Agri Store. Nas entrevistas realizadas, observa-se que a cooperativa desempenha um papel importante na sustentação da atividade cafeeira na região e de uma atuação social reconhecida pelos produtores; embora a quantidade de café recebida seja menor, dada a tendência dos produtores de estabelecerem os seus próprios microbenefícios.

Destaca a inovação no processamento de frutas com diversos métodos de processamento, caminhando para alcançar a qualidade desejada para um mercado exclusivo e seletivo. Esse beneficiamento é realizado de acordo com os microlotes previamente estabelecidos em sua parcela. Como apontado por Borella, et al.; Mataix, C; Carrasco-Galegos, R (2015); na terceira onda do café, ele se diferencia pela origem, sabor, torra e modo de preparo. Neste novo cenário, através dos microbenefícios, dá-se valor acrescentado ao café, e comércio direto, entre o produtor e o comprador. Uma parte importante do café produzido ganha valor agregado com uma tendência de produtos artesanais; isso o distancia da primeira onda de café, onde o café a granel inundou o mercado atacadista.

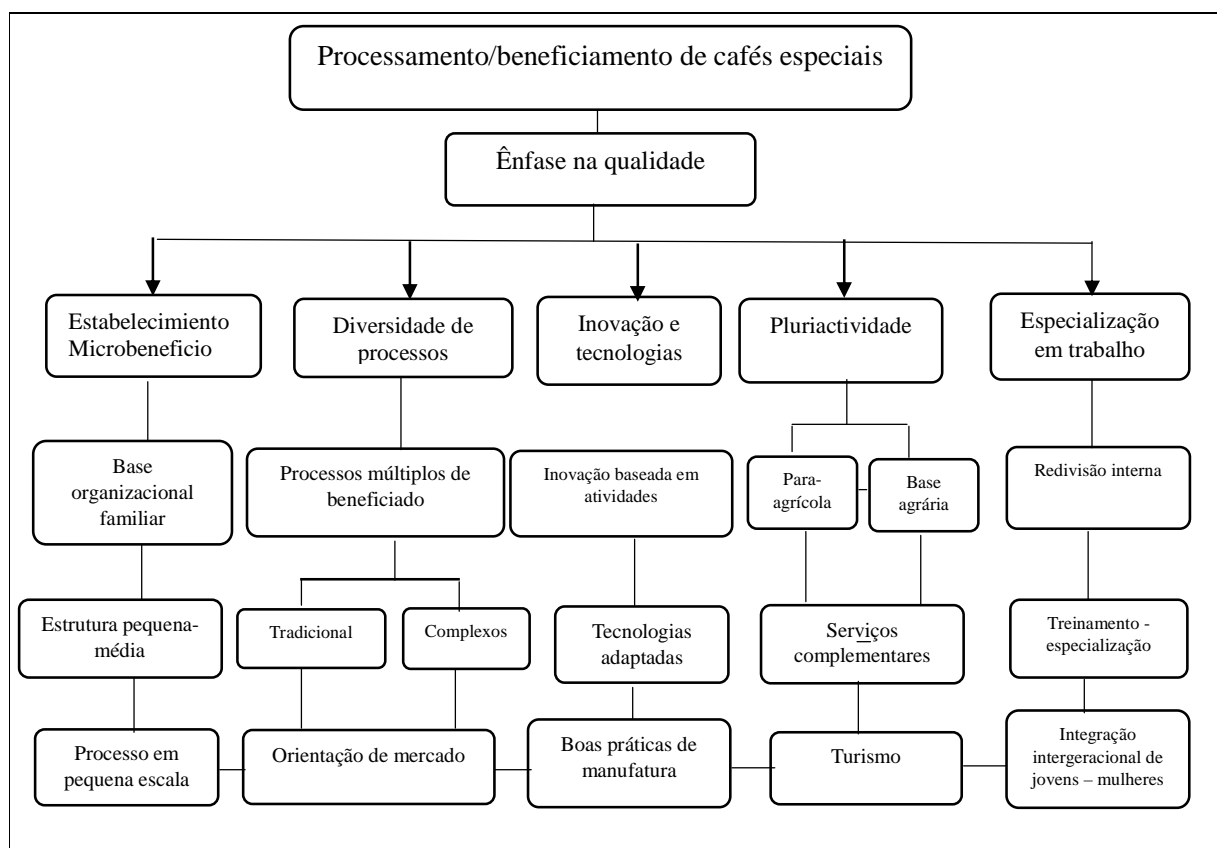
Desta forma, há alguns anos o café foi vendido e a origem foi perdida, atualmente a região cafeeira, e mais especificamente o nível local e do produtor, adquire grande importância; onde é produzido e quem o produz. É comum que o comprador se desloque até as áreas de produção e conheça quem é o produtor de café, a variedade, o processo de processamento, a estrutura familiar e a importância social do café. As experiências analisadas mostram que compradores de países como Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Itália, Suécia, Áustria, Austrália e Holanda e de outros países europeus visitam as fazendas, bem como de mercados emergentes como Japão, Coreia do Sul, Taiwan e Israel; que trazem seus próprios provadores e decidem adquirir o café ali mesmo. Para realizar a transação, o produtor deve estar informado e ter grande conhecimento da atividade que exerce.

No processo de processamento do café, a degustação ⁵⁵é essencial para acessar mercados selecionados e gostos diversificados; O produtor trabalha para melhorar a qualidade do seu café, processo em que a degustação se torna aliada do produtor para melhorar a qualidade, dependendo do mercado que deseja acessar. De acordo com a qualidade do café Instituto, através do Sistema Q, a qualidade do café é avaliada, numa escala de 0 a 100, acima de 85, é considerado um café especial em qualidade de xícara.

⁵⁵ A degustação simplificada é um método de avaliação das características de aroma e sabor de uma amostra de café.

Na geração de valor agregado por meio do processamento-beneficiamento de cafés especiais, são identificadas diversas estratégias que os produtores têm implementado para avançar na sua incorporação no mercado; os seguintes foram identificados nas experiências revisadas; para). O estabelecimento do microbenefícios, b). A diversidade dos processos de benefícios, c). Inovação e tecnologias na produção de cafés especiais d). A pluriatividade ligada ao microprocessamento de cafés especiais e). A especialização do trabalho familiar, integração de jovens e mulheres. A Figura 21 inclui as estratégias implementadas pela agricultura familiar para promover o benefício dos cafés especiais identificados na área de estudo através de trabalho de campo, entrevistas com produtores, informantes-chave e revisão da literatura.

Figura 21. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. A produção de cafés especiais – estratégias produtivas da agricultura familiar no nível do processamento. 2023.



Fonte: O autor (2023).

3.3.2.1. Estabelecendo o microbenefício

Os microbenefícios são apresentados como uma opção para crescer e inovar para avançar na cafeicultura. Canet, G; Soto, C (2017), “Os cafés especiais envolvem uma série de componentes e sistemas de produção projetados para produzir café de alta qualidade que atenda às condições ideais para nichos de mercado internacionais onde será apreciado pela alta qualidade associada à sua origem (região onde é cultivado e processado). CANET, G; SOTO, C (2017, p.91).

As mudanças que o mercado tem vivido do lado da procura, com o surgimento de grupos de consumidores que procuram o café diretamente aos seus produtores e outros que exigem cafés de regiões específicas com determinadas características, têm influenciado muitos produtores a instalar fábricas de transformação para processar os seus próprios cafés, o que lhes permite comercializar diretamente o produto. Ao contrário das grandes infraestruturas de moagem, as microbenefícios representam estruturas menores que permitem o processamento de uma determinada quantidade de café; estar localizada num espaço pequeno, geralmente perto de zonas agrícolas e da casa da família.

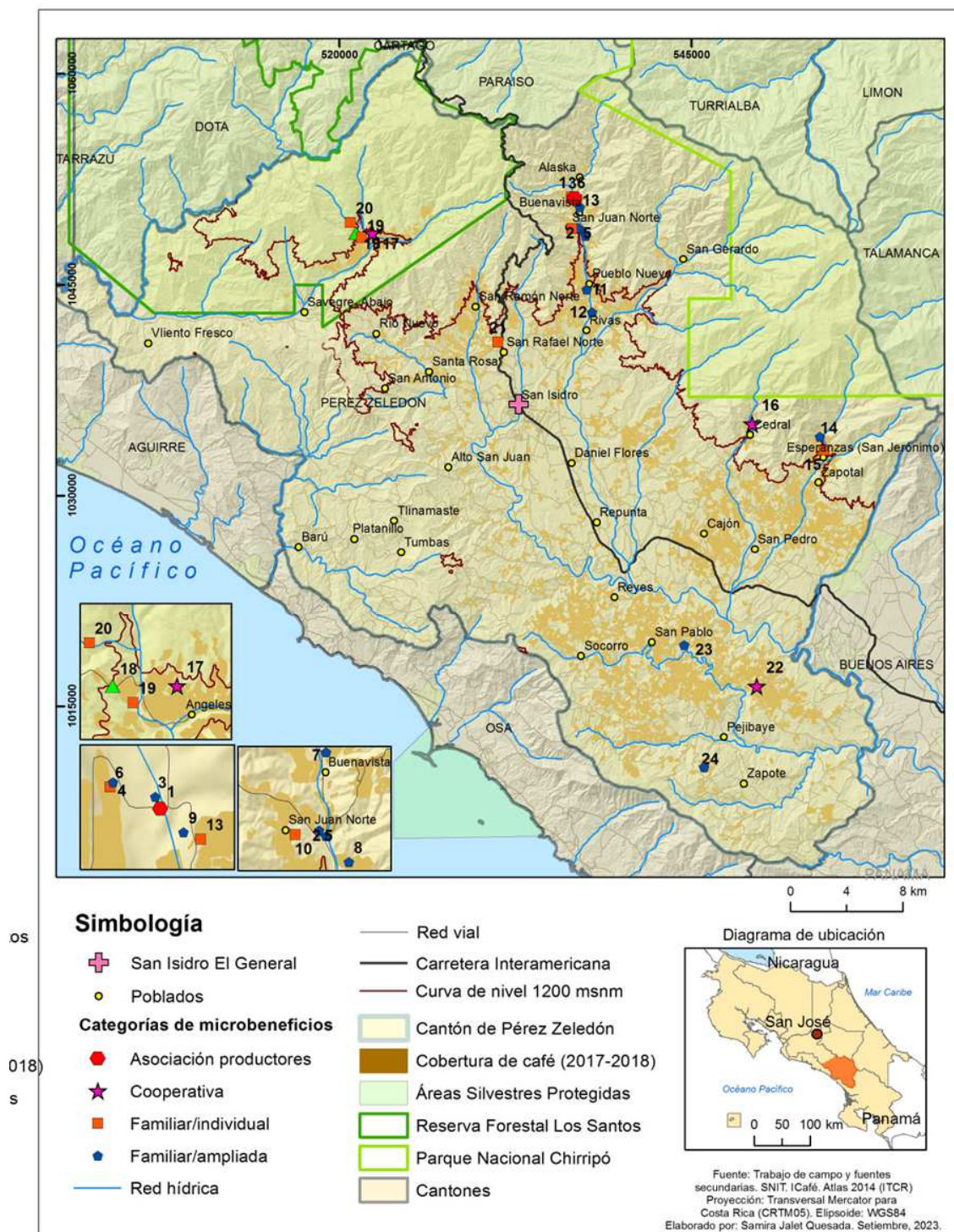
Segundo Umaña, Gabriel (2014),

El microbeneficio de café se define como una pequeña y mediana agroindustria rural, con una base organizativa familiar, o asociativa entre pequeños y medianos productores de café, que tienen como propósito generar mayor valor al café que se cultiva en sus fincas. La participación familiar es un componente especial dentro del contexto de los microbeneficios, todos colaboran en la formación de la microempresa familiar. (UMAÑA, Gabriel, 2014, p.9).

Segundo este autor, os produtores aproveitam todos os recursos das suas explorações para reduzir custos; Em geral a infraestrutura é básica, utilizam a gravidade para diminuir o uso de motores no transporte do café até o despoldador; eles fornecem a madeira de suas fazendas e aproveitam a mão de obra familiar.

Na área de estudo foram identificados 23 microbenefícios, espacialmente localizados nas partes altas da região cafeeira, conforme mapa 4 a seguir. Sua distribuição é observada nas encostas da Serra de Talamanca, acompanhando seu contorno; além disso, uma alta concentração no distrito de Rivas de Pérez.

Mapa 4. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Localização das microbenefícios de café, 2021-2022.



Fonte: La Autora, 2023, com base em fontes secundárias SNIT, ICAFE. ITCR Atlas (2014), desenho cartográfico de Samira Jalet Quesada.

Como destaca este representante institucional, a respeito da importância que o microprocessamento do café adquire na região, nas seguintes palavras;

Ned G. (CNP) Os pequenos produtores são os responsáveis pelo país ter se reposicionado como um café de qualidade através de pequenos microbenefícios, embora alguns não gostem. Através do trabalho muitas vezes em família, conseguiram materializar o que sempre foi dito, que é por onde caminha a procissão, o que temos, para onde vamos e como queremos. E a tendência de os compradores virem para a fazenda é justamente visitar aqueles pequenos negócios familiares, que agregam valor, impulsionam a economia, e permitem muita coisa diferente, maturação tardia, então eles começam a colher em dezembro, vai em dezembro, janeiro, fevereiro e às vezes março eles ainda estão se preparando, preparando lotes para enviar, cerca de cinco meses.

Foi comum nas experiências analisadas que os microbenefícios estarão localizados a poucos metros da residência da família. A figura 22 a seguir apresenta um Microbenefício, localizado na área de estudo. O que, segundo definição de Umaña, Gabriel (2014), vai muito além de uma infraestrutura para se tornar um projeto familiar.

Além do exposto, segundo Luna-González, A, et al. (2018):

La tendencia en Costa Rica fue ingresar a mercados especiales en microlotes, pero en lugar de continuar participando en el esquema de cooperativa iniciaron sus propios beneficios, siendo esta la principal razón por la cual aumentó el número de estos y disminuyó en promedio su antigüedad. Del mismo modo, decreció el promedio de capacidad instalada y el número de entregadores, al auto beneficiar su café o el de un menor número de integrantes, sobre todo familiares. (LUNA-GONZÁLEZ, A, et al. (2018), p.11).

Esta tendência se acentua com o objetivo de reduzir os efeitos causados pelos baixos preços do café comercializado convencionalmente. Tendência já identificada por Panos, et al (2003); Lewin, et al (2004), avaliando a crise estrutural do café. Esses autores Luna-González, A, et al. (2018) também esclarecem algo importante; O café mais beneficiado na Costa Rica é o convencional, o que significa que não é diferenciado como o café orgânico; No entanto, isto não o limita à sua comercialização em mercados especializados. Dessa forma, todas as microbenefícios que produzem cafés especiais o registram como *estrito duro (SHB)*.

Figura 22. Microbenefício do processamento de cafés especiais.
Buena Vista de Rivas, Pérez Zeledón. 2022.



Fonte: Próprio (2022).

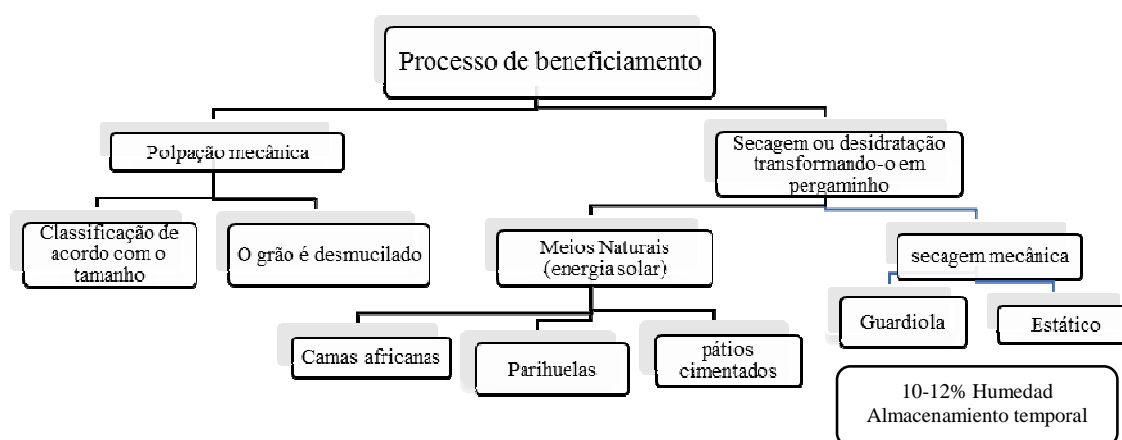
Ao mesmo tempo, a constituição dos microbenefícios mostra claramente a crise como o elemento desencadeador da sua instalação. Este produtor aponta o seguinte:

LC (1). Em 2013, quando a ferrugem chegou e o café piorou muito, tivemos que tomar uma decisão: ou trabalharíamos em outra coisa ou adquiriríamos um extra pelo que já tínhamos. Foi onde demos o passo para iniciar o microbenefício. Não vamos dizer que o microbenefício vai te deixar milionário, porque não é assim, mas pelo menos você trabalhará no que já tem.

No processo de beneficiamento Umaña, G (2014), destaca que existem duas etapas, o despulpamento mecânico do café (despulpamento) através da retirada da casca e a secagem ou desidratação do grão, convertendo-o em café em pergaminho; isso através de dois processos; meios naturais (energia solar) - o grão é depositado em pátios cimentados

⁵⁶, canteiros africanos ⁵⁷, macas ⁵⁸ ou pequenas estufas e secagem mecânica (sistema de forno com fogo indireto) - tambores (guardiolas ⁵⁹). Com o beneficiamento, o café é despulpado, seco, armazenado e administrado; este regime adapta-se às necessidades de uma exploração agrícola, num regime muito diferente dos grandes moinhos, que compram, processam e compilam grandes volumes de café. A Figura 23 esquematiza o que foi apontado por Umaña, G (2014).

Figura 23. Fases que envolvem os processos de beneficiado ⁶⁰ de pequena escala



Fonte: Umaña, G (2014). Elaborado por Quirós, 2022.

Uma vez que o café atinge 10 – 12% de umidade ⁶¹, ele é armazenado por períodos de até três meses, onde repousa; recomenda-se que a temperatura da adega não ultrapasse os 25 graus e que seja aberta regularmente para conseguir ventilação. Normalmente dois a

⁵⁶ Faz parte da infraestrutura complementar de secagem mecânica, geralmente utilizada para pré-secagem do café. Este tipo de investimento deve ser valorizado pelo seu elevado custo

⁵⁷ Molduras de madeira ou metal, com pouca inclinação do centro para as laterais, a base onde são depositados os grãos é feita de malha plástica e saran, essas camas são removíveis. É mais barato do que pátios cimentados.

⁵⁸ São de madeira e a base onde é colocado o café úmido é de saran. É comum que sejam construídas com 90 cm de largura por 2 m de comprimento

⁵⁹ Máquina de secar café, é considerada de secagem rápida e alto desempenho.

⁶⁰ As atividades realizadas para transformar o fruto de café maduro em café em pergaminho são chamadas de processamento úmido.

⁶¹ A umidade de 10-12% garante que o embrião de cada grão não morra, pois se o embrião morrer o café começa a se deteriorar, apodrecer e perder suas características.

três meses de descanso são suficientes para que o café fique pronto, preservando suas características para ser comercializado como café especial.

Concordo, para este produtor de RAB (11), começar pelo benefício permitiu-lhes ter uma visão melhor do alcance da atividade;

RAB (11) Depois que iniciamos a microbenefício, começamos a ver que já havia um pouco de valor agregado ao café, porque antes vendíamos para cooperativas e grandes empresas e era um preço um pouco baixo, então meu filho e resolvi fazer um empréstimo que fizemos com o Icafé e o Banco Nacional para o plantio de café e assim conseguimos aproveitar ao máximo.

O financiamento para iniciar a instalação de um Microbenefício é uma etapa difícil, nem sempre há recursos financeiros para iniciar a atividade. Contudo, as fontes de financiamento estatais são uma opção neste processo; mas não sem antes considerar que os produtores devem assumir o risco de acessar qualquer uma das opções de crédito, com a convicção de que a colheita do café gera o suficiente para saldar a dívida adquirida no prazo estabelecido. Neste sentido, este produtor exemplifica como foi possível estabelecer o microbenefício;

JLCA (9) Através disso foi com a ajuda do Banco Nacional, fizemos com linha de crédito, ainda temos a linha de crédito. Porque a parte do benefício, a parte muito difícil é o financiamento porque digamos, quando é entregue para um benefício grande ele é entregue de segunda a sexta e vai e eles te pagam uma parte, aí você vai com essa parte e pague-os aos cobradores e lá se vive; quando você trabalha com micro benefícios, você recebe o café e ele vai para o almoxarifado, você precisa de um fluxo de caixa para pagar o café. Foi aí que nasceu uma linha de crédito que temos até hoje com o Banco Nacional. Essa é uma linha de crédito do Banco de Desenvolvimento.

Esta opção de crédito do Banco de Desenvolvimento foi mencionada por vários produtores como a opção a que acederam para começar com o microbenefício. Ressaltando que é necessário um fluxo de caixa para amortizar o investimento exigido pelo processo do café, desde a manutenção, colheita e descarte nas microbenefício para processamento-beneficiamento. Isto está longe da forma convencional de comercialização do café, em que as vendas do café são realizadas em partes; que permite ao produtor cobrir os investimentos da atividade; neste novo regime, todo o café é pago assim que é colocado no mercado, pelo que o produtor e a sua família devem suportar as despesas que isso implica, em períodos que em alguns casos se estendem até seis meses.

A figura a seguir mostra o aspecto físico de uma microbenefício, caracterizada pelo seu menor tamanho, quando comparado às moagens convencionais, e infraestrutura e materiais básicos, muitas vezes provenientes da mesma fazenda.

Figura 24. Infraestrutura de uma microbenefício, tecnologia associada.



Legenda: A-Letras de boas-vindas ao microbenefício Buena Vista de Rivas. B-Exemplo de microbenefício Buena Vista, Rivas. C- Microbenefício em Cedral de Cajón. Sistema de lavagem D-Coffee na microbenefício Don Senel, San São Jerônimo de São Pedro.

Fonte: Próprio, 2022.

3.3.2.2. Diversidade de processos de processamento

Uma característica que modificou a forma como os cafés especiais são trabalhados é a implementação de diversos e múltiplos processos de processamento. Com o mesmo lote de café podem ser obtidos diferentes processos de processamento, o que dará oportunidade de acesso a vários mercados; por exemplo, experimentando fermentação de frutas e sabores (frutados). Cada um dos processos é pensado para um mercado específico e os recursos e formas de realizá-los são diversos. Quer dizer; nesta fase a família se afasta da homogeneidade para vivenciar a diversidade, o que oferece mais segurança ao proporcionar maiores opções de comercialização em mercados diversos.

Tradicionalmente, existem três maneiras pelas quais o café é processado; lavado, natural e mel . para). O processo de lavagem concentra-se no grão, que absorve 100% dos nutrientes e açúcares necessários durante o ciclo; A variedade, o solo, o clima, a maturação, a fermentação, a lavagem e a secagem são aspectos fundamentais. O processo lavado é capaz de realçar o perfil característico de um café de origem, por isso muitos cafés especiais são provenientes do processo lavado. b). O processo natural ou seco: a cereja é conservada junto com o grão e não há muito manuseio do café enquanto ele seca. c). O processo do mel tende a apresentar uma acidez mais equilibrada que os cafés lavados, acompanhada de doçura pronunciada e sensação mais complexa no paladar.

Devido à procura por cafés especiais isto está a mudar, os produtores estão a experimentar fermentações anaeróbicas ⁶², ou catalisadores para acelerar a fermentação. Da mesma forma, considerando processos que buscam reduzir a quantidade de água. A quadro 18 inclui alguns dos processos de processamento que os produtores implementam para obter cafés especiais.

Assim, por exemplo, a partir de processos naturais você pode obter produtos com sabor de vinagre, vinagre de maçã e sabores mais licorosos; depende da fermentação que se dá ao grão. As notas também podem ser de ervas, camomila, chá verde e degustações de

⁶² Ausência de oxigênio no processo de fermentação.

flores, rosas, jasmim, mamão e limão. De uma variedade de gueixa de boa qualidade você pode obter notas como jasmim, bergamota, rosa, limão, mamão, framboesa. De um café catuai obtêm-se notas de tangerina, laranja e limão. No processo meio mel esse é mais escuro, o café retém o mel que lhe dá aquela cor.

Quadro 18. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Processos de processamento implementados por microbenefícios para produção de cafés especiais. 2023.

Produtor	Processo beneficiário
LC (1)	Lavagem fermentada natural, lavagem delva, meio mel, mel integral e processos aquanaeróbicos ⁶³
SC-AC (2)	Lavado, duplo lavado, natural, anaeróbio natural ⁶⁴ e mel (entre os méis: amarelo, tinto, preto e vinho).
JRM (3)	lavagem natural
GP (4)	<i>Mel vermelho e mel preto</i>
JMB (5)	Mel natural
HSF (6)	lavagem natural
PQF (7)	Lavagem natural e méis
JÁ (8)	Lavagem, lavagem dupla, lavagem anaeróbica, méis, <i>mel preto e mel vermelho</i> , natural, anaeróbio natural, anaeróbio duplo natural, repouso natural, hidroanaeróbio, paractobasilos anaeróbios e anaeróbio com feijão belga.
JLCA (9)	lavagem natural
FBS (10)	Gueixa Lavada, Gueixa de Mel e Gueixa Anaeróbica, Lavada, <i>Africana processo</i> ⁶⁵
RAB (11)	Café lavado, mel, natural.
HCJ (12)	<i>Mel vermelho, mel amarelo e mel completo</i>
AV&SL (13)	Mel, pré-lavagem e lavagem
FDV (14)	Processo lavado, mel vermelho, preto, natural, anaeróbio e descansado
LMC (15)	Méis

Fonte: O autor (2023).

⁶³ Aquanaeróbio, consiste em um processo, antes do grão ser desidratado, ele é colocado em uma lata com água, para que ele “expand a (inche)”, tomando cuidado para não fermentar e estragar o processo.

⁶⁴ Esse processo leva 120 horas na lata, é retirado e colocado diretamente no chão, fica dois dias sem mexer, para que dê uma leve fermentação, a partir daí começa o processo normal, é movido para que ele seca uniformemente.

⁶⁵ africano Processo é um processo que se extrai do mel, não é lavado, fica descansando entre os recipientes e deixa até que o café pare de fermentar. Ele mesmo realiza o processo de fermentação.

Com cada um desses processos a aparência do grão muda; O processo mais tradicional é o café lavado, dá uma cor mais branca ao café em pergaminho. Este produtor exemplifica como a diversidade de processos pode ser obtida a partir de uma mesma variedade de café, buscando acessar um maior número de clientes; A este respeito, este produtor destaca:

SC-AC (2) Faço Obata dessa parte, lavado, duplo lavado, natural, anaeróbio natural e mel. E entre os méis posso encontrar o amarelo, o tinto e o vinho. Então se tiver que ter um pouco de cuidado, talvez com todas as variedades, posso fazer os lotes que quiser. O que buscamos é realizar o maior número de processos, para que uma única variedade amplie o ramo de clientes que você pode atrair. Porque se eu só fizer mel, lavado e natural, talvez eu tenha três clientes, mas se eu fizer mais três processos, são mais três clientes, e eles também podem comprar de mim os três primeiros processos. É isso que alguém aqui realmente está procurando.

Em cada um destes processos o produtor reconhece as suas características, e mede os momentos em que tem a certeza de que alcançará a qualidade desejada. Mas você também está exposto ao risco de não alcançar o que foi traçado no plano inicial. A este respeito, este produtor expressa o seguinte:

LC. (1) Quando você faz café com mel, você está andando no fio da navalha, porque é a fermentação de açúcares, e se você fizer errado em vez de tomar uma bebida muito gostosa o que você vai tomar é um pouco de vinagre. Os tempos são determinados pelos processos que você está realizando.

Com a gestão de microlotes, vê-se a possibilidade de adesão de microlotes através do processo; vivenciando processos semelhantes. Com a degustação, as qualidades alcançadas são medidas e a partir daí determina-se se os microlotes devem ser separados. Os métodos de infusão (Anexo 3. Principais métodos de infusão de café para cafés especiais) variam muito dependendo do tipo de processo, por exemplo; A prensa francesa é utilizada para cafés um pouco mais grossos devido ao tipo de filtro que utiliza, sendo um dos métodos mais fáceis de fazer um bom café. A este respeito, este produtor destaca:

SC-AC (2) O cuidado no processo é fundamental. Quase tudo nisso que a gente faz muito tem a ver com fermentação, dando sabores diferentes a uma variedade de café. Se fermentar bem, o mel é como um aromatizante natural, pode dar sabores florais de pêssego, o que não é normal. Já vi muitas pessoas em outros lugares adicionarem aromatizantes, mas nunca fizemos isso. Sentimos que o café tem a capacidade de fermentar com um bom processo, conferindo-lhe melhores atributos do que já possui.

No âmbito deste regime, estão a ser testadas novas formas de processamento do café; antigamente eram comercializados cafés com alta acidez, principalmente cafés de altitude, agora o comprador vem até a fazenda e experimenta o produto, se sua preferência é um café doce, sabores frutados, cafés naturais, o produtor/beneficiário inova nesse processo. O produtor testa constantemente métodos de melhoria e obtenção de novos sabores, e através da degustação é realizado o controle de qualidade, de acordo com os gostos e preferências do mercado consumidor. Ao inovar com novos processos, os produtores conseguem incorporar essa diversidade ao café oferecido ao mercado. Este produtor destaca como criaram um processo denominado duplo anaeróbio, criando notas complexas.

JA (8) Os processos anaeróbios que a gente usa, muita gente lava, a gente começou a entender com um processo chamado anaeróbio duplo que foi criado por nós, a gente começou a entender que se a gente lavasse o café e não tivesse o que acrescentar o café a gente não faria nada, então o que a gente faz é trazer da fazenda as frutas não lavadas, e elas mesmas começam a se criar, com os mesmos microorganismos da fruta. E nas degustações você percebe que o que está sendo feito está sendo bem-feito, porque apresenta notas muito complexas e diferentes do café dos vizinhos, temos vizinhos que tomam café a 50 metros e o nosso café é muito mais complexo do que é outros atributos além daquele café, com o mesmo processo e tudo funcionando igual.

Os métodos de processamento do café podem abranger uma grande diversidade, para alguns dos quais a sua complexidade dependerá do que o produtor pretende alcançar e para onde direciona a sua produção. Este produtor implementa processos tão diferentes e com resultados igualmente diversos, só experimentando é que se sabe se é uma variedade que aceita um processo; De acordo com suas palavras, ele menciona isso;

JA (8) Implementamos vários métodos entre estes; lavagem, lavagem dupla, lavagem anaeróbica, méis, mel preto, mel vermelho; temos outro que é um mel fermentado. Entre o método controlado temos o natural, o anaeróbio natural, o duplo anaeróbio natural, o repouso natural, e agora estamos trabalhando em um processo chamado hidroanaeróbio. E outros mais complexos, que são os paractovasilos anaeróbicos, e os anaeróbicos com cepa belga, que usam para fazer cerveja, é adicionado ao café. Começamos no ano retrasado. Cada um desses processos é um mundo e condições separadas. Cada variedade, tem variedades que são muito bem aceitas e tem variedades que não querem. Então só experimentando e estragando você consegue descobrir se aquela variedade aceita esse processo ou não. E nisso você pode ter até duas colheitas. Este ano estamos trabalhando no processamento a seco, é o que se chama de secagem do café e decapagem. E o processamento úmido é o despulpamento, sempre é feito, mas se você trabalhar naturalmente você não vai despolar a fruta então não precisa.

Os produtores experimentam novos processos para medir sua pontuação, que expressa a qualidade da xícara, o que é feito através do cupping. Este produtor mostra como se conseguem diferentes processos a partir da mesma variedade de café, enfatizando que todos os processos são diferentes, uns mais complicados que outros, nenhum deles é trabalhado igual ao outro. Apontando isso;

FBS (10) Já temos amostras de três tipos, Geisha lavada, Geisha mel e Geisha anaeróbica para enviar aos Cafés Exclusivos. Para ver qual a pontuação que um mesmo tipo de café já nos dá, mas com três processos diferentes. O problema é que todos os processos são diferentes. Ninguém funciona igual ao outro. O mais fácil é lavar. O processo do mel é um pouco complicado, tanto desde a parte de despulpamento, o transporte aqui e tudo mais, até a parte de descascamento. Ou seja, fica um pouco emaranhado ali, porque a máquina chega com o mel e ele gruda, tem que colocar, colocar um pouquinho de casca no café para não grudar tanto. É complicado. E para isso existe um descascador, uma máquina especial.

Cada um dos métodos beneficiários envolve um processo de aprendizagem para a família e um trabalho adicional para atingir o objetivo inicial definido. Alguns processos, por exemplo a lavagem, como apontam os produtores, são os mais simples, porém, outros processos tão novos e complicados como os paractovasilos aquanaeróbios, hidroanaeróbios e anaeróbios, exigem um conhecimento profundo sobre o tipo de café e a variedade com que é produzido. está implementando o processo. Se as informações não forem tratadas adequadamente, ao invés de se conseguir um produto de qualidade, um lote de café pode estragar e assim perder um grande investimento em tempo e dinheiro. Porém, esta condição faz com que o produtor e sua família considerem a atividade como um desafio em cada um dos processos que implementam, conseguindo uma contribuição para a criação do sabor e do perfil de um café.

Soma-se a esses processos o valor intrínseco da secagem do café ao sol como opção prioritária de secagem, prática comum em locais onde a energia solar pode ser utilizada; pois contribui para manter as características intrínsecas do grão e agregar valor artesanal ao processo. Além de constituir fonte de energia renovável e reduzir custos de produção, reduzindo assim custos de investimento em equipamentos. Como eles estão indo? Ploeg, V. (2009), aponta que no cerne do processo produtivo há uma reintrodução do artesanato . A secagem natural é o método preferido pelos compradores em relação à secagem mecânica. É um processo lento, que depende da quantidade de energia solar e da época do ano;

portanto, em dezembro, janeiro e fevereiro há muitas horas de sol, então a secagem é mais rápida e eficiente.

Um dos problemas que surge é quando o sol não chega para secar o café, é preciso ter muitos secadouros e tomar cuidados para dias de chuva. O café tem um período de secagem, não deve secar muito rápido. Se fizer sol, o café perde umidade. Quando é depositado nos pátios e não há sol, o café não avança na secagem, mas regride e começa a exalar maus odores; e isso está fora das mãos do produtor.

A este respeito, este produtor menciona;

JRM (3) No começo, no primeiro ano, um ou dois anos, o que a gente fazia era secar no pátio, mas aqui tem um problema, que aqui você acorda e vê o sol lindo, mas aquele porão parece como uma mesa branca, aí às 9h, ou 7 ou 8, aquela neblina sobe, e sobe a montanha, então o tempo de sol aqui é curto. Aí às 14h você vê, você sente o sol fraco, então não secou bem a gente, então compramos esse equipamento, uma secadora - guardiola - com forno.

Embora às vezes queiram secar 100% ao sol, nem sempre isso é conseguido. Se a energia solar for suficiente, adiciona-se um café nos canteiros do pátio, que pode durar três dias, para atingir 10% de umidade. Mas se essa condição não for atendida, às vezes leva até quinze dias para secar, esgotando-se o espaço nos terreiros de secagem, já que o café entra todos os dias. Nestes casos, a secagem mecânica torna-se uma opção: acredita-se que isso afeta a qualidade do café, mas segundo a opinião deste produtor, quem implementou a secagem mecânica obtém boas degustações. Por exemplo, o uso da guardiola, se bem utilizado, é uma opção.

Este produtor aponta o seguinte:

SC-AC (2). A secagem, porque aqui a secagem é 100% ao sol, não é com máquinas, temos uma guardiola que funciona com calor, mas nunca usaram. Seca no inverno, porque a colheita aqui começa como em outubro e alguns grãos, outubro é a melhor parte do inverno, se você faz mel e não conseguiu secar nos dois primeiros dias ele começa a apodrecer e tem dias quando chove aqui por uma semana. Tenho que usar o café tampado, então tem que começar a lavar alguns méis e depois fazer outro processo. Essa é a parte mais complicada.

São apresentados vários aspectos em relação à secagem ao sol segundo o MAG (2008);

“Entre esses atributos, destacam-se a cor azul esverdeada característica dos cafés Arábica, o cheiro característico do café verde e as características da xícara em que se aprecia maior definição do perfil. Porém, os tempos de secagem são muito longos, variando entre 5 e 7 dias, o que pode ser um problema dependendo das quantidades de café a secar e da disponibilidade de terreiros. Essa prática de secagem a seco pode ser utilizada por microbenefícios desde que isso signifique

uma vantagem na qualidade e comercialização do café, e só é utilizada para alguns cafés especiais que são vendidos em mercados exclusivos.” (MAG, 2008, p.16).

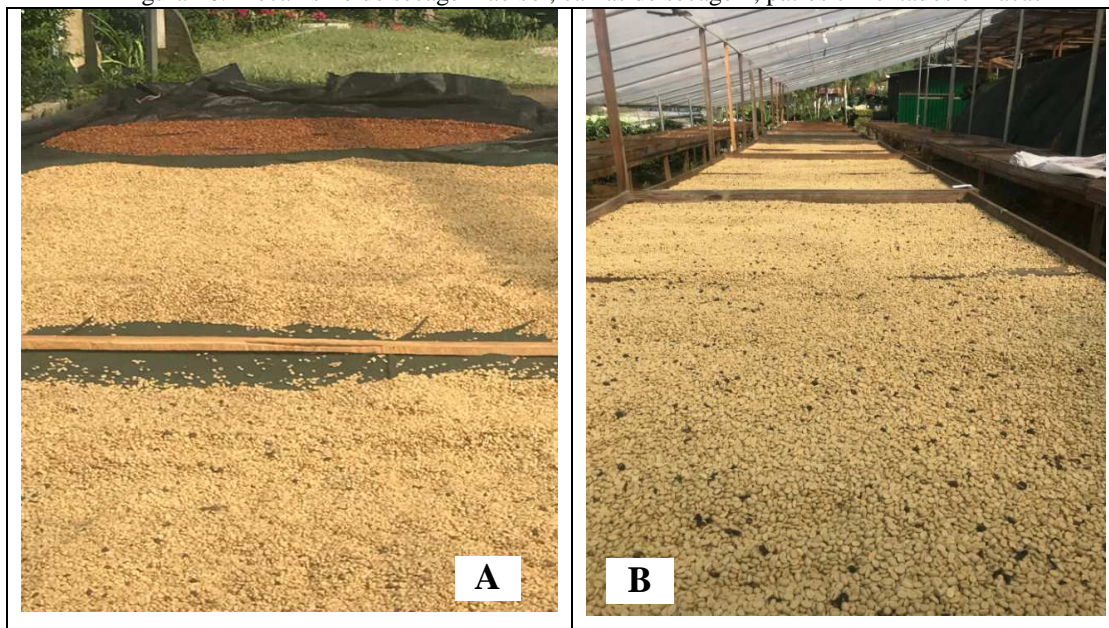
Esses mesmos autores ressaltam que diversas combinações podem ser feitas entre secagem solar e secagem mecânica, sol/guardiola/estática. Seja a secagem em terreiros, camas africanas ou macas, o importante é a retirada constante do café para promover uma secagem uniforme dos grãos. Isto tem um consumo de mão de obra muito importante nos custos finais do microbeneficiado. (MAG, 2008, p.17). (ver figuras 25, 26 e 27).

Figura 25. Mecanismo de secagem ao sol, como parte do trabalho artesanal na produção de cafés especiais.



Fonte: Próprio, 2023.

Figura 26. Mecanismo de secagem ao sol, camas de secagem, pátios cimentados e macas



Legenda: A- Pátios de secagem cimentados. B- Pátios de secagem de Parihuelas.
 Fonte: Próprio, 2022.

Figura 27. Movimentação do café para obtenção homogeneidade na secagem ao sol, Microbeneficiado Emperio Rojo.



Fonte: O autor, 2023.

A utilização da energia solar como energia renovável é uma forma prioritária de secagem, o que foi observado em todas as experiências visitadas. No entanto, a variação climática, expressa pelos produtores, nos últimos anos tem dificultado esta prática, pelo que por vezes e dependendo da época do ano devem recorrer a outras opções de secagem como a secagem mecânica. É comum nos microbenefícios que esses sistemas de secagem se complementem, aproveitando ao máximo, de acordo com a área de produção, e suas particularidades ambientais.

3.3.2.3. Inovação e tecnologias na produção de cafés especiais

A assistência técnica para a indústria cafeeira tem sido privada e cara, uma realidade que os produtores enfrentam. Os grandes benefícios tiveram a tecnologia e infraestrutura necessárias resolvidas, porém, os microbenefícios tiveram que fazer modificações nos processos, e inovar nos equipamentos necessários para implementar a atividade. Coerente com Oliveira, et al (2011), que mencionam que os agricultores absorvem tecnologias em ritmos diferentes, passando por um processo de tradução e reconfiguração, atribuindo significados dentro do processo de trabalho.

Essa inovação tecnológica inclui processos simples, como detectar umidade quando o café está no terreiro, para decidir quando levá-lo para armazenamento; para isso, com um instrumento “detector de umidade”, o produtor consegue saber o grau de umidade adequado (10% de umidade) para armazenar o café e armazená-lo.

Ter um capital base e a complementação do acesso ao crédito bancário para obtenção dos equipamentos de microprocessamento tem sido uma das opções para possuir o maquinário básico e necessário para produzir e processar cafés especiais em suas fazendas. Sobre;

RAB (11) Para o microbenefício, continuamos agora a contribuir com uma parte do capital juntos para comprar o que era o terreno. E o maquinário foi adquirido através de um empréstimo que nos foi concedido pelo Banco Popular junto ao Banca para el Desarrollo. Conseguimos um empréstimo para poder comprar o primeiro maquinário.

Outros processos mais complexos foram acompanhados de projetos que financiaram a ideia através de concursos públicos. Neste caso o produtor consegue construir um secador combinando o método estático de um moinho convencional e um secador solar, um projeto trabalhado ao pormenor que mereceu um prêmio, permitindo ao produtor e à sua família investir em equipamentos caros que de outra forma não seriam possíveis; este produtor menciona que:

PG (4) Esse secador eu fiz esse ano, é uma inovação que fiz esse ano, que ganhei um concurso do PROCOMER e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), me pagaram pelos materiais, apresentei o projeto, defendi e ganhei, e graças a Deus esse foi meu prêmio do ano passado. Eu inventei tudo isso, que é uma combinação de um moinho estático de um moinho convencional e um secador solar, conheço as duas técnicas, porque visitei moinhos com moinhos estáticos, os estáticos são plataformas onde você seca o café, com indução de ar quente isso vem dos fornos, onde você queima lenha ou casca ou o que quer que seja e o secador solar que uso há 20 anos. Aí eu falei, como faço para fazer uma estática solar, aí usei as plataformas, para colocar o café, o telhado solar, mas com um modelo já muito lógico, fiz isso com aquela delicadeza porque ganhei o prêmio porque esse investimento é muito alto

Boas práticas de fabricação são a chave para o avanço da produção de cafés especiais; Umaña, G (2014), “tanto o conceito de microbenefício é para aqueles produtores que desejam fazer uma mudança no seu modelo de produção, passando da produção e entrega de café para a realização de uma série de investimentos que permitirão maior valor agregado, desde que quando o conceito de administração, qualidade e boas práticas são geridos ao nível da exploração agrícola e do beneficiário.” (UMAÑA, G, 2014, p.35).

Neste caso, o produtor considera que a inovação está no conhecimento que é necessário ter para alcançar a especialização, que vai desde previsões meteorológicas, análises de solo e outras informações que estavam reservadas apenas a profissionais especializados, como engenheiros. Agora essa é a informação que a família deve conseguir produzir cafés especiais. A este respeito, este produtor menciona que:

JMB (5) Não estou dizendo que temos que voltar atrás e que os pequenos não estudam, e que se tornam agricultores; Ou seja, o que temos de nos tornar são agricultores especializados, ou seja, agricultores que realmente entendam o que estão a fazer, que conheçam as previsões meteorológicas, que saibam fazer uma análise do solo, e agora toda essa informação está aí, antes apenas um engenheiro poderia fazer essas coisas, agora há tantos meios de comunicação, tanta informação, e os jovens têm muito acesso a isso, e não tão jovens quanto eu, mas digamos que há muitos meios de comunicação para serem embebidos em variedades de como algo é compartilhado.

Da mesma forma, a inovação deve ser a espinha dorsal da produção de cafés especiais, que percorre todo o sistema, desde o cultivo até a comercialização. Este produtor destaca que:

JA (8) Todos os anos estamos inovando em processos, porque no momento em que você vira uma única linha fazendo a mesma coisa, você é mais da multidão. Você não vai se diferenciar, o que buscamos é nos diferenciar dos outros.

Para fornecer equipamentos ao microbeneficiário, são utilizadas todas as formas inovadoras possíveis, observa-se nas experiências que a atividade começa com os equipamentos básicos, e outros equipamentos são acrescentados dependendo das necessidades e possibilidades de compra da família. Aos poucos é possível fornecer os equipamentos necessários para o avanço da atividade. A este respeito, este produtor salienta que;

JLCA (9) O equipamento básico custou cerca de 4 milhões. Claro que nem tudo foi comprado, mas só foi comprada a máquina e foram feitos dois secadores, depois foi comprada a descascadora de café e depois conforme fomos crescendo compramos uma guardiola que é a máquina que usamos para secar café, e sempre mantemos o resto, mas fomos comprando máquinas ao longo do tempo, que já faz 18 anos.

Um produtor mencionou que adquiriu maquinaria em segunda mão e montou eles próprios as peças; já que a possibilidade de aquisição de maquinaria sofisticada é reduzida, pelos custos que isso implica. Entre as opções está comprar os grandes lucros que encerraram a atividade. A este respeito, este produtor salienta que;

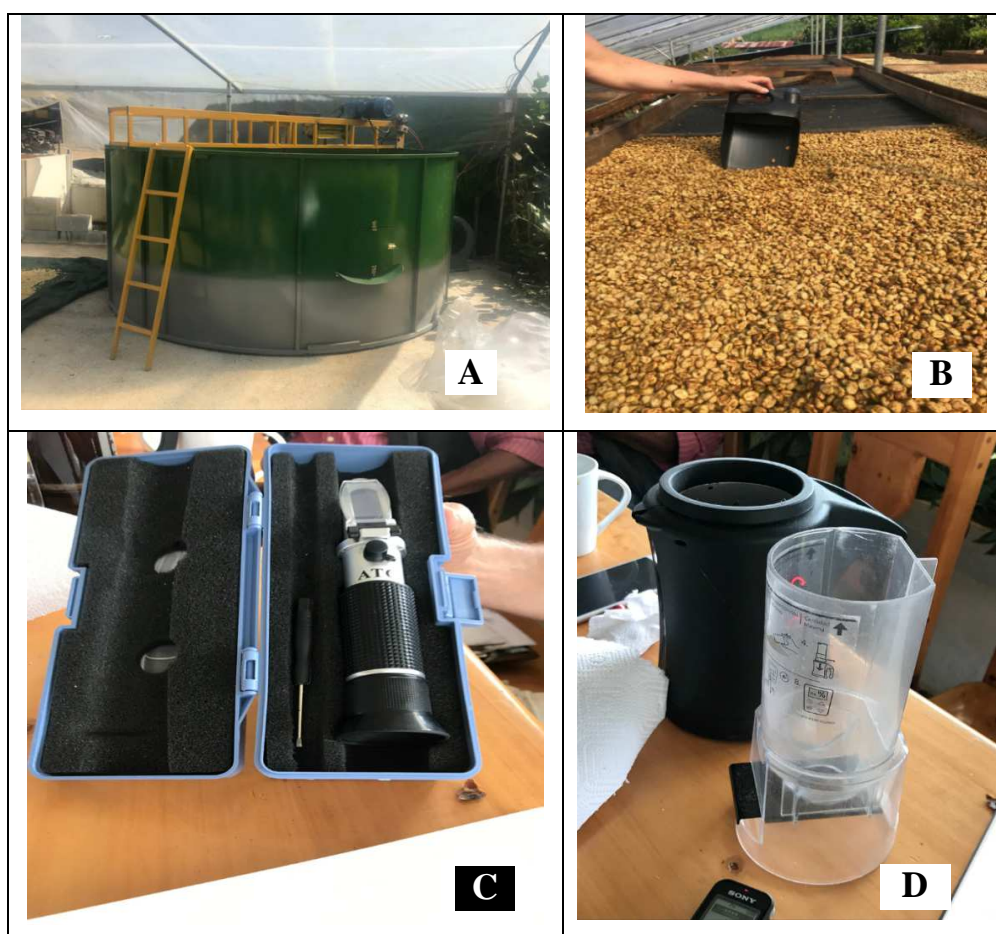
JLCA (9) As máquinas que compramos foram, honestamente, máquinas usadas ou usadas, nunca pudemos comprar uma máquina muito sofisticada. Acontece que as máquinas de café na Costa Rica são muito caras. Colombianos mais do que tudo. O que se faz agora é que, digamos, foi jogado fora agora é que um grande lucro está fechando, então às vezes o que se faz é que quando se ouve que tal lucro vai fechar e se ocupa uma máquina, se contata e negocia uma máquina, então ele conseguiu duas máquinas.

As opções de ter equipamentos e maquinários no microbenefício são gerenciadas a partir de possibilidades próprias. Na medida em que vêm crescendo e consolidando a produção de cafés especiais, o produtor e sua família dão passos em direção a investimentos mais fortes. Este produtor ressalta isso;

RAB (11) Compramos um britador pequeno, depois trocamos por um maior, aí vimos que os pátios não aguentavam, então compramos um Guardiola, bom compramos outro e agora tínhamos um descascador, já compramos um vibrador, aos poucos fomos comprando as máquinas.

Nesse sentido, Samper, M (2020), menciona que a territorialidade dos processos de inovação está relacionada às trocas entre o conhecimento tecnológico local e o conhecimento técnico-científico. Nesse sentido, as experiências na área estudada mostram como inovação e tecnologia andam de mãos dadas, com o espírito inovador do produtor e de sua família. A inclusão de ideias inovadoras faz parte da consolidação da produção de cafés especiais e do processo de aprendizagem em que estão inseridos para obter o melhor benefício em termos de qualidade e rendimento.

Figura 28. Inovação tecnológica como espinha dorsal na produção de cafés especiais. Microbenefício Buena Vista, Rivas Pérez Zeledón, 2022.



Legenda: A- Sistema de pré-secagem de café, artesanal, com princípios estáticos complexo. Colher BA para mexer café, feita de galão. C- Medidor de graus Brix. Sistema de teste D-Coffee.

Fonte: Próprio, 2022.

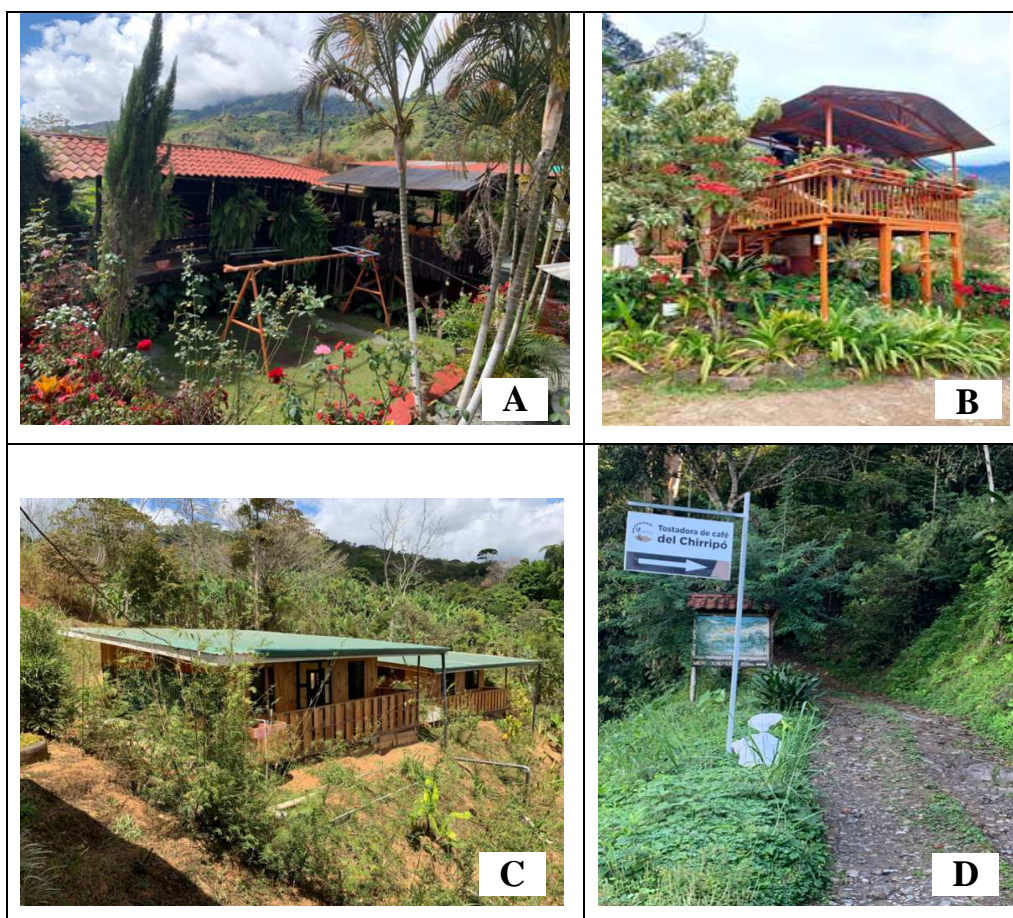
A tecnologia envolve a gestão de tecnologia simples, até o desenvolvimento e implementação de tecnologias mais elaboradas. Na figura 27, este produtor, com a ajuda de um familiar, criou um secador, com princípios estáticos complexos, com o objetivo de pré-secar o café, visto que os períodos chuvosos são cada vez mais intermitentes. Foram 10 meses para concluir seu projeto, que envolveu estudo e elaboração de cada uma das peças e movimentos, no final, uma satisfação em atingir seu objetivo. Essa tecnologia é complementada pelo uso de tecnologia simplificada para movimentar o café, também pensada no âmbito familiar. Essas tecnologias vêm acompanhadas de elementos desenvolvidos para facilitar as tarefas de monitoramento, como o medidor de umidade e os testes de solo, ambos de baixo custo, mas que facilitam as tarefas básicas no manejo do café.

3.3.2.4. Pluriatividade ligada ao microprocessamento de cafés especiais

A pluriatividade gerada a partir dos serviços vinculados ao microbeneficiário é uma estratégia que permite à família realizar outras atividades para complementar a renda recebida através do café. Encontramos no café que atividades complementares, como torra e moagem, complementam a renda familiar ao longo do ano. Um dos produtores entrevistados indicou ter detectado uma oportunidade de serviço, armazenamento de grãos; que, em conjunto com o serviço de torrefação, geram emprego e rendimento ao longo de todo o ano, empregando todos os membros da família a tempo parcial ou a tempo inteiro, o que demonstra a pluriatividade de grande importância no sustento da família.

Segundo Schneider, S (2009), nas regiões onde predomina a agricultura familiar e nas quais os mercados de trabalho não agrícolas são fracos, identificam-se a pluriatividade de base agrária e a produtividade agrícola, muito consistente com o que se observa na área de estudo. A pouca diversidade de atividades produtivas fora da exploração facilita a participação da família na diversidade de tarefas que a atividade implica.

Figura 29. O agroturismo como complemento à atividade principal do produção de café. 2022.



Legenda: A-Restaurante com criação de trutas em Buena Vista de Rivas, Pérez Zeledón.
 B- Hostel, Serviços de hospedagem em San Jerónimo de Rivas. C- Serviço de Cabanas-Hospedagem, em San Rafael Norte de San Isidro del General. Torrefadora de café D-Chirripó, distrito de Rivas.
 Fonte: Próprio, 2022.

Os empreendimentos ligados ao turismo tornaram-se uma opção complementar à geração de renda, e que permite à família revalorizar o café como produto histórico-cultural, por meio da educação dos visitantes, conforme exemplificado na figura 29. A instalação de pequenos albergues, com 2 ou 3 quartos, o observa-se a área de estudo, como atividade complementar, sem abandonar a atividade agrícola como elemento de espinha dorsal.

Figura 30. A Cafeteria como divulgadora da cultura cafeeira. Cafetería Granados, San Rafael Norte de Pérez Zeledón.



Fonte: Próprio, 2022.

Assim, este produtor exemplifica a importância da pluriatividade gerada a partir de microbenefícios e serviços associados:

JLCA (9) Há cinco anos ele iniciou a parte de torradeiras. A parte do torrador nasceu porque, quando tínhamos lucro, as pessoas vinham até nós para processar o café, torraramos, descascamos, tiramos o pergaminho e levaram para torrar em outro lugar; Então eu fiquei olhando um dia e falei que aqui tem uma peça que está vazando da escada, e comecei a procurar no mercado e vi uma maquininha, não de marca, mas uma maquininha que eu vi que funcionou eu, e já podia dizer ao produtor 'eu recebo o café de vocês, guardo no armazém, descasco e torro'. Graças a Deus as pessoas gostaram muito daquele conceito de trazer café cereja e moê-lo depois de 22 dias.

Os serviços de produção são diversos; desde a torrefação do café até o preparo de amostras para participação em concursos. Na área de estudo foram vistos pelo menos três produtores que complementam sua atividade principal de produção de cafés especiais com a venda de serviços para outros produtores. Isto permite-lhes sustentar a sua atividade cafeeira ao longo do ano, e gerar pluriatividade familiar, integrando a família nos vários processos que esta oferta de serviço oferece. Este produtor expressa como a venda do

serviço lhe permite implementar um processo de rastreabilidade para garantir que cada café processado corresponde a quem solicita o serviço de torrefação e armazenamento. A este respeito, ele destaca que;

JLCA (9) A forma como eu lido com eles é que eles me trazem um alqueire, um alqueire pode dar mais ou menos 34 quilos, então quando o café entra no salão eu dou um nome e um código porque o café não mexo isso com nenhum deles, o café de cada um vai separado. Então, quando eles me pedem café, quando o café está pronto, a gente conversa lá, se eles querem que eu torre tudo ou uma parte e o resto da parte fica no armazém com identificação para quando eles quiserem mais café de novo eu Pego de novo, descasco e asso, para que eles tomem café fresco.

O serviço de torrefação permite-nos gerar sinergias no território. Para consumo interno, existem diversas formas, quem tem marca registrada acessa o serviço de maquila. Para quem não tem marca registrada, vende o café já torrado para um tio, um irmão, um vizinho e aí se gera uma rede de possibilidades. Este produtor considera que a decisão de prestar o serviço de torrefação foi um sucesso; a clientela tem aumentado rapidamente à medida que aumenta o interesse em consumir café de maior qualidade.

Da mesma forma, a pluriatividade vinculada à oferta de serviços voltados ao turismo está implementada em pelo menos quatro das experiências visitadas; nomeadamente um deles oferece serviço de alojamento, restaurante-cafetaria e coffee tour; outra liga a sua atividade a um restaurante que funciona de sexta a domingo, faz intercâmbio com uma exploração de trutas e é muito visitado nestes dias; outra oferta de serviço de alojamento e caminhadas por trilhos nas zonas envolventes ao local do empreendimento, que complementa uma modalidade de turismo de natureza; e por fim oferece-se um serviço de hospedagem com alimentação familiar, no qual também explicam aos visitantes sobre o microbenefício e os diversos métodos de infusão e preparo do café. Uma das famílias mencionou que estão estruturando uma proposta de turismo, principalmente ligada ao coffee tour e caminhadas, reconhecem a diversidade de recursos que possuem; No entanto, têm tido reservas na sua implementação, visto que o trabalho que isso geraria é exigente e não têm intenção de desviar a atenção que têm dedicado à produção de cafés especiais.

Há um desenvolvimento do turismo ligado ao café; as famílias reconhecem a importância de ter uma componente turística na atividade, sobretudo porque estão rodeadas

de recursos naturais de flora e fauna, bem como de recursos culturais de grande importância, em áreas protegidas e em quintas privadas; bem como uma grande riqueza paisagística.

3.3.2.5. Especialização do trabalho familiar – integração de jovens e mulheres

Para a agricultura familiar, a especialização do trabalho familiar, a incorporação de jovens e a inovação derivada têm sido fundamentais para avançar em direção a mercados alternativos. Como aponta Mior, L (2003), um dos principais triunfos da agroindústria familiar é a redivisão interna do trabalho familiar rural. A organização das tarefas de acordo com a competência e satisfação de cada membro do grupo familiar no trabalho, nas diversas esferas de produção e transformação. Este fato transformou a contribuição de atividades como a produção de cafés especiais em espaços rurais. Isto fica evidente nas palavras expressas por este produtor ao mencionar isso;

PG (4) Meu pai era produtor, eu assumi o que meu pai fazia, melhorei e me tornei produtor, processador e comerciante. Agora você tem que se tornar não só o que eu sou, você tem que ser especialista, você tem que ir para a inovação, aliás neste momento existe a possibilidade desse ano eu deixar passar, você pode dizer que eu deixei passar, porque talvez eu tenha começado a negociar com Israel um pouco tarde, vamos agora entrar no mercado israelense, e acontece que ano que vem Israel quer toda a polpa de café que eu sei que processo separadamente, seca, e o curativo, para fazer o famoso chá.

São diversas as características que são reconhecidas na produção de cafés especiais; A família pode ser incentivada a ser uma pequena empresa familiar, sem ter que realizar qualquer outra atividade além do café. Além disso, é uma oportunidade para as crianças continuarem na atividade mais especializada e não terem que migrar para outros locais; não visto como um sacrifício, mas como um desafio e uma alternativa de empresa familiar.

Na produção de cafés especiais há uma identificação precisa dos processos de trabalho, portanto, quem atende os trabalhadores agrícolas, os processos de colheita, o controle de pragas e doenças e a entrada da colheita, reporta-se ao responsável pelo processamento da fruta. plantar. Este informa à família como a fruta vem da fazenda, qual o rendimento, qual o processamento que a matéria-prima deve passar e, por fim, o comercial é responsável por colher as amostras e atender clientes internacionais ou comerciantes locais para que a

conversa ser iniciado de acordo com a oferta que eles têm pelo imóvel. É um fluxo de trabalho distribuído e claro; todo mundo sabe o que fazer. A liderança está nos adultos, mas quem atende os visitantes internacionais é o mais jovem, que sabe bem o que significou o processo de transformação.

É clara a inserção da mulher no processo produtivo, com grande liderança na gestão de documentação e em processos que exigem maior capacidade de gestão e inter-relação nas ações comerciais. Percebe-se nas experiências que o trabalho sai do seu papel tradicional de cuidado exclusivo da família. Um exemplo é expresso por LMC (15) quando aponta que:

LMC (15) A vontade de trabalhar, sem descuidar da família, de trabalhar aqui em casa. Não quero ter que ir buscar o café, mas sim dar um valor agregado, me deu a oportunidade de contribuir, porque quando você vende o café já pronto, vai gerar trabalho e lucro. Para isso tive que fazer muitas mudanças, porque eu só me dedicava a fazer o trabalho aqui, lá mudei para pensar em trabalhar, treinar, aprender várias coisas, solicitar licenças já que eu cuidava de toda a papelada. Adapte-se a outras mudanças, horários, trabalhos.

As mulheres estão interessadas nos processos de formação e mostram vontade de participar em diversas iniciativas que lhes permitam progredir. Percebe-se nas experiências que as mulheres são mais pacientes com os procedimentos de autorização, portando a documentação de forma ordenada e sistemática.

Por sua vez, nesta nova fase da atividade dos cafés especiais, os jovens são os responsáveis pela inovação dos processos. Para os familiares mais velhos, assumir a papelada (documentação) é uma função que delegam aos mais novos; entre estes os relatórios, as políticas, a documentação para mostrar a rastreabilidade. A este respeito, este produtor menciona isso;

JA (8) Eu sou responsável pelo desenho dos processos do café, pela medição, minhas irmãs são responsáveis pela movimentação do café, minha irmã é responsável por toda a documentação, tudo por trás da rastreabilidade, os irmãos mais novos são responsáveis pelas o que é a secagem mecânica, colocar lenha no fogo, e juntos começamos o que é movimentar o café. São 5 irmãos, 4 que estão trabalhando no momento e o pequeno que tem 5 anos, e meu pai.

A integração dos jovens na comercialização do café é um elemento central; A inovação é implementada pelos membros mais novos da família, que normalmente complementam a formação acadêmica e o trabalho na exploração agrícola. A utilização das redes sociais para divulgar a atividade abriu possibilidades de inovação para os mais

jovens. Este produtor manifesta satisfação pela contribuição inovadora do filho para a atividade.

LC (1). Você vê que legal, Richard abriu uma página no Instagram, e o café já está nos EUA, no Polo Norte, escreveu um menino para nós. É muito emocionante.

Na transferência geracional e na integração da família nas diversas etapas envolvidas na produção dos cafés especiais, o pai de família se mostra como uma figura de autoridade e como chefe de família exerce forte liderança nas decisões, é ele quem supervisiona, motiva e promove toda a gestão para atingir o objetivo desejado. A parte financeira ainda fica a cargo do pai e da mãe, mas ainda existe uma linha de respeito entre o núcleo familiar rural.

Visualiza-se nas experiências, a relação direta entre formação e estudo e o conceito de trabalho aplicado. A este respeito, este produtor salienta que;

JRM (3) De alguma forma eu comecei isso, e agora eles estão acompanhando, estamos na parte de transferência geracional. Dei para outro filho uma parte que eu tinha daquela parte da montanha do outro lado, 10 quarteirões, estava vazio e ele plantou, está quase com tudo pronto. Ele está produzindo uns 150 alqueires agora, outra filha, eu tinha dado outro lote para ele aqui em cima e ele está produzindo 70 alqueires, ele já está começando a colher e dia, eles têm expectativa de continuar, e quem faz isso não é tão fácil.

A formação e especialização da família nas diferentes tarefas envolvidas na produção de cafés especiais e a diversidade de atividades a ela vinculadas é uma característica que se observa na área de estudo. A este respeito, este produtor destaca:

PG (4) Rebeca entrou no ensino médio, mas depois do terceiro ano não quis mais estudar, seu pai como punição a fez trabalhar na fazenda aos 13 anos. Ela não gostou porque não entendia direito do que se tratava. Aos 16 anos fez curso de barista e conseguiu entender a importância de saber sobre café, e foi lá que se apaixonou pela atividade. Esta jovem é responsável pela gestão do refeitório e de tudo relacionado ao serviço.

Desta forma, existe uma grande convicção de integração geracional ⁶⁶, conceito cunhado pelo Icafe ⁶⁷, que substitui o conceito de transferência geracional. Isso, como van

⁶⁶ Falar de mudança geracional significa afastar os mais velhos e dar destaque aos mais jovens. O conceito de integração geracional visa recuperar a experiência dos mais velhos para ser valorizada pelas novas gerações.

der aponta, Ploeg, (2009), é uma reconstituição de relações e elementos, antigos e novos, materiais e simbólicos. Está muito bem visualizada a necessidade de gerar alternativas para os jovens, com os quais vêm incorporando jovens produtores, e colaborando com processos, por exemplo, de torrefação na região. Este produtor menciona isso;

JMB (5) Acredito que a sustentabilidade está na questão da mudança geracional. Quero dizer, isso é parte do que tentamos trabalhar. Que as crianças possam ver na cafeicultura um jeito, um estilo de vida. Onde encontrarem um equilíbrio entre uma vida relativamente viável economicamente, talvez tudo não dependa do volume, existem produtores de 10 alqueires e de até 10 mil alqueires que vão depender muito disso. Mas digamos que eles encontrem um equilíbrio num estilo de vida saudável, digamos, porque trabalhar mentalmente numa fazenda de café e tudo isso é muito saudável, o que talvez não seja o mesmo que ir aglomerar gente no GAM⁶⁸, que eu acho que é já está muito cheio, muito saturado, ou seja, mais presas vão ser recarregadas ali e tudo mais. Se isso proporciona um bom estilo de vida a essas pessoas, também como eu digo, num equilíbrio de uma vida natural e saudável faz parte do que o café pode ajudar a equilibrar um pouco a distribuição de trabalho nesta região.

Menciona-se o critério de que, para as novas gerações, dedicar-se às diferentes fases da produção de cafés especiais é como mais um diploma universitário. Já quem se dedica ao café deve se especializar no que faz, fazer da melhor forma e diferenciar seu produto. Muitos empregos são gerados em torno do café, como degustadores, baristas etc. Esta especialização dependerá, como aponta Mior, L (2003), na agricultura familiar a organização das tarefas é realizada de acordo com as competências e satisfação de cada membro do grupo familiar.

Neste sentido, os jovens têm um espaço para a tomada de decisões e possibilidades de formação, conforme refletido no texto seguinte;

JA (8) Minha irmã e eu estamos estudando Administração de Empresas, na Latina em Pérez Zeledón. E os irmãos estão na escola. Eles têm aulas à noite, eu comecei primeiro, mas ela me passou. A carreira os complementa porque ele vai cursar Administração de Empresas com Ênfase em Marketing. Marilyn vai terminar Administração e validar disciplinas para cursar Contabilidade. Vou focar muito no que significa fazer clientes, e Marilyn é mais estrutural do que manter contas.

⁶⁷ Através de um acordo entre o MAG e o Icafé, está sendo proposta a política de *Inserção da Juventude na indústria cafeeira*, com a qual se espera que a integração geracional favoreça a manutenção da atividade no meio rural.

⁶⁸ Refere-se à Grande Região Metropolitana, localizada no centro do país.

Estou interessado em controle de qualidade e degustação, minha irmã Marilyn está interessada em barista.

Como se vê na narrativa desse jovem produtor, a formação e a formação profissional em uma área ligada à atividade produtiva conferem aos jovens um protagonismo na produção de cafés especiais. Não se trata de continuar reproduzindo padrões do passado, o que se busca é ter ferramentas de capacitação para enfrentar os desafios que o futuro dos cafés especiais representa. Em que cupping e barista são essenciais para o marketing; Da mesma forma, a possibilidade de que a formação em carreiras relacionadas à Administração e às diversas ênfases lhes proporcione as ferramentas necessárias para acessar diretamente o mercado internacional. Nas experiências analisadas, em que é clara a integração dos jovens, percebe-se um maior interesse em influenciar a cadeia de geração de valor, a partir de uma abordagem de especialização. (ver figura 31).

Figura 31. Jovens participando na geração de valor agregado. Torrefação e embalagem de café.2022.



Legenda: A- Jovem selando café para o mercado local. B-Jovem pesando café moído para o mercado local.

Fonte: O autor, 2022.

Uma questão que impede os jovens de atingir metas mais rapidamente é o alto custo dos cursos de formação em temas especializados, como ventosa ou barista. Este aspecto sendo valorizado pelos entrevistados como uma limitação para a especialização, optando por conhecimentos atualizados e contribuindo de melhor forma e com menores custos para a atividade na produção de cafés especiais.

3.3.3 A comercialização de cafés especiais para mercados alternativos

A comercialização de cafés especiais como contribuição à agricultura familiar torna-se uma estratégia alternativa à lacuna gerada pela globalização neoliberal que levou à agricultura em duas velocidades, como observa Kay, C. (2007). Processo em que a incorporação de grandes empresas na exportação de produtos não tradicionais tem sido exclusiva e desigual para a agricultura familiar.

Os sistemas agroalimentares tradicionais quebraram a ligação entre produção e consumo, entre produtor e consumidor. Schneider, S; Gazolla, M (2017), destacam que o modelo agroalimentar globalizado desenraizou os alimentos de uma base natural, deixando de lado a origem geográfica e a cultura alimentar. Estes sistemas apresentam-se como longas cadeias, em que a identidade do produto, a sua origem, desaparece, os alimentos perdem a ligação com a terra e o local onde são produzidos. A emergência de mercados alternativos representa um esforço para resistir a estes modelos padronizados.

Voltando à contribuição de Niederle, P.; Schubert, M; Schneider, S (2014); as empresas transnacionais controlam as cadeias globais de mercadorias; enquanto a agricultura familiar está diretamente ligada a mercados alternativos relacionados ao nível local, e baseados em nichos ou especificidades no nível regional e global. Estas estão enraizadas e fazem uma ligação direta com o território, localidades, tradições, origem, natureza, sendo características essenciais para aceder a mercados alternativos. A autonomia dos produtores é colocada como elemento central nas decisões de marketing. van der Ploeg, J. D (1992), identifica que essa inserção dos produtores na comercialização fortalece a base interna da produção e suas estratégias de reprodução.

Estes mercados alternativos têm surgido como uma oportunidade em nichos de especialidade e em mercados de proximidade para novos produtos com maior valor acrescentado. Produtos tradicionais como o café são reintroduzidos como produtos artesanais, com valorização dos seus aspectos éticos e de sustentabilidade. Nessa condição surgem redes sociais, tendo como característica central os laços de proximidade entre atores de um território ou localidade. Da mesma forma, existe uma inter-relação entre redes verticais e horizontais em diferentes níveis espaciais, desde conexões entre familiares e amigos, até interconexões com atores globais.

Nos mercados alternativos para a agricultura familiar, surgem novas valorizações que destacam o interesse coletivo, a equidade e a solidariedade. Os produtos enraizados num contexto espacial e em tradições socioculturais específicas baseiam-se em relações de confiança e conhecimento mútuo entre produtor e consumidor. São mais facilmente identificados em relações de proximidade, ligadas ao nível local e regional; mas também ocorrem em relações alargadas, a nível global, que se distinguem por outros elementos ligados ao território como selos, marcas e certificações, como as que caracterizam a produção de cafés especiais.

Da mesma forma, Wilkinson, J. (2003), referindo-se a circuitos alternativos em cadeias produtivas mais tradicionais como a do café, aponta que estes adotam valores sociais como critério de qualidade. O artesanato e a produção em pequena escala tornam-se elementos para competir em nichos especializados e de maior qualidade. De acordo com a tipologia de mercados proposta por Wilkinson, J (2010) e retomada por Schneider, S (2014), os cafés especiais estão inseridos num mercado essencialmente de especialidades de nicho, que discrimina pelo grau de associação com a localidade e tradição. Para a agricultura familiar, os nichos de mercado constituem estratégias de diferenciação nas quais são valorizados aspectos sociais, ambientais e territoriais, o que permite o acesso a alternativas mais viáveis e um posicionamento em mercados alternativos.

A pequena escala, como aponta Lima, N; Froehlich, J (2014), é visto como uma vantagem estratégica, dada a sua associação com a tradição, a natureza, o artesanal e o local; diante de um novo mercado consumidor, que prioriza esses valores. No âmbito espacial, esse reconhecimento ultrapassa a fronteira geográfica e reúne diferentes culturas,

como ocorre com a comercialização de cafés especiais. Nesse sentido, as cadeias curtas de comercialização, para Niederle, P (2006), surgem como formas de interação entre produção e consumo, entre produtor e consumidor, mediadas por acordos, arranjos e contratos; em que se resgata a origem e a identidade dos produtos, com atribuições relacionadas a valores, princípios e significados sociais, simbólicos, culturais, éticos e ambientais.

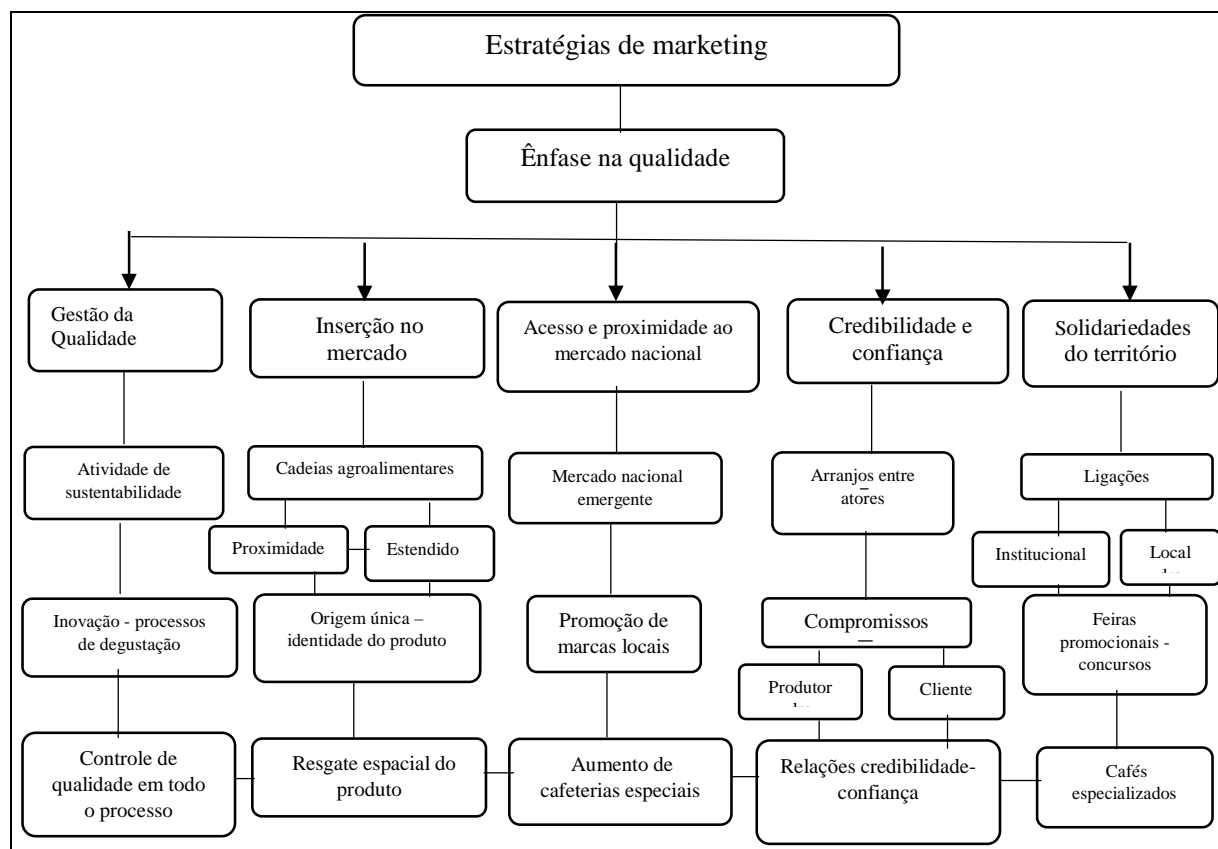
Em cadeias curtas de comercialização segundo Renting, H; Marsden, T; e Banks, J (2017), Schneider, S; e Gazolla, M (2017), são identificados três tipos: a) presencial, b) proximidade espacial e c) cadeias espacialmente estendidas. Estes últimos são os que prevalecem na comercialização de cafés especiais; embora os dois tipos anteriores adquiram relevância no mercado local e regional face a um mercado emergente. A este respeito, Canet, G; Soto, C, (2017), menciona que “El mayor dinamismo del consumo mundial de café en los últimos años ha provenido de los países exportadores y de los mercados emergentes. Los impulsores clave de este crecimiento han sido mayores ingresos, aumento de la clase media, tendencias hacia productos de mayor calidad y el establecimiento de una “cultura de café”, la cual antes no existía o era débil”. (CANET, G; SOTO, C, (2017, p.81).

Desta forma, as cadeias curtas de comercialização surgem como contrapeso aos mercados convencionais e aos consumidores que preferem o consumo de alimentos com identidade, diretamente relacionados com a localização e territorialização dos alimentos; além disso, outros atributos como orgânicos, fresco, natural, que estão sendo revalorizados diante de uma agroindústria alimentar insustentável.

Foram identificadas como estratégias promovidas pela agricultura familiar e relacionadas à comercialização de cafés especiais em mercados alternativos na região cafeeira de Pérez Zeledón; para). A gestão da qualidade como elemento transversal na comercialização do café, b). Inserção no mercado internacional através de nichos de especialidade, c). Acesso ao mercado nacional e aos mercados locais como nichos de especialidade emergentes, d). Credibilidade, confiança e acordo entre os atores (contratos de venda), e). As solidariedades do território: feiras e eventos promocionais. A seguir, cada uma destas estratégias será mencionada, com o apoio da informação recolhida através do

trabalho de campo, entrevistas com produtores, atores-chave e revisão da literatura. A Figura 32 esquetiza as informações desta seção.

Figura 32. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. A produção de cafés especiais – estratégias produtivas da agricultura familiar na comercialização. 2023.



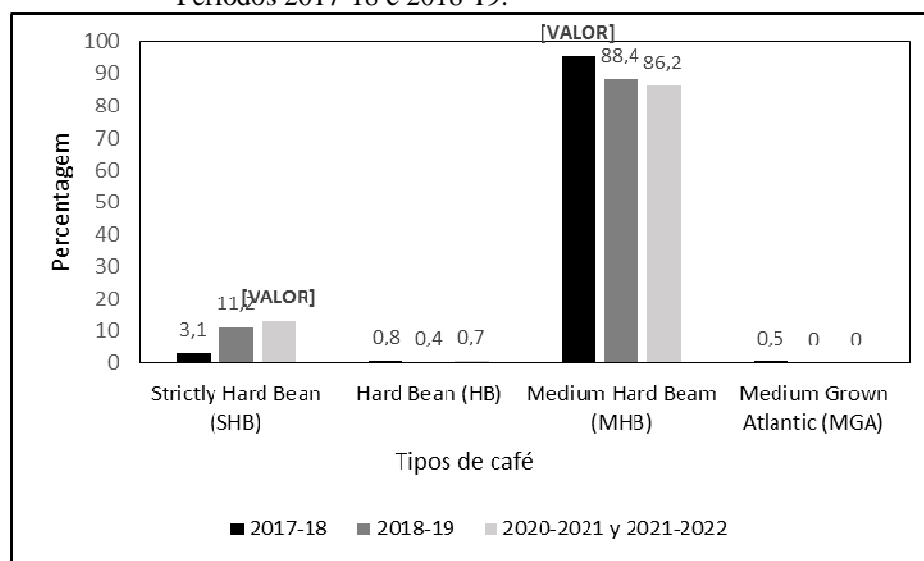
Fonte: O autor (2023).

3.3.3.1. A qualidade como elemento transversal na comercialização de cafés especiais

A qualidade do café é uma cadeia que vai desde o cultivo, seleção da variedade, gestão da fazenda até a implementação de boas práticas agrícolas e processos de processamento. Como pode ser visto no gráfico 17, a região cafeeira de Pérez Zeledón melhorou as condições de qualidade no cultivo do café nos últimos anos. Os cafés da mais alta qualidade do mercado internacional *estritamente duro*, aumentaram sua participação na

produção, passando de 3,1% para 13,2% em um período de cinco anos. Este reconhecimento se dá pela inserção e interesse dos produtores em aumentar a qualidade do seu produto e testar mercados exigentes. (ver gráfico 17).

Gráfico 17. Costa Rica. Venda de café verde (ouro) por tipos. Períodos 2017-18 e 2018-19.



Fonte: Icafé (2022). Elaborado por Quirós, 2023.

Os preços do café produzido de forma sustentável são mais elevados do que os do café produzido convencionalmente, para o qual existem poucas restrições aos fatores de produção químicos. Contudo, existem custos adicionais em termos de publicidade, mão-de-obra adicional, processamento e certificação, e os rendimentos são inferiores aos do café produzido convencionalmente. (Sick, Deborah, 2015, p.198).

De acordo com as entrevistas realizadas, para se obter qualidade em primeiro lugar é preciso dar uma boa assistência à fazenda, fase esta considerada essencial pelos produtores. A variedade cultivada, que contribui em aspectos como; resistência a pragas e doenças, como tolerância à ferrugem. Pois não se pode competir em qualidade se não utilizar as variedades adequadas. Em segundo lugar, que este café tenha uma boa qualidade

de xícara ⁶⁹, e isso depende das condições agroecológicas e das variedades que são cultivadas. E a terceira coisa são os processos; procure um bom processo, registre-o corretamente, continue duplicando-o até aperfeiçoá-lo; experimentando ano após ano, e em pequenas quantidades, até atingir o nível desejado em termos de qualidade.

Quadro 19. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Definição de qualidade a partir dos atores da agricultura familiar.

Produtor	Definição pelos produtores
LC (1)	<i>Defino qualidade no micro benefício como a parte sustentável para poder continuar nisso. Se não tivermos qualidade vamos ter que competir com quantidade e não temos quantidade para sermos sustentáveis nesse ramo. Então temos que ser muito pontuais com qualidade. Na verdade, desde o primeiro e segundo ano, quando o que fazíamos era lavar o café, todos esses processos são novos, buscando um pouco mais de qualidade na nota final da xícara. E além disso, é também o que o cliente procura. Atualmente, os cafés lavados são muito procurados para blends ou para um nicho de mercado estabelecido. Mas os novos mercados estão exigindo fermentações, estão exigindo cafés anaeróbios, naturais, é isso que procuram. Então, você não pode ficar aí.</i>
GP (4)	<i>O conceito de qualidade como qualidade integral, produção amiga do ambiente, que já temos, processos seguros e amigos do ambiente, que já temos, e qualidade dos produtos para convencer os mercados mais exigentes com preços que só eles sabem cobrar.</i>
JMB (5)	<i>Em primeiro lugar, ter um bom produto da planta, porque obviamente se temos plantações esgotadas, ou doentes com ferrugem ou doenças fúngicas. Então o café, como qualquer fruta, passa pelo plantio, pela colheita e pelo processo que deve ser dado a ele na planta. E aí isso é muito subjetivo, está muito sujeito ao gosto, ou seja, tem gente que gosta de café mais amargo então está procurando um tipo de café. Mas digamos um café de excelência, de qualidade, tudo isso tem muito a ver, o tratamento na fazenda, o tratamento na usina, a altura e a maturação.</i>
JÁ (8)	<i>O conceito de qualidade que temos é dar o melhor que temos, trabalhá-los bem, únicos, sem afetar o café, existem muitas variáveis que podem afetar o café, mas pode-se tentar controlá-las ou encontrar uma forma de controlar eles. Nunca trabalhamos de forma convencional então pode ser um pouco difícil para mim saber como é, apenas uma especialidade. Portanto, não tivemos que passar do convencional para o especializado. Como trabalhamos apenas em uma especialidade, há uma abordagem diferente. Qualidade é cuidar muito bem do solo, usar os métodos de colheita, os processos que temos implementado, que haja relação entre os microrganismos e o café.</i>
JLCA (9)	<i>No geral a qualidade é madura, não tem problema, também não somos muito rígidos, mas tentamos melhorar um pouco isso. São cafés sem verniz dos antigos, falamos de café caturra, catuai, estamos plantando obata que são variedades novas que o café trouxe, mas temos tentado manter as variedades antigas.</i>
FBS (10)	<i>A qualidade ocorre a partir do momento em que o arbusto é plantado, a partir do momento em que é trabalhado. Ou seja, não é só você trabalhar um bom café, digamos assim, uma geisha, é a manutenção, como você trabalha, ou seja, você não está usando herbicidas, você mantém chapias puras. O cuidado que você dá com o café desde o momento em que ele é processado, como ele é guardado na área do palete, depois na hora de colocá-lo no chão, como qual manutenção, ou seja, qual a insistência que você tem.</i>
RAB (11)	<i>Eu diria que qualidade é um conjunto de coisas, certo? É algo que tem que ser bom, que as pessoas aceitem, que você saiba de onde vem e que saiba que é um produto que não agride o meio ambiente.</i>

Fonte: O autor (2023).

⁶⁹ A qualidade da xícara é definida pelo aroma, acidez, corpo, sabor etc.

A qualidade pode considerar diversas definições; A Quadro 19 mostra algumas contribuições através das entrevistas realizadas; em que se faz referência à qualidade na sua relação com a sustentabilidade da atividade cafeeira, dos processos, da sua inovação e da preferência dos clientes.

Os elementos-chave são destacados nas definições; qualidade vista como possibilidade de continuidade na atividade, e articulada nas suas três vertentes: nas variedades que contribuem para a sustentabilidade, nos processos, que são diversos e inovadores, e que têm em conta os gostos do cliente. A qualidade valorizada do produto e do meio ambiente; que envolve o tratamento da cultura e do processo. Resgata-se a diversidade de qualidade que pode ocorrer, e em geral a qualidade controla todo o processo para obtenção de cafés especiais. Como apontam Viales, R e Mora, A, (2010), a qualidade deve ser entendida como uma construção sócio-histórica que se transforma no espaço e no tempo. Deve ser analisado com base em uma série de variáveis para compreendê-lo de forma abrangente. Montiel, Enrique (2020) acrescenta que o café costarriquenho se diferencia pelo profundo nível de especialização, pela qualidade e pela estratégia do Estado para posicionar o café no mundo, além das características de produção, tanto geográficas e físicas, quanto sociais e culturais.

Nesse sentido, Villamil, M (2017), destaca que a trajetória de diferenciação e raízes dependem dos dispositivos de valoração, fazem sentido quando as qualidades são valorizadas pelos consumidores. Uma dimensão que este autor aponta é a relação com os produtores, a ênfase na qualidade, onde os produtores encontram estratégias para capturar o valor do terroir ou processo de produção; em que a avaliação dos atributos geográficos e de outros atributos ambientais e naturais é central. As condições naturais e as tradições culturais são dispositivos essenciais para definir a qualidade de um produto. Nos cafés especiais, o posicionamento da agricultura familiar permite referenciar uma trajetória de produção e processamento de café, para comercializá-lo em mercados alternativos.

No processo de processamento do café, a degustação é um elemento fundamental para a verificação da qualidade; com o qual acessar mercados selecionados e gostos diversificados. Para chegar a esta fase o produtor deve conhecer e melhorar a qualidade do seu café; Cupping se torna o guia do produtor para melhorar a qualidade. As amostras de

degustação permitem ao produtor medir a qualidade do café com padrões internacionais, portanto, cafés com pontuação superior a 85 são cafés de boa qualidade. (ver figura 33).

Figura 33. Área de degustação – verificação de qualidade. San Pablo, distrito de La Amistad, Pérez Zeledón.



Legenda: A- Café jovem – B-Sistema de degustação de café.

Fonte: Próprio, 2022.

A este respeito Canet, G; Soto, C, (2017), aponta que;

No comércio de “cafés especiais” é reconhecido o Coffee Cupping Protocol publicado pela SCAA em setembro de 2003. Este protocolo estabelece o procedimento aplicável para realizar a análise organoléptica do café desde sua condição de café ouro (*café verde*) até então passar pelas etapas torra, moagem e preparo da infusão e definição dos parâmetros olfativos e gustativos da bebida cafeeira passíveis de qualificação para cafés de qualidade especial.” (CANET, G; SOTO, C, (2017, p.95).

Ter formação em degustação é importante para identificar as condições de qualidade do café; este produtor ressalta isso;

SC-AC (2) Fiz um curso de ventosa em Santa María de Dota, não sou certificado porque obter a certificação tem um custo bastante alto, pelo menos eu entendo o que temos, o que produzimos, para poder me defender em algum ponto, não vai ser que me digam, não, não é que esse café não tenha um gosto tão bom, mas se você não tiver o conhecimento, provavelmente terá que dizer não, mas o café é ruim, mesmo que eu faça tudo, ou que falte mais. Mas se você tem conhecimento do que produz, entende a qualidade que tem, as variedades e os processos que faz com isso já é suficiente. Porque acho que custa cerca de 3 mil dólares para obter a certificação.

Como se pode verificar no texto, este produtor, apesar de não ser certificado, possui os conhecimentos básicos para compreender o processo de degustação, e perceber se o seu café atinge a qualidade para ser classificado como café especial. Nesse sentido, para provar a qualidade do café, o produtor envia as amostras de café ao exportador e, em acordo com o mercado consumidor, este estabelece a opção de compra. Na área de estudo, embora os produtores vendam para uma empresa exportadora, as cadeias agroalimentares curtas segundo Schneider, S e Gazolla, M (2017), como novas formas de interação entre produção e consumo, entre o produtor e o consumidor, muitos intermediários são evitados. Este produtor destaca a este respeito:

LC (1) A gente manda as amostras para eles (comerciante-exportador), e numa mesa de degustação, quando os compradores chegam, eles dão uma amostra do café daqui. Então é uma coisa legal porque aí o cliente fala, bom, gostei do café Cerro Buena Vista, quero ir ver a família, quero ir ver a fazenda, quero ir ver o microbenefício; aí eles vêm aqui e começam a lidar com nós mesmos. É através do exportador, mas sim de uma relação entre o cliente e nós (produtor). O exportador é o Exclusive Coffee, eles estabelecem o vínculo, mas depois eles (produtor) continuam o relacionamento. É legal porque um desses clientes não está só procurando o nosso café, está procurando sabores e perfis diferentes, o que não foi vendido para o cliente XX, outro cliente chega e compra também.

Segundo a opinião dos produtores, a degustação é algo tanto de ciência quanto de prática; diz-se que o café tem 80 sabores e notas diferentes. Se a pessoa começar com essas notas, cheirando essas essências, ao tomar o café ela vai senti-las. Com a degustação você aprende, porque no começo tudo tem o mesmo sabor, depois você começa a sentir as características e vivenciar as mudanças.

Para degustação são colhidas amostras dos diferentes lotes; entre fermentado, natural, mel ou anaeróbico, para ter uma mesa de degustação diversificada. Porque se a

mesa só tiver lavagens ou só mel, no final serão todos iguais. Uma mesa de degustação torna-se interessante quando existe essa variedade.

JMB (5) O controle de qualidade torna-se obrigatório, não só na degustação, mas também na rastreabilidade desde o momento em que o café é recebido nos recipientes, que são separados em diferentes qualidades de acordo com as alturas e de acordo com as áreas.

Existem diversas considerações que o produtor deve levar em conta ao realizar a degustação; amostras de café não podem ser colhidas muito frescas; recomenda-se que descanse pelo menos um mês após ser colocado na cave. Para que o café fique uniforme, bem seco e absorva os odores, descasque-o e leve-o à mesa de degustação. A partir daí, os exportadores retiram a amostra que enviam para diversos clientes; esses clientes finais aprovam ou desaprovam a amostra. Se aprovarem a amostra, negociam o preço ali mesmo.

As degustações acontecem durante todo o ano; porém, os melhores meses de venda de café para os produtores da área de estudo são entre fevereiro e Março, no máximo Abril, para conseguirem colocar o café e contactar um cliente final. Como os compradores finais ou torrefadores não compram apenas café da Costa Rica, eles compram muitas origens; Brasil, Guatemala, Honduras, Etiópia ou outros países. Então, por exemplo, a degustação na Costa Rica tem uma data, o Brasil tem outra data. Se essa data passar, mesmo que você tome um bom café, pode ser que os clientes não procurem mais um café da Costa Rica, mas sim um café do Brasil. Portanto, os produtores devem aproveitar o período indicado para negociar seu café, condição que nas entrevistas mostrou uma ótima gestão desse período e das condições em que a negociação deve ocorrer. Normalmente, um membro do grupo familiar se dedica a negociar com o cliente. Como diz este produtor;

FBS (10), quando a degustação for enviada, agora temos que começar a enviar as amostras. Então, na Exclusive Coffees eles já fazem a degustação e já nos dão a pontuação, qual é o sentido? E a partir daí é feito o contrato para ver como é pago. Mas depois de um certo ponto, ou seja, depois de 84, cada alqueire ou cada quintal sobe uns 20 dólares. Então, se foi retirado não é mais 84, mas 88, já são 80 dólares a mais por quintal. Acima de 86 já é uma boa pontuação, chegou a 88-89, ainda não é 90.

Nesse sentido, segundo Luna-González, A et al. (2018), as degustações tornam-se o mecanismo pelo qual os produtores mostram a qualidade do seu café e o colocam no

mercado dependendo da pontuação obtida. Alguns produtores e suas famílias têm interesse em aprender sobre a degustação do café e aprendem na prática. Contudo, uma das dificuldades que enfrentam é que a formação para obter uma certificação é cara; por isso, devem recorrer a provadores especializados, que os assessoram na comercialização do café. Quanto à pontuação do café, relaciona-se com o preço a ser obtido dependendo da qualidade e da pontuação final:

SC-AC (2) Então, essa é uma escala de intensidade que vai até 10. O café que mais foi dado chegou a 96. Os provadores não encontraram um café de 100. Então, um café que já tem 85 pontos já é um café que você vende bem, mas a partir daí se você aumentar para 88 pontos, já é um café que pode aumentar 200 dólares em relação a 85. Se você for 85 naturais, você vende ou nós vendemos por 500 dólares, 88 naturalmente, você pode vender por 700. Esses dois pontos de diferença rendem quase 100 dólares por quintal. E se você colocar 90 em 89 aí, é um café que vale 1.000 dólares por quintal. Mas de toda essa vinícola, nós aqui em 89 temos cerca de 25%. Nem todos os lotes, por isso todos os lotes são degustados para saber a pontuação da degustação. A partir daí você coloca todos os 89 de um lado, todos os 87 de um lado, os 85 vão para um lado.

Conforme apontado por Luna-González, A et al. (2018), para a Costa Rica a qualidade da xícara independe de certificações. Coerente com esta afirmação, na área de estudo observou-se que os produtores não possuem certificações, visto que grande parte trabalha individualmente, e conforme apontado pelo Instituto Inter Americano, (2015), a maior parte das certificações são gerenciadas em grupo, por causa de quão caro é individualmente. Quem detém as certificações são os comercializadores, obrigados a comercializar o café nos países de destino.

JA (8) Os selos ambientais não têm importância na comercialização. Desde que não haja presença de produtos químicos no café durante a degustação. No momento em que há presença de produtos químicos ou o café é levado para ser medido em uma máquina especial, se houver presença de algum produto químico, o café tem que ficar no país, não pode sair.

Adicionado ao tópico, Segundo Faure, G, et al; (2014), as estratégias comerciais dos cafés especiais e do mercado de alto padrão, a busca pela estabilidade junto aos clientes, pouco interesse em certificações (exceto a demanda dos clientes). (FAURE, G, et al; 2014, 65). Esses autores destacam que há uma busca pela diversificação e estabilidade de clientes com determinados clientes. A fama do seu café garante-lhes mercados e a certificação é

vista por alguns como uma limitação adicional. O elemento determinante das estratégias é a capacidade de produzir café de qualidade ou não.

Na área de estudo não são implementados certificados que impliquem pagamentos extras aos produtores. Observa-se em diversas experiências que os produtores fazem parte do programa Bandeira Azul Ecológica, na categoria Mudanças Climáticas – Mitigação, voltado para fazendas agrícolas e pecuárias. Este programa dá ao produtor a possibilidade de incluir alguns elementos de gestão ambiental na exploração, medindo parâmetros como qualidade da água para uso agrícola, gestão e conservação do solo, utilização e gestão de pesticidas e antibióticos, aspectos de projeção sócio-empresarial, eliminação final resíduos e líquidos e gestão ambiental. Isto permite ao produtor rever estas condições na sua exploração. Duas das experiências visitadas enquadram-se no projeto NAMA CAFÉ, que visa contribuir para a mitigação dos gases com efeito de estufa no setor agrícola.

3.3.3.2. Inserção no mercado internacional através de nichos de especialidade

Os cafés especiais permitiram que a agricultura familiar entrasse no mercado internacional como um nicho de especialidade. Esses cafés de origem única e de qualidade superior são comercializados no mercado internacional. Sonnino, R; Marsden, T (2017), apontam que uma característica dos setores agroalimentares alternativos é que o conhecimento variável do consumidor sobre o local, a produção e o produto e as condições espaciais de produção ocorrem nas relações com os consumidores; desde compras presenciais até compras remotas. Ao contrário dos setores agroalimentares convencionais, onde há ausência de referência espacial do produto, falta de incentivo para conhecer a origem do alimento, e o consumidor recebe um produto sem localidade.

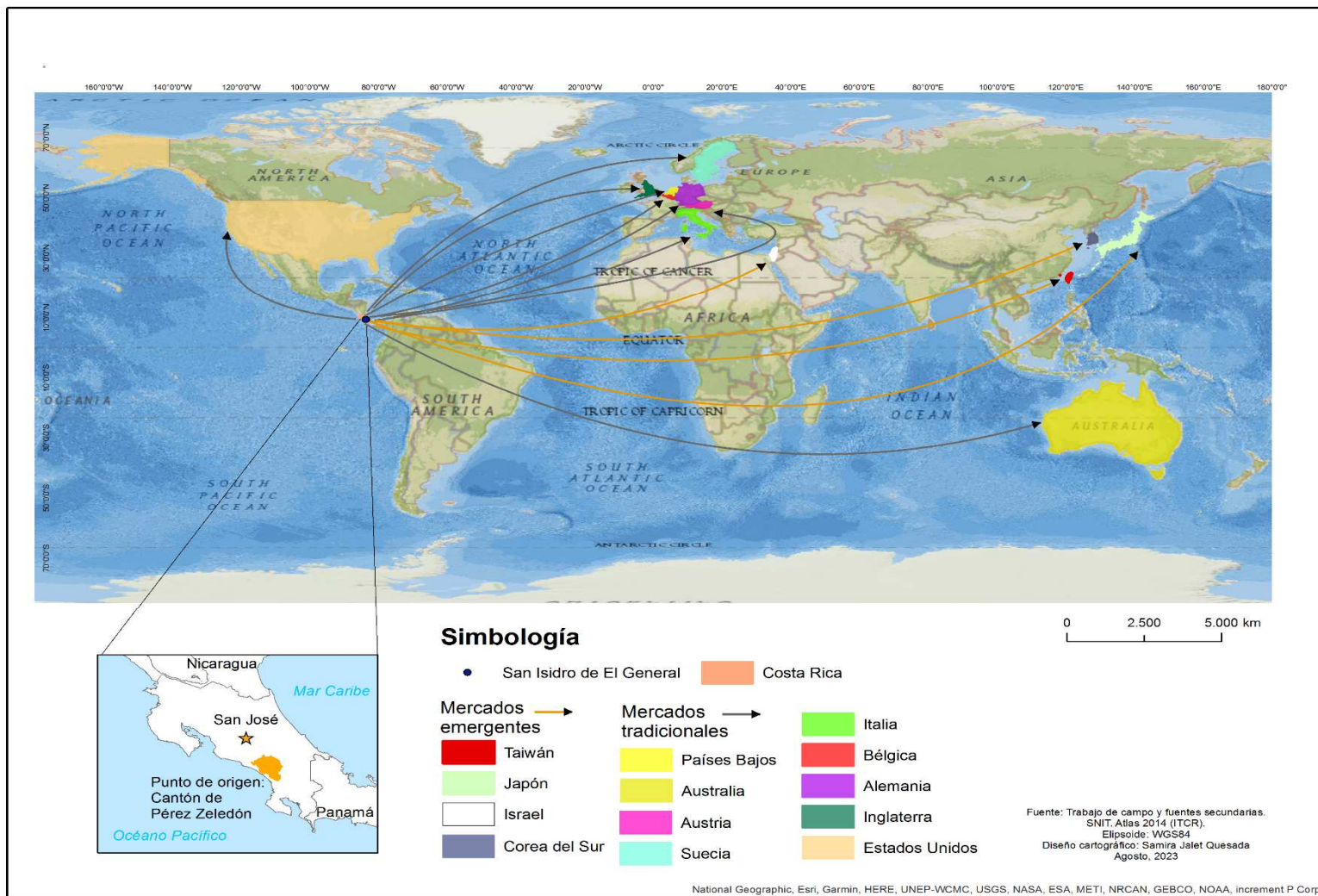
O mecanismo de cadeias curtas de abastecimento agroalimentar surge como novas formas de participação da agricultura familiar na comercialização de cafés especiais, sob novas formas de interação entre produção e consumo, fortalecendo relações horizontais com outras cadeias de valor. Como Schneider, S aponta; e Gazolla, M (2017), por meio do resgate da origem e identidade do produto, referindo-se a valores sociais, princípios e

significados simbólicos, culturais, éticos e ambientais. Das cadeias curtas resgata-se a contribuição da geografia, a interação entre espaço e atividade econômica.

O Mapa 5 mostra as ligações da região cafeeira com o mercado cafeeiro internacional. Tanto para mercados tradicionais como Estados Unidos, países europeus Alemanha, Bélgica, Itália, Suécia, Áustria, Austrália e Holanda, como também para mercados emergentes; como Israel e os países asiáticos Japão, Coreia do Sul, Taiwan. Cada um desses mercados apresenta preferência por diferentes tipos de processos.

Dentre as empresas comercializadoras e exportadoras que possuem vínculos com a área de estudo, encontram-se grandes empresas com vínculos internacionais, pertencentes a consórcios internacionais, como a CECA SA, que faz parte da Neumann kaffee. Gruppe, Orlich – Cafinter SA, que é apoiado pela ECOM Agroindustrial Corp., empresa suíça, e Exclusive Coffees. Outras empresas de marketing local-regional que geraram vínculos e redes territoriais como; Coopeagri RL, uma cooperativa de grande importância na região, Cafetalera AQUIARES, Selva Specialty Coffee, Café Orgánico Alianza Madre Tierra, Marespi, 100 libras SA e Cafetalera Orígenes, que ligaram a região à esfera global.

Mapa 5. Costa Rica Região cafeeira de Pérez Zeledón. Link com o mercado cafeeiro internacional.



Fonte: O Autor, 2023. Baseado em trabalho de campo e fontes secundárias SNIT, ICAFE, Atlas ITCR (2014), desenho cartográfico Samira Jalet Quesada.

A quadro 20 inclui os comerciantes de café que têm vínculos com a região cafeeira. Mostra-se como são estes que possuem certificações para aceder ao mercado internacional, dado o volume que exportam e as exigências dos mercados finais. Dentro das certificações estão registrados: Certificação Rainforest Alliance, Comércio Justo, Essential Costa Rica, FSSC 22000, USDA Organic, NAMA Café, UTZ, 4C, Nespresso e SMS.

A escala da comercialização do café permite que as empresas tenham acesso a ela, tanto local como internacionalmente. Em outras empresas de marketing, como a Selva Speciality Coffee, o controle de qualidade é realizado por meio de laboratórios próprios de degustação localizados na Costa Rica. A Exclusive Coffees utiliza o sistema Q Graders para controlar a qualidade do café.

Os comerciantes nacionais e locais conseguiram influenciar o mercado internacional. A informação recolhida mostra que das 11 empresas de comercialização que intervêm na região cafeeira de Pérez Zeledón, 7 delas são nacionais. Que passam a competir com empresas de marketing global que tradicionalmente intervêm no marketing como a Orlich – Cafinter SA; CECA SA

A comercializadora *Exclusive Coffees* tem o mérito de ter sido a primeira a divulgar a qualidade do café produzido na região, sob o nome de Microrregião Chirripó, comprando e comercializando café de produtores da região. No entanto, o número de comerciantes de cafés especiais aumentou, inclusive locais, como Marespi e Coopeagri. Esta última é uma cooperativa de grande prestígio na região, dedicada à atividade desde 1962. Atualmente possui uma linha de comercialização de cafés especiais; nas entrevistas ficou evidente que os produtores possuem confiança e lealdade para com a cooperativa.

Tabela 20. Costa Rica. Empresas de comercialização de café vinculadas aos microbenefícios da região cafeeira de Pérez Zeledón. 2023. (continuação)

Nome da empresa	Ligações	Certificações	Âmbito		Características de ligação com a cafeicultura	Comercialização
			Nacional	Internac.		
Cafés Exclusivos	Vale Central Tarrazú Vale Oriental Chirripó-Brunca	Q Graders		x	Seu lema “Café com identificar” Desenvolver relacionamentos diretamente entre torrefadores-importadores e produtores de café boutique. Desenvolvem workshops em nível nacional, criando capacitação cafeeira rumo à excelência em cada processo; para compartilhar e entregar cafés excepcionais de todo o mundo.	A nível mundial
Cooperagri RL	Os produtores de café associados constituem 64% do total do cantão de Pérez Zeledón e 12% do total dos produtores da Costa Rica. Possui 140 salas.	2004: Comércio Justo 2016: Essencial na Costa Rica 2017: FSSC 22000	x		A Cooperativa nasceu em 1962: para comercializar café, foi incorporada a cana-de-açúcar e outros serviços (supermercados, armazém de abastecimento, loja de ferragens e materiais, Servicentro, Imobiliária, Agri Store. É uma cooperativa diversificada. No café vende Café Chirripó Gourmet, Café Del Valle Expreso (Gourmet) Café del Valle Puro, Café Del Valle Tradicional e Café Los Gemelos Projeto: Coopeagri 100 libras.	Europa, Estados Unidos, Israel e países asiáticos,
Café Especial Selva	Parceiros importadores/corretores em todo o mundo.	Controle de qualidade através de nosso próprio laboratório de degustação na Costa Rica.	x		A missão é enriquecer a venda e compra de café para torrefadores, produtores e importadores.	Parceiros importadores/corretores em todo o mundo.
Aliança de Café Orgânico Mãe Terra		Feira comercial USDA Orgânico	x		É cultivado à sombra, é um café 100% arábica. É cultivado de forma totalmente orgânica junto com uma variedade de árvores frutíferas.	Itália, Inglaterra e Estados Unidos, Chile – Israel
MARESPI	Começou como um Microbenefício, cresceu e adquiriu cafés especiais regionalmente.	CAFÉ NAMA	x		Selecionar lotes para comercializar como cafés especiais para produtores da região, Rivas, San Jerónimo, Pejibaye, Páramo. Eles realizam degustações diárias e prestam esse serviço aos produtores.	Estados Unidos, Itália, Alemanha e Europa em geral. Novos mercados Ásia (Japão, Coreia).
CECA SA	A CECA processa e exporta café verde de alta qualidade de todas as regiões da Costa Rica para indústrias de cafés especiais.	Rainforest Alliance, UTZ, 4C, Nespresso e SMS.		x	A CECA processa e exporta café verde de alta qualidade de todas as regiões da Costa Rica. Foi fundada em 1950 e adquirida em 1988 pela Neumann kaffee Grupo. Compre café verde diretamente dos produtores, processe o café e exporte	Estados Unidos, Canadá, Europa e Japão.

Nome da empresa	Ligações	Certificações	Âmbito		Características de ligação com a cafeicultura	Comercialização
Orlich-Cafinter SA	ECOM Agroindustrial Corp., empresa suíça que representa um dos maiores comerciantes e processadores de café do mundo.	Rainforest Alliance, UTZ, 4C, Nespresso e SMS.		x	Es un grupo cafetalero, integrado por dos compañías: FJ Orlich & Hnos. Ltda. y Cafetalera Internacional Cafinter SA El grupo cuenta desde 1992 con el respaldo de ECOM Agroindustrial Corp., una compañía suiza que representa una de las mayores comercializadoras y beneficiadoras de café do mundo.	Suíça e de lá para outros países europeus
100 libras SA & Cafetalera Orígenes	100 libras Costa Rica Cafés Especiales atendem famílias das regiões de Brunca, Tarrazú, Vale Central e Vale Occidental, Turrialba.		x		Fundada em 6 de setembro de 2015. Conhecem o produtor, trabalham com ele e os orientam para apresentar o melhor café aos clientes de todo o mundo. Qualidade para os clientes e tratamento justo e transparente para os produtores é o seu principal objetivo.	Clientes em todo o mundo
Café Vivo	-	Feira comercial		x	Este café especial de comércio justo é fabricado em colaboração com a torrefadora de Milwaukee, Valentine Coffee Co. Os grãos são de origem única e cuidadosamente torrados em pequenos lotes. Importa café principalmente da Guatemala. Notas frutadas de mamão e acidez cítrica de laranja terminam com um elegante corpo de chocolate caramelado.	Inglaterra
Cafetalera Aquieres SA	Localizada em Turrialba, apoia produtores de toda a Costa Rica	Certificação Rainforest Alliance CAFÉ NAMA	x		É uma empresa Carbono Neutro. Recentemente foi incluído no programa NAMA do Café da Costa Rica (Nacional apropriado Mitigação Ação). É um modelo de sustentabilidade ecológica e responsabilidade social.	Europa, Estados Unidos e Japão
J&B Café Internacional	-	-		x	A empresa, como um todo, acredita em parceria sustentável. O relacionamento entre produtores, comerciantes e exportadores, preocupado com a melhoria contínua do relacionamento próximo relacionado às compras e ao transporte.	Ásia, Europa e América do Norte.

Fonte: Sites das empresas de marketing ⁷⁰(2023). Adaptado por Quirós, 2023.

⁷⁰Disponível em: <http://exclusivecoffee.com/> , <https://www.coopeagri.co.cr/> , <http://www.selvacoffee.com/> , <https://www.facebook.com/cafeorganicomadretierra/> , <https://www.facebook.com/marespicr/> , <https://www.ceca.co.cr/> , <https://www.bpmesoamerica.org/>

O preço médio unitário das vendas de café para exportação correspondente à safra 2021-2022 foi de US\$ 260,19/46 kg (preço em riels), aumentando em US\$ 56,72/46 kg (27,9%) em relação à safra anterior (US\$ 203,47/46 kg) e sendo o maior preço histórico. Uma proporção cada vez maior de café da Costa Rica obtém preços superiores aos preços registados nos mercados bolsistas internacionais; através da participação de cafés especiais (First Parchment, Chorro Europeo, *Strictly Hard Bean*).

As experiências da agricultura familiar têm permitido a inserção neste tipo de mercados internacionais, conforme descrito pelo produtor, salientando que;

SC-AC (2) Internacionalmente vendemos no Japão, Coreia do Sul, Taiwan, Suécia, Áustria, Austrália, Holanda. Todos os anos, praticamente os compradores casam-se com o produtor. Digamos que você venha conhecer minha fazenda, eu vou te mostrar tudo, vou te fazer um tour, normalmente eles gostam que você conte a história de como começamos, se foi assim desde o primeiro dia ou não, aí você conta um pouco a história para eles, aí a degustação é feita no dia seguinte, a gente vai fazer uma degustação, e eles compram naquele primeiro ano, podem comprar 30 ou 40 quintais de você, e se gostaram do café, seus clientes gostaram, a história O que se conta é contado na cafeteria, e aí se o café tem muito movimento, aí no ano seguinte eles vêm e compram 50 ou 60 ou 80 quintais, aí aumenta, e ano após ano eles estão perguntando.

A vantagem de ter um microbenefício é que o cliente pergunta ao produtor que tipo de processo deseja e ele é preparado conforme o cliente solicita. Em outras grandes usinas isso não é possível devido aos volumes que são processados. Eles coletam café de diversos produtores, com diferentes variedades de café. Nesse sentido, Lima, N; Froehlich, J (2014), mencionam que a pequena escala torna-se uma vantagem estratégica, devido à sua ligação direta com a tradição, a natureza, o artesanal e o local, características que o consumidor valoriza.

A este respeito, um produtor salienta que:

LC (1) Também pelo que te expliquei sobre os lotes, se você é um cliente que quer comprar de mim, e me diz que eu quero mel, então só posso fazer mel para você. Você não pode ir à Coopeagri e dizer não, só quero mel. Além do mais, a Coopeagri não faz mel, não pode. Ou você me diz que eu quero que você me venda um café na Villa Sarchí querida, e eu dividi o lote só na Villa Sarchí, ou você me diz, eu fico com o tradicional Catuai, me dá só Catuai, eu posso fazer tudo isso No entanto, as grandes empresas não conseguem fazer isso.

Os compradores são as empresas que comercializam e vendem cafés especiais internacionalmente. Essas empresas que vendem ou comercializam cafés especiais buscam uma pontuação de degustação superior a 84. De acordo com a Specialty Coffee Association of America (SCAA), pontuações superiores a 80 são consideradas de alta qualidade física e sensorial. Segundo a opinião dos produtores, os compradores visitam os empreendimentos e se apaixonam pela atividade, visualizando um grande potencial. Este produtor diz isso;

PG (4) Eles se apaixonam tanto que começam a se projetar e falam que querem se desenvolver e que eu tenho que supri-los, e eles começam a fazer um monte de projeções malucas, eu digo, até conseguirem com medo, um fala ah, mas aí eu sou muito corajoso, sempre foi muito corajoso, eu não encolho, tem que ser muito, e quando eu vejo alguma coisa que é muito, muito séria, eu pulo na água e eu vejo que estou vendo feio, dia aí eu procuro alianças, e começo a pedir cordas para me segurar, porque eu não deixo passar, e aí é claro que eles se apaixonaram pelo projeto, eles viram que tinha um grande potencial, e agora estamos negociando os primeiros 300 kg que vão para Israel, a um preço 8 dólares mais caro que o café que vendo na Alemanha, e isso porque lhes vendi um pacote de café dá uma edição especial que eu tinha, e quando me perguntaram o preço que eu dei, eu disse, caramba, que o café vale tanto.

A qualidade passa a ser a espinha dorsal dos cafés especiais para o mercado internacional, onde cada perfil se ajusta ao comprador. Dependendo da preferência do cliente, se prefere cafés com maior acidez, outros preferem sabores frutados, achocolatados; então você tem que agrupar e diferenciar. Este produtor ressalta isso;

JMB (5) Tudo é café de altíssima qualidade, tomamos muito cuidado em receber café de boa qualidade e cada perfil cabe em um comprador, digamos assim, não era como antes quando todo o café ia em volume, no bag então o que fazemos é, como qualquer outro produto, quer falemos de cervejas ou de vinhos, é por regiões, é por sabores, é por processos, é isso que tentamos fazer aqui. Digamos que na realidade tem gente que gosta mais de acidez, tem gente que gosta mais de frutas cítricas, corpo, chocolate, todos esses sabores, o que você tem que saber é identificar e colocar em grupos diferentes, e de repente de lado um lado do mundo gosta de um tipo e o outro lado do mundo gosta de outro. A mesma coisa acontece quando alguém vai beber vinho, vinho de determinada região.

A diversificação também ocorre nos processos e formas de exportação do café. PG (4) ressalta que inicialmente exportou café dourado por muitos anos, mas depois de vários anos começou a torrar café e enviá-lo para os Estados Unidos e Chile; esta opção ainda é incipiente. A este respeito, Icafe (2022) aponta que: O mercado de exportação de café na Costa Rica é quase exclusivamente um mercado de matérias-primas, uma vez que mais de

99 por cento das nossas exportações de café consistem em produtos com baixo nível de valor acrescentado do ponto industrial. de vista: “Café não torrado e não descafeinado”. (ICAFE, 2022, p.29). Poder ter café torrado no mercado é uma aspiração que alguns produtores levantaram, porém, os esforços institucionais realizados não são suficientes para atingir esse objetivo.

Pelas entrevistas realizadas no Distrito de Rivas, uma família exporta café diretamente para o mercado internacional -Chirripó Rivense-. Infelizmente a entrevista não se realizou, a marcação foi concedida três vezes, contudo, por motivos diversos não foi possível. Com base nas histórias obtidas por meio de outros produtores, esta Microbenefício foi a primeira a se estabelecer na região cafeeira em 2003. Durante muitos anos comprou café dos produtores da região, mas com o tempo, eles se tornaram independentes e localizou outras empresas de marketing. Este projeto foi divulgado por Mithieux, Nicolas, na revista “La Coutellerie” Caffeine Costa Rica, viagem ai pays du café” (2020), revista canadense que descreve a magnificência do projeto. Destacando que toda a família participa da vida da plantação; na época da colheita, trabalham até quinze horas seguidas, cada um cuidando de tarefas específicas. O café está localizado entre 1300 e 2000 metros de altitude, é transportado de encostas de difícil acesso e levado para o processo de secagem, momento em que todos os espaços disponíveis são utilizados para este processo; para dar-lhes processos naturais e mel.

A Universidade Nacional, por meio do projeto de extensão de pesquisa, trabalha na criação de uma plataforma eletrônica para contribuir com a comercialização direta dos produtores no mercado internacional; e desta forma conseguir um melhor desempenho da atividade, fortalecendo a cadeia curta de comercialização. Mata, Francisco; Hernández, Irene (2019), estão trabalhando no desenho de uma plataforma eletrônica para a venda de café torrado através do comércio eletrônico, para mitigar o paradoxo de que, apesar do aumento da demanda por café, os preços que os produtores recebem são cada vez mais baixos. Isto requer o estabelecimento de uma ligação direta entre o produtor e o consumidor. Esta opção é vista no curto e médio prazo.

Entre os produtores entrevistados, alguns consideram que em breve estarão preparados para explorar esta fase, especialmente aquelas famílias em que os membros mais jovens se

prepararam academicamente e possuem ferramentas como um segundo idioma e conhecimentos de engenharia, administração e contabilidade. Há um grande otimismo entre este grupo de que é muito provável que a inserção direta no mercado internacional seja alcançada no futuro.

Nas entrevistas realizadas foi interessante ouvir histórias indicando que durante a pandemia eles se reinventaram, vendendo café online. A abertura de páginas *web* permitiu-lhes dar-se a conhecer e explorar uma ferramenta de mercado para muitos desconhecidos. Os membros mais novos da família até carregaram os perfis em inglês, o que mostra o grande esforço que os produtores fazem para manter a sua atividade e chegar a outros mercados com café de alta qualidade. (ver figura 34).

A figura a seguir mostra a visita de um representante de uma empresa de comercialização, da conversão com o produtor, que explica sobre o café que possui atualmente, as variedades, os processos e os detalhes que considera necessários. A partir daí o feirante decide adquirir esse café.

Figura 34. Visita de marketing para negociação de compra de cafés especiais. Microbenefício Cerro Buena Vista, 2023.



Fonte: Próprio, 2023.

Os compradores de café marcam um encontro com o produtor e chegam à fazenda. Em alguns casos são acompanhados pelo representante internacional, que às vezes é o comerciante local que faz o trabalho de tradução. O que aproxima o comprador da família e do território onde o café é produzido; foi apontado em repetidas entrevistas que este é um momento muito especial para a família, tendo em vista que a avaliação feita deste encontro representa confiança, aproximação e valorização do produto.

3.3.3.3. Acesso ao mercado nacional e ao mercado local

O mercado nacional e os mercados locais tornam-se uma opção de comercialização do café, que por diversos motivos não pode ser posicionado como café especial no mercado internacional, principalmente quando não atinge qualidade de xícara. Os compradores nacionais não procuram cafés especiais, microlotes, mas sim comprar café para torrar e para consumo nacional.

O Icafé regulou 2% da colheita para consumo nacional; geralmente é de qualidade inferior. Das colheitas é exportado o café que tem condição de ser exportado como café especial; para o mercado nacional resta o café de qualidade inferior, os grãos menores, quebrados ou com alguns defeitos. O costarriquenho médio pode não ter experimentado café de alta qualidade. Este é um dos principais problemas na colocação do café de qualidade no mercado nacional, e um aspecto que precisa ser modificado para expandir o mercado local, a nível local e regional.

Para abastecer o mercado nacional e principalmente o mercado local, os produtores registram uma ou várias marcas de café. Que são colocados como Renting, aponta H; Marsden, T; e Banks, J (2017), ao abrigo de mecanismos de cadeia curta de abastecimento alimentar, como presencial, através de lojas, feiras de agricultores, entre outros, e cadeias curtas de proximidade, como lojas, supermercados, restaurantes, locais turísticos, etc. Mesmo um produtor que não tem marca registada referiu que vende a pessoas de passagem,

com uma empresa de turismo e através do mecanismo de boca-a-boca que tem permitido que se tornem conhecidos.

Na região cafeeira de Pérez Zeledón, muitas famílias possuem sua própria marca de café, conforme mostra o quadro 21; algumas marcas de café registradas por microbenefícios e que vão diretamente ao consumidor nacional, seja ele local ou regional. O simbolismo cultural-familiar é expresso nas marcas de café que os produtores oferecem localmente; relacionado aos avós fundadores, parentes próximos, personagens que denotam apoio, colaboração.

Quadro 21. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Marcas de café cadastradas na área de estudo.

Marca registrada	Microbenefício	Localização
Kaly Café	Monte Buena Vista	Boa vista de Rivas.
Zabdi	Ibanu Cedros	Cidade Nova de Rivas
Café, Don Senel	São Gerônimo	São Jerônimo de São Pedro
Café Zaddy	Zaddy Café Microbenefício	São Jerônimo de São Pedro
Café Pagua	Pagar	Pejibaye
Mãe Terra Café Granados	Microbenefício La Piedra	San Rafael Norte, San Isidro
Pioneira FM Colina Dourada Montanhas Douradas	Marespi	San Pablo, distrito de La Amistad
Café Salitre	Microbenefício Coração de Jesus	Boa vista de Rivas.
Café Abuelo Talí	Microbenefício La Orquídea –	San Martín de Rivas
Café FAVALO	Fazenda Favalo e café	Los Ángeles de Páramo
Café Boa Vista	Família Alvarado Leiva	Palmital de Rivas
Café Los Jilgueros	Coopecedral	Cedral de Cajón
Café Vivencias	Montanhas Verdes	Los Ángeles de Páramo

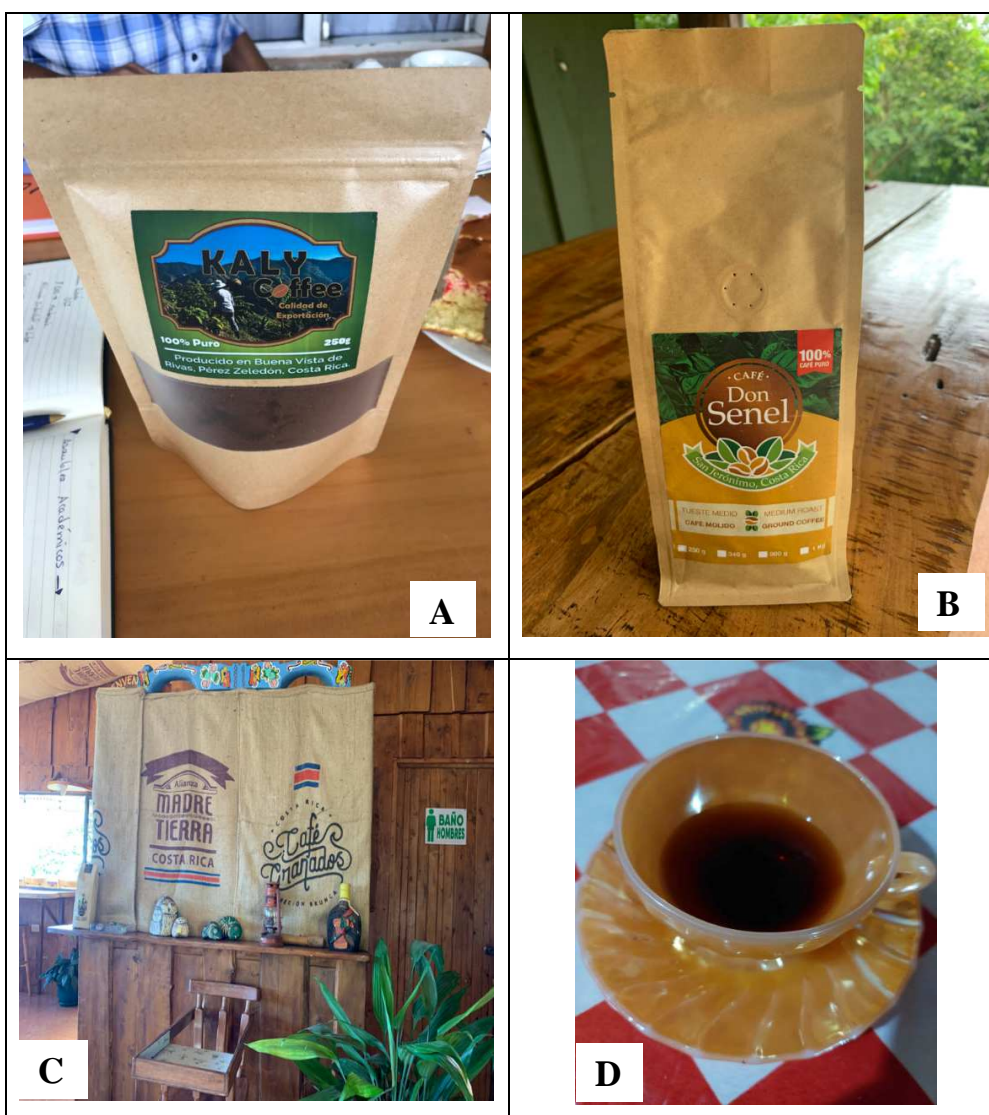
Fonte: O autor (2023).

Uma das principais limitações que os produtores apontam para colocar café de qualidade no mercado nacional refere-se aos hábitos de consumo de café dos costarriquenhos. O consumidor nacional está acostumado a tomar café escuro, a torra é uma limitação para poder vendê-lo; quando o consumidor vê o café, ele diz: “esse café é fraco,

não é forte”. As torrefadoras misturam e torram o café com açúcar para obter aquela cor mais escura. Um nível de mistura de até 30% é aceito. (ver figura 34).

Alguns exemplos de marcas de café oferecidas para consumo local são mostrados na figura 35.

Figura 35. Marcas de café para consumo de especialidades locais.



Legenda: A-Coffee Kaly, produzido pela Buena Vista microbenefício. B-Café Don Senel, produzido por Don Senel microbenefício. C-Duas marcas de café; Mãe Terra e Café Granados, Produzido pela microbenefício La Piedra. D- Xícara tradicional para tomar café Casas da Costa Rica. Fonte: Próprio, 2022.

Incentivar o consumo de café de boa qualidade é um dos principais desafios do produtor. Na área de estudo foram observados produtores que selecionam café de alta qualidade para consumo e venda nacional e local, o mesmo que será exportado; com o objetivo de que os costarriquenhos aprendam a tomar um bom café. Este produtor expressa que muitos cafés de qualidade inferior são aqueles vendidos a torrefadores e que os costarriquenhos são consumidores finais, mas que, em última análise, é uma opção de mercado para este tipo de café. A este respeito, este produtor diz:

JMB (5) Para vender para torrefadores, o que chamamos de consumo nacional, que são cafés inferiores, existem diferentes tipos de cafés inferiores, por exemplo, tem um que chamamos de gallillo, isso é besteira falando assim e as pessoas consomem porque que é torrado, misturam com açúcar e é o que faz muito sucesso. E também lidamos com essa indústria porque não posso desprezá-la porque obviamente o que faríamos com isso se não fosse processado, teríamos que jogar fora e jogar fora. Digamos que é isso que fazemos como consumo local, vendemos para 1820, café Rey, café Dorado.

Essa história do produtor é relevante, visto que, entre as marcas mais comercializadas e consumidas no país, estão as mencionadas no parágrafo anterior. A dificuldade de vender café no mercado local e de vender café de qualidade superior também está relacionada ao fato de ser preciso competir com os chamados cafés “puros”, o que não significa que sejam de primeira qualidade, ou cafés de qualidade para exportação. Quando o produtor sai para colocar o café numa loja de conveniência ou numa “pulería”, ele tem o problema do preço; isto é regido pelo preço do café de qualidade inferior. Este produtor ressalta isso;

JA (8) Temos uma marca pequena, mas custa porque na Costa Rica não existe cultura especializada, então quando eu te dou um café de 250 gramas, eu te falo que esse café vale dez mil colones, você me deixa pular e ele vai dizer não. Mas se você tem uma cultura de especialidade, vai me dizer que conhece o trabalho que está por trás disso tudo, daquele pacote de café.

As cafeterias especiais estão passando por um boom maior, mas os próprios produtores e donos de cafeterias precisam estar atentos para implementar esse tipo de café; ainda há pouco que é colocado. Os cafés especiais de San Isidro são pouco conhecidos, a nível regional-local a cultura do “*peseteño*”⁷¹ é uma cultura ou tradição de beber um café escuro

⁷¹Regionalismo para nomear as pessoas que vivem em Pérez Zeledón.

muito queimado; que inclui cafés que não são de boa qualidade, café verde, chaspartias, borcas, cafés com muitos defeitos. Esses cafés são queimados, misturados com açúcar para disfarçar o gosto ruim. Geralmente as pessoas baseiam suas compras no preço; com o que você compra um pacote de café de boa qualidade, você compra dois de qualidade comercial.

Apesar desta característica do consumidor local, em San Isidro ⁷²existem quatro cafeterias especializadas, *Verde Pradera*, *Cafeteria Granados*, *Café del Sol (Marespi)*, *Dos Ruedas (Palmares-Mall Monte General)*. Os entrevistados também apontaram uma cafeteria localizada na região central do país “Kawua”, que é abastecida com café produzido na região. O proprietário é natural do cantão de Pérez Zeledón, pelo que o sentimento de pertença e identidade contribui para dar valor e reconhecimento ao café produzido na zona. É de esperar que no futuro a nova oferta de cafeterias absorva parte deste café especial que é comercializado conforme refere Renting, H; Marsden, T; e Banks, J (2017), como cadeias curtas de marketing.

Coerente com o exposto, conforme estudo realizado pelo Centro Internacional de Política Econômica para o Desenvolvimento Sustentável (CINPE) da Universidade Nacional (2023); A evolução e diversificação da indústria é acompanhada por uma mudança nas cadeias de marketing e, entre os consumidores, ocorrem mudanças nas preferências e na diversidade das marcas de café no mercado. De acordo com este estudo, dez marcas preferidas pelos consumidores 1820 (19%), Britt (11%), Dota (11%) e Leyenda (7%), outras marcas Volio, Naranja, Quetzal (Dota), Tarrazú, Gourmet e Montaña recebem de 1,45% a 5%. Eles compram em supermercados, minimercados, mercearias, fornecedores e feiras. Em geral, há reconhecimento e preferência pelo café costarricense, levando em consideração sabor, aroma, qualidade, marca, preço, região, pureza, torra e produção ecologicamente correta. Estes dados fornecidos pelo CINPE mostram que as marcas produzidas na região cafeeira não fazem parte desta oferta preferida pelos consumidores nacionais.

⁷²Principal centro urbano regional.

Portanto, colocar cafés especiais no mercado nacional é um grande desafio. Para divulgar o café, e fazer clientes de um café acabado ou torrado, os clientes são as pessoas que visitam a microbenefício, se aproximam da família e interagem com ela e reconhecem a contribuição social da agricultura como suporte à agricultura familiar. O cliente vê a fruta, como ela é colhida, os processos e tem uma ideia do café que está tomando. Muitas pessoas subestimam a qualidade porque não conhecem o trabalho envolvido, para avaliar se o preço do café está alto ou não. Observa-se um consumo mais amplo, especialmente entre os jovens, sob diferentes formas de partilha; jovens que gostam de ir tomar um café, degustando cafés especiais.

Alguns produtores entrevistados afirmaram que estão tomando ações para que essa visão de consumo de café mude, e que cada vez mais pessoas estejam interessadas e dispostas a pagar o diferencial de preço por um café de qualidade; como promover visitas à microbenefício, realizar feiras de café e participar de atividades promocionais locais, regionais e nacionais.

As cafeterias sob o conceito de “especialização” tornaram-se um mecanismo para conscientizar as pessoas sobre a importância de consumir um bom café. Em alguns casos, estes fazem parte de um projeto de turismo alternativo mais amplo. Oferecer café de boa qualidade aos clientes torna-se o prelúdio para motivar as pessoas a um processo de aprendizagem nas formas de preparo e desenvolver o gosto por um café de qualidade. O aspecto de aprendizagem é essencial em cafeterias especializadas. A este respeito, um produtor nos disse o seguinte:

PG (4) Um dia chegou um homem e disse a ele que tomava café por tradição, então papai começou a explicar para ele sobre café e isso o deixou convencido, ele é um homem que vem sempre e papai tem variedades de café, tem 8 variedades, ele tentou variar, para os métodos de infusão usa-se gueixa, mel vermelho, catuai vermelho, papai começou a explicar para ele e ele experimentou o café, ele traz os amigos e explica aos amigos as diferenças do cafés, então que hesitação Com uma conversa ele viu mais adiante. Eu quero que seja como uma fonte aqui, você poderia dizer, como na parte acadêmica mas a outra parte didática, como um dia um pai disse para uma menina, o pai já tinha vindo várias vezes, o pai trouxe a filha, e disse a ela, você não vem aqui para tomar café, você vem aqui para fazer mais do que apenas tomar café, você vem aprender sobre café. É isso que queremos promover, queremos que isso seja uma mais-valia, uma identidade, para as pessoas dizerem, se vamos tomar um café lá, mas aprendemos alguma coisa, então não é fácil, não é fácil porque vem diante de situações um pouco complexas verdade, tanto no funcionamento da cafeteria, não é tão fácil assim, não tenho medo do desafio, o que tem que ter é paciência e esperar que as coisas aconteçam aos poucos.

O mercado nacional tem vindo a crescer, especialmente devido ao conceito de biológico, posicionado perto de pontos turísticos, na área de estudo de Jacó, Uvita e Dominical, onde se desenvolvem fortes mercados; de café, banana e doces. Toda semana é enviado, as pessoas retiram em casa, ou na feira. Como Aluguel, H; Marsden, T; e Banks, J (2017), estes fazem parte dos diferentes mecanismos de expansão das cadeias curtas de abastecimento alimentar, diferenciadas no tempo e no espaço. Mecanismos presenciais e cadeias fechadas são frequentes; que priorizam vendas em lojas, feiras agrícolas, parcelamentos, varejistas, eventos especiais, entre outros. Um produtor destaca a esse respeito;

JLCA (9) As pessoas estão aprendendo a tomar café, não bebem mais aquelas marcas baratas, já aprenderam a tomar um bom café. Antes era mais difícil porque antes não tinha torrefadora, talvez se quisessem tomar o café da fazenda, torravam na panela, era até mal processado e por isso o café tinha um gosto muito feio porque era muito mal processado. Agora, aquela torradeira é assim, as pessoas já sabem que ela traz café e vai ter melhor qualidade. Digo que esses cafés não estão no mercado porque são extremamente bons para os supermercados.

Outro mercado local que tem vindo a desenvolver, nas zonas turísticas, restaurantes em hotéis de luxo, perto de áreas protegidas, que são visitados por turistas que conhecem e identificam a qualidade. A este respeito, este produtor destaca:

RAB (11) Tenho vários restaurantes, tem gente aqui no hotel El Urán, perto do Parque Nacional Chirripó. E tem um cara que tem um restaurante em Playa Matapalo que também está comprando.

Os mercados alternativos nacionais, regionais e locais têm-se aberto gradualmente; espera-se que esta tendência continue nos próximos anos. O consumo de café de qualidade dependerá da divulgação e divulgação de informações sobre a importância do apoio aos esforços de pequena escala, e nas mãos da agricultura familiar; orientada para a produção de café de origem territorial, com identidade, artesanal e apegada à tradição.

3.3.3.4. Credibilidade e confiança: acordos entre os atores

A diferenciação entre produtos homogêneos e commoditizados, comercializados por meio de cadeias tradicionais de comercialização, com relação às cadeias curtas, como aponta Villamil, M (2017), no caso de relações estendidas no tempo e no espaço, que são consumidas fora da região, em outra parte do mundo; É a reputação entre os atores envolvidos, para que a convenção de qualidade tenha credibilidade junto aos consumidores ela deve ser baseada em informações sobre os produtores, a região e os métodos de produção. Da mesma forma, Niederle, P; Da Silva, F (2017); indicam como mecanismos de diferenciação baseados em estratégias territorializadas, ancoradas em ativos com forte especificidade territorial.

Relações de confiança permeiam todo o esquema de marketing; conforme expresso por este produtor externo e agente de marketing:

RA (marketeiro) “Então nós como agentes econômicos e agentes de transferência que vem de fora, o primeiro que a gente se refere é o menino, a menina, o adolescente ou pré-adolescente, ou aquele que acabou de voltar da universidade, a gente empodera ele e nós informamos, e depois vamos para o acima, e estabelecemos uma relação de confiança baseada em um espaço que eles conhecem. Onde construímos essa relação de confiança? Na fazenda”.

A credibilidade e a confiança tornam-se elementos fundamentais para o marketing do café. Os produtores expressam maior confiança nos compradores, consideram-nos honestos. Porém, manifestam dúvidas sobre a empresa comercializadora e o exportador. Quando o cliente não fala espanhol, quem faz a tradução é o representante do comerciante, e ficam as dúvidas se realmente há transparência nas informações, é ponto de dúvida, por exemplo, quando falam em inglês, mandarim ou outras línguas. Quando o comprador fala espanhol, a comunicação é mais eficaz. Nesse sentido, dependem dos exportadores que facilitam a comunicação entre o comprador e o produtor de café; mas como eles expressam, você deve confiar.

A ampla reforma da Lei 2.762, lei sobre o regime de relações entre produtores, processadores e exportadores de café em seu artigo 95, estabelece que “Todas as negociações de café para exportação serão regidas por contratos escritos que, para sua perfeição e execução, deve se inscrever no Instituto do Café da Costa Rica” (Icafé). Alguns

motivos de rescisão são estabelecidos, sendo aprovados pelo Icafe. Da mesma forma, considera-se que, do restante obtido com o produto da venda, (9%) a favor do beneficiário por toda a sua intervenção na industrialização e comercialização do café, (2,5%) será o lucro do exportador e não pode ser superior a 2,5% e 1,5%, na mesma base, quando atuar como simples intermediário.

Ao nível da região cafeeira, quando começaram nos cafés especiais só tinham uma empresa que comprava e exportava, agora diversificaram o número de empresas de comercialização, vendem a várias empresas, apostando uma quantidade de café em cada empresa; o que lhes permite reduzir o risco e aumentar as possibilidades de escolha de vários mercados. A este respeito, este produtor destaca:

SC-AC (2) Na hora de exportar é tirada uma contraamostra, na hora de exportar eu pego uma para mim, uma para o cliente, tem as etiquetas deles, uma codificação, e o café é enviado, digamos 50 quintais, e tem uma proporção proporcional amostra dos 50 que deixo caso haja alguma reclamação, em 6 anos não tivemos nenhuma reclamação. Outro mecanismo que utilizamos, a Coopeagri também tem sua parcela de armazéns então guardamos o café lá, o responsável pela parte de Comércio Exterior/Vendas me diz que tenho uma amostra para um lote pequeno, para um possível cliente no Japão, eu dê-lhe a autorização e há uma pessoa em Cartago que se encarrega de colher a amostra e disponibilizá-la. Quanto a isso, temos um bom relacionamento.

Os contratos futuros são utilizados pelos produtores quando não possuem recursos para cobrir os custos da transação do café, desde a manutenção e colheita até a chegada às mesas de degustação. Este período pode estender-se até seis meses, devendo o produtor dispor de recursos económicos para cobrir os custos de produção; se os recursos não estiverem disponíveis para sustentar a atividade durante esse período; É utilizada a assinatura de contratos, onde o comprador financia parte dessas atividades com o próprio café. Os contratos a termo têm a limitação para o produtor de não poder vender o café a outro comprador. Grande parte dos produtores prefere vender o café sazonalmente, ano após ano. Como é o caso expresso pelo produtor;

JRM (3) Aí começamos a experimentar o Ceca, eles começaram a nos dar a possibilidade de vender “contratos futuros” que eles chamam. Então a gente fala para o Ceca, bom, vamos vender 200 quintais para eles, então a gente faz um contrato, o preço da bolsa mais tanto, é o prêmio que eles dão, todos os benefícios administram isso. A Costa Rica tem uma vantagem diferente de outros países, que dão acima da bolsa, nos outros países o que fazem é bastante para baixo. Com uma série de condições, o país se caracteriza por ter uma boa xícara, porque a credibilidade de quem vende o café foi mantida. Então a Costa Rica teve essa vantagem, o que eles chamam de preço do mercado de ações, bem, tem subido,

antes de começarmos com cerca de US\$ 40, nessa época eles nos ofereceram algo em torno de US\$ 55. Mas hoje em dia o câmbio joga muito aí, tem fatores que são administrados nessa situação.

A experiência de marketing que está sendo gerada é de grande importância para se manter ativo no mercado cafeeiro. Deve gerar experiência suficiente para identificar compradores honestos e ser consistente com o que foi acordado. Geram-se então relações de confiança e proximidade que contribuem para esse processo de aprendizagem.

Desta forma, como este produtor expressa;

JRM (3) Outra coisa também é saber para quem vendo. Por que falar nesse momento, como está o café, vai aparecer muita gente que quer comprar café, mas nesse momento, mas garantem que quem vai te vender vai pegar o café e não te dar. pagar. Você tem que fazer todo esse esquema de aprendizado, não é assim, tem gente que fala, eu coloquei um micro lucro, eles vendem por tanto e não sei quanto, tem que procurar um cliente que tem confiança, que talvez não seja aquele que paga mais, mas é aquele que você sabe que veio buscar o café, pagou e não tem problema. Então, com essas pessoas, passamos muito tempo vendendo para elas.

A incerteza é sentida no marketing do café; o produtor deve conhecer muito bem o rendimento do seu café, para que a quantidade acordada seja oferecida ao mercado. Por exemplo, se um produtor estima produzir 300 ou 400 alqueires, ele espera vender 350 alqueires. Se alguma incerteza acontecer com o café, isso faz com que o produtor fique mal com a empresa e prejudica a sua imagem. Portanto, os entrevistados consideram que a credibilidade e a confiança são os mais importantes e é um valor a cuidar para manter os clientes; eles ressaltam que é preciso aprender a atuar em um mercado que é muito dinâmico, que os compradores primeiro acreditem na pessoa, a confiança é o máximo. A este respeito, este produtor salienta que;

JRM (3). Ultimamente a gente tem feito diferente, eles (CECA) pegam a amostra, pegam a performance, e eles falam pra gente, bom, tanto disso é o primeiro, tanto é o segundo, então a gente nem descasca, eles descascam depois, mas aí com essa atuação a gente faz contratos, a gente cumpre. A confiança que a gente tem também por que a gente também tem um recorde, esse meu café tem um desempenho de tanto, e vocês já sabem. Um mercado como o do Japão, que é extremamente rígido, eles exportam, o pulso não treme, quem paga. Esse reconhecimento e credibilidade devem ser zelados a qualquer custo.

Outros produtores não celebram contratos futuros, mas sim contratos ano a ano, considerando que é um risco muito elevado comprometer um produto antecipado sem o ter em vigor. E isso também lhes dá a oportunidade de testar com outros clientes e preços de mercado que variam constantemente. Isso pode levar a melhores preços ou ao risco de desvalorização do mercado no preço dos cafés especiais. Como mostra este produtor;

JMB (5) Não assumimos compromissos de vendas até termos o produto. Neste momento, por exemplo, estamos degustando, preparando amostras, enviamos para os clientes e eles nos dizem, bom, temos sim um compromisso de compra, compramos de pessoas e geramos uma expectativa boa e com muita transparência, que se aquele lote for bem colocado terá um preço mais favorável para ele, digamos assim. E além disso, conscientizá-los de que terão um cliente que, no longo prazo, mesmo que o mercado caia, como eles entregam um café de melhor qualidade, eles terão um mercado melhor.

Relações de credibilidade e confiança prevalecem na comercialização de cafés especiais. Não existem certificações ou outros selos de qualidade; O comerciante é quem implementa a certificação para colocar o café em seus mercados. Nos cafés especiais, como apontam Faure, Guy, et al (2014), há uma busca pela estabilidade com clientes fiéis, há pouco interesse em certificações (exceto a demanda dos clientes). Visto que, como aponta o Instituto Interamericano (2015); Doente, Débora (2015); o custo dos certificados é muito elevado para os produtores individuais; e Frederico, S, e Barone, M (2015) apontam o risco de perda de autonomia dos produtores devido à atuação das empresas certificadoras, incluindo algumas e excluindo outras. Neste caso são exploradas outras formas como a auditoria inesperada do comprador; como o exposto por este produtor que aponta;

JMB (5) Não trabalhamos com certificações, quase todas as empresas que nos compram nos conhecem bem e viram a legislação nacional; Uma empresa nos compra na Itália e nos envia como auditor externo que contrata mas não como certificação porque as mesmas certificações também viraram um negócio, carregam selos de muita coisa, o que fazem de forma inesperada, assim como você é hoje Aqui eles vêm e fazem um check-up geral, os registros de água, o que eles quiserem revisar, de um programa que a gente tem com eles, não é uma certificação reconhecida, não posso dizer que temos certificação X, mas sim eles vêm e nos monitoram para ver como está tudo. A certificação é uma despesa de dinheiro e, no final das contas, algumas pessoas se beneficiam e o resultado às vezes não é tão palpável.

A estratégia gerada a partir de relações de confiança e credibilidade constitui um importante eixo na comercialização de cafés especiais. Os produtores exploraram diversas

alternativas, contratos futuros, contratos anuais; independentemente do tipo de contrato, o comprometimento do produtor e do cliente é fundamental para manter o bom relacionamento. A busca por clientes é constante, por isso o nome e o bom reconhecimento são importantes, a credibilidade e a confiança fazem parte dessa estratégia de marketing.

3.3.3.5. Solidariedades do território: feiras e eventos promocionais

O processo educativo tem ocorrido por meio de exposições ou feiras e outros eventos promocionais, que motivam as pessoas a conhecerem a dinâmica da produção de cafés especiais e educam para o consumo de cafés de qualidade. Por meio desses eventos promocionais, um mercado emergente é motivado a consumir cafés especiais e contribuir com a agricultura familiar. O que é mostrado como Santos, M (1994), as horizontalidades são a base da vida cotidiana, do indivíduo, das coletividades, das empresas, das instituições. Da mesma forma, Mior, L (2003); Wilkinson, J (2003), ressaltam que para compreender as agroindústrias familiares e focar no local e no território, é necessário analisá-las a partir dessas horizontalidades do território, que provocam ações de desenvolvimento rural, substituindo ou complementando as abordagens de cadeias e relacionamentos verticais.

A criação do Selo de Identificação dos Alimentos Produzidos no Cantão de Pérez Zeledón, promovido pela Secretaria Agro Municipal de Pérez Zeledón, que é disponibilizado aos produtores. Este projeto visa apoiar o setor agrícola, diferenciar os alimentos, promover o seu consumo, gerar vínculos de apoio entre o consumidor local e o produtor e promover o valor acrescentado nos alimentos produzidos no cantão de Pérez Zeledón. Como aponta Villamil, M (2017), cadeias produtivas curtas geram arquiteturas institucionais, por meio da facilitação do governo local na construção da nova rede e infraestrutura; por meio do apoio a programas e políticas públicas.

Nesta dinâmica de mudança e ação, as horizontalidades do território da região cafeeira de Pérez Zeledón, para promover o consumo de cafés especiais, ficam registradas na realização de feiras e eventos com raízes territoriais. Feiras promocionais de café foram realizadas na região; e tornam-se cada vez mais relevantes a nível local, nas comunidades onde o café é produzido. Como mostra este produtor;

JA (8) Nunca tinha sido feito, até este ano vai ser feito, na comunidade de San Juan Norte, bem perto daqui. Será realizada a 1ª feira da região de Chirripó. Acontecerá de 4 a 6 de fevereiro de 2023, primeiro fim de semana de fevereiro. Participarão todas as usinas da região, a Associação de Cafés Finos, Icafé, será realizada uma pequena degustação, cada usina da região enviará amostras e fará um tipo de xícara de excelência, pouca verdade, assim que os produtores podem trazer o café e depois acompanhar como está a qualidade, para que possam levá-lo para a xícara este ano. Faça uma pré-avaliação de como estão e a partir daí premiarão os 3 primeiros colocados, os melhores cafés da feira.

Criar novas alianças com produtores da região será fundamental para crescer no mercado e gerar volume de produção, talvez não com um modelo cooperativo, mas sim algo misto, formal/informal.

PG (4) Porque dizem que o mercado está lá, e estão pagando pela qualidade, então eles vieram, eu levo na fazenda, já visitamos outros produtores, porque quero fazer alianças estratégicas, então são 4 galera indo para Israel esse ano de café, então já negociamos mais de 2000 kg entre todos nós porque vai ser orgânico, caturra (que é de outra fazenda, não é orgânico mas é de boa qualidade) um catuai vai, que é de outra fazenda, que é de um produtor jovem, você vê que legal, porque os dois produtores que estão comigo nesse projeto, um tem 22 anos e outro 27 anos, são crianças, só tem café, um pouquinho de abacate, tem um lá em cima na Divisão. Um na Divisão e outro em San Jerónimo.

Há grande interesse na área de estudo para que mais pessoas adiram a um modelo exclusivo em cafés especiais, em qualidade e preços. Sem deixar de colaborar com outras pessoas, e poder gerar experiências para os jovens, incluí-los no tema café, trazer pessoas especializadas em café para dar palestras aos jovens, envolvê-los, para crescer, com a intenção de exportar diretamente.

Uma família local conquistou o terceiro lugar no prêmio Cup of Excellence em 2022; evento que altera a imagem da área e altera a imagem do benefício. Isso faz com que mais clientes procurem o café porque querem experimentá-lo, não só pela xícara de excelência, mas pelo café especial. É a primeira vez que a região cafeeira de Pérez Zeledón ganha a Taça de Excelência, o que nos motiva a continuar trabalhando e a entender que estamos trabalhando bem. Este produtor refere-se a esta conquista apontando que;

JA (8) Os cafés que vão para a etapa internacional vão para leilão internacional, então serão vendidos por um preço bem mais elevado. O primeiro colocado foi Don Cayito, um preço de US\$ 14 mil por quintal de 46 kg, o quilo desse café valia US\$ 140, é como o prêmio e o reconhecimento. Em terceiro lugar, é vendido por US\$ 4.500.

As horizontalidades do território, através de feiras e eventos promocionais, tornam-se uma estratégia fundamental para motivar o consumo de cafés especiais. As feiras a nível local permitem resgatar a identidade e cultura locais, a gastronomia e articular outros recursos naturais que prevalecem na área de estudo, no âmbito da realização de um turismo alternativo. (ver figura 36).



Legenda: A- Café produzido a uma altitude de 1900 metros acima do nível do mar. B-Prêmio Copa de Excelência, Microbeneficio Corazón de Jesús, Buena Vista de Rivas, 2022. C-Coffee Fair, Mall Monte Geral, San Isidro de El General, 2022.

Fonte: Próprio, 2022.

3.4. **Perspectivas de participação da agricultura familiar na produção de cafés especiais**

Voltando a Silli, M (2016), que identifica a crise e a recomposição da agricultura familiar e dos territórios rurais como elemento central para a compreensão do modelo de organização dos territórios rurais e do processo de renascimento rural. Nas experiências revisadas ficam evidentes características que permitem afirmar que o espaço rural através da produção de cafés especiais fortalece esse vínculo entre a família e o território através da produção de cafés especiais.

Autores como De Mello, M, Schneider, S (2013), colocam a situação de crise como um estímulo para que os produtores busquem construir estratégias alternativas que representem formas inovadoras em relação aos mercados, aos processos agrícolas e à articulação entre os atores na criação de novas instituições. Para a agricultura familiar, essas opções de produção, processamento e comercialização de cafés especiais abrem-se como novas oportunidades de participação em nichos de mercado alternativos, que na área do café avançam de mãos dadas com novos paradigmas de consumo.

Vários aspectos são destacados das experiências de agricultura familiar analisadas, nomeadamente;

a. Emulação espacial, como possibilidade de reapropriação de experiências do território e geração de sinergias entre atores. “A emulação ⁷³definida pela Real Academia Espanhola (REA) vem do latim. *aemulatio*, -ōnis. Ação e efeito de emular. Desejo intenso de imitar e até superar as ações dos outros. Esclarece a definição que está em um sentido favorável. Na produção de cafés especiais, fica evidente espacialmente o estabelecimento de microbenefícios e as ações implantadas a partir destes poderiam se aproximar do conceito de “emulação espacial”. Na área de estudo, a atividade começou com a instalação de uma microbenefício no ano 2000 e a partir daí foi crescendo à medida que se observavam resultados favoráveis e a convicção de que, com a cafeicultura em crise, a melhoria da

⁷³ Disponível em: <https://dle.rae.es/>

renda familiar não seria possível na forma convencional de produção; a mudança ou a continuidade nesse sentido foram incentivos para redefinir a atividade.

A distribuição no território mostra como em algumas áreas a concentração de microbenefícios, o caso de Buena Vista de Rivas, resulta como um *enxame*, uma aglomeração, uma homogeneização. Embora noutras zonas do território seja uma actividade que está apenas a começar, espera-se que no futuro outros produtores imitem o estabelecimento de outros microbenefícios. Nesse sentido, percebeu-se nas entrevistas que os empresários aprenderam com experiências próximas, durante alguns anos fizeram parte da cadeia produtiva do café, e medindo a possibilidade de independência-autonomia, tomaram a decisão de empreender seu próprio negócio; ou mesmo em alguns casos adquiriram experiência em articulação institucional para estabelecer um microbenefício e avançar na cadeia de adição de valor; com o qual já existiam ferramentas práticas para iniciar a atividade.

b. *A produção de novidades* em que a inovação se coloca como elemento central na mudança e continuidade da atividade cafeeira. Voltando à definição desenvolvida e aplicada por autores como Ploeg, JD, Oliveira, D, et al. (2019), De Mello, M, Schneider, S (2013), a “produção de novidades” é reconhecida como a solução de problemas cotidianos e reconhecida como a melhor forma de otimizar o uso dos fatores de produção. As formas como os agricultores familiares resolvem o cotidiano da área de estudo validam esta afirmação; inovando até com a criação de equipamentos adaptados às necessidades em termos de escala e condições locais como clima, declives etc. Na tentativa de reduzir a dependência de estruturas e equipamentos importados, na maioria dos casos, internacionalmente.

A geração de conhecimento por meio da inovação e a criação de novas formas de gestão nas fazendas e nos processos de processamento e comercialização do café representa um desafio, mas também a possibilidade de negociar sua inserção em mercados e tecnologias, levando em conta não apenas o contexto externo presente, mas também os seus próprios interesses e condições. Neste sentido, Mior, L. (2003), sugere que as redes de inovação são mais facilmente construídas em áreas onde prevalece um maior número de

pequenas unidades de produção tradicionais, que podem ser o melhor território para aproveitar novas oportunidades económicas, como observado em a área de estudo.

c. O artesanato como cerne do processo produtivo de cafés especiais: em todas as experiências observa-se um processo de artesanato, que conforme indicado por Ploeg, JD Van Der, no cerne do processo produtivo há uma reintrodução do artesanato, como a orgânica unidade entre o trabalho intelectual e o manual que permite o controle direto e afinado do processo produtivo.

A produção em pequena escala permite ao produtor manejar o café com cuidado, inovar nos diversos processos, desde a decisão de cultivo das variedades, sua disposição espacial, densidades de plantio; a implementação de diversos processos de processamento, que tem sido a base da qualidade do café na Costa Rica. Ao alcançar esse trabalho artesanal, a homogeneidade é separada do conceito de uniformidade para agregar a diversidade como conceito central do artesanato na produção de cafés especiais.

A reconexão entre a agricultura e a natureza, o reconhecimento dos recursos endógenos, orientados para um melhor aproveitamento das características agroecológicas, a incorporação do artesanato e a diminuição do consumo de agroquímicos, têm levado a uma reconexão entre a agricultura e a natureza.

Como aponta Gudmundson, L (2018), no café não é possível falar em qualidade no sentido singular; Num mundo globalizado predomina a pluralidade, portanto, as qualidades artesanais são diversas e imersas na inovação, na criação e no saber-fazer. As preferências do consumidor como último elo da cadeia produtiva são tão diversas que o artesanato construído a partir dos cafés especiais visa a satisfação do consumidor final.

d. Promoção da pluriatividade através de serviços ligados à produção de cafés especiais; considerando que uma das grandes contribuições dessa transformação produtiva é a integração da família nas diversas etapas do processo na fazenda conforme mencionado por Schneider (2009). A reprodução das formas familiares de agricultura é resultado de um conjunto de ações e estratégias diferenciadas no espaço e no tempo. A sua

capacidade de diversificação produtiva e diversidade empírica; diversidade resultante de atividades agrícolas e não agrícolas; bem como a sua heterogeneidade organizacional. No caso da produção de cafés especiais, identifica-se a geração de atividades agrícolas e não agrícolas, com elevado potencial de utilização de recursos endógenos. A pluriatividade de base agrícola está integrada ao processo produtivo de cafés especiais, na integração do processo de processamento por meio de microbenefícios e da pluriatividade agrícola; manifesta-se através da venda de serviços como armazenamento e torrefação de café. Como apontam C. De Grammont e Martínez, L, (2009), o surgimento da pluriatividade ocorre em territórios com estruturas agrárias dinâmicas, criando estratégias “endógenas” que permitem o surgimento de empreendimentos.

Um dos elementos centrais observados nas experiências revisadas é a incorporação de jovens e mulheres nos processos produtivos, a divisão de tarefas de acordo com suas capacidades e a possibilidade de absorção e incorporação do trabalho familiar. Normalmente nas tarefas mais tradicionais, ligadas a trabalhos puramente agrícolas, manutenção agrícola, reposição de culturas, tarefas de manutenção, fiscalização da colheita do café; eles são realizados pelo pai da família. As tarefas envolvidas no microprocessador, como movimentar o café, despolar e triturar, são divididas entre os demais membros da família. Enquanto as tarefas mais técnicas que exigem outras competências técnicas, computacionais ou de comunicação, como o marketing, são realizadas pelos mais jovens, a grande maioria dos quais com formação técnica ou universitária. As mulheres e os jovens participam noutras tarefas que garantem a rastreabilidade da atividade, documentando-a e monitorizando-a.

e. As horizontalidades do território e das redes de cooperação são evidentes nas experiências analisadas, segundo o conceito apresentado por Santos, M, (1994), “As horizontalidades expressam-se na diversidade de formas e redes de colaboração e cooperação que surgiram no território.

Como apontam esses autores, Mior, L, (2003), Wilkinson, J. (2003), propõem que as agroindústrias familiares seriam analisadas por meio de redes horizontais de desenvolvimento rural. É oportuno focar na dinâmica do local e do território, através da

abordagem analítica de coordenação horizontal, que substitui ou complementa as abordagens em cadeia e as relações verticais. Inovação adaptativa, iniciativas de ação coletiva e consolidação de redes inéditas, como as três grandes tendências para a participação da pequena produção.

Assim, as redes de cooperação, retomando Wilkinson, (2003), as redes convencionais são desenraizadas dos espaços regionais, para se inserirem no mercado globalizado, enquanto as redes alternativas tornam-se redes sociais do território. Redes sociais mais amplas, de parentesco, de amigos, evidências como a agricultura familiar, por meio da reativação de laços sociais, estabelecem estratégias para estabelecer mercados para seus produtos de valor agregado, como é o caso da produção de cafés especiais.

As redes horizontais visam incorporar a agricultura e os territórios rurais em atividades que estão imersas nas economias locais e regionais; associada à ideia de desenvolvimento territorial, analisada a partir da abordagem territorial, que envolve a noção de redes sociais de inovação e aprendizagem. Na produção de cafés especiais, essa tendência é observada quando se analisa a forma como a agricultura familiar realiza os diversos processos que implicam na colocação de um produto de qualidade no mercado. Resgatar uma característica do território; sendo que as redes de inovação são mais facilmente construídas em áreas onde prevalece um maior número de pequenas unidades de produção tradicionais.

F. Integração intergeracional – grande respeito pela estrutura familiar: numa estrutura familiar tradicional, como a que prevalece na área de estudo, liderada pelo chefe da família, o pai; Mantém grande liderança na gestão da atividade, sendo o principal administrador e repetindo-se em diversas funções; normalmente não delega o papel principal de articular a visão geral da fazenda. Mas incentiva a especialização de cada membro da família nos diversos processos que a atividade de produção de cafés especiais exige. A preparação em áreas de formação e educação formal – carreiras técnicas e aprendizagem de uma segunda língua, formação em áreas específicas como barista e cupping, fazem parte desta integração intergeracional, o que significa retomar e adaptar a inovação produtiva para sobreviver a um mundo moderno.

A integração intergeracional manifesta-se como um dos mecanismos para manter e potencializar a produção de cafés especiais; em que o antigo sobrevive com o moderno, os papéis resgatam o conhecimento que já existia, mas que é revalorizado com esta nova tendência de produzir produtos de qualidade e enraizados territorialmente.

g. Novos arranjos institucionais (feiras, selos territoriais etc.): consistentes com o que aponta Sonnino, R; Marsden, T. (2017), a grande batalha entre sistemas agroalimentares alternativos e convencionais, onde as fronteiras espaciais competitivas em transformação, exigem o apoio da autoridade local na construção de novas redes e infraestruturas para o desenvolvimento rural; apoio local e regional. Na produção de cafés especiais, uma grande efervescência tem surgido no território nos últimos anos. Principalmente o apoio Municipal na identificação e disponibilização de selo territorial; a fim de caracterizar os produtos agrícolas produzidos no cantão, incluindo o café. Além de realizar feiras promocionais de café, com a participação de instituições e empresas privadas; A nível local, a primeira feira realiza-se em fevereiro de 2023 na comunidade de San Juan de Rivas, que reúne comunidades vizinhas.

O que mostra uma grande sinergia territorial, o que nos permite afirmar que num período relativamente curto (20 anos), a aliança entre os atores e o reconhecimento do potencial produtivo de determinadas áreas do território, geram um espaço de identidade e coesão territorial, revalorizar a cultura e o saber-fazer das comunidades.

k. Simbolismo espacial, cultural: esse simbolismo se expressa nos nomes dados aos lotes de café, às fazendas, cada uma tem seu nome, demarcado em um território. Que em alguns casos expressa origem, raízes territoriais, pertencimento, proximidade. Lugares preferidos, simbólicos, familiares, vínculos, convivência. Esta característica está claramente expressa nas marcas de café que os produtores oferecem localmente; relacionado aos avós fundadores, parentes próximos, personagens que denotam apoio, colaboração.

Da mesma forma, o *despertar social – como a horizontalidade no território*, na produção de cafés especiais – tem despertado o interesse em desenvolver iniciativas que

vão além, com um significado social muito claro. Assim descobrimos que a filha de um produtor tem um projeto chamado “Granitos de Café”, que arrecada fundos para ajudar as crianças indígenas que vêm todos os anos participar da colheita do café. Durante a feira, ele tinha um estande onde vendia sorvetes e o dinheiro arrecadado seria usado para ajudar essa população.

j. *A importância dos agentes externos ao território*: para os agentes externos é possível identificar ou visualizar o patrimônio local. Observa-se na área de estudo que, embora prevaleçam os comerciantes e exportadores tradicionais; surgiram empresas de marketing de menor dimensão, lideradas por agentes nacionais, que contribuem para esta visão territorial numa perspectiva de identidade e de um vínculo marcado pela proximidade, confiança e apoio.

São diversas as oportunidades que os atores da agricultura familiar agregam à produção de cafés especiais; no quadro 22 estão agrupadas as opiniões dos produtores entrevistados. O acesso aos mercados destaca-se como uma oportunidade, através de nichos de especialidade, da geração de conhecimento, do surgimento de atividades associadas à produção de café, através da venda de serviços, da geração de pluriatividade, do aumento do consumo local, da integração familiar, do reconhecimento internacional, da importância da questão da sustentabilidade.

Quadro 22. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Inserção da agricultura familiar, oportunidades para produção de cafés especiais.

Categoria	Oportunidades associadas
Acesso ao mercado	A vantagem é que você tem acesso a um mercado muito estável Um nicho com mais potencial que pode ajudar a família Um mercado em franca expansão, os jovens procuram um bom café, um café especial Ano após ano, os cafés especiais vêm aumentando
Geração de conhecimento	Mais conhecimento sobre o café que antes não era valorizado. Mais comunicação com os clientes e também com a própria comunidade
Surgimento de atividades associadas	A venda de serviços como valor acrescentado. A torrefação para produtores próprios gerou um serviço
Aumento do consumo local	Cafés especializados Maior consumo sobretudo entre os jovens, / café- Bar
Integração e satisfação familiar	Realizando em família, todos participam da atividade
Reconhecimento internacional	Reconhecimento e credibilidade internacional
Eixo de atuação da sustentabilidade	Fazendas relacionadas ao tema sustentabilidade através da diversidade toda diversidade representa potencial; produção de laranja, limão, banana, plantas decorativas. Outros recursos de flora e fauna
Trabalhe com qualidade	A vantagem é que podemos escolher a qualidade que vendemos. Nunca teremos a tecnologia de ponta que traz grandes benefícios, mas temos a qualidade e como manter a qualidade que um grande benefício não pode proporcionar.
Potencial de crescimento	Em algumas áreas apenas 60% do café é cultivado, ainda há muita terra para plantar.

Fonte: O autor (2023).

3.5. Limitações na inserção da agricultura familiar na produção, processamento e comercialização de cafés especiais

Qualidade, diferenciação produtiva e território constituem premissas para dotar os espaços rurais de novas e renovadas opções de desenvolvimento. Ao valorizar produtos de qualidade, rumo a mercados segmentados e diferenciados e suprir nichos de mercado tão específicos e seletivos, a agricultura familiar enfrenta grandes desafios e limitações. Na tabela 23, são anotadas as opiniões dos produtores através das entrevistas realizadas.

Quadro 23. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Inserção da agricultura familiar, limitações para produção de cafés especiais.

Categoria	Limitações associadas
Acesso a tecnologias alternativas e inovadoras	Falta de equipamento / por ex. a secadora, guardas. Custo de tecnologia, Falta de serviço de internet
Apoio institucional e financiamento à atividade	A falta de apoio institucional da entidade responsável a nível nacional O auxílio para projetos privados/individuais é limitado/ênfase em cooperativas ou associações Procedimentos por parte do beneficiário A contabilidade para registro no Tesouro era um processo muito complicado para os produtores de café. Alguns dos microbenefícios apoiam-se mutuamente, alguns estão distantes e não há colaboração.
As condições associadas ao cultivo	Doenças do café – principalmente ferrugem Idade das plantações de café, que estão envelhecidas O rendimento da produção diminui com a altitude onde o café da mais alta qualidade é produzido A mais de 1.900 metros de altitude, produção de café é complicada pela neblina O aumento nos preços dos insumos de até 130%. Falta de sol para secar ao sol Falta de sol nos últimos 2 anos, pouca estabilidade climática, muita chuva, pouco verão, muito instável - baixa produção. A introdução de algumas variedades suscetíveis a doenças como Costa Rica 95 (ojo de gallo) e variedades como a obata que são exigentes em fertilização.
Reconhecimento pelo mercado local	Difícil entrar no mercado local – competir com maus hábitos de consumo e preços de café Cafés especiais são pouco conhecidos na cidade mais próxima Colocar no mercado cafés que não têm qualidade Vender grãos de café como matéria-prima, em vez de torrar e vendê-los
Acesso a elementos de diferenciação	Falta de conhecimento sobre certificações – custos elevados Altos custos para se tornar certificado como provador
Elementos associados à família	A fidelização do produtor, o comprometimento que ele tem com isso, então você tem que trabalhar muito nessa parte. A mudança geracional é um ponto fraco da sustentabilidade - Icafe chama de integração geracional Mão de obra para a parte agrícola Falta de treinamento em torrefação de café Educação voltada para que o aluno vá trabalhar para alguém, e não para montar seu próprio negócio A idade dos produtores, que, a nível nacional, têm mais de 50 anos e não utilizam computador

Fonte: O autor (2023).

A partir das experiências analisadas, estas limitações e desafios podem ser classificados nas seguintes categorias: acesso a tecnologias alternativas e inovadoras, falta

de apoio institucional e financiamento para a atividade, condições associadas ao cultivo, incluindo doenças e envelhecimento das plantas, a falta de reconhecimento para acessar o mercado local, os altos custos de certificação dos cursos de degustação e barista, e os elementos relacionados à família, à integração intergeracional, à falta de mão de obra para a colheita do café, ao envelhecimento dos produtores, entre outros. O quadro 23 mostra as limitações indicadas pelos produtores.

Além do interesse das famílias em participar da produção de cafés especiais, muitas das limitações têm alto componente de influência política. Os produtores expressam que a estrutura prevalecente e as condições em que se situa a produção cafeeira dão maior impulso a determinadas áreas em detrimento de outras. A questão da escala é vista como uma oportunidade, mas também como uma limitação no acesso aos serviços estatais, principalmente os oferecidos pelo Icafe, MAG e INDER. Aqueles que consideram que não há interesse expresso em políticas públicas de inserção neste setor da economia; o que limita as suas possibilidades de acesso aos benefícios estabelecidos.

Consistente com as afirmações da CEPAL e CAC/SICA, (2014), que indicam mudanças na distribuição da aptidão das terras atualmente produtoras de café; ressaltando que áreas adequadas migrariam ao longo do gradiente altitudinal, modificando assim as características e a qualidade do café. Espacialmente, a produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón localizava-se em áreas acima de 1200 metros acima do nível do mar, próprias para a produção *estritamente de café. duro feijão* (SHB), cotado com prêmio no mercado internacional. Assim, retomando as informações obtidas por meio de entrevistas, revisão cartográfica e trabalho de campo, e apresentadas neste capítulo, o objetivo do próximo capítulo é propor uma proposta de unidades territoriais de oportunidade, bem como algumas diretrizes para a produção de recursos especiais. café que contribui para a revalorização do território, o que está diretamente ligado às estratégias que a agricultura familiar realiza para produzir cafés especiais.

4. PROPOSTA DE UNIDADES DE OPORTUNIDADE TERRITORIAL E DIRETRIZES PARA PRODUÇÃO DE CAFÉ ESPECIAL QUE CONTRIBUEM PARA A REVALORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

A identificação das unidades territoriais de oportunidade na região cafeeira de Pérez Zeledón, Costa Rica, considera como base os princípios do zoneamento agroecológico que permite a delimitação de superfícies homogêneas; enfatizando principalmente o rendimento e a produtividade da cultura. O zoneamento agroecológico é uma das principais ferramentas para reduzir os riscos a que a agricultura está submetida.

Este capítulo apresenta uma proposta de síntese que define unidades territoriais de oportunidade na produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón; com base em variáveis territoriais (agroecológicas e culturais) e como resultado da revisão bibliográfica e cartográfica, entrevistas com produtores, outros atores relevantes e trabalho de campo. Esta proposta é apresentada com o intuito de mensurar a contribuição da região cafeeira na produção de cafés especiais, o que contribui para a revalorização do território.

4.1. Comprovação para identificação de unidades territoriais de oportunidade na produção de cafés especiais

A região cafeeira de Pérez Zeledón; tradicionalmente tem sido caracterizada como uma região de produção de café em áreas baixas, a menos de 1000 metros acima do nível do mar; onde o café é mais leve em comparação aos cafés das áreas altas, acima de 1.200 metros acima do nível do mar, altitude em que o café é mais forte ou mais ácido e também mais aromático. Esta categorização do café prejudicou a qualidade do café produzido na região, considerando-a como uma região marginal no desenvolvimento da cafeicultura. No entanto, esta região cafeeira é a quarta região produtora do país, que para 2021 período cafeeiro -2022 contribuiu com 13,3%, superado pela região de Los Santos 40,35, Valle Occidental (19,81) e Valle Oriental (13,63). Regiões que tradicionalmente foram as de

maior produção e reconhecimento; que beneficiam de apoio preferencial de entidades estatais.

Durante as entrevistas é expressa a necessidade de esta área se diferenciar pela alta qualidade do café que produz; Assim, espontaneamente e com grande conhecimento, os produtores propuseram uma grande unidade territorial de oportunidade “*região de Chirripó*”, e várias subunidades territoriais, aludindo à riqueza que esta região possui, que separam do resto da região cafeeira; propostas expressas em suas próprias palavras, estão resumidas na tabela a seguir:

Quadro 24. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Identificação de áreas de oportunidade para produção de cafés especiais, conforme entrevistas realizadas.

Denominação	Delimitação/Cidades	Objetivo
Região de Chirripó	Rivas, Buena Vista, Palmital, Cedral de Cajón e San Jerónimo.	Separadamente, retira-se o nome da região de Brunca, devido ao seu reconhecimento como café costeiro. A referência para a Microrregião de Chirripó é a 1.200 metros de altitude.
Região de Chirripó	La Piedra, Divisão e parte de Páramo, Cedral de Cajón, San Jerónimo. A faixa da serra de Talamanca.	Registre uma região para melhor comercializar o café. É medido a partir de 1300 em altura.
Serras Chirripó	Pueblo Nuevo, em direção a Cerro de la Muerte, San Gerardo, Herradura	Registre uma nova região para divulgá-la.
Microrregião de Chirripó	Classificados por potencial 1. Divisão - Buenavista 2. Páramo. 3. São Jerónimo.	Identificar as áreas com maior potencial para produção de cafés especiais.

Fonte: O autor, 2023.

Como pode ser observado nas informações anteriores, os produtores identificam uma área favorável para a produção de cafés especiais; reorganizando sua priorização de acordo com a valorização de cada um deles e reagrupando alguns setores. Esta faixa é concebida como um espaço de oportunidade para aumentar a produção de cafés especiais, fato que vem sendo promovido nas últimas duas décadas. Esta área é considerada para a análise, o que não significa que num futuro próximo outras áreas da região cafeeira de Pérez Zeledón sejam integradas à produção de cafés especiais.

Nesse sentido, segundo a opinião dos produtores, um dos problemas que prevalece na redefinição espacial e no zoneamento de acordo com as qualidades que a área apresenta, é que a Icafé concebe como cafés de qualidade apenas aqueles localizados na região de Los Santos, ou a área do Vale Central, que possui identidade geográfica. Destacam que o problema do Icafé é que há 10 anos se tentou diferenciar a região por indicadores geográficos e gerir a Denominação de Origem; Esforços foram feitos com a Universidade Nacional, mas o Icafé interrompeu a iniciativa. Eles destacam que o café produzido na região de Chirripó é muito diferente porque possui notas exóticas, difíceis de encontrar nas áreas cafeeiras.

Atualmente as condições mudaram, a presença de empresas de comercialização na zona veio mostrar que se produz café de qualidade e revalorizaram este território. O concurso taça de excelência, através do qual alcançaram o segundo e terceiro lugar a nível nacional, reposicionou e divulgou a qualidade do café produzido nesta zona a 1200 metros acima do nível do mar.

As mudanças no uso do solo, a realocização e o deslocamento da cafeicultura para áreas de maior gradiente altitudinal e com qualidade de xícara igual ou superior a outras áreas do país exigem uma redefinição espacial. Que visualize aquelas áreas com alto potencial para produzir cafés especiais e que envolva a visão dos cafeicultores; e do ponto de vista físico, espacial e ambiental caracterizam a região, incorporando elementos da nova ruralidade que se tece no território e as novas orientações em termos de diferenciação de qualidade e dos mercados alternativos em que apostam.

É de grande importância para motivar a atividade que sejam considerados outros parâmetros que permitam o reposicionamento e o reconhecimento com que se trabalha a cafeicultura na região cafeeira de Pérez Zeledón. Segundo Icafé, (2019);

Na região de Pérez Zeledón observou-se que a maior parte do café estava localizada nas áreas mais altas, enquanto o café eliminado foi encontrado nas áreas mais baixas", destacam também que novas áreas foram encontradas acima de 1.400 metros acima do nível do mar, enquanto pois abaixo dessa altitude, as lavouras de café foram reduzidas (Icafé, 2019, p.32).

De acordo com o Relatório de Atualização da Área Cafeeira 2017-2018, elaborado por Icafé (2019), são justamente os distritos do cantão localizados na parte baixa que

sofreram maior perda na cobertura cafeeira, é o caso de Cajón, San Pedro (parte inferior) e o General. O distrito de Pejibaye reduziu a cobertura desde a criação de um novo distrito de La Amistad, que anteriormente fazia parte da sua delimitação territorial. Enquanto os distritos Platanares, Rivas e Rio Nuevo aumentaram a área cultivada.

Identificando esta dinâmica na região cafeeira de Pérez Zeledón, levanta-se a importância de definir uma grande unidade territorial e subunidades territoriais que contribuam para uma melhor visualização da região em termos de produção de cafés especiais, que revalorize o território e o seu posicionamento, promover a competitividade territorial multiescalar.

A definição de unidades territoriais é uma proposta que visa despertar o interesse por parte das instituições oficiais e não um produto acabado. O território visto a partir dos sistemas produtivos deve incorporar tanto elementos físico-ambientais como elementos culturais e sociais. A delimitação de unidades de oportunidade envolve referências espaciais que têm um significado na demarcação territorial, que não correspondem necessariamente aos limites político-administrativos, e que não são limites acabados, mas o território como suporte de vida, mutável e dinâmico.

A produção de cafés especiais como oportunidade de reprodução das famílias cafeeicultoras deve ser acompanhada de políticas públicas que justifiquem a sua importância territorial; portanto, incorporar a visão de quem vive o cotidiano na redefinição do território torna-se um elemento fundamental para alcançar maior empoderamento e benefícios para quem realiza a cafeicultura.

4.2. Princípios do zoneamento agroecológico na definição de unidades territoriais

Diversas metodologias para delimitação agroecológica têm sido propostas combinando diversas variáveis. Os critérios de zoneamento agroecológico (ZAE) segundo a FAO, (1997), “definem zonas com base em combinações de características de solo, fisiografia e climáticas. Os parâmetros específicos utilizados na definição centram-se nas exigências

climáticas e edáficas das culturas e nos sistemas de gestão sob os quais são desenvolvidas. Cada zona tem uma combinação semelhante de restrições e potencialidades de uso da terra e serve como ponto de referência para recomendações destinadas a melhorar a situação existente do uso da terra, seja aumentando a produção ou limitando a degradação dos recursos. Por ser um zoneamento agroecológico, é uma das principais ferramentas para reduzir os riscos aos quais a agricultura está exposta.

Segundo Suárez, Gicli (2014), com base na definição da FAO, define zoneamento agroecológico como a divisão de uma área em unidades menores, que possuem características semelhantes relacionadas à sua aptidão e potencial produtivo. (SUÁREZ, Gicli, 2014, p.37). Aponta ainda que é um método que permite delimitar em uma região, setores com características físicas, socioeconômicas e ecológicas homogêneas em relação ao seu potencial de uso sustentável para fins específicos. Com o processo de zoneamento deve-se buscar a delimitação dos espaços geográficos que constituem unidades territoriais operacionais de gestão e administração.

Especificamente no café, estudos como os realizados por F. Soto, et. para o. (2001), sobre o zoneamento agroecológico de *Coffea arabica* em uma área montanhosa de Cuba, definiram os fatores determinantes para alcançar os melhores rendimentos: “precipitação e sua distribuição, temperatura e solo, considerando também a altitude acima do nível do mar. Através da utilização de Sistemas de Informação Geográfica (SIG), este maciço foi classificado em quatro zonas: ótima, moderadamente ótima, aceitável e inadequada. (F. SOTO, et al. 2001, p.27).

Este autor considera que os fatores ambientais mais importantes no crescimento e produção do cafeeiro são a radiação solar, a temperatura, as precipitações em quantidade e distribuição ao longo do ano, a altitude e o fotoperíodo. Considera-se que a temperatura e as precipitações são os fatores que mais afetam o cultivo do café, sendo a precipitação a que apresenta maior variação interanual.

A distribuição geográfica dos solos é um dos ramos mais importantes da geografia dos solos; O estabelecimento de leis que definam a distribuição da sua cobertura num território permite criar uma base para a exploração sustentável do agroecossistema. F. Soto, et. para o. (2001), afirma que os melhores solos para o cafeeiro são os profundos, com textura

quebradiça, estrutura friável, boa drenagem e aeração adequada. Um elemento importante do relevo a ter em conta é a inclinação, quando ultrapassa um limite onde as tarefas de cultivo e colheita se tornam extremamente difíceis, ocorre a erosão do solo e conseqüentemente os rendimentos são reduzidos. (F. SOTO, et al. 2001, p.27).

Para categorizar espacialmente a qualidade do café na Costa Rica, foram desenvolvidos padrões para sua classificação. Primeiramente foi feita uma categorização simples de acordo com sua origem, altitude, sazonalidade e clima das áreas, bem como as características do grão e da xícara; A partir desses elementos foram definidos oito tipos de café (Acosta e Cleves 1964). Esses autores concluem que o café tem desenvolvimento ótimo na zona de vida da floresta subtropical úmida (pré-montana) e consideram que os solos são variáveis secundárias para a adaptação do café, mas que afetam a produtividade.

Outros autores como Rojas, OE (1989), estabelecem um zoneamento agroecológico do cultivo do café na Costa Rica. Define unidades de zoneamento combinando três índices: rendimento potencial, condições climáticas e classe de solo.

Da mesma forma, Alpízar, Edwin, (2014), destaca que o zoneamento agroecológico pode ser feito de forma prática, utilizando o sistema de zonas de vida de Holdridge; para que se torne uma ferramenta simples de identificação de áreas produtivas de café, bastando saber em qual zona de vida a cultura apresenta melhor desempenho. (ALPÍZAR, Edwin, 2014, p.11). O café é desenvolvido especificamente nas zonas de vida da floresta úmida pré-montana e da floresta pré-montana muito úmida, mostrando a aplicação efetiva das zonas de vida como ferramenta para o zoneamento agroecológico.

Este autor sugere que o zoneamento agroecológico (ZAE) defina zonas com base em combinações de características edafoclimáticas e climáticas e nos sistemas de manejo sob os quais são desenvolvidas (ALPÍZAR, Edwin, 2014, p.28). Desta forma, Alpízar, Edwin, (2014), toma como referência o guia técnico para a gestão do café de Icafé (2011) que estabelece cinco variáveis climáticas nas quais o café tem desenvolvimento ótimo; São eles altitude, precipitação, temperatura, umidade relativa e vento.

No caso da altitude, entre 500 e 1700 metros acima do nível do mar é considerado ideal; porém, para Delgado (2007), é ótimo entre 1200 e 1700 metros acima do nível do mar; em relação à precipitação, a faixa desejada está entre 1.000 e 3.000 mm anuais; sendo ideal

segundo Delgado (2007) entre 1600 e 2800 mm e que sua distribuição oscila entre 145 e 245 dias por ano. A temperatura média anual adequada deve estar entre 17°C e 23°C.

A umidade relativa é um fator que favorece a incidência de doenças, por isso Icafé (2011) sugere que não seja superior a 85%, sendo o ideal segundo Delgado (2007) entre 70 e 85%. Finalmente, o vento pode ser um factor de dessecação e danos mecânicos, pelo que as culturas devem ser estabelecidas protegidas por cortinas corta-vento. (ALPÍZAR, Edwin, 2014, p.11). No guia Icafé (2011) o solo não é considerado.

De acordo com o zoneamento cafeeiro da Costa Rica, adaptado de Rodrigo Cleves, ano 1975, citado por Rojas (1987), e descrito por Alpízar, Edwin, (2014, p.23), determinou os tipos de café por regiões e estado de maturação. Na classificação oficial distingue oito tipos de café; *Feijão Estritamente Duro*, *Feijão Duro*, *Feijão Médio Duro*, *Atlântico de alto crescimento*, *Atlântico de crescimento médio*, *Atlântico de baixo crescimento*, *Pacífico*. Segundo esta classificação, a região cafeeira de Pérez Zeledón produz café, *estritamente duro Feijão* (SHB), de maturação tardia, com Altitude (m.s.n.m) de 1200 -1600, Temperatura (°C) de 19, precipitação (mm) 3000, estação chuvosa e seca bem definidas e 155 dias de chuva. E o outro tipo de café que predomina é o *Médio Duro. Feijão* (MHB), de maturação precoce, com altitude (m.s.n.m) 400-1200, temperatura (°C) de 23,5, precipitação (mm) 3200, úmido e seco definidos, e 170 dias de chuva.

Pela classificação referenciada pelo MAG, (2007), conforme mostra a tabela 7, a região cafeeira de Pérez Zeledón, com base na classificação nacional estabelecida pela Icafé, produz café *Estritamente duro Feijão em áreas entre 1200-1600 metros acima do nível do mar* e café *Médio Duro Bean* (MHB), no Vale El General e no sopé das montanhas adjacentes, entre 400-1200 metros acima do nível do mar; por sua vez, divide-o em duas subáreas; Zona baixa MHB El General até 800 metros e zona alta MHB El General de 800-1200. (MAG, 2007, p. 37).

Tabela 7. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón, tipos de café segundo classificação oficial do Icafe. 2007.

Cara	Código	Altitude (m.s.n.m)	Temperatura (°C)	Precipitação (mm)	Estação	Dias chuvosos
<i>Feijão Estritamente Duro</i>	SHB	1200-1600	19	3.000	Bem definido molhado e seco	155
<i>Feijão Médio Duro</i>	MHB	400-1200	23,5	3200	Definido como úmido e seco, com mais precipitação do que anterior	170

Fonte: MAG (2007, p.37). Elaborado por Quirós, 2023.

Da mesma forma, o MAG (2007) mede as limitações territoriais em termos de uso atual e capacidade de uso da terra. A capacidade de uso da terra refere-se ao grau de intensidade de uso que pode ser dado a um determinado pedaço de terra com base na qualificação de suas limitações para produzir culturas, pastagens e florestas de forma sustentável, sem deterioração do solo e por períodos prolongados no terreno.

A classificação agrológica estabelecida no documento “Metodologia para determinação da capacidade de uso das terras da Costa Rica” (MAG – MIRENEM, 1995), ferramenta oficial e obrigatória, é composta por oito Classes. As três primeiras classes (I, II, III) correspondem a terrenos que permitem qualquer tipo de atividades, incluindo atividades agrícolas anuais. Nas Classes IV, V e VI as atividades são restritas a culturas semipermanentes e permanentes, embora na Classe IV seja possível trabalhar com culturas anuais sob práticas adequadas de manejo do solo.

As limitações da Classe VII são tão restritivas que só permitem atividades de manejo florestal natural, primário ou secundário e recuperação ou restauração florestal em áreas degradadas. Por fim, a Classe VIII corresponde aos terrenos que não permitem qualquer atividade produtiva agrícola, pecuária ou florestal, pelo que devem ser dedicados exclusivamente à proteção.

Os terrenos de Classe VI estão localizados no sopé da Serra de Talamanca, em Rivas de Pérez de Zeledón. As terras de classe VII concentram-se no sopé da Serra de Talamanca, no

extremo nordeste da região de Brunca, em División e Río Blanco. (MAG, 2007, p. 8-9). Grande parte do café de alta qualidade cultivado atualmente está localizado nessas áreas.

Um aspecto a considerar no atual cenário de alterações climáticas é apontado por Vignola, Raffaele; e outros. (2018); através de um estudo sobre os efeitos das alterações climáticas na área de estudo, e realizando uma análise da avaliação global dos fatores de exposição, segundo a análise de especialistas, é de 54,7 que é considerado médio. Os peritos não identificaram fatores climáticos ou não climáticos extremos com um grau de impacto de elevado a muito elevado. (VIGNOLA, Raffaele; et al, 2018, 41).

Contudo, através das entrevistas realizadas, as famílias expressam variações na dinâmica produtiva do café atribuíveis às mudanças climáticas; como a variação da floração, seja precoce ou tardia, relacionada aos períodos de sol, o que dificulta a secagem do café ao sol; um dos elementos que favorece o artesanato do produto. Portanto, tem sido necessário implementar medidas alternativas como a secagem mecânica face às alterações climáticas, que, segundo dizem, têm-se refletido com maior incidência nos últimos dois anos.

4.3. Variáveis culturais na definição de unidades territoriais na produção de cafés especiais

Para identificar as variáveis culturais, incorporam-se aquelas que contribuem qualitativamente para a definição do território: redes de interligação (vias de comunicação), microbenefícios e suas práticas, redes de apoio à produção (projetos produtivos e programas voltados a beneficiar a produção cafeeira), agricultura familiar como apoio à atividade, redes territoriais (associatividades, redes familiares e de amigos) e acesso aos mercados globais, regionais e locais.

Desta forma, para a identificação das unidades territoriais de oportunidade na região cafeeira de Pérez Zeledón, consideram-se como base os princípios do zoneamento agroecológico que permitem a delimitação de superfícies homogêneas; e variáveis culturais

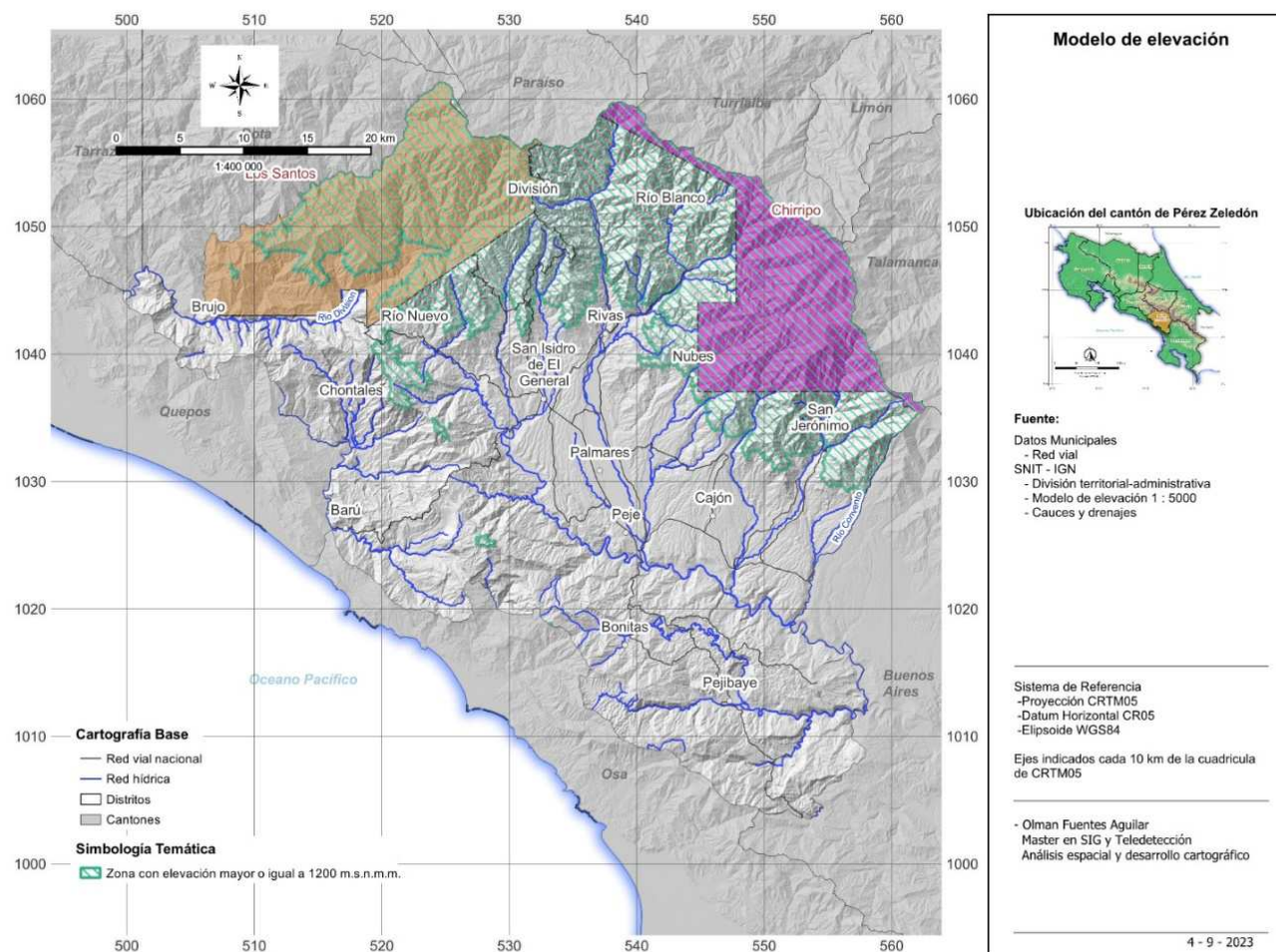
que diferenciam as subunidades. Tomando como base a qualidade, que adquire diversos significados e conotações; que está em permanente processo de construção e reconstrução. A Figura 2 (pág. 55) apresenta as variáveis territoriais a serem consideradas na definição de áreas de oportunidade na produção de cafés especiais.

4.4. **Proposta de unidades territoriais de oportunidade e diretrizes para a reconceituação do território**

A partir da consideração dos elementos citados, a *região de Chirripó se propõe* como uma grande área de oportunidade com diferenças internas que permitem delimitar o território em unidades menores e caracterizá-las a partir de suas características agroecológicas e culturais. Para a delimitação da área tomam-se como referência aquelas áreas que estão acima de 1.200 m.s.n.m, visto que a qualidade do café está diretamente relacionada ao gradiente altitudinal.

O Mapa 6 mostra esta área, ao norte faz fronteira com o rio Division, que faz parte da Reserva Florestal de Los Santos, e ao sul faz fronteira com o rio Convento, próximo ao município de San Jerónimo de San Pedro. Ao norte e sudoeste faz fronteira com o Parque Nacional Chirripó. O rio Blanco é um importante afluente que atravessa as localidades do distrito de Rivas.

Mapa 6. Costa Rica. Región cafetera de Pérez Zeledón. Área con elevación mayor o igual a 1200 m.s.n.m.



4.4.1. Unidade territorial de oportunidade Região Chirripó

A área de oportunidade na produção de cafés especiais está localizada nas encostas de um dos principais sistemas montanhosos da Costa Rica. A Serra de Talamanca engloba uma sequência de colinas, com as maiores altitudes. De norte a sul da área de estudo, o Cerro Urán está localizado a 3.660 metros acima do nível do mar, no distrito de Chirripó, no cantão de Turrialba, na província de Cartago.

O Cerro Chirripó, a 3.820 metros acima do nível do mar, é a elevação mais alta do país. Foi declarado Parque Nacional de Chirripó em 19 de agosto de 1975. Segundo Sinac⁷⁴(2023), o nome Chirripó é uma palavra Cabécar cujo significado é “*Terra das Águas Eternas*” , neste local existem formas glaciais como vales em forma de U, morenas, terraços, geleiras, lagos e circos glaciais que testemunham a passagem de grandes línguas de gelo cuja ação remonta a aproximadamente 25.000 anos. A sua visita é motivada pelas impressionantes vistas, observação de espécies de aves endêmicas, residentes e migratórias, charnecas e lagos de origem glacial. Existe também uma grande diversidade de plantas herbáceas, uma diversidade de mamíferos selvagens e espécies de aves. E o Cerro Ena é uma elevação que vai de 1.500 a 3.126 m.s.n.m. O principal centro populacional é San Jerónimo.

Da mesma forma, esta região faz parte de um corredor biológico⁷⁵ que liga as áreas de proteção Bosque de Agua, Alexander Skutch, Premontano Chirripó Savegre com o Paso de la Danta no lado do Pacífico. Esta é uma característica relevante, dado que se trata de uma área que proporciona conectividade entre áreas selvagens protegidas, e que contribui para a

⁷⁴Disponível em: <https://www.sinac.go.cr/>

⁷⁵Disponível em: <https://www.sinac.go.cr/ES/correbiolo/Paginas/default.aspx>. Um corredor biológico é definido pelo SINAC como um território continental, marinho-costeiro e insular delimitado cujo objetivo principal é fornecer conectividade entre áreas selvagens protegidas, bem como entre paisagens, ecossistemas e habitats, naturais ou modificados, sejam rurais ou urbanos, para garantir a manutenção da biodiversidade e dos processos ecológicos e evolutivos; disponibilizar espaços de consulta social para promover o investimento na conservação e uso sustentável da biodiversidade nesses espaços.

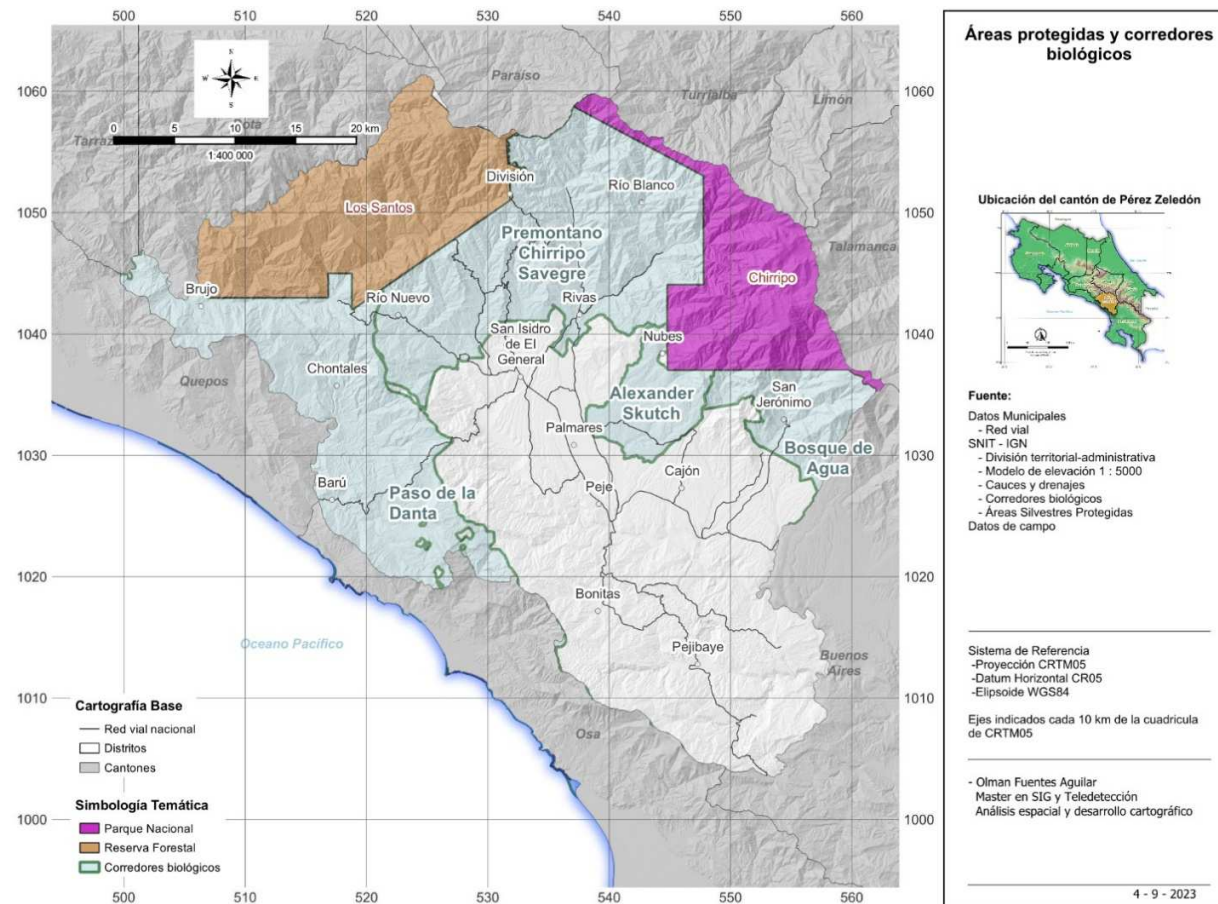
manutenção da biodiversidade, sendo prioritário o investimento na conservação e utilização sustentável destes espaços. O Mapa 7 mostra as áreas que estão integradas através deste corredor biológico.

A precipitação média da região é caracterizada por valores que variam entre 2.500 e 4.500 mm anuais, conforme mapa 8. A temperatura média mensal é de 15 a 21 graus Celsius, conforme mapa 9.

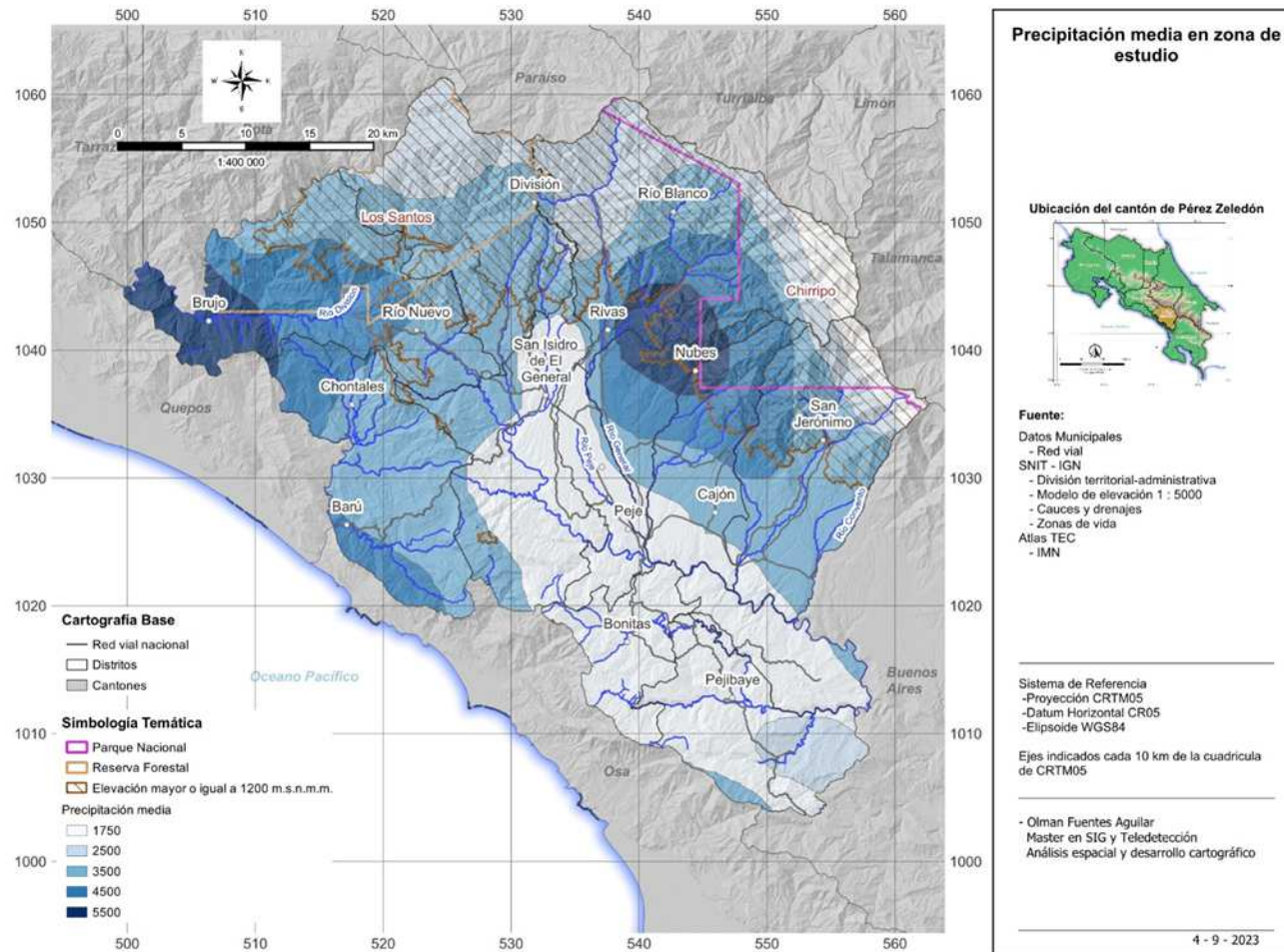
De acordo com a classificação Life Zone de Leslie Holdridge, a região predomina em zonas de vida; Floresta Premontana Muito Úmida, Floresta Pré-montana Baixa Muito Úmida e Floresta Ombrófila Baixa Montana, conforme mapa 10.

Da mesma forma, a conectividade espacial é articulada por uma densa rede de rios, que se originam no sopé da cordilheira de Talamanca e desembocam na Encosta do Pacífico. A maior parte dos municípios está localizada no entorno desses mananciais, conforme mostra o mapa 11. A malha viária é estruturada pela Rodovia Interamericana do Sul, que atravessa a região de norte a sul, e que faz a ligação tanto com o centro do país. As estradas locais são constituídas por uma rede de estradas, que em alguns casos são pavimentadas, bem como estradas de cascalho, transitáveis durante todo o ano.

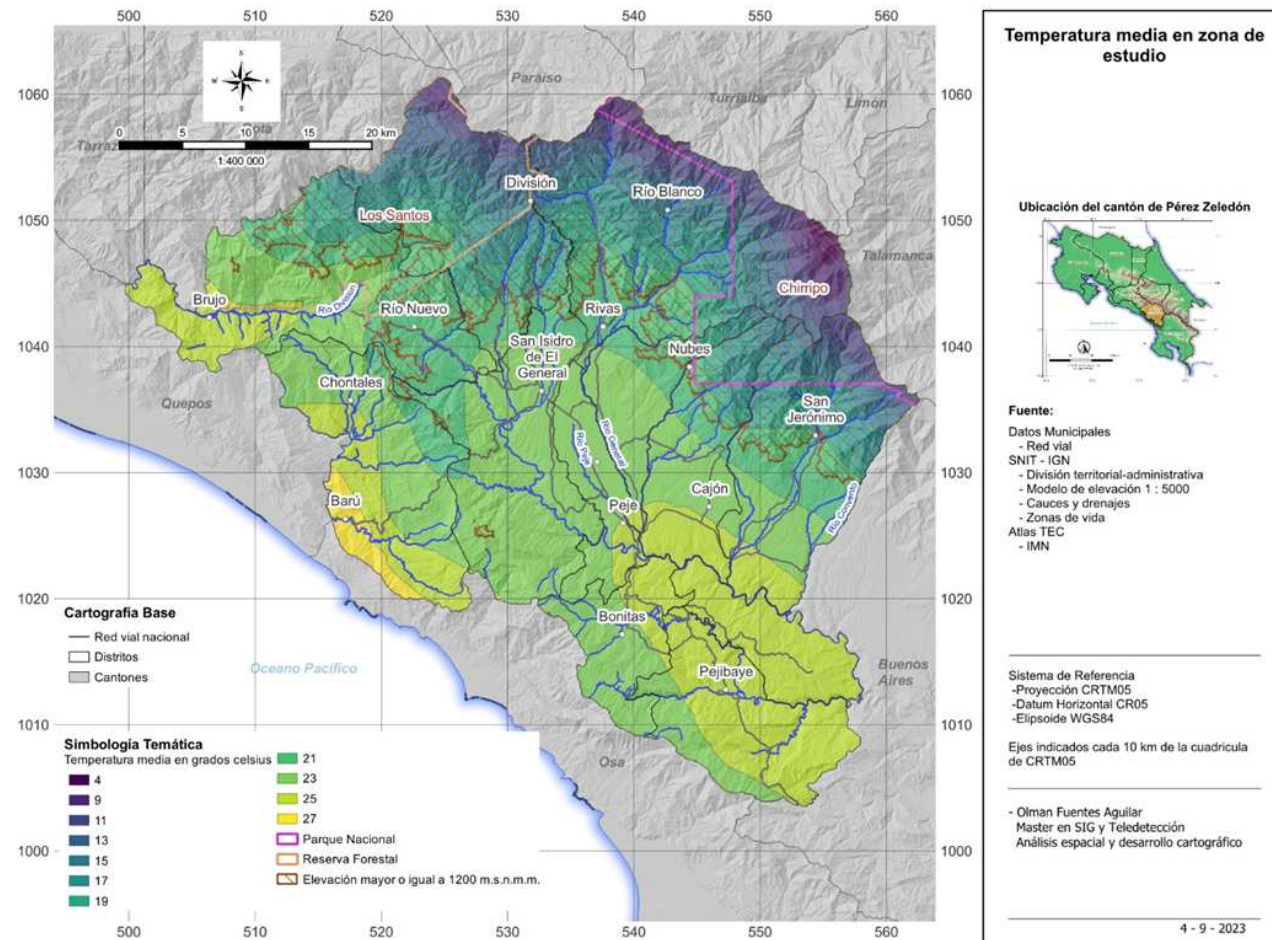
Mapa 7. Costa Rica. Región cafeteira de Pérez Zeledón. Áreas protegidas e corredores biológicos.



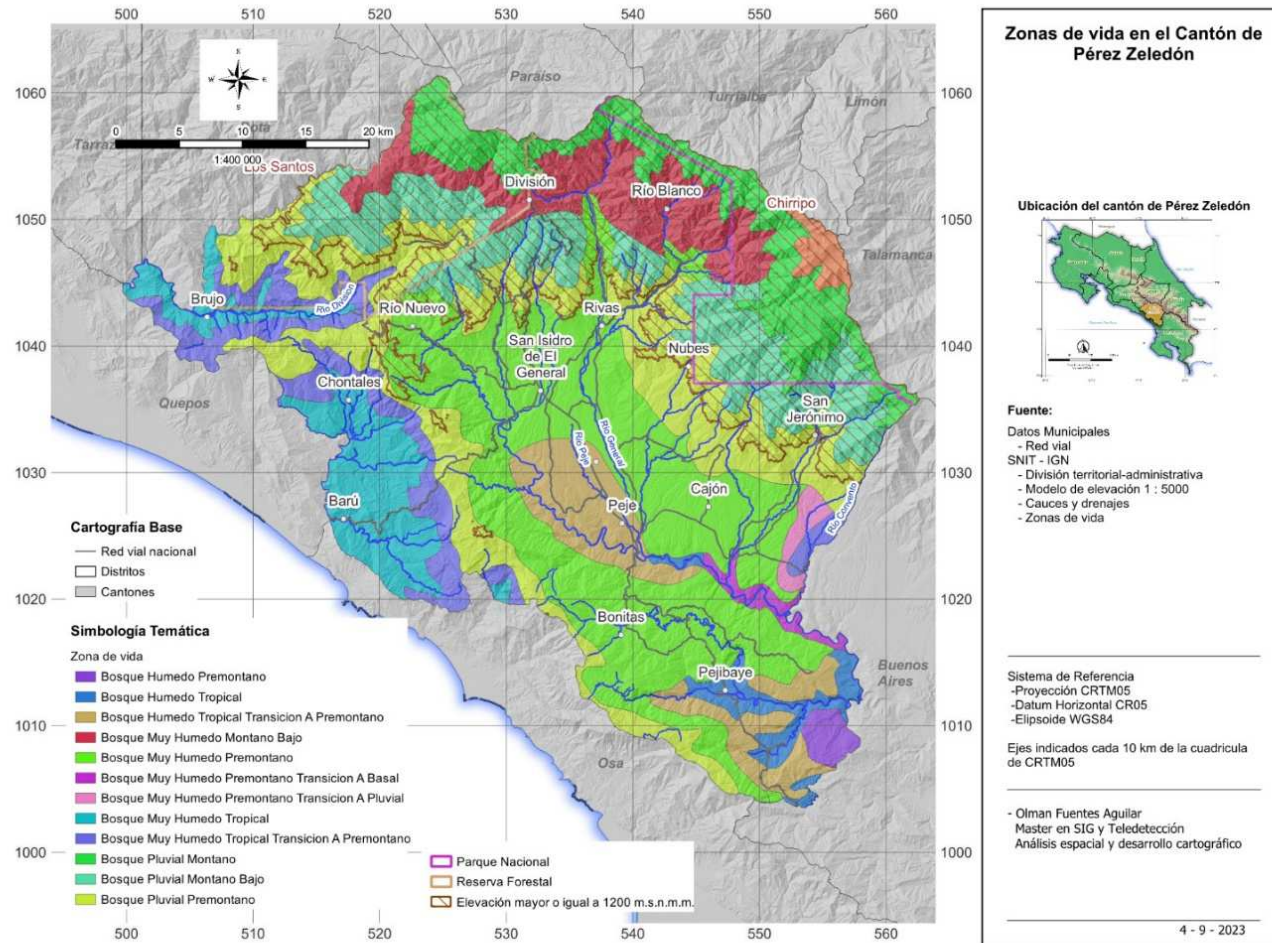
Mapa 8. Región cafeteira de Pérez Zeledón. Precipitación média.



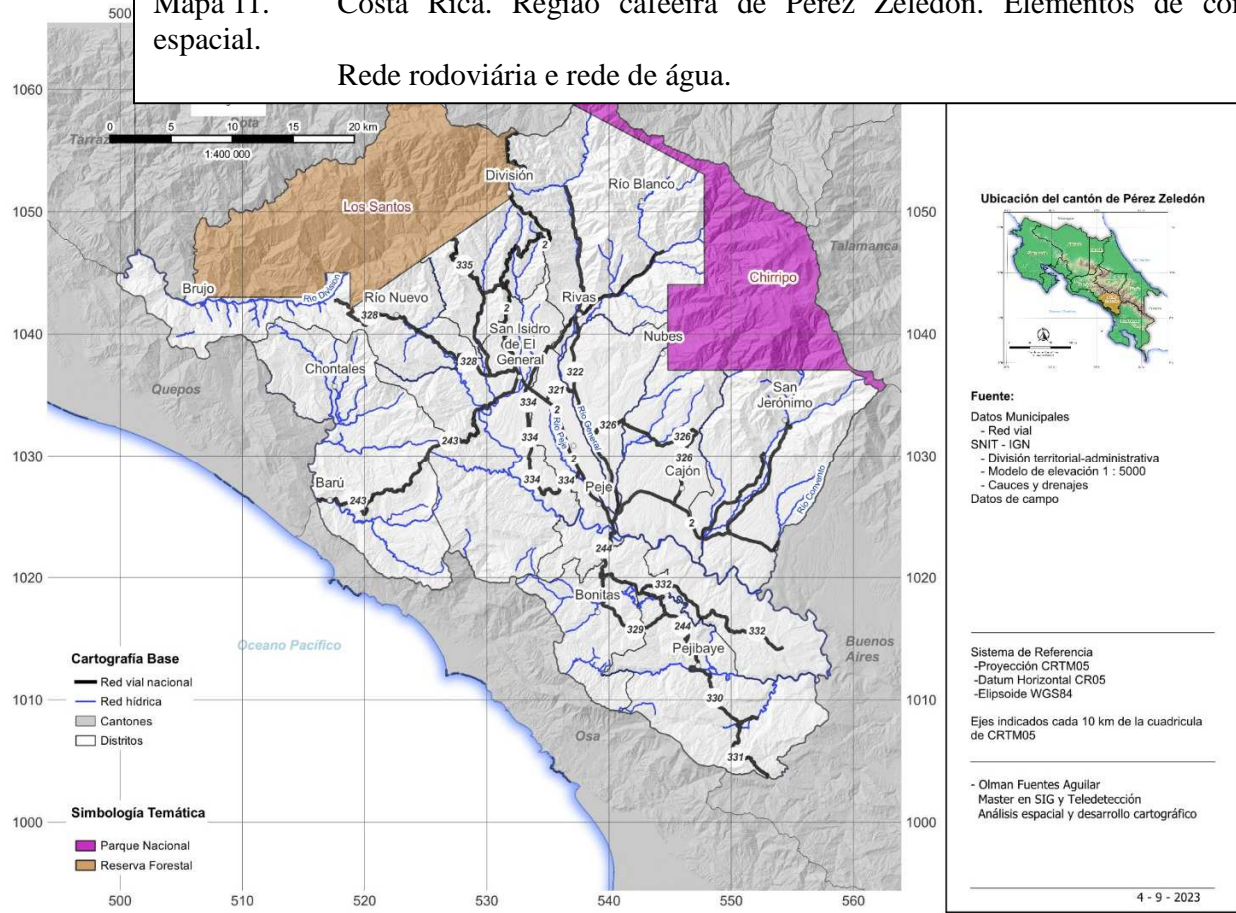
Mapa 9. Costa Rica. Región cafeteira de Pérez Zeledón. Temperatura média em graus Celsius



Mapa 10. Costa Rica. Región cafeteira de Pérez Zeledón. Zonas de vida

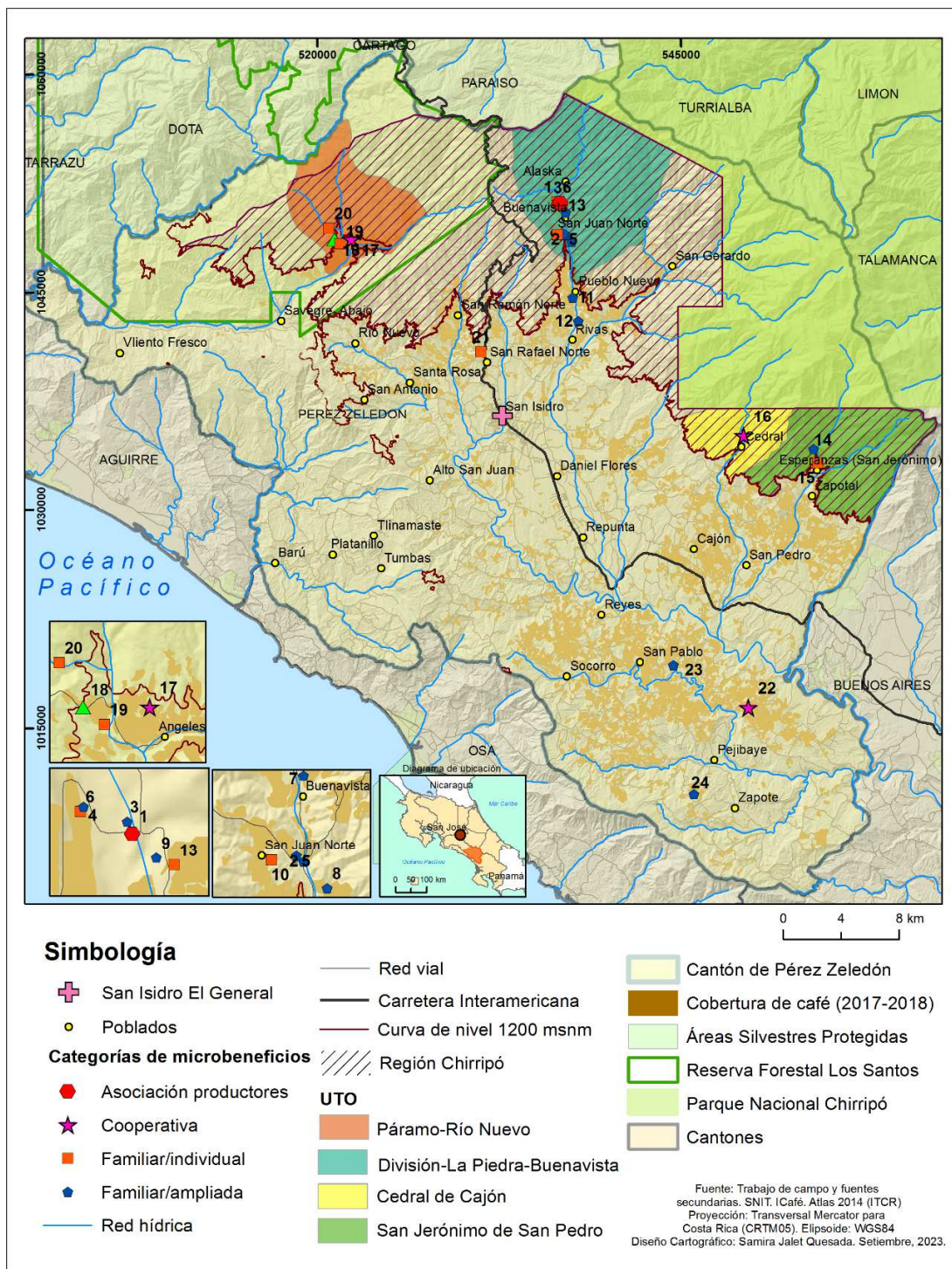


Mapa 11. Costa Rica. Región cafeteira de Pérez Zeledón. Elementos de conectividad espacial.
 Rede rodoviária e rede de água.



Desta forma, a região de Chirripó, proposta como área de oportunidade para a produção de cafés especiais, abrange a orla ocidental da serra de Talamanca com aproximadamente 1.441.371 hectares; com elevada importância para a conservação e utilização sustentável dos recursos, dada a proximidade das áreas de conservação e das condições ambientais que predominam, uma grande riqueza de recursos naturais de flora e fauna, e uma paisagem que integra a conservação com paisagens produtivas; bem como características de vulnerabilidade dadas as encostas íngremes. Para o qual são propostas as seguintes unidades territoriais de oportunidade (UTO), conforme mapa 12.

Mapa 12. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. Proposta de Unidades Territoriais de Oportunidade para produção de cafés especiais.



Fonte: O Autor, 2023. Baseado em trabalho de campo e fontes secundárias SNIT, ICAFE, Atlas ITCR (2014), desenho cartográfico Samira Jalet Quesada.

4.4.1.1. UTO Páramo-Río Nuevo

Esta unidade territorial está inserida numa área inserida no Sistema de Áreas Silvestres Protegidas, na categoria de Reserva Florestal. Segundo a delimitação do SINAC ⁷⁶, a Reserva Florestal de Los Santos é uma das 9 reservas florestais declaradas como Áreas Selvagens Protegidas do país, criada em 1975. É gerida sob o modelo de governança de Administração Compartilhada ⁷⁷; condição que regula o uso do solo e sua relação com a conservação; Ao contrário das outras unidades, nesta o município de Pérez Zeledón não intervém na sua gestão; Isto está em conformidade com as políticas emitidas pelo SINAC.

Esta unidade agrupa os municípios de Santo Tomás, Los Ángeles e La Lira, e nelas estão localizados quatro microbenefícios. Três microbenefícios estão organizados em família-individual, família-extensiva e cooperativa, com 20 associados. Esta unidade beneficiou das ações do projeto Paisagens Produtivas, através do qual foi desenvolvido um plano de Assistência Técnica para 2020 e 2021. (MAG, 2021, p.17). Foi coordenado um plano de formação com a cooperativa Coopeangeles de Páramo sobre café, bem como ações previstas no projeto Paisagens Produtivas. O quadro a seguir inclui os microbenefícios da unidade.

⁷⁶Disponível em: <https://www.sinac.go.cr/ES/asp/PublishingImages/Mapa%20de%20ASP%202023.jpeg>

⁷⁷Disponível em: <https://www.sinac.go.cr/ES/partciudygober/Paginas/modgob.aspx> Governança compartilhada: áreas protegidas baseadas em mecanismos e processos institucionais em que, formal ou informalmente, vários atores, tanto da Administração Pública e fora dele compartilham responsabilidades, tomadas de decisões e benefícios, de acordo com o atual marco regulatório.

Quadro 25. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. UTO
Páramo-Río Nuevo. 2023.

Não.	Microbenefício	Forma de organização
1	Cooperativa Coopangeles	Cooperativa – 20 associados
2	Fazenda e microbenefício Favalo	Família/estendido
3	Microbenefício Verdes Montañas	Família/individual
4	El Colorado e microbenefício	Família/individual

Fonte: Elaborado por Quirós, 2023.

Esta unidade tem uma história particular, a cooperativa Coopeangeles, que articulava a produção cafeeira do distrito de Páramo, sofreu um desastre natural e perdeu o investimento realizado, a organização foi desmantelada e reconstruída novamente. Alguns produtores chegam a ter suas fazendas hipotecadas. O INDER tem em andamento um projeto de financiamento da cooperativa, que deverá receber aprovação satisfatória. A cooperativa, apesar das dificuldades que enfrenta desde 2017, vê uma nova possibilidade ao negociar com o INDER, novas instalações e equipamentos para refazer o microbenefício. Porém, através da Coopeagri, Cafinter, J. Orlich, Try Farmer e *Exclusive Coffees* seu café é levado ao mercado internacional. A empresa de marketing Try Farmer vende café nos Estados Unidos para uma rede de restaurantes chamada Chick -Fil-A. Com o qual avançaram os cooperados, ligados à produção de café de alta qualidade.

Por su parte, de los tres microbeneficios atendidos por sus familias que se ubican en el área, uno de ellos es artesanal, - Finca y Microbeneficio Favalo - y produce una pequeña cantidad de café, para consumo local y la venta en ferias locales y venta cara a cara. Como Renting, H aponta; Marsden, T; e Banks, J. (2017), cadeias curtas de abastecimento alimentar (CCAAs), são relações comerciais presenciais, em lojas rurais e feiras de

agricultores. O turismo constrói um eixo central de atuação, com o qual promove a sua marca de café, vendendo aos turistas⁷⁸.

O interesse em desenvolver o turismo como parte da diversificação das fontes de rendimento é observado em três dos microbenefícios. Dois microbenefícios realizam atividades relacionadas ao turismo, café-passeio, hospedagem e caminhadas pelas trilhas. Além disso, quando recebem turistas, vendem seu café diretamente. Por estarem localizados dentro da área de proteção denominada Reserva Florestal Los Santos, setor La Lira; isto se torna um recurso valioso que eles possuem para complementar sua atividade.

Nas experiências familiares, o café que é processado dentro da fazenda é pouco; perdendo com isso a possibilidade de apropriação desta mais-valia. Uma delas é artesanal e as outras duas possuem um investimento significativo para processar o café. Portanto, espera-se que consigam apropriar-se de maior valor no futuro. Observou-se grande sentimento de apropriação e luta nos microbenefícios atendidos pelas famílias. Uma das mulheres, que gere o microbenefício com a família – Microbenefício Verdes Montañas, venceu por duas vezes um concurso nacional, o que lhe permitiu adquirir equipamento básico para realizar a actividade. Também recebeu treinamentos que fortaleceram sua atuação, em um trabalho que nunca havia feito antes.

A este respeito, *LMC (15)* comenta que recebeu cursos do programa “Costa Rica para sempre”, voltado para a parte turística; cursos com o Programa das Nações Unidas (PNUD), também com um grupo denominado “Terra com essência de mulher”, sendo o que mais tem oferecido cursos sobre diversos temas; que contribua com conhecimento orientado para a forma como uma empresa é administrada; no Instituto Nacional da Mulher (INAMU), recebeu cursos sobre marketing, rótulos, licenças e procedimentos. Com o Icafe você recebe cursos sobre temas relacionados à produção de café como; plantio, qualidade e

⁷⁸ Disponível em: <https://favalofinca.wixsite.com/favalo/> com a ajuda de um aluno assistente, colaboramos no desenvolvimento de uma página na internet para divulgar o café produzido na fazenda, e as atividades turísticas associadas., como visita às cataratas, observação de pássaros, caminhada pelo morro e hospedagem. A divulgação da sua oferta turística é uma das necessidades imediatas, portanto, através deste apoio foi possível contribuir nesse sentido.

doenças do café. A maioria desses cursos é virtual, o que oferece a possibilidade de participação e ajuda a inserir-se em novos processos.

Na experiência familiar – Finca y Microbeneficio Favalo –, participam constantemente de feiras locais e regionais. Além disso, participam ativamente da Associação de Ecoturismo da Bacia Média (ASECUME), que promove a articulação turística deste território com as paisagens produtivas. Segundo a Prefeitura de Pérez Zeledón (2022), praticam-se caminhadas, agroturismo, aventura e atividades temáticas e a Reserva Natural La Lira, montanhas, cachoeiras são recursos; e são oferecidos serviços de hospedagem e alimentação. Uma das atrações mais visitadas são as Cavernas do Monte. Próximo ao Río Nuevo, você visita a Cachoeira El Chamán, Cachoeira El Salto del Congo, Cachoeira El Colibrí e Cachoeira La Escondida. Além disso, estão se organizando para oferecer turismo de aventura (Rapel), caminhadas entre montanhas, cachoeiras, cavernas, turismo rural, incluindo passeios de café, e moinhos de bois.

A oferta turística é promovida maioritariamente por um dia, uma vez que não dispõem de alojamentos montados para visitantes; exceto uma família que fica hospedada. Existem limitações importantes a superar; embora seja possível chegar à área de carro simples, o acesso é difícil. É uma zona de declives acentuados, o que dificulta a visita das pessoas ao local. Embora a área tenha grande potencial para desenvolver uma oferta turística articulando a diversidade de recursos naturais e culturais, ela é incipiente. São necessários apoios estatais e de outras instituições como universidades para articular a oferta turística ao território.

De modo geral, esta unidade territorial apresenta grande potencial em termos de recursos agroecológicos e culturais para a produção de cafés especiais, porém, devem estar vinculados a processos que lhes permitam gerar maior valor agregado ao seu produto. Outro aspecto que limita sua inserção é que a grande maioria das famílias não regularizou a propriedade da terra antes da entrada em vigor da criação da reserva (1975); Isso se deve ao fato de essas terras terem sido colonizadas espontaneamente e transferidas para a geração seguinte sem a documentação exigida; uma vez estabelecida a Reserva Florestal de Los Santos; A maior parte das explorações agrícolas estão registadas como áreas com direitos

de concessão e não como proprietários; na condição de gestão compartilhada pelo SINAC, o que poderia limitar as oportunidades que a área tem na produção de cafés especiais.

4.4.1.2. Divisão UTO - La Piedra - Buenavista

A unidade territorial Divisão - La Piedra - Buenavista, na qual está maioritariamente articulada territorialmente; tanto na produção de cafés especiais, dada a quantidade de microbenefícios que possui, quanto com os recursos territoriais que a vinculam à multifuncionalidade do espaço rural. Isto é favorecido pela proximidade com o Parque Nacional Chirripó, sendo uma das 28 áreas desta categoria que recebe grande visitação durante todo o ano. Segundo o modelo de governança governamental ⁷⁹, o Parque Nacional Chirripó pertence à Área de Conservação La Amistad Pacífico. Possui uma série de serviços e uma ampla gama de recursos voltados ao turismo.

Essa unidade é composta por 13 microbenefícios, a maioria localizada em um raio de 4 a 5 quilômetros; na forma de organização familiar individual, organização familiar extensa e associação de produtores. Nesta unidade são registradas as primeiras experiências de produção de café de qualidade e estabelecimento de microbenefícios, aglomeradas em um pequeno espaço.

Articula principalmente a produção de cafés especiais, nas mãos de famílias individuais e extensas e em associações de produtores, localizadas no distrito de Rivas. A associação de produtores como forma de associatividade articula outros atores, o que tem a ver com a ligação de familiares e amigos. Dessa forma, o artesanato na produção de cafés especiais promove outras formas de organização e redes inéditas no território, como aponta Wilkinson (2003), a agricultura familiar, por meio da reativação de laços sociais, promove a consolidação de redes mais amplas, de parentesco, de amigos, como estratégias que

⁷⁹ De acordo com o Decreto Ejecutivo n.º 39519-MINAE, Governança Governamental: uma ou mais agências governamentais (a nível nacional ou local) têm autoridade, responsabilidade e prestação de contas pela gestão da área selvagem protegida, e determinam os seus objetivos de conservação. e desenvolver e executar seu plano de manejo.

permitem agregar valor ao seu produto; promover a valorização dos recursos e conhecimentos tradicionais como opção de incorporação econômica da pequena produção.

A quadro 26 apresenta os microbenefícios presentes nesta unidade, bem como sua forma de organização.

Quadro 26. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. UTO La Piedra - División – Buenavista de Rivas. 2023.

Não.	Microbenefício	Forma de organização
1	Microbenefício Los Crestones	Associação de Produtores
2	Microbenefício Corazón de Jesús	Família/individual
3	Microbenefício Micepa - Cerro Paraguas	Associação de Produtores
4	Microbenefício Café Rivense del Chirripó	Família/Estendido
5	Microbenefício Aromas de Chirripó	Família/individual
6	Microbenefício Brumas de Chirripó	Família/individual
7	Microbenefício Cerro Buena Vista	Família/individual
8	Microbenefício Família Alvarado	Família/individual
9	Microbenefício do Imperio Rojo	Família/individual
10	Microbenefício Boquete	Família/individual
onze	Microbenefício Ibanu Cedros	Família/Estendido
12	Microbenefícios Las Orquídeas	Família/Estendido
13	Microbenefício Joicafé	Família/individual

Fonte: Elaborado por Quirós, 2023.

Através das entrevistas, foi confirmado que muitos deles iniciaram a experiência como parte de um grupo maior, mas depois de alguns anos decidiram começar por conta própria. Na produção de cafés especiais o trabalho familiar deve ser muito sólido, focado na qualidade, por isso em alguns casos surgem dificuldades quando alguns dos associados não cumprem os elementos de qualidade, razão pela qual as cooperativas enfraqueceram de uma forma geral. nível, sendo a forma tradicional de organização e de grande relevância na

produção cafeeira na Costa Rica na década de setenta; mas, por outro lado, outras formas de organização foram fortalecidas.

Segundo dados do MAG, (2021, p.7), por meio de projetos de transferência, diversas organizações têm sido financiadas com máquinas e equipamentos que têm permitido gerar maior valor agregado ao produto, chegando até mesmo à embalagem, como é o caso dos microbenefícios do café. Como grupo, destacam-se as conquistas da Associação de Produtores de Conservação de La Piedra (APROCONPI), de Rivas em Pérez Zeledón, formada pela união de 19 famílias que compõem um projeto, incluindo jovens e suas famílias.

Esta associação de produtores, APROCONPI, administrou um projeto perante o INDER para financiar a ampliação da área de processamento e secagem de café da microbenefício Los Crestones ⁸⁰no valor de ₡ 180 milhões de colones, que foi concedido, o que proporcionou ao grupo equipamentos modernos. (MAG, 2021, p.28). Entre as melhorias está um armazém de armazenamento com área de carga, área de controle, estufas e aquisição de equipamentos industriais especializados. A ampliação da planta de processamento permite aos cafeicultores de Rivas de Pérez Zeledón aumentar suas exportações para o Japão e os Estados Unidos. Este investimento é acompanhado por um aumento da área produtiva em 50%, passando de 28,5 hectares para 42,4.

Redes de comunicação como estradas e acessos são um elemento a considerar; a maioria das famílias utiliza transporte com tração nas quatro rodas. Dadas as condições de declive da zona, a estrada de acesso à comunidade de Buena Vista de Rivas está em boas condições, no entanto, o acesso que liga Piedra a División é complicado, mesmo para carros com tração nas quatro rodas, isto também se deve ao encostas altas.

Esta área está fortemente ligada ao mercado internacional. Começaram com uma empresa de marketing, a *Exclusive Coffees*, mas ao longo desse período outras empresas de marketing chegaram à área, revalorizando a compra de cafés especiais. Um dos microbenefícios o “Café Rivense del Chirripó” exporta diretamente para o mercado

⁸⁰ Obtido em: <https://www.inder.go.cr/noticias/comunicados/2021/N157-ampliacion-planta.aspx>

internacional, com o qual a área acumula experiência para enfrentar os desafios que a produção de cafés especiais acarreta.

Segundo o Município de Pérez Zeledón (2022)⁸¹, nesta unidade territorial possui uma variedade de recursos voltados ao turismo; montanhas, cachoeira, fontes termais, reserva natural; e são realizadas diversas atividades relacionadas ao turismo; caminhadas, agroturismo, atividades de aventura, temáticas, passeio pelo mercado local. Entre os principais recursos; São diversos empreendimentos como Cachoeira Bela Pitina, Visitando Abejas, Truchero el Puente, Fazenda Agroecológica Don Fido, Fameli Camping e Cabanas, Cachoeira El Salitre, Cachoeira Vista Real, Cachoeira La Palma; atividades através das quais o território é revalorizado.

4.4.1.3. UTO Cedral de Cajón

Quanto a esta unidade, foi catalogada pelo MAG, (2021), como Categoria A: significa que desenvolvem projetos produtivo-agroindustriais. Está inserido em vitrines de marketing apropriadas e conta com participação ativa dos afiliados. Executam projetos em benefício da comunidade e, de acordo com essa avaliação, apresentam processos adequados de gestão empresarial. (MAG, 2021, p.17).

No âmbito da atividade ligada aos microbenefícios, existe uma cooperativa proprietária de um microbenefício.

Tabela 27. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. UTO Coopecedral – Cajón. 2023.

Não.	Microbenefício	Forma de organização
1	Cooperativa Coopecedral	Cooperativa – 33 associados

Fonte: Elaborado por Quirós, 2023.

⁸¹Disponível em: <https://www.quehacerenperez.com/mapas>

Esta unidade articula o setor cafeeiro através da cooperativa Coopecedral. O grupo começou em 2004, como uma associação de produtores, que geria ajudas para articular as atividades económicas da comunidade de Cedral de Cajón. Começaram com o apoio do PNUD e da Conservação Natural (TNC), dos quais receberam doações voltadas para o turismo. Em 2007, através da organização *Global World*, um grupo de jovens veio à comunidade para fazer voluntariado; este grupo deu a ideia de que o café poderia articular a atividade turística e que os produtores poderiam se ajudar com o que tinham; sem abandonar as suas atividades produtivas, uma vez que o turismo por si só não é suficiente para sustentar as suas famílias; ideia à qual começaram a dar impulso.

Um elemento histórico importante a mencionar é o fato de que esta área foi a porta de acesso do Parque Nacional Chirripó antes de sua criação na década de 60; caindo em desuso devido à oficialização pelo SINAC do acesso por San Gerardo de Rivas. No entanto, desenvolveram infraestruturas, equipamentos e vias de acesso para incentivar a visitação turística na zona envolvente, dada a riqueza paisagística que possuem.

Em 2010, a associação obteve um empréstimo do Banco Popular e adquiriu o primeiro equipamento para processar café; incluindo trituração, guardiola e secagem. Desde 2015, a cooperativa apresentou um projeto ao INDER, que foi adjudicado por esta instituição em 2019. Foi doada uma planta de secagem com capacidade para processar 2.500 alqueires de café. Através deste projeto foi possível adquirir infraestrutura produtiva para geração de valor agregado, recursos para construção de infraestrutura e equipamentos para o moinho de café, a fim de financiar a ampliação da área de processamento e secagem de café do Moinho Coopecedral, para uma quantia de ₡ 176 milhões de colones. (MAG, 2021, p.17).

O INDER (2020) ⁸²construiu uma planta de beneficiamento de café, com capacidade suficiente para dobrar a produtividade e adquiriu equipamentos especializados para secagem e debulha do café, permitindo que a cooperativa fosse autossuficiente e sem a necessidade de investimentos em transporte e gastos com associados para levar o produto.

⁸²Obtido em: <https://www.inder.go.cr/noticias/comunicados/2020/N159-exportaciones-perez.aspx>

secar em outros lugares. Coordenaram ações com o Conselho Nacional de Produção (CNP), entidade que prestou assessoria técnica. Participaram o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAG) e o Instituto Costarriquenho do Café (ICAFÉ), assessorando os produtores em relação ao manejo e boas práticas da lavoura. Atualmente a cooperativa conta com 33 associados e compra café de outros produtores não associados. Complementa a atividade cafeeira com o turismo.

Embora possuam equipamentos em muito bom estado e com grande capacidade para dar conta da produção de cafés especiais; O aproveitamento dele não é eficiente, o número de bushels (fanegas) processados está muito abaixo da capacidade instalada. Segundo o administrador da cooperativa, no ano anterior, eles processaram 600 alqueires, este ano o café estava com um bom preço, e ao comprar café de não cooperados, vendiam seu café para outros compradores que vendiam ⁸³mais caro.

O café é exportado para Inglaterra, através da empresa de comercialização *Exclusive Coffees*, que tem grande presença na região. Outra parte do café é comercializada no mercado local, sob a marca “Los Jilgueros”, e está localizada em alguns supermercados, o que representa um avanço importante; já que os supermercados raramente vendem café de alta qualidade. Além disso, contam com uma pessoa encarregada de levar o café aos diversos clientes, com quem conseguem colocar uma parte importante dele.

Segundo entrevista realizada com o administrador da cooperativa, 60% do café é exportado e 40% é colocado no mercado local-regional. O que representa um percentual de café exportado inferior à média nacional, que é de aproximadamente 85%. Há interesse em abastecer o mercado nacional, razão pela qual estão a realizar ações de comercialização na zona centro do país, fazendo-o atualmente a nível regional e local.

Observou-se também que, apesar de ser uma área com grande potencial para o cultivo de cafés especiais, existem limitações como encostas íngremes e a divisa com o Parque Nacional Chirripó, utilizado exclusivamente para conservação. Neste momento estão muito preocupados, visto que o Município de Pérez Zeledón está a preparar o plano regulatório, não receberam informação suficiente e consideram que estas áreas, devido aos

⁸³Pagamento recebido pelo café. É comum que esse termo seja usado na linguagem do café.

declives elevados e à proximidade da área de proteção, podem limitar a capacidade de expansão da atividade cafeeira.

Da mesma forma, um dos aspectos que se reflete na experiência é o fato de que a forma cooperativa na produção de cafés especiais pode não ser a melhor opção organizacional. Já que todo o grupo é obrigado a se comprometer com a qualidade, e às vezes não é assim. Além disso, nos casos em que não existe um vínculo forte com a organização, a credibilidade e a confiança são quebradas, levando os produtores a comercializarem seu café individualmente com outros comercializadores – exportadores que pagam um preço melhor, prejudicando o valor da organização e do projeto comum. que eles construíram como uma cooperativa.

Esta unidade territorial, embora tenha procurado a integração com a atividade turística, como demonstra a história da sua fundação como conjunto de produtores; ainda é um processo incipiente. Possuem recursos naturais e culturais de grande relevância, como a possibilidade de acesso ao Parque Nacional Chirripó, porém, não foi viabilizado por instituições públicas. Portanto, é importante promover esta ligação, dadas as condições que a zona apresenta para desenvolver o turismo, especialmente caminhadas, visita a cascatas e observação da paisagem. Além disso, articulando a produção de cafés especiais como principal fonte de renda.

4.4.1.4. UTO São Jerônimo de São Pedro

Esta unidade territorial possui uma grande riqueza em recursos naturais. Abrange as comunidades de Zapotal e San Jerónimo de San Pedro, faz parte da Reserva da Biosfera La Amistad Pacífico e está localizada na zona tampão do Parque Nacional Chirripó, patrimônio RAMSAR ⁸⁴ próximo à Serra de Talamanca.

⁸⁴ Disponível em: <https://rsis.ramsar.org/> Na Costa Rica, 12 sítios fazem parte da Ramsar, incluindo Las Turberas de Talamanca.

Nesta unidade funciona a associação de desenvolvimento comunitário Aturena ⁸⁵, que foi fundada em 2007 com o intuito de gerar desenvolvimento sócio comunitário através de uma atividade ecologicamente correta e sustentável. Esta associação desenvolve e promove o turismo rural comunitário, preservando a cultura das vilas e a natureza da serra. Atualmente, Aturena é formada por mais de 85 famílias do bairro São Pedro, principalmente São Jerônimo, praticam-se caminhadas para todos os níveis, além de visitas a rios, cachoeiras, rapel, camping e cabanas.

A través de Aturena se articula el Monitoreo Biológico Participativo ACLAP-P, bajo el lema “la *ciencia ciudadana está a nuestro alcance*”, Parque Nacional La Amistad, Proyecto: Conservación de la Biodiversidad, a través de la gestión sostenible de los paisajes de producción em Costa Rica. Que conta com financiamento do Banco Mundial do Meio Ambiente (GEF), e com apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Seu objetivo é generalizar a conservação da diversidade, a gestão sustentável da terra e os objetivos de sequestro de carbono para paisagens de produção e corredores biológicos interurbanos da Costa Rica. Desenvolve-se em duas paisagens de produção: em duas zonas tampão das Áreas Selvagens Protegidas, a Área de Conservação La Amistad Pacífico (ACLA-P) e o Corredor Biológico Interurbano María Aguilar (CBIMA). São implementadas ações de planejamento territorial e recuperação de cobertura vegetal.

Segundo a Prefeitura de Pérez Zeledón (2022), dentro do turismo local estão Agro San Miguel Adventures, Café Don Senel, Café Zaddy, Cataratas Don Kilo, Cerro El Sapo Adventure, Chakra Centro de Retiros, La Visual, Ecolodge Los Vencejos, Reserva Natural Las Piritas e Truchas Las Lajas. E uma oferta de alojamentos dos quais fazem parte os microbenefícios localizados em San Jerónimo.

Esta oferta turística inclui os dois microbenefícios registados nesta unidade; Microbenefício Café Don Senel, Café Zaddy. O turismo *cafeeiro* articula-se como uma componente importante da diversificação das atividades que se desenvolve; considerando

⁸⁵⁸⁵Disponível em: <https://aturena.com/bio-monitoreo/>

que possuem riqueza de recursos naturais, e possibilidades de expansão da atividade cafeeira de cafés especiais, que passam a ocupar outros usos da terra como a pecuária.

Esta unidade territorial apresenta grande potencial de crescimento, atualmente existem dois microbenefícios. Contudo, é necessária uma maior coordenação territorial na produção de cafés especiais. A cooperativa San Jerónimo que articulava a produção de café tradicional e que poderia se voltar para a produção de cafés especiais faliu; deixando abandonada a infraestrutura onde o café era processado. Como resultado desta situação, dois dos produtores iniciaram o seu próprio empreendimento com a diferenciação do seu café com base na qualidade. A quadro 28 inclui os microbenefícios localizados nesta unidade territorial.

Quadro 28. Costa Rica. Região cafeeira de Pérez Zeledón. UTO San Jerónimo de San Pedro. 2023.

Não.	Microbenefício	Forma de organização
1	Senel Microbenefício	Família/estendido
2	Zaddy Café Microbenefício	Família/individual

Fonte: Elaborado por Quirós, 2023.

No nível distrital, segundo (MAG, 2021, p.26), foram dadas recomendações aos grupos do distrito de San Pedro sobre o uso de produtos para melhoria do solo, manejo de pragas e doenças e programas de fertilização do café. citrino. Nas experiências analisadas, uma das microbenefício Don Senel integra produção diversificada com banana, abacate e frutas cítricas. Enquanto na outra experiência microbenefício O Café Zaddy articula a diversidade com o turismo, dada a sua proximidade com o Cerro Chirripó, Cerro Ena e outros atrativos próximos. Além disso, em ambas as experiências é complementado com alojamento para visitantes.

Algumas áreas de pastagens estão sendo substituídas por café, sendo uma área com grande potencial, porém são necessários esforços para envolver mais famílias na atividade. As vias de acesso encontram-se em bom estado de conservação, sendo possível aceder à zona através de transportes simples, apesar dos declives elevados caracterizarem a unidade.

4.4.1.5. Outras áreas de oportunidade na região

Na região cafeeira de Pérez Zeledón foram identificadas áreas nas quais a produção de cafés especiais é considerada uma possibilidade; contudo, é necessário estudar mais detalhadamente e caracterizar estas áreas. É o caso da parte alta do distrito de Pejibaye, onde estava localizado um microbenefício Pagua, e de San Pablo, no distrito de Amistad, onde está localizado o benefício Marespi, que começou como um microbenefício, mas atingiu uma escala maior em processamento e comercialização do café. Isto é resultado dos vínculos com o território e das redes que este tem tecido com as áreas produtoras de cafés especiais, especialmente com a venda de serviços como degustação, processamento e comercialização.

Da mesma forma, no território existe uma microbenefício La Piedra, localizada no distrito de San Isidro de El General, a única que produz organicamente; sendo referência na agroecologia da região. Nos últimos anos, a quantidade de café produzida fora substancialmente reduzida, dado que o rendimento por hectare não atinge um equilíbrio adequado. Porém, devido à sua localização, construiu redes do território, através de uma oferta de serviços de processamento de café de produtores da região. Além de torrar e moer em pequenas quantidades para consumo local e regional. Além disso, integra uma oferta de serviços turísticos, construindo uma rede de ligações com jovens produtores locais, que tem integrado em projetos novos e inovadores.

4.5 Diretrizes para a reconceitualização do território na produção de cafés especiais

A produção, processamento e comercialização de cafés especiais na área de estudo apresenta oportunidades de crescimento e consolidação; contudo, para atingir o objetivo de integração efetiva das famílias através dos seus empreendimentos, é importante considerar as diretrizes que contribuem para esta reconceitualização do território:

- a. O reconhecimento da “Região de Chirripó” como uma área com características diferenciadas dentro da região cafeeira de Pérez Zeledón para a produção de cafés especiais. A quantidade de microbenefícios e as conquistas alcançadas em termos de produção, processamento e comercialização do café, com alcance global-regional e local, posicionam-no como uma área de grande potencial. Para o qual poderá ser gerida no futuro uma Indicação Geográfica ou Denominação de Origem, possibilidade que os produtores concordam em apoiar e que tem sido bem conceptualizada em termos territoriais.
- b. É importante dimensionar a diversidade das redes sociais no território, para favorecer o financiamento diferenciado deste setor. Embora seja verdade, a associatividade constitui um legado que tem contribuído para a utilização da cafeicultura nas mãos de pequenos produtores, como apontou Gudmundson, L (2018), a produção de cafés especiais promove formas de organização local articuladas em redes inéditas do território como aponta Wilkinson (2003), promovendo, portanto, outras opções de financiamento para a atividade cafeeira voltada à produção de cafés especiais Poderia constituir um incentivo e apoio às famílias para estabelecerem os seus próprios negócios e conseguirem um melhor aproveitamento da atividade.
- c. Duas das unidades da Divisão - La Piedra - Buenavista e San Jerónimo de San Pedro, apresentam maior vínculo entre a produção de cafés especiais com atividades relacionadas ao turismo, fruto da proximidade com o Parque Nacional Chirripó, o que tem motivado uma oferta de serviços vinculados à sua visita. Embora a Unidade Territorial Páramo-Río Nuevo e Cedral de Cajón, embora apresentem recursos naturais

e culturais únicos, é necessário promover maior articulação desses recursos, com paisagens produtivas, e conseqüentemente maior visitação à área; bem como fornecer apoio destinado a identificar maiores oportunidades no cenário agrícola que possuem.

- d. Na região cafeeira há presença de instituições regionais que favorecem o setor; principalmente o ICAFE, MAG e o INDER. Embora tenha sido evidenciado através das entrevistas realizadas com representantes institucionais regionais; que as instituições trabalham de forma colaborativa e têm favorecido a incorporação dos cafeicultores, especialmente através do financiamento de grupos organizados, como as cooperativas; Os produtores afirmam que é necessário maior apoio e envolvimento institucional. Os mecanismos de acesso a recursos não reembolsáveis e empréstimos bonificados para a atividade devem ser flexibilizados. Maior colaboração na aquisição de infraestruturas e equipamentos; um problema resolvido para benefícios médios e grandes, mas caro e difícil de adquirir para micro benefícios.
- e. Os cursos de capacitação e especialização tornam-se elemento central para atingir os objetivos de inserção das famílias na produção de cafés especiais. Ficou evidente nas experiências da agricultura familiar que a inovação e o desenvolvimento tecnológico advêm da incorporação de novas gerações de jovens, que veem a cafeicultura como meio de vida. Bem como a incorporação de mulheres, que modificam suas atividades tradicionais para se integrarem nos processos de geração de valor do café; o que implica a gestão de informações e tecnologias para a atividade.

Portanto, aproximar os jovens das opções de degustação e certificação de barista, bem como oferecer cursos voltados à comercialização como marketing, embalagem etc., poderia favorecer processos de maior envolvimento. É preciso promover cursos virtuais, que evitem percorrer longas distâncias e abandonar as tarefas diárias que cada membro da família desempenha. Da mesma forma, a nível regional, a oferta de programas formais oferecidos pelas universidades deve levar em conta esta nova ruralidade.

- f. A integração através do investimento nas redes de ligação do território, principalmente na disposição de estradas e vias de acesso, bem como nas redes de acesso à Internet, é

uma prioridade. O acesso a muitas das comunidades onde são produzidos cafés especiais é íngreme, com estradas de cascalho em más condições; portanto, o investimento estatal nestas vias de comunicação poderia favorecer movimentos mais rápidos e diversidade de produtos, aproveitando melhor as feiras regionais e locais.

- g. É necessário ampliar a solidariedade do território, através da promoção e divulgação da atividade cafeeira. Acima de tudo, promoção na participação no Cup of Excellence, bem como participação em feiras e eventos promocionais a nível regional e local.

A reconceptualização do território através da produção de cafés especiais, apesar dos grandes desafios que a atividade enfrenta, a sua inserção no território estudado manifesta-se como uma atividade renovada, sob novos desafios e com uma visão territorial caracterizada por fortes raízes e identidade territorial. ; tornando-se uma oportunidade para as famílias se manterem atualizadas numa atividade que marcou um passado histórico e cultural e que é vista no futuro como um espaço de oportunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A próxima seção considera os elementos problemáticos que deram origem a este trabalho. Os objetivos e questões de pesquisa propostas, bem como os elementos teóricos e metodológicos levantados na primeira seção para abordar a proposta. Procurando entender quais são as estratégias de inserção da agricultura familiar para produzir cafés especiais, e inserir-se prioritariamente no mercado internacional, mas também atingir os mercados locais e regionais, como oportunidades emergentes; relações localizadas temporal e espacialmente.

A abordagem a partir da Geografia Rural, e os referenciais teóricos e metodológicos, permitem compreender e analisar o espaço rural, o território e as dinâmicas territoriais em que se tece a nova ruralidade, no contexto da globalização; em que convergem antigas formas e relações de produção e caracterizada pela modernização agrícola. A nova ruralidade está relacionada com as transformações do espaço rural em decorrência das políticas neoliberais, passando de um espaço agrícola para um espaço rural multifuncional. A liberalização dos mercados conduz a uma especialização territorial baseada na existência de vantagens competitivas.

Nos territórios rurais, a agricultura familiar surge como formas de resistência, do apoio simbólico e material que a família sustenta; e isso justifica a sua relação com os territórios. A produção de alimentos orgânicos de melhor qualidade, o resgate do conhecimento local e das competências produtivas, a criação de novos mercados, ressurgem como opções para fortalecer a agricultura familiar no meio rural. Resgatando um dos elementos centrais que permitem compreender estas dinâmicas, a redistribuição interna do trabalho familiar rural, bem como a mobilização de recursos e redes sociais, fundamentais na geração de valor acrescentado para oferecer um produto transformado, no caso de cafés especiais, observa essa dinâmica, conforme aponta Mior, L. (2003).

Nestes, surgem mercados alternativos, em contraste com os sistemas agroalimentares convencionais de produção e comercialização de alimentos. O comércio local e o marketing direto entre vendedor e consumidor, as relações espacialmente ampliadas do mercado global, as relações que emergem em nichos de especialidade, como no caso dos cafés

especiais, tornam-se relações socioculturais. Voltando a Lima, N; Froehlich, J (2014), a pequena escala constitui uma condição favorável nos mercados emergentes, que valorizam a tradição, a natureza, o artesanal e o local.

As estratégias adaptativas da agricultura familiar, como a diversificação produtiva, a pluriatividade, a intensificação do trabalho familiar, a gestão de empresas familiares, o acesso a mercados diversificados e alternativos, são formas de integração da agricultura como medidas de resistência e inovação para enfrentar o contexto mutante e exclusivo. Os espaços de oportunidades por meio dos quais a agricultura familiar se reproduz na produção de cafés especiais permitem compreender como se definem territorialmente novas dinâmicas espaciais, que levam à revalorização do território, como elemento central para manter ativa a produção de café. . A ênfase na qualidade permite a sobrevivência diante das crises recorrentes a que a indústria cafeeira está exposta.

Na história económica, social e ambiental da Costa Rica, a cafeicultura foi decisiva na sua configuração; vivenciando mudanças constantes, manifestadas nos diversos elementos de ruptura e continuidade. A introdução da cafeicultura no país a partir de 1820 esteve associada à transformação da paisagem e da sociedade. Sua expansão coincidiu com a expansão territorial, a migração para áreas de fronteira agrícola, a destruição de florestas, a fundação de cidades, a construção de estradas e ferrovias, forjando identidades regionais, como ocorreu em outros países latino-americanos como observa Samper, Mario; Roseberry, William e Gudmundson, Lowell (2001). Vinculação da economia do país ao mercado internacional, evidente desde 1840, como único produto de exportação há mais de um século.

Em meados do século XX, a revolução verde marcou novas transformações territoriais, com a introdução de práticas agrícolas, caracterizadas pelo uso intensivo de agroquímicos, e pelo aumento acelerado da área produtiva e conseqüentemente maiores rendimentos; incorporação de extensas áreas à produção cafeeira, sob uso intensivo de recursos. Como apontado (Vargas, G, 2014; Sandner , G (1962), a grilagem de terras e a concentração de propriedade na área central do país forçaram contingentes de migrantes a se estabelecerem em outras áreas, como é o caso de Pérez Zeledón , que iniciou um processo de colonização mais consistente a partir da década de 1950; em busca de melhores condições de vida, e

motivado pela abertura de novas vias de acesso como a Rodovia Interamericana em 1941, pela disponibilidade de recursos terrestres e pelas opções produtivas entre eles o estabelecimento de novas áreas cafeeiras. Tal como no Vale Central, historicamente a produção esteve agrupada nas mãos de milhares de pequenos produtores, enquanto o processo de processamento e comercialização conheceu um elevado nível de concentração.

Consistente com o que foi afirmado por Montero, A. (2018), as crises recorrentes na cafeicultura, caracterizadas pelo excesso de oferta e conseqüente baixos preços no mercado, levaram à diminuição gradual das áreas de cultivo, à diversificação produtiva com o conseqüente deslocamento de áreas produtivas diante do avanço da urbanização e comércio, priorizando a produção com foco na qualidade; elementos que caracterizam este último período, a partir da década de noventa.

Da mesma forma, à escala global, estão a ocorrer intensas transformações no sistema agroalimentar que redefinem a agricultura e a sua relação com os espaços rurais; que respondem adicionalmente aos novos paradigmas do consumo de café, com especial referência à origem territorial, aos processos artesanais e às características de qualidade excepcionais com uma procura crescente por produtos diferenciados, transformações que abraçam a produção de cafés especiais, em que a qualidade realça as características do território.

A qualidade como elemento diferenciador na cafeicultura do país, permeia a atividade desde a sua implantação, conforme afirma Peters, G (2004); Viales, Ronny; Mora, Andréa (2010); Gudmundson, Lowell, (2018); Canet, G; Soto, C, (2017). Focado principalmente na diversidade de microclimas e na qualidade do solo como elementos agroecológicos determinantes; bem como o processo de processamento por via úmida, que trouxe grande reconhecimento internacional, por meio do qual a cafeicultura sobreviveu a períodos críticos como apontam Peter, Gertrud (2004); Rodríguez, Alonso (2014); Leão, J, (2012).

O processo de seleção dos frutos é realizado de forma seletiva e manual, ajudando a garantir que a maior parte dos frutos seja colhida madura, favorecendo a sua homogeneidade. A qualidade torna-se assim um elemento estratégico para o mercado costarricense, contribuindo para a obtenção de um preço diferenciado em nichos de mercado; característica que se incorpora na promoção dos cafés especiais e que caracteriza

o mercado produtor-consumidor desde a década de 1990. Momento em que, além disso; O artesanato na produção do café se diferencia pela origem e sabor.

A produção de cafés especiais de alta qualidade tem crescido nos últimos anos e um de seus principais atributos é a sua origem, ou seja, a região cafeeira onde foi cultivado e processado. como aponta Canet, G; Soto, C, (2017); colocados em mercados alternativos como comércio justo, sustentável, orgânico e gourmet. Ainda é difícil compreender a dinâmica deste segmento cafeeiro no que diz respeito às suas diferentes definições, tendências de mercado e seu impacto sobre os produtores e potenciais decisões de consumo nos diferentes nichos de mercado em que geralmente competem.

O reconhecimento internacional do país pela conservação ambiental, o incentivo à agrofloresta e à biodiversidade tem orientado a atividade rumo à sustentabilidade, que se torna um pilar na diferenciação da qualidade do café. Na questão ambiental, programas como o café NAMA, o Pagamento por Serviços Ambientais (PSA), o programa Bandeira Azul Ecológica, têm dimensionado a incorporação de práticas de gestão e consideração de variáveis focadas em medidas de mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Medidas que motivam ações voltadas ao incentivo aos sistemas agroflorestais, à melhoria da qualidade da água, ao manejo e conservação do solo, à disposição final de resíduos sólidos e líquidos na gestão ambiental, entre outras.

Diversas iniciativas na atividade cafeeira apontam para a sustentabilidade social, entre elas; o contrato de seguro para os colhedores de café, em acordo com o Fundo de Segurança Social da Costa Rica e o Ministério do Trabalho (CCSS); O Programa “Casa de la Alegría”, em coordenação com instituições como PANI, IMAS, OIM e UNICEF, procura melhorar as condições de vida da população que colhe café.

A política de género (Icafe, 2022), centrada nas mulheres rurais, baseia-se nos princípios da universalidade, equidade e resiliência. A incorporação desta abordagem constitui um elemento essencial para o desenvolvimento de ações destinadas a superar as diferentes formas de discriminação contra as mulheres; considerando que as desigualdades de género constituem uma das principais formas de exclusão.

O projeto “Café Jovem”, constituído por uma rede de jovens rurais, promovido pelo Icafe, deverá ser o prelúdio da política de integração juvenil (Icafe, 2023), ainda em

discussão, com o objetivo de tornar visíveis as necessidades da juventude rural e, assim, beneficiar esta população; constroem caminhos para uma melhor inserção no rejuvenescimento do campo e do espaço rural.

A Criação do Fundo Nacional de Sustentabilidade do Café (FONASCAFÉ), aborda a sustentabilidade econômica da atividade cafeeira, por meio de um programa permanente de financiamento direto e indireto aos produtores de café, voltado com especial ênfase aos pequenos produtores, para a renovação e manutenção dos cafezais e aquisição de novas tecnologias.

O exercício de identificação da qualidade do café na região cafeeira de Pérez Zeledón tem sido promovido por agentes económicos externos à região; extensionistas, transferências, técnicos de controle de qualidade ou gestão de qualidade, microbenefícios que vêm de outras regiões que já possuem experiência acumulada, uma região de referência como a região de Los Santos. A maior parte dos desenvolvimentos na região está associada a fenómenos de promoção e comunicação por parte de agentes externos. Reconhecendo que a qualidade é complexa e multidimensional, as percepções como parte da subjetividade estão mudando e diferem entre os diferentes atores, portanto, é conveniente falar sobre as qualidades do café, como observa Gudmundson, Lowell, (2018).

Na região cafeeira de Pérez Zeledón foram identificadas estratégias de inserção da agricultura familiar nas três áreas; nomeadamente, ao nível da propriedade – cultivo, na área de beneficiamento-processamento do café e na área de comercialização. Estratégias que são propostas como mecanismos de resistência a padrões padronizados conforme explicado por Niederle, P; Schubert, M; Schneider, S (2014), e que ressignificam o território e colocam a produção de cafés especiais como um projeto individual, coletivo e multiescalar do local com projeção global – internacional. Além disso, significa em cada uma das áreas, apropriação e inovação nestes espaços marcadamente rurais.

A implementação de estratégias de inserção da agricultura familiar no cultivo produtivo implica o aprimoramento das práticas agro-agrícolas orientadas por parâmetros de sustentabilidade, nas ações de processos-benefícios orientadas para melhorias tecnológicas para a concretização de processos artesanais e na incorporação de práticas comerciais

voltadas para mercados alternativos; processos que têm associados custos de investimento económico, bem como processos de aprendizagem significativos.

No campo da produção-cultivo são identificadas práticas que vinculam diretamente a produção de cafés especiais com o território, a gestão dos recursos agroecológicos e socioculturais; estratégias fortemente ligadas aos recursos disponíveis como aponta Craviotti, C; Palácios, P (2013); entre eles; a adoção de boas práticas agrícolas, tendo a componente de sustentabilidade como pilar na produção de cafés especiais; assistência na fazenda, que potencializa o conhecimento sociocultural do produtor e sua família; divisão-segmentação com elevado potencial de diferenciação espacial, através da organização do cultivo em microlotes; o cultivo de diversas variedades, reconhecendo o potencial produtivo de cada uma das variedades; a incorporação da rastreabilidade como elemento de diferenciação espacial e inovação produtiva; por fim, a diversificação produtiva, com a incorporação de atividades agrícolas e não agrícolas como estratégia para fugir do risco e da vulnerabilidade da dependência de um único cultivo.

A diversidade caracteriza este novo período na produção cafeeira; A variedade de microclimas favorece o estabelecimento de muitas variedades, sabores e produtores de café que alteram os padrões de produção do café; eles são atualizados e formados em outros processos. A sustentabilidade está incorporada nestas práticas, um conceito comparável à agricultura regenerativa, que implica uma diminuição da utilização de produtos químicos; compreender mais sobre o uso da terra, gestão da água, gestão do solo, meio ambiente e plantas; sem necessariamente produzir organicamente.

As estratégias da agricultura familiar no processamento – beneficiamento de cafés especiais são orientadas para a geração de valor agregado, com ênfase na qualidade, com processamento regional e local, variáveis, rastreáveis e transparentes, com qualidades espacialmente referenciadas e projetadas como Sonnino, R aponta isso; Marsden, T (2017). Traçar o caminho na conversão de insumos em produtos; transformar a produção primária (insumo) em produto por meio da geração de valor agregado conforme indicado por Ploeg, J (2009). As estratégias que se identificam no processamento- beneficiamento de cafés especiais, nomeadamente; o estabelecimento da microbenefícios para processar café, infraestrutura menor para processamento de qualidade; a implementação de uma

diversidade de processos de processamento com qualidades diferenciadas para aceder a uma diversidade de mercados; inovação e tecnologias na produção de cafés especiais como resgate de recursos e conhecimentos familiares e locais e reapropriação de processos artesanais; a pluriatividade ligada ao microprocessamento de cafés especiais como mecanismos alternativos de resistência e sobrevivência; a especialização do trabalho familiar, integração de jovens e mulheres, com o objetivo de gerar emprego e travar a migração rural.

A partir da produção de cafés especiais, novos processos surgiram na área de estudo, como serviços de torrefação, armazenamento e processamento de café; além de outros mais especializados como cupping e barista. Em três das experiências visitadas, esses serviços constituem uma forma de manter e complementar a atividade principal de produção de cafés especiais com serviços adicionais que geram empregos ao longo do ano, como é o caso de uma fazenda agroecológica, um microbenefício localizado abaixo da área de melhor produção de cafés especiais e um microbenefício que evoluiu para um moinho de médio porte, produto da oferta de serviços de degustação e comercialização de café, a partir de uma rede de pequenos produtores. O turismo complementa muitas iniciativas.

A identificação dos circuitos curtos de comercialização na agricultura familiar mostra as conquistas e caminhos percorridos pelos produtores que desenvolveram estratégias de comercialização alternativas ao sistema dominante, conforme indicado Aluguel, H; Marsden, T; e Bancos, J. (2017); Villamil, M (2017). Através de decisões empresariais, os produtores continuam a controlar o seu próprio trabalho; Portanto, a força e a viabilidade da produção familiar residem na forma como está consegue encontrar os circuitos comerciais adequados para não comprometer a autonomia na sua produção, coerente com o que afirma Niederle, P.; Schubert, M; Schneider, S. (2014). Desta forma, no campo da comercialização da produção de cafés especiais, afasta-se do modelo convencional tipicamente concentrado em poucas mãos, para dar lugar ao surgimento da diversidade de redes de integração e cooperação na comercialização de cafés especiais, como analisa Sonnino, R; Marsden, T. (2017). Da mesma forma, a complementaridade entre os mercados tradicionais e alternativos faz do café uma opção geradora de emprego e renda para as famílias envolvidas na atividade.

Produtos tradicionais como o café são reintroduzidos como produtos artesanais, com valorização dos seus aspectos éticos e de sustentabilidade, conforme afirma Niederle, P (2006). Como estratégias implementadas pela agricultura familiar, a gestão da qualidade é destacada como elemento transversal na comercialização do café; degustação como mecanismo de monitoramento de qualidade; mercados internacionais como principais mercados para cafés especiais, a fim de obter preços diferenciados; acesso aos mercados nacionais e locais como opções alternativas e nichos de especialidade emergentes; os acordos entre os atores, priorizando a credibilidade e a confiança; e por último as feiras e eventos promocionais como solidariedade do território. Tanto a produção como a comercialização podem ser organizadas individual ou coletivamente e realizadas por membros da família.

Na produção de cafés especiais, as cadeias curtas de comercialização surgem como contrapeso aos mercados convencionais e aos consumidores que preferem o consumo de alimentos com identidade, diretamente relacionados à localização e territorialização; ou seja, a capacidade de ressocializar e reespecializar a alimentação, conforme indica Villamil, M (2017); sendo revalorizados diante de uma agroindústria alimentar insustentável.

Estes mercados alternativos surgiram como uma oportunidade em nichos de especialidade e em mercados de proximidade para novos produtos com maior valor acrescentado, como apontam Renting, H; Marsden, T; e Banks, J (2017), Schneider, S; e Gazolla, M (2017). Nessa condição surgem redes sociais, tendo como característica central os laços de proximidade entre atores de um território ou localidade. Da mesma forma, existe uma inter-relação entre redes verticais e horizontais em diferentes níveis espaciais, desde conexões entre familiares e amigos, até interconexões com atores globais. O comércio direto é percebido como uma relação mais pessoal com os produtores; nos cafés especiais, os microlotes garantem melhor qualidade, rastreabilidade e ao mesmo tempo preço mínimo justo para a compra.

Nas experiências familiares onde os jovens estão diretamente envolvidos na atividade, as possibilidades de inovação são maiores. Principalmente naqueles onde a formação em área afim fortalece o vínculo. Duas das famílias com estas características exportam diretamente para o mercado internacional e outras famílias o farão no curto e médio prazo.

A incorporação das mulheres é considerada essencial como parte do objetivo 5, dos objetivos de desenvolvimento sustentável; igualdade de gênero. A integração da mulher na família é vista como elemento central na produção de cafés especiais. As mulheres encontram um espaço de realização, o que para algumas delas significou a mudança do seu papel no seio da família, normalmente como dona de casa, para uma mulher empreendedora, e a quem são delegadas funções como administração e documentação de processos. Isto tem levado à inserção em processos de formação com desafios para influenciar a atividade.

Na comercialização de cafés especiais, os certificados ou selos são percebidos e valorizados pelos produtores como fatores de exclusão; acessível às cooperativas e às empresas comercializadoras e exportadoras, consistente com o que foi afirmado por Faure, G, et al; (2014); Frederico, Samuel e Barone, Marcela (2015); Luna-González, A et al. (2018), o alto custo e a documentação associada excluem a agricultura familiar do acesso a esse tipo de reconhecimento. Outros tipos de estratégias são escolhidos, como a busca pela estabilidade com os clientes, a capacidade de produzir café de qualidade, a fama do seu café lhes garante mercados. A Indicação Geográfica e a Denominação de Origem, embora tenha sido explorada a possibilidade de obtenção na área de estudo, ainda não conseguiu articular a possibilidade de implementação.

Selos e outros crachás sem pagamento inicial para obtê-los motivam o acesso dos produtores, como é o caso da Bandeira Azul Ecológica e do Selo de Identificação de Alimentos Produzidos no Cantão de Pérez Zeledón; bem como outras formas inovadoras de verificação de qualidade, como visitas espontâneas de compradores. Na área de estudo, os concursos de xícara de excelência, o café como alternativa para o turismo através dos *coffee tours*, tornam-se motivadores de qualidade. É necessário explorar novos arranjos institucionais como apontam Sonnino, R; Marsden, T. (2017) que favorecem o acesso dos produtores ao reconhecimento e aos selos de qualidade, especialmente para entrar na fase de comercialização e exportação direta.

A redefinição espacial como região cafeeira, identificando aquelas áreas com alto potencial para a produção de cafés especiais, torna-se uma necessidade premente, considerando que a regionalização oficial do café está atrasada no que diz respeito ao

movimento do café em direção a áreas com maior potencial produtivo. , abandonando áreas que, devido ao impacto de pragas e doenças, bem como ao rápido crescimento urbano e à concorrência no uso do solo, alteraram o seu uso.

Identifica-se na área de estudo uma grande região cafeeira de oportunidade, que os produtores denominaram “*Região do Chirripó, Microrregião do Chirripó ou Serra do Chirripó*”, por estar localizada no sopé da serra de Talamanca, dividida internamente em quatro unidades territoriais. menores, diferenciados especialmente por elementos agroecológicos, condições socioculturais e formas de organização. A saber; a) Unidade territorial La Piedra - División – Buenavista b) Unidade territorial Páramo-Río Nuevo, c) Unidade territorial Cedral de Cajón, d) Unidade territorial San Jerónimo de San Pedro.

É interessante notar que nesta grande região de oportunidade cafeeira, foram encontradas 13 microbenefícios num raio de 4 ou 5 quilômetros, das 23 microbenefícios cadastradas. Área onde a produção de café, a mais de 1.200 metros acima do nível do mar, e até 2.000 metros acima do nível do mar, é uma realidade que não existia há alguns anos. Portanto, esse reconhecimento deve ser expresso destacando e promovendo as características desses territórios e o reconhecimento por parte de instituições-chave na cafeicultura como o Icafé. Zonas onde a diversidade de variedades que se adaptam às novas condições ambientais, com uma gestão adequada pela família e uma transformação baseada nos princípios da qualidade e da rastreabilidade, prenunciam uma atividade fortemente ligada ao território de onde emerge.

Nos últimos anos, a partir de 2013, as instituições relacionadas com o setor cafeeiro, ICAFE, MAG e INDER; têm dado ênfase à execução de programas de renovação dos cafezais com o plantio de variedades melhoradas, resistentes às principais doenças e à implementação de sistemas de cultivo com sombra regulada e, portanto, com vocação para a agricultura agroflorestal. Icafe, (2023), indica que a região cafeeira de Pérez Zeledón foi a única área produtora com um aumento de 10% no período cafeeiro 2021-2022. Considerando como possibilidade que esta região cafeeira entre em forte fase de renovação cafeeira e consiga duplicar a produção que possui atualmente.

A nível nacional, o Icafé, como instituição dirigente da atividade, mantém a liderança da atividade cafeeira e é considerada uma instituição emblemática; historicamente

estabelecido para favorecer o relacionamento entre os atores envolvidos por meio da Lei 2.762, que lhe dá fundamento. Na opinião dos produtores e demais agentes envolvidos, no que diz respeito aos microbenefícios há dificuldades de serem compreendidos e apoiados pelo Icafé. Dado que o Icafé é uma estrutura pensada para benefícios convencionais, não é habitual um pequeno produtor receber ajuda desta instituição; em aspectos relevantes como a importação de equipamentos adaptáveis a microbenefícios e em questões de formação, embora seja onde recebem mais apoios, estes são curtos e rápidos para quem está a iniciar na atividade. Não há acesso a certificações como cupping ou barista, que são muito úteis para os produtores entenderem a dinâmica do mercado e as mudanças que devem ser feitas internamente na sua fazenda; Estes têm um custo elevado e são praticamente inacessíveis a este setor.

Embora programas como “Fortalecimento da Cafeicultura no Território Pérez Zeledón” sejam implementados, os produtores valorizam o apoio institucional relacionado à atividade agrícola, como o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAG) e o Instituto de Desenvolvimento Rural (INDER) e o próprio Icafé é longe das expectativas dos produtores. Os próprios produtores, com base na sua experiência pessoal, têm gerenciado as implicações da produção de cafés especiais. Em alguns casos, os representantes institucionais aconselham a venda do café e até das suas terras a grandes produtores com experiência; se é um benefício posicionado no mercado internacional. Segundo a opinião dos produtores, são poucos os agentes institucionais que contribuem para o fortalecimento da atividade, são pessoas consideradas excepcionais que são mencionadas nas entrevistas.

Nos últimos anos, o contexto global gerou uma crise na disponibilidade de insumos; com o preço dos insumos sendo uma preocupação, os fertilizantes e agroquímicos aumentaram seus custos. Embora a dependência destes insumos tenha diminuído devido à adoção de práticas agrícolas mais sustentáveis; O desempenho da produção depende da sua aplicação moderada.

O financiamento para iniciar a atividade de microbenefícios é uma dificuldade que as famílias enfrentam. Normalmente envolve a concessão de um empréstimo a um banco, o que, embora seja uma opção; geralmente o imóvel responde como parte da hipoteca para cancelar o empréstimo. Quando ocorre uma catástrofe, ou nas constantes crises do café, os

produtores não conseguem honrar as suas dívidas e perdem o seu bem mais importante, a terra.

A opção por recursos não reembolsáveis, como os disponibilizados pelo INDER, na opinião dos produtores representa um grande desafio; o tratamento da documentação é excessivo, consideram que é necessário um perfil profissional para preencher a quantidade de formulários e documentos que justifiquem uma destas ajudas. Em alguns casos a mesma instituição recomenda contratar uma consultoria para completar as informações solicitadas. Além disso, são processos muito longos, com duração de cinco ou seis anos, como confirmam as experiências analisadas.

Da mesma forma, ficou evidente pelas entrevistas realizadas que a maior parte dos incentivos ao setor cafeeiro visa apoiar grupos especialmente organizados, como cooperativas e associações de produtores. Em dois dos microbenefícios, nas mãos de uma cooperativa e de uma associação de produtores, o INDER, concedeu financiamento para melhorar as condições de infraestruturas e equipamentos; está em andamento um financiamento para fortalecer essas mesmas linhas em uma cooperativa, o que é um grande benefício para a região. Porém, no caso dos cafés especiais, devido à sua dinâmica de especialidade, outras formas de organização, como familiar/individual ou familiar/ampliada, não estão sujeitas a créditos bonificados e fundos não reembolsáveis.

Por lo que es necesario como lo señala Wilkinson (2003), considerar que, en este tipo de dinámicas, se conforman redes sociales más amplias, de parentesco, de amigos, que evidencia como la agricultura familiar establece estrategias para constituir mercados para sus productos de valor acrescentado. É necessária uma análise aprofundada sobre as possibilidades que os grupos organizados têm e, sobretudo, quais as condições que necessitam para se inserirem com sucesso na produção de cafés especiais. Das visitas realizadas, confirmou-se que quatro das cooperativas faliram num período relativamente curto. Portanto, não considerar outras formas de organização na política pública de financiamento da atividade cafeeira poderia ser marginalizar um setor que, pela sua condição de agricultura familiar, com a centralidade na família, como expressa Castro, H. (2018), sua A contribuição para a soberania alimentar é relevante num contexto mais amplo.

Colocar o café em mercados locais e regionais que não reconhecem a questão da qualidade representa uma grande dificuldade para os produtores. Consideram que se trata de um mercado saturado e devem competir em preço e com grandes empresas que oferecem melhores condições. Segundo CINPE, (2023), a diversificação da indústria é acompanhada pela preferência e diversidade de marcas de café no mercado. Por exemplo, grandes empresas oferecem máquinas de preparo de cafeteria em troca da compra de café. Para o dono da cafeteria é atrativo, para um pequeno produtor, vender café de maior qualidade, além de ter um custo mais elevado, concorrer com cafés de qualidade inferior e, portanto, mais baratos, e oferecer incentivos adicionais não é viável.

Embora o café costarriquenho tenha um prestígio reconhecido como café de alta qualidade, e mais de 85% do produto seja exportado, são os países compradores que torram o café, geram-lhe valor acrescentado e exportam-no para outros países, a preços elevados. É o caso da Suíça, Bélgica, Alemanha, Estados Unidos, Itália, entre outros. A este respeito, o Promotora de Comércio Exterior da Costa Rica (PROCOMER), entidade institucional identificou a torra no local de origem do café como uma opção, para mercados como os Estados Unidos, e outros mercados.

O desafio é, portanto, construir uma história por trás da torrefação na origem para participar de segmentos mais especializados e de melhor preço, ao mesmo tempo em que posiciona a sustentabilidade e os atributos da marca país, e não apenas na produção do grão, isso garantiria melhor a qualidade controle, já que os produtores possuem grande expertise. Além disso, o produtor teria uma participação maior em mais elos da cadeia e desta forma aumentaria o bem-estar do produtor. Sendo a proximidade geográfica com países como os Estados Unidos da América (EUA) uma vantagem para participar na torrefação de café, isto garante a entrega de café fresco ao mercado consumidor.

Outro elemento identificado que poderia ser aproveitado é a imagem do desenvolvimento social da Costa Rica. A tradição democrática como eixo central, e o investimento social que o país expressa na lei Icafé (2.762), que regulamenta os atores da cadeia, protege todos os participantes e incentiva a adoção de iniciativas de sustentabilidade como o café NAMA, primeiro neutro em carbono. Adicionalmente, todos os esforços

exigem a garantia da rastreabilidade do processo produtivo, com a adoção e implementação de boas práticas de produção.

O turismo, com opções *de passeios de café*, pode ser uma opção para melhorar o posicionamento da Costa Rica, existe uma grande diversidade destes em todo o país. Da mesma forma, participação em feiras regionais ou nacionais, e promoção principalmente em locais com maior percentagem de população jovem, como universidades.

A complementaridade entre os mercados tradicionais e alternativos faz do café uma opção geradora de empregos e quando combinada com outras culturas; As árvores frutíferas, madeiras e polivalentes contribuem para a segurança alimentar das unidades familiares. Práticas como técnicas agroflorestais, conservação do solo, produção de café orgânico com o mínimo de agroquímicos e diversificação com culturas alternativas contribuem para um futuro promissor para o café na Costa Rica.

Na produção de cafés especiais, a agricultura familiar encontra novos espaços de inserção e reprodução social, a possibilidade de resgate de uma atividade tradicional, com um patrimônio econômico e cultural impregnado no território e a possibilidade de reapropriação de práticas artesanais nos diversos processos, realização de melhorias ambientais e inserção da família, especialmente das novas gerações, no processo produtivo. Elementos que possam contribuir para gerar espaços para visualizar alternativas de desenvolvimento rural em territórios que promovam diversas alternativas e estabeleçam novas rotas para gerar recursos que permitam às populações melhorar a sua qualidade de vida e fortalecer o sentido de identidade territorial.

Para acompanhar o tema na região cafeeira de Pérez Zeledón, será necessário aprofundar algumas linhas de pesquisa, a saber;

Acompanhar a área de oportunidade identificada como “Microrregião de Chirripó”, através da proposta de Indicação Geográfica (IG) ou Denominação de Origem (DO), visto que articula os elementos territoriais, agroecológicos, culturais e sociais para sua homogeneização e diferenciação territorial. Na pesquisa foi identificada uma área de oportunidade para a produção de cafés especiais, que liga uma faixa localizada no sopé da Serra de Talamanca; portanto, é necessário caracterizar em profundidade a análise desta área para fundamentar a proposta de DO.

A diferenciação e valorização dos cafés de qualidade produzidos nesta região cafeeira, onde as condições naturais e humanas interagem de forma peculiar, resultando num produto único ligado às condições do território, com características únicas. Para produtos como o café, altamente posicionado nos mercados internacionais, onde a sua qualidade é reconhecida e, frequentemente, associada aos nomes dos locais geográficos onde é produzido, ou associada ao país e aos valores que representa. Um elemento que favoreceria o monitoramento, na Costa Rica, é a figura da Indicação Geográfica Café da Costa Rica, aprovada pelo Icafe em 15 de outubro de 2008.

Da mesma forma, é importante aprofundar-se na análise de reconhecimentos, selos e certificações; explorar e propor novas formas colaborativas de acessá-los. Explorar opções como o café NAMA, promover a utilização de outros programas que contribuam para a sustentabilidade como o Programa Ecológico Bandeira Azul, que reposiciona práticas ambientais sustentáveis, sem custo inicial para a família.

A ligação com os mercados internacionais exige boas condições de acesso à informação através da Internet, portanto, é necessário aprofundar questões que afetam o bom funcionamento de microbenefícios como o acesso à Internet e estradas locais, para promover entre as entidades estatais a ligação destes territórios a redes de interligação eficazes.

A capacitação é fundamental para gerar competências que permitam à agricultura familiar ingressar com sucesso na produção de cafés especiais. Portanto, identificar prioridades de formação e linhas temáticas de trabalho conjunto – como cupping, barista, torrefação – poderia contribuir para um melhor aproveitamento do grande potencial humano e cultural existente na região. Novas formas de ensino-aprendizagem, como os treinamentos virtuais, foram mencionadas nas entrevistas como opções viáveis para que as famílias participem desses processos formativos de forma mais flexível, sem descuidar das tarefas diárias exigidas pela produção de cafés especiais.

Embora se veja uma linha clara de trabalho por parte das famílias, é necessário gerar e transferir mais conhecimentos relacionados com a promoção de práticas sustentáveis e rentáveis para os produtores, em que os rendimentos lhes permitam participar na atividade sem necessariamente tornar-se orgânico. Para isso é necessário estudar os efeitos causados pelo fenômeno menino e menina, em geral os efeitos das mudanças climáticas na

agricultura e particularmente na cafeicultura. Bem como acesso a tecnologias alternativas e inovadoras.

A mudança geracional é um ponto fraco na sustentabilidade da atividade – o Icafe chama de integração geracional – a disponibilidade de mão de obra para monitorar a atividade cafeeira. Portanto, é necessário estudar os elementos associados à família; aprofundar-se no tema juventude e inserção da mulher e nas possibilidades de inovação. Na área de estudo, ficou evidente uma grande sinergia territorial para interligar atividades relacionadas ao turismo, dada a riqueza de recursos naturais, culturais e sociais. Contribuir para a articulação e visualização é uma tarefa que requer apoio institucional, do qual as universidades possam participar.

É necessário explorar novas formas de apoio institucional e de financiamento à atividade, tendo em conta as novas redes do território, manifestadas nas formas de organização. Incentivar campanhas promocionais para maior reconhecimento do mercado local. Promover a presença em feiras de agricultores, mercados solidários e diversas feiras que promovam a região.

A partir das universidades é possível contribuir para estes processos, articulando as áreas de pesquisa, extensão e a articulação com os processos de ensino nas diversas áreas; considerando como uma oportunidade a grande relevância que advém da aproximação às comunidades e o reconhecimento que conferem às universidades.

Experiências durante o trabalho de campo

Durante o trabalho de campo, são vividas experiências e anedotas necessárias para documentar; a começar pelo fato de que em todos os passeios é necessário fazer várias refeições por dia. Na maioria das visitas, a simpatia da família é um atributo presente na agricultura familiar. Sempre tivemos aquela oferta de dividir a comida com a família. *para. Visita a San Jerónimo de San Pedro:* Lembro-me especialmente de uma visita que fizemos a San Jerónimo de San Pedro, em plena pandemia, e a família nos ofereceu um café, e aceitamos de bom grado, apesar da incerteza, cautela, medo, que acompanhou esse convite. Não tanto do nosso lado, mas daquela família que não colocou obstáculos e para quem o vírus não existia. O tempo passou e pensamos, vai demorar tanto para fazer um café.

Quando finalmente nos chamaram para tomar café, tinham preparado tortilhas, empanadas, picadillo, foi um almoço completo e muito mais.

Ou como não lembrar do almoço que nos ofereceram em Los Ángeles de Páramo, depois de quatro horas para chegar lá, e conversar com o produtor e sua família, nos convidaram para entrar e comer um *gallito*, um *puntalito* como é típico chamado, variado de tudo, principalmente arroz e feijão que não faltam na comida típica da Costa Rica; enquanto continuamos falando do dia a dia, do futuro, da família, dos planos, dos sonhos ligados não só ao café, mas ao turismo. Nesta refeição aprendemos o que é verdadeiramente importante para esta família, quando já não se tem gravador nem lápis para anotar.

b. Uma anedota engraçada foi durante uma visita a Buena Vista de Rivas, saí do carro para perguntar sobre um produtor que estava tentando localizar; O carro estava mal estacionado, quase no meio da rua, quando de repente vi um carro chegando, e com muita dificuldade consegui passar; Ele desceu e eu fiquei com medo, pensando quem sabe o que essa pessoa vai me dizer. Para minha surpresa, foi um produtor com quem estabeleci um vínculo de confiança durante as visitas recorrentes e as intermináveis explicações sobre a atividade cafeeira, o cultivo, os processos, a comercialização. E *Lilliam me contou que* ele estava me procurando, e na verdade eu ainda tinha algumas perguntas para ele; Ele me disse que vou levar esse café para secar e quando voltar podemos conversar. Isso me chamou a atenção, os produtores estão abertos a contar sua experiência, repeti-la indefinidamente e repassar o que sabem para quem os visita, mesmo com pouco tempo. Nesta visita era época de colheita (janeiro de 2023) pelo que o trabalho é do amanhecer ao anoitecer e mais tarde.

c. Visita ao Microbeneficio la Orquídea: Outra experiência divertida foi durante a visita ao Microbeneficio la Orquídea. Este Microbeneficio fica bem longe da entrada onde está a placa indicando seu endereço, o que é raro na Costa Rica, falta sinalização. Já o havia visitado anteriormente, mas não puderam me ajudar porque estavam saindo, mas o produtor gentilmente me disse para voltar. Nesta ocasião visitei a zona sem companhia (normalmente estou acompanhada por um colega, pelas minhas irmãs ou amigos), pensei que gostaria de visitar este Microbeneficio, mas tinha dúvidas em subir sozinho. Finalmente

consegui, naquele dia o produtor estava torrando café e me perguntou se eu poderia voltar no dia seguinte.

Claro que voltaria, às oito da manhã estava na entrada do Microbenefício, dessa vez minha irmã Milena me acompanhou. Ela sugeriu que eu não deixasse o carro na rua, que a estrada estava boa para subir. Bom, tentei subir uma ladeira bem íngreme – e fácil com certeza para um bom motorista; então decidi subir e pedir ao homem que levantasse o carro para mim. Então fizemos e quando chegamos no local o homem me disse “*hoje tirei minha carteira*”. e é a primeira vez que levo um carro automático.” E eu disse a ele: “*Eu tinha muito dinheiro*”, e começamos a rir, junto com minha irmã, que já estava rindo antes. Esse evento quebrou o gelo completamente, então nos sentamos confortavelmente para conversar de uma forma fluida e agradável; enquanto seu filho adolescente embalava sacos de café, como parte de um serviço que este produtor oferece aos vizinhos.

d. Visita à Feira do café em San Juan Norte de Rivas: Como parte desse despertar do café, como o chamou um funcionário do Icafe; foi realizada uma feira de café em uma das comunidades da região de Chirripó, autoproclamada pelos produtores como forma de diferenciar a área associada à melhor qualidade do café da região. Quando ouvi falar da feira, pensei que seria uma comunidade de mais fácil acesso; minha surpresa foi que no dia da visita eu não imaginava onde ficava. Chegando na comunidade, perguntei a uma pessoa que vinha dirigindo seu carro e ela me disse “*siga-me*”. Eu definitivamente não teria acreditado onde está feira estava localizada; Antes desta visita eu pensava que tinha carteira de motorista; mas ali mostrei o que era capaz de fazer. Uma encosta tão íngreme e uma estrada extremamente estreita, apenas um carro poderia viajar. Quando chegamos ao local, felizmente deixei o carro bem longe; porque depois disso você tinha que subir e descer, acho que eu não seria capaz de tal façanha.

Nessa visita minha irmã me acompanhou, e eu havia dito a ela que se preparasse para ficar lá o dia todo e parte da noite, pois havia muitas atividades que me interessavam, porém, antes de anoitecer, saímos de lá. Felizmente havia gente acalmando o trânsito, dois carros não conseguiam circular na mesma estrada. Tive a sorte de chegar cedo (10h), antes de toda a gente, e tive agradáveis surpresas nesta feira; Primeiro falei com o organizador e promotor do evento, uma pessoa com muito entusiasmo, que achou que o meu trabalho era

relevante e poderia ter impacto. Não demorou muito; para que o local ficasse lotado de gente, visitantes e seus familiares. A minha surpresa mais agradável foi que as pessoas me procuraram para conversar comigo, isso foi admirável. Minha primeira entrevista na feira me ajudou a conseguir essa promoção; sem dúvida reconhecendo a contribuição da universidade e as possibilidades de alianças benéficas em benefício das comunidades. Esta feira encheu-me de tanto entusiasmo que no regresso a casa pensei na sua importância; procure esses espaços de motivação na realização de trabalhos de pesquisa. Trabalhar temas como esse conecta você com a terra, com a vida, com as pessoas, com o cotidiano que às vezes deixamos esquecido.

REFERÊNCIAS

ALVARADO, Meylin. **Análisis Territorial del Turismo Rural en el Sector Guanacaste Sur, Península de Nicoya, Costa Rica: Una propuesta de Planificación a Partir de Unidades Turísticas Territoriales.** Tesis. Doctorado em el Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (2020).

ARZENO, Mariana. **El concepto de territorio y sus usos en los estudios agrarios.** En: Lo rural en redefinición: aproximación y estrategias desde la Geografía. Coordinación General Hortensia Castro; Mariana Arzeno. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, 2018. P.95-125.

ÁVILA, Iván. **Informe final del Paisaje de Cobertura Arbórea presente en un radio de 2 km alrededor de los paisajes productivos del MOCUPP para el año 2018 / Iván [et al.].** -- Datos electrónicos (1 archivo: 2600 kb). -- San José, C.R.: CONARE-CENAT, 2021. 80 p.

ARAYA, I. **Representaciones Espaciales: de la imaginación geográfica al espacio vivido.** Tesis. Doctorado para optar por el título de Doctora en Ciencias Sociales. Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Nacional. Heredia, Costa Rica, 2019.

AGUILAR, Heileen, et al. **Informe del Piloto del Paisaje Productivo de Pastos hasta un 30 por ciento de cobertura arbórea para el año 2018 dentro del MOCUPP.** Datos electrónicos (1 archivo: 3.000 kb). -- San José, C.R.: CONARE - CENAT, 2020, 50 p.

ALONSO, Angela. **Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução.** Em Métodos de pesquisa em ciências Sociais: bloco qualitativo. Sesc São Paulo/CEBRAP, 2016. p. 8-23.

ANDRADE, H.C.C.; ALCÂNTARA, V.C.; ALDANO, A.P.M.; SANTOS, A.C. **Atribuição de sentidos e agregação de valor: insumos para o Turismo Rural em regiões cafeeicultoras.** Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.8, n.2, mai/ago2015, pp.333-346.

ALPÍZAR, Edwin. **Zonificación agroecológica del café (Coffea arabica) y el cacao (Theobroma cacao, Lin) en Costa Rica, mediante el sistema de zonas de vida.** Trabajo

Final de Graduación sometido al Tribunal del Área Académica Agroforestal del Instituto Tecnológico de Costa Rica para optar por el grado de Magister en Gestión de Recursos Naturales y Tecnologías de Producción. 2014.

AGUILAR, Encarnación y LOZANO, Carmen. **El territorio y las producciones de calidad como factor de desarrollo sostenible en el medio rural.** Agricultura Familiar en España 2008. Departamento Antropología Social Universidad de Sevilla. p.170-173.

ARIAS, Patricia. **La pluriactividad rural a debate.** En: La pluriactividad en el campo latinoamericano. Hubert C. de Grammont y Luciano Martínez Valle (coordinadores). FLACSO, Ecuador, 2009, p.171-205.

_____. **Nueva ruralidad: antropólogos y geógrafos frente al campo hoy.** En Lo urbano-rural, ¿nuevas expresiones territoriales? Ávila Sánchez, Héctor – Compilador/Editor. UNAM, México. 2005, p.123-159.

ARCILA, J; FARFÁN, F; MORENO, A; SALAZAR, L; HINCAPIÉ, E. **Sistemas de producción de café en Colombia.** Federación Nacional de Cafeteros de Colombia; CENICAFÉ. 2007, 309 p.

ARAUZ, Ileana; ARIAS, Adrián; BORBÓN, Carlos; BERMÚDEZ, Melvin. **Costa Rica: Guía Turística / Pérez Zeledón.** Proyecto de extensión "Análisis territorial de la Región Brunca para potenciar la participación de la Universidad en el desarrollo de la actividad turística de la región. Universidad Nacional de Costa Rica. Sede Región Brunca. 2021.

ÁVILA, Héctor. **Lo Urbano-Rural, ¿Nuevas Expresiones Territoriales?** Universidad Nacional Autónoma de México, Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias Cuernavaca, Morelos, 2005. 358 p.

_____. **La dinámica actual de los territorios rurales en América Latina.** Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] N.º 45 (40), 1 de agosto de 1999.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial.** Reforma Agrária – Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária – vols.28 n.º 1,2 3 e 29, nº1 – Jan/dez 1998 e jan/ago 1999.

ACUÑA, Víctor Hugo, y MOLINA, Iván. **Historia económica y social de Costa Rica: de la colonia a la guerra civil de 1948**. 1. ed. San José: Porvenir, 1991. 214 p.

ARRIETA, Omar. **Desarrollo capitalista y estructuración del espacio agrícola en Costa Rica**. Revista Geográfica de América Central. Nos.19-20 - segundo Semestres de 1983-Primer semestre de 1984, p. 71-88.

ASAMBLEA LEGISLATIVA DE LA REPÚBLICA DE COSTA RICA PLENARIO. **Reforma integral de la ley 2762, ley sobre el régimen de relaciones entre productores, beneficiadores y exportadores de café, de 21 de junio de 1961**. DECRETO LEGISLATIVO N.º 9872 EXPEDIENTE N.º 21.163. ALCANCE NO 213 A LA GACETA NO 200. Año CXLII San José, Costa Rica, miércoles 12 de agosto del 2020. 153 p.

_____. **Ley N° 9630 Creación del Fondo Nacional de Sostenibilidad Cafetalera (FONASCAFÉ)**. Ley N°, Barva de Heredia, Costa Rica. 2018.

_____. **Ley sobre régimen de relaciones entre productores, beneficiadores y exportadores de café**. Publicada en Ley 2762 del 21/06/1961.

_____. **Reforma integral de la ley 2762, ley sobre el régimen de relaciones entre productores, beneficiadores y exportadores de café, de 21 de junio de 1961**. Alcance No 213 A La Gaceta No 200. San José, Costa Rica, miércoles 12 de agosto del 2020.

ASOCIACIÓN DE CAFÉS FINOS DE COSTA RICA (SCA.CR). **El café es nuestra huella**. Disponible en: **ATURENA** <https://www.sca.cr/quienes-somos>. Acceso 20 de abril de 2021.

ATURENA. **entrada al paraíso**. Disponible en: <https://aturena.com/bio-monitoreo/> Acceso 20 de junio de 2023.

BABILONIA, Rosa; SUZUKI, Julio. **El enfoque cualitativo y sus aportes para estudiar el espacio rural: una experiencia desde la nueva ruralidad en Colombia**. Cadernos Prolam/USP-Brazilian Journal of Latin American Studies, v. 19, n. 38, p. 240-263, Jul. /Dez. 2020 ISSN: 1676-6288

BANEGAS. Y. **Identificación de las fuentes de variación que tienen efecto sobre la calidad de café (Coffea arabica) en los municipios de El Paraíso y Alauca, Honduras**. Centro Agronómico Tropical de Investigación y Enseñanza. Magister Scientiae en Agroforestería Tropical. (2009).

BASSO, Dirceu; GEHLEN, Ivaldo. **Agricultores familiares modernos e diversos.** Revista Orbis Latina, vol.5, nº2, Foz do Iguaçu/ PR (Brasil), Janeiro-Dezembro de 2015.

BARBOSA, Josefa; y NEIMAN, Guillermo. **Acerca de la Globalización en la Agricultura. Territorios, Empresas y Desarrollo Local en América Latina.** 1ª edición. Ediciones CICCUS. Buenos Aires, Argentina, 2005.

BAUDEL, Maria de Nazareth. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo.** Estudos Sociedade e Agricultura, 15, outubro 2000: 87-145.

_____. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 336 p.

_____. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade.** Texto preparado para a Aula Inaugural do primeiro semestre de 2004 a ser ministrada no CPDA/UFRRJ, 2004.

_____; ARILSON, Favareto. **A singularidade do rural brasileiro: implicações para as tipologias territoriais e a elaboração de políticas públicas.** En: Concepções da ruralidade contemporânea: as singularidades brasileiras / Carlos Miranda e Heithel Silva (Organizadores da Série) -- Brasília: IICA, 2013, p.413-464.

BERDEGUÉ, Julio y FAVARETO, Arilson. **Desarrollo Territorial Rural en América Latina y el Caribe. 2030 - Alimentación, agricultura y desarrollo rural en América Latina y el Caribe,** No. 32. Santiago de Chile. FAO. 2019. 18 p.

BEZERRA, María y MOREIRA, Ericka. **A pesquisa qualitativa em geografia.** Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.37, v.2, p.27-55, ago. /dez. 2015.

BORELLA, Inma; MATAIX, Carlos and CARRASCO-GALLEGO, Ruth. **Smallholder farmers in the speciality coffee industry: opportunities, constraints and businesses that are making it possible.** IDS bulletin. Volume 46, Number 3, 2015, p.29-42.

BOISIER, Sergio. **Teorías y metáforas sobre el desarrollo territorial.** Comisión Económica para América Latina y el Caribe. Santiago de Chile. 1999.

BABIN, Nicholas. **The Coffee Crisis, Fair Trade, and Agroecological Transformation: Impacts on Land-Use Change in Costa Rica.** *Agroecology and Sustainable Food Systems*, 39:1, (2015) 99-129, DOI: 10.1080/21683565.2014.960549.

BLANCO, Enrique. **O turismo rural em áreas de agricultura familiar: as "novas ruralidades" e a sustentabilidade do desenvolvimento local.** *Caderno Virtual de Turismo*. Vol. 4, N° 3, 2004.

CAJA COSTARRICENSE DEL SEGURO SOCIAL. **Reglamento para el aseguramiento contributivo de la población recolectora de café en el seguro de salud, en forma excepcional y por la temporalidad de la cosecha.** Alcance No 282 a la Gaceta No 241. San José, Costa Rica, miércoles 18 de diciembre del 2019.

CARVALHO, Raquel; MARQUES, Teresa. **A evolução do conceito de paisagem cultural.** *Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)*, n.º 16 (março). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, 2019, p.81-98, dx.doi.org/10.17127/got/2019.16.004

CASTRO, Hortensia. **Lo rural en cuestión: perspectivas y debates sobre un concepto clave.** En: CASTRO, Hortensia; ARZENO, Mariana. *Lo rural en redefinición: aproximación y estrategias desde la Geografía.* Coordinación General. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, 2018. p.19-47.

CANET, Guillermo; SOTO, Carlos. **Caficultura. Panorama actual en América Latina.** Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura, Fundación Colegio de Postgraduados en Ciencias Agrícolas. San José, C.R.: IICA, 2017, 152 p.

_____. **La situación y tendencias de la producción de café en América Latina y el Caribe.** San José: C.R. IICA, 2016. 126 p.

CAPEL, Horacio. **Las ciencias sociales y el estudio del territorio.** *Biblio3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. 2016. Vol. XXI, núm. 1.149.

CARVALHO, Helga, DE CASTRO, Valderí, DE MELO, Ana, DOS SANTOS, Antônio. **Atribuição de sentidos e agregação de valor: insumos para o Turismo Rural em regiões cafeeicultoras.** *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.8, n.2, mai/ago2015, p.333-346.

CAVASSA, Augusto y MESCLIER, Avelyne. **Actividades agropecuarias en el campo peruano: ¿reforzamiento duradero o punto de quiebre?** En: La pluriactividad en el campo latinoamericano. Hubert C. de Grammont y Luciano Martínez Valle (coordinadores). FLACSO, Ecuador. 2009, p. 19-49

CASTILLO, L. (2008). **Paradigmas y conceptos de desarrollo rural.** Colección Apuntes No. 2. 2da Edición. Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, Colombia. 1-61 pp.

CARDOSO, Ciro. **Historia económica del café en Centroamericana (siglo XIX): estudio comparativo**". Estudios Sociales Centroamericanos, no.10, 1975, pp.9-55.

CAFÉ ORGÁNICO ALIANZA MADRE TIERRA. **Café Orgánico Alianza Madre Tierra.** Disponible en: <https://www.facebook.com/cafeorganicomadretierra/>. Acceso 22 de abril de 2022.

CAMARA NACIONAL DE EXPORTADORES DE COSTA RICA. Disponible en: <https://camaraexportadorescafe.com/> Acceso 05 de febrero de 2021.

CAMARA TOSTADORES DE CAFÉ. Disponible en: <https://www.tostadorescostarica.com/>. Acceso 05 de febrero de 2021.

CECA S.A. **CECA.** Disponible en: <https://www.ceca.co.cr/> Acceso 10 de octubre de 2022.

CORREA, J. y OSPINA, C. **Asociación de mujeres productoras de café especial, zona cordillera Quindío.** Sinapsis 12 (1), 2020, p.122 - 135.

CONSEJO NACIONAL DE RECTORES (CONARE), CENTRO NACIONAL DE ALTA TECNOLOGÍA (CeNAT). **Informe del Piloto del Paisaje Productivo de Pastos hasta un 30 por ciento de cobertura arbórea para el año 2018 dentro del MOCUPP.** Informe N°: II Laboratorio PRIAS. 27/02/2020. p. 50.

CORRÊIA, Roberto. **Espaço: um conceito-chave da Geografia.** En: CASTRO, Iná, GOMES, Paulo; CORRÊA; Roberto. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 18 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2018. p.15-47.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (CEPAL). **Agricultura familiar y circuitos cortos Nuevos esquemas de producción, comercialización y nutrición.** CEPAL - Serie Seminarios y Conferencias N° 77, 2014.

_____; CAC/SICA (Consejo Agropecuario Centroamericano del Sistema de la Integración Centroamericano). **Impactos potenciales del cambio climático sobre el café en Centroamérica.** LC/MEX/L.1169, México, D.F. 2014.

____ y CONSEJO AGROPECUARIO CENTROAMERICANO DEL SISTEMA DE LA INTEGRACIÓN CENTROAMERICANO (CAC/SICA). **Impactos potenciales del cambio climático sobre el café en Centroamérica.** LC/MEX/L.1169, México, D.F. 2014, 131 p.

COOPEAGRI R.L: **Beneficio.** Disponible en:
<https://www.coopeagri.co.cr/agroindustria/cafe/beneficio/> Acceso 10 de agosto de 2021.

CORREA, Adriano; APARECIDA, Darlene. **Discutiendo categorías e conceptos: uma contribuição geográfica dentro das análises da relação rural-urbano.** En: História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia. Paulo R. Teixeira de Godoy. Editora UNESP, 2010.

CONTERATO, Marcelo; SCHNEIDER, Sergio; DABDAB, Paulo. **Estilos de agricultura: uma perspectiva para a análise da diversidade da agricultura familiar.** Ensaaios FEE, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 149-186, 2010.

CORREIA, Manuel. **A questão do território No Brasil.** 2da editora HUCETIC. São Paulo, Brasil, 2004.

CUADRA, Dante. **Los enfoques de la geografía en su evolución como ciencia.** Revista Geográfica Digital. IGUNNE. Facultad de Humanidades. UNNE. Año 11. N° 21. N° 21. Enero - junio 2014. ISSN 1668-5180 Resistencia, Chaco. (2014).

C. DE GRAMMONT, Hubert. **Prólogo.** En: Lo urbano-rural, ¿nuevas expresiones territoriales? Compilador, Ávila Sánchez, Héctor. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). México. 2005.

_____: Hubert y MARTÍNEZ, Luciano. **La pluriactividad en el campo latinoamericano.** Hubert C. de Grammont y Luciano Martínez Valle (coordinadores). FLACSO, Ecuador. 2009.

CHIRIBOGA, Manuel. **Desafío de la pequeña agricultura familiar frente a la globalización.** Trabajo presentado en el Congreso de la Asociación Latinoamericana de Economistas Agrícolas (ALACEA), San José, Costa Rica, 15 al 18 de setiembre 1996.

CLAVAL, Paul. **História da Geografia.** Edições 70, LDA. Dezembro de 2006. Lisboa, Portugal. (2006).

CLOUT, H. (1976). **Geografía rural.** Oikos-tau, S.A, ediciones. Barcelona, España.

CRAVIOTTI, Clara, y PALACIOS, Paula. **La Diversificación de los Mercados como Estrategia de la Agricultura Familiar.** RESR, Piracicaba-SP, Vol. 51, Supl. 1, p. S063-S078, 2013.

DEUTSCHE GESELLSCHAFT FÜR & INTERNATIONALE ZUSAMMENARBEIT (GIZ) GmbH. **Promoviendo la producción y el procesamiento de café bajo en emisiones en Costa Rica.** Proyecto de apoyo a la NAMA café de Costa Rica. San José, Costa Rica. 2020.

DE DAVID, Cesar. **A geografia agrária e as paisagens rurais.** En: temas em geografia rural [recurso eletrônico] /Organização Glaucio José Marafon, Marcelo Cervo Chelotti, Vera Lúcia Salazar Pessôa. - 2. ed. - Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020. 1 recurso online (549 p.): ePub.

DESCAMPS, Philippe. **Técnicas para la producción sostenible de café frente al cambio climático.** San José, C.R.: INTA, 2017, 35. p.

DE MELLO, Márcio; SCHNEIDER, Sergio. **A produção de ‘novidades’ como alternativa à crise pelos Agricultores do oeste de Santa Catarina.** Desafio Online, Campo Grande, v. 1, n. 3, set./dez. 2013.

DE OLIVEIRA, Darlene. **O mundo rural sob o ponto de vista Geográfico: a trajetória da Geografia Agraria Brasileira da década de 30 a de 90.** Geografia, Río Claro, Vol. 25 (1): 55-79, abril 2000.

DERRUAU, Max. **Tratado de geografía humana.** 5. ed. Barcelona: Vicens Vives, 1970. 681 p.

DIRVEN, Martine. **El empleo rural no agrícola y la diversidad rural en América Latina.** Revista de la CEPAL. Vol. 83, 2004, p. 49-69.

DOMINGUEZ, Julián. **Estructura territorial de la actividad turística en Ometepe, Nicaragua.** En Volcanes y ecoturismo en México y América Central. Editores Quirós, Arias y Álvaro, Sánchez. Editorial Universidad Nacional, Heredia. 2014, 205-236.

DO AMARAL, Ilídio. **Acerca de “paisagem: apontamentos para um debate.** Finisterra, XXXVI, 72, 2001, pp.75-81.

DUTRA, Flamarion y ARCANJO, Vinicius **Características do trabalho de campo na história do pensamento geográfico.** Revista Electrónica do Programa de Pós-graduação em Geografia – UFPR, 2021.

_____. **Temas e pressupostos metodológicos da ruralidade em geografia rural.** En: temas em geografia rural [recurso eletrônico] /Organização Glaucio José Marafon, Marcelo Cervo Chelotti, Vera Lúcia Salazar Pessôa. - 2. ed. - Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020. 1 recurso online (549 p.): ePub.

DURÁN, Norman. **La ocupación del espacio geográfico y el Desarrollo de los sistemas de producción Agrícola en el distrito de El General, Pérez Zeledón. Costa rica (1850-1950).** Revista Historia N.º 51-52, enero-diciembre 2005. pp. 79-150. /79.

DUARTE, Rosalía. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo.** Cadernos de Pesquisa, n. 115, 2002, p.139-154.

DREBY, Joanna y RODRÍGUEZ, Fátima. **Entre la espada y la pared: agricultores familiares en la zona occidental del Valle Central de Costa Rica.** Rev. Ciências Sociais 172, 2021, p.13-33.

ECHEVERRI, R & RIBERO, M (2002). **Nueva Ruralidad Visión del Territorio en América Latina y el Caribe.** Coronado, Costa Rica. IICA.

EXCLUSIVE COFFEES. **Relationships.** Disponible en: <http://exclusivecoffeeecr.com/relationships.html> Acceso 20 de julio de 2020.

FAVARETO, A. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão,** São Paulo, Editora Iglu, Fapesp. (2007).

FAURE, Guy, LE COQ, Jean-François, VAGNERON, Isabelle, HOCDE, Henri, SOTO, Gabriela, KESSARI, Myriam. **Estrategias de organización de productores de café en Costa Rica con respecto a las certificaciones ambientales y sociales.** En Globalización, y desafíos para la pequeña Agricultura en Costa Rica: experiencias de organización y generación de servicios para el acceso a mercados. Compiladores; Jean-François Le Coq, Fernando Sáenz Segura y Guy Faure. Heredia, C. R.: EUNA, 2014, p.57-67.

FARFÁN, F. **Cafés especiales. En Sistemas de producción de café en Colombia.** Arcila, J., Farfán, F., Moreno, A., Salazar, L., Hincapié, E. Federación Nacional de Cafeteros de Colombia. Chinchiná, Cenicafe, 2007, 309 p.

FAUCHER, Daniel. (1975). **Geografía Agraria: tipos de cultivos.** Ediciones OMEGA, S.A, Casanova, Barcelona.

FERNANDES, Bernardo. **Sobre a tipologia de territórios.** En: Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. Marcos Aurelio Saquet, Eliseu Savério Sposito (organizadores) --1. ed.-- São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p.197-215.

FELIZOLA, Jose. **Geografia da agricultura.** São Paulo. Brazil. (1984).

FONAFIFO. **Programa de Pago de Servicios Ambientales (PPSA).** Disponible en <https://www.fonafifo.go.cr/>. Acceso 12 de abril de 2022.

FÚNEZ, N. **El programa regional de calidad del café, iniciativa de apoyo en Centroamérica y el Caribe.** Perspectivas Rurales. Nueva época Año 10, N° 19. 2011, p.155-164.

FREDERICO, Samuel y BARONE, Marcela. **Globalização e cafés especiais: a produção do comércio justo da Associação dos Agricultores Familiares do Córrego D'Antas - Soc. & Nat., Uberlândia, 27 (3): 393-404, set/dez/2015.** DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-451320150303>

GAZOLLA, Márcio. **Cadeias curtas agroalimentares na agroindústria familiar: dinâmicas e atores sociais envolvidos.** En Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar. Marcio Gazolla y Sergio Schneider (organizadores). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2017, pp. 175-194.

GARZA, José; SÁNCHEZ, Álvaro. **Estructura territorial del turismo en San Cristóbal de las Casas, Chiapas, México.** Cuadernos de Turismo, no 35, (2015); pp. 185-209. Doi: 10.6018/turismo.35.221571

GALLEGO, Juan. **Café de Colombia.** En: Calidad de los alimentos vinculada al origen y las tradiciones en América Latina: Estudios de casos. 2008, p. 79-93.

GARCIA, Maria; TULLA, Antoni; & VALDOVINOS, Núria. **Geografía Rural.** Madrid, España Editorial Síntesis, S.A. 1995.

_____. **Métodos y conceptos en Geografía Rural.** Oikos-Tau, S.A. Ediciones. Barcelona, España. 1981.

GIARRACCA, Norma. **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales / CLACSO Buenos Aires: CLACSO, enero de 2001.

GOODMAN, David. **Espaço e lugar nas redes alimentares alternativas: conectando produção e consumo.** En Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar. Marcio Gazolla y Sergio Schneider (organizadores). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2107, pp. 59- 82.

GONZÁLEZ, Edwin. **El estudio del café en la historiografía costarricense de los últimos diez años (1984-1994): un balance.** Revista de Historia. 4, n.º 30, 1994. p. 267-296.

GUDMUNDSON, Lowell. **Costa Rica después del café: la era cooperativa en la historia y la memoria.** EUNED, San José, Costa Rica, 2018. 208 p.

GRANADOS, Leonardo. **Indicaciones geográficas y denominaciones de origen: un aporte para su implementación en Costa Rica.** IICA-PRODAR-MAG-CNP. San José. 2004.

GRANADOS, Carlos. **El impacto ambiental del café en la historia costarricense.** Departamento de Geografía, Universidad de Costa Rica. 1994.

GREGOR, Howard F. **Geografía de la Agricultura.** Editorial Vicens-Vives, 1973.

HAESBAERT, Rogério. **Del mito de la desterritorialización a la multiterritorialidad.** Cultura y representaciones sociales. Septiembre 2013, Año 8, núm. 15, p.9- 42.

_____. **Da Desterritorialização À Multiterritorialidade.** Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo, 2005.

HARTLEY, M. y DELGADO, A. **La reconfiguración de la fase de recolección de café: Una expresión de la transformación del mercado laboral en la cadena de café en León Cortés.** Perspectivas Rurales. Nueva época, Año 15, N° 29, enero-junio, 2017. pp.73-102.

_____. **Sostenibilidad de la Caficultura de Baja Altura: análisis de una paradoja.** Ciencias Económicas 28-No. 1: 2010, pp.101-114.

HALL, Carolyn. **Costa Rica una interpretación geográfica con perspectiva histórica.** Editorial Costa Rica, San José, Costa Rica. 1983.

_____. **El café y el desarrollo histórico-geográfico de Costa Rica.** Editorial Costa Rica y Universidad Nacional, San José, 1976, p.208.

HERNÁNDEZ, Roberto; FERNÁNDEZ, Carlos y BAPTISTA, Pilar. **Metodología de la investigación.** MCGRAW-HILL / Interamericana Editores, S.A. DE C.V. 6ta edición. México D.F. 2014.

HEIDRICH, Álvaro. **Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social.** Departamento de Geografia e Programa de Pós-Graduação em geografia da UFRGS. 2013.

HERZOG, Lucio. **Sostenibilidad de la caficultura arábica en el ámbito de la agricultura familiar en el estado se Espírito Santo – Brasil.** Tesis Doctoral. Instituto de Sociología y Estudios Campesinos Departamento de Ciencias Sociales y Humanidades Universidad de Córdoba. 2011.

HELLER, Osvaldo. **Agricultura familiar: diversidade e adaptabilidade.** Revista De Sociologia e Política N° 12: 161-167 jun. 1999.

HOLDRIDGE, L. 1987. **Ecología, basada en zonas de vida.** San José, C R, Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura. 216 p.

IDÁRRAGA, Álvaro. y CÁRDENAS, Gloria. **Gestión de la cadena de valor de café agroecológico en ciclo económico completo desde la economía social y solidaria en ASOPECAM-Tuluá, Valle del Cauca.** En Á. Acevedo-Osorio y N., Jiménez-Reinales (comps.). La agroecología. Experiencias comunitarias para la Agricultura Familiar en Colombia. Bogotá: Corporación Universitaria Minuto de Dios. Editorial Universidad del Rosario. 2019, pp. 231-252.

INSTITUTO DEL CAFÉ DE COSTA RICA. **Estadísticas de la caficultura de Pérez Zeledón.** Unidad de Estudios Económicos y Mercado (UEEM). Heredia, Costa Rica, 2022.

_____. **Compendio estadístico actividad cafetalera cosechas: 1998-99 a 2020-21.** Unidad de Estudios Económicos y Mercado (UEEM). Heredia, Costa Rica, 2021.

_____. Estadísticas de la Caficultura de Costa Rica Unidad de Estudios Económicos y Mercado (UEEM). Heredia, Costa Rica, diciembre de 2021.

_____. **Reporte de Sostenibilidad Instituto del Café de Costa Rica.** Heredia, Costa Rica. 2021.

_____. **Informe Final Proyecto: Actualización Área Cafetalera 2017-2018.** Heredia, Costa Rica, junio, 2019.

_____. **Cobertura de café para Costa Rica en el año 2017-2018.** Disponible en:
<https://sig.icafe.cr/portal/apps/View/index.html?appid=9c69d6cf79d24dbcba938a0c6200479e> Acceso 8 de noviembre de 2020.

_____. **Política de género para el sector cafetalero de Costa Rica.** Apoyo IICA. San José, Costa Rica. 2022.

_____. **Guía técnica para el cultivo del café / ICAFE.** -- segunda edición -- Heredia, Costa Rica: ICAFE-CICAPE, 2020. 90, p.

_____. **Estadística de café Al 19 de octubre de 2020. Presentaciones comercialización.** Heredia, Costa Rica, 2020.

_____. **Procedimiento para autorizar la comercialización de una categoría de café con liquidación diferenciada.** Heredia, Costa Rica. 2020.

_____. **Política Nacional Cafetalera.** Propuesta. Heredia, Costa Rica. 2020.

_____. **Informe Final Proyecto: Actualización Área Cafetalera 2017- 2018.** Gerencia Técnica, CICAPE. Heredia, Costa Rica, junio 2019.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados a la 51 Edición del Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, noviembre 2022.

_____. **Informe sobre la actividad cafetalera de Costa Rica. Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados a la 50 Edición del Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, noviembre 2021.

_____. **Informe sobre la actividad cafetalera de Costa Rica. Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XLIX Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, 2020.

_____. **Informe sobre la actividad cafetalera de Costa Rica. Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XLVIII Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, 2019.

_____. **Informe sobre la actividad cafetalera de Costa Rica. Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XLVII Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, 2018.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XLVI Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2017.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XLV Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2016.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XLIV Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2015.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XLIII Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2014.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XLII Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2013.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XLI Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2012.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XL Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2011.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XXXIX Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2010.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XXXVIII Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2009.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XXXVII Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2008.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XXXVI Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2007.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XXXV Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2006.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XXXIV Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2005.

_____. **Preparado en el Instituto del Café de Costa Rica para los delegados al XXXIII Congreso Nacional Cafetalero Ordinario.** Heredia, Costa Rica, diciembre, 2004.

_____. **Pliego de Condiciones: Indicación Geográfica “Café de Costa Rica”**. Heredia, Costa Rica, 2008.

_____. **Normativa de Uso y Administración para la Indicación Geográfica Café de Costa Rica**. Heredia, Costa Rica, 2008.

_____. **Estadísticas y Precios**. Organización Internacional del Café (OIC). Disponible en: <https://www.icafe.cr/sector-cafetalero/informacion-de-mercado/estadisticas-y-precios/>. Acceso 03 de febrero de 2021.

ICAFÉ, MAG, BID. **Guía de buenas prácticas agrícolas para el cultivo del café 2021-2022**. Heredia, Costa Rica. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICAS Y CENSOS (INEC). **Encuesta Nacional Agropecuaria, 2021. Resultados Generales de la actividad agrícola y forestal**. San José, Costa Rica, 2022, 78. p. Año 5. ISSN: 2215-552X

_____. **Encuesta Nacional Agropecuaria**. San José, Costa Rica. 2021.

_____. **Censo de Población 2000**. San José, Costa Rica. 2000.

_____. **Censo de Población 2011**. San José, Costa Rica. 2011.

_____. **Estimaciones y Proyecciones de población 2011- 2025**. <https://inec.cr/estadisticas-fuentes/estadisticas-demograficas?page=22>. 2022. Acceso 20 de agosto de 2023.

INSTITUTO DE DESARROLLO RURAL (INDER). **Plan de Desarrollo Rural del Territorio Pérez Zeledón 2016 – 2021**. San José, Costa Rica, 2016.

INSTITUTO METEOROLÓGICO NACIONAL. **Capas del mapa**. Disponible en: <https://www.imn.ac.cr/>. Acceso 20 de febrero de 2022.

INTER AMERICAN INSTITUTE FOR GLOBAL CHANGE RESEARCH. **Buenas prácticas agrícolas en el cultivo de café para reducir el impacto del cambio climático**. Cambios Globales y Café. 2015.

INSTITUTO COSTARRICENSE DE ACUEDUCTOS Y ALCANTARILLADOS (AYA). **Programa Bandera Azul Ecológica**. Disponible en:

<https://www.aya.go.cr/laboratorio/banderaAzul/>. Acceso 15 de marzo de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – (IBGE). **A Geografia do Café Dinâmica Territorial da Produção Agropecuária**. Rio de Janeiro, 2016, 136 p.

INSTITUTO COSTARRICENSE DE ACUEDUCTOS Y ALCANTARILLADOS (AyA). **Programa Bandera Azul Ecológica de Costa Rica. Manual de Procedimientos para la VI Categoría: Cambio Climático – Adaptación**. San José, Costa Rica. Julio, 2014.

ILBERY, Brian. **The geography of rural change**. Routledge. Taylor & Francis Group. London and New York. 1998.

JUNI, José, URBANO, Claudio. **Técnicas para Investigar 1. Recursos metodológicos para la preparación de proyectos de investigación**. 2da edición. Editorial Brujas. Córdoba, Argentina. 2014. 123 p.

KAY, Cristóbal. **Estudios rurales en América Latina en el periodo de globalización neoliberal: ¿una nueva ruralidad?** Revista mexicana de sociología, Vol. 71 (4), 2009, p. 607-645.

_____. **Los paradigmas del desarrollo rural en América Latina**. Institute of Social Studies, La Haya. En *El mundo rural en la era de la globalización: incertidumbres y potencialidades: X Coloquio de Geografía Rural de España de la Asociación de Geógrafos Españoles*, 2001, pp. 337-430.

_____. **Algunas reflexiones sobre los estudios rurales en América Latina**. Revista de Ciencias Sociales. Núm. 29, Quito. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales-Sede Académica de Ecuador. 2007.

KAYSER, Bernard. **El espacio rural y el nuevo sistema de relaciones ciudad-campo**. Revista de Geografía, ISSN 0048-7708, N° 6, 2, 1972, págs. 209-217.

LEÓN Sáenz, Jorge. **Historia económica de Costa Rica en el Siglo XX**. San José, C.R: Universidad de Costa Rica, IICE, CIHAC, 2012.

LEWIN, Bryan, GIOVANNUCCI, Daniele, PANOS, Varangis. **Coffee Markets. New Paradigms in Global Supply and Demand.** World Bank. Agriculture & Rural Development Department, 2004, 150 p.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio.** Capitán Swing Libros, S.L. Madrid, España, 1974.

LIMA, Nathalia; FROEHLICH, José. **Agricultura familiar e estratégias de diferenciação para acesso a mercados: As possibilidades do comércio justo no Brasil.** Agroalimentaria, vol. 20, núm. 39, julio-diciembre. Universidad de los Andes Mérida, Venezuela. 2014, pp. 79-94.

LOPES, Marcelo. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.** En: CASTRO, Iná, GOMES, Paulo; CORRÊA; Roberto. Geografia: conceitos e temas. 18 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2018. p.77-126.

LÓPEZ, Maria; CARRIÓN, Andrea. **Geografía, economía y territorios rurales en América Latina: presentación del dossier.** En EUTOPIA. Número 14 • diciembre 2018 • págs. 7-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.17141/eutopia.14.2018.3771>

LOBATO, Roberto. **Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado.** Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, V. 4, N.1, 2014, p. 37-46.

LÓPEZ, Karina **Mercado mundial el café tostado.** PROCOMER. Dirección de Inteligencia Comercial, julio, 2014. Presentación PowerPoint.

LORÍA, R. y TIMBERLIN, P. **La recolección del café, una labor por visibilizar En Una mirada a las condiciones de trabajo en algunos colectivos especialmente vulnerables.** Madrid: OISS. 2011, p.65-74.

LUNA-GONZÁLEZ, Alejandro; DÍAZ-PORRAS, Rafael; MORALES-RAMOS, Victorino y MAYETT-MORENO, Yesica. **Caficultores replanteando su participación en la cadena del café: casos de Costa Rica y México. Revista de Política Económica y Desarrollo Sostenible.** Vol. 4 (1) • Julio-diciembre, 2018: 1-17. DOI: <http://dx.doi.org/10.15359/peds.4-1.3>

LLANOS-HERNÁNDEZ, Luis. **El concepto del territorio y la investigación en las ciencias sociales.** Universidad Autónoma Chapingo. Chapingo Estado de México. 56230. 2010. <http://www.scielo.org.mx/pdf/asd/v7n3/v7n3a1.pdf>

LLAMBÍ, Luis, 2004. **Nueva Ruralidad, Multifuncionalidad de los espacios rurales y desarrollo endógeno.** En Edelmira Pérez y María Adelaida Farah (comp.), Desarrollo Rural y Nueva Ruralidad en América Latina y la Unión Europea, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá; pp. 91-107.

MARAFON Glaucio; CERVO Marcelo y SALAZAR Vera. **O trabalho de campo como investigação do meio rural brasileiro.** En: temas em geografia rural [recurso eletrônico] / Organização Glaucio José Marafon, Marcelo Cervo Chelotti, Vera Lúcia Salazar Pessôa. - 2. ed. - Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020. 1 recurso online (549 p.): ePub.

_____; CERVO, Marcelo, SALAZAR, Vera. **Temas em geografia rural.** 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, (2020). Recurso online (549 p.): ePub.

_____. **Principais transformações em curso no espaço rural na atualidade.** Revista Geográfica de América Central. N° Especial. I Semestre. 2012, p. 99–84.

_____. **O Rural como Paisagem.** curadoria, Marcelo Campos e Analu Cunha. - Rio de Janeiro: UERJ/DECULT, Galeria Itinerante: EdUERJ, 2019, 32 p.

_____; QUIRÓS, Lilliam. y ALVARADO, Meylin. **Geografía rural latinoamericana: temas de investigación y perspectivas de futuro.** Universidade Do Estado do Rio de Janeiro. Brasil. 2021.

MATA, Francisco, HERNÁNDEZ, Irene. **CRGOURMETCOFFEE.COM: using e-commerce to mitigate the coffee paradox in Costa Rica.** 2019. <http://www.iadisportal.org/digital-library/crgourmetcoffeecom-using-e-commerce-to-mitigate-the-coffee-paradox-in-costa-rica>

MARESPI. **Marespi Costa Rican Coffee.** Disponible en: <https://www.facebook.com/marespict/> Acceso 25 de mayo 2023.

MEDAGLIA, Cindy. **El mercado de café tostado en EE. UU.** PROCOMER, Dirección de Inteligencia Comercial. (2018). Presentación PowerPoint.

MÉNDEZ, Javier. **Contradicción, complementariedad e hibridación en las relaciones entre lo rural y lo urbano.** Universidad de Caldas, Manizales, Colombia, 2011. DOI: 10.5354/0718-0527.2005.14675

MEDEIROS, Marta. **Terra Livre**. São Paulo. Ano 18, n.19. p.95-112. Jul/dez, 2002.

MELÉNDEZ, S. Costa Rica: Tierra y Poblamiento en la Colonia. San José: Editorial Costa Rica, 1977.

MÉNDEZ, Marlon. **Contradicción, complementariedad e hibridación en las relaciones entre lo rural y lo urbano**. Universidad de Caldas, Manizales, Colombia. 2003.

MIOR, Luiz. **Agricultores familiares, agroindústrias e território: A dinâmica das redes de desenvolvimento rural no Oeste Catarinense**. (tesis doctorado) Universidade Federal De Santa Catarina, Centro De Filosofia E Ciências Humanas Doutorado Interdisciplinar Em Ciências Humanas – Sociedade E Meio Ambiente. Florianópolis, 15 de agosto de 2003.

_____. **Agricultura familiar, agroindústria e desenvolvimento territorial**. Centro de Socioeconômica e Planejamento Agrícola da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – CEPA/Epagri. (sf)

MINISTERIO DE AGRICULTURA Y GANADERÍA (MAG). **Plan Nacional de Agricultura Familiar de Costa Rica 2020-2030**. Coordinación técnica: Dagoberto Vargas y Andrea Padilla. San José, C.R: MAG, 2020. p.113.

_____. **Manual de Buenas Prácticas de Manufactura en el Beneficio Asociación de Productores de Café Sostenible de Tarrazú Lineamientos a Seguir Conducentes a un Programa de Buenas Prácticas de Manufactura (Beneficiado) Sep 08-2008**. Programa de Fomento de la Producción Agropecuaria Sostenible, Contrato Préstamo 1436/OC-CR-BID. 2008.

_____. **Plan estratégico de la Cadena productiva de café. Período: 2007 – 2010**. Región Brunca, 5 de octubre, 2007.

_____. **Plan de Acción para la Reactivación Económica Región de Desarrollo Brunca**. San José, Costa Rica. 2021.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E GESTÃO, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **A Geografia do Café**. Brasil, 2017. 133 p.

MITHIEUX, Nicolas. **Cafeína Costa Rica: voyage au pays du café. Rencontre avec les producteurs de café de spécialité Finca Rivense, Café Burio, Finca Don Beto.** La coutellerie” N3 Production, 2020, p.5-45.

MIRANDA, Miriam. **Cambio en el uso del suelo en General Viejo de Pérez Zeledón.** Revista Geográfica de América Central. Nos.17-18 - segundo Semestres de 1982 -Primer semestre de 1983, p. 99-121.

MONNET, Jérôme. **El territorio reticular.** Beatriz Nates Cruz. **Enfoques y métodos en estudios territoriales.** RETEC/Doctorado de estudios territoriales de la Universidad de Caldas, Manizales, Colombia, pp.137-167, 2013. ffhalshs-00533584v2ff

MONTIEL, Enrique. **Alcance regional de la producción comercializada de café de Costa Rica.** Tesis para obtener el título de Licenciado en Geografía. Universidad Nacional Autónoma de México. Facultad de Filosofía y Letras del Colegio de Geografía. (2020).

MORALES, Federico, JIMÉNEZ, Fredy. **Fundamentos del enfoque territorial: actores, dimensiones, escalas espaciales y sus niveles.** Universidad Nacional Autónoma de México, 2018, 93 p.

MONTEIRO, Patricia, CAIRES, Carla, LOBO, Cecilia, SARKIS, José. **Cocriação de valor na cadeia do café especial: o movimento da terceira onda do café.** Revista de Administração de Empresas. Sao Paulo. V.58, no. 3- Maio-jun. 2018, p.254-266.

MONTERO, A. **Café, Revolución Verde, regulación y liberalización del mercado: Costa Rica (1950-2017).** Tesis para obtener el grado de doctorado en Historia Económica. Universitat de Barcelona, España. (junio del 2018).

MORA, Norman. **Agrocadena de Café.** Ministerio de Agricultura y Ganadería Dirección Regional Huetar Norte. 2008.

MONTENEGRO, Johnny. **La variabilidad climática y su influencia en la producción de café: Estudio de caso.** *Tópicos meteorológicos y oceanográficos*, 17(1), 2018, p.5-13.

MORALES, A. **Fragilidad de los corredores transfronterizos de trabajadores temporales. Territorios, mercados de trabajo y dispositivos de regulación en Centroamérica.** En: El territorio como recurso: movilidad y apropiación del espacio en México y Centroamérica. Odile Hoffmann y Aberlardo Morales Gamboa (coordinadores). 2018, pp.41-66.

_____; LOBO, D. y JIMÉNEZ, J. **La travesía laboral de la población Ngäbe y Buglé de Costa Rica a Panamá: características y desafío**. 1ª. ed. – San José, C.R.: FLACSO. 2014.

MOREIRA, Roberto. **Pensando o rural da modernidade e dos nossos tempos**. Estudos Sociedade e Agricultura, vol. 20, núm. 1, abril-setiembre, 2012, pp. 248-271. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil.

_____. **Ruralidades e globalizações: ensaiando uma interpretação**, 2002.

MORALES, A y CASTRO, A. **Redes transfronterizas sociedad, empleo y migración entre Nicaragua y Costa Rica**. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), San José, Costa Rica. 2002.

MOLINA, Iván; PALMER, Steven. **Historia de Costa Rica. Breve, actualizada y con ilustraciones**. Editorial de la Universidad de Costa Rica. 2006.

MORGAN, William. **Geografía Agrícola**. Ediciones Omega S.A. Barcelona. España, 1975, 217 p.

MUNICIPALIDAD DE PÉREZ ZELEDÓN. **Reglamento para el uso del Sello de Identificación para Alimentos Producidos en el Cantón Pérez Zeledón**. La Gaceta N.º 137 — martes 19 de julio del 2022.

_____. **Sello de Identificación para alimentos producidos en el cantón de Pérez Zeledón**. Disponible en: <https://www.perezzeledon.go.cr/index.php/canton/informacion-general/agro-municipal.html> Acceso 24 de julio de 2022.

NIEDERLE, Paulo André, DA SILVA, Fernanda. **As indicações geográficas e os novos mercados para os vinhos brasileiros**. En Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar. Marcio Gazolla y Sergio Schneider (organizadores). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2017, pp. 219-239).

_____; SCHUBERT, Maycon; SCHNEIDER, Sérgio. **Agricultura familiar, desenvolvimento rural e um modelo de mercados múltiplos**. In: Sheila Doula; Ana Louise Fiúza; Erly Cardoso Teixeira; Janderson dos Reis; André Luis Lima. (Org.). *A agricultura familiar em face das transformações na dinâmica recente dos mercados*. Ied.Viçosa: Suprema, 2014, v. 1, p. 43-68.

_____. **Mercantilização, diversidade e estilos de agricultura.** Raízes. Vol. 25, N.º 1 e 2, jan.–dez./2006.

OCAMPO, O; ÁLVAREZ, L. **Tendencia de la producción y el consumo del café en Colombia.** Apuntes del CENES. Volumen 36 - N.º 64 julio - diciembre 2017. Págs. 139-165 DOI: <https://doi.org/10.19053/01203053.v36.n64.2017.5419>

ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA AGRICULTURA Y LA ALIMENTACIÓN (FAO). **Zonificación agroecológica Guía general. Boletín de suelos de la FAO 73.** Roma, 1997. <https://www.fao.org/3/w2962s/w2962s00.htm>

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL CAFÉ. (OIC). (2018). **Datos estadísticos.** Recuperado de <http://www.laguiaidelcafe.org/guia-del-cafe/el-comercio-mundial-del-cafe/Precios-indicativos-de-la-OIC/>

OLIVEIRA, Daniela, GAZOLLA, Marcio, CARVALHO, Cynthia, SCHNEIDER, Sergio. **A produção de novidades: como os agricultores fazem para fazer diferente?** 2011. Descargado 1 de julio 2021. <http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/sergio-schneider/oliveira-daniela-gazolla-marcio-carvalho-c-x-schneider-s-a-producao-de-novidades-como-os-agricultores-fazem-para-fazer-diferente-in-sergio-schneider-marcio-gazolla-org-os-atores-do-desenvolvimento-rural-perspectivas-teoricas-e-praticas-sociais-porto>

_____; MELLO, Márcio. **Novas formas de inserção da agricultura familiar ao mercado como estratégia de desenvolvimento rural.** Programa de pós-graduação em desenvolvimento rural. XLIV Congresso da Sobre “Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento” (PGDR/UFRGS) PORTO ALEGRE - RS – BRASIL. Fortaleza, 23 a 27 de julho de 2006 Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. (2006).

OSSANI, P., CIRILLO, M., MEIRA, F., RIBEIRO, D., y CORTEZ, R. **Qualidade de cafés especiais: uma avaliação sensorial feita com consumidores utilizando a técnica MFACT.** Revista Ciência Agronômica, v. 48, n. 1, 2017, p. 92-100. DOI: 10.5935/1806-6690.20170010

ORLICH – CAFINTER S.A. **Historia familiar.** Disponible em: <https://cafeorlich.com/nuestra-historia/> Acceso 23 de octubre 2022.

PAT MOONEY, Grupo ETC. **La insostenible Agricultura 4.0. Digitalización y poder corporativo en la cadena alimentaria.** Ciudad de México, setiembre de 2019.

PATIAS, Naiana y VON HOHENDORFF, Jean. **Crítérios de qualidade de pesquisa.** *Psicología em Estudo.* v. 24, e43536, 2019. Doi: 10.4025/psicoestud.v24i0.43536

PANIAGUA, Ángel. Capítulo 2. **Geografía Rural.** En Daniel Hiernaux y Alicia Lindón “Tratado de Geografía Humana”, Editorial Arthropos. p.652. Libro digital, PDF, 2006, p.79-83.

PANOS, Varangis, SIEGEL, Paul, GIOVANNUCCI, Daniele, LEWIN, Bryan. **Dealing with the Coffee Crisis in Central America Impacts and Strategies.** The World Bank, Development Research Group Rural Development. Policy research working paper, 2003, 88 p.

PEREIRA, Raquel; BUAINAIN, Antônio. **Competitividade na agricultura familiar: uma abordagem Metodológica.** *Desenvolvimento e Meio Ambiente.* v.3, n.1, p.33-58, 2012-2013-2014.

PETERS, Gertrud. **Costarricense a finales del siglo XIX: Exportadores y consignatarios del café.** *Revista Historia* N.º 49-50, enero-diciembre 2004, pp. 59-109.

PÉREZ, Héctor, SAMPER, Mario. **Tierra, café y sociedad.** Facultad latinoamericana de Ciencias Sociales. FLACSO. Costa Rica, 1994. 597 p.

_____. **Café de Costa Rica.** BARBA, Costa Rica: Instituto del Café de Costa Rica. 2001.

PÉREZ, Edelmira. **Hacia una nueva visión de lo rural.** En ¿una nueva ruralidad en América Latina? Compiladora Norma Giarracca. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales / CLACSO Buenos Aires: CLACSO, enero de 2001. pp. 17-29.

PICADO, Wilson, LEDEZMA, Rafael y GRANADOS, Roberto. **Territorio de coyotes, Agroecosistemas y cambio tecnológico en una región Cafetalera de Costa Rica.** *Revista Historia*, No. 59-60, enero-diciembre 2009. / pp. 119-165

PONTE, Patrícia. **Ver, ser e estar nas paisagens: trajetórias de um conceito em abertura.** *GeoTextos*, vol. 15, n. 2, dezembro 2019. P. Ponte. 217-238.

PORTO-GONÇALVES, Carlos. **De saberes e de territórios: Diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana.** Em Ana Esther e Sader, Emir

(coords.), De los saberes de la emancipación y y de la dominación. CLACSO. 2008. p.37-52.

PUERTA, G., OBED, F., CORREA, A., ÁLVAREZ, I., ARDILA, J., GIRÓN, O., RAMÍREZ, C., BAUTE, J., SÁNCHEZ, P., SANTAMARÍA, M., MONTOYA, D. **Diagnóstico de la calidad del café según su altitud, suelos y beneficio en varias regiones de Colombia.** Cenicafé, 67 (2), 2016, p.15-51.

_____. **Especificaciones de origen y buena calidad del café de Colombia.** Federación Nacional de Cafeteros de Colombia. Avances técnicos 316. 2003.

PREDA, Graciela. **El territorio como campo de transformaciones socio-productivas.** La posición de los agentes. En EUTOPIA. Número 14 • diciembre 2018 • págs. 133-151. DOI: <http://dx.doi.org/10.17141/eutopia.14.2018.3771>

PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA Y EL MINISTRO DE GOBERNACIÓN Y POLICÍA. **Creación del Distrito La Amistad 12 del Cantón de Pérez Zeledón de la Provincia de San José.** 8 de septiembre del año 2014.

_____. Y EL MINISTRO DE AGRICULTURA Y GANADERÍA. **Oficializar y declarar de interés público la implementación del decenio de la agricultura familiar en Costa Rica 2019-2028.** La Gaceta N.º 76 — miércoles 2 de mayo del 2018.

_____. **Reglamento para la producción industrialización y comercialización del café sostenible.** Publicado 25 de noviembre del 2002.

_____. **Art. 1. Prohibir la siembra de la especie denominada Coffea Canephora “Robusta”.** La Gaceta No. 178. Viernes 11 de setiembre de 1998.

_____. LOS MINISTROS DE AGRICULTURA Y GANADERÍA Y DE AMBIENTE Y ENERGÍA. **Establecimiento de la metodología para la determinación de la capacidad de uso de las tierras agroecológicas de Costa Rica. N° 41960-MAG-MINAE.** San José, Costa Rica. 2019.

_____. PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA Y EL MINISTRO DE AMBIENTE Y ENERGÍA. **Decreto Ejecutivo N° 39519-MINAE.** San José, Costa Rica. 2016.

PROMECAFE. **Programa Regional de Calidad del Café** – Guatemala. 2011. <https://promecafe.net/wp-content/uploads/2018/05/ProgramaDeCalidad-Promecafe-AECID.pdf>

PROMOTORA DEL COMERCIO EXTERIOR DE COSTA RICA (PROCOMER). **Portal Estadístico**. Disponible en: <http://sistemas.procomer.go.cr/estadisticas/inicio.aspx> Acceso 20 de diciembre de 2021.

PROCOMER, et.al. **Esencial Costa Rica**. ¿Qué es la Marca País? Disponible en: <https://www.esencialcostarica.com/marca-pais/que-es-la-marca-pais/>. Acceso 02 de mayo de 2022.

QUIRÓS, Lilliam y ALVARADO, Meylin. **Geografía rural en Costa Rica: las transformaciones territoriales a través de los estudios rurales**. En Geografía rural latinoamericana: temas de investigación y perspectivas de futuro. Compiladores Glaucio José Marafon, Lilliam Quiros Arias, Meylin Alvarado Sánchez. Editora da Universidade do Estado do Rio De Janeiro. 2021, p.223-260.

_____; MORA, Karla. **Fincas cafetaleras como recursos para el turismo de intereses especiales en Costa Rica**. En Arreglo territorial del turismo en América Latina, casos de México, Costa Rica y Paraguay. Coordinadores Valente Vásquez Solís, Álvaro Sánchez Crispín, 2020, p.135-163).

RAMÍREZ, Blanca; LÓPEZ, Liliana. **Espacio, paisaje, región, territorio y lugar: la diversidad en el pensamiento contemporáneo**. UNAM, Instituto de Geografía: UAM, Xochimilco, 2015.

_____. **Miradas y posturas frente a la ciudad y el campo**. En Lo urbano-rural, ¿nuevas expresiones territoriales? Ávila Sánchez, Héctor – Compilador/Editor. UNAM, México, 2005. p.61-85.

RAMSAR. **Turberas de Talamanca**. En: Servicio de Información sobre Sitios Ramsar Disponible em: <https://rsis.ramsar.org/es/rsis/1286>. Acceso 20 de junio de 2023.

RENTING, Henk; MARSDEN, Terry; e BANKS, Jo, Terry. **Comprendiendo as redes alimentares alternativas: o papel de cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural**. En Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e

mercados da agricultura familiar. Marcio Gazolla y Sergio Schneider (organizadores). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2017, pp. 27- 51.

REIS, Elisa; GONZAGA, Luiz, CARVALHO, Helga. **A terceira onda do café em Minas Gerais**. Organizações Rurais & Agroindustriais, vol. 18, núm. 3, Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, Brasil, 2016, p. 214-227.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Disponible en: <https://dle.rae.es/>. Acceso 22 de setiembre de 2022.

RIVERA, Federico. **Los efectos socioeconómicos de las políticas de comercialización Internacional del café en el cantón de Turrialba entre el período de 1997 – 2005**. InterSedes: Revista de las Sedes Regionales, vol. IX, núm. 17, 2008, pp. 107-120.

RODRÍGUEZ, Alonso. **Costa Rica, historia de crisis con aroma y sabor a café**. Tiempo y sociedad. Núm. 14, 2014, pp. 5-33.

RODRÍGUEZ-SPERAT, R; PAZ, R.b; SUÁREZ, V; DÍAZ, J. **Construyendo mercados desde la propia finca. Tres experiencias en la agricultura familiar**. Agro Sur 43(1): 3-17, 2015 DOI:10.4206/agrosur. 2015.v43n1-02

RODRÍGUEZ, Alejandro; SÁENZ, Fernando; BARBOZA, Luis y LE COQ, Jean-François. **Políticas para la agricultura familiar en Costa Rica: Una revisión**. Raíces. v.38, n.1, jan-jun/2018.

ROJAS, Belkys. **Investigación cualitativa: fundamentos y praxis**. Fondo Editorial de la Universidad Pedagógica Experimental Libertador, FEDUPEL. Caracas,2014. 229 p.

ROJAS, O.E. **Determinación del potencial agroecológico para el cultivo del café (Coffea arabica) en Costa Rica**. Turrialba Vol. 39, No.3, 1989, pp.279-287.

_____. **Zonificación agroecológica para el cultivo de café (Coffea arabica) en Costa Rica**. Turrialba, CR, IICA. 1987, 83 p.

RUIZ, Naxhelli & DELGADO, Javier. **Territorio y nuevas ruralidades: un recorrido teórico sobre las transformaciones de la relación campo-ciudad**. Revista Eure, Vol. XXXIV, 2008 (102), 77-95.

SAMPER, Mario. **Contribuciones de los agroecosistemas campesinos y sistemas territoriales de agricultura familiar al desarrollo de los territorios rurales y a la seguridad alimentaria: conceptos medulares y cuestiones actuales.** Enfoque Rural. Año 1 Núm. 1. 2020.

_____. **Sistemas territoriales de agricultura familiar.** (SIGET) Sistema de Gestión Estratégica para el Desarrollo Territorial y la Agricultura Familiar IICA. San José, C.R. 2016.

_____. **Construcción histórica de la calidad y la competitividad.** En: La cadena de producción y comercialización del café: perspectiva histórica y comparada. 2001.

_____; SFEZ, Paul. **La cadena de producción y comercialización del café: Perspectiva histórica y comparada.** San José: Progreso Editorial, 2001.

_____; ROSEBERRY, William, GUDMUNDSON, Lowell. **Café, sociedad y relaciones de poder en América Latina.** Editorial Universidad Nacional. Heredia, Costa Rica, 2001. 511 p.

SABBADO, Shana, DE LIMA, Pámela, NEUKIRCHEN, Liége. **No rastro dos tropeiros: cultura, identidade e inovação na organização do território da cachaça e dos derivados da cana no Litoral Norte do RS.** En: VIERA, Rosa; LINDNER, Michele. Expressões da cultura no território, 2015. p.157-170.

SACK, Roberto. **O significado de territorialidade. Territorialidades Humanas e Redes Sociais.** DIAS, Leila; FERRARI, Maristela (organizadoras), Florianópolis: Insular, 2. ed. rev., 2013.

_____. **Territorialidade Humana: sua teoria e história.** Cambridge University Press. 1986.

SAQUET, Marcos. **Abordagens E Concepções De Território E Territorialidade.** Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011. pp. 1-16.

_____. **Por una geografía de las territorialidades y las temporalidades: Una concepción multidimensional orientada a la cooperación y el desarrollo territorial.** La Plata: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. (2015). (Biblioteca Humanidades; 36). En Memoria Académica. Disponible en: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.268/pm.268.pdf>

SÁNCHEZ-CRISPÍN, Álvaro; ALVARADO-SIZZO, Iliá; PROPIN-FREJOMIL, Enrique **Estructura territorial del turismo en Santiago, Nuevo León, México.** Investigaciones Geográficas, Núm. 97, 2018. doi: 10.14350/rig.59620

SANDÍ, José, ZÚÑIGA, Carolina, MONTERO, Andrea. **Tarrazú y Orosi: cambios en la cadena de Comercialización del café y estrategias ante la Liberalización del mercado, 1989-2006.** Revista Historia, No. 55-56, enero-diciembre 2007/ pp. 99-117.

SANTIS, Hernán; GANGAS, Mónica. **La aproximación humanística en Geografía.** Revista de Geografía Norte Grande. Pontificia Universidad Católica de Chile. núm. 31, 2004, pp. 31-52.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** /. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Coleção Milton Santos; 1)

_____. **De la totalidad al lugar.** Ed. Oikos tau. Barcelona, 1996.

_____. **Técnica, espaço e tempo. Globalização e Meio técnico científico informacional.** Ed. Huitec. São Paulo, 1994.

_____. **Por uma Geografia Nova, da crítica da Geografia a uma Geografia crítica.** Universidade de Sao Paulo: HUCITEC, 1986. 288 p.

_____. **Espacio y método. Geocrítica.** Universidad de Barcelona. Año XII. Número: 65, 1986. <http://www.ub.edu/geocrit/geo65.htm#reflexiones>

_____. **Pensando o espaço do homem.** EdUSP, 2004, p.90.

SANDNER, Gerhard. **El concepto y los sistemas funcionales en la colonización espontánea costarricense.** Revista Geográfica de América Central. Nos.15-16 - segundo Semestres de 1981 -Primer semestre de 1982, p. 95-117.

_____. **Investigaciones geográficas; la colonización agrícola de Costa Rica.** San José, Costa Rica. Instituto Geográfico de Costa Rica. 1962.

SAUER, Carl O. **A Morfologia da Paisagem.** Original publicado como "The morphology of landscape", University of California, Publications in Geography, vol. 2, 1925, pp.19-54. Traducido al Portuguese por Gabrielle Corrêa Braga, bolsista CNPq/UERJ. Revisão de Roberto Lobato Correa, Departamento de Geografia, UFRJ.

SEGURA, Milena y ANDRADE, Hernán. **Huella de carbono en cadenas productivas De café (coffea arabica l.) Con diferentes Estándares de certificación en Costa Rica.** Revista Luna Azul. No. 35, julio - diciembre 2012, pp-60-77.

SEGRELLES, José. **La multifuncionalidad rural: realidad conflictiva en la Unión Europea, mito en América Latina.** Ería: Revista cuatrimestral de geografía. Vol.72, 2007, 89-99 pp.

_____. **Una reflexión sobre la reciente reorganización de los usos agropecuarios en América Latina.** Anales de geografía de la Universidad Complutense. Vol. 27 (1), 2007, 125-147 pp.

_____. **Problemas ambientales, agricultura y globalización en América Latina.** Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. 2001.

SEPÚLVEDA, Sergio; RODRÍGUEZ, Adrián; ECHEVERRI, Rafael; & PORTILLA, Melania **El Enfoque Territorial del Desarrollo Rural.** Instituto Interamericano de Cooperación para La Agricultura, Dirección de Desarrollo Rural Sostenible, San José, Costa Rica. 2003.

_____. BOISIER, Sergio y EDWARDS, Richard. **Desarrollo sostenible macrorregional: Desarrollo sostenible agricultura, recursos naturales y desarrollo rural: lecturas seleccionadas.** Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura (IICA), San José, Costa Rica. 1996.

SEVILLA, J. **Análisis de la Agroindustria de Exportación de Centroamérica: Evaluación Económica y Sostenible de la Producción de Café de Honduras).** Tesis para obtener el grado de doctorado en Ciencias de la Comunicación. Universidad Rey Juan Carlos. Madrid. 2013.

SELVA SPECIALITY COFFEE. **About us.** Disponible en: <http://www.selvacoffee.com/>
Acceso 8 de octubre de 2022.

SICK, Deborah. **Coffee, farming families, and fair trade in Costa Rica new markets, same old problems?** University of Ottawa. Latin American Research Review, Vol. 43, No. 3. 2015, 193-208.

SCHNEIDER, Sergio e GAZOLLA, Marcio. **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas.** En Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar. Marcio Gazolla y Sergio Schneider (organizadores). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2017, pp. 9-24.

_____. **Mercados e Agricultura Familiar.** National Council for Scientific and Technological Development, Brazil, 2016. p. 93-140.

_____. **La agricultura familiar en América Latina: Un nuevo análisis comparativo.** Fondo Internacional de Desarrollo Agrícola (FIDA). Centro Latinoamericano para el Desarrollo Rural (RIMISP), 2014.

_____. **La pluriactividad en el medio rural brasileño: características y perspectivas para la investigación.** En: La pluriactividad en el campo latinoamericano. Hubert C. de Grammont y Luciano Martínez Valle (coordinadores). FLACSO, Ecuador. 2009, p. 207-242.

_____. **A diversidade da agricultura familiar.** Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2006.

SCHEJTMAN, Alexander, y BERDEGUÉ, Julio. **Desarrollo territorial rural.** Red de Investigación RIMISP. Chile, 2003.

SILI, Marcelo. **Un modelo para comprender la dinámica de los territorios rurales. El caso de la Argentina.** Mundo Agrario, 17(34), e003. 2016.

Recuperado de <http://www.mundoagrario.unlp.edu.ar/article/view/MAv17n34a03>

SILVEIRA, María. **Globalización y territorio usado: imperativos y solidaridades.** Cuadernos del CENDES. Buenos Aires. Año 25. No 69, 2008. p.1-19.

SILVA, Osvaldo. **Agricultura Familiar: Diversidade E Adaptabilidade.** Vol. I: uma realidade multiforme e A agricultura familiar: comparação internacional. Vol. II: do mito à realidade, de Hugues Lamarche (coord.) Revista de Sociologia e Política, núm. 12, junho, 1999. p. 161-167.

SINTERCAFE. Obtenido en: <https://sintercafe.com/about-us-1/>. Acceso 05 de febrero de 2021.

SISTEMA NACIONAL DE ÁREAS DE CONSERVACIÓN (SINAC). Áreas Silvestres Protegidas de Costa Rica. Obtenido en: <https://www.sinac.go.cr/>. Acceso 03 de mayo 2023.

SONNINO, Roberta; MARSDEN, Terry. (2017). **Além da linha divisória: repensando relações entre redes alimentares alternativas e convencionais na Europa.** En Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar. Marcio Gazolla y Sergio Schneider (organizadores). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2017, pp. 105-127.

SOTO, F.; VANTOUR, A.; HERNÁNDEZ, A.; PLANAS, A.; FIGUEROA, Alicia; FUENTES, Paula O.; TEJEDA, Tamara; MORALES, Marisol; VÁZQUEZ, R.; ZAMORA, Elisa; ALFONSO, Hilda M.; VÁZQUEZ, L.; CARO, P. **La zonificación agroecológica del Coffea Arabica L. en Cuba. Macizo montañoso Sagua-Nipe-Baracoa.** Cultivos Tropicales, vol. 22, núm. 3, 2001, pp. 27-51.

SOLIS, Manuel. **Desarrollo Rural.** Editorial Universidad Estatal a Distancia. San José, Costa Rica. 1985.

SUÁREZ, Venero, Gicli. **Apuntes sobre la zonificación agroecológica de los cultivos. Particularidades en Cuba.** Cultivos Tropicales, vol. 35, no. 4, 2014, pp. 36-44.

TEUBAL, Miguel. **Globalización y nueva ruralidad en América Latina.** En ¿una nueva ruralidad en América Latina? Compiladora Norma Giarracca. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales / CLACSO Buenos Aires: CLACSO, enero de 2001. pp. 45-65.

TEIXEIRA, Marcio; LAGES, Vinicius. **Dossiê reflexiones sobre o rural: transformações no espaço rural e Geografia Rural: ideias para discussão.** Rev. Geogr. São Paulo, 14, 1997, p.9-33.

TELLMAN, Beth; GRAY, Leslie C & BACON, Christopher M. **Not Fair Enough: Historic and Institutional. Barriers to Fair Trade Coffee in El Salvador.** Environmental Studies Institute. Santa Clara University

THOMÉ, Fabiana. **Produtores, consumidores e valorização de produtos tradicionais: um estudo sobre qualidade de alimentos a partir do caso do queijo serrano dos campos de cima da Serra – RS.** Tese para optar por título de Doutora em Desenvolvimento Rural. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012.

TREJOS, Rafael. **Nueva ruralidad: temas emergentes, nuevos condicionantes y viejos problemas.** Revista Perspectivas Rurales. 2002. Año 4. n. 2. pp. 7-28.

TV SUR PÉREZ ZELEDÓN **Pérez Zeledón fue la única zona productora de café que tuvo aumento en la cosecha.** Disponible en:
<https://www.youtube.com/watch?v=W2wiv8Hk76I>. Acceso 20 de febrero de 2023. 2'.45''

UNIVERSIDAD DE COSTA RICA. **Mapa del suelo de Costa Rica.** Disponible en:
<http://www.cia.ucr.ac.cr/es/mapa-de-suelos-de-costa-rica>. Acceso 7 de enero de 2023.

UNIVERSIDAD NACIONAL. **¿Qué hacer en Pérez?** Disponible en: web quehacerenperez.com. Acceso 20 de febrero de 2022.

UMAÑA, Gabriel. **Guía para el establecimiento de módulos para microbeneficiado de café.** -- San José, C.R.: MAG/ Agencia de Servicios Agropecuarios de León Cortés/ SUNII/FITTACORI, 2014. 118 p.

UNWIN. Tim. **El lugar de la Geografía.** Ediciones Cátedra, S.A. Traducción de Jerónima García Bonafé. Madrid, España, 1995.

VARGAS, Gilberth. (2014). **Geografía de Costa Rica.** 2da Edición. Editorial EUNED.

VALENCIANO, Jorge; SÁENZ, Fernando; LE COQ, Jean; ZÁRATE, Diego. **Costa Rica: Desafíos y políticas públicas para la agricultura familiar.** En: Políticas públicas y agriculturas familiares en América Latina y el Caribe: Nuevas perspectivas. Eric Sabourin, Mario Samper y Octavio Sotomayor (Editores). San José, Costa Rica, 2015. p.163-188

_____. **Adaptabilidad de las familias agrícolas ante presiones económicas y ecológicas: un caso de café de altura en León Cortés, Costa Rica.** *Economía y Sociedad.* (37 y 38), 2010, p.81-102.

VAN DER PLOEG, Jan Douve. **El campesinado y el arte de la agricultura. Un manifiesto chayanoviano.** Zacatecas: Universidad Autónoma de Zacatecas. 2015.

_____. **Dez qualidades da agricultura familiar.** Revista Agriculturas: experiências em agroecologia. AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia integrado à AgriCultures Network. n. 1 • Fevereiro de 2014.

_____. **O modo de produção camponês revisitado.** En A diversidade da agricultura familiar, Sergio Schneider (organizador). (2009). pp. 15-56.

VALVERDE, Orlando. **Metodologia da Geografia Agrária.** CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 1-16, fev. 2006.

VELÁSQUEZ, A, y TRÁVEZ, M. (2019). **Café especial, una alternativa para el sector cafetero en Colombia.** Universidad EAFIT Escuela de Economía y Finanzas Medellín, Colombia.

VEIGA, José. **A atualidade da contradição urbano-rural.** Rural Sociology 67(3), 2002, pp. 35-371.

VILLAMIL, Moisés. **Contribuições metodológicas para análise das cadeias curtas de produção: os ganhos da comparação e da causalidade.** En Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar. Marcio Gazolla y Sergio Schneider (organizadores). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2017, pp.147-172.

VIGNOLA, R., WATLER, W. POVEDA, K., Vargas, A., Mora, M., Rivera, P., y Morales, M. **Prácticas efectivas para la reducción de impactos por eventos climáticos en el cultivo de café en Costa Rica.** “Como parte del estudio de prácticas efectivas para adaptación de cultivos prioritarios para seguros, en Costa Rica”. San José, Costa Rica, 2018. 115 p.

VIALES, Ronny; MORA, Andrea. **La construcción sociohistórica de la calidad del café y del banano de Costa Rica. Un análisis comparado 1890-1950.** 1a edición - San José, Costa Rica; Alma Máter, 2010, 208 p.

VIEIRA, Rosa. **Território, espaço de identidade.** En: Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. SAQUET, Marcos; SAVÉRIO, Eliseu (organizadores) --1. ed.-- São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p. 217-227.

WAIBEL, Leo. **Fajas económicas en la Meseta Central de Costa Rica.** Revista Geográfica de América Central, N. 9-10. Segundo semestre de 1978 y primer semestre de 1979. pp. 137-160.

WILKINSON, John. **A agricultura familiar ante o novo padrão de competitividade do sistema agroalimentar na América Latina.** VII Congresso Internacional da Associação

Latino-americana e Caribenha de Economia Agrícola (ALACEA), Lima, 6 e 7 de novembro de 2003. 26 p.

_____. **Cadeias produtivas para agricultura familiar.** Revista de Administração da UFLA. Organizações Rurais e AGROINDUSTRIAIS. V.1 – N. 1 – jan./jun. – 1999.

WORLD COFFEE RESEARCH. **Las variedades de café arábica.** Portland. (2019). <https://varieties.worldcoffeeresearch.org/es/varieties>.

WOLLNI, Meike y BRÜMER, B. **Productive efficiency of specialty and conventional coffee farmers in Costa Rica: Accounting for technological heterogeneity and self-selection.** Food Policy. 2012, 37, pp. 67-76.

_____; ZELLER, Manfred. **¿Do farmers benefit from participating in specialty markets and cooperatives? The case of coffee marketing in Costa Rica.** Contributed paper prepared for presentation at the International Association of Agricultural Economists Conference, Gold Coast, Australia, August 12-18, 2006.

ZÚÑIGA, Ana. **Desarrollo de sistemas de producción agrícola en un área de frontera agrícola durante la primera mitad del siglo XX: Pérez Zeledón, Costa Rica: 1900-1955.** *Revista de Historia.* Núm. 42, 2000, p.189- 232.

APÊNDICE A - Guia para entrevistar produtores de cafés especiais**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
DOUTORADO EM GEOGRAFIA****Local e data** _____ **Número da entrevista** _____

No âmbito do doutorado em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, está sendo realizada uma entrevista para conhecer a produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón, na Costa Rica. As informações que você fornecer serão utilizadas exclusivamente para os fins desta investigação e serão tratadas com total confidencialidade. Agradeço a colaboração que você pode me dar para concluir esta entrevista.

Informe-se sobre a história e uso do imóvel

1. Há quantos anos você mora nesta comunidade?
2. Há quantos anos você adquiriu seu imóvel?
3. Sobre a sua fazenda, quantos hectares ela mede no total? Que tipo de culturas você tem no momento? Quantos hectares são dedicados ao café? Quantos alqueires de café você produz por ano?

Informe-se sobre a composição e atividades da família

4. Quantas pessoas residem na sua família? Qual é a relação de parentesco? Qual é a educação formal aprovada pelos familiares?
5. Qual é a principal função de cada um dos membros da sua família na fazenda? Qual é a rotina diária em relação à distribuição do trabalho da família?
6. Algum membro da sua família trabalha fora da fazenda? Que tipo de trabalho você faz? Você viaja diariamente para trabalhar fora da fazenda?

Sobre a produção de cafés especiais

7. Por que você decidiu se dedicar à produção de cafés especiais?
8. O que você entende por qualidade no que diz respeito à produção de café?
9. Como foi esse processo de mudança, da produção de café convencional para a produção de cafés especiais?
10. O que você precisou modificar para produzir cafés especiais? Quantos alqueires de café você envia para o mercado de cafés especiais?
11. Que práticas de gestão ambiental você modificou para produzir cafés especiais? Qual é a gestão ambiental que você faz na sua fazenda?

12. Possui algum selo ambiental? Que selos você possui? Qual foi a experiência para obter esse selo ambiental?

Sobre o processo do café no microbenefício

13. Sobre o Microbenefício Como você obteve seu microbenefício? Qual foi sua experiência ao iniciar o processamento do café?

14. Quantas pessoas colaboram com você no processamento do café?

15. Quais são os processos de café realizados na sua Microbenefício?

16. Você considera que realizou inovação tecnológica para produzir cafés especiais?

Sobre marketing de café

17. Para quem você vende seu café? Você vende todo o café como diferenciado em qualidade ou parte dele como convencional? Que tipo de contrato de venda você administra? Quais são as condições do contrato?

18. Você destina uma parte do seu café ao mercado local ou regional? Para quem você vende? Como você o posiciona no mercado local ou regional?

19. Você compra cafés especiais de outros produtores para processar na sua Microbenefício? De quem você compra café?

Sobre redes de apoio

20. Você faz parte de alguma cooperativa ou outra organização? Ou você se organiza com algum familiar para produzir cafés especiais?

21. Você considera que estão sendo tomadas ações em nível de sua comunidade ou cantão para promover a produção de cafés especiais?

22. Você recebe apoio de alguma instituição ou organização para produzir cafés especiais?

23. Quais são os principais pontos fortes que você vê na produção de cafés especiais?

24. Quais as principais dificuldades que você enfrenta na produção de cafés especiais? principais problemas

25. Qual o futuro que você vê para a produção de cafés especiais? Qual é o futuro que você vê para as demais atividades econômicas que você desenvolve na fazenda?

26. Quer acrescentar algo sobre o qual não falamos e que você considera relevante?

Observação. As entrevistas são gravadas e posteriormente transcritas para interpretação e integração no documento.

Apêndice B - Guia de entrevista para informantes-chave**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO****DOUTORADO EM GEOGRAFIA****Local e data** _____ **Número da entrevista** _____

No âmbito do doutorado em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, está sendo realizada uma entrevista para conhecer a produção de cafés especiais na região cafeeira de Pérez Zeledón, na Costa Rica. As informações que você fornecer serão utilizadas exclusivamente para os fins desta investigação e serão tratadas com total confidencialidade. Agradeço a colaboração que você pode me dar para concluir esta entrevista.

1. Qual a relação que a instituição/organização que você representa mantém com a produção de café.
2. De acordo com sua experiência, a atividade cafeeira mudou em nível geral?
3. Considere que essas mudanças favoreceram ou limitaram a atividade cafeeira.
4. De acordo com o seu critério, qual o potencial que você vê na sub-região cafeeira de Pérez Zeledón para a produção de cafés especiais.
5. Quais são as principais vantagens que a sub-região cafeeira de Pérez Zeledón apresenta para a produção de cafés especiais?
6. Quais são as principais limitações que a sub-região cafeeira de Pérez Zeledón apresenta para produzir cafés especiais?
7. Você considera a produção de café diferenciado uma oportunidade para os pequenos produtores?
8. Você vê oportunidade para cafés especiais em mercados alternativos, qual sua opinião?
9. A sua instituição/organização está preparada para atender às necessidades de mercados alternativos para o café?
10. Qual o futuro que você vê na tendência de produção de cafés especiais para mercados alternativos?
11. Quer acrescentar algo sobre o qual não falamos e que você considera relevante?

Observação. As entrevistas são gravadas e posteriormente transcritas para interpretação e integração no documento.

Anexo A - Variedades de café produzidas segundo grupo genético, mencionadas pelos produtores da região cafeeira de Pérez Zeledón, 2023.

grupo genético	Variedades derivadas	Características
Grupo Bourbon-Típica/Bourbon ▪ Caturra	Linhagem “Typica” (também chamada árabe ou indiana ou crioula).	Variedades tradicionais na América. Eles estão associados à alta qualidade da xícara, mas são suscetíveis à maioria das doenças e pragas.
Grupo Bourbon-Típica/Típica ▪ Catuaí	Introduzido na ilha de Borbón, que deu origem à linhagem “Borbón”	Na América Latina 97,55% das cultivares são derivadas das variedades Typica e Bourbon.
Grupo Bourbon-Típica/Bourbon e Typica ▪ Mibirizi		
etíope /local ▪ Geisha (Panamá) ▪ Java	Eles se desenvolveram nas florestas da Etiópia ou nas plantações de café da Etiópia, onde se originou a espécie <i>C. arabica</i>	Eles estão associados à alta qualidade da xícara, mas são suscetíveis à maioria das doenças e pragas.
Introgressão/ Catimor ▪ Catimor 129 ▪ Costa Rica 95	Timor Híbrido “Linhas” Híbridas de Timor e depois as Cruzaram com variedades de Árábica curto e de alto rendimento, caturra e Villa Sarchí. Estes cruzamentos (Híbrido de Timor	Variedades introgressivas (<i>trouxas</i>) são aquelas que possuem alguns traços genéticos de outra espécie, <i>C. canephora</i> ou Robusta. Variedade árábica que continha genes de <i>C. canephora</i> que permitiam às plantas resistência à ferrugem. Nem Catimor nem Sarchimor são, em si, variedades individuais diferentes. Essas variedades têm sido tradicionalmente associadas à qualidade inferior da xícara.
Introgressão/ Sarchimor ▪ Marselhesa ▪ Obata Vermelho ▪ Parainema		
Introgressão/Outro ▪ F3		
F1/Introgressão Híbrida ▪ América Central ▪ Milenio	Os híbridos F1 são uma nova geração de variedades de café criadas pelo cruzamento de dois progenitores Árábica geneticamente distintos. <i>Pai 1.</i> Recursos desejáveis: • Plantio denso • Boa produtividade • Tolerância a doenças <i>Progenitor 2</i> geneticamente distante do pai 1	Alta qualidade de xícara, alto rendimento e resistência a doenças. Resgatam as melhores características de ambos os pais. Os híbridos são notáveis porque tendem a ter rendimentos significativamente mais elevados do que os não-híbridos. Os híbridos F1 se reproduzem apenas por micropropagação. As sementes retiradas de plantas híbridas não terão as mesmas características das plantas-mãe, com possíveis perdas de rendimento, resistência a doenças, qualidade ou outras características de desempenho agrônômico.
Sem introgressão		

Fonte: World Coffee Research, (2019). Elaborado pelo autor, 2023.

Observação. Das variedades descritas por estes autores, 13 variedades foram localizadas na área de estudo, mas mais outras estão indicadas na descrição dos produtores.

Anexo B - Selo de Identificação dos Alimentos Produzidos no Cantão de Pérez Zeledón, conforme modelo de produção.

Tipo de carimbo	Orientação – definição
	<p><i>Convencional</i></p> <p>Isso garante ao consumidor que foram 100% fabricados em Pérez Zeledón.</p>
	<p><i>Certificado orgânico</i></p> <p>Isso garante que o alimento foi produzido no modelo orgânico, que foi produzido totalmente livre de agrotóxicos.</p>
	<p><i>Boas práticas agrícolas</i></p> <p>Garante que os alimentos foram produzidos aproveitando bem os recursos, solo, água e outros. Devem ser exclusivos da atividade desenvolvida pelo agricultor. E demonstra um bom manejo da cultura.</p>
	<p><i>Agricultura sustentável</i></p> <p>É um modelo que garante que os alimentos foram produzidos de forma amiga do ambiente, através de programas como a “Bandeira Azul Ecológica” e a “Neutralidade Carbo”.</p>

Fonte: Elaborado pela Prefeitura de Pérez Zeledón, (2022).

Anexo C - Exemplos de métodos de infusão de café para cafés especiais.

Método	Características gerais
Prensa francesa	A prensa francesa é um método de imersão, é um dos métodos de café mais conhecidos.
Chemex	É um método de gotejamento que consegue uma xícara com menos corpo, maior doçura, sem resíduos ou acidez.
Vândala	É um método costarriquenho, inspirado nos métodos tradicionais de vazamento e com desenho de arte pré-colombiana, é feito à mão com argila que lembra uma jarra.
Esguichador	O chorreador é um aparelho para fazer café usado na Costa Rica, no qual a água quente é filtrada através do café moído colocado em um filtro de pano montado em um suporte de madeira.
Aeropress	É uma espécie de seringa em que o café é infundido com água quente. O café feito com esse método de imersão tem sabor mais duradouro.
Sifão japonês	Combina imersão e gotejamento, funciona basicamente como uma cafeteira a vácuo.
V60	Este é um método de gotejamento.
Kalita	Método de extração por gotejamento, possui três furos e filtro corrugado que diminui o espaço de contato entre o método e os grãos.
Máquina de espresso	máquina de café expresso faz com que o café seja produzido quando a alta pressão da força da água quente passa pelo café moído e é filtrado, extraindo rapidamente o sabor.
Cafeteira caseira ou coador	Assim que a água quente chega ao compartimento do café, é feito um processo de filtração com auxílio de papel de filtro ou filtro metálico e a bebida quente cai em uma jarra.
Pote Moka	É um dos métodos de extração de café mais econômicos e rápidos disponíveis, obtendo um concentrado com bom sabor.
Sifão ou panela a vácuo	É conhecido como pote sifão. Combina vários métodos, não é tão fácil preparar o café desta forma.
Gotejador Hario V60	A Hario v60 é uma forma muito simples de preparar uma xícara, devido ao seu tamanho e peso.
Café turco	O método da cafeteira turca é preparado com uma ferramenta conhecida como cezve ou ibrik.
<i>Frio Pingar</i> <i>Fermentação</i>	O café frio é um dos mais novos métodos de extração de café.

Fonte: Elaboração própria, 2023.

